DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA QUARTA.

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA IV.

LIVRO I.

LI-

LIVRO II.

de

LIVRO III.

CAP.

LI-

LIVRO IV.

CAP.

LIVRO V.

DE-

DEDICATORIA
DE JOÃO BAPTISTA LAVANHA
A ELREY D. FILIPPE II.

SENHOR.

A QUARTA Decada da Aſia de João de Barros, que V. MAGESTADE me mandou reformar, he eſta, que ſe offerece aos Reaes Pés de V. MAGESTADE, paſſados quaſi ſincoenta annos, que ſeu Author a eſcreveo, e per morte deixou imperfeita. Com a muita mercê, que de V. MAGESTADE recebe Portugal, e a memoria de João de Barros renovada com eſta ſua Decada, alcança elle morto mais illuſtre nome, do que vivo pudera deſejar: E os Portuguezes, que naquellas Regiões Orientaes derramáram ſeu ſangue, e perdêram ſuas vidas em ſerviço dos Reys daquelle Reino Anteceſſores de V. MAGESTADE, recuperam a fama de

ſeus glorioſos feitos, que o tempo procurava ſepultar no eſquecimento: Que nunca o haverá delles, pois lembram a V. Magestade para os mandar eſcrever, e remunerar. Deos guarde a Catholica, e Real Peſſoa de V. Magestade. De Madrid xxiv. de Junho de mdcxv.

JO-

JOÃO BAPTISTA LAVANHA,
AOS QUE LEREM
ESTA QUARTA DECADA.

SABENDO ElRey Nosso Senhor, que deixára João de Barros imperfeita a Quarta Decada da sua Asia, querendo fazer mercê a Portugal, ao nome de João de Barros, e a mim, me mandou que a reformasse, e imprimisse, para que renovando-se a memoria de hum tão célebre Historiador com esta sua obra posthuma, per meio della revivesse a fama dos feitos, que os Portuguezes com grande valor obráram naquella parte da Asia, que com o tempo se hia escurecendo. Para este effeito me mandou entregar SUA MAGESTADE *dez quadernos, que se acháram dos dez livros desta Decada, rotos, faltos, escritos a pedaços de varia letra, e tão imperfeitos, como trabalho de que era aquelle o primeiro pensamento, e em que só se puzera a primeira mão. E assi faltavam fo-*

lhas, havia outras em branco, ſobejavam couſas muitas vezes repetidas, eſtavam outras fóra de ſeu lugar, dava-ſe larga relação de algumas, que não pertenciam a eſta Hiſtoria, mui breve noticia de outras importantes, e nenhuma de ſucceſſos notaveis, que Authores em ſeus livros eſcrevêrão. Deſcuidos, que não houvera neſta Obra, ſe a João de Barros durára tanto a vida, que a pudera rever, e acabar, como outras per elle promettidas, com que ficára o ſeu nome muito mais celebrado entre todas as Nações, do que merecidamente he hoje polas tres Decadas, que deixou impreſſas.

Polo que com mais trabalho, e maior eſtudo reformei eſta quarta Decada, que ſe de novo a compuzera, porque (imitando quanto me foi poſſivel o eſtilo de João de Barros) accreſcentei, com approvação de hum Miniſtro de SUA MAGESTADE, *a que ſe commetteo, capitulos inteiros, e grandes pedaços em outros (que tudo vai notado com comas) cortei, antepuz, e poſpuz alguns, e*

clau-

claufulas inteiras , para melhor difpofição do que nelles fe tratava , omitti o defneceffario, e repetido, e illuftrei com notas ás margens para maior noticia das coufas efcritas per João de Barros , e das em que Authores delle differem. E porque nenhuma coufa dá tão perfeito conhecimento das defcripções das Provincias, como o defenho dellas, das que nefta Quarta Decada defcreve João de Barros (em que excedeo a todos os Geografos,) ordenei tres taboas da Ilha da Jaoa, dos Reinos de Guzarate, e Bengala, fegundo a mente do Author, e as melhores informações, que deftas Regiões pude alcançar. Muitas outras coufas reformei de menos confideração, como foram alguns vocabulos, que fe ufavam em tempo de João de Barros, que o mefmo tempo tem defufado. Mas na Apologia, que elle fez em lugar de Prologo, a qual achei entre outros papeis inteira, e efcrita de fua mão, (que o não eram os dez quadernos) não mudei nem huma coma, por confervar intacto o que efte excellente Varão, e honra de

Por-

Portugal deixou acabado ; nem innovei os nomes da arte Militar , e Fortificação , por continuar com os mesmos nesta Quarta Decada , de que elle usou nas tres. As quaes se se tornarem a imprimir , nellas se poderáõ pôr , como em lugar proprio , as notas , e taboas Geograficas , que nesta se não puzeram , por não ser seu.

DE-

DECADA QUARTA.

APOLOGIA
DE JOÃO DE BARROS
EM LUGAR
DE PROLOGO.

HAVENDO ſincoenta e tantos annos, que o deſcubrimento, e conquiſta do Oriente ſe continuava, ſem os obrigados per officio de Chroniſtas, e per ſalario delle, darem á memoria tão glorioſos, e illuſtres feitos, como meus Naturaes naquellas partes tinham acabado, e proſeguiam com tanto louvor ſeu, parecia-me, que ſe eu acudiſſe a eſte deſcuido, tomando cuidado de as pôr em eſcrito, podia merecer á minha patria nome de zeloſo da gloria della. Mas pois o tempo veio a tal eſtado, que aos obrigados a fazerem alguma couſa menos culpa ſe lhe dá quando a não fazem, que áquelles, que a fazem ſem ter a tal obri-

obrigação, neceſſario he que andemos com a meſma abusão do tempo, e que em lugar de Prologo deſta Quarta, e ultima Decada, façamos Apologia, e defensão noſſa para todas. Iſto não por reſponder a alguns competidores, como ſe aqueixava Terencio nos ſeus Prologos apologeticos, pois louvado Deos neſta parte de competir neſte noſſo trabalho pacífica he a terra; mas para nos deſculpar a quatro generos de homens cenſores delle. E não he couſa nova, porque toda obra publicamente feita ſempre teve eſtes tres generos de juizes, Ignorantes, Doutos, e Malicioſos; pero ſer accuſado de Parentes, e Amigos, eſte quarto genero de perſeguição aconteceo ſómente a nós. Aos primeiros demos nós cauſa em parte, mas não em todo; porque em a primeira Decada, e de ſi na ſegunda, que huma após outra tiramos á luz com tenção de irmos emendando neſtas duas ultimas o que foſſe notado nas primeiras, vieram os Ignorantes, e não ſe contentáram de

emen-

emendar o çapato, a que sómente chegava o seu juizo; mas como fez o çapateiro de Apelles, quizeram entender na cabeça. Os Doutos (não fallamos naquelles, que o são em sólida doutrina, mas nos que seguem a mais baixa parte della;) tomáram o officio de hum Medico, o qual quiz condemnar outra taboa de pintura, que hum grande Pintor, á imitação de Apelles, tambem punha suas obras á porta a publico juizo; porque não sómente apontava na fisionomia do rosto, postura da pessoa, e symmetria dos membros, partes que lhe competiam pela profissão que tinha, mas ainda condemnou a pintura em outras fóra do seu mester, por mostrar que em tudo sabia. A qual cousa não podendo soffrer o Pintor, sahio donde estava ouvindo estes juizos, e disse ao Medico: *As minhas obras julgam-se, porque se vem, e as vossas não, porque as metteis debaixo da terra, onde as ninguem póde ver*, motejando delle, por matar muitos enfermos com sua erra-

errada cura. Os Maliciosos, que he o terceiro genero, nunca se prezam de dar na capa, todo o seu golpe he tirar ao rosto: cá não se contentando de apontar vicios da obra, condemnam a pessoa em mais grave crime, dizendo, que não sómente merecemos ser taxado pelos erros da escritura, mas ainda devemos ao officio, que servimos, todo o tempo, que tomamos para estas nossas abusões, (que assi lhe chamam elles;) pois leixamos a obrigação, e tomamos o alheio cuidado: cá, segundo a casa que servimos, he huma roda viva, que não dá espaço pera cousa fóra de si, não se póde borrar tanto papel senão commettendo roubo do tempo, que devemos á casa, e já póde ser que daqui procederá não nos dar ella tanto de si, e do seu quanto tiveram della aquelles, a que nós succedemos. Os Parentes, e Amigos, cuidando que fazem officio piedoso, vem a ser mais crueis que os outros, pois tocam n'alma ao modo dos amigos de Job, por verem que o es-

eſtou eu em ſubſtancia de fazenda, em comparação dos vizinhos, e concorrentes no officio, dizendo, que ſou melhor ama que madre, pois ſei crear aos meus peitos, e braços os negocios alheios, e os proprios leixo ſem creação: Que ſeria melhor eſtudar no que o geral da gente ſizuda, e prudente faz, como com o favor do officio que ſirvo, e induſtria de minha peſſoa poderei fazer de hum dez pera manter dez filhos que tenho, e ordenar-lhe vida, com que não fiquem por portas; que fazer livros, e tratados, que a elles, e a mim não tratam bem. Porque como no tempo d'agora, e principalmente neſte Reyno, aquelle he havido por mais prudente, e pera maiores negocios, que mais artificios, e manhas buſca pera ſe aproveitar do que traz entre as mãos; eſte he o modo da vida, que ſe deve ſeguir, pois dá todo o ſer della em credito, honra, e fazenda. E quem ſe affaſtar deſta geral eſtrada, além de perder o caminho, irá cahir no mais pro-

fun-

fundo lugar, que tem a penitencia, quando ſe achar no fim da vida com as mãos vaſias; e principalmente empregando tanto tempo, e trabalho em eſcrever memorias alheias, por vaidade de ter alguma, com a qual cauſa damos materia de riſo, e zombaria áquelles, que profeſſam officios públicos, como eſte noſſo, ao qual ſomos obrigados, e não a mais. Cá, ſegundo admoeſta S. Paulo, cada hum he obrigado permanecer naquella adminiſtração pera que foi chamado, quaſi como que nos quer dar entender, que entender em mais he abusão, couſa mui abominavel ante Deos. Quanto mais que ainda pera conſeguir eſta noſſa inclinação, que he deſejar ſaber, ou ſer eſtimado por ſabedor, os Authores dos meſmos livros, per que nós eſtudamos, clamam, que primeiro convem ter, e iſto aconſelha Ariſtoteles, dizendo: *He neceſſario primeiro enriquecer, e depois filoſofar.* Porque como elle tinha experimentado, em quanto andou per caſas de

Prin-

Principes, ſer genero de captiveiro eſperar ſuas eſmolas, trabalhou pera enriquecer muito por as não mendicar delles, e pera melhor poder eſtudar. E ſegundo ſeu eſtado, foi tão ſobejamente rico, que de roſto a roſto o taxou diſſo hum grande Filoſofo Parſeo, que o veio ver á Grecia por ſua fama, (ſegundo os Parſeos eſcrevem em ſuas Chronicas,) ao qual elle reſpondeo, que não era rico por deleitação de ter riquezas, mas porque não queria que ignorantes Principes foſſem ſenhores delle per bens de Fortuna, pois elle era ſenhor dos meſmos Principes per dotes de entendimento. Cá era couſa contra Natureza ſer a ignorancia ſenhora da ſciencia, e a pobreza captiva á liberdade do engenho na occupação do neceſſario. E daqui diſſe Juvenal, que farto eſtava Horacio, quando em huma Satyra diſſe: *Ohe, e que ſe a Virgilio lhe falecêra o neceſſario pera ſe manter, não pintára elle tão poeticamente a furia infernal chamada Erynnis*; e de ſe

ha-

haver por maxima de prudencia entre os prudentes, que mais convem ter pera ſaber, que ſaber pera ter. Trabalhou Seneca por adquirir tanta fazenda, que ſe eſcreve valer a ſua ſete contos, e meio d' ouro da noſſa moeda. Pois ſe eſtes dous Principes de toda a doutrina natural, e moral Ariſtoteles, e Seneca foram tão ricos como ſcientes, pera que ſe deve abonar outra Filoſofia, ſe não a ſua, que eſtá fundada ſobre ter, e venha donde vier. E tratando tambem o Poeta Menandro eſta materia, diz: *Epicarmo diſſe ſerem Deoſes os Ventos, o Sol, a Terra, a Agua, o Fogo, as Eſtrellas; mas eu cuido ſerem Deoſes mais proveitoſos a Prata, e o Ouro; cá ſe tiverdes eſtes em caſa, pedí o que quizerdes, que tudo alcançareis, herdades, caſas, ſervos, baixellas, amigos, juizes, teſtemunhas, até os meſmos Deoſes, quem deſpender terá por miniſtros.* Finalmente com eſtas, e outras admoeſtações, que nos fazem os Amigos, e Parentes, aſſi anda-

damos atormentado no eſpirito, e aſſombrado do caſtigo de ſuas palavras, que não temos que reſponder, ſenão converter noſſa conſideração ao eſtado do Mundo, e ver quão cheio eſtá de conſelheiros, e quão minguado de remediadores de alheios trabalhos, ainda que o poſſam fazer; porque em dar palavras per conſelho, todos querem ganhar honra de prudentes; e em remediar com adjutorio de ſua propria fazenda, poucos a ſoltam da mão. E pois que aſſi he, que todos querem bem dizer, e poucos bem fazer, e ainda ſobre iſſo condemnar vidas, e obras alheias, fazendo-ſe cenſores, e juizes das couſas, em que não tem juriſdicção, que he da tenção, que cada hum tem no que faz, a qual juriſdicção he de Deos, e eſta tenção he a que dá nome á Obra de boa, ou má, (ſegundo diz Santo Ambroſio) neceſſario he, pera nos ſalvar deſtes juizes, e cenſores, proſeguir adiante com noſſa defensão, e continuaremos nella com outra pintura de

mais

mais vivas figuras, que as duas paſſadas, a qual damos por reſpoſta aos Malicioſos, por ſer do meſmo Apelles, tambem em defensão de ſua peſſoa. Sendo elle accuſado ante ElRey Ptolomeu per Antipſonte ſeu proprio diſcipulo, pintou huma taboa com eſtas figuras: Hum homem aſſentado com grande mageſtade, e compridas orelhas, á maneira de como pintam ElRey Midas, o qual homem dava a mão, que vieſſe a elle, a huma mulher chamada Calumnia, que he a falſa accuſação, e logo junto delle juiz eſtavam duas mulheres, que eram a Ignorancia, e Suſpeita, e a figura Calumnia eſtava mui affeitada per mãos de duas moças, que tinha junto de ſi, chamadas Traição, e Inſidia, que eſpreita vidas alheias; a qual Calumnia eſtava mui furioſa, e indignada, tendo na mão eſquerda huma facha de fogo ardendo, e com a direita tinha hum mancebo pelos cabellos, o qual com as mãos levantadas ao Ceo pedia a Deos ſoc-

ſoccorro ; e diante da Calumnia hia huma mulher já mui velha , disforme em figura , e torpe , e vil em habito , que via muito , chamada Inveja ; e hum pouco affaſtada della vinha huma mulher mui choróſa , cuberta de negras , e rotas veſtiduras , que havia nome Penitencia , a qual com o roſto virado para trás , e com choro , e vergonha olhava á Verdade , que vinha contr'ella hum pouco longe , e de vagar. Com a qual pintura , em que Apelles repreſentou todo o diſcurſo de ſua accuſação , e as cauſas della , e a verdade ſabida , não ſómente foi julgado por innocente , mas ainda pela avexação , que recebeo , ElRey lhe mandou dar cem talentos , que da noſſa moeda poderáõ ſer ſeſſenta mil cruzados , e aſſi lhe mandou entregar o accuſador por captivo. Nós porque não ſomos accuſado do aleive , que era poſto a Apelles , não eſperamos a ſatisfação , que lhe foi dada per ElRey Ptolomeu , ſómente queriamos ſatisfazer aos Malicioſos , e Calumnia-

dores. Mas porque per ventura elles não ficaráõ ſatisfeitos com eſta pintura de Apelles, em que elle pintou os affectos dos malicioſos per figuras humanas: ao contrario neſte papel pintaremos a figura de hum animal, que tem os affectos, e condição delles, per ventura pola conformidade que tem, lhe ſerá mais acepta que a de Apelles. Eſte animal a maior parte do ſeu diſtinto tem na ponta do nariz, e per faro quer raſtejar, e inquirir a verdade das couſas ſem as ver, e latindo alta, e apreſſadamente, aſſi affirma a mentira, como a verdade; de maneira, que muitas vezes o Senhor delle enganado per ſeus latidos, chega mui canſado, cuidando que lhe tem encovado hum coelho, e acha hum lagarto. Tem mais per condição ranger per inveja, ladrar per odio, morder per vingança, e o que peior he, que ninguem lhe ſabe em que parte ha de aſſocegar, e quietar ſeu eſpirito; porque quando o quer fazer, anda em redondo, até que ſe en-

enroſca á maneira de cobra; e de elles não terem certa cabeceira, diſſeram os Gregos aquelle Proverbio: *Aos cães por demais he poer-lhe almofada por cabeceira.* Eſtes Cães (como S. Jeronymo chamava aos ſeus perſeguidores,) ſe lhe não contentar eſta cabeceira, que lhe fizemos pera aſſocegarem de ſeus ladridos, polos imitar tomem eſtes noſſos, que lhe damos em reſpoſta; dizendo, que quanto ao roubo do tempo, que elles dizem ſer da obrigação do officio, não a elles, mas ao proprio officio pertencem os queixumes do tempo, ſe foſſe verdade que lho roubaſſemos; mas pois elle os não faz, parece que lho não merecemos. E ſe no meſmo officio não temos tanto ſer, como elles dizem que tiveram aquelles a que nós ſuccedemos, não ſerá porque elle tiveſſe nelles mais do que tem em nós, mas porque elles tiveram delle mais do que nós tivemos, e a cauſa fique pera outro lugar, porque aqui não o ſoffre o tempo ſer manifeſta. Porém

respondendo ao que compete á nossa parte, louvado Deos, chea temos a nossa obrigação, e nunca por ella seremos citado com justiça; pois não sómente guardamos os regimentos, e leis, que nos a mesma casa deo de como a haviamos de servir, e estendemos nosso juizo, e poder a tanta parte, quanta ella quiz que tivessemos della os dias feriaes, que são seus, como fizeram aquelles, a que nós succedemos; mas ainda os festivaes, e noites, que são devidas ao repouso da humanidade, empregamos em a servir em obras do mesmo ser della, de que elles, nem outrem até ora lançou mão; porque as tres partes, em que consiste todo seu ser, estado, e gloria, ordenamos em outras tantas de escritura. A primeira (como no principio dissemos) he esta, que trata da Milicia; a segunda a Geografia do conquistado, e descuberto; e a terceira do Commercio, que he o fim das duas. Pois se por tomarmos cuidado não sómente de dar conta das

cou-

coufas , que tocam ao Commercio da India, e Guiné , como fizeram noffos anteceffores; mas além defta parte (perdendo o fomno) tomamos eftoutro novo trabalho de efcrever os Commentarios de fua gloria , e nome que tem ácerca de todalas gentes, nos faz perder os meritos do proprio officio ; Deos, que julga as obras , e tenção de cada hum , julgue as noffas , pois o juizo dos homens eftá mais prompto em julgar a outrem, que a fi mefmo. Porém contra aquelles, que mal fentem defte noffo trabalho , ifto podemos affirmar: Que as obras, cujo fim he algum bem commum , paffada a murmuração , ficam ellas vivas , e a memoria de feu Author, por mais dentadas que em vida lhe dem. E fe as materiaes tem efta regra, que ferá naquellas, per que (diz Tullio) paffam as coufas, e ficam as efcrituras ? porque efta lei tem os bens do entendimento , não ferem fujeitos a nenhum infortunio , e os da Fortuna a muitos: da qual regra, que

o tem-

o tempo tem mostrado per todo o seu discurso, nos fica huma certa esperança, (seja-nos licito gloriar de nossos trabalhos, e não attribuido á arrogancia, posto que, como diz Valerio Maximo, não ha hi tanta humildade, que não seja tocada de gloria:) que virá tempo, em que seremos julgado por homem mais zeloso, e diligente no cuidado do bem, e gloria da patria, que da propria pessoa. Pois pola patria, no tempo que os outros cá, e lá andam a quem se carregará de mais fardos ás costas dos despojos da India, nós tomamos cuidado de levantar a bandeira dos triunfos della, que estes carregados leixáram jazer desamparada, e esquecida com a occupação, e préssa, que cada hum em seu modo traz de salvar a prêa, de que lançou mão, por lhe mais importar o proprio interesse, que a gloria commum da patria. A qual bandeira, mediante o adjutorio Divino, sem favor, ou esforço de quem o podia dar, e nós o espera-

va-

vamos, e ſem temor da artilheria dos juizos daquelles, que ſempre encarou em noſſa face, que muitas vezes ſe fez vermelha com motes, e zombaria, que he hum peſſimo genero de injúria, nós cabeça baixa, e paciente, com o peito per terra como leal vaſſallo, ſem o temor de tanta lingua, não deſcançamos até a ter arvorada á viſta de todo Mundo neſtas quatro Decadas, que he o diſcurſo de cento e vinte annos de hiſtoria, melhor recebida de eſtrangeiros, que approvada, e agradecida dos naturaes. E poſto que já demos por teſtemunha o proprio officio, que ſervimos, não lhe ſer em obrigação do tempo, que gaſtamos neſta eſcritura, e querem ſaber qual he logo o tempo, em que borramos tanto papel, como temos gaſtado neſta Obra, e em outras, que já nos ſahíram da mão: por lhe tirar eſte eſcrupulo do peito o queremos fazer, contando aquelle caſo, que eſcreve Plinio aquecer a Furio Creſino Liberto. Eſte Creſino tinha junto de Roma huma

ma pequena herdade, em que lavrava, e de que ſe mantinha, e por lhe reſponder com mais novidade do que haviam ſeus vizinhos das grandes herdades, que lavravam, movidos de inveja, foi per elles accuſado, dizendo, que per encantamentos das propriedades alheias roubava as novidades pera a ſua. E como era lei das doze Taboas, que todo feiticeiro, e venefico morreſſe; quando veio o tempo, que elle Creſino ſe havia de apreſentar em juizo, a que era citado por eſte caſo, levou comſigo os bois, arados, enxadas, e todo outro inſtrumento de ſua lavoura, e huma filha baroil, que o ajudava neſte trabalho. Perguntado elle pelo Juiz, que déſſe razão de ſi ácerca do que era accuſado, diſſe: *Eu, Senhor, não poſſo trazer aqui os dias, as noites, e o ſuor de meus trabalhos de todo o anno, ſómente trago os inſtrumentos delles, que são eſtes, que aqui apreſento, puidos, e gaſtados de minhas mãos, com os quaes eu encanto*

a minha propriedade , e faço que me reſponda com fruto. Se meus vizinhos, que me accuſam , fizeſſem outros taes encantamentos ás ſuas propriedades , ellas lhe reſponderiam como a minha faz a mim. Com a qual razão demonſtrada á viſta , vendo o Juiz que a accuſação contra Creſino procedia de inveja, o houve por abſolto della. Se nós tambem houveſſemos de trazer aqui as vigilias da noite , o não dormir ſéſta, nem paſſear pela cidade, nem ir eſparecer ao campo , nem andar em banquetes, nem jogar, caçar, peſcar, e lograr outros paſſatempos , que leixamos de fazer por condição, e foſſemos com eſtes inſtrumentos ante o Juiz de Creſino, per ventura abſolveria a nós, e condemnaria a quem nos accuſa, polos achar comprehendidos em alguma deſtas couſas , que apontamos , uſando-as elles mais ſobejamente do que convem á qualidade , e idade de ſuas peſſoas; pois, ſegundo a lei diz, convem á Républica , que cada hum uſe

bem de si, e do seu. E se o Juiz de Cresino não bastar para nos absolver, por ter pouca authoridade, absolvam-nos estes Principes com a muita que tiveram: Julio Cesar com os livros da analogia da lingua Latina, e hum Poema chamado Caminho, que compoz ambos fazendo dous caminhos de Italia pera França, e Hespanha, indo em andas; e absolva-nos Carlos Magno com huma Arte de Grammatica, que compoz da lingua Alemã; e absolva-nos o Papa Pio com a Geografia que fez, desculpando-se por tratar daquella materia, e não d'outra conforme á sua dignidade; e absolva-nos ElRey Dom Affonso de Castella com suas Taboas dos movimentos dos Orbes celestes, chamadas de seu nome Alfonsis, e com huma Geografia, que compoz de toda Hespanha; e absolva-nos o Emperador Carlos Quinto com o seu Commentario da guerra de Alemanha, e outras Obras, que ainda não sahíram á luz, posto que a primeira vai intitulada em

quem

quem lhe ſerve de eſcritor, e revedor dellas, por o grande juizo, que tem em a cenſura da compoſição da Hiſtoria. Pois ſe eſtes Principes, e outro grande numero delles, que leixamos de nomear, por não fazer comprido catalogo, os quaes em mageſtade, potencia, cuidados, negocios, occupações, e juizo differem do noſſo ſem comparação alguma, não perdêram em compôr as taes Obras o tempo de ſua obrigação, e ſe prezáram de o gaſtar em tinta, e papel, por moſtrarem que tanto com elles partíra a Natureza dos bens do entendimento, quanto a Fortuna de ſuas proſperidades, e eſte exercicio he a elles louvor de gloria; em nós porque ſerá vituperio de infamia? Porque não ſómente eſtes Principes em ſi meſmo approváram prevalecerem eſtes bens do engenho aos da Fortuna; mas ainda em outrem o approvou, e confirmou o Emperador Maximiliano, no que diſſe por Alberto Durero, que foi ora em noſſos tempos hum dos ex-

cel-

cellentes debuxadores de toda Europa: O qual vindo muitas vezes ante elle com algumas obras, que lhe fazia, principalmente com hum portico, que nós temos, em que eſtá toda a ſua genealogia, e feitos de guerra, que fez em ſua idade, o Emperador lhe fazia muita honra, de que ſentio elle, que algumas peſſoas illuſtres, que eram preſentes, motejavam diſſo, contra os quaes elle diſſe: *Sabeis vós-outros porque faço tanta honra a Alberto, porque as partes, que elle tem, por cujo reſpeito a merece, deo-lhas Deos, e a Natureza, e de mim não tem alguma couſa, e vós-outros as que tendes são minhas, cá não me cuſtaſtes mais que aſſinar hum pequeno papel para vos dar o ſer que tendes.* E os Principes, que fazem honra aos homens, em que Deos poz alguma particular, e extremada graça, honram a Deos na honra que lhe fazem, por ſer obra ſua; e quando honram áquelles, que elles fizeram, ficam idólatras de ſeus proprios fei-

feitos; como o Imaginario, que feita a imagem, põe-se em joelhos ante ella. Pois se hum Emperador confessa, que póde fazer Duques, Condes, e dar grandes Estados com assinar hum pequeno papel; e não he poderoso para fazer hum Alberto pintor, quem tiver algum talento de Deos, ainda que não seja tal como o de Alberto, porque o não dará á usura? Cá per elle será constituido na outra vida em maiores bens, como fiel servo, (segundo o Senhor em seu Evangelho promette,) quando as obras se ordenam em seu louvor, e proveito commum. E o galardão, que haverá nesta vida, será, que se o Author dellas for ante Maximiliano Cesar, se lhe não fizer a honra de Alberto; ao menos responderá por elle áquelles, que o desprezarem. E per esta maneira dá-se a Deos o de Deos, e a Cesar o seu, e os Maliciosos ficaráõ confusos na maldade de seus argumentos. Quanto á resposta, que ainda devemos aos Parentes, e Amigos por as culpas que

nos

nos dam ; pero que as ſuas grandes admoeſtações , com que nos quizeram caſtigar, (ſeguindo nellas o intento do Mundo preſente,) pediam comprida reſpoſta, pedimos-lhe que nos hajam por eſcuſo della, e elles por pagos com eſta hiſtoria, que Ariſtoteles traz no primeiro livro de ſua Politica, pois, per exemplos, vou neſte modo de reſponder a todos. O Filoſofo Tales Mileſio era mui zombado dos outros Filoſofos; vendo que a Filoſofia natural, a que ſe elle dava, não era de muito ganho, e proveito. Tales por tirar eſte opprobrio, e infamia á Filoſofia, vendo per Aſtrologia que o anno vindouro não havia de haver novidade de azeite, eſſe pouco dinheiro que tinha deo em ſinal de huma grande copia delle, que comprou; e vinda a novidade, pola careſtia delle vendeo o que tinha comprado por huma grande ſomma de dinheiro, o qual a moſtrou áquelles, que zombavam delle, dizendo: *Que a Filoſofia Natural não lei-*

xa-

xava de enriquecer aos que ſe davam a ella, ſenão porque elles engeitavam as riquezas; e com eſta demonſtração animou muitos ao eſtudo della, e a ſeguirem a ſua doutrina. Nós neſta noſſa inclinação, (ou como lhe cada hum quizer chamar,) poſto que não ſejamos Tales pera ſaber o que eſtá por vir, pelo paſſado per nós, e que paſſa cada dia pelas mãos, tambem poderiamos comprar do azeite, com que allumiaſſe a mim, e a meus filhos, por não andarmos tanto ás eſcuras do Mundo como andamos. Porém como eſta claridade de azeite tem hum certo termo de luz, que he até á ſombra da morte; e mais por ſer de azeite leixa ás vezes nodoas, que duram eternamente: quando apparecer hum Tratado noſſo intitulado das abusões do tempo, em que particularmente eſcrevemos as noſſas abusões, de que nos taxam, e as que vimos uſar ao meſmo tempo, então ſe verá ſe permaneceo cada hum na vocação a que foi chamado, e ſe

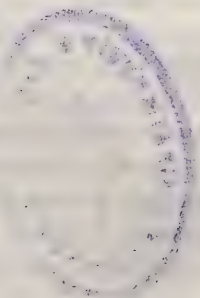
lei-

leixou a propria pola impropria a ſeu eſtado, officio, e habito. Porque como com eſta authoridade de S. Paulo nos quizeram arguir, que leixavamos a obrigação de noſſo officio por eſte de eſcrever voluntario: A meſma authoridade havemos de tomar por thema contra aquelles, que jazem neſta culpa, ſem terem algum exercicio proveitoſo á República, ou ſe o tem, ſe leixam o mais polo menos. E tambem então ſe verá porque imitamos ante a doutrina de Tales, que o ſeu azeite, que he o voto de noſſos Parentes, e Amigos, cuja he eſta reſpoſta. E verdadeiramente Deos he teſtemunha, que nenhuma deſtas quatro ſortes de eſcandalo, a que reſpondemos, obrou tanto em nós, que por elle recebeſſemos mais trabalho, que eſte de reſponder a todas; pero não me poder aqueixar de hum certo genero de peſſoas, que não fallam bem, nem mal, no juizo das quaes nós tinhamos poſto o prémio de noſſo trabalho, aqui ſe perde toda a pa-

paciencia ſem a poder ſoltar do animo pera fóra: por eſte calar delles ſer huma obra crua, e peſſima, e de maior dor, e tormento, que ſe póde dar a hum homem. E pois com calar, e outras couſas, a que não ponho nome por reverencia dos ſeus nomes, nos pagam noſſo trabalho, eſte ſó premio queremos delle ante aquelles, que o aceptáram de boa vontade, ſaber, que tendo nós ante os olhos eſtes deſenganos, póde mais o amor da patria, que o ſeu galardão. E porque nós não queriamos dar, nem receber eſcandalo de alguem, nem menos ouvir queixumes de alguns, que em noſſa eſcritura demos muito louvor a huns, e não tanto a outros, e que em huma parte fomos largo, e em outra curto, e que eſcrevemos os bens, que cada hum fez, e não os males, e roubos; e aſſi dizem outras palavras, a que propriamente podemos chamar faſtios de gente enferma de doença de ingratidão; pedimos por mercê a eſtes enfermos, a que noſ-

nosso trabalho não aprouve, que lhe apraza de nós perdoar o que até aqui tomamos por elles, cuidando de lhe ser aprasivel, e nós os não enfastiaremos mais com outra escritura nossa. E não nos hajam por homem, que não cumpre com sua palavra, pois no principio desta escritura promettemos escrever as cousas, que elles fizeram em Europa, e Africa; porque quando fiz a tal promessa, parecia-me que podia achar em meus naturaes aquella aceptação, que Lucilio achava nos seus Cosentinos, e Tarentinos, pera os quaes elle dizia sómente escrever, e não pera estranhos. Mas pois meus naturaes com suas palavras me desobrígam das minhas, não me podem obrigar pola lei da obrigação dellas; pois a mesma lei quer que não haja obrigação onde não ha aceptação. E porque nesta parte estou mais obrigado aos estranhos, que a elles, por lhe serem meus trabalhos mais aceptos; pera os satisfazer no que esperam de

mim,

mim, converto a minha penna a estes, que me querem, escrevendo a Geografia de todo o Orbe descuberto, e as gentes delle: Imitando neste proposito a S. Paulo, (se he licito usar das grandes cousas pera exemplo das pequenas;) o qual vendo que os Hebreos seus naturaes, a quem elle primeiro que ás outras gentes era obrigado denunciar o Evangelho, não o quizeram aceptar per elle, disse: *Ecce convertimur ad Gentes.*

DE-

DECADA QUARTA.

LIVRO I.

Governava a India Lopo Vaz de Sampaio.

CAPITULO I.

Como foi aberta a succeſsão de quem havia de ſucceder a D. Henrique de Menezes, e ſe achou que Pero Maſcarenhas; e por elle eſtar auſente, ſuccedeo Lopo Vaz de Sampaio.

EPOIS que o Governador Dom Henrique de Menezes foi ſepultado na Capella de Sant-Iago da Igreja de Cananor, onde faleceo a 23 de Fevereiro do anno de 1527, como eſcrevemos no ultimo Capitulo da Terceira Decada, abrio o Secretario Vicente Pegado a ſegunda ſucceſsão das tres que levou á India o Conde Almirante [a] D. Vaſco da Gama, quando foi

[a] *Foram eſtas as primeiras ſucceſsões, que ElRey Dom João mandou á India, a de Pero Maſcarenhas foi feita em Evora a 10 de Fevereiro de 1524.*

foi por Viſo-Rey daquelle Eſtado, e nella ſe achou nomeado Pero Maſcarenhas, que eſtava em Malaca havia hum anno por Capitão daquella fortaleza. Ficáram mui confuſos com eſta nomeação os Fidalgos preſentes; porque Pero Maſcarenhas não podia ſer aviſado ſenão em Maio, tempo da monção, em que ſe navega da India para aquellas partes, e dellas não podia elle vir á India ſenão na outra monção do anno ſeguinte: largo prazo para ter a India o ſeu Governador auſente, quando eſtava de guerra com os Reys de Calecut, e Cambaya, e com novas certas, que no mar Roxo apreſtava o Grão Turco Solimão huma Armada para deitar da India os Portuguezes, pelo que convinha tomar breve reſolução no modo do Governo. Eſta dependia de varios pareceres; porque muitos votáram, que ſe nomeaſſem Regentes que governaſſem, em quanto não vieſſe Pero Maſcarenhas; a outros pareceo que ſe abriſſe a terceira ſucceſsão, e que governaſſe quem nella vieſſe nomeado, jurando ſolemnemente, que vindo Pero Maſcarenhas, lhe entregaria o Governo; e que ao meſmo ſe obrigaſſem com ſemelhante juramento Affonſo Mexia Veedor da Fazenda, o Licenciado João de Oſouro Ouvidor geral, D. Simão de Menezes Capitão de Cananor, D. Vaſ-

co

co Deça, D. Henrique Deça, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Miranda de Azevedo, D. Affonſo de Menezes, D. Antonio da Silveira, Manuel de Brito, Antonio da Silva, Lopo de Meſquita, e Diogo de Meſquita ſeu irmão, Diogo da Silveira, Manuel de Macedo, D. Vaſco de Lima, Martim Affonſo de Mello Juſarte, D. Jorge de Menezes, D. Jorge de Caſtro, Franciſco de Taíde, e outros Fidalgos que eſtavam preſentes. Contrariavam alguns eſte voto, e principalmente D. Vaſco Deça, dizendo, que abrir-ſe a terceira ſucceſsão, vivo o Governador nomeado pela ſegunda, era contra o ſerviço d'ElRey, e ſuas Proviſões, e grande inconveniente, ſabendo-ſe tanto ante mão quem havia de ſucceder ao Governador, que ainda não entrára no Governo; e que o que o tiveſſe, o não quereria largar a Pero Maſcarenhas quando vieſſe de Malaca, de que reſultariam grandes differenças, e inquietações. Mas não approvando Affonſo Mexia eſte acertado parecer de D. Vaſco, acabou com todos os mais Fidalgos, que a terceira ſucceſsão ſe abriſſe; cauſa das diſcordias, que depois houve na India, que a ſerem menos leaes os corações Portuguezes, paſſáram a huma guerra civil, com que aquelle Eſtado ſe perdêra. Parece que lhe revelou o Eſpirito os

A ii fu-

futuros desassocegos ao Governador D. Henrique de Menezes; porque dous dias antes que morresse, por não faltar em cousa alguma ao serviço d'ElRey, fazendo huma prática aos Fidalgos sobre as cousas que tocavam ao Governo da India, lhes disse, que porque poderia estar ausente a pessoa que lhe houvesse de succeder, elle deixava nomeada outra em hum papel cerrado, a qual affirmava, que tinha as qualidades necessarias para governar, em quanto o seu successor não viesse. Era este Fidalgo Francisco de Sá Capitão de Goa, a quem bastava a approvação do Governador para occupar merecidamente maiores cargos. Mas esta Provisão por respeitos particulares não appareceo; que se fora vista, e se fizera o que D. Henrique nella deixava ordenado, por ventura que se não arriscára o estado da India, nem as partes principaes, e authores dos tratos cautelosos, que nesta nomeação houve, não foram depois accusados, e castigados.

Determinados pois os Fidalgos que se abrisse a terceira successão, juráram todos como estava assentado, que obedeceriam a Pero Mascarenhas, logo que viesse de Malaca, e não á pessoa que governasse pela terceira successão, a quem obrigariam que entregasse o governo da India a Pero Mascarenhas

ca-

carenhas. Feito de tudo hum auto pelo Secretario Vicente Pegado, em que todos assináram, abrio elle a terceira succesão [a], na qual ElRey nomeava a Lopo Vaz de Sampaio para governar a India por morte de Pero Mascarenhas [b]. Affonso Mexia, a quem por razão de seu officio tocava o cargo destas succesões, com os Officiaes, e pessoas que se acháram neste auto, se partio para Cochij, onde Lopo Vaz estava por Capitão; e chegados em breves dias áquella Cidade, lhe entregáram o governo da India condicionalmente para elle a entregar a Pero Mascarenhas quando viesse, e assi o jurou Lopo Vaz nos Evangelhos com toda a solemnidade, de que se fez outro auto, que elle assinou com os Fidalgos atrás nomeados, os quaes com novo juramento ratificáram o que juráram em Cananor.

Entregue Lopo Vaz de Sampaio da governança, a primeira cousa que fez foi dar a capitanía de Cochij a D. Vasco Deça, filho de D. João Deça, irmão de sua mulher, e despachou a Jorge Cabral, (como D.

a O Alvará desta succesão de Lopo Vaz foi feito em Evora a 26 de Fevereiro de 524.

b Francisco de Andrade diz, que a succesão de Pero Mascarenhas se abrio em Cananor, donde viera de Cochij Lopo Vaz de Sampaio com o aviso da morte de D. Henrique; e que de Cananor se foram todos a Cochij, onde se abrio a succesão de Lopo Vaz. Cap. 1. e 2. da seg. Parte.

D. Henrique tinha mandado,) para as Ilhas de Maldiva ás prezas das náos dos Mouros, que fugindo da costa da India com temor das nossas Armadas, intentáram aquella nova navegação, para de Cambaia, e do estreito do mar Roxo irem, e virem a Bengala, e a Çamatra. Ficando estes Capitães para Affonso Mexia os prover do necessario, e irem fazer suas viagens, Lopo Vaz se partio logo com huma frota de sete vélas para ir correndo a costa, e acabar de a alimpar dos ladrões que a infestavam. Foram os Capitães desta Armada D. Vasco de Lima na galé bastarda em que hia o Governador, Manuel de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, Diogo da Silveira, Manuel de Brito, Diogo de Mesquita, Lopo de Mesquita seu irmão, e Antonio da Silva de Menezes, que era vindo de sondar a barra de Dio, onde D. Henrique o mandou, com cuja morte fenecêram todos os apercebimentos, que elle aprestava para aquella empreza.

Correndo Lopo Vaz de Sampaio a costa, tomou Cananor, e alli recebeo cartas de D. Jorge Tello, e de Pedro de Faria, (que estavam sobre a barra de Bacanor,) com aviso, que tinham dentro encerrada huma grossa Armada do Çamorij, a qual os Mouros refaziam a muita pressa para navegar a Cam-

baia,

baia, ao que elles não poderiam resistir por ser grande o número dos navios, e gente. Lopo Vaz lidas as cartas, e considerado o poder dos inimigos, e o pouco que levava, (que não passava de setecentos homens, despachou hum Catur muito ligeiro para Goa a chamar Antonio da Silveira, e Christovão de Sousa, que com os seus galeões se viessem para elle, e os esperava na barra de Bacanor; e mandou a Manuel de Brito, que se adiantasse, e com o seu galeão se fosse juntar com D. Jorge, e Pedro de Faria, escrevendo-lhes, que procurassem não sahisse fóra a Armada inimiga, em quanto elle não chegava com a sua; e provendo-se de mais bastimentos, e munições, partio para Bacanor.

CAPITULO II.

O Governador Lopo Vaz de Sampaio commetteo a Armada do Çamorij, que estava no rio de Baçanor, e houve dos Mouros huma grande vitoria.

AVisado Cotiale Capitão mór da Armada Malavar da partida do Governador de Cananor, e que hia com tenção de pelejar com elle, não se atrevendo a sahir do rio de Bacanor com temor dos tres galeões que estavam sobre a barra, determi-

minou de o esperar em terra, onde lhe pareceo que tinha a vitoria certa, se nella o quizessem commetter. Para o que se apercebeo, retirando os seus navios quanto pode pelo rio dentro, para lhe não poderem chegar os nossos; e de huma, e de outra parte do rio mandou fazer grandes, e fortes tranqueiras de madeira, terraplenadas, com que estreitou muito o canal, e nellas assentou muita artilheria, para que não passasse embarcação sem perigo certo de ser mettida no fundo; e de tranqueira a tranqueira atravessáram viradores grossos cubertos de agua, em que encalhando as embarcações, entezando-os, soçobrassem.

Lopo Vaz chegado a Bacanor, depois que soube que os Mouros estavam bem fortificados, e que seriam mais de dez mil, determinou de entrar o rio, e pelejar com elles, posto que lho contrariáram os Capitães, representando-lhe grandes difficuldades; as quaes não o mudando de seu parecer, quiz reconhecer per si mesmo a fortificação dos inimigos, não se confiando de outrem. E assi o dia seguinte antemanhã, por fazer bom luar, com tres catures; elle em hum, e nos dous Paio Rodrigues de Araujo de Barros, e Manuel de Brito Capitães mui esforçados, que foram de voto que pelejassem, entrou pelo rio dentro, e

per

per huma chuva de pelouros da artilheria das tranqueiras que os Mouros, ſentindo os catures, diſparáram ſobre elles, foi o Governador reconhecendo túdo, e ſem damno algum voltou com igual perigo. E porque Paio Rodrigues cortára á entrada hum dos viradores, que das tranqueiras eſtavam atraveſſados, mandou Lopo Vaz cortar todos para deſimpedir o caminho ás noſſas embarcações. E ſabendo que naquelles dez, ou doze mil homens, que alli eſtavam para defender os paraos, havia alguns cinco mil naturáes da terra, e ella era d'ElRey de Narſinga, que tinha paz, e amizade com ElRey de Portugal, mandou dizer a eſtes, que ſe eſpantava tomarem armas contra os Portuguezes em defensão de ſeus inimigos; que elle lhes requeria da parte de ambos os Reys, e por a paz que tinham aſſentada, que ſe apartaſſem daquella gente, porque determinava de a ir caſtigar, e não queria offendellos a elles, pois os tinha por amigos. Ao que reſpondêram, que não eſtava em razão deſampararem huns homens, que ſe a elles acolhiam, e que muito mais offenderiam a ElRey ſeu Senhor em os deſamparar, que em offender a quem algum damno, e mal lhes quizeſſe fazer. Eſtas, e outras diligencias fez Lopo Vaz de Sampaio primeiro que commetteſſe aquelle feito. O qual poſto

ſe-

ſegunda vez em Conſelho, foi mui contrariado, pondo-lhe muitos inconvenientes, hum dos quaes, e o mais importante era ſer aquella terra d'ElRey de Narſinga. E poſto que elle tiveſſe feito aquelle cumprimento com os ſeus naturaes, como dizia, recebendo elles algum damno, ficavam os Portuguezes, que eſtavam em Narſinga, arriſcados a lançar ElRey mão per ſuas peſſoas, e fazendas; e neſta ſua ſahida em terra não ſe ganhava mais que tomar huns poucos de paraos, e de pimenta. E que não era ſerviço d'ElRey por tão pouco intereſſe aventurar tanta nobreza de gente, e a frol da India, que alli eſtava. Não ſe fundava eſte voto em covardia, (que bem entendiam os que o davam, que couſas maiores podia emprender o Governador, e os Capitães que o acompanhavam,) ſenão em inveja do valor de Lopo Vaz de Sampaio, cujos émulos eram muitos delles, preſumindo pela opinião que tinham de ſi, que pudéram ſer nomeados por ElRey, como elle, para o governo da India; e querendo impedir a reputação, que Lopo Vaz poderia ganhar naquella empreza, ſe lhe ſuccedeſſe bem, deſprezavam a gloria particular, que daquella vitoria, como ſoldados, lhes podia caber. Lopo Vaz como era valeroſo, e de grande animo, parecia-lhe fraqueza, e me-

nos

nos cabo da ſua opinião, que com os Mouros queria accreſcentar, não commetter aquelle feito para que alli viera, e partir-ſe ſem vingar as mortes, e perdas, que os Portuguezes daquelles Mouros recebiam. E como os que eram de voto que não pelejaſſe, eram mais que os do contrario parecer, não ſe reſolveo té a vinda de Antonio da Silveira, e Chriſtovão de Souſa, que foi dahi a dous dias; cujos pareceres ſendo conformes com o ſeu, e ſeguidos quaſi de todos, que pela authoridade deſtes dous Fidalgos ſe retratáram, teve Lopo Vaz por mui certa a vitoria dos inimigos, e ſe determinou de ſahir logo em terra, o que ordenou deſta maneira. Daquelles bateis grandes, e mantas, que D. Henrique tinha para commetter Dio, mandou concertar tres com artilheria bem ordenada, e em cada hum poz cem homens, para que de huma chegada á terra lançarem nella trezentos; em bargantijs hiam outros trezentos ſoldados; e os Capitães dos bateis, que haviam de ir diante, eram Manuel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo: o Governador os havia de ſeguir, rodeado de huma ilharga, e da outra dos outros navios de remo, nas quaes embarcações hiam té mil homens Portuguezes, a fóra os Canarijs, e Malavares que remavam. Os Mouros dentro do rio, on-

de

de a terra fazia huma ponta, que ficava em lugar de baluarte para defender a paſſagem, tinham feito huma cerca de pedra, e taipa, bem entulhada, e rebatida, que daria pela barba a hum homem, e em tres eſtancias della puzeram artilheria, que jogava a través huma da outra; e diſtancia de ſete palmos entre o lugar, onde os noſſos poderiam deſembarcar, e as eſtacadas, tinham feito outra eſtacada, e de huma a outra eſtava atraveſſada huma viga ao lume d'gua, que não foſſe viſta, e por baixo hum virador, para embaraçar, e trabucar os noſſos bateis, quando alli foſſem ter. Sendo Lopo Vaz ſabedor deſte artificio, ordenou hum Catur mui pequeno, que foſſe diante, e déſſe aviſo aos dos bateis, que haviam de ir na dianteira, que não deſparaſſem a artilheria, e que elle poria o roſto a huma parte, como guia, para furtar a volta aos Mouros, e deſembarcar em outra parte não cuidada delles. Iſto aſſi ordenado, commettêram os inimigos ao outro dia pela manhã, partindo Lopo Vaz com grande eſtrondo, e grita de toda a gente, e com o remo tão tezo, como quem hia ganhar algum pario; e permittio Deos que não foram os perigos, que paſſáram tão grandes, como foram os medos, e difficuldades, que no Conſelho ſe puzeram, principalmente quando

che-

chegáram ao baluarte ; porque ainda que elle defcarregou fua artilheria , como as nosfas embarcações eram guiadas pelo Catur, passáram com muito menos perigo , e foram demandar efte baluarte per outro lugar, que não tinha través, nem os embaraços referidos. Nefte tempo defpedio o Governador a Pero de Faria para queimar os paraos, que eftavam diante, e Antonio da Silveira per hum lado, e o Governador per outro; e Manuel de Brito , e Paio Rodrigues de Araujo diante ás lançadas, e efpingardadas, dando *Sant-Iago* nos Mouros, os fizeram retirar da guarda dos paraos, com que houve lugar para os queimar. Foi efte feito tão pelejado de huma, e outra parte, que dos nossos morrêram quatro Portuguezes, e foram feridos oitenta e cinco ; e os paraos dos inimigos , que eram fetenta e tantos, foram queimados , e tomada toda a artilheria do baluarte , e tranqueiras, que eram mais de oitenta peças, algumas de bronze. No lugar não quiz Lopo Vaz que tocassem, por fer d'ElRey de Narfinga , e assi o tinha mandado aos Capitães. E pofto que elle havia amoeftado aos do lugar , que fe affaftassem daquelle perigo , os que nelle entráram , tambem leváram boa parte nos mortos , e feridos : dos outros fe não foube o número ; mas fegundo a coufa foi pelejada,

de-

devia ſer grande; porém o de que ſe teve noticia foi ſerem mortos alguns homens nobres de Calecut, por os quaes na Cidade houve grande pranto: o que o Çamorim muito ſentio, por ſer eſta notavel perda ſobre as outras, que tinha recebido. A peſſoa aſſinalada dos Portuguezes, que neſta peleja correo maior riſco foi D. Jorge de Menezes, a quem ſe alagou o batel, em que hia com toda a gente; e como elle não ſabia nadar, e hia armado, andou debaixo da agua bebendo muita, té que lhe acudíram outros bateis, e o ſalváram.

CAPITULO III.

Como Lopo Vaz de Sampaio chegou a Goa, e foi recebido nella por Governador da India, e das Armadas que fez.

HAvida eſta vitoria em Bacanor, partio o Governador Lopo Vaz de Sampaio para Goa; e entrando pelo rio de Pangin, Franciſco de Sá Capitão da Cidade, per conſelho dos Officiaes da Camara, lhe mandou requerer, que não paſſaſſe dalli, porque o não havia de receber como Governador da India, pois o não era, por ſer eleito por homens, que para iſſo não tinham poder, e não por ElRey, nem pelo ſeu Governador, e que Pero Maſcarenhas era o Gover-

nador, e em ſua auſencia elle Franciſco de Sá, que fora nomeado por D. Henrique de Menezes, como atrás eſcrevemos, e que quizeſſe para os outros o direito que quiz para ſi. Porque morrendo o Conde Viſo-Rey, deixou nomeado a elle Lopo Vaz por Governador da India, té vir a peſſoa, que ElRey mandava, que o ſuccedeſſe, o que ſe cumprio [a]; e aſſi que agora guardaſſe a meſma lei, e deixaſſe governar a elle. Deſte requerimento fez Lopo Vaz pouca conta, e foi-ſe pelo rio acima té chegar ás portas da Cidade, ſem lhas quererem abrir. E depois de muitas altercações conſentio Franciſco de Sá no que a Camara quiz, que já eſtava de outro parecer, intervindo niſſo Chriſtovão de Souſa; e aſſi foi Lopo Vaz de Sampaio recebido naquella Cidade como Governador.

Começou logo a entender nos negocios do Governo; e a primeira couſa que fez foi pôr huma náo da carreira de Malaca, (que Antonio da Silva de Menezes tinha com as roupas, que fingidamente D. Henrique mandou buſcar a Dio,) mandar recado a Pero Maſcarenhas da ſua ſucceſsão no Governo da India, a qual nova lhe era já mandada per duas vias, como adiante ſe dirá. E porque Franciſco de Sá, que eſtava por Capitão em Goa, quando partio de Portugal com o Con-

de

a *Decada 3. liv. 9. cap. 2.*

de Almirante levava Provisão para ir a Sunda fazer nella huma fortaleza, tirou-lhe Lopo Vaz a capitanía de Goa, e deo-a a Antonio da Silveira de Menezes, (que tinha desposado com D. Mecia sua filha,) o qual estava provído da capitanía de Çofala, que deste Reyno levou, mas não entrava ainda nella; e a Francisco de Sá mandou dar dous galeões, huma galé, huma galeota, huma caravella, e hum bargantim com quatrocentos homens, e todos os bastimentos, e munições necessarias para a Armada, e Fortaleza que hia fazer. E a D. Jorge de Menezes, que ficára provído da capitanía de Maluco pelo Governador D. Henrique, despachou para ir entrar nella com dous navios, e cem homens; e em sua companhia a Simão de Sousa Galvão filho de Duarte Galvão, que havia de servir de Capitão mór do mar de Maluco [a]. Fez mais o Governador outra Armada de quatorze vélas, de que hia por Capitão mór Antonio de Miranda de Azevedo para andar em guarda da costa da India, e impedir as náos do estreito de Meca levarem pimenta. E para guarda dos ladrões, que andavam em Coromandel, fez outra Armada de nove vélas, de que

a Este cargo de Capitão mór do mar de Maluco não servio Simão de Sousa, por ser pouca satisfação de seus serviços, e ficou em Malaca, e acompanhou Pero Mascarenhas na tomada de Bintam.

que foi por Capitão mór Manuel da Gama, o qual com ella alimpou aquella costa de Cossairos Malavares, que nella andavam, e cobrou toda a fazenda de huma náo nossa muito rica, que estes ladrões tomáram em Paleacate, com morte de oito Portuguezes. E assi deo tres navios a Ruy Vaz Pereira, com que fosse a Bengala andar ás prezas [a]. E por Lopo Vaz ter recado das differenças, e discordias, que havia entre ElRey de Ormuz, e Raez Xarafo, e o Capitão Diogo de Mello, e ser chamado por ElRey, com os mesmos queixumes, que já tinha enviados a D. Henrique de Menezes, determinou de acudir a apaziguar aquellas revoltas antes que viessem a mais. Não havendo por inconveniente, tendo espalhado tantas Armadas, deixar a India, e ir a Ormuz, fazendo elle poucos dias atrás requerimento a D. Henrique, que lá não fosse por ElRey o defender aos Governadores, co-

a Sabendo Lopo Vaz, que Jorge Cabral era partido para Malaça, mandou Martim Affonso de Mello Jusarte ás Ilhas de Maldiva com huma Armada de cinco fustas, e huma caravella, com a qual se poz Martim Affonso de Mello em hum dos Canaes daquellas ilhas, distribuindo as fustas pelos outros, e nelle topou huma náo de Rumes, que hia de Tanaçarim para Méca, que levava trezentos soldados, e muita artilheria: pelejou com ella Martim Affonso; e depois de huma porfiada batalha, que durou todo hum dia, a tomou com morte de todos os Rumes. Fernão Lopes de Castanheda *liv. 7. c. 3. e* Diogo do Couto *Dec. 4. liv. 1. cap. 6.*

como no precedente Livro eſcrevemos. E aſſi ſendo vinte dias de Março, em que a monção era quaſi gaſtada para navegar áquellas partes de Ormuz, partio mal acompanhado, e como não convinha á dignidade do ſeu cargo; porque levou pouco mais de trezentos ſoldados em cinco vélas, que eram huma galé baſtarda, em que elle foi, e por Capitão della D. Vaſco de Lima, e tres galeões, de que eram Capitães D. Affonſo de Menezes, Manuel de Macedo, e Manuel de Brito, e hum bargantim para ſerviço das outras vélas, de que era Capitão João Ramires, que tambem era Capitão da guarda do Governador.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo a Lopo Vaz de Sampaio na viagem de Goa a Ormuz, e do que fez naquella Cidade.

SEndo a partida de Lopo Vaz de Sampaio fóra de monção, paſſou muito trabalho com as calmarias; e por as aguas correrem muito para Ceilão, andou alli mais de oito dias ſem os Pilotos ſaberem onde eſtavam por navegarem per rumo de Leſte a Oeſte, em que ſe não conhece a differença da altura de Norte a Sul: finalmente o negocio chegou a tanto, que por terem gaſtada a

agua, veio a gente a adoecer, e morrer, e muitos conſtrangidos da neceſſidade bebiam agua ſalgada, e para a adoçar lhe lançavam muito açucar, com que mais ſe lhe incitava a ſede. Com eſte trabalho chegou a Calaiate, que eſtá na coſta da Arabia, e he do Reyno de Ormuz, onde a gente que hia bem enferma tornou ás ſuas forças com a agua freſca. E por eſta viagem, que Lopo Vaz fez per eſta Villa de Calaiate, e pela de Maſcate, tornáram ellas á obediencia d'ElRey de Portugal, eſtando levantadas contra elle; e a cauſa do levantamento era ter Diogo de Mello Capitão de Ormuz prezo a Raez Xarafo Guazil d'ElRey de Ormuz por paixões, que procediam mais de particulares intereſſes de Diogo de Mello, que do ſerviço delRey; ſobre as quaes eſcrevêram ElRey de Ormuz, e Raez Xarafo a D. Henrique de Menezes; e reſpondendo elle ás ſuas cartas, eſcreveo a Diogo de Mello, que trataſſe bem a Raez Xarafo; e entre outras palavras lhe diſſe, que lhe pedia ſe houveſſe naquelles negocios temperadamente, e não déſſe occaſião que os ſeus trinta annos foſſem a Ormuz a emendar os ſeſſenta delle Diogo de Mello. Deſtas palavras ſe ſentio Diogo de Mello, e receava muito que Dom Henrique foſſe a Ormuz; e como o vio morto, eſcandalizado do que Raez Xarafo lhe

poderia eſcrever, perque obrigou a D. Henrique eſcrever-lhe aquellas palavras, confiado no parenteſco que tinha com o Governador Lopo Vaz, o mandou prender. E bem ſe vio proceder a prizão deſta cauſa; porque chegado Lopo Vaz de Sampaio a Ormuz aos tres dias de Junho, em poucos, todas as differenças, e paixões ſe apaziguáram, ficando Raez Xarafo ſolto, e reſtituido a ſeu Guazilado; o qual, como prudente, e ſagaz que era, como ſoube que Diogo de Mello era parente de Lopo Vaz de Sampaio, e favorecido delle, ceſſou de ſeus queixumes. Mas a fazenda delRey de Ormuz veio a pagar todas as paixões; porque Lopo Vaz contentou-ſe de arrecadar ſeſſenta mil pardaos, que devia dos annos paſſados das pareas, e dez mil de huma náo de preza, que mandou vender. Deo eſta venda materia de murmurações, e muito mais a arrecadação da fazenda que ella trazia. Tomára eſta náo no cabo de Guardafú Franciſco de Mendonça, (a quem o Governador levou na ſua companhia a Ormuz, achando-o na aguada de Teive, quando por alli paſſou,) Capitão de hum galeão da Armada de Eitor da Silveira [a], com a qual o mandou ao eſtreito do mar Roxo D. Henrique de Menezes, de [illegible] cuja

a *A viagem, e ſucceſſos deſta Armada de Eitor da Silveira eſcreveo* João de Barros *na Dec.* 3. *liv.* 10. *cap.* 1.

cuja morte ſendo elle ſabedor em Maſcate, e que governava Lopo Vaz de Sampaio, ſe veio a Ormuz, aonde chegou aos 26 de Junho, trazendo comſigo a Zagazabo Embaixador do Preſte João, e a D. Rodrigo de Lima, que na ſua Corte, e Reyno eſtivera ſeis annos por Embaixador delRey de Portugal.

CAPITULO V.

Como Eitor da Silveira foi a Dio, e do que alli paſſou com Melique Saca, e do que ordenou o Governador com as novas da Armada dos Rumes.

DEpois que Lopo Vaz de Sampaio recebeo ao Embaixador do Preſte João com a honra que lhe era devida, e o mandou agazalhar, e prover mui largamente do neceſſario, como fez tempo, (o que foi no mez de Julho daquelle anno de 1526,) logo deſpedio a Eitor da Silveira para que ſe foſſe diante delle lançar á ponta de Dio a eſperar alli as náos que hiam do mar Roxo a Cambaia. Neſta paragem tomou elle tres náos groſſas, das quaes as duas abalroáram Manuel de Macedo, e Henrique de Macedo, ambos irmãos, e aſſi tomou tambem hum Zambuco; e por elle ſer o primeiro da preza, deſpejado da fazenda, o

met-

metteo no fundo, e com as tres náos ſe veio eſperar o Governador a Chaul. E poſto que deſtas náos muitos homens ſe aproveitáram bem, rendêram mais de ſetenta mil pardaos para ElRey, e partes. E Eitor da Silveira não ſómente ganhou muita honra no modo de as tomar, mas moſtrou muita limpeza de ſua peſſoa na entrega dellas aos officiaes d'ElRey em Chaul.

Cinco dias depois deſta entrega chegáram duas Atalaias de Dio com cartas de Melique Saca Capitão daquella Cidade, filho do nomeado Melique Az, que já era falecido; huma das cartas era para o Governador, e outra para Chriſtovão de Souſa Capitão de Chaul, pedindo-lhe, que mandaſſe a elle hum homem de authoridade para fallar com elle couſas que importavam muito ao ſerviço delRey de Portugal; e que da ſua parte lhe requeria que foſſe mui em breve; e entretanto mandaſſe a outra carta ao Governador, para prover no meſmo negocio em prompto, tanto que elle ſoubeſſe per a peſſoa que lá mandaſſe a importancia do caſo, por não ſer de qualidade para o eſcrever. Conſultada a preſſa deſte Mouro entre Chriſtovão de Souſa, e Eitor da Silveira, e com os Capitães das náos que hi eſtavam, aſſentáram, que Eitor da Silveira ſe devia ver com Melique Saca; porque não

po-

podia deixar de ſer algum grande myſterio,
e couſa mui importante ao ſerviço d'ElRey
de Portugal, pois aquelle Capitão a reque-
ria com tanta inſtancia, e com proteſtos. Ei-
tor da Silveira ſe partio logo no galeão de
Manuel de Macedo, levando mais dous bar-
gantijs; e chegado a Dio teve prática com
Melique Saca, o qual por moſtrar que o
não mandára chamar ſem cauſa, começou
de lhe contar hum grande proceſſo de hiſ-
torias verdadeiras com artificio, para com
ellas encubrir ſuas mentiras. Foi a hiſtoria
dizer-lhe, que elle o mandára chamar por
fugir á ira d'ElRey ſeu Senhor, que era tão
cruel, que matára já a ſeu proprio irmão,
a quem vinha o Reyno per ligítima ſucceſ-
são, e aſſi matára muitos homens notaveis,
mais por lhes roubar ſuas fazendas, que por
culpas algumas. E porque da Corte lhe ti-
nham eſcrito peſſoas do Conſelho Real, que
ſe guardaſſe d'ElRey, porque determinava
de ir contra elle, e tirar-lhe a vida, e tomar-
lhe a fazenda; que antes que vieſſe aquella
hora, elle determinava de entregar a Cida-
de de Dio ao Governador da India, e ſa-
hir-ſe della a povoar huma Ilha junto da pon-
ta de Jaquete, que diſtava dalli 35 leguas,
por fugir da morte, que lhe aquelle tyran-
no queria dar ſem cauſa; e que a entrega
da Cidade faria ao Governador com tal con-
di-

dição, que elle houvesse a metade dos direitos que rendesse aquella Alfandega em sua vida. E porque isto não se podia fazer senão com o Governador presente, que lho devia mandar dizer, e que mandasse mais gente para se este negocio fazer sem alvoroço do povo da Cidade. Eitor da Silveira, segundo vio a mostra que Melique Saca dava da indignação que tinha contra ElRey, e das cruezas referidas, que usava no Reyno, parecia-lhe que tinha a Cidade de Dio nas mãos, e escreveo logo a Lopo Vaz de Sampaio per Manuel de Macedo, que enviou em hum dos bargantijs, que lhe mandasse mais gente, e navios, porque Melique Saca estava para lhe entregar a Cidade; e não lhe quiz dizer de elle Governador haver de estar presente, como Melique pedia, parecendo-lhe que elle per si só faria isto, e ganharia a honra daquelle negocio. E por Lopo Vaz estar já em Chaul da volta de Ormuz, mandou-lhe o galeão S. Rafael, de que hia por Capitão Fernão Rodrigues Barba com duzentos homens, e Gonçalo Gomes de Azevedo em hum navio com cincoenta.

A tenção deste Melique Saca em escrever a Christovão de Sousa, e o Governador, não foi mais que para haver algumas vélas nossas com gente, para ElRey Badur

de

de Cambaia ſuſpeitar que queria dar a Cidade de Dio aos Portuguezes; e tomando diſto algum receio, aſſentar elle com Badur ſeus negocios á ſua vontade. E aſſi ſe fez, porque Melique entreteve a Eitor da Silveira mais de quarenta dias, no qual tempo ElRey foi aviſado, que o Capitão mór do mar eſtava na barra de Dio, e o Governador em Chaul, e tinha prática com Melique, com a qual nova lhe concedeo ElRey todos os ſeguros, e mais couſas que lhe pedio, com que ficou ſatisfeito por então. E porque neſtes tratos deo Melique a entender a Eitor da Silveira, que convinha retirar-ſe elle hum pouco para Chaul para ſocegar o alvoroço do povo cauſado de o verem alli ſurto tanto tempo; Eitor da Silveira dando diſto conta ao Governador, com ordem ſua ſe foi para Chaul. E não quiz Lopo Vaz que elle tornaſſe a Dio, entendendo ſer tudo artificio de Melique; o qual depois de Eitor da Silveira eſtar em Goa, teve poder para o fazer tornar lá com importunações; mas tudo foi em vão. E a cauſa, e o que eſtas negociações cuſtáram depois a Melique Saca ſe dirá adiante, quando tratarmos da vida, e feitos de Soltam Badur.[a]

E

a Franciſco de Andrade refere eſte caſo differentemente, porque eſcreve, que Lopo Vaz de Sampaio foi duas vezes a Ormuz: a primeira, de que tratou João de Barros no Capitulo paſſado; e da ſegunda não faz menção nenhum outro

E porque pelos Mouros que Eitor da Silveira tomou nas náos da preza que vinham de Meca, e per outros meios, ſoube Lopo Vaz que os Turcos tinham huma Armada no eſtreito do mar Roxo, e eſperavam de vir á India no tempo da primeira monção; mandou repairar a fortaleza de Chaul, levantando a torre de homenagem; e aſſi mandou a João de Gá em hum bargantim a Adem a ſaber nova dos Rumes, o qual poz niſſo tanta diligencia, que tornou com recado certo, que eſtavam na Ilha de Camaram fazendo huma fortaleza. Com eſta nova deſpedio logo o Governador hum navio para Portugal, de que fez Capitão Franciſco de Mendoça, com cartas a ElRey como ſe eſperavam os Turcos, e o eſtado em que ficava a India, e como elle a governava em auſencia de Pero Maſcarenhas; mas Franciſco de Mendoça não veio a eſte Reyno antes que as náos do anno ſeguinte partiſſem de cá. Deſpachou tambem o navio

Author, ſenão Franciſco de Andrade, o qual diz, que tornando Lopo Vaz eſta ſegunda vez de Ormuz em Agoſto de 1528, paſſára de noite por defronte de Dio; que ſabendo-o Melique Saca, lhe mandára em huma fuſta huma carta, pedindo-lhe que quizeſſe voltar a Dio para lhe fazer hum grande ſerviço, (que era a entrega daquella fortaleza) deſejado, e procurado de todos os Governadores paſſados, e que Lopo Vaz lhe mandára em ſeu favor a Eitor da Silveira com huma boa Armada, o qual chegando a Dio, ſoubera que Melique Saca era fugido para Jaquete. Cap. 3. e 39. da Parte 2.

vio do trato de Çofala, de que era Capitão Nuno Vaz de Castello-branco, e por elle escreveo ao Capitão de Moçambique, que estivesse apercebido, como se os inimigos lá houvessem de ir; e per outro navio proveo Ormuz de munições com o mesmo aviso. Escreveo tambem a Goa, e a Cochij, que provessem algumas cousas, por as novas que tinha dos Rumes, mandando em algumas partes fazer navios, de que tinha necessidade. Ordenou que se repairasse a fortaleza de Cananor, refazendo de pedra, e cal o que era de pedra, e barro, e accrescentando-lhe mais dous baluartes com huma boa cava.

Acabando de prover estas cousas, se partio para Cochij, e de caminho passou por Dabul com tenção de lhe dar hum castigo pelo que nelle se fizera na morte de Christovão de Brito, de que atrás dissemos [a]. Este castigo não determinava o Governador fazer tanto na povoação, quanto no Tanadar, porque tinhamos naquelle tempo paz com o Hidalcão, cuja a povoação era; porém o Tanadar confiado na sua innocencia, por não ser elle o culpado, tanto que vio o Governador no porto, se veio deitar aos seus pés. Lopo Vaz lhe recebeo suas desculpas, sabendo que não era elle o que agazalhára os Turcos; e o Tanadar lhe entregou huma

[a] *Na 3. Decada liv. 8. cap. 13.*

ma náo que alli eſtava de Mouros de Méca carregada de eſpeciaria, e ſandalos, e duas fuſtas com alguma artilheria, por ſerem de Mouros noſſos inimigos, e outra que elle tinha poſta em hum baluarte, que fizera na entrada da barra, o qual ſe lhe mandou derribar. Com eſtas couſas feitas, e pagas as pareas que devia, ficou o Tanadar na graça de Lopo Vaz, o qual ſe partio para Goa, e no caminho chegou a elle Thomé Pires em hum catur, que lhe vinha pedir alviceras, como eram chegadas a Cochij duas náos do Reyno, nas quaes hia Provisão d'El-Rey, per que havia por bem, que falecendo D. Henrique de Menezes, ficaſſe elle por Governador.

CAPITULO VI.

Das náos que partíram de Portugal para a India, em que foram as ſucceſſões, per que Lopo Vaz de Sampaio havia de governar.

NAquelle anno de 1526 partíram deſte Reyno para a India quatro náos [a] divididas em duas eſquadras, por não eſtarem juntamente preſtes; das duas primeiras, que par-

[a] *As náos eram cinco, e o Capitão da quinta náo foi Vicente Gil, filho de Duarte Triſtão Armador das náos.* Franciſco de Andrade *Part. 2. cap. 9. e* Diogo de Couto *liv. 1. cap. 9.*

partíram ao tempo ordinario, eram Capitães Francisco de Anhaia, (filho de Pero de Anhaia,) que o anno dantes hia tambem á India, segundo atrás dissemos [a], e se perdeo á sahida da barra de Lisboa; e Tristão Vaz da Veiga, (filho de Diogo Vaz da Veiga,) que na entrada de Ormuz, quando esteve cercado, passou os perigos que se referíram na terceira Decada [b]. Das duas que partíram tarde, e fóra da monção a 16 de Maio eram Capitães Antonio de Abreu, filho de João Fernandes do Arco da Ilha da Madeira, que invernou em Moçambique, e Antonio Galvão, filho de Duarte Galvão, o qual fóra de toda esperança passou á India [c]. Os dous que primeiro partíram, chegáram a Cochij, onde estava Affonso Mexia Veedor geral da fazenda da India, a quem entregáram as duas vias das cartas d'ElRey para o Governador, e para elle; nas quaes vias mandava ElRey novas successões da governança da India, falecendo alguns dos Capitães, que ElRey tinha nomeados nas outras, que lá estavam. E porque a Carta d'ElRey para Affonso Mexia foi causa de muitas revoltas, e desassocegos, (que puderam chegar a muito, senão succedêram entre Portu-

a *Na 3. Decada liv. 10. cap. 1.*

b *Livro 7. cap. 3.*

c *A viagem de Antonio Galvão escreve particularmente* Fernão Lopes de Castanheda *no cap. 10. do liv. 7.*

tuguezes, tão leaes a seu Rey, que nas partes onde estam mais alongados delle, com mais sujeição, e amor procuram seu serviço,) porei aqui o traslado della, para que se veja, que o que Affonso Mexia fez, procedeo mais da sua vontade, que da Carta d'ElRey; e para exemplo aos posteriores, que quando mandarem á India succesśões da governança, seja de maneira, que não se ponha em audiencias, e allegações de procuradores, como se poz esta, e o que peior he com artilheria cevada da huma parte, e da outra.

CARTA D'ELREY PARA AFFONSO MEXIA.

AFfonso Mexia. Eu ElRey vos envio muito saudar. Per duas vias vos envio nesta Armada, que Nosso Senhor leve a salvamento, dous sacos de cartas, e despachos das cousas destas partes, que houve por meu serviço, que ora fossem, e leva hum dos maços Tristão Vaz da Veiga, e o outro Francisco da Anhaia. Tomai as cartas que vam para vós, e as do Capitão mór lhe dai, e assi todas as outras ás pessoas a que vam, e não fique nenhuma que não seja dada; e aquellas que estiverem fóra donde vós estiverdes, mandai-lhas dar, e vam a todo bom recado. E nesta Armada me enviai hum rol de como foram dadas

das aquellas que déſtes ás peſſoas onde vós eſtais, e o modo que tiveſtes em enviar as outras, que vam para as peſſoas que eſtiverem fóra; e tomai diſto bom cuidado, porque o hei por muito meu ſerviço ſerem dadas todas as ditas cartas. As Provisões que vam das ſucceſsões da capitanía mór tende naquella boa guarda, e ſegredo, que cumpre a meu ſerviço, como de vós confio. Eſcrita em Almeirim a vinte de Março. Pero de Alcaçova Carneiro a fez de mil e quinhentos e vinte ſeis. E das outras Provisões que lá tendes não ſe ha de uſar, e as terês em boa guarda, e mas trarês quando embora vierdes.

Affonſo Mexia tanto que vio eſta clauſula derradeira, que das Provisões paſſadas não ſe havia de uſar, (a qual hia em huma das ſuas duas Cartas, e na outra não,) deſejando de abrir a ſucceſsão, que de novo mandava ElRey, em caſo que faleceſſe Dom Henrique de Menezes, fez ajuntar na Sé de Cochij o Capitão da fortaleza D. Vaſco Deça, João de Oſouro Ouvidor geral, João Rabello Feitor, Duarte Teixeira Theſoureiro, e outros Officiaes da Fazenda, Juſtiça, e outras peſſoas principaes com os Capitães das náos que do Reyno foram, aos quaes notificou, como ElRey per aquelles Capitães que eram preſentes, lhe eſcrevêra huma car-

carta ſobre as ſucceſsões dos Governadores da India, a qual carta era aquella que elle tinha na mão, e ouviriam. Lida, lhes diſſe, que elle levava alli a ſucceſsão de Dom Henrique, que a queria abrir, viſto como por aquella carta que lhe ElRey eſcrevia, era ſua vontade uſar daquella Provisão nova, e não das outras paſſadas. D. Vaſco Deça como Capitão de Cochij começou a contrariar abrir-ſe a nova ſucceſsão, pois as outras ſobre que ElRey eſcrevia eram já abertas; e que ſe ElRey o ſoubera, não provêra com aquella que apreſentava. A D. Vaſco ajudáram com ſuas razões as outras peſſoas que eram preſentes. O que Affonſo Mexia não quiz conceder, e tomou por ultima conclusão, que ſe elle o fazia mal, que a ElRey havia de dar conta diſſo; e favorecendo ſua tenção algumas peſſoas que o queriam comprazer, e tambem para verem novidades, condição natural dos homens, abrio-ſe a Provisão per Fernão Nunes Eſcrivão da Fazenda, a qual elle leo em voz alta, cujas palavras eram eſtas.

Provisão d'elRey da Succeſsão de D. Henrique de Menezes.

Eu ElRey. Faço ſaber a todos os meus Capitães, e Alcaides móres das minhas fortalezas da India, Capitães dos na-

navios, e Armadas, que nas ditas partes andam, e Feitores, Escrivães das minhas feitorias, Capitães das nàos, e navios que vam para vir com carga para estes Reynos, Fidalgos, Cavalleiros, gente de armas, que nas ditas partes andam, e a todas quaesquer outras pessoas, e officiaes da justiça, e fazenda, a que este meu Alvará for mostrado: Que pela muita confiança que tenho de Lopo Vaz de Sampaio Fidalgo de minha Casa, que nas cousas de que o encarregar me saberá bem servir, me apraz, que sendo caso que faleça D. Henrique de Menezes, que ora he meu Capitão mór, e Governador das partes da India, (que Nosso Senhor não mande,) succeda, e entre na capitanía mór, e governança o dito Lopo Vaz de Sampaio, com aquelle poder, e jurdição, e alçada que tinha dada ao dito D. Henrique de Menezes, e me apraz que haja em cada hum anno, em quanto me servir na dita capitanía mór, e governança, dez mil cruzados; convem a saber, cinco mil em pimenta comprada do seu dinheiro, ao partido do meu, tomando, e nomeando seu risco nas nàos, e navios que nomear que vierem para estes Reynos, segundo a ordenação dos partidos do meu. E entrando assi o dito Lopo Vaz na dita capitanía mór, e go-

vernança da India, entrará na capitanía mór do mar, que elle tem, Antonio de Miranda de Azevedo, com o ordenado que com ella tinha o dito Lopo Vaz de Sampaio; e no cargo que elle ao tal tempo tiver, proverá o dito Capitão mór, e Governador té eu prover. E não estando na India o dito Lopo Vaz ao tempo do falecimento de D. Henrique, por ser vindo para estes Reynos, ou sendo falecido, ou falecendo depois de entrar, e succeder na dita capitanía mór, e governança, em qualquer destes casos entrará por Capitão mór, e Governador Pero Mascarenhas, que está por Capitão de Malaca. E haverá o dito Pero Mascarenhas os ditos dez mil cruzados de seu ordenado de Capitão mór, e Governador daquella maneira que os ordeno ao dito Lopo Vaz. E entrará Pero de Faria na capitanía de Malaca, onde o dito Pero Mascarenhas está, e haverá o ordenado da capitanía de Malaca. E estando elle por Capitão em Goa, proverá o dito Capitão mór na dita capitanía a pessoa que lhe bem parecer, que pertence mais a meu serviço, té eu prover, e haverá o ordenado da dita capitanía. E porém vo-lo notifico assi, e vos mando a todos em geral, e a cada hum em especial, que vindo o dito caso a ser, se cumpra, e guarde

in-

inteiramente este meu Alvará, como nelle he conteúdo; e a qualquer dos sobreditos que entrar na dita Governança obedeçais, e que cumprais seus requerimentos, e mandados, assi como o fazeis ao dito D. Henrique, e como sois obrigados de fazer ao dito meu Capitão mór, e Governador, e em todo o deixai usar do poder, e jurdição, e alçada, que ao dito D. Henrique tinha dada per minha Carta, sem dúvida, nem embargo algum que a ello ponhais: e mando ao meu Veedor da Fazenda, que em cada hum anno, em quanto me servir na dita capitanía mór, e governança, lhe mande pagar os ditos dez mil cruzados na maneira sobredita. Feito em Almeirim a quatro dias de Abril, Jorge Rodrigues o fez de mil e quinhentos e vinte seis. Estes dez mil cruzados que ordeno que hajam os sobreditos por anno, serão naquelle modo, e fórma, e maneira que os tenho dados a D. Henrique; e o ordenado de Antonio de Miranda de Azevedo, entrando na capitanía mór do mar, serão dous mil cruzados por anno, convem a saber, mil cruzados em dinheiro, e mil em pimenta, no modo sobredito de como o ha de haver o dito D. Henrique, posto que diga que ha de haver o ordenado de Lopo Vaz.

Lida esta Carta, foi feito hum auto per

Fernão Nunes, que a leo, o qual foi aſſinado pelos nomeados, e pelas principaes peſſoas que eram preſentes, que Affonſo Mexia recolheo para dar razão a ElRey com que ſolemnidade abríra aquella via. Feito iſto, deſpachou logo a D. Henrique Deça com a ſucceſsão que a levaſſe a Goa, cuidando ſer Lopo Vaz já vindo; e aſſi eſcreveo huma carta á Camara de Goa, perque lhe notificava ſer Lopo Vaz de Sampaio Governador per aquella nova Provisão de Sua Alteza; e ſendo-lhe notificada, quiz Thomé Pires ganhar as alviceras deſta nova, e foi em hum ſeu catur levalla a Lopo Vaz de Sampaio, que achou vindo de Dabul, como atrás diſſemos.

CAPITULO VII.

Das juſtificações que Lopo Vaz de Sampaio fez em Cochij ſobre o direito de ſua Governança: e do conſelho que teve ſobre a vinda dos Rumes.

LOpo Vaz de Sampaio com a nova da ſua ſucceſsão chegou a Goa, onde foi recebido com a feſta que ſe coſtumava fazer aos novos Governadores; poſto que a Cidade eſtava dividida em dous bandos, não ſe praticando nella em outra couſa ſenão na juſtiça de Lopo Vaz, e de Pero Maſcarenhas:

nhas: e o meſmo paſſava nas fortalezas, armadas, e outros ajuntamentos, e cada hum dava a ſentença ſegundo o amor, e odio que o governava. Os afeiçoados á cauſa de Pero Maſcarenhas, (de quem já havia nova que era embarcado para vir a tomar poſſe do ſeu governo,) eſtranhavam muito a Affonſo Mexia abrir a ſucceſsão de Lopo Vaz, ſendo Pero Maſcarenhas eleito, jurado, obedecido, e chamado para Governador; e de tal maneira hiam creſcendo eſtas duas facções, que chegavam a revoltas, e deſafios.

Era já tempo do deſpacho das náos, que eſte anno haviam de vir ao Reyno com carga, pelo que Lopo Vaz partio para Cochij, onde os moradores lhe fizeram muita feſta; porém quem ſe nella mais aſſinalou foi Affonſo Mexia, como author da ſucceſsão de Lopo Vaz, a qual tornou a confirmar com novo juramento ſeu, e de todos os que eſtavam em Cochij. Accreſcentava a Affonſo Mexia o goſto com que feſtejava ao Governador, o contentamento que tinha de huma nova Provisão que lhe ElRey mandou com as outras, perque o fez Capitão de Cochij, além de Veedor da Fazenda; porque perſuadíram a ElRey, que o Capitão da fortaleza de Cochij ſempre traria competencias com o Veedor da Fazenda ſobre a jurdição; e que para o Veedor ſervir bem ſeu cargo,

go, que era de tanta importancia, não podia ser senão sendo tambem Capitão da Cidade.

Lopo Vaz sabendo os movimentos, e alterações do povo, e que os mais diziam que com violencia usurpára o cargo de Governador, com todos se justificava; e para maior satisfação sua mandou chamar Sebastião de Sousa d'Elvas, Francisco de Anhaia, Antonio Galvão, Filippe de Castro, e Tristão Vaz da Veiga Capitães das náos d'Armada, que havia de tornar para Portugal, e lhes disse diante de Antonio Rico, (que aquelle anno fora de Portugal á India por Secretario,) o que se praticava contra a sua succesão por parte de Pero Mascarenhas, e porque não queria castigar os alvorotadores do povo, que ousadamente fallavam contra elle, antes os desejava reduzir com brandura á paz, e quietação: e elles como Capitães que se hiam para o Reyno, não estavam debaxo de sua jurdição, nem da de Pero Mascarenhas, e assi poderiam sem affeição dizer o que lhes parecesse; lhes pedia que como a Fidalgos tão honrados, que tinham por obrigação fallar verdade, lhe dissessem livremente o que sentiam da sua succesão, e se entendiam que per virtude della era Governador. E como Lopo Vaz de Sampaio lhes perguntou simplesmente o que lhes parecia, assi simplesmente respondêram,

que

que não tinham dúvida ser elle ligitimo Governador, e ligitima, e justa a sua successão; e assi o juráram, de que se fez Auto pelo Secretario que aquelles Capitães assináram. A mesma pergunta fez Lopo Vaz de Sampaio a Fr. João de Haro da Ordem de S. Domingos, homem letrado, que per mandado d'ElRey de Portugal fora prégar á India, e tornava aquelle anno para o Reyno, o qual affirmou ser elle verdadeiro Governador. E ao outro dia, que era da festa da Circumcisão de Nosso Senhor, na prégação que fez, o disse no pulpito, provando-o com muitas razões, e allegações do Direito Divino, e Humano, e que quem o encontrava, commettia peccado mortal, e desobediencia contra ElRey: e que elle não affirmava aquella verdade por respeito algum, porque como Religioso, e que se hia para Portugal, não tinha necessidade do Governador, de quem não era tamanho amigo como de Pero Mascarenhas; e concluindo, requereo a Lopo Vaz da parte de Deos que castigasse gravissimamente a quem causasse alvorotos, ou movesse duvidas sobre o seu governo, e os degradasse.

Aprestadas já a este tempo as náos de viagem, partíram de Cochij a 10 de Janeiro [a]; e

[a] *Nestas náos embarcou o Governador a Zagazabo Embaixador d'ElRey da Abassia, que chegou a salvamento a*

e quando chegáram a ſalvamento a Portugal, tinha ElRey já mandado hum navio, de que era Capitão, e Piloto Pedreanes Francez, com cartas para apagar com ſuas Proviſões as revoltas que ſe preſumia poderiam haver entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Maſcarenhas por cauſa das novas ſucceſſões, que Franciſco de Anhaia, e Triſtão Vaz da Veiga leváram; por ElRey ter ſabido per Franciſco de Mendoça, (como atrás diſſemos,) que D. Henrique era falecido, [illegible] e Lo-

Lisboa, donde foi a Coimbra dar ſua embaixada a ElRey D. João, que eſtava naquella Cidade. Sua Alteza o mandou encontrar per Diogo Lopes de Sequeira Almotacer mór, e Governador que fora da India, e á entrada da Cidade per o Marquez de Villa Real. ElRey o recebeo com grandes demonſtrações de goſto da ſua vinda; e Zagazabo lhe deo duas cartas de ſeu Rey, e lhe apreſentou huma Coroa de ouro, e prata. E o P. Franciſco Alvares, que vinha em companhia do Embaixador, (e eſcreveo huma larga relação deſta viagem, e das couſas daquella grande Região,) moſtrou a Sua Alteza huma Cruz de ouro com hum pedaço do ſanto Lenho da Cruz de Chriſto Noſſo Salvador, e outras duas cartas que levava a ſeu cargo para o Papa Clemente VII. pelas quaes aquelle Rey mandava dar obediencia a Sua Santidade, e pedir Patriarca da Igreja Romana, porque os paſſados foram da Grega. O anno ſeguinte partio Zagazabo, e Franciſco Alvares para Roma, onde o Summo Pontifice ouvio a embaixada daquelle Rey com grande alegria ſua, e do ſagrado Collegio dos Cardeaes, engrandecendo com muitos louvores a obediencia daquelle novo, e amado filho, ao qual concedeo com muitas graças o Patriarca que lhe pedia, com que o Embaixador tornou a Portugal, e delle á India, onde chegando morreo. Diogo do Couto *liv. 1. cap. 10.*

e Lopo Vaz governava em auſencia de Pero Maſcarenhas. Mas eſte Pedreanes ſe perdeo no mar, com que o negocio entre duas peſſoas de tanta qualidade, cavalleria, e ſerviços foi poſto em differenças.

Lopo Vaz, depois que as náos partíram para eſte Reyno, por as novas que tinha da Armada dos Rumes, foi-lhe neceſſario tornar a Goa dar ordem ás couſas do provimento da Armada contra elles, e repairar as fortalezas; pelo que deixando recado a Affonſo Mexia do que havia de fazer em Cochij, elle foi a Cananor, e fez alli outro tanto, encommendando as obras da fortaleza a D. Simão de Menezes Capitão della. Chegado a Goa, teve logo conſelho com os Capitães, e principaes Fidalgos ſobre a vinda dos Rumes; e declarando-lhes que ſua vontade, e determinação era ir buſcallos ao proprio eſtreito, antes que entraſſem no mar da India, e dando para iſſo muitas razões, todas lhe foram desfeitas com outras. Porque diziam que era grande inconveniente tentar aquella jornada, viſto como não tinha navios, nem gente, e aventurava nella o eſtado da India; e que ſegundo ſe dizia a Armada dos Rumes não eſtava certo vir aquelle anno; porque fazendo elles fortaleza na Ilha de Camaram, como faziam, ſinal era eſtarem de vagar, e que

pri-

primeiro queriam fazer o ninho em que se recolhessem, que vir á India, onde o não tinham feito. E que para o anno seguinte por a nova que se mandára a ElRey per Francisco de Mendonça em as náos que viessem aquelle anno, lhe mandaria Sua Alteza gente, e munições; e que com a gente que viesse, e com os galeões, e navios que elle Governador mandava fazer, já então estaria apercebido para pelejar com os Rumes; e que quando isso fosse, a peleja não havia de ser no estreito, senão á ponta de Dio, porque quando alli chegam vem já quebrantados do golfão que passam, e com os apparelhos dos navios cortidos do Sol, e a artilheria abatida; e que estando elle com a gente fresca, e esperta, levemente haveria vitoria, e que como quem tinha a acolheita longe, todos lhe ficariam na mão. E indo a Camaram havia de chegar com a Armada dividida, e destroçada, de que tinha exemplo nos desastres, e perdições que tiveram Affonso d'Alboquerque, e Diogo Lopes de Sequeira quando entráram aquelle estreito.

Estas, e outras razões foram representadas a Lopo Vaz de Sampaio, com que então desistio de seu proposito, e mudou o pensamento a outras cousas, como veremos. A gente porém não deixava de murmurar, di-

dizendo, que ſua ida ao eſtreito era fingida, e no mais que para moſtrar á gente que tinha deſejo daquelle caminho, e que o ſeu intento era prover-ſe per aquelle modo para a vinda de Pero Maſcarenhas, temendo que como a gente o viſſe na India, lhe haviam de obedecer como a Governador.

Outros eram doutra opinião, e diziam, que verdadeiramente ſua tenção era ir ao eſtreito, e fugir de Pero Maſcarenhas, e levar a frol da gente comſigo, e os navios; e que quando não pelejaſſe com os Rumes, faria tanta preza, que vieſſe a gente contente delle. Eſtes, e outros juizos lançava o vulgo, de que ſempre ſe diſſe ſer animal de muitas cabeças, e aſſi dava cada hum a interpretação ſegundo o amor, ou o odio que tinham a eſtes dous Capitães, e ao que delles eſperavam.

De Goa mandou Lopo Vaz de Sampaio Manuel de Macedo em huma caravella a Ormuz com Proviſões para prender Raez Xarafo, e levallo a Goa; porque per cartas d'ElRey de Ormuz, e do Capitão Diogo de Mello, (que mandáram per Fernão de Moraes,) o aviſavam dos roubos, e inſultos que Raez Xarafo tinha commettido contra o povo, e lhe requeriam, que o mandaſſe levar daquella fortaleza, porque em quanto nella eſtiveſſe, não deixaria de in-

ten-

tentar alguma novidade, como já fizera em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira.

CAPITULO VIII.

Da Armada que Selim Rey dos Turcos ordenou para nella ir Raez Soleimão á India contra os Portuguezes, e do successo della.

HAvendo Raez Soleimão morto a Mir Hocem pela maneira que dissemos na precedente Decada [a]; e vendo que o Soltam do Cairo, Cansor Algauri [b], (em cujo serviço andava sendo Turco,) fora desbaratado, e morto per Selim Rey dos Turcos [c], posto que se temesse delle por o que [illegible] ti-

a Liv. 1. cap. 3. onde João de Barros *escreveo com particularidade a vida de Raez Soleimão.*

b Este Cansor Algauri Soltam do Egypto eleito pelos Mamalucos no anno de 1505, foi pela traição de Caierbei seu Governador de Alepo vencido, e morto junto da mesma Cidade per Selim I. Rey dos Turcos no anno de 1516, per cuja morte elegêram os Mamalucos a Tumumbeio de nação Circasso, que no anno seguinte de 1517 foi vencido, e morto do mesmo Selim, e nelle se acabou o Reyno dos Mamalucos em Egypto, que se transferio aos Turcos.

c Selim I. Rey dos Turcos, filho de Baiazeto II. (a quem succedeo no Reyno no anno de 1512) e neto de Mahamet II. que tomou Constantinopla no anno de 1453 com morte do Emperador Constantino Paleologo, pelejou com Xiah Ismael Rey dos Persas, de quem alcançou vitoria, posto que com grande perda sua; e per morte dos dous

tinha feito em Turquia ſendo Coſſairo, ſegundo atrás contámos [a]; querendo reſtituir-ſe em ſua graça, lhe mandou hum homem de que confiava ao Cairo com hum grande preſente, dando-lhe conta como fora enviado pelo Soltam á empreza da India, e o que tinha feito em Zeibid, e quão leve couſa ſería tomar aquelle eſtado da Arabia, e que elle era ſeu eſcravo, e ficava alli com cinco galés ſómente; que ſe mandaſſe que ſe foſſe para o Cairo que logo o faria; e que ſe tambem houveſſe por ſeu ſerviço que proſeguiſſe a empreza da India, que o proveſſe de mais embarcações, munições, e gente, porque com cinco galés com que elle ficava já mui desbaratadas, e tão mal provído de outras couſas, por o muito que havia que dera princípio áquella empreza, não ſe atrevia a dar boa conta de ſi, e mais andando os Portuguezes tão poderoſos como andavam. Selim como vio, e recebeo os preſentes que lhe Raez Soleimão mandava, e como ſe mettia debaixo de ſeu poder, determinou de logo o prover de novo para entrar poderoſamente na India, e a grande preſſa mandou acabar vinte galés, e cin-

co

Reys do Egypto Canſor Algauri, e Tumumbeio ſe apoderou do Egypto, Syria, e Arabia, e morreo no anno de 1520.

a *No meſmo liv. 1. cap. 3.*

co galeões [a], que eſtavam começados no porto de Suez por ordem do Soltam, para os mandar ao meſmo Raez Soleimão.

Provída eſta Armada de gente, e de todo o neceſſario, já em tempo de Soleimão, filho de Selim, que lhe ſuccedeo no Reyno dos Turcos [b], mandou elle por Capitão della a hum Haidairin, Charques de nação, homem de muita idade, e authoridade, que fora Veedor da fazenda do Soltam, com ordem que depois que entregaſſe a Armada a Raez Soleimão, ficaſſe com o meſmo cargo de Veedor da Fazenda, ſem Raez Soleimão entender em mais que no que tocava á guerra, e governo da gente. Chegado Haidairin á Ilha de Camaram, onde Raez Soleimão eſtava, e tinha começada huma fortaleza, lhe entregou a Armada; e ſobre o governo, e deſpezas della houve entre Soleimão, e Haidairin tantas differenças,

a A madeira, pregadura, enxarcea, e todas as mais couſas neceſſarias para eſta Armada foram levadas de Alexandria em barcas pelo Nilo acima té o Cairo, e dalli com exceſſivas deſpezas em camelios té Suez, que são 24 leguas de terra deſerta, e ſem agua.

b Soleimão, ou Solimão II. que ſuccedeo a ſeu pai Selim, tomou Rodes, e quaſi toda Ungria, cujo Rey Luiz foi delle vencido, e na batalha morto: entrou em Auſtria, intentou tomar Vienna ſua Metropoli, da qual ſe retirou com perda, por acudir á ſua defensão o Emperador Carlos V. maximo. Apoderou-ſe de Aſſyria, e Babylonia, tomou Moldavia, commetteo a empreza de Malta, e no cerco de Ziget morreo no anno de 566.

ças, que ſentindo Haidairin que a gente eſtava deſcontente, e eſcandalizada de Soleimão, e que não haveria quem por elle tornaſſe, o matou ás punhaladas dentro em huma galé. A cauſa por que Soleimão cobrou eſte odio, era por não conſentir que Haidairin limpamente pagaſſe o ſoldo que era devido á gente da Armada a dinheiro, o qual elle queria recadar para ſi, e pagar aos ſoldados em mantimentos, pannos, e outras couſas, que houvera do deſpojo das terras que ganhára em Arabia, que aos ſoldados não eram neceſſarias para ſeus uſos, como o dinheiro. Além diſſo como aquella gente partíra com tenção de ir á India, e trazia ſede das riquezas della, de que já faziam conta, tomavam mal a detença que Soleimão fazia em conquiſtar terras naquella parte da Arabia, de que ſe elle pertendia fazer ſenhor; e que por entreter a gente dilatava acabar a fortaleza, que começára fazer na Ilha de Camaram per mandado do Turco, para ſer huma eſcala da navegação daquelle eſtreito do mar Roxo, e defensão para os Portuguezes não entrarem nelle. A qual fazia tão de vagar, que quando Haidairin o matou havia dous annos que chegára áquella Ilha, e tinha ganhado muitos lugares na terra firme.

Muſtafá ſobrinho de Soleimão, filho

de

de huma ſua irmã, como ſoube da morte de ſeu tio, e que tanto que Haidairin o matou, ſe fora á Cidade de Zeibid a tomar poſſe della, e de quanta fazenda ſeu tio nella tinha, ajuntando-ſe com a mais gente de cavallo, e de pé que pode, o foi buſcar, e houveram batalha, na qual fugindo Haidairin já meio desbaratado, e recolhendo-ſe para a Cidade, Muſtafá o matou ás lançadas. Com eſtas diſcordias, e mortes ſe desfez eſta Armada de Raez Soleimão; porque os Capitães que não quizeram ſeguir as partes de Muſtafá, ſe tornáram para Suez, onde varadas as embarcações, leváram novas ao Turco do ſucceſſo daquella ſua Armada, que elle ſentio muito.

Muſtafá ficou com cinco galés; e tomada a Cidade de Zeibid, começou pacificar a gente aſſi a ordenada para ir á India, como outra que eſtava poſta em guarnição dos lugares que ſeu tio ganhára, fazendo-lhes grandes pagamentos, e muitas larguezas por os ter de ſua mão. E vendo que antes de muito tempo lhe havia de ſer pedida conta da morte de Haidairin, e que o Turco podia logo prover niſſo, começou de ſe fazer preſtes para a India, lançando fama que queria fazer o que ſeu tio té então não tinha feito, com a occupação

que

que tivera em fazer a fortaleza em Camaram, e na conquista da terra firme; mas em seu peito não tinha tenção de ir em serviço do Turco, senão pôr-se em salvo, e evitar a indignação delle, e seguir a fortuna em serviço d'ElRey de Cambaia, que tinha guerra comnosco, porque sabia particularmente muitas cousas daquelle Reyno, e da fraqueza da gente delle per informação de Coge Sofar, escravo de Raez Soleimão seu tio, que elle cativou na costa de Apulha, (como dissemos na terceira Decada[a],) o qual residio em Dio algum tempo em habito de mercador para fazer os negocios de Soleimão; polo que Mustafá o tornou a mandar com a mesma simulação de mercador a intentar o animo d'ElRey de Cambaia sobre a sua ida.

Coge Sofar chegado a Dio, foi ter com ElRey Badur, de quem era conhecido por Feitor de Raez Soleimão, por lhe ter dado muitos presentes da parte de seu amo, e dadas muitas esperanças de elle ir com huma grande Armada para lançar aos Portuguezes da India, e fazer cousas grandes por seu serviço. E como era sagaz, deo conta a Soltam Badur como Soleimão era morto, com que todos seus apparatos, e disenhos ficáram perdidos, e frustrada a es-

[a] Liv. 1, cap. 3.

perança de nos lançarem da India. Mas que dado caso que seu senhor fosse morto per aquella traição, que se presumia ser ordenada pelo Turco, por o odio que lhe tinha por se lançar com o Soltão do Cairo, e quiz dissimular com elle pelo modo que teve em lhe mandar entregar a Armada per Haidairin; todavia pela vingança que Mustafá seu sobrinho tomou da sua morte, matando Haidairin, e toda a gente se sometter ao seu mando, e governo, Sua Alteza tinha certo poder-se aproveitar, e servir delle. E assi que seu parecer era, que elle Senhor lhe escrevesse que se viesse para seu serviço, promettendo-lhe de lhe fazer honra, e mercê. Com estas, e outras cousas assi tecco Coge Sofar o negocio, com idas, e vindas, e cartas de huma, e outra parte, que por as grandes promessas que lhe Soltão Badur deo de si, determinou Mustafá de se ir para a India.

Em quanto isto se tratava, quiz Mustafá tentar a fortuna, se poderia tomar a Cidade de Adem, que tinha por vizinha; e dando suas razões córadas a este seu proposito a fim de comprazer á gente, foi cercar a Cidade com dez navios de remo, e quarenta gelvas da terra, nas quaes embarcações levou setecentos Rumes, Arabios, e Abexijs. Combateo Adem per mar, e per ter-

terra com groſſa artilheria, em que havia quatro baſiliſcos, que derrubáram boa parte dos muros; mas os Arabios ſe defendêram animoſamente á cuſta das vidas de muitos, pela ſalvação de ſuas peſſoas, mulheres, e filhos; e o maior trabalho que no cerco padecêram foi a fome de que morrêram mais que a ferro. Vendo Muſtafá quão mal lhe havia ſuccedido aquella jornada, levantou o cerco, (que durou cinco mezes,) por ſer já tempo de monção de noſſas Armadas, que ordinariamente cada anno vinham áquellas partes [a]; e deixando na Cidade de Zeibid por Governador a Xerife Ali Turco, que lhe ſervia de Veedor, e na Cidade de Batalfac, Eſcander Maus Charques, e em Gizam outro ſeu criado chamado Bagxij, partio para a India com dous galeões, em que recolheo a flor da gente, e as melhores peças de artilheria, com muitas munições. Chegando a Xael, que he na coſta de Arabia, onde invernou, porque huns ſete Turcos dos mais principaes que elle levava recuſáram paſſar á In-

 dia,

[a] Diogo do Couto *eſcreve no cap. 10. do liv. 6. que Muſtafá ſe ajuntára com ElRey de Xael, e ambos aſſediáram Adem com mais de vinte mil homens, e a puzeram em tamanho aperto, que a tomariam, ſenão chegára áquelle porto huma Armada noſſa, de que era Capitão mór Eitor da Silveira, com temor da qual, e que poderia ir tomar Xael deſapercebida, o ſeu Rey, e Muſtafá levantáram o cerco.*

dia, ſentindo que elle hia mais fugido do Turco, que em ſeu ſerviço, a cinco delles tirou os olhos, e aos dous cortou os braços pelos cotovellos, e em hum batel os mandou lançar em terra. De Xael ſeguio ſua viagem para Dio, onde fez o que adiante diremos [a]. E niſto parou a Armada dos Rumes, tão receada na India; de cujo ſucceſſo chegáram as novas a Chaul na entrada de Setembro do anno 1527 per algumas náos de Méca, que naquelle porto entrá-ram,

a *Differentemente eſcreve deſta Armada* Diogo do Couto (*Dec. 4. liv. 3. cap. 6.*) *porque diz, que ſe armáram no porto de Suez ſetenta e ſeis vélas per mandado de Solimão Rey dos Turcos, das quaes fez Capitão geral a Soleimão, (a que* Couto *erradamente chama Baxa, e Governador do Cairo, não o ſendo eſte Soleimão, ſenão o Capado, que no anno de 538 paſſou á India, e teve Dio cercada,) e por ſeu Lugar-tenente a Eſcander Chan. Na ſua companhia hiam Muſtafá Carmanij Elaracen, que depois foi ſenhor de Baroche, Acem Lan, que no Reyno de Cambaia teve o titulo de Madre Maluco, e Coge Sofar, que naquelle tempo era Theſoureiro do Cairo, o qual levava ſua mulher, filhos, e genro. Com eſta Armada partio Soleimão de Suez; na entrada do Verão de 1527 chegou a Camaram, onde fez huma fortaleza; e provída da gente, e munições, ſe embarcou para paſſar á India; e por achar na boca do eſtreito os Levantes, voltou para dentro, e foi eſperar a monção dos Ponentes de Abril em Cobit Sarif porto de Arabia do Reyno de Zeibid, o qual tomou Soleimão, e nomeou por Governador delle a Eſcander. Succedêram entre ambos differenças, das quaes reſultou a morte a Soleimão dada per ordem de Eſcander, que ficou em Zeibid com titulo de Rey; os outros Capitães ſe tornáram para Suez, e Muſtafá ſobrinho de Soleimão, com os da ſua valia, ſe paſſou a Xael, e dalli a* Dio.

ram, de que Chriſtovão de Souſa aviſou logo a Lopo Vaz de Sampaio, que alliviado deſte cuidado attendeo a outras couſas neceſſarias ao governo.

Do ſucceſſo deſta Armada teve depois aviſo ElRey D. João per via de Ormuz, que lho mandou Chriſtovão de Mendoça Capitão daquella fortaleza, o qual ſabendo que os Rumes não paſſavam á India, determinou de aviſar a ElRey per terra, jornada té então não imaginada, e havida por quaſi impoſſivel, (como agora ordinaria, e facil,) a qual á inſtancia de Chriſtovão de Mendoça fez Antonio Tenreiro, pelo muito conhecimento que tinha de linguas, e de aquellas regiões, perque havia paſſado em companhia de Balthazar Peſſoa Embaixador de D. Duarte de Menezes Governador da India ao Xiah Iſmael. Partio Antonio Tenreiro de Ormuz para fazer eſte novo caminho em Setembro de 1528; e chegando a Baſçorá, a tempo que eram já partidas as cafilas para Alépo, com hum Mouro Piloto do deſerto o atraveſſou em dromedarios, com grandes perigos de ladrões, e de féras que nelle andam; o qual paſſado, em vinte e dous dias chegou ao lugar de Cocana, e delle em companhia de huma cafila a Alépo, e dalli a Tripole de Soria, onde ſe embarcou para Chipre,

e paſ-

e paſſando á Italia veio ter a Portugal, onde ElRey D. João lhe fez mercê pelo trabalho de huma tão nova, e incognita jornada, da qual, e da pimenta fez Antonio Tenreiro huma larga, e curioſa relação, que com nome de Itinerario imprimio em Coimbra no anno de 1565 dedicado a ElRey D. Sebaſtião.

CAPITULO IX.

Como Pero Maſcarenhas mandou Alvaro de Brito com algumas fuſtas á Ilha de Bintam, para que lhe não entraſſem mantimentos: da nova que teve da ſua ſucceſſão no governo da India: e da Armada que fez para ir a Bintam.

DEpois que Aires da Cunha, e Jorge Maſcarenhas ſe vieram de Bintam por cauſa das enfermidades, e mortes da gente, (como atrás temos dito [a],) tornou Pero Maſcarenhas a mandar lá ao meſmo effeito Alvaro de Brito com alguns navios para eſtorvar que naquelle porto não entraſſem mantimentos; e por a grande neceſſidade que elle tinha delles, mandou tres navios á Jaoa, de que eram Capitães João Moreno, Franciſco Lopes Bulhão, e Gonçalo Alvares, e não foram á coſta de Pam, donde Malaca ás

[a] Dec. 3. liv. 10. cap. 6.

ás vezes ſe provia, porque eſtava de guerra com os Portuguezes por cauſa da morte de D. Sancho Henriques [a], e do damno que por eſſa razão lhe fez Martim Affonſo de Souſa [b].

Neſte tempo Jorge Cabral, que partíra de Cochij para as Ilhas de Maldiva, ſendo já Lopo Vaz de Sampaio Governador, e trazia duas fuſtas, hum catur, e huma caravella, (na qual hia hum Ruy Martins cavalleiro da caſa d'ElRey para ficar alli por Feitor,) entregou os navios a Gomes de Souto-maior, que hia em huma das fuſtas por Sota-Capitão, e elle ſe foi na outra caminho de Malaca dar novas a Pero Maſcarenhas da ſua ſucceſsão, para ver ſe de alviceras podia alcançar a capitanía de Malaca. E como na felicidade acham os homens muitos amigos, trás elle foi Duarte Coelho com recado de Affonſo Mexia, e dahi a poucos dias Antonio da Silva de Menezes, que lhe levava a carta da governança, e os autos que ſobre iſſo eram feitos em Cochij. Com os quaes chegado Antonio da Silva a Malaca, o Alcaide mór, Feitor, e Officiaes della ſe foram á Igreja, e nella com ſua ſolemnidade deram juramento a Pero Maſ-

a *Da morte de D. Sancho Dec. 3. liv. 8. cap. 7.*

b *Era Martim Affonſo de Souſa filho de Manuel de Souſa, de quem trata* João de Barros *na 3. Dec. liv. 10. cap. 2.*

Mascarenhas de seu cargo, segundo costume; e com grandes mostras de prazer o houveram todos por Governador, e logo proveo de Capitão da fortaleza a Jorge Cabral por as qualidades de sua pessoa, e por a boa nova que lhe levou; e fez Secretario a Lançarote de Seixas, e Ouvidor geral a Simão Caeiro. Mas Aires da Cunha Capitão mór do mar se aggravou do provimento da fortaleza em Jorge Cabral por alviceras, e não nelle por justiça, pela qual dizia pertencerlhe per Regimento d'ElRey, de que o traslado estava na feitoria. Pero Mascarenhas porém se resolveo, que a Provisão se entendia quando o Capitão da fortaleza falecesse, do que Aires da Cunha ficou mui escandalizado. Duarte Coelho tambem houve seu quinhão das alviceras, que foi huma viagem para a China, que não houve effeito senão a capitanía mór do mar da Armada de Francisco de Sá, que hia para a Sunda, que dahi a poucos dias chegou da India, a qual capitanía vagára por D. Jorge Tello de Menezes, que partio de Cochij provído della em companhia de Francisco de Sá em hum galeão velho, em que levava todas as munições necessarias para se fazer a fortaleza em Sunda; e no primeiro tempo rijo que lhe deo no golfão de Ceilão, abrio o galeão, e se foi ao fundo com

mais

mais de sessenta homens, e D. Jorge escapou em hum batel com alguns quarenta, e se tornou á India.

E posto que a monção de Setembro não era vinda para Pero Mascarenhas se partir para a India, por não esperar a de Dezembro, e o inverno, que era mui tarde, quiz em Agosto ir esperar os Levantes aos Ilheos de Pulopuar; e estando surto nelles, lhe deo hum temporal tão rijo, que com os mastos quebrados do galeão em que hia, tornou arribar a Malaca, e por huma maré que se adiantou, hum navio que hia carregado de drogas para a India, escapou do temporal, e passou á India [a], onde deo nova como Pero Mascarenhas hia; e a causa de elle não partir na mesma maré, foi haver vista á sahida do porto de navios que vinham de Banda com Antonio de Brito Capitão que fora de Maluco, e tornou a entrar no porto por saber novas daquellas partes, de que havia mezes que as não tinha: e esta breve detença que então fez foi causa de arribar, e de tomar Bintam, quando o seu Rey tinha maiores esperanças de occupar Malaca. Porque do tempo de Jorge d'Alboquerque ficára mui desbaratada com as guerras, e fomes que nella houve, com que muitos merca-

do-

[a] *Este navio chegou á India no fim de Dezembro de 1526.*

dores a deixáram, e foram habitar a outras partes, e os ſenhores que tinham eſcravos lhes deram liberdade por os não poderem manter. Sobre eſta neceſſidade de fome, e da guerra paſſada era já morta muita gente da que Pero Maſcarenhas levou nas idas a Bintam, onde muitos acabáram de doença. Hia-ſe tambem Pero Maſcarenhas á India a governar, e Franciſco de Sá havia de ir fazer a fortaleza de Sunda, com que a Cidade de Malaca ficava ſó, e em poder de Jorge Cabral novo Capitão ſem cabedal para ſuſtentar a fortaleza ſem gente. Todas eſtas couſas eram manifeſtas a ElRey de Bintam per Mouros de Malaca, que de tudo lhe davam aviſo; e como todas eram em ſeu favor, determinou de ſe aproveitar da occaſião, e vir tomar Malaca, pondo niſſo todas ſuas forças, e de ſeus amigos. Para o que mandou requerer todos ſeus parentes, e alliados que o ſoccorreſſem com gente quando foſſe tempo, e com mantimentos por ſeu dinheiro, e que a Malaca os denegaſſem, porque per fome, e ferro lhe queria fazer guerra té ganhar o ſeu que tinha perdido.

A eſtes penſamentos atalhou Deos Noſſo Senhor com o eſtorvo que deo á partida de Pero Maſcarenhas, o qual ſabendo que não podia já partir para a India menos que no fim de Dezembro, ou entrada de Janeiro,

e que

e que deixava aquella Cidade em perigo manifesto, senão destruisse a Bintam antes da sua partida, chamou a conselho todos aquelles Capitães, e Fidalgos que alli estavam, e manifestando-lhes o perigo de Malaca, e que o remedio delle era a ruina de Bintam, lhes disse, que elle determinava commetter aquella empreza, da qual tinha por certo tornar com vitoria, porque para isso entendia haver Deos estorvado a sua ida á India, e juntado naquella occasião tantos Fidalgos, e Capitães, e valentes soldados. Approváram todos a determinação de Pero Mascarenhas, o qual para que o Rey de Bintam não se apercebesse mais do que estava fortalecido, usou desta cautela. Como era público que Francisco de Sá estava ordenado para ir a Sunda, e elle estava doente, deo Pero Mascarenhas cuidado a Duarte Coelho, que aprestasse as cousas da Armada para Bintam; com voz que as fazia para a Sunda, por elle estar declarado que havia de ir com Francisco de Sá servir de Capitão mór do mar. Esta estratagema, e ardil foi mui proveitoso, porque em quanto Duarte Coelho apercebeo aquella Armada, sempre os Mouros tiveram para si ser para a Sunda.

Provídas todas as cousas para a jornada, embarcou-se Pero Mascarenhas em hum galeão, de que era Capitão Alvaro de Brito;

e das

e das outras vélas, que eram vinte, em que entravam seis que haviam de ir a Sunda, eram Capitães Aires da Cunha, Alvaro da Cunha seu irmão, Antonio da Silva, Antonio de Brito, D. Jorge de Menezes, Francisco de Sá, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, Tristão Teixeira, João Rodrigues, Pereira Passaro, Francisco de Vasconcellos, Jordão Jorge, Francisco Jorge, e Fernão Serrão de Evora, todos estes hiam em navios Portuguezes: as outras embarcações eram lancharas da terra, e nellas hiam por Capitães Jorge de Alvarenga, Diogo de Ornellas, João Estevens, Vasco Lourenço, Fernão Pires, e Gaspar Luiz. Nesta frota hiam té quatrocentos soldados Portuguezes, em que entravam muitos Fidalgos, além dos Capitães, e outra gente nobre. Os Malaios da terra, e vassallos da Cidade seriam seiscentos, de que eram Capitães dous Mouros principaes, Tuam Mafamede, e Sinaia Raxa. Com esta Armada, e gente partio Pero Mascarenhas hum Domingo 23 dias de Outubro daquelle anno de 1526.

CAPITULO X.

Como Pero Maſcarenhas chegou ao porto da Ilha de Bintam, e desbaratou huma Armada d'ElRey de Pam; e do conſelho que teve per onde accommetteria a entrada da Cidade.

SEndo todo o caminho de Malaca a Bintam cheio de ilhetas, reſtingas, e baixos de muito perigo, chegou Pero Maſcarenhas ao porto de Bintam com grande trabalho, e riſco; e ſurgindo, mandou ſondar a barra do rio para ver ſe poderia ſubir per elle acima com os navios pequenos que levava. Foi Duarte Coelho a fazer eſta ſonda; e tornando, deo-lhe menos eſperanças da ſubida dos navios das que elle levava de Malaca. Porque depois que Jorge d'Alboquerque voltou de Bintam, mandou ElRey metter no rio mais eſtacas, e tão retorcidas, que não podiam entrar em aquelle canal ſenão algumas pequenas lancharas; e porque levar a gente nellas té á ponte, que eſtava na Cidade, onde Pero Maſcarenhas ſe queria ver, era offerecer a gente á morte mui certa, aſſentou per conſelho dos que alli foram com Jorge d'Alboquerque de mandar arrancar as eſtacas, e deſpejar o caminho, e aſſi ſe fez; para a qual obra nomeou a Fernão Serrão, que

que era Capitão de hum navio, por ser bom cavalleiro, e homem industrioso, e deo-lhe cincoenta homens escolhidos, e despachados para aquelle mister. Começando Fernão Serrão esta obra, foram tantos os tiros sobre elle da artilheria que estàva assentada na terra, principalmente nos cotovellos della, que senão foram as grandes arrombadas que o navio levava, fora mettido no fundo. Foi esta arrancada das estacas hum trabalho tão grande, que bastava para matar os homens, quanto mais os pelouros da artilheria; porque como as estacas foram alli mettidas com força de masso, e sobre ellas cresceo a vasa, assi se unio com os páos, que parecia terem creado raizes; tão firmes estavam, pelo que á força de cabrestantes se buliam, e arrancavam, pondo os homens nisso tanto trabalho que cospiam sangue.

Sobre este trabalho lhe recresceo outro, que os metteo em maior revolta, e foi o soccorro que ElRey de Pam genro d'ElRey de Bintam lhe mandava, assi de gente, como de mantimentos, em trinta lancharas, que faziam grande apparato, e mostra ao mar; e posto que Pero Mascarenhas já tinha noticia desta Armada que ElRey de Bintam tinha mandado pedir, e não o sobresaltou a vista della, todavia fez em todos grande alteração, de mais de verem tamanha

nha frota, recearem que chegada ella ao porto, ſahiſſe de dentro do rio Lacxemena, e os metteſſe em maior trabalho. E aſſi antes que ſe chegaſſe mais, mandou Pero Maſcarenhas a Duarte Coelho que lhe ſahiſſe com algumas vélas ao encontro; porque Aires da Cunha, que era Capitão mór do mar, tinha engeitado o cargo por as paixões paſſadas com Pero Maſcarenhas ſobre a capitanía de Malaca que lhe não deo. Porém quando vio a revolta que hia na viſta daquellas lancharas, elle com ſeus irmãos Alvaro da Cunha, Franciſco da Cunha, e alguns parentes, e amigos, que ſe lhe chegáram, ſe foi a Pero Maſcarenhas, dizendo: *Senhor, que mandais que faça por ſerviço d'ElRey, que para iſſo não negarei minha peſſoa?* Ao que Pero Maſcarenhas reſpondeo: *Acudí, ſenhor, ao encontro daquelles navios que vedes*; o que Aires da Cunha logo fez, mandando Pero Maſcarenhas alguns navios que o acompanhaſſem, e ficou daquella parte deſcançado, vendo que Aires da Cunha ſe offerecia, e com elle hiam ſeus irmãos, e peſſoas, que do caſo haviam de dar boa conta. Os Mouros quando víram Duarte Coelho que ſahia da Armada de Pero Maſcarenhas, não fizeram delle conta, porque levava ſómente quatro, ou cinco navios; mas quando lhes appareceo Aires da

Cu-

Cunha, imaginando ſer ardil de guerra, cà-commetterem-nos eſpalhados, e começáram a redemuinhar; e a maior parte delles, que a Duarte Coelho que hia diante já começavam a varejar com a artilheria, foram-ſe retirando para huma Ilha que alli eſtava perto com fundamento de ſe ſalvar em terra, e aſſi o fizeram. Finalmente a ſua vinda parou em muitos delles ſerem tomados no mar, e muitos naquella Ilha, e outros deixando os navios ſalváram ſuas peſſoas, a que ajudou ſer perto da noite, por razão da qual Duarte Coelho, e Aires da Cunha os deixáram de perſeguir, e contentáram-ſe com lhe ficarem na mão mais de doze lancharas com quanta artilheria, e mantimentos traziam.

Havida eſta vitoria, que Pero Maſcarenhas tomou por certo ſinal da outra que eſperava da tomada da Cidade, dobrou mais gente para revezar com outra freſca o arrancar das eſtacas, que ainda com toda eſta dobrada diligencia durou o trabalho mais de doze dias, ſendo já neſte tempo o navio de Fernão Serrão tão esfuracado da artilheria, e tão cheio de aguâ, que era outro novo trabalho eſgotalla porque ſe não foſſe ao fundo. Todavia elle acabou ſua obra, e foi-ſe pôr muito perto da ponte, a qual ordenada para ſerventia, e defensão da Cida-

de,

de, eſtava armada ſobre groſſos maſtos de páo barbuſano, que por ſer forte, e rijo lhe chamam páo ferro. A Cidade ficava ſituada á mão direita da ponte [a], apartada della pouco mais de mil paſſos, toda cercada de madeira groſſa, com eſtacada dobrada, e tão alta como hum muro feito a dentes de ſerra, que ficavam ſendo travézes huns dos outros, defendidos com muita artilheria. E para defensão de huma praça que ficava entre a Cidade, e o rio, e ſervia para a embarcação, e deſembarcação, havia hum baluarte terraplenado, e nelle aſſentadas muitas peças de artilheria. Na outra parte da ponte, aſſi da banda debaixo té a foz do rio, como acima della, tudo era hum eſpeſſo arvoredo de mangues, arvores que ſe criam n'gua ſalgada, ſem haver outra ſerventia, nem caminho, por tudo ſer alagadiço, perque ſe não ſerviam. E com tudo no fim deſta ponte, (ainda que com eſte arvoredo de mangues abaixo, e acima eſtava ſegura deſta mão eſquerda, fronteira á outra direita, em que ElRey tinha poſta a maior defensão,) eſtava feito outro baluarte daquella madeira forte com muita artilheria, e por Capitão deſta eſtancia hum Mouro por nome Tuam Raja, bom caval-

[a] *O ſitio da Ilha, e Cidade de Bintam deſcreveo* João de Barros *na* 3. *Dec. liv.* 5. *cap.* 4.

leiro, com gente que elle eſcolheo á ſua vontade. Da outra banda da Cidade, que era a direita, em que os Mouros outro ſi tinham poſta ſua defensão, além dos Capitães que eſtavam repartidos pelos lanços do muro que diſſemos, ficava de fóra Lacxemena, como Capitão do mar, por alli ter ſuas lancharas, com que eſperava pelejar havendo diſſo neceſſidade. E aſſi o fez; porque tanto que Fernão Serrão acabou ſua obra, e com grande grita, e prazer chegou á ponte, ficando de maré chea, como hum baluarte ſobre ella, accommetteo Lacxemena o navio, e pelejando os Mouros animoſamente com cuſto de muito ſangue dos noſſos, e derribando a Fernão Serrão quaſi por morto, houveram de ficar ſenhores do navio. Mas a eſta preſſa acudio Pero Maſcarenhas em as mais pequenas embarcações que tinha, por cauſa da artilheria que eſtava nos cotovellos de terra das torceduras do rio, e fez tal eſtrago em os Mouros, que deſpejáram o navio, e Lacxemena ſe tornou a recolher. Aconteceo que neſte recontro hum eſcravo moço, e Chriſtão de hum Portuguez que eſtava cativo, tendo tempo, eſcapou, e veio dar nova a Pero Maſcarenhas do eſtado das couſas d'ElRey, e como eſtava fortalecido; e per o meſmo modo tambem hum Portuguez cativo, prezo com huma groſſa braga, ante

te manhã mettido bem na vaſa por chegar ao navio de Fernão Serrão, começou a bradar, e pelos noſſos foi dalli tirado, e levado a Pero Maſcarenhas, a quem contou tudo o que paſſava entre os Mouros.

Vendo pois Pero Maſcarenhas per ſua propria peſſoa a fortificação que os Mouros tinham poſta naquella parte da mão direita, onde a Cidade eſtava, como em lugar de maior ſuſpeita, por razão da praça, e ſerventia; e conſiderando tambem a outra parte da ponte onde eſtava o baluarte, e o grande arvoredo que havia ao longo do rio té ir dar nella; diſto que reconheceo, e notáram os que com elle foram, tirou o conſelho do que havia de fazer, e foi mandar logo aquella noite ordenar na praia, na face do terreiro, que era ſerventia da Cidade, hum repairo de pipas cheias de terra, guarnecido com alguns falcões, e guardado com os Malaios que vinham naquella Armada, Capitães Tuam Mafamede, e Sinaia Raja, com alguns Portuguezes que os governaſſem, aos quaes elle deſcubrio os ſinaes que haviam de fazer, e aos que haviam de reſponder, porque ſua tenção era accommetter a entrada da Cidade per outra parte, e dar a entender ao inimigo com aquella prevenção que por alli a queria entrar; e a eſte fim mandou pôr naquella parte os Malaios, que

como gente menos fiel não lhe ferviam de mais que de moftra do que elle não queria fazer. E por onde determinava que foffe a entrada da Cidade, menos fufpeitofa a ElRey, e mais trabalhofa aos noffos, por a grande afpereza do caminho, era pela mão efquerda per entre os mangues, té ir dar no baluarte da ponte. Vinda a noite, deixando os navios grandes provídos de gente, e em os de remo leves embarcando outra, os repartio em duas efquadras, huma deixou ao meio do rio, para que fe ajuntaffe com os Malaios, e a outra que foffe demandar o navio de Fernão Serrão, que correo rifco de fer perdido por os Mouros lhe virem cortar as amarras, o que fentindo os noffos que vigiavam, lançáram outras guarnecidas com cadeias de ferro, que fe não podiam cortar.

CAPITULO XI.

Como Pero Mafcarenhas commetteo, e deftruio a Cidade de Bintam com morte de muitos Mouros, e fugida d'ElRey.

DAda efta ordem, fahio logo Pero Mafcarenhas em terra abaixo da ponte efpaço de huma legua, e com guias que levava diante começou a caminhar per entre os mangues, e accommetteo hum trabalho in-

incrivel, e hum feito, que em outro Capitão, que não tivera o animo, e valor de Pero Mascarenhas, se podia chamar temerario, e inconsiderado, vista a pouca noticia que elle tinha daquelle lugar, e as circumstancias delle, e do tempo; porque o tempo era de noite escura, o caminho entre arvores, cuja espessura fazia a noite mais escura; e ora pela vasa, ora per cima de grandes raizes, que estas arvores criam do meio do tronco para baixo, ordenadas de maneira que per cima dellas se não póde andar em pé, e tudo tão intricado com ellas, que para de dia era este caminho em estremo trabalhoso, quanto mais pelo escuro da noite. Com estes trabalhos cansados, e enlameados os nossos, chegáram ao baluarte da ponte, antes que a alva rompesse; e como os Mouros da vigia da noite estavam cansados, e descuidados de serem accommettidos por aquelle lugar, quasi não sentíram os nossos, senão quando deram *Sant-Iago* nelles, e as trombetas fizeram sinal aos que estavam com Fernão Serrão, e com os Malaios na estancia das pipas, e todos arremettêram com tão espantosa grita, que os Mouros não atinavam aonde haviam de acudir; e por ouvirem maior ruido de vozes na estancia dos Malaios, por ser de maior número de gente, e haver nella trombetas para enlearem mais

os

os inimigos, acudíram elles alli primeiro que a outra parte; e como tinham esta por mais principal estancia, parecendo-lhes que por ella os havia de accommetter Pero Mascarenhas, e estava nella Lacximena, ajuntou-se alli a maior parte dos Mouros, mas não se sabiam determinar, porque ainda a luz do dia não dava muita claridade. Fernão Serrão, como lhe estava encommendado, com panellas de polvora poz o fogo a hum baluarte pegado com a ponte, de que os Mouros com temor se afastáram. Já a este tempo a parte que Pero Mascarenhas accommetteo era entrada, e o primeiro que subio por aquelle baluarte foi Aires da Cunha com seus irmãos Alvaro da Cunha, e Francisco da Cunha, e João Pacheco, aos quaes os Mouros resistíram valerosamente; e Aires da Cunha logo ahi houve o retorno do ferro com que matou o primeiro que se lhe defendeo, porque quando subio lhe mettêram hum zarguncho per entre as pernas, de que depois trouxe muito tempo a ferida aberta, e manquejou. Por a mesma parte per onde Aires da Cunha entrou, foi aberto hum postigo que fechava a ponte sobre si, ao qual acudíram muitos dos nossos, e entrando per elle, começáram encaminhar pela ponte adiante té irem entrar na Cidade, que já andava posta em gran-
de

de revolta, attonitos, e confuſos os Mouros, ſem ſaberem a que parte haviam de acudir.

ElRey ficou tão cortado, quando ſoube que a Cidade era entrada, que não ouſando eſperar a furia da vitoria, houve á mão hum elefante, e ſem eſperar outra couſa quiz ſalvar ſua peſſoa, e metteo-ſe pelo mato ao interior da Ilha; e para mais trabalho ſeu, entendendo da gente que o acompanhava, que alguns dos noſſos o ſeguiam, com temor ſe deſceo do elefante, e ſe embrenhou na eſpeſſura do mato, indo alguns Portuguezes no ſeu alcance té ſe embrenhar. E cuidando Pero Maſcarenhas que o tinha nas ſuas caſas, com o maior corpo da gente que o ſeguia, foi direito a ellas; e hum dos Capitães d'ElRey, per nome Laxa Raja, que eſtava em guarda de outra parte principal da Cidade, por lhe darem rebate que era entrada pela ponte, acudio tambem ás caſas d'ElRey, não ſabendo que era fugido, e veio-ſe a encontrar nellas com Pero Maſcarenhas, onde pelejáram os Mouros mui esforçadamente, em quanto não ſouberam que ElRey era partido; mas depois que lhes chegou eſta nova, não ſómente Laxa Raja, que primeiro o ſoube, já ferido de duas eſpingardadas, mas todos os outros a quem melhor ſalvaria a vida, en-

tre-

tregáram a Cidade á vontade dos noſſos vitorioſos. [a]

Antes que foſſe mettida a ſaco, tres mercadores eſtrangeiros, que nella tinham muita fazenda, ſe vieram a Pero Maſcarenhas, pedindo-lhe que delles houveſſe compaixão, por não ſerem naturaes da terra; o que elle concedeo com condição, que lhe deſſem os mantimentos que houveſſem miſter os dias que alli eſtiveſſem, como fizeram. Depois que a Cidade foi ſaqueada, puzeram-lhe o fogo. Houve nella grande deſpojo, em que entráram perto de trezentas peças de artilheria, das quaes muitas foram noſſas, havidas per os navios das Armadas que eſte Rey trazia contra nós. O qual vendo-ſe desbaratado, furtadamente ſe paſſou á terra firme de Malaca, a hum lugar chamado Ujantana, onde dahi a poucos dias com o trabalho do caminho, e nojo da ſua ultima perdição acabou a vida; mas ficoulhe hum filho por nome Alaudim, que tambem ſeguio eſta guerra contra nós, como adiante diremos [b]. Acabado eſte feito, que foi

a Havia na Cidade para ſua defensão mais de ſete mil homens de peleja, dos quaes morrêram mais de quatrocentos, ſem os muitos feridos, e ſe cativárão dous mil: e dos Portuguezes morrêram dous, ou tres. Diogo do Couto *liv. 2. Cap. 3.*

b Antes que Pero Maſcarenhas partiſſe de Bintam, veio alli ter o ſenhor que fora daquella Ilha, a quem o Rey morto a tomou, e pedio a Pero Maſcarenhas que lha reſ-

foi o mais honrado de quantos naquellas partes se fizeram, porque Francisco de Sá havia de fazer sua viagem para Sunda, Pero Mascarenhas o despedio dalli, e elle se tornou para Malaca com honra, e triunfo de tão gloriosa vitoria.

CAPITULO XII.

Da descripção de Sunda, e costumes de seus habitadores: e em que lugares da India ha pimenta para carregação.

ANtes que tratemos do successo da jornada de Francisco de Sá, he necessario contar a causa della; e como esta depende da amizade, e paz, que Henrique Leme per ordem de Jorge d'Alboquerque, Capitão que foi de Malaca, assentou com ElRey de Sunda, por razão da pimenta que ha naquelle Reyno; convem primeiro dar noticia da viagem de Henrique Leme, ainda que na conta dos annos tornemos hum pouco atrás do tempo de que ao presente tratamos; e porque o Reyno de Sunda he hum dos da Ilha da Jaüa, será necessario pre-

tituisse, e elle lha deo com condição, que ficasse vassallo d'ElRey de Portugal, e que não faria fortaleza naquella Ilha, nem traria Armada no mar. Veio tambem ElRey de Linga grande amigo dos Portuguezes, que vinha em seu soccorro com dezoito lancharas, e foi mui bem recebido de Pero Mascarenhas. Diogo do Couto *liv. 2. cap. 3.*

preceder a tudo a deſcripção deſta Ilha, e Reyno, para ſe melhor entender o que ſobre elle hemos de dizer.

Da terra da Jaüa fazemos duas Ilhas, huma ante outra, cujo lançamento he de Ponente para Oriente, quaſi ambas em hum parallelo, em altura de ſete té oito gráos da parte da linha Equinoccial para o Sul. No comprimento deſtas Ilhas, ſegundo os mareantes daquelle Oriente as aſſentam em ſuas cartas, haverá diſtancia pouco mais, ou menos de cento e oitenta leguas, não ſendo na verdade tantas, como moſtraremos na noſſa Geografia univerſal. Os meſmos Jáos não fazem da Jaüa duas Ilhas, ſenão huma de todo aquelle comprimento. E para o Ponente, onde ella vem avizinhar com a Ilha Çamatra, fica entre ambas hum canal de dez té doze leguas de largura [a], pelo qual ſe navegava todo aquelle Oriente com o Occidente da India, antes que Malaca ſe fundaſſe, como já temos eſcrito. Eſta Jaüa aſſi como vai em comprimento, leva pelo meio huma corda de ſerranias mui altas, que ſerão da coſta do mar da parte que tem a face ao Norte té o mais interior da terra vinte e cinco leguas, e dellas para

o Sul

a Eſte canal, que ſe chama o Boqueirão da Sunda, tem no mais largo vinte e cinco leguas, e no mais eſtreito ſeis: e na ſahida delle da parte de Levante fica a Ilha Macar, que ſe affirma ter muito ouro.

o Sul os meſmos naturaes da terra não ſabem o que vai, ſómente dizem ter noticia, que deſtas ſerras té o mar do Sul haverá outro tanto. Quaſi no terço do comprimento deſta Ilha, na parte Occidental, eſtá Sunda, de que havemos de tratar, a qual parte de terra os ſeus naturaes tem ſer Ilha apartada da Jaüa per hum rio pouco ſabido dos noſſos navegantes, a que elles chamam Chiamo, ou Chenano, que córta do mar todo aquelle terço de terra de maneira, que quando aquelles naturaes dam a demarcação da Jaüa, dizem que a parte do Ponente confina com a Ilha de Sunda, e ſe aparta della por eſte rio Chiamo, e da parte do Oriente com a Ilha Bale, e que do Norte tem a Ilha Madura, e do Sul mar não deſcuberto, porque tem elles para ſi que quem ſahe per eſtes canàes contra aquelle mar do Sul, eſgarra com as grandes correntes, e não póde mais tornar, e por iſſo o não navegam ao modo que fazem os Mouros na coſta da Cafraria té Çofala, que não paſſam o Cabo das correntes por as grandes que aquelle mar tem. Os moradores de Sunda em abonação da ſua terra, gloriando-ſe ſer melhor que a Jaüa, dizem, que Deos ordenou aſſi eſta divisão entre eſtas duas terras per aquelle rio Chiamo; e logo per elle meſmo o quiz moſtrar nas arvores que naſ-

naſcem ao longo delle, porque tendo as raizes na ſua margem, lançam as ramas, e fruto para dentro de ſi, deixando o rio deſaſſombrado deſte arvoredo; a qual cauſa ſendo conforme á razão natural, elles a attribuem a myſterio, por carecerem dos principios da Filoſofia, porque todas as couſas naturalmente são tão amigas de ſua propria conſervação, e fogem tanto das que lhe podem ſer perjudiciaes, que por fugirem aquellas arvores aos ventos, que correm com grande impeto pela madre daquelle rio, ſe inclinam a outra parte, como quem lhes foge, o que he couſa mui nota aos bons mareantes, que da inclinação das arvores, que eſtam ao longo do mar, conhecem que vento curſa naquella coſta o mais do anno. E tornando á repartição que os naturaes daquellas partes de Sunda fazem, elles a apartam per aquelle rio Chiamo que diſſemos, o qual por não ſer dos noſſos navegantes mui ſabido, fazem de Sunda, e Jaüa huma Ilha; e deixando as couſas da Jaüa para a noſſa Geografia univerſal, pois a Sunda nos trouxe a eſta deſcripção de terras, fallaremos hum pouco della [a].

Eſ-

a A Ilha da Jaua he dividida em muitos Reynos pelo maritimo Septentrional della; e dos que ſe tem noticia, começando da ſua parte Oriental, são Paneruca, Ovalle, Agaſai, Paniam, (cujo Rey reſide no ſertão, e tem ſuperioridade ſobre os Reynos referidos, e outros,) Bero-

Esta Ilha de Sunda he terra mais montuosa por dentro que a Jaüa, tem seis portos de mar notaveis, Chiamo que he o estremo da Ilha, Xacatara por outro nome Caravam, Tangaram, Cheguide, Pondang, e Bintam [a], que são de grande trafego, por razão do commercio que se aqui vem fazer, assi da Jaüa, como de Malaca, e Ça-

dam, Sodaio, Tubam, Cajoam, Japara, (a Cidade principal deste Reyno se chama Cherinhamá, tres leguas apartadas do mar: e á borda delle fica a de Japara,) Damo, Margam, e Matarom. Nas serras desta Ilha vivem muitos senhores que se chamam Gunos, gente salvagem, e que come carne humana. Os seus primeiros povoadores foram Siames, que cerca do anno de 800 partindo de Siam em hum junco para a Ilha de Macaçar, esgarráram com hum temporal, e se perdêram na Ilha de Bale, e na champana do Junco vieram ter á Jaua té então não descuberta, a qual por sua grossura, e fertilidade veio logo povoar Passará filho d'ElRey de Siam, e em hum bom porto della fundou a Cidade Passarvam do seu nome, que foi a primeira povoação desta Ilha. São os Jáos soberbos, valentes, e atreiçoados, tão vingativos, que por qualquer pequena offensa, (tendo elles pola maior de todas pôrem-lhes a mão na testa,) se fazem amoucos para se satisfazerem della: exercitam muito a navegação per aquelle Arcipelago Oriental, e dizem que navegáram já pelo Oceano té a Ilha de S. Lourenço.

a A Cidade de Bintam, ou Banta, que fica no meio do Boqueirão de Sunda, está situada no meio de huma larga enseada, de ponta a ponta terá tres leguas: he limpa, de seis té duas braças de fundo: sahe nella hum rio, que divide a Cidade em duas, perque podem entrar juncos, e galés. A hum lado da Cidade ha huma fortaleza, cujo muro, que he de adobes, terá de largura sete palmos, e os seus baluartes são de madeira guarnecidos com boa artilheria.

e Çamatra. A principal Cidade que tem este Reyno se chama Daio, mettida hum pouco no sertão, a qual affirmam, que no tempo que foi áquella Ilha Henrique Leme, tinha cincoenta mil vizinhos, e no Reyno haveria cem mil homens de peleja; agora por a guerra que lhe fizeram os Mouros está tudo muito diminuido. A terra he em si muito grossa, ha nella ouro baixo de sete quilates, tem carne, e monteria de toda sorte, muitos mantimentos, e tamarindos, que aos naturaes servem de vinagre. A gente não he muito bellicosa, mas dada ás suas idolatrias, para o que tem grande número de templos; querem mal aos Mouros, e muito maior agora, depois que os conquistou hum Sangue de Pate de Dama. Podem aqui resgatar quatro, e cinco mil pessoas por cativos, por ser muito povo, e licito por lei sua, que o pai possa vender os filhos por qualquer leve necessidade. As mulheres tem bom parecer, e as nobres são mui castas, o que não são as do povo; tem Mosteiros de mulheres que guardam perpétua virgindade, por vaidade da honra mais, que por devoção. Os homens nobres quando não podem casar suas filhas á sua vontade, contra a sua dellas as mettem nestes Mosteiros. As casadas, quando lhes morrem seus maridos, hão de morrer

com

com elles por honra; e se temem a morte, então se mettem naquelles Mosteiros como religiosas. O Reyno se succede de pai a filho, e não o sobrinho filho de irmã ao tio, como usam os Malavares, e outro Gentio da India. Prezam-se de ter armas ricas, guarnecidas de ouro, e lavradas de tauxia, e assi douram os crises, e ferros de lança, e toda outra arma de ferro. Muitas outras cousas puderamos escrever desta terra, (que deixamos para a nossa Geografia, por não fazer ao proposito desta historia,) e de todas as que ella produz, a de maior importancia he a pimenta de que se colhe cada anno mais de trinta mil quintaes.

E porque os Reys de Portugal, além da conquista daquellas partes de Oriente, para sustentação della, tem o commercio das mercadorias, que a estes Reynos se trazem, parte fica sendo desta historia da India, com a occasião da pimenta de Sunda, tratar della, (como de especiaria mais principal,) e dos lugares donde vem. Dizemos por tanto, que das partes que os Portuguezes conquistáram na India, daquém, e dalém do Ganges, em seis partes sómente ha pimenta, que seja cousa notavel para carregação de náos. Na terra do Malavar a ha, muito neta, na parte Occidental da Ilha Çamatra, onde são os Reynos de Pacem,

e Pe-

e Pedir, na coſta de Malaca onde chamam Quedá, e na outra parte da meſma terra que tem o roſto para Levante quaſi oppoſta a eſta, e na terra da Jaüa, por nome Sunda. A pimenta daqui, e do Malavar he quaſi igual em pezo, groſſura, e ſabor, e neſtas duas partes ha maior quantidade que nas outras. E antes que entraſſemos na India, todas as terras Occidentaes do mar Parſeo para nós ſe proviam da que haviam do Malavar, e de Quedá, Çamatra, Sunda, e Patane, todo aquelle Oriente té a China. Mas antigamente quando os Chijs conquiſtáram a India, (como já em outra parte eſcrevemos,) no Malavar faziam ſuas carregações por dar ſahida a ſuas mercadorias que traziam do ſeu Oriente, por ſer mui vizinho á Perſia, e Arabia, e per as quaes Provincias tinham ſahida para o noſſo Occidente, e ainda hoje a Cochij, onde nós fazemos a carga, ficou eſte nome que lhe os Cohijs puzeram. Mas como com noſſa entrada na India todo o commercio, e navegação das eſpeciarias ſe mudou, os Mouros, que neſſe tempo eram ſenhores delle, o vieram a perder, por nós o defendermos com noſſas Armadas, com as quaes elles atormentados, deixando a coſta do Malavar, hiam aos Reynos de Pacem, e Pedir, onde além de pimenta achavam noz, maça, e cravo, que pela via de

Ma-

Malaca alli vinha ter, e outras mercadorias daquelle Oriente, e ſua navegação era per entre as Ilhas de Maldiva, vindo abocar o eſtreito de Méca, fugindo de noſſas Armadas. E alguns depois que os Portuguezes foram ſenhores do Reyno de Pacem, poſto que era comprida navegação, hiam per fóra da Ilha Çamatra ao porto de Sunda, onde achavam mais cópia de pimenta, e aſſi de outras drogas, por ſer todo aquelle Oriente navegado pelos Jáos, de cujas mãos elles haviam tudo.

E porque a ſuſtancia de Malaca eſtava no trato daquelle Oriente, por ſer huma feira a que o de lá, e o de cá concorre, e por odio noſſo os Jáos fugiam della, e buſcavam eſtoutras ſahidas, aſſi para a China, como para Cambaia, e eſtreito de Méca: como Jorge d'Alboquerque Capitão de Malaca tinha muita noticia deſte commercio da Sunda, determinou de o mandar tentar per Henrique Leme ſeu cunhado, por ſer Senhor delle hum Rey Gentio chamado Samiam, com o qual já tinha communicação da primeira vez que eſteve em Malaca em tempo de Affonſo d'Alboquerque.

CAPITULO XIII.

Como Henrique Leme partio de Malaca, e assentou paz com ElRey Samiam de Sunda, e metteo o padrão onde se havia de fazer huma fortaleza: e da jornada de Francisco de Sá, da qual não resultou effeito.

JOrge d'Alboquerque para o commercio que queria assentar com ElRey de Sunda, mandou armar hum navio o anno de 1522, de que foi por Capitão Henrique Leme, bem acompanhado de gente, e com algumas cousas de presente para aquelle Rey Samiam. Chegado ao seu porto [a], elle o recebeo com muito gazalhado; e como homem a que importava muito nossa amizade, assi para se ajudar de nós na guerra que tinha com os Mouros, como por causa do commercio, assentou logo com Henrique Leme, que mandasse ElRey de Portugal fazer alli huma fortaleza, e que lhe carregaria quantas náos quizesse de pimenta a troco de outras mercadorias, que a terra houvesse mister. E que demais lhe aprazia dar a ElRey D. João III. de Portugal cada anno desde o dia que começasse a fabrica da fortaleza, mil saccos de pimenta por boa amizade, e paz que com elle folgava ter, os quaes seriam dos cof-

a *Este porto, segundo* Diogo do Couto, *he o de Bintam.*

coſtumados em ſua terra, que era cada hum de quarenta e cinco arrateis dos noſſos, que montam trezentos e cincoenta e hum quintaes. De tudo o que ſe aſſentou entre ElRey, e Henrique Leme ſe fizeram duas eſcrituras a 21 de Agoſto do dito anno de 1522; huma, que a ElRey ficou na mão, e outra trouxe Henrique Leme, das quaes por noſſa parte foram teſtemunhas Fernão de Almeida Feitor da fazenda daquella viagem, Franciſqueanes Eſcrivão do ſeu cargo, Manuel Mendes, Sebaſtião do Rego, Franciſco Dias, João Coutinho, Gil Barboſa, e Thomé Pinto, que eram as principaes peſſoas do navio; e por parte d'ElRey Mandari Tadam, Tamungo Sangue de Pate, e Bengar Xabandar da terra. As quaes tres peſſoas, que eram as principaes do Reyno, mandou ElRey que foſſem moſtrar a Henrique Leme o lugar onde queria fazer a fortaleza, e aſſentaſſe hi o padrão por firmeza do que tinham concertado. O padrão com grande feſta, aſſi dos Portuguezes, como dos naturaes da terra, ſe metteo na barra do rio á mão direita da entrada delle em hum ſitio da terra, a que elles chamam Calapa, lugar mais conveniente que a Henrique Leme pareceo para a fortaleza; o qual padrão era dos coſtumados, que aſſentavam os Portuguezes nas terras que deſcubriam, toman-

 do

do poſſe dellas, como atrás eſcrevemos. Deſte auto tambem Henrique Leme tirou ſeu inſtrumento aſſinado pelas teſtemunhas referidas, que ElRey confirmou, e aſſinou. Acabadas eſtas couſas, e dados ſeus preſentes de parte a parte, Henrique Leme ſe partio para Malaca, e de Jorge d'Alboquerque foi bem recebido, o qual logo eſcreveo a ElRey na primeira Armada, que daquellas partes veio, dando-lhe conta de como tinha feita aquella obra ſem ſua licença, por entender quanto importava a ſeu ſerviço por bem de Malaca ter alli aquella fortaleza. Approvou ElRey o que fizera Jorge d'Alboquerque, e aſſi quando o Conde Almirante Viſo-Rey no anno 1524 partio deſte Reyno para a India, levava em regimento fazer logo eſta fortaleza, de que deo a capitanía a Franciſco de Sá, que foi com o meſmo Conde. Mas como o Viſo-Rey logo faleceo, D. Henrique de Menezes que lhe ſuccedeo, proveo a Franciſco de Sá da capitanía de Goa, e não houve tempo para elle partir; como Lopo Vaz de Sampaio entrou no governo, tirou-lhe a capitanía, aſſi para lhe dar ſahida a ir ſervir ſeu cargo, pois o de Capitão de Goa não era ſeu, como por ElRey de Portugal eſcrever a D. Henrique, que mandaſſe fazer a fortaleza de Sunda; pelo que Lopo Vaz lhe mandou apreſtar logo huma

Ar-

Armada de feis vélas, de que eram dous galeões, em hum dos quaes hia Francifco de Sá, e D. Jorge Tello de Menezes no outro, e Diogo de Sá em huma galé, Antonio de Sá em huma galeota, e Francifco Mendes de Vafconcellos em huma caravella, e Duarte Coelho em hum bargantim. Chegado Francifco de Sá a Malaca, foi a tempo que Pero Mafcarenhas eftava de caminho para Bintam; e indo com elle fe achou naquella empreza, e dalli o defpedio para Sunda, como atrás diffemos. Partido Francifco de Sá de Bintam, deo-lhe hum temporal, com que Duarte Coelho acertou de ir primeiro ao porto de Calapa, e alli fe lhe perdeo o bargantim da Armada, o qual foi dar á cofta, onde todos morrêram a mãos dos Mouros que eftavam em terra, os quaes havia poucos dias que eram fenhores della, por tomarem a Cidade áquelle Rey Gentio, que era amigo d'ElRey de Portugal, e lhe dera lugar para a fortaleza.

O Mouro que tomou a Cidade era homem de baixa forte, nome Faletehan natural da Ilha Çamatra do Reyno de Pacem. Efte em tempo de Jorge d'Alboquerque, quando fe tomou a Cidade de Pacem ao tyranno Geinal, e fe entregou ao Principe herdeiro [a], fe partio dalli em huma náo, que hia

[a] Decada 3. liv. 5. cap. 5.

hia para o eſtreito de Méca com eſpeciaria, e lá ſe deixou eſtar dous, ou tres annos aprendendo as couſas da ſeita de Mafamede para ſeu intento. Tornando a Pacem, achou noſſa fortaleza feita, e nella por Capitão D. André Henriques; e por a terra não eſtar então a propoſito para ſe ſemear a lei de Mafamede, por a vizinhança da fortaleza dos Portuguezes, ſe paſſou em hum navio á Cidade de Japara, onde com o nome de Caciz de Mafamede ſe metteo com o Rey, e com prégações o fez Mouro, e com ſua licença a muitos Gentios. Ficou eſte Rey tão contente da nova lei que tomára, que parecendo-lhe que niſſo ſervia a Deos, e gratificava a Falatehan o beneficio que lhe fizera, lhe deo huma irmã ſua por mulher; e elle como ſua tenção era converter muita gente á ſua ſeita, pedio a ElRey ſeu cunhado licença para ir a Bintam Cidade de Sunda a fazer eſta obra, onde foi recebido de hum homem principal da terra, que ſe converteo, e lhe deo commodidade que foſſe com a converſão adiante. Faletehan como vio a Cidade apparelhada para proſeguir ſeus intentos, e que o Rey da terra eſtava mettido pelo ſertão, mandou pedir a ElRey ſeu cunhado que lhe madaſſe ſua mulher, e alguma gente para ſua ajuda, o qual lhe mandou a mulher, e com ella dous mil homens

mens para o ajudarem no que lhe cumpriſſe. Quando aquelle homem principal que o agazalhou vio os dous mil Jáos, fello ſaber ao Rey da terra; mas Faletehan ſe houve com tanta induſtria, e aſſi trabalhou neſte negocio, que ficou ſenhor da Cidade, e da terra; e aſſi quando Franciſco de Sá chegou ao porto de Sunda, eſtava eſte tyranno Faletehan tão ſenhor, que lhe não conſentio fazer a fortaleza, antes lhe matou alguma gente, e o desbaratou de maneira, que tomando conſelho com os principaes da ſua Armada, viſto os inconvenientes, e o pouco aviamento que tinham para proſeguir a guerra, ſe tornou para Malaca. Donde deſpedio logo Franciſco de Mello [a] em huma caravella com cartas para o Governador, aviſando-o do ſucceſſo da ſua jornada, pedindo-lhe mais gente, e Armada para tornar a intentar a empreza. Franciſco de Mello fazendo ſua viagem, ſobre a barra de Achem vio huma náo ſurta á carga, e com conſelho dos companheiros a commetteo; e porque nella havia mais de trezentos Achens, e quarenta Rumes, não ſe atrevendo a abordalla, ſe puzeram á trinca, e com a artilheria a batêram, té que com hum camello que lhe tiráram ao longo da agua, a abríram, e cheia della ſe foi ao fundo. Os Achens, e Ru-

[a] Diogo do Couto *cap.* 1. *do liv.* 3.

e Rumes se lançáram ao mar para se salvarem, mas escapáram poucos; porque os Portuguezes raivosos da perda da náo, que estava cheia de fazendas, os matáram quasi todos, e seguindo sua viagem foram tarde tomar Cochij. Os quaes ora deixamos, por ser necessario darmos conta do que he feito em Maluco, do tempo em que D. Garcia Henriques entrou por Capitão, e assi continuaremos com a ordem que já dissemos que tinhamos em contar os feitos que se fizeram nestas partes de Malaca por diante.

CAPITULO XIV.

Como D. Garcia foi entregue da fortaleza de Ternate, e per morte d'ElRey Almançor tomou a Cidade de Tidore, e a destrüio.

TEndo Antonio de Brito entregue a Dom Garcia Henriques a fortaleza de Ternate, pela maneira que na terceira Decada dissemos[a], vindo a monção, elle se partio para Malaca a 12 de Janeiro do anno 1526, e foi surgir ao porto da Ilha de Bacham, e com a detença que hi fez em concertar o seu junco, a 5 de Fevereiro foi ter a Banda, e dahi partio a 13 de Julho, e chegou á Jaüa a 10 de Agosto ao porto de Pana-

[a] *Livro* 10. *cap.* 5.

naruca, onde achou João Moreno, e Gonçalo Alvares, e alguns vinte juncos de Malaca, que vinham de baixo da bandeira de Gonçalo Alvares, per hum Alvará de Pero Mascarenhas, que ao tempo da sua partida ainda estava em Malaca, e huns contra os outros estavam postos em armas. Antonio de Brito, (a quem elles tomavam por Capitão, e o não quiz acceitar, enfadado dos successos de Maluco,) atalhou a tudo, e os concertou que governassem ás semanas, com juramento de estarem por este pacto; e elle se partio, e foi á Cidade de Tagaçam, cujos moradores, que estavam de guerra com os Portuguezes, lhe haviam tomado hum junco de cravo, que elle tinha mandado diante a Malaca, e intentáram tomar o seu em que vinha; pelo que se partio logo daquella Cidade, tomando primeiro hum junco, que achou no porto carregado de mantimentos, e chegou a Malaca a tempo que Pero Mascarenhas dava á véla para ir governar a India; e por esperar que entrasse no porto Antonio de Brito para saber delle das cousas de Maluco, não partio aquella maré, com que não pode ir aquelle anno á India, como atrás dissemos.

D. Garcia Henriques ficava em Maluco com necessidade de gente, por a muita que Antonio de Brito lhe levára, e assi de fazen-

zenda para comprar mantimentos, e pagar á gente, perque lhe foi forçado mandar Martim Correa Capitão mór do mar a Banda tomar alguns juncos dos que ahi achasse de Malaca, o que podia fazer por esta Ilha ser da governança da sua capitanía. E partindo Martim Correa em Fevereiro, achou ainda Antonio de Brito naquella Ilha muito de vagar, fazendo carrega de maça, mui pacifico, por ser conhecido na terra do tempo que hi invernára. Dahi a poucos dias chegou de Malaca Manuel Falcão, que vinha com certos juncos per mandado de Pero Mascarenhas, e levava a Maluco o pagamento dos soldados, e com elle Fernão Baldaia, que hia por Escrivão da Feitoria daquella fortaleza, os quaes deram nova a Martim Correa, que por entre as Ilhas víram passar huma náo da feição das nossas; e receando Martim Correa ser náo de Castella, requereo a Antonio de Brito que lhe désse alguma gente, e a Manuel Falcão que fosse com elle. Partio Martim Correa de Banda a 8 de Maio, levando comsigo Manuel Falcão, e hum Gomes Aires criado do Mestre de Sant-Iago, e chegou a Maluco, onde achou duas cousas que o descontentáram, servir Manuel Lobo seu officio sem seu consentimento, e andar Cachil Daroez muito descontente, porque D. Garcia tinha feitas pazes com ElRey de

de Tidore, porque com a guerra era ſenhor, e eſtimado, e com a paz receava que por o não haverem miſter, a Rainha mãi d'ElRey, por ſer filha d'ElRey de Tidore, lhe ordenaria per algum modo a morte; e o meſmo receavam os Portuguezes, que poſtos eſtes dous Reys em liga, todos ſe levantaſſem contra elles, aſſi os de Ternate, como os de Tidore; e que Cachil Daroez por tornar á amizade d'ElRey Almançor de Tidore, e da Rainha de Ternate ſua filha, ſe ajuntaria com os Mouros deſtas duas Ilhas, e ſería tambem contra elles. Deſta ſuſpeita ſe víram logo ſinaes manifeſtos, porque Cachil Daroez tratava concertos com ElRey Almançor de Tidore, que lhe déſſe por mulher ſua filha, o que D. Garcia eſtorvava, e Cachil o ſentia muito; e em quanto andava deſcontente de D. Garcia, não puderam acabar com elle que tornaſſe a proſeguir a guerra.

Neſte meio tempo veio a falecer ElRey Almançor de Tidore, deixando muitos filhos, dos quaes o maior ſe chamava Cachil Rade, e os outros eram Cachil Cheire, Cachil Daroez, Cachil Abuçaſa, Cachil Rageale, e Cachil Duquo [a]. Eſte ſó era o herdeiro por ſer filho da Rainha Cachil Mir, e os outros de mancebas. O Cachil

[a] *Eſte chama* Diogo do Couto *Cachil Raxamira.*

chil Duquo era moço de dez annos, e tinha por ſeu Governador hum Mandarim chamado Libernhame, que era como Condeſtabre, ou Capitão da gente de guerra. Cachil Rade, que em idade ſe via maior, e não Rey, nem Governador, tinha deſavenças com ElRey Cachil Duquo, e queria mandar o Reyno. D. Garcia vendo-os deſavindos, deſejando de lhes mover guerra, mandou dizer a ElRey, que lhe mandaſſe toda a artilheria que os de Tidore tomáram a huma fuſta de Portuguezes, que pelas pazes que fizera com ſeu pai eſtava aſſentado que lha reſtituiſſem dentro de ſeis mezes, e por ſua morte ſe acabava o tempo. Os Tidores ſe eſcuſavam, dizendo, que ainda não tinham dado ſepultura a ElRey, nem era levantado o novo Rey, nem os ſeis mezes eram acabados, que lhes déſſe tempo para acabarem hum conſelho em que eſtavam, que logo ſatisfariam a D. Garcia. Fernão Baldaia tornou lá, dizendo, que naquella embarcação em que elle hia lhe mandaſſem logo a artilheria, e não lha entregando lhe apregoaſſe guerra, porque eſta lhe vinha então melhor que a paz, de que eſtava arrependido. Em quanto eſte recado foi, como quem em ſeu peito tinha aſſentado o que havia de fazer, ſe fez preſtes, e Cachil Daroez com a ſua gente; e na meſma noite que tor-

nou

nou com a reſpoſta Fernão Baldaia, foi Dom Garcia á Cidade de Tidore, (que de Ternate não diſta mais que huma pequena legua,) e deo nella per huma parte, ſendo encaminhado de Manuel Lobo que já lá eſtivera; e pela outra, que era mais defenſavel, entrou Martim Correa. Os Tidores vendo-ſe accommettidos tão de ſubito, e entrada ſua Cidade, e ſem Rey que os defendeſſe, puzeram-ſe em fugida, deixando a Cidade ſó entregue aos Portuguezes; os quaes recolhida a artilheria, puzeram fogo á povoação, que por ſer toda de madeira, e cuberta de ola, não tardou muito em ſe fazer em braſa; e aſſi a paz que ſe fez ſem bom conſelho, por outro não bom conſelho ſe desfez. Com eſta vitoria ſe tornáram os noſſos á fortaleza mui deſacreditados entre as gentes daquellas Ilhas, e em reputação de homens que não guardavam ſua fé, e aſſi no Reyno de Bacham, e em outros a que de antes hiam os não recolhiam, e defendiam todo commercio, e communicação.

CA-

CAPITULO XV.

Como D. Garcia ſoube que no porto da Cidade de Camafo d'ElRey de Tidore eſtava huma náo de Caſtella, e o que fez para a trazer á fortaleza de Ternate.

EStando D. Garcia com mais repouſo na fortaleza, depois que deſtruio a Cidade de Tidore, deram-lhe novas os Mouros de Ternate, que nas coſtas da grande Ilha Batochina, onde chamam o Moro, víram paſſar duas náos da feição das noſſas. E porque D. Garcia eſperava por D. Jorge de Menezes, que vinha por Capitão daquella fortaleza de Ternate, (o qual partíra de Malaca em Agoſto, e eſcorrêra de maneira que fora invernar nas Ilhas Papuas, que eſtam a Leſte de Ternate,) pareceo-lhe que feriam as náos ſuas. Tambem ſuſpeitou que poderiam ſer de Caſtelhanos, pelo que mandou lá Martim Correa em huma coracóra, e com elle Diogo da Guerra lingua para ſaber que náos eram. A nova que trouxe foi, que em Camafo [a] Cidade d'ElRey de Tidore inimigo dos Portuguezes, eſtava huma náo de Caſtella; mas que víram mais duas que não puderam tomar terra por o vento lhes não ſer-

a. *Eſtá Camafo na Maratoja, cujo ſangue era vaſſallo d'ElRey de Tidore.*

ſervir. Havida eſta nova, fez D. Garcia a Armada preſtes, e mandou por Capitão mór della Manuel Falcão em hum navio de Duarte de Rezende, em outro hia Franciſco de Caſtro, e em huma fuſta Diogo da Rocha, e Cachil Daroez com a Armada da terra. Chegados á náo, mandáram diante Franciſco de Caſtro, que ſervia de Ouvidor, com huma carta de D. Garcia para o Capitão da náo, e com offerecimentos, pedindo-lhe que vieſſe a Ternate; ao que elle reſpondeo com cortezia, e boas palavras. E vindo todos á véla, e ſendo tanto avante com huma ponta da Batochina, a tempo que ſe ajuntáram á viſta com os noſſos, ſobreveio hum chuveiro em conjunção, que a náo paſſou ſem ſer viſta, e foi ſeu caminho direito a Tidore, com Pilotos que trazia da terra, onde ſe recolheo, e mettêram a náo em huma calheta por eſtarem mais ſeguros; porque bem entendêram os Caſtelhanos com a viſta da noſſa Armada, que os não hia demandar com bom propoſito, e diſto ſe queixavam depois; mas D. Garcia ſe eſcuſava que era Armada, que ſempre trazia na Coſta em guarda da terra. Dahi a dez, ou doze dias veio a D. Garcia hum Caſtelhano, e ſobre a vinda, e eſtada deſtes novos hoſpedes houve grande referta, ſe veriam á fortaleza, e deixariam de comprar o cravo. Mas vendo

D.

D. Garcia que com elles não havia nenhuma conclusão, e que o cravo era per elles posto em grande preço, depois de despedido este mensageiro, com o parecer dos que com elle estavam, determinou de ir em pessoa ver se com boas palavras podia trazer comsigo a gente desta náo Castelhana. Era Capitão della hum Martim Inhiguez de Carquizano Biscainho, por morte de Fr. Garcia Jofre de Loaisa Cavalleiro da Ordem do Hospital de S. João, Capitão geral de huma Armada que partíra da Corunha o anno de 1525[a]. Mar-

[a] *Esta Armada mandou aprestar o Emperador Carlos V. para mandar ás Ilhas de Maluco, depois que sem resolução se desfez huma Junta de Juristas, Astronomos, e mareantes, entre Elvas, e Badajoz no anno de 1524 sobre a posse, e propriedade daquellas Ilhas. Era a Armada de seis navios, e hum patuxe, da qual foi per Capitão geral Fr. Garcia Jofre de Loaisa Cavalleiro da Ordem de S. João, natural de Ciudad Real. Das outras náos eram Capitães João Sebastião del Cano, (que voltou á Hespanha por Capitão da náo Vitoria, que foi a primeira que deo huma inteira volta ao Mundo,) Pedro de Vera, Dom Rodrigo da Cunha, D. Jorge Manrique, Francisco de Hozes, e Sant-Iago de Guevara. Partio esta Armada da Corunha em Julho de 1525, fez sua viagem pelo Estreito de Magalhães, a qual desembocou ao mar do Sul no fim de Maio de 1526, e de toda ella só a náo Capitaina chegou a Tidore o ultimo de Dezembro do mesmo anno com morte de muita gente, da qual foram os principaes o Geral Frei Garcia Jofre de Loaisa, João Sebastião del Cano, e Toribio Affonso de Salazar, que hum trás outro succedeo a Loaisa na Capitanía: e per morte de Salazar foi eleito Martim Inhiguez.* Antonio de Herrera *na Historia das Indias Dec. 3. liv. 7. e 9.*

Esta

Martim Inhiguez como entendeo a tenção de D. Garcia, que era pelejar com os Castelhanos, senão viessem para elle á sua fortaleza, se fez prestes para o que succedesse. Dava-lhe animo saber o pouco poder, e pouca gente que D. Garcia tinha, de que os da terra o informavam, como homens que dos Castelhanos esperavam mais proveito; assi por o maior preço que lhe davam pelo cravo, e mais drogas, como por as grandes promessas que lhes faziam de os livrarem, e vingarem dos Portuguezes; e assi a primeira cousa que os Castelhanos fizeram foi entopir a calheta, que lhe não pudessem tomar a náo, e fizeram de pedra, e barro huma casa, e hum baluarte da mesma materia, em que puzeram toda a sua artilheria.

D. Garcia vendo o estado em que se os Castelhanos punham, determinou de ir a elles, deixando Manuel Falcão por Capitão da fortaleza, e ordenou sua Armada, mandando que Diogo da Rocha Capitão da fusta levasse huma bombarda grossa para com ella poder entrar pela calheta, e Manuel Lo-

Esta Armada de Fr. Garcia de Loaisa aportou em huma Ilha em altura de trés gráos aquém da linha, á que puzeram nome S. Mattheus, na qual se víram sinaes de ser já povoada per Portuguezes havia oitenta e sete annos, segundo os letreiros abertos nos troncos das arvores: acháram nella larangeiras, e outras arvores de fruto; gallinhas no mato, e rastro de porcos. Antonio Galvão *nos descubrimentos das Antilhas, e India.*

bo em hum batel grande com hum camelo, e ſua manta, e Diogo Rodrigues de Azevedo em hum calaluz com huma eſpera. Na Armada de Cachil Daroez hia embarcado D. Garcia, e Martim Correa, e toda a gente com determinação, que D. Garcia em peſſoa requereſſe ao Capitão Caſtelhano, que ſe vieſſe á fortaleza, onde lhe ſería feita toda a cortezia, e que não quizeſſe eſtar em terra de ſeus inimigos, que pareceria ſer hum delles, e quando não quizeſſe, per armas o obrigaſſe a vir. Não houve lugar de Dom Garcia fazer eſte requerimento; porque os Caſtelhanos como ſentíram as noſſas embarcações, e que ſe chegavam ao recife que era a defensão da náo, diſparáram a ſua artilheria, com que matáram logo hum remeiro na fuſta de Diogo da Rocha, e lhe quebráram a cana do leme, ferindo o que a levava, e aſſi ſe começáram a esbombardear huns aos outros; e porque a artilheria dos Portuguezes fazia pouco damno aos Caſtelhanos, e á ſua náo, porque com o recife ſe não podia bem apontar, e da ſua eram os noſſos mui offendidos, depois de durar o combate quaſi tres horas, ſe afaſtou Dom Garcia, e per conſelho de Martim Correa foi dar em huma villa dos Mouros ſituada á borda da agua; mas ella eſtava tão apercebida, e defenſavel com ajuda dos Caſtelha-

lhanos, que primeiro que D. Garcia chegasse a pelejar, sahindo Martim Correa em terra com alguns vinte e cinco soldados, o ferîram per duas vezes com virotoens, e huma com hum quadrello que lhe deo em hum ouvido, de que ficou quasi morto, e per toda a sua vida surdo. E vendo D. Garcia o pouco que fazia, se tornou para a fortaleza, onde chegando foi certificado que a náo dos Castelhanos ficára tão aberta, assi por a larga viagem que tinha feito, como da artilheria dos Portuguezes, que se fora ao fundo; pelo que D. Garcia determinou não fazer mais guerra aos Castelhanos, porque bastava a do tempo, que os iria consumindo, e os faria vir á fortaleza, onde elle estava com desgosto, por lhe serem contrarios todos os moradores della, por o que elles perdiam no cravo que D. Garcia fazia para ElRey; e porque era chegada a monção para Malaca, despedio os que haviam de partir para lá, que foram Martim Correa, ainda enfermo da sua ferida, no junco de João Rodrigues, e Manuel Lobo em outro junco de D. Garcia, e Duarte de Rezende em hum navio pequeno que comprou por nome S. Pantalião.

Martim Correa [a] chegou a Malaca em

 tem-

[a] Francisco de Andrade *cap.* 35. *da* 2. *Part.* Diogo do Couto *cap.* 4. *do liv.* 3. *e* Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 63. *do liv.* 7.

tempo que os moradores de Lobú, (porto da Ilha de Çamatra, cujo Rey, e vassallos corriam com amizade com o Capitão de Malaca,) tinham tomado havia poucos dias huma galé, e morto Alvaro de Brito Capitão della, e setenta homens que levava, a qual mandára Jorge Cabral Capitão de Malaca a tomar satisfação da morte, que sem causa deram os mesmos Mouros a outros Portuguezes, que em hum navio foram tratar ao seu porto de Lobú: pelo que Jorge Cabral pedio a Martim Correa que quizesse ir vingar aquella affronta; e acceitando-o elle, com cento e vinte soldados, em algumas lancharas que se armáram, atravessou a outra costa de noite, e foi demandar o porto de Lobú, e de madrugada entráram pelo rio, e sem serem sentidos desembarcáram na Cidade, a qual queimáram, e com morte de seus moradores satisfizeram largamente o damno que alli os nossos recebêram, e deixando tudo assolado; e tomada a galé que estava no rio, com toda a sua artilheria, e outras muitas embarcações, e pondo fogo ás que estavam em estaleiro, se embarcáram para Malaca, onde com muita festa foram recebidos.

CA-

CAPITULO XVI.

Como D. Jorge de Menezes partio de Malaca para Maluco a servir de Capitão, e fez nova viagem pela Ilha de Borneo; e das differenças que teve com D. Garcia Henriques.

AS duas náos, que os Mouros de Ternate víram que não podiam tomar terra, e que D. Garcia suspeitava serem de Castelhanos, eram de D. Jorge de Menezes, ao qual por muitos, e assinalados serviços que fizera na India, (principalmente quando matáram Diogo Fernandes de Béja, e elle cubrio o seu corpo, e na entrada da cava de Calecut, onde o aleijáram da mão direita [a]) D. Henrique de Menezes o provêo da capitanía de Maluco; e porque antes da sua partida falecéo D. Henrique, confirmou a Provisão Lopo Vaz de Sampaio; e chegando D. Jorge a Malaca, achou Pero Mascarenhas, que estava já com nome de Governador da India, o qual pelas qualidades da pessoa de D. Jorge lhe passou Carta da confirmação da sua capitanía de melhor vontade. E querendo partir de Malaca a 22 de Agosto do anno 1526 com sessenta homens, e dous navios que trazia da India, em hum dos

a *Decada 3. liv. 6. cap. 9. e liv. 9. cap. 10.*

dos quaes hia elle, e no outro Balthazar Rapoſo que hia por Feitor, porque havia dous caminhos para Maluco, hum per via da Jaüa, e Banda, que he mais frequentado, mas mais comprido, e outro mais curto per via da Ilha de Borneo, que ainda não era deſcuberto, fez D. Jorge ſua viagem per Borneo, por Pero Maſcarenhas lho dar por regimento que foſſe per aquelle novo caminho para ſe ſaber, e ſe eſcuſar á detença que ſe fazia em Banda eſperando por as monções. E por ſer D. Jorge o primeiro Portuguez que per aquella parte navegou, diremos o decurſo da ſua viagem. [a]

Partindo D. Jorge de Malaca com Pilotos Mouros, que tinham noticia daquella carreira, indo coſteando, entrou pelo Eſtreito de Cingapúra, que he de largura de hum tiro de berço, e tão baixo, que em muitas partes não tem de fundo ſeis braças, e muitas reſtingas que entram humas per outras. Aqui achou que a terra fazia huns cotovellos de maneira, que era neceſſario ter

a *Diz* Diogo do Couto *Dec. 4. liv. 4. cap. 2. que o primeiro que intentou deſcubrir eſte caminho de Malaca a Maluco per Borneo, foi Antonio de Abreu no anno de 1523 per ordem de Antonio de Brito Capitão de Maluco, o qual Antonio de Abreu, depois de andar muitos dias perdido per entre aquellas Ilhas, tornou arribar a Maluco ſem acabar a viagem.*

ter grande tento para ſe navegar. Chegando a huma Ilha que chamam Pedrabranca, que he mui demandada dos Pilotos daquellas partes, fez ſua derrota á Ilha, que os da terra chamam Pulugaia, que quer dizer Ilha do Elefante, pela figura que moſtra em ſeu aſpecto. Daqui per outras muitas Ilhas, de que aquelle mar he muito ſujo, chegou á de Borneo, ao porto da Cidade, que eſtá em cinco gráos de altura da parte do Norte; e depois de mandar preſentes a ElRey, e ElRey a elle, fez ſeu caminho per entre muitas Ilhas, e reſtingas, que eſtam na paragem de Borneo em ſete gráos, couſa muito perigoſa, e que ſe não póde navegar ſenão de dia, com hum marinheiro na gavea vigiando os baixos, ſem ter mais noticia delles, que a que aſſinala a agua onde branqueja, chegou á Ilha de São Miguel, que os da terra chamam Caguahão, e paſſou á Ilha Mindanao, e foi per entre ella, e a Ilha Taguima, que he além deſte canal, onde ſe D. Jorge já havia por ſalvo do perigo delle. E como aqui os ventos, e as aguas em Outubro, e Fevereiro curſam muito contra Leſte, e os Pilotos não foſſem muito certos, eſcorrêram á Ilha do Moro, a que tambem chamam Batochina, ao longo da qual jazem as Ilhas de Maluco, fim da ſua jornada; e andando pela par-

parte do Norte para tomar esta Ilha do Moro, sem os ventos que vinham per cima della lhe darem lugar, foi visto per aquelles que de suas náos deram as novas a D. Garcia. Dahi foi discorrendo té ir ás Ilhas de huns póvos a que chamam Papuas [a], a que muitos por esta ida de D. Jorge chamam Ilhas de D. Jorge, que estam a Leste das Ilhas de Maluco distancia de duzentas leguas. Mas aquella onde elle invernou, que era de bom porto, se chama Versija, a qual está debaixo da linha Equinoccial. Vindo o tempo da monção, estas náos de D. Jorge se mettêram sempre debaixo da linha; porque por ella vinham a dar em Maluco, e chegáram a huma Ilha, que os da terra chamam Menufú, e á outra a que chamam Bufú, que está mais a Leste, á qual puzeram nome dos Grãos, por os muitos que nella acháram. Dalli vieram por a parte do Sul da Batochina á Cidade Onage, e passáram entre ella, e a Ilha da Garça, que he

a *Os Papuas, que em lingua dos naturaes quer dizer negros, porque o sam elles como os Cafres, com cabello revolto, de grandes, e crespas grenhas, sam magros, feios, rijos, e aturadores do trabalho, e mui habiles para toda maldade, e traição. Entre elles ha muitos surdos, e outros tão brancos, e louros como Alemães, os quaes vem mui pouco. Tem todas estas Ilhas Reys, e ha nellas ouro, do qual não tiram os Papuas mais que o que hão mister para joias.* Diogo do Couto *cap.* 3. *do liv.* 7.

he já do ſenhorio dos Reys de Maluco; e indo aſſi ao longo da Batochina, vendo todas as Ilhas do cravo, chegáram a Ternate ao derradeiro dia de Maio de 1527; de maneira, que puzeram de Malaca té Ternate oito mezes, e nove dias em diſtancia de quinhentas leguas que ha, indo per caminho direito, e com eſtas voltas, e rodeios andáram mais de mil; tão deficil, e trabalhoſa he aquella navegação.

Tanto que D. Jorge chegou, foi entregue da fortaleza de Ternate, e da terra, aſſi como eſtava de guerra, ſem D. Garcia niſſo ter dúvida, nem differenças; mas não tardou muito que a não tiveſſe, por Dom Garcia querer trazer de Maluco alguns officiaes da fortaleza, e não querer vir pela via de Borneo, como D. Jorge lhe notificára por parte de Pero Maſcarenhas, para ſe ſaber, e continuar aquella navegação: o que D. Garcia recuſava por o muito que ganhava vindo per Banda, (que era a carreira ordinaria,) onde pretendia carregar de nóz, e maça. E poſto que D. Jorge importunado, e deſobedecido de D. Garcia lhe veio a conceder que vieſſe per Banda, e deixaſſe a nova viagem de Borneo, não ſe ſatisfazia D. Garcia, porque ſempre ſe havia de ſaber que não viera pelo caminho que Pero Maſcarenhas, como Governador,

man-

mandava[a]. Não perdêram esta occasião os inquietos, que da discordia destes dous Fidalgos pretendiam interesse, porque assi a semeáram entre elles, que de altercações vieram a palavras injuriosas, e de palavras a obras, prendendo D. Jorge em ferros a D. Garcia; e depois de solto D. Garcia, e serem ambos reconciliados, per meio de máos

a *Não querendo* **D.** *Garcia fazer sua viagem per Borneo, parecendo a* **D.** *Jorge ser necessario avisar ao Capitão de Malaca das cousas succedidas em Ternate, e que se fizesse a viagem per Borneo, para se descubrir com particularidade aquelle novo caminho, mandou a este effeito em huma coracóra Vasco Lourenço, Diogo Cão, e Gonçalo Velloso, cavalleiros mui honrados, com ordem que em Borneo assentassem commercio com ElRey, a quem enviou hum presente: entre as peças delle havia hum panno de Raz, de figuras grandes, que representavam o casamento d'ElRey Henrique VIII. de Inglaterra com a Rainha Dona Catharina sua mulher. Chegáram estes Portuguezes a Borneo, onde acháram hum junco, de que era Capitão hum Affonso Pires: falláram a ElRey, de quem foram bem recebidos; e apresentando-lhe Vasco Lourenço as peças que lhe levava, abrindo-se o panno, vendo ElRey huma cousa tão desacostumada, suspeitando que aquellas figuras eram encantadas, que lhe queriam metter em casa, para de noite o matarem, e lhe tomarem o Reyno, mandou que logo lho tirassem dalli, e os Portuguezes se fossem do seu porto, que não queria na sua terra outro Rey senão elle. E posto que Affonso Pires, que era seu conhecido, e alguns Mouros procuráram tirar ElRey daquella imaginação, dizendo-lhe o que aquellas figuras significavam, não puderam. E assi Affonso Pires se tornou para Malaca, com quem foi Vasco Lourenço, e os seus companheiros voltáram na coracóra para Maluco.* Diogo do Couto *liv.* 4. *cap.* 2. *e* 4. *e* Francisco de Andrade 2. *Part. cap.* 32. *e* Fernão Lopez de Castanheda *cap.* 55. *do liv.* 7.

máos terceiros, e falsos conselheiros, Dom Garcia prendeo ao mesmo Capitão D. Jorge de Menezes, por tão má maneira, e tão deshonesto tratamento, como se fora hum vil malfeitor, sendo D. Jorge hum Fidalgo de grandes qualidades, e mui cavalleiro, que se estivera solto, e com armas, o não houveram de prender. Sobre esta prizão Simão de Vera Alcaide mór da fortaleza, e os amigos de D. Jorge se retiráram aonde chamam a terra alta, que he na mesma Ilha, e mandáram dizer a D. Garcia, que soltasse a Dom Jorge, senão que convocariam os Tidores, e os Castelhanos, e o iriam tirar da prizão. Com esta determinação foi assentado, que D. Jorge fosse solto debaixo destas condições: Que D. Jorge havia de dar a Dom Garcia o navio de Pero Botelho para sua embarcação, e havia de deixar ir o mesmo Pero Botelho com quantos estavam no navio; e que havia de dar licença que todos os que eram de parte de D. Garcia se fossem com elle, sem lhes embargar suas fazendas, e que se haviam de romper todos os autos, e devassas que eram tiradas, os quaes capitulos haviam jurar solemnemente Dom Jorge, e D. Garcia. E que depois de ido D. Garcia para Talangame com todos os que haviam de ir com elle, viria Simão de Vera, e os outros da facção de D. Jorge, e

o sol-

o ſoltariam. D. Garcia mandou diante ſeu fato, e os que o haviam de acompanhar; e primeiro que ſe partiſſe da fortaleza, fez encravar a artilheria, para que lhe não tiraſſem com ella [a]. Ido D. Garcia, entráram Simão de Vera, e ſeus companheiros, e ſoltáram a D. Jorge com muito prazer delles; mas não de D. Jorge que eſtava mui triſte, e ſentido da offenſa que ſe lhe fizera: polo que mandou logo ao Ouvidor que fizeſſe autos de tudo o que paſſára, e pedio inſtrumentos de como no tempo que eſtivera prezo ſe apoderáram os Caſtelhanos da Ilha de Maquiem, por não haver quem lha defendeſſe, no que ElRey de Portugal recebêra muita perda por haver nella muito cravo, e mandou fazer hum requerimento a Pero Botelho, que ſe foſſe á fortaleza, porque tinha muita neceſſidade do ſeu navio, por cauſa da guerra dos Caſtelhanos; mas deſte, e de outros requerimentos não fez caſo Pero Botelho, nem D. Garcia, os quaes ſe partíram para Malaca; e D. Jorge mandou fazer auto da deſobediencia de D. Garcia, havendo-o por alevantado, e aos que com elle hiam, e fez proteſtos como

mo

a *Deſtas differenças entre D. Jorge, e D. Garcia eſcrevem com particularidade* Franciſco de Andrade *nos cap.* 31. 32. 33. *e* 34. *da* 2. *Part.* Diogo do Couto *nos cap.* 2. 3. *e* 4. *do liv.* 4. *e* Fernão Lopes de Caſtanheda *deſde o cap.* 54. *té o cap.* 62. *do liv.* 7.

mo lhes dera licença per força, eſtando fóra de ſua liberdade, e cargo, prezo em ferros, havendo tanta neceſſidade daquella gente por o eſtado em que a terra ficava. Com eſtes autos, e inſtrumentos, e com cartas que D. Jorge eſcreveo ao Capitão de Malaca, em que lhe dava relação dos ſucceſſos de Maluco, e lhe mandava pedir ſoccorro de gente, mandou Vicente da Fonſeca á preſſa em hum navio apôs D. Garcia, eſcrevendo tambem, e requerendo da parte d'ElRey, e da ſua a qualquer Capitão que em Banda eſtiveſſe enviado de Malaca, que tomaſſe a D. Garcia o navio que levava contra ſeu mandado, e o prendeſſe. E enviou Gomes [a] de Sequeira buſcar mantimentos ás Ilhas de Mindanao, o qual deſgarrando com hum temporal, deſcubrio muitas Ilhas juntas em nove para dez gráos da parte do Norte, que delle ſe chamáram as Ilhas de Gomes de Sequeira.

CAPITULO XVII.

Da jornada de Vicente da Fonſeca á Ilha de Banda, e ſucceſſos della, e da viagem de D. Garcia Henriques té Cochij.

TAnta diligencia poz Vicente da Fonſeca na viagem, que chegou a Banda pri- mei-

[a] Diogo do Couto *cap.* 4. *do liv.* 4.

meiro que D. Garcia ; e não achando alli navios, nem Capitão a que notificasse os autos, e requerimentos de D. Jorge, receou que chegando D. Garcia o prendesse; mas nesta conjunção veio Gonçalo Gomes de Azevedo, (filho do Almirante Lopo Vaz de Azevedo,) que o favoreceo. A causa de Gonçalo Gomes vir naquelle tempo foi, que sabendo Jorge Cabral, que estava por Capitão em Malaca, per Martim Correa, como os Portuguezes, que estavam em Maluco, tinham guerra com ElRey de Tidore, e com os Castelhanos, ordenou de lhe mandar soccorro de gente honrada, e limpa, e huma Armada de cinco navios, da qual fez Capitão mór a Gonçalo Gomes de Azevedo; e os outros Capitães eram Gaspar Correa, Jorge Fernandes de Refoios, Manuel Botelho, e Ruy Figueira [a]. Passou Gonçalo Gomes per Bintam por mandado do mesmo Jorge Cabral, para tambem soccorrer ao Senhor daquella Ilha, porque esperava ser cercado per Lacxemena Capitão mór do mar d'ElRey de Campar inimigo dos Portuguezes. Deteve-se em Bintam Gonçalo Gomes sete, ou oito dias, esperando por Lacxemena; e vendo que não vinha, se fez á véla para Banda, onde chegou primeiro que Dom Gar-

a Esta Armada partio de Malaca na entrada de Janeiro de 1528.

Garcia, e achou a Vicente da Fonſeca, o qual contou a Gonçalo Gomes tudo o que D. Garcia fizera a D. Jorge, requerendo-lhe em ſegredo que o prendeſſe, e lhe tomaſſe o navio, que per força trouxera contra os requerimentos de D. Jorge, que delle tinha muita neceſſidade, por ficar de guerra com os Mouros, e com os Caſtelhanos. Gonçalo Gomes não deferio á prizão, dizendo, que o não podia fazer, mas que lhe tomaria o navio quando foſſe tempo. E por a terra não ſer ſegura, nem a gente fiel, fez Gonçalo Gomes huma tranqueira onde ſe recolheo.

A eſte tempo chegou D. Garcia Henriques, e por ſe ſegurar fez outra tranqueira, e entretanto foi hoſpede de Gonçalo Gomes na ſua. Mas quando D. Garcia vio Vicente da Fonſeca, que ſabia ſer amigo de Dom Jorge de Menezes, ſuſpeitou a cauſa da ſua vinda, e começou temer que Gonçalo Gomes o prendeſſe: e mais o temeo, quando vio que Manuel Falcão, que hia em ſua companhia, ſe paſſára para a tranqueira de Gonçalo Gomes de Azevedo, a quem tambem contou o que paſſára D. Garcia com D. Jorge, aconſelhando-lhe que prendeſſe D. Garcia, e lhe tomaſſe o navio em que hia; ſendo elle o meſmo que fez com D. Garcia que prendeſſe a D. Jorge. E como era ho-

mem novelleiro, e que não durava nas amizades mais que quanto a elle cumpria, lançou fama que Gonçalo Gomes havia de prender D. Garcia por o que fizera a D. Jorge; o que D. Garcia não creo, nem menos que lhe houvesse de tomar o navio, porque levava cravo para ElRey. Gonçalo Gomes quando aos 28 de Abril se houve de partir para Maluco, se foi despedir de D. Garcia; e embarcado nos bateis, e alargado da terra, prepassando pelo navio em que Dom Garcia havia de ir, lhe metteo dentro Ruy Figueira com alguns Portuguezes, e não lhe achando vélas, as mandou pedir a D. Garcia, que as tinha na sua tranqueira, desculpando-se de lhe tomar o navio, porque o fazia a requerimento de D. Jorge de Menezes Capitão de Maluco, de cuja jurdição era aquella terra; e por D. Garcia lhas não querer dar, lhe tomou hum junco seu que lhe viera de Malaca: polo que D. Garcia mandou logo as vélas, e queixas a Gonçalo Gomes per Manuel Lobo por quem avisou ao Mestre, e Condestabre, e a outras pessoas do navio, que dessem á véla derradeiro de todos, e tomassem por davante, para assi ficarem na trazeira, porque entretanto iria elle com gente, e cobraria o navio. O Mestre por cumprir com o que Dom Garcia lhe mandava, fez que se embaraça-

va ao dar da véla, de maneira, que já os outros navios todos navegavam quando elle deo á véla, e fez tomar o navio por davante. D. Garcia, que aguardava este tempo, acudio logo com muita gente em paráos, e Ruy Figueira conhecendo a malicia, capeou a Gonçalo Gomes que tinha os olhos no embaraço do navio; e vendo a gente que hia da terra para o navio, e o capear de Ruy Figueira, entendeo o que era, e mandou tirar ás bombardadas a Dom Garcia, o que tambem fez Manuel Falcão. E por Manuel Lobo ir na dianteira, matoulhe de huma bombardada dous remeiros, e a elle quebrou huma perna, e D. Garcia desesperado de cobrar o navio se tornou, e Ruy Figueira seguio sua viagem apôs Gonçalo Gomes de Azevedo, que chegou a Ternate a 12 de Maio.

D. Garcia carregou o seu junco que lhe viera de Malaca, e partio para lá no mez de Julho daquelle anno de 1528, e veio surgir no porto de Panaruca, que he na Jaüa, onde esteve tomando mantimentos, e dalli fez sua derrota a Malaca; e chegando a humas Ilhas tres leguas della, mandou pedir seguro a Pero de Faria, (que já então era Capitão daquella fortaleza,) que o não prendesse a elle, nem aos de sua companhia, o qual lho deo; mas desembarcando em ter-

ra, mandou-lhe embargar toda a fazenda, dizendo que lhe não dera ſeguro mais que para o não prender. [a]

Eſtando D. Garcia em Malaca, e huns Embaixadores d'ElRey de Panaruca, que hiam aſſentar paz, e amizade com Pero de Faria, ſe levantou huma briga entre os criados deſtes Embaixadores, e os Malaios, á qual D. Garcia com ſete, ou oito Portuguezes da ſua companhia acudio, e apazigou, e foi cauſa de Pero de Faria lhe mandar deſembargar ſua fazenda, dando fiança de certos mil cruzados para ſe delle quizeſſe Dom Jorge de Menezes alguma couſa. Não paráram aqui as aventuras que havia de paſſar a fazenda de D. Garcia; porque vinda a monção para ir á India, partíram Jorge Cabral, que fora Capitão de Malaca, e Dom Garcia Henriques, cada hum em ſeu junco, com outros Fidalgos no mez de Janeiro de 1529, e chegáram á barra de Cochij, e por ſer já no fim de Março, e ventarem os Noroeſtes, Jorge Cabral entrou em Cochij, e D. Garcia o não quiz ſeguir, dizendo que havia de paſſar a Goa, em que pezaſſe ao vento, e ao mar. E por o vento ſer contrario, e o junco ir muito carregado, chegou a Baticalá com grande trabalho, e perfia; e ven-

a Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 82. *e* 108. *do liv.* 7. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 37. *da* 2. *Part.*

e vendo que o vento havia de ſer cada vez mais forte, por ſer já entrada do inverno, houve por bom conſelho tornar-ſe a Cochij, e aſſi voltou com grande tormenta á barra onde ſurgio, porque por o junco ſer grande, e ir mui carregado não pode entrar no rio. E deixando D. Garcia o junco ſurto ſobre huma amarra, ſe foi elle a terra; e creſcendo o vento, o mar ſe fez tão groſſo, que o junco ſe foi ao fundo com a muita agua que lhe entrou, em que D. Garcia perdeo mais de cincoenta mil cruzados, que valia a fazenda que levava, ſem lhe ficar mais della que o veſtido com que ſahio em terra. Sobre eſta deſgraça o prendeo Nuno da Cunha por o que fizera em Maluco, e o mandou prezo a Portugal o anno ſeguinte, e aſſi ficáram em vão todas as diligencias que poz por vir rico de bens tão fragiles, e incertos, e a temeraria promeſſa de poder mais que o mar, e o vento.

CAPITULO XVIII.

Como os Caſtelhanos elegêram Capitão per morte de Martim Inhiguez, e tomáram huma galeota aos Portuguezes com morte de Fernão Baldaia, e mandáram pedir ſoccorro á Nova Heſpanha, e os Portuguezes deſtruíram a Cidade de Camafo.

NEſte meſmo tempo houve differenças entre os Caſtelhanos ſobre a ſuccesſão da capitanía, porque faleceo Martim Inhiguez de Carquizano ſeu Capitão, e huns queriam que foſſe Capitão Fernando de Buſtamante, que era Contador da Armada, e diziam que trazia a ſuccesſão per regimento; outros queriam que foſſe hum Fernando de la Torre, que ſervia de Alcaide mór daquella caſa forte de pedra, e barro, que elles chamavam fortaleza; e como eſte tiveſſe mais votos que favoreciam ſeu partido, prendeo a Buſtamante, e teve-o tanto tempo prezo, té que per partido lhe obedeceo, e ficou por Alcaide mór em lugar de Fernando de la Torre, e hum chamado Monte-maior por Capitão do mar, e Affonſo de los Rios por Eſcrivão. Vindo depois em Março de 1528 hum junco de D. Jorge de fazer nóz, e maça para Ternate, encontrou hu-

huma náo [a], que partíra da Nova Heſpanha, em que vinha por Capitão hum Alvaro de Saavedra, o qual não ſabendo a terra em que era aportado, vendo o navio de Dom Jorge, perguntou onde eſtava; conhecendo os noſſos ſerem Caſtelhanos, caláram-ſe, e foram dar nova daquella náo a D. Jorge de Menezes. Mandou elle logo a Simão de Vera Alcaide mór da fortaleza em huma fuſta, e Fernão Baldaia Feitor em hum batel, que foſſem requerer ao Capitão daquella náo que vieſſe á fortaleza. Mas neſte tempo os Caſtelhanos de Tidore ſabendo como a náo era entrada, tiveram mais diligencia, e fizeram com que a náo ſe metteſſe no porto de Geilolo; e poſto que Simão de Vera fizeſſe ſeus requerimentos, a reſpoſta que lhe deram os Caſtelhanos foram bombardadas; e como elle eſtava ſó, e a polvora que tinha era molhada, e Fernão Baldaia não chegá-

[a] *Eſta náo era a Capitaina de huma Armada de tres navios, que Fernando Cortés mandou da Nova Heſpanha a Maluco em buſca da Armada de Fr. Garcia de Loaiſa. Era Capitão Geral deſta frota Alvaro de Saavedra, parente de Fernando Cortés, e dos outros dous navios Luiz de Cardenas de Cordova, e Pedro de Fuentes de Xerez: hiam nella cento e dez homens: levavam trinta peças de artilheria, e muita vitualha: partio do porto de Zivatlanejo veſpera de todos os Santos do anno de 1527: E deſta Armada ſó a náo de Alvaro de Saavedra chegou a Maluco, e foi a primeira que fez eſta nova navegação, que pola conta dos Pilotos foi de duas mil leguas.* Antonio de Herrera *Hiſtoria das Indias, Decad. 4. liv. 1. e 3.*

gára á náo, tornou-ſe Simão de Vera para Ternate.

A eſte tempo mandáram os moradores da Ilha de Moutel, que era do ſenhorio d'ElRey de Ternate, pedir ſoccorro a Dom Jorge por o muito damno que recebiam dos de Tidore, mui orgulhoſos com ajuda dos Caſtelhanos, e com a vinda da náo de Saavedra. E porque os Caſtelhanos começáram fazer navios d'armada para irem deſtruir a Moutel, mandou lá D. Jorge a Fernão Baldaia em huma galeota com trinta e tantos Portuguezes, e com elle hia Cachil Daroez com gente da terra; e como elles não podiam paſſar a Moutel, ſenão á viſta de Tidore, vendo os Caſtelhanos a galeota, com grande alvoroço ſe embarcáram em huma fuſta que traziam preſtes, da qual foi por Capitão Affonſo de los Rios, e com a Armada da terra, em que hiam muitos Tidores, accommettêram os noſſos; e depois de duas horas de peleja foi entrada a galeota dos Portuguezes, em que morreo Fernão Baldaia; o qual por ſe reſtituir do erro paſſado, depois que de ferido, e canſado não pode pelejar em pé, em giolhos pelejou em quanto teve mãos; e depois que ſe não pode valer dellas, pelejava com a lingua, animando, e esforçando os ſeus. Com elle morrêram outros, que depois cuſtáram a vida a

mui-

muitos Castelhanos, os quaes leváram a galeota com singular alegria, e triunfo seu, e dos Mouros de Tidore.

Não havia mais que doze dias que passára esta desgraça; quando chegou Gonçalo Gomes de Azevedo de Banda, com cuja vinda os Portuguezes ficáram mui contentes; e per o navio que elle tomára a D. Garcia mandou logo D. Jorge recado a Malaca per Simão de Vera per via de Borneo, o qual se perdeo em as Ilhas de Mindanao. Os Castelhanos aprestáram tambem o navio de Saavedra para o mandarem com recado á Nova Hespanha, e o carregáram com quarenta bares de cravo; e para credito da galeota que tomáram aos Portuguezes, levava Saavedra comsigo Fernão Moreira patrão da Ribeira, Jacome Ribeiro comitre, e hum Escrivão da fortaleza, e alguns outros que foram cativos na galeota; e porque o Piloto de Saavedra era morto, levou elle em seu lugar a Simão de Brito Patalim, que era prático na arte de navegar, ao qual querendo D. Jorge castigar por culpas que tinha, se lançou com os Castelhanos, com outros dous Portuguezes, como tambem se lançavam os Castelhanos com os Portuguezes quando seus Capitães os queriam castigar. Partio Saavedra para a Nova Hespanha a 14 de Junho, e fazendo sua derrota,

foi

foi tomar a Ilha Hamei cento e ſetenta le-
guas de Tidore, onde ſurgio para ſe pro-
ver de agua, e lenha. Simão de Brito, e
Fernão Moreira o patrão arrependidos do
que tinham feito, determinaram de queimar
o navio, para que Saavedra não foſſe pedir
ſoccorro; e não achando para iſſo commo-
didade, furtáram o batel da náo, e quatro
eſcravos que o remaſſem, e tornáram-ſe com
outros alguns da companhia caminho de
Ternate. Alvaro de Saavedra ficando ſem
batel com que ſe ſerviſſe, foi poſto em con-
dição de ſe tornar; porém commetteo a jor-
nada té tomar humas Ilhas em altura de
dez gráos da banda do Norte, as quaes por
ſerem mui freſcas, e cubertas de grande ar-
voredo, lhe poz nome Beljardin [a]. Nellas
ſe deteve alguns dias, em que lhe entráram
os Levantes, com que foi forçado arribar
a Maluco, onde chegou já no fim de Outu-

[a] *Eſtas Ilhas diſtam da Ilha Hamei quaſi duzentas e cincoenta leguas. Os naturaes dellas são brancos, de olhos pequenos, poucas barbas, como os Chijs: não hava naquellas Ilhas creação de aves, nem de gados: veſtem os ſeus habitadores huns pannos feitos de hervas: não tinham ferro, e em lugar delle uſavam inſtrumentos feitos de conchas de amegeas, e oſtras: peſcavam em almadias de madeira de pinho: o ſeu pão eram cocos ſeccos ao Sol, que na India chamam Copra: não tinham uſo do fogo, porque nunca o víram, ſenão depois que os Caſtelhanos lo enſináram.* Antonio Galvão *no livro, que fez dos deſcobrimentos das Antilhas, e India: e* Diogo do Couto *liv. 4 cap. 1.*

tubro [a]. Simão de Brito, e os outros Portuguezes que fugíram no batel, foram de Ilha em Ilha soffrendo tanto trabalho, e fome, que de cansados se deixáram ficar tres delles em huma daquellas Ilhas; os outros tres seguíram avante té a Ilha de Guaimelim, que he do senhorio d'ElRey de Tidore, onde sendo conhecidos que eram Portuguezes, foram prezos, e levados a Fernando de la Torre, que conhecendo que eram os que hiam com Saavedra, tendo má suspeita delles, lhes deo tormento, e confessando a verdade, os condemnou á morte por traidores ao Emperador. Simão de Brito foi arrastado, e degollado, Fernão Moreira enforcado, e o outro ficou cativo. Os Castelhanos vendo o máo successo da viagem do navio, que tinham mandado á Nova Hespanha a pedir soccorro, e que D. Jorge se havia de querer satisfazer da per-

[a] *Alvaro de Saavedra arribando a Tidore, fez varar a náo, e dar-lhe querena, e consertada tornou a sahir de Tidore para Nova Hespanha no anno seguinte de 1529. Fez seu caminho a Lesnordeste, chegou a humas Ilhas que distavam de Tidore mil leguas, e outras tantas de Nova Hespanha: dalli correo a Nordeste té se pôr em altura de 26 gráos, onde morreo. Proseguíram os Castelhanos sua viagem sempre com ventos contrarios té huma Ilha dos Ladrões em altura de 31 gráos, mil e duzentas leguas de Maluco, de donde arribáram, e chegáram a Geilolo no fim de Outubro do mesmo anno com o navio comido de bruma, que entregáram a Fernão de la Torre.* Antonio de Herrera *Historia das Indias Dec. 4. liv. 5. cap. 6.*

perda da galeota, ſe apercebêram com cuidado. Porém Gonçalo Gomes de Azevedo, depois que chegou, não quiz entender em mais que em ſua fazenda, e em fazer cravo, ſem em alguma couſa querer ajudar a D. Jorge, que determinava ir deſtruir a Cidade de Tidore, e aſſi ſem fazer nada ſe partio para Malaca a 10 de Fevereiro de 1529.

No Novembro dantes chegou a Ternate D. Jorge de Caſtro, que de Malaca veio per via de Borneo em hum junco de Diogo Chainho Feitor que fora de Malaca, e em ſua companhia Jorge de Brito em huma fuſta, e errando a viagem veio ter ao longo da Ilha de Macaçar, e della a Ternate, ſem a fuſta, que não appareceo mais [a]. E porque mandando D. Jorge em buſca della a algumas Ilhas do Moro a Gomes Aires em huma coracóra, os de Tolo, e Camafo o não quizeram agazalhar, nem dar de comer, mas fizeram zombaria delle, tendo agazalhado, e banqueteado aos Caſtelhanos havia poucos dias, vindo elles de queimar hum lugar d'ElRey de Ternate por nome Chiamo, e eſta nova havia já chegado a D. Jorge per terra, quando tornou Gomes Aires, fez elle preſtes huma Ar-

[a] *Eſta fuſta diz* Franciſco de Andrade *no cap.* 59. *da* 2. *Parte, que veio aportar a Banda.*

Armada, de que mandou por Capitão Dom Jorge de Caſtro com té vinte e cinco Portuguezes, e com elles Cachí Daroez com os navios da terra, os quaes foram ſobre a Cidade de Camafo, que era d'ElRey de Tidore, e a queimáram de todo, poſto que a gente com medo fugio, e ſe poz em ſalvo. Tornados a Ternate, foi D. Jorge de Caſtro per mandado de D. Jorge de Menezes a Tidore tratar pazes com Fernando de la Torre; mas elle, e os Caſtelhanos que com elle eſtavam ficáram tão uſanos com o bom ſucceſſo da galeota que tomáram, e da morte de Fernão Baldaia, e de ſeus companheiros, e de outras vitorias que houveram de alguns do Maluco, que não quizeram vir a concerto com as condições que D. Jorge propunha a paz, e fizeram treguas, o que elle guardou para ſeu tempo, como ſe dirá ao diante; porque deixadas agora as couſas do Maluco, daremos razão das que ſe paſſáram na India.

DECADA QUARTA.

LIVRO II.

Governava a India Lopo Vaz de Sampaio.

CAPITULO I.

Como Lopo Vaz de Sampaio, ſabendo que vinha Pero Maſcarenhas de Malaca, lhe mandou notificar que não vieſſe como Governador; e que querendo entrar em Cochij, foi maltratado, e ferido.

NO mez de Dezembro do anno de 1526 na ſegunda Oitava do Natal chegou de Malaca hum junco a Cochij, que deo nova que vinha Pero Maſcarenhas; o que ſabendo Lopo Vaz, teve logo conſelho, em que ſe determinou, que ſe Pero Maſcarenhas, como peſſoa privada, quizeſſe ſahir em terra, o deixaſſem deſembarcar livremente; mas que ſe como Governador o tentaſ-

taſſe, lho não conſentiſſem. Com eſta reſolução mandou logo hum bargantim a Coulam com cartas a Henrique Figueira Capitão daquella fortaleza, e ao Feitor, e Officiaes, e com o traslado da ſua ſucceſsão, e huma relação do que foi acordado, para que tanto que Pero Maſcarenhas alli chegaſſe, lho amoſtraſſem, e lhe requereſſem da parte d'ElRey, e da ſua, que obedeceſſe a elle Lopo Vaz como a Governador; e fazendo-o aſſi, lhe abriſſem as portas da fortaleza, e deſſem todo o neceſſario; e não querendo obedecer, o não deixaſſem entrar nella. Outra tal ordem como a de Coulam deo Lopo Vaz a Affonſo Mexia, e logo ſe partio para Goa. E por ter a gente contente lhe mandou pagar muitos ſoldos; mas a paga que em retorno lhe deram os meſmos que recebêram os pagamentos, foi murmurarem delle, e interpretarem ſua tenção, dizendo, que ſe pagava era por ter os homens contentes para a vinda de Pero Maſcarenhas, o qual haviam por Governador, e não a elle; e como a gente popular he varia, e inconſtante, e amiga de novidades, como peſſoas de baixo eſtado, que ſempre o eſperam melhorar com a mudança dos tempos, todos aguardavam a vinda de Pero Maſcarenhas para verem em que paravam ſuas couſas.

Pero Maſcarenhas, que tomada, e deſtrui-

truida a Cidade de Bintam ſe partíra para Malaca, chegou a ella a ſalvamento; e provendo em muitas couſas daquella fortaleza, ſe partio para a India no fim de Dezembro com tres galeões carregados de muita fazenda d'ElRey, e elle de vitorias, e triunfos. Chegando a Coulam, alli ſoube de Henrique Figueira, (que como Governador o recebeo,) como Lopo Vaz de Sampaio governava; e moſtrando-lhe os papeis, e requerimentos que lhe mandava fazer, lhe contou o que na India paſſára deſde o tempo que o mandáram chamar a Malaca para governar. Do que Pero Maſcarenhas ficou mui anojado, e per conſelho de Simão Caeiro, que elle como Governador fizera ſeu Ouvidor geral, e de Lançarote de Seixas, a quem fizera Secretario, ſe determinou ir a Cochij, e uſar de todo rigor com Affonſo Mexia por abrir a nova ſucceſsão, pelo que ſe poz a caminho, e ao derradeiro de Fevereiro do anno de 1527 chegou a Cochij. Antes de ſurgir na barra, Affonſo Mexia Capitão da fortaleza, que ſobre elle tinha eſpias, ſabendo per ellas que era chegado, lhe mandou notificar pelos Juizes da Cidade, e per Duarte Teixeira Theſoureiro, e Manuel Lobato Eſcrivão da Feitoria, a Proviſão da nova ſucceſsão de Lopo Vaz de Sampaio, e a ordem que tinha ſua para não receber

a el-

a elle Pero Mafcarenhas como Governador, e lhe requerer que obedeceffe a Lopo Vaz, pois era Governador por aquella Provisão. A isto refpondeo Pero Mafcarenhas com muita cólera, que aquella Provisão não era affinada por ElRey, e por tanto a não reconhecia por fua; e que Affonfo Mexia como feu inimigo a poderia fazer, e por effa caufa lhe não havia de obedecer; e que os que com tal embaixada vinham mereciam fer caftigados como homens, que commettiam traição contra feu Rey, pois refiftiam a quem ElRey fizera Governador, e elles o approváram, e chamáram: e per confelho de Simão Caeiro houve Pero Mafcarenhas aos Juizes por fufpenfos dos officios, e lhes mandou que fob pena de perdimento das fazendas não fahiffem de fuas cafas, como foffem na Cidade; e feito auto da fua prizão, com efta refpofta os mandou; e a Duarte Teixeira, e a Manuel Lobato, como peffoas que mais infiftíram no requerimento, mandou prender em ferros em hum dos galeões.

Sabendo ifto Affonfo Mexia, mandou requerer a Pero Mafcarenhas, que lhe foltaffe os prezos, que eram Officiaes da Fazenda d'ElRey, que fe podia perder; e de novo lhe mandou notificar a Provisão do Governador Lopo Vaz, e que fe quizeffe algu-

guma couſa delle, que foſſe a Goa onde o acharia. Pero Maſcarenhas lhe reſpondeo, que ao outro dia, (porque era já quaſi noite,) lhe daria a reſpoſta em terra. Affonſo Mexia ſe temeo que Pero Maſcarenhas deſembarcaſſe de noite, e entraſſe na Cidade por não ſer cercada, polo que a ſom de hum ſino que mandou repicar, ajuntou todo o povo; e poſto que a mais da gente favorecia a parte de Pero Maſcarenhas, e o deſejavam ver no ſeu cargo, porque tinham para ſi que per direito a governança era ſua, e que lha tiravam injuſtamente, todos porém acudíram a Affonſo Mexia poſtos em armas para fazerem o que lhes mandaſſe, o qual lhes ordenou que foſſem vigiar a praia, para que nella não deſembarcaſſe Pero Maſcarenhas, o que elles fizeram, como ſe foram ſeus inimigos. No que ſe bem vio a lealdade de Portuguezes, que para ſervirem ſeu Rey não eſpeculam ſe ſeus mandados, ou de ſeus Miniſtros são juſtos, ou injuſtos: mas quanto as couſas são mais difficultoſas, e contra ſeus pareceres, e vontades, alli negam as proprias por cumprir com a de ſeu Rey, e Senhor. Iſto ſe manifeſtou mais neſtes dous Fidalgos competidores, e nos nobres que os ſeguiam; porque cada hum delles, e ſeus favorecedores ſe pegavam ás Proviſões d'ElRey, querendo que ſe guardaſſem,

ſem, ſem contra ellas excederem couſa alguma, ſendo ſó a differença, e difficuldade entre elles o entendimento das Proviſões, e a interpretação da vontade de ſeu Principe, cuidando cada hum que ſe abraçava com ella: e o que he mais de ponderar, ſendo eſtes dous Fidalgos tão animoſos, eſtando em terras tão remotas, onde cada hum achára muitos Reys, e muita gente daquellas Provincias por ſi, ſe a couſa viera a rompimento.

Vendo pois Affonſo Mexia que Pero Maſcarenhas determinava deſembarcar, tornou a mandar-lhe muitos recados, e requerimentos que não deſembarcaſſe, porque per armas lhe havia defender a deſembarcação. Ao que Pero Maſcarenhas reſpondeo, que não queria mais que entrar deſarmado para ouvir Miſſa em Santo Antonio, confiado que como foſſe na Cidade, tinha dentro muita gente da ſua facção que lhe obedeceria; e aſſi ſe metteo em dous bateis com o ſeu Ouvidor, e Meirinho com varas, e todos os ſeus deſarmados, e ſem eſpadas, parecendo-lhe que Affonſo Mexia não queria brigar com elle, vendo-o em terra deſarmado; mas foi ao contrario, porque chegando Pero Maſcarenhas á praia, vendo Affonſo Mexia que intentava deſembarcar, lho defendeo ás lançadas como a inimigo, fazendo

aos que o acompanhavam, (entre os quaes andava elle armado ſobre hum cavallo acubertado,) metter pela agua, mandando-lhes que feriſſem a Pero Maſcarenhas, e aos ſeus, e os mataſſem, ſe quizeſſem deſembarcar: Bradando Pero Maſcarenhas, que eram Chriſtãos, e leaes a ſeu Rey, e Senhor, e que não tinham armas, nem queriam guerra, senão paz. Polo que vendo o perigo em que eſtava, e que não podia deſembarcar, e que os meſmos em que elle confiava o perſeguiam, ſe recolheo bem eſcandalizado, e com duas lançadas em hum braço, e Jorge Maſcarenhas ſeu parente com huma chuçada, e outros muitos feridos, e todos os mais enxovalhados, e eſcalavrados. Depois que Pero Maſcarenhas ſe recolheo ao ſeu galeão, mandou fazer autos de Affonſo Mexia, e dos moradores de Cochij, a quem mandou apregoar por levantados, e traidores, moſtrando elles naquelle acto a maior lealdade, e inteireza que podia ſer; porque os que o mais feriam, por lho mandar ſeu Capitão da parte d'ElRey, eram os que o mais deſejavam de recolher, e obedecer.

Affonſo Mexia mandou logo Aires da Cunha a Goa com cartas ao Governador ſobre o que paſſára com Pero Maſcarenhas, o qual tambem eſcreveo pelo meſmo a Lopo Vaz, e a muitos Fidalgos, pedindo-lhes que

que determinaſſem quem havia de ſer Governador. Partido Aires da Cunha, mandou Affonſo Mexia requerer a Pero Maſcarenhas que lhe entregaſſe os galeões, e fazenda d'ElRey que trazia, e ſe quizeſſe ir a Goa, lhe daria huma caravella; e como elle ſe determinou de não proſeguir ſeu direito per força, ſenão per juſtiça, entregou os galeões, e a fazenda d'ElRey, e ſe paſſou com a ſua á caravella que lhe foi dada: e porque não era capaz de muita gente, foram-ſe muitos a terra, dos quaes Affonſo Mexia prendeo alguns, e entre elles Jorge Maſcarenhas ferido da chuçada que lhe deram, e prezo o mandou a Coulam. E porque Pero Maſcarenhas era amigo de D. Simão de Menezes, foi-ſe a Cananor para eſperar alli a reſpoſta de Goa; mas Dom Simão tanto que ſoube que elle eſtava no porto, lhe mandou dizer, que lhe pezava muito de o não poder ſervir como pediam as razões da amizade que com elle tinha; porque Lopo Vaz de Sampaio, a que todos obedeciam por Governador, lhe mandára, que ſe elle Pero Maſcarenhas chegaſſe áquella fortaleza como Fidalgo tão honrado, e de tanto merecimento como elle era; que o recolheſſe com toda a honra, e cortezia poſſivel; mas que ſe foſſe com nome de Governador, que o não conſentiſ-

ſe; e que elle por o que cumpria á ſua lealdade não podia fazer outra couſa ſenão obedecer-lhe. Pero Maſcarenhas lhe reſpondeo, que não queria que quebraſſe ſua fé, e lealdade, que o que delle queria era hum catúr em que foſſe a Goa, mais raſo que na caravella que lhe deixaria. D. Simão lhe mandou logo o catúr, no qual ſe partio para Goa, não levando comſigo mais que Simão Caeiro, e Lançarote de Sexas, e dous pages que o ſerviſſem, eſperando que Lopo Vaz ſe poria com elle em juſtiça, e quando não quizeſſe, que os Fidalgos que com elle eſtavam lho fariam fazer.

CAPITULO II.

Como Lopo Vaz de Sampaio mandou prender a Pero Maſcarenhas per Antonio da Silveira, e prezo em ferros foi levado a Cananor, e do que ſobre ſua prizão ſuccedeo.

LOpo Vaz de Sampaio quando ſoube per Aires da Cunha o que Affonſo Mexia fizera a Pero Maſcarenhas em Cochij, ficou deſcançado, parecendo-lhe que eſtava ſeguro na governança; e por a boa nova deo a Aires da Cunha a Capitanía de Coulam, que tirou a Henrique Figueira, porque agazalhára Pero Maſcarenhas contra a or-

a ordem que ſe lhe mandou. E communicando aquelle caſo com Eitor da Silveira, e outros Fidalgos, lhe perſuadíram que lhe não cumpria entrar Pero Maſcarenhas em Goa; porque como a mais da gente eſtava deſcontente de ſe abrir a nova ſucceſsão, e tinha para ſi que Pero Maſcarenhas era ó legitimo Governador, ſe levantariam com elle ſe o lá viſſem. Parecendo bem a Lopo Vaz eſte conſelho, eſcreveo logo ao Capitão mór do mar per o meſmo Aires da Cunha, que porque cumpria ao ſerviço d'El-Rey não ir Pero Maſcarenhas a Goa, procuraſſe de o encontrar no mar, e lhe requereſſe da ſua parte que ſe foſſe metter na fortaleza de Cananor, donde não ſahiria ſem lho elle mandar; e que não querendo obedecer, depois de lhe fazer todos os proteſtos, e requerimentos neceſſarios, o prendeſſe, e prezo o entregaſſe a D. Simão de Menezes, de quem cobraria conhecimento como o recebia. Outra carta [a] eſcreveo Lopo Vaz a Pero Maſcarenhas em reſpoſta das queixas que lhe elle eſcreveo do máo tratamento que recebêra em Cochij, em que Lopo Vaz lhe dava a elle toda a culpa do que lhe fora feito, pois não quizera obedecer á ordem que o Veedor da Fazenda

lhe

[a] *A copia deſta carta eſcreve* Diogo do Couto *no cap. 6. do liv. 2.*

lhe mandára notificar, e por isso não tinha elle razão de o castigar, do que lhe pezava muito; e que quanto a ver-se com elle, e com os Fidalgos que com elle estavam em Goa, todos eram de acordo que não era serviço d'ElRey por desassocegos que podia haver, que seriam de grande estorvo ao apercebimento que se fazia para a vinda dos Rumes; e por tanto lhe pedia da sua parte, e requeria da d'ElRey seu Senhor, que elle se fosse á fortaleza de Cananor, como o Capitão mór do mar lhe diria, e dahi mandasse requerer o que quizesse.

Estas cartas deo Aires da Cunha ao Capitão mór do mar, o qual nunca pode topar a Pero Mascarenhas; o que reccando o Governador que poderia acontecer, per conselho de Eitor da Silveira, que era o Fidalgo que elle mais grangeava, assi por sua pessoa, como por ter muitos parentes, que esperava seguiriam sua parte, e com parecer de outros seus amigos, mandou por maior seguridade seu genro Antonio da Silveira, que fosse aguardar a Pero Mascarenhas á barra de Goa com huma galé, e dous bargantijs para o prender, e da mesma maneira a Simão de Mello seu sobrinho, com outros tantos navios á barra de Goa a velha. E como os bargantijs de Antonio da Silveira andavam por atalaias, vendo o ca-

túr de Pero Mascarenhas, (que chegou á barra de Goa aos 16 de Março,) foram a elle, e o leváram a Antonio da Silveira, o qual recebeo a Pero Mascarenhas com muita cortezia, e lhe disse, que o Governador mandára que indo elle alli o não deixasse passar, e lhe tomasse a homenagem, e o levasse prezo a Cananor por se escusarem inquietações. Ao que Pero Mascarenhas respondeo, que elle não havia de dar sua homenagem, antes lhe requeria que o deixasse ir a Goa para se ver com Lopo Vaz, e requerer sua justiça. O que Antonio da Silveira não consentio, e o prendeo em ferros, que lhe mandou lançar pelo Meirinho, pedindo-lhe perdão, e desculpando-se por lhe ser assi mandado, e per Simão de Mello foi levado a Cananor, e entregue a Dom Simão de Menezes. Foram tambem prezos com Pero Mascarenhas Simão Caeiro, e Lançarote de Sexas, e levados a Goa, onde estiveram na cadeia carregados de ferros, como incitadores da revolta de Cochij, e conselheiros de Pero Mascarenhas.

Entre tanto que Antonio da Silveira era ido a encontrar Pero Mascarenhas, os da sua facção vendo ajuntar tanta gente que se embarcava para o prender, em vozes altas se queixavam, e de noite o faziam em parte que o Governador ouvisse. Outros se foram

quei-

queixar ao Guardião de S. Francisco, que era homem letrado, Castelhano de nação, pedindo-lhe estranhasse ao Governador o que usava contra Pero Mascarenhas. O Guardião lhes respondeo, que Lopo Vaz tinha a justiça por si, e que o provaria o dia seguinte na prégação. Assi o fez ao outro dia com muitas razões, depois de ler a Provisão de Lopo Vaz, dizendo mais, que além de lhe impôrem falso testemunho, commettiam deslealdade a seu Rey, cousa tão desacostumada de Portuguezes, cuja lealdade para seus Principes fora sempre maior que de todas outras Nações: sobre isto fez requerimentos ao Vigario geral, que houvesse por escommungados aos que o contrario diziam. Acabada a prática, Pero de Faria Capitão de Goa lhe pedio a succesṡão, e a beijou, e poz na cabeça, dizendo, que a obedecia; e perguntando a todos que estavam presentes se faziam outro tanto, respondêram que si; e desta approvação, e do parecer do Guardião mandou fazer hum auto, e per ordem do Governador o foi assinar o Ouvidor geral por os Fidalgos que se achâram na prégação, e que disseram que obedeciam á Provisão. E por D. Vasco de Lima, e Jorge de Lima não quererem assinar, e se mostrarem parciaes de Pero Mascarenhas, foram prezos sobre suas homenagens.

Com

Com esta diligencia, e com a prizão (que a ella se seguio) de Pero Mascarenhas; se houve Lopo Vaz por seguro, parecendolhe que se haviam quietado os vandos, e desassocegos em que a gente de Goa andava. Mas não o deixáram estar muito tempo quieto; porque Christovão de Sousa Capitão de Chaul sabendo como Lopo Vaz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas, e que o mandava aguardar na barra de Goa para o prenderem, com parecer do Feitor, Alcaide mór, e Officiaes da fortaleza, e dos Fidalgos que com elle estavam, que eram muitos, escreveo huma carta [a] a Lopo Vaz, (que lhe deram depois da prizão de Pero Mascarenhas,) em que lhe dizia, que para se apagarem as dissensões, que começavam a nascer sobre a preferencia da succesão do governo, cumpria pôr-se em justiça, por o perigo em que se punha o estado da India, principalmente em tempo em que cada dia se esperavam os Rumes, para o que era necessario accrescentar o poder, e não diminuillo, dividindo-se a gente, que em si era pouca, cuja perdição estava certa; porque se grandes Imperios feitos, e arraigados se perdêram por serem divisos, que se podia esperar de hum

a *A copia desta carta escreve* Diogo do Couto *no cap.* 7. *do liv.* 2.

hum que então começava, e que tinha as raizes tão pouco fundadas, e o soccorro em lugar tão remoto: e que o desenganava, que elle não havia de obedecer a quem se não puzesse em direito. Era Christovão de Sousa hum Fidalgo de muita qualidade, em sua pessoa mui esforçado, e mui humano, de gentil conversação, e de condição alegre, e familiar com todos; e não sómente esplendido na contínua meza que dava, mas no soccorro que do seu dinheiro fazia aos que o não tinham; polo que em Chaul invernavam mais número de Fidalgos, que em nenhuma outra parte da India; e como elle tinha tanta authoridade, e tantos do seu bando, ficava muito de vantagem a parte a que elle se acostasse; e assi a sua carta fez muito abalo no Governador quando a vio, entendendo per ella que não estava pacifico no cargo; e per conselho de seus amigos, a que em segredo mostrou aquella carta, escreveo a Christovão de Sousa, como Pero Mascarenhas estava prezo, com approvação de todos os Fidalgos, e Capitães da India, que a elle Lopo Vaz reconheciam por Governador; polo que lhe pedia quizesse conformar-se com os mais, e obedecello, pois que não havia divisão, nem se podia recear; e que lhe rogava quizesse escrever a Pero Mascarenhas, que desistisse

da pretenção do governo. Como Chriſtovão de Souſa não pertendia mais que quietação, folgou de ſe conſeguir tão pacificamente. Mas por parte de Pero Maſcarenhas pezou-lhe muito ſer com ſua prizão, porque a não tinha por juſta. Porém conſiderando que della reſultava damno particular a elle, e não ao público, e que querendo-o emendar, era contra o bem commum, porque vindo os Rumes poderiam ganhar a India, achando-a dividida; de conſelho dos que com elle eſtavam reſcreveo [a] a Lopo Vaz de Sampaio, dizendo-lhe, que no que eſtava feito não havia neceſſidade de ſeu parecer, que ſempre deſejára ver quietação naquelles negocios, e aſſi eſtava contente de ſe acabarem tanto em paz, que elle o obedeceria como Governador que era, e eſcrevia a Pero Maſcarenhas huma carta, que mandava aberta, para que a viſſe, e mandaſſe ſe quizeſſe. Nella lhe dizia per muitas razões, que era ſerviço de Deos, e d'ElRey, e honra ſua eſtar prezo, e que tiveſſe muita paciencia na prizão, como de homem tão valeroſo, e esforçado ſe eſperava; porque Deos o ordenava para que a India ſe não perdeſſe com as ſedições que começavam haver,

ver,

[a] *As copias deſtas duas cartas, que Chriſtovão de Souſa eſcreveo a Lopo Vaz de Sampaio, e a Pero Maſcarenhas, eſcrevem* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 31. *do liv.* 7. *e* Diogo do Couto *no cap.* 7. *do liv.* 2.

ver, que fora melhor ſerem ambos mortos, que haver competencias tão perigoſas: que ſe lembraſſe que Lopo Vaz de Sampaio eſtava de poſſe de ſeu governo; e que além de ſer approvada pelo juizo de muitos homens de são entendimento, dous Frades letrados, e prégadores per juramento affirmáram nos pulpitos, que a juſtiça eſtava per elle, e que não tornar neſte caſo per ſua honra era maior honra, e não ſer Governador era merecer ante ElRey, que lho galardoaria. Tambem eſcreveo a D. Simão de Menezes, e a outros Fidalgos ſobre o meſmo.

Não pezou a Pero Maſcarenhas com aquella carta, porque por ella entendia que Chriſtovão de Souſa não havia ſua prizão por juſta, ſenão por não haver ſciſma, e divisão nos Portuguezes; e aſſi não deſconfiou de alcançar que ſe puzeſſe Lopo Vaz com elle em direito, ſe D. Simão o ſoltaſſe, em que via já algumas moſtras de o vir a fazer, além de lho prometter. Polo que ſe atreveo a mandar ao Governador hum requerimento [a] per hum público Tabellião de Cananor, perque lhe pedia, que ſe puzeſſe com elle em juſtiça, e lhe não tomaſſe ſeu officio per força; proteſtando pelas per-

[a] *A copia deſte requerimento eſcreve* Diogo do Couto *no cap. 7. do liv. 2.*

perdas, e damnos, e intereſſes, e que lhe ſoltaſſe Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, que tinha prezos ſem culpa para requererem ſua juſtiça. Lido eſte requerimento, o Governador o rompeo com muita indignação, perque o Tabellião ſe foi fugindo a Cananor ſem eſperar reſpoſta. E porque paſſando Lopo Vaz pela cadeia, Simão Caeiro, e o Seixas com grande clamor lhe requerêram os mandaſſe ſoltar para requerer a juſtiça do Governador Pero Maſcarenhas, os mandou carregar de maiores ferros, e mandou pregoar ſobpena de morte, que ninguem chamaſſe a Pero Maſcarenhas Governador; o qual ſabendo como Lopo Vaz de Sampaio rompêra o requerimento, e não dera reſpoſta, pedio ao meſmo Tabellião diſſo hum inſtrumento; e deſte ſucceſſo ſe eſcandalizou tanto D. Simão, parecendo-lhe que Lopo Vaz tomava a governança per força, que em ſeu animo determinou de lhe deſobedecer.

CA-

CAPITULO III.

Como Lopo Vaz de Sampaio mandou prender a Eitor da Silveira, e outros Fidalgos ſeus parentes, e amigos, e a cauſa que houve para iſſo.

ERa tanta a authoridade de Chriſtovão de Souſa, e o reſpeito que todos lhe tinham, que como elle não reprovou a prizão de Pero Maſcarenhas, todas as diſſensões, e bandos que havia ſobre a preferencia dos Governadores ceſſáram, e começou Lopo Vaz, como homem que já eſtava quieto, empregar-ſe todo no apercebimento para a vinda dos Rumes. Mas não tardou muito que lhe não ſuccedeſſe outro novo ſobreſalto. Porque Eitor da Silveira, que era hum Fidalgo mui principal por ſua nobreza, peſſoa, e valor, que ſeguia as partes de Lopo Vaz, lhe veio a pedir a capitanía de Goa para ſeu primo Diogo da Silveira, a qual tinha Pero de Faria, que eſtava provído de Malaca por ElRey. Ao que o Governador reſpondeo, que na eſcolha de Pero de Faria eſtava ter a capitanía de Goa, ou deixalla, polo que elle não o podia obrigar ir a Malaca contra ſua vontade, mas que lhe fallaria niſſo, e querendo ir a Malaca, lhe daria a capitanía de Goa. E dizendo que lhe fal-

fallára, reſpondeo a Eitor da Silveira, que Pero de Faria não queria ir a Malaca. Iſto não creo Eitor da Silveira; mas pareceo-lhe que por a neceſſidade que Lopo Vaz tinha de gente, e de amigos, não queria alongar de ſi a Pero de Faria, que era ſeu grande amigo; e eſcandalizado da reſpoſta, lhe pedio, que pois Pero de Faria não queria ir a Malaca, lhe déſſe aquella fortaleza para ſeu primo, pois como Governador a podia dar, e ella cabia muito bem nos merecimentos de Diogo da Silveira; do que ſe eſcuſou Lopo Vaz, dizendo, que folgára de lha poder dar, mas que não podia, porque Jorge Cabral a ſervia por lha dar Pero Maſcarenhas, ſendo em Malaca jurado, e obedecido por Governador, por o que Jorge Cabral a não quereria largar ſem Provisão de Pero Maſcarenhas; e indo Diogo da Silveira ſem ella, ſería renovar ſedições em Malaca, como havia na India, e que lhe pezava muito de lhe pedir couſas que não podia fazer com juſtiça, a qual elle, na governança em que eſtava, determinava guardar em tudo a todos. Eitor da Silveira lhe diſſe, que folgava muito de lhe ver tão bons propoſitos, bem differentes do que as más linguas andavam publicando, que elle não queria guardar juſtiça a Pero Maſcarenhas, a qual ſe não guardava, daria occaſião á gente

te

te de cuidar que tomava o governo per força; e assi que visse bem o que fazia, porque elle sempre havia de ser em favor da justiça. E depois de haver entre ambos alguns debates, e Lopo Vaz soltar algumas palavras com colera, Eitor da Silveira se foi anojado; e communicando com seus parentes, e amigos o que passára com Lopo Vaz de Sampaio, como alguns delles lhe não tinham boa vontade, assentáram todos que elle tinha usurpado o cargo ao Governador, e que era razão que se determinasse per justiça a quem pertencia, e que não era honra sua obedecerem a quem commettia força, tendo elles jurado outro Governador. Para isto convocáram outros Fidalgos, que tivessem sua opinião, de que foram estes os principaes, D. Tristão de Noronha, D. Jorge de Castro, D. Antonio da Silveira, D. Henrique Deça, Jorge da Silveira, Francisco de Taíde, D. Francisco de Castro, Jorge de Mello, Diogo de Miranda, Aires Cabral, Simão Sodré, Martim Vaz Pacheco, Vasco da Cunha, Nuno Fernandes Freire, e Simão Delgado Quadrilheiro mór; e como víram estes Fidalgos que os da Camara de Goa, e muitos Cidadãos eram de seu parecer, logo escrevêram a Pero Mascarenhas per terra, dizendo, que devia de trabalhar com D. Simão que o soltasse, e se viesse a Goa,

e sen-

e ſendo preſente requereriam ao Governador ſe puzeſſe com elle a direito, e que não querendo, o deſobedeceriam, e dariam a obediencia a elle Pero Maſcarenhas.

A carta ſendo aſſinada per todos, que faziam número de duzentos e ſeſſenta, couſa que Pero Maſcarenhas não eſperava, elle a moſtrou a D. Simão de Menezes, e lhe deo tantas razões, que D. Simão lhe prometteo, que o ſoltaria ſe aquelles Fidalgos perſeveraſſem em ſeguir ſua parte. Com eſta promeſſa, e carta tomou Pero Maſcarenhas mais animo, e começou a frequentar requerimentos com o Governador, té que lhe reſpondeo, que lhos não mandaſſe mais, que não ſe havia de pôr em juſtiça com elle em couſa que não tinha dúvida. Havida eſta reſpoſta, Pero Maſcarenhas a mandou a Eitor da Silveira, eſcrevendo-lhe, que pois Lopo Vaz ſe não queria pôr em juſtiça com elle, lhe pedia que elle, e os da ſua valia fizeſſem o que lhe tinham eſcrito, e offerecido, o que ſe com brevidade não effeituaſſem, que, por o verão ſe ir chegando, veriam as náos de Portugal, com que ficava Lopo Vaz de Sampaio com muito maior poder; porque os Capitães, e a mais gente dellas não haviam de obedecer ſenão ao Governador que achaſſem de poſſe; e que eſtava certo, que Lopo Vaz o mandaria pre-

zo nas meſmas náos ao Reyno, e aſſi ficariam fruſtradas todas ſuas eſperanças, e os favores que lhe queriam fazer na ſua pertenção. E porque o Governador Lopo Vaz fazia pouco caſo dos requerimentos de Pero Maſcarenhas, eſcreveo elle á Camara de Goa [a] os fizeſſe em ſeu nome a Lopo Vaz, requerendo-lhe, que ſe puzeſſe com elle em juſtiça; o que fazendo, e havendo per reſpoſta ameaços, Eitor da Silveira, e os Fidalgos de ſua facção fizeram outro per eſcrito, que mandáram ao Governador per Manuel de Macedo com hum Eſcrivão, o qual acabando de o ler, Lopo Vaz com grande ira mandou prender na cadeia entre os homens baixos a Manuel de Macedo, ſendo homem Fidalgo, e ao Eſcrivão arrepelou, e eſpancou.

Ao eſcandalo que Eitor da Silveira, e Diogo da Silveira tinham do Governador, ſe ajuntou a violencia de que uſava, não ſoffrendo que lhe pediſſem fizeſſe de ſi juſtiça, e ſe puzeſſe a direito com Pero Maſcarenhas. Polo que elles aſſentáram de o prender, e o fizeram ſaber aos Officiaes da Camara para lhe acudirem com armas quando cumpriſſe. Iſto ſe publicou logo; e como o Governa-

dor

[a] *Eſtes proteſtos, e a reſpoſta que a elles deo* Lopo Vaz *de* Sampaio *ſe podem ver nos capitulos nove, e dez do ſegundo livro da Decad. 4. de* Diogo do Couto.

dor o ſoube, determinou de prender a Eitor da Silveira, e aos Fidalgos da ſua valia, e aſſi ao dia ſeguinte mandou Antonio da Silveira ſeu genro, e Simão de Mello ſeu ſobrinho, e outros ſecretamente armados, que foſſem tomar as ruas, que hiam a caſa de Eitor da Silveira para deter os que lhe quizeſſem acudir; e a Pero de Faria, como Capitão da Cidade, que os foſſe prender, e elle ſe poz a cavallo na rua direita para mandar gente em ſeu ſoccorro, ou acudir elle em peſſoa, ſe cumpriſſe. Como o rumor andava já pelo povo, que o Governador queria prender Eitor da Silveira, aquella manhã ſe foram os da liga a ſua caſa, e muita gente á ſua porta; e chegando Pero de Faria a ella, Eitor da Silveira ſahio á janella, e perguntando-lhe que queria, lhe diſſe Pero de Faria, que o vinha prender, que lhe déſſe a homenagem: ao que Eitor da Silveira reſpondeo, que lha não queria dar, e que o fizera como máo Fidalgo em acceitar aquella commiſsão. Sendo o Governador certificado diſto per recado de Pero de Faria, chegou á preſſa, e da rua lhes diſſe que ſe deſſem á prizão; elles reſpondêram, que não dariam, que era ſeu inimigo capital, por lhe dizerem que fizeſſe juſtiça de ſi. E vendo o Governador que ſe não queriam dar á prizão, apeando-ſe do cavallo, tomou hu-

ma lança, e huma adarga, e com muita ira quiz ſubir acima onde aquelles Fidalgos eſtavam. Mas repreſentando-ſe a Eitor da Silveira os grandes males que ſe ſeguiriam daquella reſiſtencia, e lembrando-lhe o ſerviço d'ElRey, movido mais da lealdade que lhe devia, que do odio que tinha ao Governador, ſe deo á prizão, e ſe deram os mais que com elle eſtavam; e Pero de Faria os levou á fortaleza, onde o Governador os foi eſperar, e lhes tomou as homenagens. E porque via que alguns daquelles Fidalgos não tinham mais culpa que ſerem amigos de Eitor da Silveira, e por os ter por amigos, mandou-os para ſuas caſas; ſómente a Eitor da Silveira, Diogo da Silveira, D. Antonio da Silveira, e D. Jorge de Caſtro, por ſerem os principaes daquella opinião, deixou eſtar prezos na fortaleza; e a Jorge de Mello, e Aires Cabral, por homens ſoltos de lingua, e inquietos mandou prezos em ferros á fortaleza de Benaſterim. E no fim de Agoſto, querendo mandar a Eitor da Silveira, e aos ſeus tres companheiros a Cochij, elles requerêram com grande inſtancia, e proclamáram, que o Governador os mandava em tempo tão aſpero, e tempeſtuoſo ſó para morrerem no mar, polo que deixou de os mandar, e os teve a bom recado, e aſſi dizem que o tinham elles ſobre ſi.

CA-

CAPITULO IV.

Como Pero Mascarenhas foi solto, e obedecido por Governador per alguns Capitães.

SAbendo Pero Mascarenhas da prizão de Eitor da Silveira, e dos mais Fidalgos da sua opinião, e do máo tratamento que fazia Lopo Vaz de Sampaio a quem lhe fallava em pôr em juizo sua governança, requereo com grande instancia a D. Simão de Menezes que o soltasse, e o reconhecesse por legitimo Governador; o que não foi muito de acabar com elle pelo escandalo que tinha da prizão daquelles Fidalgos; e disse a Pero Mascarenhas, que não tinha que era honra obedecer per violencia a Lopo Vaz de Sampaio, e que a elle queria dar a obediencia. E para que não parecesse que só per sua vontade soltava Pero Mascarenhas, e lhe obedecia pela de todos, o soltou, e o levou á Igreja; e juntos os Officiaes da Justiça, e Fazenda, Fidalgos, e toda a mais gente, hum Tabellião em voz alta leo a successão de Pero Mascarenhas, que foi aberta ao tempo que D. Henrique de Menezes faleceo; e o auto que se fez da governança temporaria a Lopo Vaz de Sampaio, em quanto Pero Mascarenhas não vinha de Malaca; e a carta do Veedor da Fazenda, perque

que o mandou chamar, e a ſucceſsão de Lopo Vaz, com todos os autos da reſiſtencia, que ſe a Pero Maſcarenhas fez em Cochij. Depois de lidos, diſſe Pero Maſcarenhas, que lhes mandára ler tudo aquillo para que viſſem, que ſendo elle eleito para Governador da India por ElRey, approvado per ſeus Officiaes, e Capitães, e chamado delles, fora ſem razão deſpojado da governança, affrontado, ferido, e prezo em ferros como traidor, quando eſperava mais favor de todos, vindo vitorioſo com a deſtruição d'El-Rey de Bintam. E que para mais evidencia de Lopo Vaz de Sampaio ſe levantar com a India, prendêra aos Fidalgos principaes della com tanto rigor, por lhe requererem ſe puzeſſe em juſtiça, e caſtigava todos os que tal lhe requeriam. Cauſando tamanha diſcordia em tempo que o Eſtado da India eſtava tão arriſcado com a vinda dos Rumes, que lhes pedia fizeſſem com Lopo Vaz que ſe puzeſſe com elle em juizo, ou lhe tiraſſem a obediencia, e a deſſem a elle, e não o fazendo, fez muitas proteſtações. Todos os que eſtavam preſentes reſpondêram, que não havia que requerer, nem que proteſtar, que elles a huma voz o reconheciam por Governador, e logo o juráram por tal com grande feſta. Como eſta nova ſe ſoube, muitos Fidalgos, e outras peſſoas, que lhe eram afeiçoa-

çoados, ſe vieram para elle, aſſi de Cochij, como de outras capitanías por terem por mui juſtificada a ſua cauſa. Quando Lopo Vaz ſoube que Pero Maſcarenhas era ſolto, e obedecido de alguns por Governador, ſe teve por mal aconſelhado em o haver fiado de outrem, e tirado de Goa, ou de Cochij. Polo que receando-ſe que elle ſe vieſſe metter em Goa, mandou a Simão de Mello ſeu ſobrinho, que foſſe guardar a barra de Goa a velha com tres navios, porque alli lhe pareceo que vieſſe Pero Maſcarenhas, ao qual mandava que prendeſſe, e o levaſſe a Goa.

Neſta conjunção aportáram na barra de Goa em 16 de Agoſto as duas náos [a] da invernada do anno paſſado, de que eram Capitães Antonio de Abreu, e Vicente Gil, e em Setembro chegáram tres náos de viagem da companhia de cinco que partio de Portugal em Março daquelle anno de 1527. Das duas que faltáram, hiam por Capitães Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, que ſe perdêram na Ilha de S. Lourenço, de cujo naufragio, e ſucceſſo diremos adiante: e das tres que chegáram a ſalvamento, eram Capitães Chriſtovão de Mendoça, irmão da Duqueza de Bragança D. Joanna de Mendoça filhos de Diogo de Mendoça Alcaide mór de Mourão, que hia provído da forta-

[a] *Frota da India do anno de 1527.*

taleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello, e Balthazar da Silva, e Gaſpar de Paiva; e neſtas náos foram embarcados Dom João Deça cunhado de Lopo Vaz de Sampaio, que levava a capitanía de Cananor, e Franciſco Pereira de Berredo a de Chaul. Aos quaes Capitães fez Lopo Vaz as meſmas perguntas ſobre a juſtificação do ſeu governo, que fizera aos Capitães das náos do anno paſſado, (como atrás diſſemos,) e elles lhe deram a meſma reſpoſta que os outros, approvando a ſua poſſe.

Pero Maſcarenhas como ſe vio favorecido, mandou a Chaul Franciſco Mendes de Vaſconcellos pedir a Chriſtovão de Souſa da ſua parte, e da de D. Simão, e dos Officiaes da Camara, que requereſſe a Lopo Vaz ſe puzeſſe em juſtiça ſobre a governança, porque não convinha ao ſerviço d'ElRey haver dous Governadores, e que ſe não ſucedeſſe a iſſo, que lhe tiraſſe a obediencia: o meſmo mandáram requerer a Lopo Vaz, e eſcrevêram aos Fidalgos prezos, offerecendo-lhes Pero Maſcarenhas, que poria a vida ſobre ſua ſoltura. Chegou Franciſco Mendes a Goa, e deo os requerimentos que levava ao Secretario, e as cartas aos Fidalgos, e paſſou a Chaul, onde entregou os papeis que lhe deram em Cananor a Chriſtovão de Souſa, pelos quaes conſtando-lhe dos mui-

tos

tos requerimentos que se fizeram a Lopo Vaz de Sampaio per parte de Pero Mascarenhas, e o que fez a quem lhos apresentou, e como Pero Mascarenhas estava obedecido em Cananor por D. Simão, e o fora já de todos os Fidalgos, e Capitães da India, quando se abríra a succesão, propoz tudo aos Officiaes da fortaleza, e aos muitos Fidalgos, que por sua causa invernáram em Chaul, os quaes da prizão de Eitor da Silveira, e seus companheiros estavam mui escandalizados; e de commum acordo se assentou, que Christovão de Sousa obedecesse a Pero Mascarenhas em quanto Lopo Vaz se não quizesse pôr com elle a direito; e que quando se puzesse, daria a obediencia a quem a justiça declarasse por legitimo Governador; e que isto se fizesse logo, antes que Lopo Vaz adquirisse mais forças, ou succedesse a vinda dos inimigos. O que Christovão de Sousa não recusou fazer per o perigo que podia correr o estado da India havendo divisões; polo que escreveo a Lopo Vaz de Sampaio a razão porque dera a obediencia a Pero Mascarenhas, e a condição com que o fizera. A esta carta não respondeo Lopo Vaz, e logo lhe quiz tirar a capitanía, de que Francisco Pereira de Berredo vinha provído do Reyno. Para o que ordenou huma Armada, de que fez Capitão mór Antonio da Silveira,

e lhe

e lhe mandou que fosse a Chaul, e requeresse a Christovão de Sousa que lhe entregasse a elle a Armada que lá estava, e a capitanía a Francisco Pereira que com elle hia, por ser o tempo de Christovão de Sousa acabado. Christovão de Sousa resentido de Lopo Vaz não responder á sua carta, não deixou desembarcar a Antonio da Silveira; e ao que Lopo Vaz mandava respondeo, que o não havia de fazer, porque tinha mandado em contrario de Pero Mascarenhas seu Governador; e feitos muitos requerimentos per Antonio da Silveira, e protestos per Francisco Pereira, se tornáram sem o effeito da jornada.

CAPITULO V.

Do que Antonio de Miranda de Azevedo, e Christovão de Sousa ordenáram para Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas desistirem do governo, e se pôrem em direito.

DEpois de partido Antonio da Silveira de Goa para Chaul, vindo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar da India de Cochij para Goa, foi de caminho ter a Cananor para saber o estado daquella fortaleza; e estando no mar, lhe mandou dizer Pero Mascarenhas por D. Simão de

de Menezes, como elle eſtava ſolto, e obedecido por Governador pelo meſmo D. Simão, e per Chriſtovão de Souſa Capitão de Chaul, e pela mór parte dos Fidalgos, e ſoldados que na India andavam; que lhe requeria que lhe déſſe a elle tambem a obediencia, pois Lopo Vaz de Sampaio não queria que ſe puzeſſe em juizo a preferencia da governança, e de ſeu abſoluto poder a uſurpava; e vendo-ſe ſem Armada, veria a ſucceder no que era juſtiça. Antonio de Miranda conſiderando que a total ruina do Eſtado da India ſería haver nella ſciſma de dous Governadores, e divisão da gente Portugueza, que em ſi era pouca, e os inimigos naturaes, e eſtrangeiros ſem número, reſpondeo a Pero Maſcarenhas, que o não podia obedecer como Governador té ſe não ver com Lopo Vaz, e ſaber delle ſe ſe queria ſometter a juizo de arbitros; e que não o querendo elle outorgar, em tal caſo obedeceria a elle Pero Maſcarenhas, de que lhe deo hum eſcrito [a] de ſua mão, em que lhe fazia preito, e homenagem de aſſi o cumprir.

Chegando Antonio de Miranda a Goa, ſabendo Lopo Vaz como dera aquelle eſcrito, lho eſtranhou com muita aſpereza, e amea-

[a] *A copia deſte eſcrito referem* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap. 43. do liv. 7. e* Diogo do Couto *no cap. 7. do liv. 3.*

ameaços, que faria outro Capitão mór do mar, e elle se iria para Pero Mascarenhas; porém não ousou por não accrescentar o escandalo, e as dissensões que havia, e o mandou logo a Chaul para ajudar a Antonio da Silveira, que fora pedir a Armada a Christovão de Sousa, e depollo do cargo de Capitão, e entregallo a Francisco Pereira. E quando chegou a Chaul, partia para Goa Antonio da Silveira com a resposta que acima dissemos, a quem fez esperar té se ver com Christovão de Sousa, ao qual mandou dizer, que cumpria a serviço d'ElRey veremse ambos. Christovão de Sousa lhe respondeo o mesmo que dissera a Antonio da Silveira; e em seu nome, e dos Fidalgos que com elle invernavam, lhe mandou requerer, que acudisse á força que se fazia a Pero Mascarenhas; e que pois estava em sua mão, fizesse com Lopo Vaz que outorgasse o que tantos lhe pediam, e pacificasse a India; e sobre isto lhe mandou fazer tantas protestações, que lhe pareceo Antonio de Miranda que convinha ir á fortaleza a ver-se com Christovão de Sousa, e assi o fez. E como estes dous Fidalgos não procuravam outra cousa que o serviço d'ElRey, e a paz, e união entre os Portuguezes, determináram-se em obrigar a Lopo Vaz que desistisse da governança té se julgar a quem pertencia. Polo

que

que depois de muitos diſcurſos, aſſentáram que aquella cauſa ſe julgaſſe per juizes arbitros, e que eſtes foſſem ſete, hum delles o meſmo Antonio de Miranda, e os outros D. João Deça, Franciſco Pereira de Berredo, Balthazar da Silva, Gaſpar de Paiva, Fr. João de Alvim da Ordem de S. Franciſco, e Fr. Luiz da Vitoria da Ordem de S. Domingos.

Aſſinalados os Juizes, (os quaes ficáram em ſegredo entre eſtes dous Capitães com juramento té ſer tempo de ſe declararem, para que os dous competidores o não ſoubeſſem,) ordenáram humas Capitulações [a] ſobre ſegurança das peſſoas de Chriſtovão de Souſa quando foſſe a Goa, e de ſeus parentes, amigos, e criados, e de Lopo Vaz de Sampaio, e de Pero Maſcarenhas. Que o que delles ficaſſe julgado por Governador, não desfaria o que o outro tiveſſe feito, nem entenderia na peſſoa, e fazenda do outro, nem de ſeus criados, parentes, e amigos. E que tanto que Chriſtovão de Souſa, e Antonio de Miranda chegaſſem a Goa, Eitor da Silveira, D. Jorge de Caſtro, e D. Antonio da Silveira, e todos os mais que por cauſa de Pero Maſcarenhas eſtiveſſem prezos, ſeriam ſoltos; e que aquella cauſa ſe havia de deter-

[a] *Eſtas Capitulações eſcreve* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 44. *do liv.* 7.

terminar em Cochij, onde ambos os competidores ſe ajuntariam, como peſſoas privadas, tendo deſiſtido cada hum do officio de Governador té ſe determinar per ſentença qual delles o ſería. E que Lopo Vaz iria deſde Goa entregue a Antonio de Miranda, e em Cananor ſe lhe entregaria Pero Maſcarenhas; e querendo-o elle levar no ſeu galeão, ſe entregaria Lopo Vaz a Chriſtovão de Souſa, ou a D. Simão de Menezes para o levarem no navio em que foſſem. Eſtas, e outras muitas ſeguranças, e cautelas ſe capituláram, as quaes ao outro dia juntos todos na Igreja moſtráram, e lêram ao Feitor, Alcaide mór da fortaleza, Officiaes, e Fidalgos que invernáram nella, dando-lhe relação da cauſa porque as fizeram, e que viſſem o que lhes pareciam, e o que ſe havia de accreſcentar, ou diminuir, requerendo-lhes que lhe ajudaſſem a pôr em effeito aquella obra, os quaes todos a louváram muito, e deram os agradecimentos a Chriſtovão de Souſa, e a Antonio de Miranda, de que ſe fez auto público, que todos aſſináram.

Chriſtovão de Souſa deixando entregue a fortaleza a Alvaro Pinto Alcaide mór della, ſe partio com Antonio de Miranda, e Antonio da Silveira para Goa, onde chegados, dando conta Antonio de Miranda ao Go-

Governador Lopo Vaz de Sampaio diante do Ouvidor geral, e Secretario do aſſento que tinham tomado, e das Capitulações que tinham feitas, ſe anojou muito; porque como elle era de animo ſenhoril, e altivo, e eſtava de poſſe do governo, a ſeu parecer, juſtamente per Provisões d'ElRey, parecia-lhe que ſe lhe fazia violencia, e deſacato, ſem elle niſſo intervir, fazerem contratos, e determinações ſobre ſua peſſoa; polo que com moſtras de muita colera diſſe, que não ſe queixava ſenão de ſi meſmo, pois ſe fiára delle Antonio de Miranda, depois que dera o eſcrito a Pero Maſcarenhas, e que fizera mal de ordenar aquelle concerto para eſcuſar ſedições, e alvorotos, que per eſſe meſmo caminho ſe ſuſcitariam maiores. Antonio de Miranda, que em eſtremo deſejava a quietação commum, e evitar perigos em que o Eſtado da India eſtava, que ſó dependia de abrandarem a dureza de Lopo Vaz, lhe deſcubrio contra o juramento que fizera quem eram os Juizes que eſtavam nomeados, com o que Lopo Vaz ſe deſanojou. E aconſelhado de ſeus amigos, vendo que de neceſſidade já ſe não podia deixar de pôr em juizo, ſem riſco de perder a governança, pelos juramentos que eſtavam feitos de deſobedecerem á parte que recuſaſſe, diſſe a Antonio de Miranda, que conſentia nas ca-

pi-

pitulações, com condição, que os Juizes não haviam de ſer mais de ſete, nem outros ſenão os que eſtavam nomeados, de que lhe pedio hum aſſinado, que elle lhe deo; e que ficando Pero Maſcarenhas por Governador, não tiraſſe a Affonſo Mexia nenhum dos officios que tinha, e o entregaria ſeguro ao Governador que foſſe de Portugal. Contente Chriſtovão de Souſa de tudo, os Fidalgos prezos foram ſoltos, e ſe fizeram juramentos de parte de Lopo Vaz, e de Pero Maſcarenhas; e tendo ambos deſiſtido do governo, vieram a Cochij, e no mar eſtiveram eſtes dous competidores em arrefens té ſe dar ſentença, Lopo Vaz entregue a Antonio da Silveira na náo S. Roque, e Pero Maſcarenhas a Diogo da Silveira na náo Flor de la mar.

CAPITULO VI.

Das differenças que houve ſobre accreſcentarem á cauſa de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Maſcarenhas mais Juizes dos que foram nomeados a princípio; e como ſe deo a ſentença em favor de Lopo Vaz.

NÃo querendo Chriſtovão de Souſa que Fr. João de Alvim foſſe hum dos Juizes, e que em ſeu lugar ſe accreſcentaſſem cinco, que eram Lopo de Azevedo, que vie-

viera aquelle anno de Portugal, Antonio de Brito, que fora Capitão de Maluco, Nuno Vaz de Castello-branco, Capitão que fora do navio do trato de Sofala, Tristão de Gá, e Bastião Pires Vigairo geral da India, por quão suspeitos tinha os sete nomeados em favor de Lopo Vaz, arriscou com esta innovação o effeito do que estava assentado, e ficar o negocio em peior estado, e perigo que antes. Porque Lopo Vaz, quando lho disse Antonio de Miranda, não confiando dos Juizes que se accrescentavam, se indignou muito contra elle, queixando-se que o trouxera enganado de Goa, e o fizera desistir do governo; e sobre isso lhe disse outras palavras asperas, que Antonio de Miranda prudentemente soffreo por os desejos que tinha de ver paz na India. Finalmente, depois de muitas altercações, que chegáram a termos de se querer averiguar aquella causa com as armas, Lopo Vaz veio a consentir nos Juizes, e reconciliado com Antonio de Miranda, lhe pedio perdão das palavras que com elle passára.

Ao seguinte dia Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda com o Ouvidor geral, e o Secretario se foram ao Mosteiro de Santo Antonio de Religiosos de S. Francisco, e alli diante dos mais dos Fidalgos que estavam em Cochij, nomeáram os onze

Juizes referidos. Antonio de Miranda, que não eſtava ſeguro da ſatisfação que Lopo Vaz teria delles, polo aquietar, lhe pareceo bem que ſe accreſcentaſſem mais dous Juizes, e que foſſem Fr. João de Alvim, e Braz da Silva de Azevedo; mas Chriſtovão de Souſa vendo a deſigualdade que havia nos votos contra Pero Maſcarenhas, ſendo já a ſeu requerimento excluido por ſuſpeito Fr. João, não queria conſentir na nomeação dos dous Juizes; porém canſado das novidades que cada dia naquelle negocio recreſciam, obrigado dos deſejos da paz, que ſempre procurou, ſem dar parte a Pero Maſcarenhas, que eſtava certo que não conſentiria, deo o ſeu conſentimento. Polo que dizendo-ſe logo huma Miſſa, foi dado juramento aos Juizes, que bem, e verdadeiramente julgaſſem aquella cauſa; e recolhidos com o Secretario, que ſervio de Eſcrivão do proceſſo, apparecêram ante elles D. Vaſco Deça procurador de Lopo Vaz de Sampaio, e Simão Caeiro procurador de Pero Maſcarenhas, que com as procurações que moſtráram de ambos, offereceo cada hum as razões de Direito de ſeus conſtituintes.

Apreſentou-ſe logo aos Juizes hum longo razoado [a] de Affonſo Mexia, em que tra-

[a] *A copia deſte razoado eſcreve* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 49. *do liv.* 7.

tratava os inconvenientes que na India ſe ſeguiriam de Pero Maſcarenhas governar; e nelles ſe conhecia ter tanto odio contra Pero Maſcarenhas, quanta amizade moſtrava ter a Lopo Vaz. Outros apontamentos ſe offerecêram por parte de Pero de Faria Capitão de Goa, e outros pola do Licenciado João de Oſouro Ouvidor geral da India, em que requeriam o meſmo. Entrou tambem hum procurador da Camara de Cochij, que em nome da Cidade requereo aos Juizes da parte de Deos, e d'ElRey não julgaſſem a governança a Pero Maſcarenhas, porque era ſeu inimigo capital, e como tal os tinha ameaçados; pelo que ſendo elle Governador, deſpovoariam a Cidade, e ſe iriam para os Mouros, porque com nenhumas promeſſas, e juramentos que fizeſſe ſe teriam por ſeguros. E aſſi na noite antes daquelle dia, em que os Juizes entráram em deſpacho, todos os moradores de Cochij, por a offenſa, e reſiſtencia que fizeram a Pero Maſcarenhas, e por as ameaças que elle lhes fez de os caſtigar como traidores, ſe vieſſe a governar a India, andáram com ſuas mulheres, e filhos pelas Igrejas em prociſsão deſcalços, com muitas lagrimas, e devoção, pedindo a Deos inſpiraſſe nos Juizes que não julgaſſem a governança a Pero Maſcarenhas.

Os Juizes ouvidas as partes, deram ſeus votos; e ſendo os mais em favor de Lopo Vaz, ſe eſcreveo a ſentença [a], perque julgáram Lopo Vaz de Sampaio governaſſe a India, e Pero Maſcarenhas ſe foſſe para o Reyno, para onde lhe ſería dada embarcação conforme a qualidade de ſua peſſoa: e quanto aos ordenados do officio de Governador ficaſſe reſervado para ElRey o determinar no Reyno, como lhe pareceſſe, e tudo o mais que cada hum das partes quizeſſe requerer. Eſta ſentença ſe deo aos 21 de Dezembro daquelle anno de 1527; e aſſinada pelos Juizes Antonio de Miranda, D. João Deça, Braz da Silva, e Triſtão de Gá, ſe foram á náo, onde eſtava Pero Maſcarenhas, e entrados dentro, o Secretario lha publicou, a qual Pero Maſcarenhas, como magnanimo que era, ouvio com o roſto mui ſeguro, ſem moſtra de alguma alteração, o que ſeus amigos não fizeram, que [illegible] to-

a Traslado da ſentença: *Viſtos por os Juizes eſtes autos, e o que per elles ſe moſtra, e viſtos noſſos aſſinados, em que cada hum declarou ſua tenção, julgamos por noſſa deſinitiva ſentença, que Lopo Vaz de Sampaio governe, e ſeja Governador neſtas partes da India; e Pero Maſcarenhas ſe vá embora para o Reyno de Portugal, e lhe ſerá dada embarcação ſegundo a qualidade de ſua peſſoa. E quanto aos ordenados dos ſobreditos, fique para ElRey Noſſo Senhor o julgar como lhe bem parecer, e aſſi tudo o mais que cada hum delles quizer requerer no Reyno.* Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 50. *do liv.* 7.

todos ficáram mui triſtes. Depois foram os meſmos publicar a ſentença a Lopo Vaz de Sampaio, que a ouvio com muito prazer; e dando muitas graças aos Juizes, pedio outra vez perdão a Antonio de Miranda do que paſſára com elle. Os de Cochij, que eſtavam ſolicitos ſe ſe daria a ſentença ao contrario, fizeram muitas feſtas, o que aos da outra parte dava muita paixão, receando o tratamento que Lopo Vaz lhes faria ficando na India. E por elle os aſſegurar deſta ſuſpeita, antes que deſembarcaſſe, ao outro dia pela manhã em hum catur correo toda a frota, pedindo a todos que ſe alegraſſem com elle, e creſſem que tinham nelle hum grande amigo na India, e no Reyno com Sua Alteza para lhe repreſentar ſeus ſerviços; e que aos que foram da facção de Pero Maſcarenhas tinha em mui boa conta, por proſeguirem com tanto valor o que lhes parecêra que era juſtiça, que o meſmo eſperava fizeſſem por elle quando cumpriſſe, e que ſerviſſem com elle a ElRey com aquelle meſmo animo, e ſe foſſem a deſcançar. Do que lhe todos deram as graças, e com elle foram a terra acompanhando-o, onde foi recebido com muita feſta, e levado á Igreja debaixo de pallio, e alli fez muitos cumprimentos aos Fidalgos que lhe foram contrarios, com que ſe ſeguráram para ficar na India.

Neſ-

Neſte tempo foram acabadas de carregar as náos que haviam de vir a Portugal, e ſe partíram, e em huma dellas veio Pero Maſcarenhas entregue a Antonio de Brito, que vinha por Capitão della, e o fora de Maluco; e primeiro que Pero Maſcarenhas partiſſe, mandou citar ao Governador Lopo Vaz para ante ElRey por o civel, e crime que contra elle eſperava alcançar, e lhe eſcreveo que ficavam Caſtelhanos em Maluco, que ſoccorreſſe a D. Jorge de Menezes com gente, e munições para defensão daquella fortaleza. As náos chegáram em ſalvo a Portugal, e Pero Maſcarenhas foi d'ElRey bem recebido, e lhe deo a capitanía de Azamor, onde eſteve alguns annos, e vindo para Portugal ſe perdeo no mar. [a]

CAPITULO VII.

De algumas Armadas que Lopo Vaz deſpachou, e como ſoccorreo a fortaleza de Ceilam, que eſtava cercada, mandando a ella Martim Affonſo de Mello.

VEndo-ſe Lopo Vaz de Sampaio fóra das inquietações, e diſcordias em que andava com Pero Maſcarenhas, e deſpachada

[a] João de Barros *eſcreveo as differenças entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Maſcarenhas com tanta brevidade em dous pequenos capitulos, que fica ſendo a noticia dellas diminuta, polo que pareceo dalla inteira nos ſeis ca-*

da a Armada para o Reyno, pareceo-lhe necessario ordenar outra para elle ir ao Estreito queimar as galés dos Rumes, que alli estavam, de cujas differenças, e poucas forças, e morte de Raez Soleimão elle já sabia, como atrás dissemos. E pondo em conselho este seu intento, lhe foi contrariado como da outra vez, e se assentou nelle, que não convinha ir o Governador fóra da India em tempo que ElRey de Calecut tinha aprestados muitos paráos seus, e feita armação com muitos cossarios, com que podia fazer muito grande damno em ausencia do Governador; e que para queimar as poucas galés dos Rumes, que estavam em Camaram, bastava mandar huma Armada ao Estreito. Com esta resolução apparelhou Lopo Vaz huma Armada, que entregou a Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar da India, e despachou Pero de Faria para ir a Malaca servir de Capitão daquella fortaleza, (na vagante de Jorge Cabral, que tinha já acabado seu tempo,) que partio em Abril de 1528, e de que já começámos fallar no primeiro Livro, discorrendo pelas cousas de Malaca, e Malu-

pitulos passados; porém menos dilatadamente do que as escrevêram Fernão Lopes de Castanheda *no liv.* 7. Diogo do Couto *nos liv.* 2. 3. *e principio do* 4. *e* Francisco de Andrade *na* 2. *Parte desde o cap.* 11. *té o* 28. *onde se poderão ler com mais particularidades.*

luco, para onde hia, em companhia do mesmo Pero de Faria, Simão de Sousa Galvão, em huma galé, de cuja jornada adiante diremos. E assi espedio a D. João Deça para ir tomar posse da capitanía da fortaleza de Cananor, de que do Reyno viera provído, e para guardar a costa aquelle verão, na qual andavam muitos paráos de Malavares. [a]

Outra Armada ordenou a Martim Affonso de Mello Jusarte para ir fazer a fortaleza de Sunda, que Francisco de Sá, (como temos dito,) por o máo successo que houve, não pudera fazer. E por o Governador, e elle recearem que para aquella jornada não achariam gente que quizesse ir por o que lá a Francisco de Sá acontecêra, lançáram fama, que a Armada era para ir fazer prezas na costa de Tanaçarij, e Pegú, por lá serem lançados alguns navios de Turcos, e náos de Mouros, que per entre as Ilhas de Maldiva faziam sua viagem áquellas partes, fugindo de nossas Armadas. Como esta nova se soube, se alvoroçou a gente

a *Aprestou outra Armada de seis catures, e fustas, de que fez Capitão Manuel da Silva para guardar a costa de Goa té Chaul. E a João de Flores mandou com huma caravella, huma barcaça, e tres fustas arrecadar a renda da pescaria do aljofar, a quem accommettêram vinte paráos de Mouros, não tendo João Flores comsigo as fustas, e o matáram, e a todos os Portuguezes, e queimáram os navios.* Francisco de Andrade *cap.* 30. *da* 2. *Parte.*

te com a esperança das prezas, parecendo-lhe que sería nesta ida Martim Affonso tão bem fortunado, como fora o anno passado na Armada em que fora ás Ilhas de Maldiva, onde se fez muito proveito. Na qual viagem abrio Martim Affonso nova navegação das Ilhas de Maldiva para Goa, fazendo-se na volta de Çocotorá, e depois de escorrer todos os baixos das Ilhas arribando sobre Goa.

Aprestada a Armada de oito vélas grossas [a], e de alguns navios de remo, das quaes foram Capitães Antonio Cardoso, Francisco Ferreira, Duarte Mendes de Vasconcellos, Francisco Velho, João Lobato, Manuel da Veiga, Manuel Vieira, João Coelho, Vasco Rabello, e Thomé Rodrigues, nella se embarcáram quatrocentos homens; e estando para partir, vieram novas ao Governador como Boenegobago Pandar Rey da Cota em Ceilam estava cercado de Patemarcar Capitão mór d'ElRey de Calecut, o qual pelos seus portos de mar lhe fazia muito damno em odio dos nossos, e em favor de Madune Pandar irmão do mesmo Rey da Cota; polo que sendo necessario soccorrer aquelle Rey, por ser vassallo d'El-Rey

[a] *Esta Armada era de onze vélas de remo, das quaes huma era galé, e outra galeota.* Diogo do Couto *cap.* 5. *do liv.* 4.

Rey de Portugal, mandou o Governador a Martim Affonſo, que logo partiſſe, e paſſaſſe por Ceilam, e ſoccorreſſe a ElRey Boenegobago Pandar. Martim Affonſo fez a viagem como ſe lhe ordenou, e chegou a Columbo, onde já não achou Patemarcar, que tendo novas da noſſa Armada, ſe metteo pelos rios da Ilha em partes, que os noſſos navios por ſerem grandes não podiam ir a elles, e o Madune Pandar levantou o cerco que tinha poſto ao irmão. [a]

Martim Affonſo por não perder ſua monção,

a Eſtes dous irmãos, e outro, que ſe chamava Reigam Pandar, eram filhos de hum irmão de Dramapracura Mabago Rei de Ceilam, per cuja morte outro ſeu irmão chamado Boenegabo Pandar lhe matou tres filhos, que lhe ficáram de pouca idade, e uſurpou o Reyno; e para o poſſuir ſem contradicção, e ſer abſoluto ſenhor delle, determinou de matar a eſtoutros tres ſobrinhos, e enteados ſeus, porque eſtava caſado com a mulher de ſeu irmão, cujos filhos elles eram. Os moços, que já tinham idade para entenderem a intenção do tio, com ajuda de quem lhes maior bem queria que elle, o matáram, tomáram-lhe o Reyno, e o dividíram entre ſi. Boenegobago Pandar, que era maior, ficou com o titulo de Rey da Cota, Madune Pandar com o Eſtado de Ceitavaca, e Reigam Pandar com o de Reigam. Gozáram eſtes tres irmãos ſeus Eſtados em amizade alguns annos té á morte de Reigam Pandar, que ElRey tomou o que elle poſſuia, e Madune deſejava, ſobre que ſe começáram a deſavir eſtes dous irmãos, e a contender abertamente, pertendendo Madune de ſubir ao ſupremo dominio daquella Ilha, para o que intentava todos os meios para o conſeguir. E eſta era a cauſa da guerra entre elles, na qual ſe ElRey ajudava dos Portuguezes em ſua defenſão, e Madune dos Malavares para ſeus intentos. Diogo do Couto *Decad.* 5. *liv.* 1. *cap.* 5.

ção, não ſe quiz deter em Ceilam, e com muito proveito que fez de navios de Mouros que alli houve, partio, e foi ter a Calecare, onde ſe vio com o ſenhor da terra, e aſſentou com elle o trato da peſcaria do aljofar, que ſe peſca naquelles baixos de Ceilam, a hum preço certo, e com obrigação que pagaria cada anno tres mil pardáos, com que o Governador da India mandaſſe dar guarda aos peſcadores do aljofar no tempo da peſcaria, da qual então andava por Capitão Diogo Rebello com alguns navios. E porque os moradores de Care, lugar vizinho de Calecare, onde tambem ſe peſca o aljofar, matáram a João Flores Capitão da guarda daquella peſcaria, Martim Affonſo paſſou lá, e o deſtruio, e dalli ſe foi a Paleacate.

CAPITULO VIII.

Do que ſuccedeo a Martim Affonſo té ſe perder na Ilha de Negamale, e como foi cativo.

DEteve-ſe Martim Affonſo alguns dias em Paleacate, (onde eſtava por Capitão Ambroſio do Rego,) tomando roupas, e outra fazenda, que lhe era neceſſaria para a jornada que hia fazer; e ao tempo que naquelle lugar ſe eſtava apercebendo, acertá-

táram de vir de Cochij per terra alguns patamares, que são correios de pé, que em ſeu modo andam tanto como cá os noſſos correios a cavallo, os quaes deram novas da Armada de Martim Affonſo, que tanto que ſe elle partio de Cochij, ſe publicou que elle hia fazer a fortaleza de Sunda, e não as prezas de Tanaçarij. E a cauſa por que ſe rompeo eſte ſegredo, foi, que eſtando Martim Affonſo lendo entre ſi o regimento que levava, ficava-lhe nas coſtas delle huma cota que dizia: *Regimento de Martim Affonſo de Mello do que ha de fazer na jornada de Sunda, aonde agora vai*; a qual cota lendo quem eſtava junto delle, a divulgou, e aſſi ſe veio a publicar o lugar onde hia. Como o ſoube a gente da ſua companhia, e ſe achou enganada, ſe começou amotinar, e fugir alguma; porque quanto foi o alvoroço com que partíram para as prezas de Tanaçarij, tanto foi o deſgoſto de os levarem a Sunda. Polo que cumprio a Martim Affonſo desfazer alguma prata ſua, e buſcar dinheiro empreſtado com que fez algumas pagas aos ſoldados; porque quando partíra de Cochij com a nova de irem ás prezas, não lhe fora nada pago. E por mais os aquietar lhes prometteo Martim Affonſo, que de caminho iriam pela coſta de Tanaçarij, e faria as prezas
que

que alli achassem. Com este proposito se partio de Paleacate, tornando-se dalli Antonio Cardoso com huma galé por não servir para aquella navegação que havia de fazer; e por duas fustas fazerem muita agua, se tornáram tambem com seus Capitães para Cochij, os quaes parece que quiz Deos salvar dos perigos que os outros haviam de passar. Porque fazendo elles sua viagem, na travessa daquelle golfão, e enseada de Bengála saltou com elles hum temporal, que os espalhou de maneira, que Martim Affonso se achou só com seu navio junto á Ilha que chamam Negamale, que he fronteira á Cidade de Sodoé, que está na terra firme, onde em hum baixo se veio a perder, ficando a maior parte da gente salva.

[a] Vendo-se Martim Affonso no batel do navio em que se salvou com té cincoenta pessoas, e com a fortuna do tempo, que poderia perder os outros navios da sua Armada, seguio a vontade dos mais companheiros, e mandou remar contra a ponta de Negamale, parecendo-lhe que por ser parte que os nossos navios geralmente vam demandar, quando navegam a Pegú, alli

po-

[a] *Tudo isto faltava nos quadernos de* João de Barros, *que parece lhe tiráram a folha em que devia estar escrito.* Diogo do Couto *cap.* 10. *do liv.* 4. Francisco de Andrade *cap.* 36. *da* 2. *Part. e* Fernão Lopes de Castanheda *desde o cap.* 75. *té o cap.* 79. *do liv.* 7.

poderia achar algum remedio; porque quando não fosse em os navios que esperavam de achar, sería na gente da terra, por o muito conhecimento que tinha de nós; mas quantas cousas accommettia, nenhuma lhe succedia bem, porque tudo eram mudanças do tempo, que ora os lançava a huma parte, ora a outra, sem ousar de tomar terra, temendo serem offendidos dos Barbaros da costa, por ser gente que não tinha commercio comnosco. Finalmente vencidos da fome, e da sede, tanto que descubríram huma pequena povoação, lançáram-se alli duas pessoas aventuradas a morrer por dar vida a todas as outras, os quaes foram hum Fidalgo per nome Francisco da Cunha, filho de Ruy de Mello da Cunha do Algarve, e hum Antonio Fialho; que foram logo tomados, e levados da vista dos nossos para o sertão per muitos daquelles Barbaros que se ajuntáram. Quando Martim Affonso vio o procedimento que elles tiveram com aquelles dous soldados, (que não corrêram perigo da vida, e passado algum tempo foram resgatados,) converteo-se aos companheiros, e com as melhores palavras que pode, os persuadio tivessem paciencia naquelles trabalhos, e os mudou de seu proposito, que era quererem antes morrer em terra cativos daquella barbara gente, que an-

andar mortos de fome, e de ſede, e ao cabo ſerem comidos dos peixes. Polo que voltando ao baixo, onde ficou o navio perdido, parecendo-lhe que o mar lançaria alguma couſa delle, com que ſe pudeſſem reparar, nem alli, nem a outra parte achâram ſenão maiores trabalhos, e perigos, com os quaes navegâram cinco, ou ſeis dias com grande fome, e ſede, e ao cabo delles aportâram a huma ilheta, onde deſcubríram humas tartarugas, com cuja carne, e ovos que cozêram em hum capacete, ſe deo a vida a muitos enfermos, que comêram de humas favas peçonhentas, que alli achâram, e os sãos ſe refreſcâram.

Paſſados tres dias, partíram daquella ilheta, e atraveſſando a coſta, chegâram a huma praia, onde achando boa agua, e palmitos, com elles, e com o que levavam das tartarugas eſtiveram outros tres dias: ao cabo delles vieram dar com os noſſos duas almadias de peſcadores, os quaes dizendo que os levariam ao porto de Chatigam, que he de Bengála mui frequentado dos Portuguezes, os mettêram em hum rio de huma Cidade chamada Chacuriá, que era do ſenhorio de Codavaſcam vaſſallo d'ElRey de Bengála; ao qual dando os peſcadores novas daquelles Portuguezes, que andavam perdidos, e que vinham deſarmados, o Coda-

davaſcam que ſabia ſerem os Portuguezes homens esforçados, e exercitados na guerra, determinou de ajudar-ſe delles em huma que tinha com hum ſeu vizinho, e aſſi os mandou logo buſcar com ſuas gentes, e os trouxe a ſi com promeſſas de os aviar para ſe tornarem á India, e de outras couſas, que não cumprio. Porque havida vitoria de ſeu inimigo com ajuda daquelles Portuguezes, não lhes quiz dar licença que ſe foſſem, mas os reteve como cativos, dizendo-lhes que ſe reſgataſſem. O lugar onde eſte tyranno os tinha era huma Cidade ſua que ſe chamava Soré, ſituada ao longo de huma ribeira, que entra em hum rio, o qual ſe vai metter no mar oito leguas da Cidade.

Aconteceo que eſtando Martim Affonſo naquelle eſtado, vieram ter á barra daquelle rio huma galeota, e hum bargantij da ſua Armada, de que eram Capitães Duarte Mendes de Vaſconcellos, e João Coelho, aos quaes elle logo mandou aviſar como eſtavam alli, e que o Codavaſcam lhe pedia reſgate por ſuas peſſoas, que ajuntaſſem alguma couſa do que traziam para os livrar daquelle tyranno; mas como elles traziam pouco, e o tyranno pedia muito, vendo que não tinham outro remedio, determináram Martim Affonſo, e ſeus companheiros

de

de fugir, tendo concertado que duas almadias iriam de noite per o rio acima té hum certo lugar que sería da Cidade duas leguas, porque não podiam subir mais acima, e que alli os recolheriam, o que se não pode fazer tão secretamente, que não fossem sentidos, e tomados antes de chegar ao lugar em que esperavam as almadias, estando já todos embrenhados. E o que mais sentio Martim Affonso foi degollarem os Bramenes diante de seus olhos a Gonçalo Vaz de Mello seu sobrinho, (mancebo mui gentilhomem, a que então começava a barba,) em sacrificio a seus idolos, porque lhes tinham feito voto, que deparando-lhes os Portuguezes, lhe sacrificariam o mais formoso delles; e posto que Martim Affonso prometteo pelo sobrinho grande resgate, não o pode livrar da morte, que com grande constancia Christã elle padeceo. Os que estavam nos navios tanto que foram avisados do estado em que Martim Affonso ficava, partíram-se caminho da India a dar novas do successo daquella Armada. Mas quiz Deos prover a tribulação daquelles homens, porque dahi a pouco tempo foram resgatados por tres mil cruzados, que por elles deo hum mercador Mouro que havia nome Coge Sabadim.

CAPITULO IX.

Como D. João Deça desbaratou, e prendeo a China Cutiale Capitão mór d'ElRey de Calecut, e do que mais lhe ſuccedeo.

DOm João Deça, que atrás diſſemos que o Governador mandára com Armada á coſta de Calecut, poz niſſo tal diligencia, que não ſahia navio dos lugares daquella coſta que lhe eſcapaſſe; polo que naquelle verão que nella andou, tomou cincoenta vélas, as mais dellas carregadas de pimenta de Mouros de Calecut, no que teve muitas pelejas com elles, nas quaes os Portuguezes o fizeram ſempre mui esforçadamente. E não ſahindo já navios daquelles portos com temor de D. João, com conſelho dos Capitães, que com elle hiam, deſembarcou em Mangalor, por ter novas que eſtavam alli recolhidos alguns paráos, os quaes queimou, e abrazou o lugar; e ſem receber algum damno ſe tornou a embarcar, e correndo a coſta, encontrou com China Cutiale Capitão mór da Armada d'ElRey de Calecut, que era de ſeſſenta paráos. Era eſte Mouro mui valente cavalleiro, e que ſempre andava apercebido de grande número de vélas, e gente limpa; e deſta vez que ſe topou, e pelejou com D. João, poſto que accommetto

os

os nossos com muito animo, e durou hum bom espaço no combate por ser o número dos Mouros mui desigual, por derradeiro o paráo em que vinha Cutiale foi entrado dos nossos, e elle ferido de duas cutiladas pelo rosto, e duas arcabuzadas em huma perna; e assi ferido, vendo que não tinha outro remedio para se salvar, se deitou ao mar por não vir a poder dos Portuguezes; porém não pode escapar que não fosse tomado, e a maior parte dos seus navios, com morte de mil e quinhentos Mouros, e quasi outros tantos cativos; dos nossos houve muitos feridos, e vinte mortos. D. João havida esta vitoría, que foi mui grande, por ser já no fim do verão, se recolheo a Cananor, onde desarmou os navios, mandando a galé para Cochij, em que foi D. Simão de Mezes, que lhe entregou a fortaleza. O Governador que daquelle feito levou muito gosto por quão desmandados andavam os Mouros daquella costa, escreveo a D. João as graças, e lhe fez mercê da pessoa de China Cutiale, que curado, e são de suas feridas deo por seu resgate doze Portuguezes dos que estavam cativos em poder do Çamorij, e quinhentos cruzados em dinheiro, e jurou em sua lei, e deo fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portuguezes, com que ficou livre.

CAPITULO X.

Como Antonio de Miranda Capitão mór do mar partio para o Estreito, e do que passou naquella viagem té chegar ao porto da Cidade de Adem.

ANtonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar, a quem Lopo Vaz de Sampaio entregou huma Armada de vinte vélas, com mais de mil homens para o Estreito do mar Roxo, da qual eram os principaes Capitães Antonio da Silva filho de Tristão da Silva, Lopo de Mesquita, Henrique de Macedo, Fernão Rodrigues Barba, Ruy Pereira, D. Jorge de Noronha, Francisco de Vasconcellos, Ruy Gonçalves Capitão da Ordenança. Partio de Goa aos 25 de Janeiro do anno de 1528, e fazendo sua viagem, achou hum galeão de Rumes, que hia carregado de madeira para fazer galés, e por ser veleiro não o puderam seguir senão alguns bargantijs, os quaes elle arredava de si com a muita artilheria que levava, té que havendo dous dias que o seguiam o perdêram de vista por o tempo ser tanto, que não podiam soffrer véla. Chegando Antonio de Miranda a Çocotorá, deteve-se alli cinco dias para repairar alguns dos navios que levava, e partio a cinco de Fe-

Fevereiro ; e quando chegou ao Cabo de Gardafú, e coſta de Arabia, repartio as vélas que trazia em tres partes, huma deo a Antonio da Silva Capitão do galeão Reys Magos, outra deo a Fernão Rodrigues Barba Capitão do galeão S. Rafael, e elle ficou no meio com quatro galeões, e dous bargantijs, porque não entraſſe, nem ſahiſſe navio do Eſtreito que lhes não vieſſe cahir nas mãos. Porém no tempo que alli andáram, que foi todo Fevereiro, tiveram tantas ſarrações, que paſſáram muitos navios ſem ſerem viſtos; mas todavia alguns cahíram na rede aos noſſos bargantijs, como foi huma náo que mettêram no fundo por não querer amainar. E Henrique de Macedo apartando-ſe com as ſarrações ao mar, encontrou com hum galeão de Turcos mui poderoſo; e tanto que hum houve viſta do outro, trabalháram por ſe ajuntar, té que ſe afferráram, confiados os Turcos de virem bem provídos de armas, e de muitos artificios de fogo, dos quaes lançáram logo huma lança no noſſo galeão, a qual ſe apegou na véla, que ſacudindo-ſe com as lufadas do vento que acalmára, deſpedio de ſi com tanta força a meſma lança, que cahio no galeão dos Turcos; e não ſómente deixou ateado o fogo na véla do noſſo galeão de maneira que a queimou toda, e poz em riſco ao galeão de ſe queimar,

mas

mas ainda queimou os mesmos inventores do fogo. Porque receando elles que os nossos abalroassem, e entrassem no seu galeão, enchêram a pôpa delle de polvora; e esta lança que lançáram para os nossos por vir dar nella, lavrou de maneira que se queimou o seu galeão, e todos os Turcos, tirando sete, ou oito que se lançáram ao mar. E a causa do galeão de Henrique de Macedo não arder, estando ambos tão travados, foi por chegar hum bargantim dos nossos, e Diogo de Mesquita em o batel do seu navio, e ás toas o desembaraçáram, livrando-o daquelle perigo; e depois que o apartáram delle, tornáram sobre os Rumes, que andavam nadando, e ás lançadas os matáram todos.

A Antonio da Silva coube-lhe em sorte tomar huma náo grande de Dio, e huma cotia com especiaria, e toda a gente della morreo á espada. Ruy Gonçalves Capitão da caravella Bicha abalroou hum bargantim, e hum zambuco. Fernão Rodrigues Barba tomou dous zambucos carregados de especiaria, e arroz; os Capitães dos bargantijs tomáram outros dous. D. Jorge de Noronha encontrou huma náo mui grossa com que andou dous dias ás bombardadas, e por derradeiro ella se salvou com deixar a D. Jorge muita gente ferida, e depois foi elle dar com hum zambuco carregado de algodões, que

por

por a ſua galé os não poder recolher, cativou os Mouros, e poz fogo ao zambuco. Finalmente cada hum dos Capitães teve ſuas aventuras, té que ſe ajuntáram com Antonio de Miranda no porto da Cidade de Caxem, que he na coſta de Arabia, onde elle tinha dado regimento que ſe ajuntaſſem té 15 de Março. Dahi eſpedio o Feitor da Armada com hum bargantim, e alguma gente com as náos tomadas que o foſſem aguardar a Maſcate, porque queria dar huma viſta á Cidade de Adem, por lhe dizerem os Mouros, que tomáram naquellas náos, (que todos vinham de Judá,) terem novas que os Rumes eſtavam ſobre Adem, e quando não eſtiveſſem, queria chegar ás portas do Eſtreito.

Havendo quinze dias que Antonio de Miranda eſtava com toda Armada em Caxem, chegou alli hum navio a que os Mouros chamam Marruaz, de que affirmáram ao Capitão mór, que ainda ſe eſperavam por mais náos que haviam de vir ao Eſtreito. Eſta meſma nova certificáram alguns dos Mouros cativos. Movido com eſta nova Antonio de Miranda, havendo conſelho com os ſeus Capitães, determinou-ſe nelle que era ſerviço d'ElRey embocar o Eſtreito, e ao menos dar huma viſta á Cidade de Adem, quando outra couſa não fizeſſem, e favorecella com

tão

tão groſſa Armada contra os Rumes, por naquelle tempo eſtar a Cidade na noſſa amizade, e que alli poderiam ter certa informação do lugar, e eſtado em que eſtavam os Rumes. Partido Antonio de Miranda com eſta determinação caminho de Adem, deixou em Caxem a Ruy Pereira com huma galé, e huma galeota por ſer Quadrilheiro mór das prezas, e ter por arrecadar o dinheiro de duas náos groſſas de Mouros que alli ſe vendêram; e deixou-lhe ordenado Antonio de Miranda, que como foſſe deſpachado, ſe foſſe a via de Adem, e ahi o eſperaſſe, o qual o cumprio aſſi; e chegando primeiro que Antonio de Miranda, achou no porto duas náos groſſas com mercadoria, ás quaes não fez damno algum por honra dos de Adem, por lho aſſi ter mandado Antonio de Miranda, e em ſinal de paz ſalvou a Cidade com ſua artilheria ſegundo ſeu coſtume. E como os Mouros por ſuas obras nunca ſe aſſeguram, mandáram logo os Governadores da Cidade viſitar o Capitão com algum refreſco, dizendo como aquella Cidade eſtava preſtes para o que lhe neceſſario foſſe por ſer amiga de Portuguezes, e ElRey ſeu Senhor lho ter aſſi mandado que o fizeſſem, vindo alli ter algumas náos noſſas. Ruy Pereira lhes reſpondeo com boas palavras, e delles ſoube como ElRey eſtava

fó-

fóra da Cidade, no ſertão, para acudir a hum ſeu vizinho que lhe entrava pelo Reyno; e as novas que dos Rumes lhe deram, foram haver pouco que eſtiveram alli [a], e delles receberem damno por lhes defenderem a terra, e que tinham ao preſente novas que eſtavam em Camaram.

Dahi a dous dias chegou Antonio de Miranda com toda a Armada, que poz na Cidade grande eſpanto, depois que ouvíram a ſalva da artilheria que elle fez; e logo os meſmos Mouros que vieram a Ruy Pereira ſe foram ao galeão do Capitão mór com preſentes, e refreſco da terra, offerecendo-lhe o que houveſſe miſter para aquella Armada, por aſſi lho ter mandado ElRey ſeu Senhor quando dalli partio. E depois que Antonio de Miranda lhes agradeceo ſua viſitação, eſteve inquirindo delles novas dos Turcos, e aſſi do Eſtreito, para ſaber o fundamento que teria na mudança de ſua Armada; e por as couſas que ſoube delles, que concordavam com as que tinham dito a Ruy Pereira, poz em conſelho o que ſe faria. E porque os mais eram de parecer que, antes que foſſe ſobre os Rumes, mandaſſe alguem que tomaſſe informação do que paſſava no Eſtreito, mandou a eſte negocio o Piloto mór da

[a] *Eſtes Rumes eram os da companhia de Muſtafá ſobrinho de Raez Soleimão.*

da Armada contra voto de muitos que quizeram por ſi fazer aquella jornada. Mas como Antonio de Miranda receava, que mandando homem de maior ſorte, podia atraveſſar-ſe em tomar algum navio, quiz antes eſte, pois não hia a mais que a ver os tempos que curſavam dentro do Eſtreito, e haver á mão alguma gelva para tomar lingua, e que niſto ſe arriſcava pouco. Porém como o Piloto tambem deſejava haver alguma boa preza, tanto que entrou dentro no Eſtreito, e lhe vieram á mão dous marruazes que andavam deſarmados, tornou-ſe para Adem ſem ir mais adiante, dizendo que curſavam já os tempos verdes, e que o não pudera fazer. Alguns diziam, que o temor o fez tornar; e por ſe ver glorioſo com a preza que fez, parecendo-lhe que baſtava ſaber de alguns Mouros que tomou, como os Rumes eſtavam em Camaram, e que ſeriam té ſeiscentos homens de peleja, e outra muita gente do mar, e huma Armada tão groſſa, que não era a noſſa que eſtava em Adem para pelejar com ella. Antonio de Miranda ſe vio envergonhado com hum recado tão incerto, que não concordava com o que os Mouros lhe tinham dito, e ficou anojado de confiar ſua honra do Piloto, e não de peſſoas de mais qualidade que lhe pediam aquella jornada, e eſteve quaſi determinado de entrar pelo Eſtrei-

treito; mas faltando-lhe mantimentos, receou que á tornada os Levantes o impediſſem; polo que ſe reſolveo de quebrar eſta furia em Zeila; poſto que outros lhe diziam que foſſe em Xael, onde elle dizia que eſperava de dar quando tornaſſe, por lhe ficar em caminho.

Aſſentado de ir á Cidade de Zeila, que he da parte de Africa na coſta do Abexim, paſſou com toda a Armada da outra parte, e achou a Cidade deſpejada de todo; porque os moradores della como foram aviſados da Armada groſſa que per alli andava, mettêram logo ſua fazenda pelo ſertão, e eſtavam preſtes, como a Armada appareceſſe, aſſegurarem tambem ſuas peſſoas; polo que neſta ida de Zeila não ſe fez mais que pór o fogo ás ſuas caſas palhaças; e querendo voltar para a coſta de Arabia, ſurgindo no Cabo de Guardafú, ſaltou com a Armada tal temporal que os fez acolher a Maſcate, ſem dar em Xael como deſejavam. Aqui eſteve Antonio de Miranda com ſua Armada, por ſer hum porto, em que as Armadas que os Portuguezes trazem no Eſtreito de Méca vem invernar; e deixando alli a Armada entregue a Antonio da Silva de Menezes, ſe foi a Ormuz no ſeu galeão S. Diniz com outros dous que levou em ſua companhia para arrecadar o dinheiro das náos das prezas que alli

ti-

tinha mandado para ſe venderem, e de cinco paráos de Malavares carregados de pimenta, que tomou vindo elles ter a Adem, quando ahi eſtava, que tambem mandou vender a Ormuz com as outras náos.

CAPITULO XI.

Como Antonio de Miranda veio de Ormuz a Dio, e do que aconteceo neſſe caminho a Lopo de Meſquita, a Diogo de Meſquita, e a Henrique de Macedo, e como chegou a Chaul toda a Armada.

TOrnando Antonio de Miranda de Ormuz, (onde era ido com Ruy Pereira ſobre o dinheiro das prezas,) a Maſcate, dahi partio a 22 de Agoſto daquelle anno de 1528 para Cambaia a eſperar as náos que hiam a Dio, aonde chegou, e ancorou; e por o tempo ſer ainda verde, e o ſeu galeão não poder ſoffrer amarra, mandou levar ancora, e deo ſinal á Armada, que aſſi o fizeſſe, ſe diſſo tiveſſe neceſſidade, o que todos fizeram, ſenão Antonio da Silva, e Henrique de Macedo com ſeus galeões, e outras duas vélas. O Capitão mór com o tempo que lhe deo foi parar a Chaul de maneira, que as prezas que ſe houveram de fazer ſobre Dio não houveram por eſſa cauſa effeito. Corren-

do

do com o mesmo temporal Lopo de Mesquita com o seu galeão Çamorij, foi dar com huma náo de mercadores que hia para Dio, e andava com a mesma tormenta. Lopo de Mesquita a abalroou, e com alguns dos seus entrou nella com assás trabalho, por a náo trazer duzentos homens bem armados, que pelejáram mui valentemente; e posto que os Portuguezes não eram mais que trinta, davam-lhe bem que fazer. E andando assi os nossos neste trabalho, lhes sobreveio hum caso mui perigoso, porque se houveram de perder; porque as balroas com que o galeão estava abalroado com a náo, quebráram, e se apartáram ambos, ficando Lopo de Mesquita com os poucos que o seguiam dentro na náo entre aquelle grande número de Mouros; e como se víram naquelle estado de desesperação das vidas, querendo vendellas caras áquelles inimigos, dobrando-lhes a necessidade as forças, os accommettêram com tanto impeto, e esforço, que matáram quasi todos, posto que com grande força, e resistencia se defendêram, e os outros vendo-se feridos, se rendêram. E cuidando Lopo de Mesquita, e os que com elle entráram na náo, que por alli se acabavam seus trabalhos, sobreveio-lhes outro de maior temor; porque a náo dos Turcos quando esteve abalroada, dava com a tormenta tão grandes pancadas

no

no galeão, que era mui forte, que ficou quasi de todo aberta, e começou de se encher de agua, e ir-se ao fundo; o que vendo Lopo de Mesquita, ajuntou todo o dinheiro que na náo achou, e mandou a seu irmão Diogo de Mesquita que se mettesse no batel com dezeseis homens, para que não podendo a náo escapar, salvasse aquelle dinheiro no galeão, onde recolhido mandasse pelos que ficavam na náo.

Os do batel perdendo logo de vista o galeão com o tempo, entendendo que a náo não poderia deixar de se ir ao fundo, não quizeram tornar a ella, receando que os que nella ficavam se quizessem metter no batel, que por ser pequeno se alagaria, e assi deram á véla governando para Chaul, levando forçado a Diogo de Mesquita, que lhes não pode resistir; e navegando foram encontrados da Armada de Dio, que os tomou, e cativos foram levados a ElRey de Cambaia [a], que com grandes mimos, e promessas os persuadio que se fizessem Mouros; e depois que com elles os não moveo de sua fortaleza Christã, vieram ás ameaças, e aos tormentos, que a nenhum delles mudáram. A Diogo de Mesquita mandou ElRey metter dentro em huma grossa bombarda cevada, o qual com huma cons-

[a] Diogo do Couto *no cap. 9. do liv. 4.* e Fernão Lopes de Castanheda *cap. 68. do liv. 7.*

constancia de martyr lhe disse, que tomára fora o tormento maior, e mais duravel para padecer mais, e mostrar nelle o gosto com que o passava pela honra de Deos, e por sua Fé Santa. Admirado Soltam Badur daquelle animo, o mandou tirar da bombarda, e foram todos mettidos em huma aspera prizão, donde depois sahíram com muita honra.

Lopo de Mesquita, que ficou na náo, fez tanta diligencia, que se tomáram as aguas principaes, que estorvavam o governo da náo, e nella com grande trabalho foi ter a Chaul, onde achou já o seu galeão, e Antonio de Miranda com sua Armada. Apôs Lopo de Mesquita veio Henrique de Macedo em seu galeão Çamorij grande mui destroçado com mastos, e vergas quebradas, e roto o costado per muitas partes; porque em huma calmaria que teve de fronte de Dio, o investíram algumas cincoenta fustas, e tres galeotas, que o chegáram a tal estado, que esteve quasi de todo perdido, porque pelejou de pela manhã té á tarde; e foi tal a peleja, que lhe matáram a maior parte da gente, e a outra foi ferida de maneira, que lhe não ficáram sãos mais que seis, ou sete homens; e por a necessidade em que esteve de gente, huma mulher servia de dar polvora aos bombardeiros; e elle foi tão queimado do rosto, que não o

co-

conheciam [a]. E alli acabára, se Antonio da Silva, Capitão do galeão Reys Magos, lhe não acudíra, que acaso veio ouvindo o estrondo da artilheria com a viração, o qual o desapressou daquella affronta, e pressa em que estava, e tão valentemente pelejou com as fustas, que matou o Capitão dellas, que era hum filho de Xeque Gil Capitão das fustas de Baçaim, que os nossos matáram em Chaul em tempo de Diogo Lopes de Sequeira. E com a morte de seu Capitão as fustas se puzeram em fugida [b]. Antonio de Miranda com a chegada destes dous galeões, que lhe faltavam da sua Armada, se deteve em Chaul alguns dias, repairando os navios do necessario; e tambem mandou vender a náo que tomou Lopo de Mesquita, e repartio as prezas, de que á parte d'ElRey vieram cincoenta mil pardaos. E acabado isto, se partio para Goa, aonde chegou a 17 de Outubro, e achou o Governador que invernára alli.

CA-

a Esta batalha está pintada nas varandas da Igreja das Chagas de Goa, e cada anno se renova por memoria de hum feito tão assinalado. Diogo do Couto *cap.* 9. *do liv.* 4.

b O Capitão destas fustas diz Diogo do Couto, *que era Alixiah, e que o morto foi Antonio da Silva de huma bombardada. E o mesmo escreve* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 69. *do liv.* 7.

CAPITULO XII.

Como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio com huma grossa Armada para Cochij, e pelejou com cento e trinta paráos de Malavares, e os desbaratou.

TAnto que Antonio de Miranda chegou a Goa, determinou o Governador de ir a Cochij a dar carga ás náos que esperava, e de caminho visitar Cananor, que não estava muito fiel; porque do tempo em que houve as differenças sobre a governança, ficáram os Mouros daquella costa do Malavar algum tanto levantados, e inquietos por verem que os nossos traziam mais tento nos negocios daquellas differenças, que na guerra com elles. Haviam os do rio de Chatuá [a] morto, e cativado todos os Portuguezes, que se salváram nelle de huma Armada de treze navios de remo, que com tormenta se perdêram naquella costa, a qual Armada fez Affonso Mexia para impedir a sahida de algumas náos, que o Çamorij mandava a Méca carregadas de pimenta. Com esta desgraça, e nossas discordias andavam os Mouros mui soltos por toda aquella costa, e passavam á vis-

[a] Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 88. *do liv.* 7. Diogo do Couto *liv.* 5. *cap.* 3. Francisco de Andrade *cap.* 39. *da* 2. *Parte.*

vista de Cananor, fazendo-lhes muitas sobrancerias, sem D. João Deça Capitão della ousar de pelejar com elles, por não ter navios para isso. Publicavam tambem, que os Rumes estavam em Camaram, e que traziam huma grossa Armada, e que a nossa não entrára no Estreito sabendo estarem alli os Rumes, e que o deixáram de fazer com temor delles. Tudo isto obrigou a Lopo Vaz ir em pessoa visitar a costa, despedindo diante Simão de Mello em hum galeão, e seis fustas, e elle o seguio com huma Armada de quatro vélas grossas, e sete paráos, porque estes por sua ligeireza são os que fazem a guerra, deixando Antonio de Miranda por Capitão de Goa.

Sendo tanto avante como a Monte Delij, aquém de Cananor duas leguas, apparecêram muitas vélas ao longo da costa, as quaes muitos julgavam ser palmeiras, por ir o galeão do Governador hum pouco largo da costa, e ser já tarde, e o Sol ficar sobre o mar. Com esta pouca certeza se eram vélas, ou não, Lopo Vaz mandou governar ao porto de Cananor, que tomáram já quasi noite; mas por o Capitão de Cananor lhe dizer, que aquelle dia passáram per alli muitos paráos de Malavares, contra a mesma parte onde os nossos os víram, teve por certo serem navios: polo que o Governador, tanto que o

sou-

ſoube, mandou eſpiar por hum catur onde eſtavam, e quantos eram, com determinação de os ir demandar; o que foi eſcuſado, porque elles houveram viſta da noſſa Armada; e como ſabiam que a maior parte della ſempre são navios grandes, e não tão ligeiros como os ſeus, vieram demandar a Armada para ver ſe podiam tomar alguma véla. E ainda vendo occaſião que lhe dava o tempo, confiados em o número de ſeus paráos, que eram cento e trinta, determináram de affrontar o Governador. Com eſta confiança, e porque o tempo lhes deo para iſſo commodidade por ſer calmaria, e não ſervir ao Governador mais que para os paráos que levava, ao outro dia com grande ſeguridade paſſáram pela Armada do Governador, e lançáram-ſe por diante entre elle, e a terra. O Governador quando vio tamanha ouſadia, poſto que o número dos ſeus paráos era tanto menor que o dos Mouros, determinou de os accommetter, e poz em conſelho o modo que teria niſſo. A maior parte foi, que não pelejaſſem, viſto como ſe não podiam aproveitar dos navios grandes por razão da calmaria; porém elle com alguns que tomáram por affronta o que aquelles Mouros faziam, não a quiz diſſimular; e determinado em pelejar com os paráos, e fuſtas repartidos pelas peſſoas de que confiava, ac-

commetteo o cardume dos cento e trinta que estavam juntos, e os rompeo da maneira que os ginetes rompem a gente de pé, tornando logo a virar sobre elles, e cada vez que passavam, lhes davam huma salva de pelouros de espingardaria, e artilheria, e os Malavares com settas os seguiam. Neste modo de peleja, vendo elles quanto damno lhe os nossos faziam, e que as náos grandes se faziam á véla para vir sobre elles, e que dos seus paráos huns eram já mettidos no fundo, e tinham gente morta, e muita ferida, e que com o Governador se ajuntáram mais tres paráos de Cananor de refresco, começáram a se retirar. Lopo Vaz os seguio hum bom pedaço, indo tomando poucos, e poucos dos que não podiam ir avante cansados da continuação do remo; e os outros, a que o temor dava melhores braços para poderem continuar aquelle trabalho, se puzeram em salvo. Durou esta peleja de pela manhã té horas de vespera, e foi hum dos honrados feitos que pelos Portuguezes se fizeram naquellas partes, por o número dos paráos ser tão desigual, dos quaes lhe mettêram os nossos no fundo dezoito, e tomáram vinte e dous com cincoenta peças de artilheria. Morrêram perto de oitocentos Malavares, e foram muitos outros cativos. Os que escapáram foram-se a Calecut, donde el-

elles vieram; e com os paráos que o Governador aqui houve, reformou huma Armada de vinte vélas, por ter muita falta deſtas de remo; e recolhido aos galeões, foi caminho de Cochij, no qual achou alguns dos paráos que lhe fugíram, e outros que andavam pela coſta, os quaes tomou, e deſtruio.

CAPITULO XIII.

Como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio de Cochij com toda a ſua Armada, e deo no lugar de Porcá, e o desbaratou, e queimou com morte de muitos.

DEſejava Lopo Vaz de dar algum caſtigo ao ſenhor de Porcá, (a que o vulgo chama Arel de Porcá,) porque ſendo confederado com os Portuguezes, e ſeguindo a ſua bandeira em algumas emprezas, ſe veio a inimizar com elles depois que Dom Henrique de Menezes o deſpedio de ſi com a perna quebrada, como na Decada terceira temos dito [a]. E por as cauſas que outros Mouros ſe atreviam a nós, (que eram as referidas,) ſe atrevia elle tambem; e como era homem poderoſo, e tinha muitos navios, de cujas prezas vivia, mandava com alguns

cor-

[a] Liv. 9. cap. 5. na tomada de Coulete.

correr a coſta, e fazer muitos damnos; e por iſto ſer couſa, que para ſe evitar havia miſter muita força, determinou Lopo Vaz de ir elle em peſſoa ſobre a Cidade de Porcá; e aſſi ſendo tanto avante como Cochij, não ſe quiz deter, e foi correndo a coſta, na qual Simão de Mello Capitão mór dos bargantijs queimou doze paráos que eſtavam ſurtos, e ſahio em Chatuá, e queimou quatorze, e deſtruio o lugar; e mandando o Governador queimar quantas embarcações ſe encontravam, chegou a Cranganor, onde eſtava a noſſa Armada, á qual ordenou que o ſeguiſſe, por já não ſer alli neceſſaria, e queria dar a todos parte do contentamento que haviam de ter os que com elle ſe achaſſem na tomada, e ſaco da Cidade de Porcá, que eſperava ſer grande. Para eſta empreza levava mil homens, os mais delles eſpingardeiros, com os quaes deo no lugar huma manhã, não eſtando o Arel nelle. Os Mouros, poſto que eſtavam deſcuidados daquelle caſo, puzeram-ſe em defensão, como quem defendia a vida, mulheres, filhos, e fazenda; mas como os noſſos levavam boa vontade, os mettêram todos á eſpada, e os derribavam com a eſpingardaria de maneira, que os mortos impediam aos vivos deſenvolverem-ſe tambem como no principio. Finalmente foi tamanho o temor da

mor-

morte nos que ficavam, que esquecidos dos filhos, e das mulheres, se puzeram em fugida. Entrada a Cidade, se deo a sacco, em que houve muito ouro, prata, pedraria, sedas, e pannos de algodão, e muitos cativos, e entre elles a mulher do Arel [a], e outras pessoas nobres, e muita artilheria, assi da sua, como da que tinham tomada aos Portuguezes, e treze navios de remo mui bons. Recolhido este despojo, se poz fogo á Cidade, que toda ardeo, e alguns dos seus moradores que ficáram nella, e lhe decepáram as palmeiras, que he o principal mantimento daquella gente, com que se embarcou o Governador, sem morte de algum Portuguez, posto que alguns houve feridos.

Partido de Porcá, chegou a Cochij a tempo que tambem chegavam duas náos, de que eram Capitães Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, que partíram aquelle anno

do

[a] Diogo do Couto *escreve no cap.* 4. *do liv.* 5. *que a mulher do Arel se não pode sahir da Cidade; quando lhe puzeram fogo, e foi nella queimada, e toda sua familia.* Fernão Lopes de Castanheda *no cap.* 90. *do liv.* 7. *diz, que esta mulher do Arel, (que* Francisco de Andrade *chama Mãi,) e huma sua irmã ficáram cativas, e foram depois resgatadas per muito dinheiro. E que o despojo desta Cidade foi tão rico, que hum Francisco Mendes de Braga tomou hum caldeirão de cobre, que levaria hum cantaro d'agua, cheio de pardáos de ouro, e muitos soldados houveram á sua parte dez, oito, e cinco mil pardáos; e sendo o número dos Portuguezes mais de mil, nenhum houve que deste sacco lhe coubesse menos de cem pardáos.

do Reyno com Nuno da Cunha, que vinha por Governador da India, de quem ſe apartáram, e deram nova como vinha com muitas vélas, e grande poder de gente nobre; o que deo grande contentamento a todos por a falta em que a India eſtava, e fizeram ſolemnes prociſsões, dando graças a Deos por em tal tempo lhe ſobrevir tal ſoccorro. E porque Lopo Vaz de Sampaio deſejava de entregar a India limpa dos coſſairos, que infeſtavam aquella coſta do Malavar, determinou de ir a Cananor com tenção de eſperar alli té que as náos da carga partiſſem para o Reyno [a], e deſpachar algumas Armadas para differentes partes. Polo que mandou a Antonio de Saldanha que ajuntaſſe gente em Cochij, e que com ella o foſſe buſcar para ſe embarcarem em huma Armada de bargantijs, e huma galé, que Antonio de Miranda ahi fez em eſpaço de dous mezes que ſervio de Capitão, té que veio D. João Deça: e eſta Armada ſe havia de ajuntar á outra que ſe fazia em Goa, para em hum corpo irem á coſta de Cambaia, e na do Malavar deixarem parte para defensão della.

Chegando o Governador a Cananor, man-

a Partíram na entrada de Janeiro de 1529. Eram as duas de Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, das quaes foram por Capitães Gonçalo de Souſa, e Lopo Rabello. Franciſco de Andrade *cap. 41. da 2. Parte.*

mandou logo a ſeu ſobrinho Simão de Mello com certas vélas ſobre Marabia, lugar do Reyno de Cananor, e diſtante de Cananor perto de quatro leguas, onde Simão de Mello chegou em amanhecendo, e pelejou com os paráos que guardavam o porto, dos quaes queimou doze, e os outros ſe ſalváram á força de remo. E havida eſta vitória no mar, ſahio em terra, que lhe os Mouros quizeram defender; mas por fim da contenda que os noſſos com elles tiveram, os desbaratáram, e lhes deſtruíram, e queimáram o lugar, e lhes cortáram muitas palmeiras. E feito iſto em huma manhã, ſe tornou para o Governador, que logo o mandou com doze vélas ao Monte Delij a queimar huns paráos, que alli andavam ás prezas. E fez outra Armada de dez vélas, que deo a Antonio da Silva de Menezes, mandandolhe que foſſe correr a coſta té Cochij, e da volta que vieſſe, trocaſſe a Armada com Simão de Mello, e elle foſſe para cima, e Simão de Mello para baixo. E em todo eſte tempo, que ambos andavam correndo a coſta, não topáram com os paráos, que coſtumavam andar ao ſalto, porque o temor os fazia recolher para dentro dos rios; mas porém lá onde eſtavam os hiam buſcar eſtes dous Capitães, ſaltando algumas vezes em terra, onde fizeram muito damno; e os pa-

paráos que Simão de Mello veio buſcar ao Monte Delij os queimou com morte de muitos Mouros.

CAPITULO XIV.

Como ElRey de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco, e o Governador Lopo Vaz de Sampaio pelejou com Alixiah Capitão das fuſtas de Dio, e o desbaratou, e das Armadas que fez.

NEſte tempo ElRey de Cambaia moveo guerra ao Nizamaluco ſenhor de Chaul, a qual lhe fazia tanto per mar como per terra, e não ſómente a elle, mas a todos os Portuguezes que na ſua terra eſtavam. Para eſta guerra trazia no mar oitenta fuſtas muito bem eſquipadas de gente de guerra, e com muita artilheria, das quaes era Capitão mór Alixiah, que era hum valente, e valeroſo Mouro [a], com a qual Armada corria toda a coſta. E receando Franciſco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, que eſtas fuſtas o cercaſſem per mar, e ElRey de Cambaia per terra, por ter tomadas

a *Alixiah vinha neſta Armada por Tenente de Melique Alicer Geral della, filho de Camalmaluco, que neſte tempo eſtava por Capitão da Cidade de Dio, ſendo fugido della para Jaquete Melique Saca, como ſe verá no cap. 6. do liv. 5. onde* João de Barros *o eſcreve, e eſta guerra que ElRey de Cambaia fez ao Nizamaluco.*

das as fortalezas de Caruela, e Sangaçá, que eram do Nizamaluco, por a vizinhança que tinham de Chaul, fez de tudo per ſuas cartas relação ao Governador Lopo Vaz de Sampaio, pedindo-lhe, que foſſe com alguma Armada, ou a mandaſſe contra aquella parte, para favorecer aquella fortaleza; e para aquellas fuſtas não ſe atreverem a andar tão ſoltamente fazendo damno, porque não entrava, nem ſahia de Chaul véla que não foſſe tomada. De todas eſtas couſas aviſou tambem o Nizamaluco per hum Embaixador ſeu ao Governador, pedindo-lhe o ſoccorreſſe com alguns Portuguezes contra ElRey de Cambaia. Lopo Vaz deſpachou logo o Embaixador com cartas para Franciſco Pereira Capitão de Chaul, ordenando-lhe que apreſtaſſe a gente para aquelle ſoccorro, que lhe pedia o Nizamaluco. E com eſtes aviſos ſe apercebeo para ir a Chaul, com fundamento de mandar dalli o ſoccorro ao Nizamaluco; e que não tendo a fortaleza neceſſidade delle Governador, iria buſcar as fuſtas onde quer que eſtiveſſem. E porque elle ordenava que Antonio de Miranda, que então eſtava por Capitão em Goa, ficaſſe na coſta do Malavar para a guardar, por ſe haver de apartar tanto de Goa indo a Chaul, antes que ſe partiſſe de Cananor, mandou a Goa o Capitão de Cananor, e

a Si-

a Simão de Mello a Chaul com nove bargantijs mui bem artilhados, e esquipados do necessario, os quaes havia de entregar a Antonio de Miranda, quando ahi chegasse para fazer corpo de grossa Armada. E deixando isto assi ordenado, foi-se para Goa a esperar Antonio de Saldanha com a gente que tinha mandado que fizesse em Cochij, e espedir Antonio de Miranda com a sua Armada para a costa, na qual levava duzentos homes todos de gente limpa, escolhida, e exercitada na guerra. E vindo Antonio de Saldanha a Goa, onde o Governador estava, acabou de se aprestar, e partio para Chaul em Janeiro de 1529 com huma Armada de quarenta vélas [a], e com elle hia toda

a Era esta Armada de cinco galeões, e duas galés, de que foram por Capitães Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Eitor da Silveira, Simão de Mello, e Henrique de Macedo; e de quarenta e quatro navios de remo, de que hiam por Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paez, Francisco Alvares, João Rodrigues o Chatim, Pedralvares de Mesquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma de alcunha o Malú, Pero Barriga, Antonio Colaço, Christovão Correa, Jorge Dias, Antonio Fernandes, e outros. Nas fustas, e catures, que pelejáram com os inimigos, que foram vinte e seis, se embarcáram quatrocentos homens escolhidos, em que havia muitos Fidalgos, entre os quaes foram D. Francisco de Castro, D. Eitor de Mello, Paio Rodrigues de Araujo, Manuel Rodrigues Coutinho, Christovão de Mello de Sampaio sobrinho do Governador, Antonio Correa, Francisco de Barros de Paiva, Luiz de Paiva, Duarte Di-

da a gente nobre que então andava na India, que feriam mais de mil homens Portuguezes, a fóra a gente da terra, assi de peleja, como a do mar. E para boa ordem desta sua viagem, fez a Eitor da Silveira Capitão dos navios de remo, a que mandou que todos seguissem, e obedecessem naquella jornada, o qual conforme ao regimento que levava, havia de ir ao longo da costa, porque lhe não ficasse cousa que não visse, onde as fustas se pudessem esconder; porque tinha por nova certa que chegáram té Dabul, que he abaixo de Chaul trinta leguas contra Goa, e não sabiam se passariam mais para baixo. Mas ellas como traziam sua vigia, e souberam da vinda do Governador, começáram de se ir recolhendo para os Ilheos queimados duas leguas de Chaul.

Lopo Vaz chegou a Chaul, onde se informou do Capitão da fortaleza do estado da terra, e do que ElRey de Cambaia fazia per dentro do sertão. E sendo logo visita-

niz, João de Mello, Garcia de Mello seu irmão, Fernão de Faria, Antonio da Barbuba, João da Silveira, Diogo da Silveira, Nuno Pereira, D. Affonso de Menezes, Dom Pedro seu irmão, Henrique de Vasconcellos, Manuel de Macedo, Gabriel de Brito, Fernão Rodrigues Barba, Garcia de Brito, Pero de Mesquita, Gomes de Azevedo, André Casco, Luiz Coutinho, Duarte Coelho, Manuel de Carvalhal, Lançarote de Alpoem, e outros, cujos nomes se não sabem. Francisco de Andrade *cap. 42. da 2. Part. e* Diogo do Couto *cap. 5. do liv. 5.*

ſitado da parte do Nizamaluco com muitos agradecimentos da ſua vinda, e com hum grande preſente de vaccas, carneiros, arroz, e outros muitos refreſcos, mandou logo aperceber oitenta Portuguezes para enviar de ſoccorro ao Nizamaluco, e por Capitão delles hum valente cavalleiro chamado João de Avelar, a que encommendou o credito, e honra dos Portuguezes; e com promeſſas de lhes fazer a todos muitas mercês, os entregou ao Embaixador do Nizamaluco, que ſe partio com elles, fazendo-lhes pelo caminho o gaſto com muita largueza. E provendo-ſe o Governador de baſtimentos, ſe deteve alli em Chaul alguns dias; nos quaes ſendo o tempo tal, que a ninguem dava lugar para poder ſahir do rio, vieram treze fuſtas dar huma moſtra, como que não temiam aquella Armada, a qual de longe eſbombardeáram. E poſto que o vento era contrario, quizera Eitor da Silveira ſahir a ellas, por não irem ſem caſtigo por aquella ſobrançaria; mas Lopo Vaz o não conſentio, dizendo que as deixaſſem cevar, para as colher em melhor tempo. E porque ſua tenção era deſtruir eſtas fuſtas, e as ir buſcar a Dio, e tambem dar huma viſta á Cidade, teve ſobre iſſo conſelho, e nelle propoz, que bem ſabiam que ElRey de Cambaia andava em guerra com o Nizamalu-

luco, e com o Hidalcão, e com outros Principes, com que tinha aſſás em que entender, e que Dio ao preſente não tinha maior ajuda, e ſoccorro que aquella Armada que per alli andava, que lhe parecia ſería bom trabalhar por desbaratar eſtas vélas, e que com a vitoria dellas, que eſperava em Deos lhe daria, poderia logo ir á Cidade de Dio, que por ventura eſtaria em tal eſtado, que a poderia tomar, e ſegurar, por eſtar o ſoccorro d'ElRey de Cambaia occupado nas guerras que tinha; e que para ſe poder conſeguir eſtas duas couſas ſe deviam de ordenar os meios neceſſarios naquelle conſelho, porque as couſas provídas com prudencia, elle as regulava a bom fim, poſto que as mais vezes as da guerra não ſe conformavam com a tenção de quem as propunha em ſeu favor. Os mais, que no conſelho eſtavam, foram de opinião que o Governador ſe não havia de ſahir de Chaul, pois ſua vinda alli fora a chamado do Capitão, por razão da guerra que aquellas fuſtas faziam, e por cerco que eſperavam per terra, e que iſto ſe aſſegurava com ſua preſença. Todavia ſeguindo o Governador o parecer dos outros, principalmente de Eitor da Silveira, que deſejava ganhar honra com as vélas que trazia a ſeu cargo, por ſerem aquellas de que neſte feito das fuſtas ſe mais haviam de ſer-

vir,

vir, veio por derradeiro aſſentar no modo que teria neſta empreza, e determinou que elle ſe faria á véla com os navios groſſos ao mar largo, e que Eitor da Silveira foſſe ao longo da terra com os de remo.

Aſſentado aſſi iſto, partio o Governador de Chaul dia de Entrudo, e a outro dia amanheceo ſobre Bombaim, e houve viſta das fuſtas do inimigo, que eſtavam junto de huma ponta, detrás da qual ſe puzeram, tanto que deſcubríram Eitor da Silveira. O Governador vendo que ellas tomavam aquelle poſto, parecendo-lhe que o faziam, porque ſuccedendo-lhe mal, lhes ficava por remedio acolherem-ſe pelo rio de Bandorá acima, que eſtá diante meia legua, mandou certos catúres que foſſem cozer-ſe com terra, e que tomaſſem a boca daquelle rio para lhe tomar a entrada deſta retirada. O que foi grande ardil para os melhor acolher; porque tanto que Eitor da Silveira ſe foi chegando ás fuſtas, o Capitão dellas vendo ſua determinação, ſe fez á véla, e remo, recolhendo-ſe contra a boca do rio, não ouſando experimentar a fortuna em mar largo; mas Eitor da Silveira o começou a perſeguir de maneira, que chegando elle ao rio de Bandorá, onde já achou o impedimento dos noſſos navios, que lhe tinham tomada a entrada, antes que ſe pudeſſe ſalvar pelo rio

de

de Maim, onde se os Mouros quizeram acolher; foram cercados de muitos catúres, e a poder de fogo, e ferro foi destruida a primeira, e principal fusta, e apôs esta começáram os nossos entrar pelas outras, em que houve hum agradavel espectaculo para ver de fóra; porque per huma parte tudo eram fusijs de fogo, assi da artilheria, como da espingardaria, per outra as nuvens de settas; e nas fustas, que já eram abalroadas, andava o ar cuberto de ferros das espadas, terçados, finalmente tudo eram sinaes de morte. Á vista desta obra chegou o Governador de largo, e se deixou estar com o corpo da Armada, animando com a presença os seus, como quem estava vendo huma formosa montaria. A mortandade dos Mouros foi mui grande, assi dos que perecêram no mar, que andava tinto em sangue, como dos que varavam em terra por salvar as vidas, onde os nossos catúres por serem pequenos lhes hiam impedir a salvação. De todas as fustas, que eram oitenta, escapáram sete, em huma das quaes se acolheo Alixiah [a]. Das res-

[a] *O Geral Melique Alicer como vio as nossas fustas envoltas com as suas, se metteo em huma esquipada, e se tornou á boca do rio, donde sem pelejar fugio. Seu pai Camalmaluco, quando em Dio o soube, fez grandes demonstrações de sentimento pela deshonra do filho, e o fez buscar com muita diligencia para o entregar a Soltam Badur, que o castigasse como merecia sua covardia. ElRey se houve por satisfeito desta demonstração de Camalmaluco, e a elle por*

tantes, as trinta e tres vieram a poder dos Portuguezes, e as outras ficáram tão destroçadas, que não servíram mais que para o fogo, que os nossos lhe puzeram. O despojo desta vitoria foi grande número de cativos, e muita artilheria, de que alguma fora nossa, que os Mouros tinham tomada em alguns navios. Achou-se grande quantidade de polvora, pelouros, e artificios de fogo. Esta foi huma gloriosa vitoria, porque os inimigos eram muitos, e gente mui escolhida, e as vélas muitas, e mui provídas de artilheria, e munições, de que choviam pelouros, e settas; e sendo grande o número dos Mouros, que nesta batalha morrêram, dos nossos nenhum morreo, alguns porém foram feridos, que logo guarecêram.

João de Avelar, que hia com o Embaixador do Nizamaluco [a], se foi informando pelo caminho do sitio da fortaleza, que El-Rey de Cambaya tinha tomada, e da guarnição que nella estava. Chegando perto della, deixando seus companheiros em lugar seguro com a gente do Nizamaluco, se disfarçou em trajo de trabalhador, e guiado per hum homem da terra, foi reconhecer a for-

sem culpa no erro do filho, e deo a capitanía de Dio a Melique Tocão, (irmão de Melique Saca, que estava em Jaquete,) por lhe pedir Camalmaluco que o tirasse della. Francisco de Andrade *cap.* 43. *e* 55. *da* 2. *Parte.*

a Francisco de Andrade *cap.* 41. *da* 2. *Parte.*

fortaleza. Eſtava ella aſſentada em hum outeiro alto, e tão ingreme, que ſó com pedras que deixaſſem cahir do muro ſe poderia defender de hum exercito. João de Avelar reconhecido o ſitio, voltou aos Portuguezes, e com elles, e com mil homens do Nizamaluco foi demandar a fortaleza ante manhã com tanto ſilencio, que não foram ſentidos dos inimigos ſe não mui perto della. Levavam os Mouros eſcadas, e aos eſpingardeiros Portuguezes mandou João de Avelar que tolheſſem chegar os inimigos ao muro a lançar pedras que nelle tinham poſtas; e com eſta ordem accommettêram a fortaleza, e a eſcaláram, não ouſando os inimigos apparecer no muro, porque os noſſos eſpingardeiros matáram os que ſe nelle deſcubríram. O Capitão João de Avelar foi o primeiro que ſubio per huma eſcada, e após elle outros Portuguezes per outras; e poſto que os inimigos ſe defendêram dentro com muito esforço, foram todos mortos, e dos noſſos tres ſómente, e feridos muitos. Tomada a fortaleza, João de Avelar a entregou ao Capitão do Nizamaluco, o qual eſtava dahi huma jornada; e ſabendo deſte bom ſucceſſo, mandou chamar João de Avelar, a que fez muita honra, e deo huma cabaia, e mil pardáos, e outros dous mil para repartir pelos Portuguezes, com que os

 deſ-

despedio, e os feridos mandou levar em andores té Chaul para serem curados á sua custa.

CAPITULO XV.

Como havida a vitoria das fustas, quizera o Governador ir a Dio, e lhe foi contrariado: e de algumas Armadas que mandou a diversas partes.

HAvida a vitoria das fustas de Dio, o Governador se recolheo com a Armada das náos grossas á enseada de Bombaim, onde foi ter Eitor da Silveira cheio de gloria, e triunfo. Lopo Vaz o recebeo com muita festa, e com palavras de muitos louvores engrandeceo o que fizera, de que confessava que lhe tinha muita inveja, e armou cavalleiros a muitos Fidalgos, e a outros que o quizeram ser, por se acharem em feito tão honroso. E antes que dalli se partisse, quiz o Governador ter conselho com todos aquelles Capitães sobre o que já em Chaul movêra ácerca da sua ida a Dio, persuadindo, e facilitando então o negocio mais que antes que desbaratassem as fustas, porque a força daquella Cidade toda consistia naquella Armada, cuja perda não sómente enfraquecia a Dio, mas ainda, por ser damno tão commum, havia de metter a todos em con-

confusão, e desmaio, e que nada se aventurava em dar huma vista á Cidade para fazer o mais que a disposição della désse; o que alli foi ao Governador mais contrariado que em Chaul. Diziam huns que não convinha á authoridade de hum Governador da India emprender cousa que não acabasse, porque Dio era tal, que requeria mais força, e mais gente da que elle tinha; que o deixasse para outro tempo, em que com poder igual á empreza a pudesse accommetter. Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá [a], (que então haviam vindo do Reyno com Nuno da Cunha, a que na chegada á India se anticipáram com o tempo que os apartou delle) o contrariavam com mais força, e liberdade; dizendo Garcia de Sá ao Governador, que não roubasse a honra a Nuno da Cunha, ao qual ElRey não mandava á India a outra cousa senão a tomar Dio, polo que o deixasse a quem estava commettido. Vendo o Governador que não tinha por seu voto mais que a Eitor da Silveira, e que seu governo se hia já acabando com a vinda de Nuno da Cunha, que cada dia esperava, não ousou de ir contra os requerimentos que lhe faziam. Mas segundo de-

pois

[a] Fernão Lopes de Castanheda *cap.* 93. *do liv.* 7. Diogo do Couto *cap.* 5. *do liv.* 5. Francisco de Andrade *cap.* 44. *da* 2. *Parte.*

pois ſe vio pelo ſucceſſo, o parecer de Lopo Vaz de Sampaio era o melhor, porque ſe entendeo que ſe a Dio fora, ſe lhe entregára, e ſe eſcuſára o ſangue, e a deſpeza que depois cuſtou. O Governador pedio hum inſtrumento do que em Chaul, e alli propuzera para ſe deſculpar ante ElRey de ſe não tomar Dio, e mandou ao Secretario que guardaſſe huma carta que o Nizamaluco lhe eſcrevêra a Chaul, e della lhe déſſe hum traslado para o meſmo effeito, na qual lhe dizia, que aviſado ElRey de Cambaya, que elle hia com Armada para Dio, levantára os cercos que tinha poſtos ás ſuas fortalezas para ſoccorrer a Dio; e que Camalmaluco ſabendo o desbarato da ſua Armada, ſe fora da Cidade; polo que lhe parecia que devia tornar a Dio, pois eſtava em tempo de o poder tomar facilmente, para o que elle lhe daria todos os mantimentos, e eſquipações neceſſarias pagas á ſua cuſta, com que lhe déſſe Baçaim quando o tomaſſe, porque eſtava dentro nas ſuas terras.

E porque no meſmo conſelho ſe aſſentou, que para alimpar aquella coſta dos ſaltos que os Mouros nella faziam, baſtava que ficaſſe alli Eitor da Silveira com alguns navios de remo, o Governador o deixou com vinte bargantijs, e duas galeotas, e trezentos homens, com regimento que guerreaſ-

ſe

ſe aquella coſta da enſeada de Cambaya per todo aquelle verão, e que no inverno ſe recolheſſe a Chaul. E o Governador ſe partio para Goa a 20 de Março [a]; e como lá foi, deſpachou a D. Fernando Deça ſeu cunhado para Ormuz, com tres galeões carregados de mercadorias d'ElRey, em hum dos quaes hia D. Fernando por Capitão mór, e dos outros foram Capitães Lopo de Meſquita, e Antonio de Lemos, e lhes mandou que da vinda foſſem fazer prezas á ponta de Dio. Deſpachou tambem a Garcia de Sá, que do Reyno vinha provído por Capitão de Malaca para ſucceder a Pero de Faria, a quem o Governador mandou encarregar a liberdade de Martim Affonſo de Mello Juſarte, que eſtava cativo em Bengála, para que á vinda o reſgataſſe. Garcia de Sá par-

a Em Goa teve Lopo Vaz de Sampaio recado de Melique Saca, (que eſtava em Jaquete,) que foſſe ſobre Dio, e elle iria per mar ajuntar-ſe com o Governador, e per terra lhe levariam ſeus cunhados quinze mil de cavallo, e cincoenta mil de pé: e que de Lopo Vaz não queria mais, ſenão que tomando a Cidade, fizeſſe a elle Melique Capitão della, como já fora, e fundaſſe nella fortaleza, com que o defendeſſe d'ElRey de Cambaya, e daria ao Governador as rendas do mar, e elle ficaria com as da terra. Para confirmar, e aſſinar o que ſe deſtes apontamentos reſolveſſe, trazia o menſageiro largos poderes. O Governador reſpondeo a Melique Saca com eſperanças de fazer o que lhe pedia, e offerecia; mas que por ſer então inverno ſe não podia concluir aquelle negocio, no qual ſe tomaria reſolução no verão ſeguinte. Franciſco de Andrade *cap. 44. da 2. Parte.*

partio em huma náo grande, e levava mais hum junco, que se perdeo ao sahir da barra, e com a náo chegou a salvamento a Malaca, e lhe foi entregue a fortaleza per Pero de Faria, que se veio para a India em Novembro seguinte. Outra Armada de seis bargantijs, e huma galé fez o Governador, em que hiam cem homens, de que era Capitão Christovão de Mello seu sobrinho, com o qual foram muitos Fidalgos, e pessoas nobres, para se ir ajuntar com Antonio de Miranda, que andava na costa do Malavar, a quem mandava Lopo Vaz que seu sobrinho obedecesse, e andasse debaixo da sua bandeira. Antonio de Miranda tinha desbaratado huns doze paráos; e como chegou a elle Christovão de Mello, tomáram ambos huma náo d'ElRey de Calecut carregada de pimenta, que estava no rio de Chale para ir a Méca, cuja preza deo muito trabalho, por estarem nella perto de oitocentos Mouros, com muitas armas, e artilheria. Depois topáram ao Monte formoso com huma Armada d'ElRey de Calecut de cincoenta vélas, a qual desbaratáram, tomando-lhe treze paráos com sua artilheria, e lhe cativáram muita gente, além da que foi morta; e tornando a correr a costa, tomáram outros paráos da mesma Armada, que haviam escapado da primeira. Com que tendo a cos-

ta limpa, ſe recolhêram a invernar Chriſtovão de Mello em Goa, e Antonio de Miranda por mandado do Governador em Cochij.

CAPITULO XVI.

Como Eitor da Silveira aſſolou muitos lugares na coſta de Cambaya, e pelejou com o Capitão Alixiah, e lhe tomou a fortaleza em que eſtava: e da deſtruição que fez em Baçaim.

EItor da Silveira com a Armada que lhe o Governador deixou começou a correr a coſta de Cambaya na parte de Baçaim té chegar ao rio Nagotana, que he de Baçaim oito leguas contra Goa. Por eſte rio acima, pouco mais de duas leguas, eſtá huma fortaleza, que tem o nome do meſmo rio, na qual ElRey de Cambaya tinha gente de guarnição, que faziam guerra a ElRey de Chaul. Deſejando Eitor da Silveira de entrar no rio, mandou primeiro ao Piloto mór da frota que foſſe diante em hum catúr, e ſondaſſe o rio; o qual tornando, lhe diſſe, que elle não poderia chegar com os navios á fortaleza, porque era tão baixo, que eſcaſſamente poderia nadar hum catúr com gente. Vendo Eitor da Silveira que não podia fazer o que deſejava, no proprio lugar onde eſtava, que era junto

de

de huma povoação, ſahio em terra com a ſua gente, e foi-ſe a ella, e poz-lhe o fogo, e não ſómente a eſte lugar, mas a outros cinco, ſem achar nelles gente alguma; porque os Mouros com temor, antes que elle chegaſſe, os deſpejáram, como quem trazia os olhos em quantas voltas Eitor da Silveira dava, de maneira, que tiveram tempo de ſe pôr em ſalvo: tão aſſombrados andavam do desbarato das fuſtas; porém ſempre acháram gente que cativar, ainda que não quizeſſem pelejar, nem defender-ſe. A fóra eſte damno de lhe abrazarem ſuas caſas, lhe faziam outro maior, que lhe queimáram ſuas novidades de que ſe ſuſtentavam, para que a nova deſtas perdas incitaſſe ao Capitão de Nagotana a vir pelejar com elles, e aſſi o fez; porque vendo eſtas tão contínuas injurias, e damnos, que com lagrimas lhe hiam contar os Mouros que eſcapavam, determinou de pelejar com Eitor da Silveira, e tomar vingança delle, e aſſi o veio buſcar com muitos homens de pé, e quinhentos de cavallo acubertados, e achou a Eitor da Silveira na derradeira povoação que queimára. Eitor da Silveira vendo o grande número de gente que eſte Capitão trazia, que para cada hum dos noſſos havia vinte, veio-ſe recolhendo pela ribeira abaixo o melhor que pode ás fuſtas; porém quando veio ao embarcar, os Mou-

ros

ros de cavallo os quizeram impedir eſcaramuçando com elles para os entreter té que vieſſe a gente de pé, com a qual ſe poderiam melhor aproveitar dos noſſos. Eitor da Silveira, que ficou na retaguarda, lhes fez roſto com a gente que eſtava por embarcar, e lhe derribou tres de cavallo ás eſpingardadas. Neſte tempo hum ſoldado digno de fama, que ſe chamava Franciſco Godinho [a], vendo que os Mouros apupavam, e aſſoberbavam aos que ſe embarcavam, com huma lança, e huma rodela ſe affaſtou dos outros, e hum Mouro de cavallo vendo-o ſó, remetteo a elle para o ferir com hum zarguncho; o ſoldado o eſperou, e chegando a elle, que alçou o braço para o ferir, metteo-lhe a lança per baixo delle, e deo com o Mouro morto no chão; e ainda não era cahido, quando o ſoldado lhe tomou o zarguncho, e pondo-ſe a cavallo no do Mouro, levou outro Mouro de encontro, que hia para o ferir, e paſſou-o pelos peitos com quanto o laudel era forrado de malha; e tomando o ſoldado o cavallo do ſegundo Mouro pela redea, ſe foi com muito ſocego para Eitor da Silveira, pedindo-lhe o armaſſe cavalleiro quando foſſe tempo. Com eſte valeroſo feito de Franciſco Godi-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 96. *do liv.* 7. Diogo do Couto *liv.* 5. *cap.* 6. Franciſco de Andrade *cap.* 45. *da* 2. *Parte.*

dinho, merecedor de hum notavel premio, voltou Eitor da Silveira aos inimigos, e com huma grande ſurriada de eſpingardaria os fez affaſtar, e os noſſos ſe acabáram de embarcar mui a ſeu ſalvo.

Embarcado Eitor da Silveira, ſe veio á boca do rio, e dahi foi correndo a coſta té o rio de Baçaim, aſſi chamado por razão da fortaleza que eſtá ſituada ao longo delle duas leguas da ſua boca, e oito de Nagotana. E huma legua da barra em huma povoação pequena, entre ella, e o rio, onde ſe fazia hum teſo de arêa, tinham os Mouros fabricado huma tranqueira de madeira entulhada, em que havia muita artilheria groſſa, e miuda, e era o deſembarcadouro, de maneira, que os que houveſſem de deſembarcar naquelle poſto, haviam de pôr as barrigas nas bocas das bombardas. A fóra eſta defensão da entrada do lugar, detrás delle eſtava Alixiah, (o Capitão das fuſtas, que foi desbaratado pelo Governador,) com tres mil homens de pé, e quinhentos de cavallo. Chegando Eitor da Silveira á boca deſte rio, tornáram a elle certos bargantijs, que mandou diante a deſcubrir o lugar, e eſtado delle, e diſſeramlhe que acháram dentro doze náos grandes, dellas em terra poſtas em eſtaleiro, e dellas no mar, e tres taforeas que carregavam madeira, e aſſi lhe deram conta do baluarte, e

ſitio

ſitio da terra. E porque ſegundo o que lhe a elle parecia, o caſo requeria conſelho, teve-o com os Capitães dos catúres no modo que teriam de accommetter. Seu parecer era, que queimaſſem as náos, poſto que todas eſtiveſſem acima do baluarte; e porque convinha paſſar por elle, ordenou que toda a artilheria foſſe abatida; porque ſegundo os navios eram raſos, e a artilheria dos inimigos eſtava aſſeſtada alta, por cauſa do ſitio ſer eminente ſobre a praia, lhe parecia que em a paſſada delles pouco damno faria, ſenão houveſſe mais detença que paſſar com o remo teſo. E por os Mouros ſe deſcuidarem da paſſagem que elle havia de fazer, tomou certos Canarijs dos que hi andavam ſervindo, e entregou duzentos a hum Capitão delles, chamado Malú, e mandou-lhe que commetteſſem ſahir em terra a huma ilharga do baluarte, para que os Mouros acudiſſem ahi, e ſe deſcuidaſſem do que elle havia de fazer em outra parte; e em ordenar iſto gaſtou quaſi todo o dia. Quando veio á noite, poz-ſe em caminho pelo rio acima, e a outro dia ás nove horas chegou á tranqueira, que diſparando toda ſua artilheria, no tempo da fumaſſa della paſſou Eitor da Silveira com ſeus bargantijs com menos perigo do que eſperava; e não ſómente ſahio em terra, e entrou a tranqueira, onde eſtava a artilheria á força

da

da eſpada, matando aquelles que lha defendiam, mas começou de entrar no lugar.

Alixiah como vio que os noſſos em tão breve tempo eram dentro nelle, ſahio com toda ſua gente ao ſoccorrer. E poſto que Eitor da Silveira não ſabia que eſte Capitão alli eſtava, e o impeto da força de tanta gente, ſubito, e não eſperado foſſe couſa mui temeroſa, não perdeo o tento do que lhe convinha fazer; porque cerrando-ſe todo em hum eſquadrão, por o não entrarem, delle começou a eſpingardaria a ferir os cavallos, que como não eram coſtumados ao tom dos tiros, aſſi de eſpanto delles, como dos pelouros que levavam no corpo, fugiam com ſeus ſenhores, e com furia davam na ſua propria gente de pé, e a atropelavam; e aproveitando-ſe os noſſos da occaſião, arremettêram aos Mouros, e ferindo, e matando nelles, como em gente vencida, os puzeram em fugida. Mas Eitor da Silveira não quiz que ſeguiſſem o alcance por a terra ſer cuberta de palmares, em que os noſſos corriam riſco de ſerem desbaratados. E por reprimir o impeto da vitoria, e os recolher, mandou pôr fogo ao lugar, para que todos acudiſſem ao roubo delle. Porém o fogo levou a maior parte do deſpojo de Baçaim, porque como foi poſto primeiro em humas caſas grandes, que ſerviam de Armazem, e nellas havia polvora,

e ſa-

e ſalitre, e couſas em que o fogo lavra de improviſo, aſſi ardeo todo o lugar, que em breve foi queimado, e não deo eſpaço a mais ſaco. Como Eitor da Silveira deſtruio Baçaim, foi-ſe pelo rio acima onde eſtavam as náos, e por ſerem de mercadores de Ormuz, que eram vaſſallos d'ElRey, e os termos como naturaes, não lhes foi feito damno; mas trouxe as náos, e as taforeas abaixo ao porto, e tomou as tres taforeas que carregavam de madeira, e mandou a Chriſtovão Correa em hum catúr a queimar outras tres náos, que eſtavam em hum rio perto das Ilhas das Vaccas, que carregavam de mantimentos, e madeira para levar a Dio, e fazerem navios, por aquella Comarca de Baçaim ſer a mais fertil de mantimentos, e de arvoredo de todo o Reyno de Cambaya.

Sabendo o Xeque da Cidade de Taná, que eſtá pelo rio de Baçaim acima quatro leguas, o que Eitor da Silveira fizera, e o que os Portuguezes lhe podiam fazer, por ſer aquella Cidade povoada de gente, que vive por trato de pannos de ſeda, que ſe alli tecem, de que ha muitos mil teares, temendo que ſubindo Eitor da Silveira á ſua Cidade ficaria deſtruida, mandou-lhe Embaixadores, dizendo, que queria ſer vaſſallo, e tributario d'ElRey de Portugal, e que lhe queria dar de tributo cada anno quatro mil par-

dáos

dáos por os deixarem em paz, e ſeguridade; e porque ao preſente a terra por eſterilidades paſſadas, e guerra que os Portuguezes faziam pelo mar, eſtava Taná mui pobre, porque não corriam as mercadorias como de antes, que daria aquelle primeiro anno tres mil pardáos, e logo mandava dous mil em começo de paga, e refens, em quanto não aſſentavam as pazes, e não pagavam o reſto. Eitor da Silveira, porque não tinha gente para commetter tamanha couſa, como era aquella Cidade, aſſi em ſitio, como em grandeza, acceitou ſem réplica o que lhe offereciam, e com iſſo deſpedio os Embaixadores, dizendo-lhes, que elle hia para Chaul por ter recado do Governador que o chamava, que lá podiam aſſentar com elle ſeus contratos. Idos os Embaixadores, antes de elle partir, mandou diante as taforeas de madeira, e deſpachou as náos de Ormuz, mandando-lhes que foſſem tomar carga a Chaul; e rogou-lhes que cada huma levaſſe huma jangada per popa daquella madeira, que eſtava cortada para carregar para fóra, e elle levou a mais madeira por ſer neceſſaria para fazer navios. E em tres dias que alli eſteve ficou o lugar de Baçaim tão deſtruido, e abrazado, aſſi as caſas, como as hortas, e pomares, que movia á piedade; e foi lamentado dos Mouros, porque a terra de Baçaim era toda hum jardim

dim mui deleitoſo. Chegando a Chaul, foram lá ter os Embaixadores de Taná a cumprir o que promettêram, e mandou Eitor da Silveira quatro bargantijs a correr a terra de Baçaim, e impedir que os Mouros tornaſſem a reformar alguma força, no qual tempo cativáram muitos, e deſtruíram a coſta de maneira, que não ſómente não ouſavam os Mouros navegar per ella, mas os que habitavam os portos do mar deſpejavam os lugares, e ſe mettiam pela terra dentro. E bem ſentiam todos eſta perda pola muita que recebiam nos direitos das mercadorias, que não acudiam, nem os mercadores ouſavam navegar, nem queriam aventurar ſuas fazendas.

Lopo Vaz de Sampaio, como deſtas couſas era author, por as mandar elle fazer, quando Eitor da Silveira o mandou aviſar do que deixava feito, dava muitos louvores a Deos por em ſeu tempo lhe deixar acabar couſas de tanto ſeu ſerviço, e d'ElRey. E como os Mouros daquellas partes trazem os olhos nos feitos dos Governadores, e no que lhes bem, ou mal ſuccede na guerra, por verem que neſtas em que Lopo Vaz tinha poſto mão ſempre lhe ſuccedêra bem, o Hidalcão, vizinho ás terras de Goa, lhe mandou ſeus Embaixadores, commettendo-lhe que queria ter perpétua paz com elle por de-

ſejar ter amizade com ElRey de Portugal. O Governador, depois de lhe dar graças por ſua viſitação, e da vontade que moſtrava ácerca da paz, diſſe, que para firmeza della lhe havia de dar tres Tanadarias das que eſtavam nas terras firmes de Goa, quaes elle nomeaſſe, e que com eſta condição faria paz, porque ſem ellas ElRey ſeu Senhor haveria que o não tinha ſervido. Eſpedidos eſtes Embaixadores, porque a reſpoſta do Hidalcão ſe deteve, não houve eſta paz effeito em tempo de Lopo Vaz por ſe acabar ſeu governo.

Sendo dez dias de Maio, Baſtião Ferreira, que Lopo Vaz de Sampaio tinha mandado a ſaber novas de Nuno da Cunha, chegou com cartas ſuas para Lopo Vaz, pelas quaes elle ſoube que Nuno da Cunha invernára em Melinde, donde era já partido para Ormuz; e das vitorias que houvera naquella coſta, e nas cartas lhe pedia que lhe tiveſſe as mais vélas que pudeſſe juntas, porque em chegando á India eſperava de as haver miſter. E deixadas agora as couſas da India, daremos conta das de Maluco, de que ſempre tratámos depois das da India, ainda que aconteceſſem antes.

CA-

CAPITULO XVII.

Do que succedeo a Simão de Sousa Galvão, que hia por Capitão de Maluco.

SAbendo o Governador Lopo Vaz de Sampaio per Pero Mascarenhas ao tempo de sua partida para o Reyno, e per outras pessoas a necessidade de gente, e munições que tinha a fortaleza de Maluco, querendo-a prover de Capitão, e tirar della a D. Jorge, determinou mandar lá huma pessoa, que tivesse as qualidades que convinham para o remedio daquella fortaleza, e soccorro do estado em que então estava; e porque todas concorriam em Simão de Sousa Galvão, filho de Duarte Galvão, o mandou em companhia de Pero de Faria, que hia servir de Capitão de Malaca [a], e lhe deo huma galé, de que era Capitão Jorge de Abreu, e a capitanía mór do mar de Maluco levava Dom Antonio de Castro, e a Feitoria Antonio de Abreu Caldeira, que todos eram homens nobres, e escolhidos, como pedia a necessidade de Maluco. Na galé hiam setenta soldados, e trinta lhe havia de dar Pero de Faria em Malaca. Fazendo ambos sua viagem, antes de chegarem ao golfão, lhes sobreveio huma tormenta, com que huns, e outros se

[a] *Como se disse atrás no cap. 7.*

perdêram de vista. Pero de Faria foi ter a Malaca, onde lhe entregou a fortaleza Jorge Cabral, e Simão de Sousa correo a tormenta arvore secca, e foi aportar á barra de Achem com os soldados, que levava na galé meios mortos dos grandes trabalhos que passáram na tormenta, sem saber donde estava. E depois que o soube, se quizera fazer á véla, se o tempo o deixára, porque não tinha aquelle porto por seguro, por ser de gente inimiga dos Portuguezes; parece que o espirito lhe revelava o que havia de ser. Porque tanto que ElRey soube que esta galé era chegada assi destroçada com a tormenta, mandou logo a ella huma espia, com nome de visitador, a saber que gente vinha nella, e com palavras dissimuladas offerecendo ao Capitão o que houvesse mister, e pedindo-lhe que entrasse para dentro, onde estaria mais seguro do tempo. Simão de Sousa lhe deo os devidos agradecimentos, e se escusou da entrada. Espedido este visitador, ao outro dia veio a elle huma embarcação da terra a lhe pedir da parte d'ElRey que se fosse para dentro, e que para lhe revocarem a galé lhe mandava aquellas lancharas que atrás vinham, que não tardáram muito em apparecer, atulhadas de gente de guerra, de armas, e de artificios de fogo. As quaes chegadas á galé, vendo os Mouros que Simão de Sousa não

que-

queria entrar, o accommettêram per tantas partes, que a galé foi entrada, travando-se huma grande peleja. Era hum trifte efpectaculo, e cafo que aos mefmos inimigos pudera laftimar, ver aquelles poucos homens tão maltratados dos trabalhos que paffáram, e tão rodeados de inimigos; mas como todos elles eram esforçados, houveram-fe de maneira, que mais pareciam leões que homens, e affi faziam façanhas incriveis; mas contra tantos inimigos pouco lhes aproveitava fua valentia, porque pofto que faziam grande eftrago nos que achavam diante, entravam outros de refrefco em feu lugar. Fazendo os Portuguezes maravilhas, durou a peleja tanto tempo, que defefperados os Mouros de tomar a galé, como lhes era mandado por ElRey, receando já as mortes que os noffos lhes davam, fe apartáram, e affi desbaratados fe foram aprefentar a ElRey, ficando dos Portuguezes menos os dous terços dos que eram entre mortos, e feridos.

Defte fucceffo ficou ElRey mui indignado contra os feus, porque fendo tantos lhe não levavam a galé; pelo que mandou logo ao feu Capitão mór do mar, que fe fizeffe aquella noite preftes com toda a fua Armada, que eftava no porto, e pela manhã lhe foffe bufcar a galé, com grandes ameaças de morte fe lha não trouxeffe. O Capitão fe foi pela

ma-

manhã á galé, (que lhe não deo o tempo lugar para se sahir da barra,) e os Mouros, que o dia de antes com os nossos pelejáram, receando de se chegar, por estarem já sangrados do ferro Portuguez, aconselháram ao seu Capitão que tentasse se per manha podia tomar a galé, tendo por impossivel havella de outro modo; e assi tanto que chegou á galé que o pudessem ouvir, mandou dizer a Simão de Sousa com muitas palavras, que El-Rey queria ter paz, e commercio com o Capitão de Malaca, e com elle, e para isso lhe mandava pedir quizesse ir para dentro. E porque alguns dos Portuguezes estavam já taes, que se não atreviam a pelejar, lhes pareceo que se deviam de concertar, e começáram de praticar nisso: o que sentindo Simão de Sousa, estando á falla com os Mouros, respondeo que queria haver conselho com os seus; e por entender que alguns delles se queriam entregar, por o estado em que se viam todos feridos, e sem esperança de soccorro, lhes fez huma falla, declarando-lhes, com a brevidade que o tempo pedia, a falsidade, e tenção daquelles Mouros, persuadindo-os a morrerem antes com honra, confessando a Fé de Christo, que entregarem-se áquelles inimigos della, que com grande crueldade lhes haviam de tirar a vida, que esperavam alcançar delles. Respondêram todos

dos a huma voz, que o ſeguiriam, e morreriam com elle. Os Mouros deſenganados, remettêram á galé com tanta braveza, que pareceo que do primeiro accommettimento a levariam; mas os noſſos aſſi como eram poucos, e eſtavam desfalecidos do ſangue, e das forças, lembrando-lhes que morriam pola Fé de Chriſto, e contra tão grandes inimigos della, cobrando novos eſpiritos, fizeram proezas quaes ſe contam nos livros fabuloſos, e que de homens que eſtavam naquelle eſtado ſe não poderiam crer; de maneira, que os Mouros ſe afaſtáram da galé, com morte, e deſtruição de muitos, e com tenção de ſe recolherem, não ſabendo que os noſſos eram quaſi todos mortos, e os vivos tão feridos que já não podiam pelejar.

Neſte tempo ſe deitou a nado hum Mouro dos forçados da galé, o qual deſcubrio ao Capitão das lancharas o eſtado em que a galé eſtava, e que ſe não foſſe, que a pouco que perſeveraſſe os acabaria de conſumir. O Capitão mór mandou eſte Mouro a El-Rey, o qual a grande preſſa provêo os ſeus com mais gente de refreſco, e mais polvora. Com eſte ſoccorro tomáram atrevimento de entrar na galé, onde já não havia quem a pudeſſe defender, e começáram de novo a pelejar com eſſes poucos que nella eſtavam vivos, os quaes vendo que aquelle era o ulti-

timo de ſuas vidas, por as venderem caras fizeram maravilhas, como ſe de novo vieram a peleja, té que pregáram as mãos com ſettas a D. Antonio de Caſtro em a haſtea de huma alabarda, que tinha nellas com que pelejava, e das muitas feridas que tinha eſgottou todo o ſangue té que cahio morto. A Simão de Souſa Galvão deram com hum zarguncho de arremeſſo com tanta força, que paſſando as couraças lhe pregou o coração, e deſte modo acabou Simão de Souſa Galvão, hum dos quatro filhos [a], com que Duarte Galvão paſſou áquellas partes; e aſſi acabáram os mais que na galé havia, e alguns poucos que com vida ficáram, (dos quaes eram Antonio Caldeira, e Jorge de Abreu, tão feridos, que mais ſe podiam contar por mortos que por vivos,) foram levados com a galé a ElRey, como em triunfo de tamanha vitoria, e o corpo de Simão de Souſa feito em pedaços lançáram ao mar. Aos feridos fez ElRey muito gazalhado, e mandou curar por diſſimular ſua maldade, moſtrando que lhe pezava muito da morte de Simão de Souſa, e dos outros Portuguezes, que elle mandava chamar para lhes fazer gazalhado, e honra, como deſejava fazer a todos, e lhes diſſe, que como elles foſſem sãos, eſcolheſſem entre ſi

al-

a Os outros tres ſe chamavam Jorge, Manuel, e Ruy Galvão.

algum, que fosse dizer da sua parte ao Capitão de Malaca que mandasse por elles, e pela galé, e artilheria, e por o mais que lá tivessem, e fora dos Portuguezes, porque tudo daria de boa vontade. Porém a tenção deste Rey infiel era tomar o navio, e gente que o Capitão de Malaca mandasse, como fez, e se dirá adiante. E para mais enganar aos nossos, mandou-lhes dar muito boas pousádas, e todo o necessario com muita largueza, como mui amigo.

CAPITULO XVIII.

Como D. Jorge de Menezes tomou a Cidade de Tidore, e assentou pazes com os Castelhanos que nella estavam.

EStando D. Jorge de Menezes Capitão de Maluco em treguas com Fernando de la Torre Capitão dos Castelhanos, que estavam em Tidore, vindo-se acabar, e querendo-as renovar D. Jorge, não quiz Fernando de la Torre per conselho do Governador de Geilolo; e a causa era, porque ElRey de Tidore pertendia ser senhor de todo o Estado do Moro. E porque elles estavam prestes, mandáram logo sua Armada, para que fosse tomar os lugares que lá tinha ElRey de Ternate; e posto que Cachil Daroez tinha os lugares bem provídos, mandou

dou tambem ſua Armada em que hiam alguns Portuguezes, que foram desbaratados per Cachil Rade Governador de Tidore, que matou, e ferio muitos delles, e prendeo hum Capitão dos Mouros, que depois mandou matar. Os Ternates, e Portuguezes que eſcapáram, acolhendo-ſe em terra, aviſáram a D. Jorge do ſeu desbarato, pedindo-lhe ſoccorro, porque os de Tidore eram muitos, e com elles Fernando de la Torre, e quarenta Caſtelhanos que comſigo tinha. D. Jorge, que eſtava eſcandalizado de Fernando de la Torre de não querer com elle paz, pareceo-lhe que tinha boa occaſião de ſe vingar delle, e d'ElRey de Tidore, para o que diſſe a Cachil Daroez, que era neceſſario deſtruirem aquellas Armadas, e juntarem para iſſo ſeu poder, e dos amigos. Cachil Daroez mandou recado aos Sangages, e a ElRey de Bacham, que acudiſſem com ſua gente, o que logo fizeram. Dom Jorge não lhes manifeſtando ſeu intento, mandou armar cento e vinte Portuguezes todos eſcolhidos. E como as Armadas foram juntas, ſe apartou com os officiaes da fortaleza, e com ElRey de Bacham, e Cachil Daroez, e lhes diſſe, que bem ſabiam as offenſas que tinham recebido dos Tidores, poderoſos, e fortalecidos com a companhia dos Caſtelhanos, e ſua artilheria; e que para

ſua

ſua deſtruição nunca houvera melhor tempo, nem mais diſpoſto que o preſente, por muitos andarem na guerra do Moro, e ficar a Ilha com poucos, e aſſi ſendo pouca a defensão, os poderiam deſtruir, com que ficariam em paz; porque ElRey de Geilolo ſem ajuda d'ElRey de Tidore, e dos Caſtelhanos não lhes podia fazer guerra. ElRey de Bacham primeiro, e depois Cachil Daroez, e os Sangages, e Capitães dos Mouros, todos approváram o parecer de Dom Jorge. Os Portuguezes reſpeitando mais ſua quietação, e proveito da ſua fazenda, deram muitas razões, diſſuadindo aquella empreza; mas replicando D. Jorge, conſentíram nella, ainda que contra ſuas vontades.

Entregue a fortaleza ao Alcaide mór Gomes Aires, pedio D. Jorge a ElRey de Bacham, e a Cachil Daroez, que ſe embarcaſſem logo com ſua gente, porque haviam de partir aquella noite, antes que ſe publicaſſe aonde hiam, porque queria tomar os inimigos deſcuidados. Embarcáram-ſe todos paſſadas algumas horas da noite, Dom Jorge em hum batel grande bem artilhado, e D. Jorge de Caſtro em hum paráo Malavar. Ao outro dia, que era da feſta dos Santos Apoſtolos Simão, e Judas, chegáram rompendo a manhã ao porto de Tidore, cuja Cidade he grande, cercada de huma tran-

quei-

queira de duas faces, e fica afaſtada hum pouco do mar. Como foram no porto, ordenou D. Jorge de Menezes, que D. Jorge de Caſtro ficaſſe no parão em que hia com quinze Portuguezes, e alguns Ternates, para com hum camelo que levava bater hum baluarte que alli eſtava, e elle com a outra gente havia de ir dar na Cidade; e porque o caminho era per entre arvoredo, mandou diante deſcubrir a terra per Vaſco Lourenço, que era mui esforçado cavalleiro, com doze Portuguezes, e nas ſuas coſtas Diniz Botelho com outros tantos, e elle abalou com toda a gente para a Cidade, onde aſſi nos Mouros, como nos Caſtelhanos houve grande ſobreſalto, e medo, porque ElRey não tinha idade para pelejar; e Cachil Rade ſeu Governador, que era mui esforçado Capitão, e experimentado na guerra, andava no Moro com a principal gente de Tidore. Fernando de la Torre mandou com preſteza aſſentar alguns berços ſobre o muro, e póſtos nelle os Caſtelhanos com ſuas eſpingardas, começáram a defender com ellas, e com a artilheria a tranqueira animoſamente. Dom Jorge conhecendo o damno que poderia receber tardando, arremetteo com ſua gente a hum portal da tranqueira per onde os de dentro ſe ſerviam, e animando os ſeus, ſubio elle dos primeiros pela tranqueira, e ajudou

dou a ſubir a outros. Os Caſtelhanos, e Tidores vendo que os entravam, ſe puzeram em defenſa com valor; porém não puderam reſiſtir á furia com que foram accommettidos dos Portuguezes, e Ternates; e aſſi deſamparadas as tranqueiras, ſe retiráram os Caſtelhanos ao ſeu forte, quaſi todos feridos, dous mortos, e quatro prezos, e os Tidores á Cidade, os quaes ſeguio D. Jorge té os lançar fóra della, matando, e ferindo muitos, e da volta com elles ſe foi ſeu Rey, ſem em toda eſta peleja haver dos Portuguezes mais que tres feridos. Tomada a Cidade, mandou D. Jorge de Menezes vir Dom Jorge de Caſtro, e os Portuguezes, que ficáram com elle, para que todos juntos ſaqueaſſem a Cidade, a qual ſaqueada a mandou queimar. Ficava por combater a Torre dos Caſtelhanos [a]; e primeiro que D. Jorge a commetteſſe, eſcreveo huma carta ao Capitão Fernando de la Torre, na qual lhe rogava da ſua parte, e requeria da do Emperador, que conſiderando com prudencia, e ſem paixão o eſtado em que eſtava, e pouca defensão que tinha, ſe entregaſſe a elle, e não déſſe occaſião de ſe matarem huns Chriſtãos com outros. A eſta carta reſpondeo de pa-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *cap. 6. do liv. 8.* Diogo do Couto *liv. 6. cap. 11.* Franciſco de Andrade *cap. 59. da 2. Parte.*

palavra Fernando de la Torre, que não se havia de entregar por mais segurança que lhe désse, mas que lhe entregaria a galeota que fora tomada a Fernão Baldaia com toda sua artilheria, e a Ilha de Maquiem, e que não ajudaria mais aos Reys de Tidore, e Gilolo contra Portuguezes, nem lhes faria guerra. D. Jorge lhe replicou, que não fora a Tidore por tão pouco, e pois assi queria, que seu fosse o damno. Partido o mensageiro, D. Jorge foi apôs elle com sua gente, e diante algumas peças de artilheria, e muitas panellas de polvora, e escadas. Temendo Fernando de la Torre tanto apparato, havendo seguro de D. Jorge, lhe sahio a fallar com a gente que tinha; e apartado hum pouco della, e D. Jorge da sua, se falláram, e assentáram, que Fernando de la Torre se fosse para a Cidade de Camafo com os Castelhanos que o quizessem seguir, e alli estariam sem fazer guerra aos Portuguezes, nem aos Reys de Ternate, e Bacham seus amigos, contra os quaes não ajudariam a ElRey de Geilolo, e restituiriam a Ilha de Maquiem a ElRey de Ternate, e que não fariam cravo, nem iriam a alguma das Ilhas em que o havia; e para sua embarcação lhes daria D. Jorge o bargantim que fora d'ElRey de Geilolo, e tres coracóras para o acompanharem té Camafo; e que D. Jorge

lhes

lhes não faria mais guerra, nem aos Reys de Tidore, e Geilolo; e isto se guardaria té ElRey de Portugal, e o Emperador mandarem o contrario. E depois de cada hum destes Capitães dar conta aos seus, do que todos foram contentes, assentáram as referidas Capitulações de pazes, que juráram de cumprir, e guardar, e as assináram com algumas pessoas principaes. Dos Castelhanos, que com Fernando de la Torre estavam, dezoito que disseram que queriam ficar com D. Jorge, Fernando de la Torre lhos entregou, e com os que lhe ficáram se tornou á sua Torre, e ao outro dia partio para Camafo. Donde per persuasão dos Castelhanos, que andavam em Geilolo, deixando Camafo, quebrando a promessa que fizera, se foi para elles. O que lhe D. Jorge mandou estranhar; ao que elle respondeo, que forçado o fizera, porém que em o mais guardaria as Capitulações, e assi o fez.

D. Jorge, antes de se partir para Ternate, fez paz com ElRey de Tidore, com condição que elle pagaria de pareas a ElRey de Portugal cada anno certos bahares de cravo, e que em Tidore haviam de estar alguns Portuguezes para ensinarem seus costumes aos Tidores, e não havia mais de ajudar aos Castelhanos, nem a Mouros contra Portuguezes.

Es-

[a] Eſtando ainda D. Jorge em Tidore, vio ao mar hum junco que vinha de Banda, e de Amboino, em que vinham cincoenta Mouros com mercadorias para levar cravo de Tidore, cuidando que eſtava em ſua proſperidade. Sabendo D. Jorge donde era, mandou a D. Jorge de Caſtro que o foſſe tomar; e entendendo os Mouros da deſtruição de Tidore, e a ida dos Caſtelhanos, não ouſando de pelejar, ſe entregáram. Deſte junco fez D. Jorge de Menezes mercê em nome d'ElRey de Portugal a D. Jorge de Caſtro, porque havia de ficar em Tidore para cobrar o cravo d'ElRey; e deixando com elle quarenta Portuguezes, e Cachil Daroez com a Armada, ſe partio para Ternate, levando comſigo duas galeotas dos Caſtelhanos, e a galeota que elles tomáram ao Baldaia, com ſua artilheria com muita polvora, e munições, e ſatisfeito das offenſas paſſadas, entrou vitorioſo em Ternate. Os Caſtelhanos, que a Ternate foram com D. Jorge de Menezes, ſe embarcáram com D. Jorge de Caſtro no Janeiro ſeguinte para a India.

CA-

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *liv.* 8. *cap.* 7. Franciſco de Andrade *cap.* 59. *da* 2. *Parte.*

CAPITULO XIX.

Da morte d'ElRey Bahaat, e prizão de seu irmão, e successor Cachil Daialo; e da injúria que fez D. Jorge a Cachil Vaidua parente d'ElRey.

NEste tempo que D. Jorge de Menezes destruio a Cidade de Tidore, e lançou della aos Castelhanos, faleceo na fortaleza ElRey Bohaat [a], não sem suspeita de peçonha, que diziam alguns lhe mandou dar Cachil Daroez, por entender que ElRey lhe tinha odio por elle aconselhar ao Capitão que o tivesse como prezo na fortaleza, onde havia muito tempo que estava, e de quem se tambem temia por tyrannias, e extorsões que fazia no governo. Pela morte d'ElRey, que foi mui sentida de todos, porque era bom Principe, foi levantado por Rey hum seu irmão mais moço, por nome Cachil Daialo, que tambem D. Jorge metteo na fortaleza. A Rainha como lhe não ficava outro filho, receando que na fortaleza lhe morresse este, como o outro, pedio com muita instancia a D. Jorge lho deixasse ter comsigo; mas Dom Jorge não quiz, temendo-se que se os Ternates vissem ElRey livre, se levantassem con-

[a] Diogo do Couto *chama a este Rey Baiano, e a seu irmão Aialo.*

tra os Portuguezes. O que tambem dizem que lhe aconselhava Cachil Daroez, que por estar ElRey recolhido na fortaleza, tinha elle todo o mando do Reyno absolutamente; e estando fóra della, e em sua liberdade, não havia de ser assi, por a Rainha lhe querer grande mal, que ella dissimulava, por saber que nelle estava a liberdade d'ElRey seu filho. E por esta causa Cachil Daroez tinha grande odio a toda pessoa, que fallava sobre a liberdade d'ElRey, e muito maior a Cachil Vaiaco, de quem D. Jorge era muito amigo, polo que temia Daroez que Dom Jorge fizesse Governador a Vaiaco, e a elle tirasse do cargo, por lhe não ter tambem boa vontade desde o tempo que D. Jorge tivera as differenças com D. Garcia Henriques.

Sendo por esta causa grandes inimigos Cachil Daroez, e Cachil Vaiaco [a], aconteceo que vindo huma Armada d'ElRey de Geilolo dar vista á fortaleza, mandou Dom Jorge contra ella Cachil Vaiaco com alguns Portuguezes, o qual se embarcou em huma coracóra, em que Daroez soia andar, de que elle não foi sabedor. E tornando Vaiaco mui contente, por fazer recolher os Geilolos, e tomar-lhes huma coracóra, D. Jorge o festejou muito, e Cachil Daroez houve gran-

a Fernão Lopes de Castanheda *liv.* 8. *cap.* 18. Francisco de Andrade *cap.* 60. *da* 2. *Parte.*

grande inveja do bom ſucceſſo de ſeu inimigo; e quando ſoube que fora na ſua coracóra, tomou grande indignação, que deſcubrio o odio que lhe tinha, e começou dahi em diante de o vexar em tudo o que podia. Temendo-ſe Vaiaco delle, e não ſe atrevendo eſcapar com a vida eſtando entre os Mouros, ſe acolheo á fortaleza. Cachil Daroez determinando de o haver ás mãos, o pedio a D. Jorge, dizendo, que tinha feitos muitos deſerviços a ElRey Cachil Daialo, e que convinha caſtigallo, pelo que lho devia de entregar, porque ElRey de Portugal não havia de haver por bem, que ſeus Capitães amparaſſem, e acolheſſem os que deſerviam a ElRey de Ternate. D. Jorge como era amigo de Vaiaco, e deſejava ſua ſalvação, poz em conſelho ſe o entregaria a Cachil Daroez; mas Vaiaco receando que a determinação foſſe, que o entregaſſem, e que entregando-o, Daroez o havia de matar deshonradamente, e que o não pedia ſenão a eſſe fim, querendo antes matar-ſe a ſi, que morrer por mandado de ſeu inimigo, ſubitamente ſe lançou de huma torre abaixo, do que logo morreo. Com eſte ſucceſſo ficou Cachil Daroez vingado, e D. Jorge mui triſte, e ambos em grande odio.

Os Mouros como víram Cachil Daroez deſcubertamente aggravado, além do odio

que naturalmente tinham aos Portuguezes, tinham-lho por reſpeito de Daroez, e em tudo o que lhes podiam anojar o faziam diſſimuladamente por o medo que tinham a D. Jorge té verem a ſua; e por lhe darem desgoſto, lhe matáram huma porca da China que trazia em caſa, e eſtimava muito. E poſto que ſe fez encubertamente, fazendo Dom Jorge diligencia, achou quem culpaſſe na morte da porca a Cachil Vaidua tio d'El-Rey, e Caciz mór, homem entre elles per o ſangue, e per a dignidade de grande authoridade, ſem reſpeito da qual D. Jorge o mandou prender. Deſta prizão houve tanto alvoroço na Cidade, que ſe não fora o muito medo que a D. Jorge tinham, ſe levantáram. Cachil Daroez com os principaes da Cidade ſe foi á fortaleza, e pedio a D. Jorge mandaſſe ſoltar Cachil Vaidua, eſtranhando-lhe prender huma peſſoa de tanta qualidade por huma couſa tão vil, como era huma porca. D. Jorge, que era homem de poucos cumprimentos, não curando de deſculpas, lhes diſſe, que o não havia de ſoltar ſenão pagando-lhe a eſtimação da ſua porca anoveada. Trazendo-lhe penhores té ſe avaliar a porca, mandou D. Jorge a Pero Fernandes ſeu criado que os tomaſſe, e ſoltaſſe ao Vaidua; e como homem baixo, que parece ſer no nome, e na obra, ao tempo que ſoltou

Vai-

Vaidua, lhe untou o rosto com huma posta de toucinho, que entre Mouros he gravissima injúria. O Vaidua, a quem aquella offensa, e desprezo foi mais que a morte, com muitas lagrimas que lhe corriam pelo rosto, que ainda levava untado, se foi a Cachil Daroez, que com muitos mandarijs ficára á porta, aos quaes contou daquella affronta, e com mágoa delle choráram todos, e muito mais de o não poderem logo vingar; e entendêram que per mandado de D. Jorge se faria aquella offensa, porque nem castigou o criado, nem se desculpou. E o desprezo da prizão feita a hum homem de sangue Real, a quem D. Jorge por mais grave delicto houvera de tratar conforme a sua pessoa, lhes dava maior indicio de elle o mandar. A indignação dos que víram aquella injúria foi maior quando os Portuguezes, que alli estavam, em lugar de a estorvarem, ou consolarem a Vaidua, e a Cachil Daroez, se ríram muito, como de cousa de grande graça. Cachil Vaidua se foi de Ternate por todas aquellas Ilhas, manifestando aos Mouros a injúria que lhe fora feita a elle, e a toda a nação, e á sua lei, pedindo-lhes que a vingassem, para que se começáram logo de aperceber. Dos excessos deste Capitão succedeo a tragedia que se verá depois, e que sempre soe acontecer quando os Principes,

ou

ou Miniſtros ſeus tratam ſem clemencia, e humanidade aos vencidos, fazendo-ſe ſenhores dos corpos, e não das vontades. Porque nenhum preſidio, nem prizão ha, que mais faça ter os ſubditos em obediencia, e alegre ſervidão, que o ſuave tratamento; e pelo contrario, per nenhum caminho ſe perdem, e ſe arriſcam mais os Eſtados, e vem á diminuição, que per aſpereza, e inſolencia dos ſenhores para os vaſſallos; mormente quando são de outra nação, ou novamente ganhados. Cachil Vaidua, como diſſemos, ſe foi morar fóra de Ternate, e não tornou á Ilha, té que veio Antonio Galvão por Capitão, que dos Mouros, e dos Portuguezes foi igualmente amado por ſua manſidão, e Chriſtandade.

CAPITULO XX.

Como D. Jorge mandou lançar a dous lebrés o Regedor de Tabona, dos quaes foi cruelmente morto, e mandou degollar a Cachil Daroez.

A Muita inquietação de D. Jorge [a], que não procurava paz, e ſocego para ſi, nem para os ſeus, por as offenſas que a todos

[a] Fernão Lopes de Caſtanheda *liv.* 8. *cap.* 20. Diogo do Couto *liv.* 7. *cap.* 7. Franciſco de Andrade *cap.* 60. da 2. *Parte.*

dos os vizinhos fazia, era caufa de eftarem os Portuguezes muito pobres, como homens que não tinham commercio, nem lhes pagavam foldo, polo que com neceffidade tomavam aos Mouros os mantimentos que haviam mifter per força, fem lhos pagarem. E queixando-fe difto os Mouros, D. Jorge não lhes dava mais remedio que dizer-lhes, que lhos deffem elles per vontade, e que os Portuguezes lhos não tomariam per força. E indo com feus queixumes a Cachil Daroez, como a Governador que era do Reyno, não foube mais que fazer para evitar brigas, que mandar-lhes que não vendeffem mantimentos, nem os tiveffem em cafa, para os Portuguezes os não tomarem. Polo que ficando elles em grande aperto, querendo prover a iffo D. Jorge, mandou Gomes Aires Alcaide mór, que com alguns Portuguezes, que lhe deo, foffe pela Ilha bufcar mantimentos, os quaes no primeiro lugar a que chegáram, que fe chama Tabona, incitados da fome, e da foberba, parecendo-lhes que a terra era fua, fe mettiam pelas cafas dos Mouros fem refpeito algum, e lhes tomavam os mantimentos que lhes achavam. Os Mouros refiftindo a efta força, como os Portuguezes eram poucos, os tratáram mal. Gomes Aires, que ficava detrás com outros poucos, cuidando o Regedor da Villa que era gente, que vi-

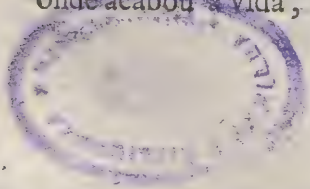
nha

nha de ſoccorro, acudio ajudar os ſeus, e tomando os Portuguezes entre ſi, os eſpancáram, e feríram, e a alguns tomáram as armas que levavam, e aſſi os fizeram tornar á fortaleza. Indignado D. Jorge por aquella affronta, mandou logo dizer a Cachil Daroez, que mandaſſe ir á fortaleza ao Regedor de Tabona, e os principaes que foram naquella offenſa, porque de outra maneira não o teria por amigo d'ElRey de Portugal, nem ſeu. Daroez como tinha D. Jorge a ElRey na fortaleza, fez o que lhe mandou requerer, e com o Regedor de Tabona vieram dous homens principaes, a que logo D. Jorge mandou cortar as mãos, e com ellas cortadas os mandou levar a Tabona. Ao Regedor mandou atar as mãos, e deitallo a dous cães de filhar mui feros, junto com a praia que eſtava cuberta de gente, que ſahio a ver tão nova juſtiça. Foi piedoſo eſpectaculo ver arremetter os cães a elle, e começar a esfarrapar-lhe a carne ás dentadas, mordendo-o cruelmente, e os gritos que elle dava com as dores. O Regedor que era animoſo ſe foi chegando para o mar, cuidando que nelle o largariam os cães; mas encarniçados nelle o ſeguíram, e vendo-ſe elle em tamanho tormento, andando já nadando com os pés, que com as mãos não podia por as ter atadas, fez volta aos

cães

cães que o ſeguiam, e com muito esforço, e acordo ſe começou a defender com os dentes, mordendo aos cães, aſſi como elles o mordiam, de que todos eſtavam attonitos, e andando com as carnes eſpedaçadas, afferrou hum dos cães per huma orelha, e afferrado ſe metteo com elle debaixo d'agua, onde ſe affogou, deixando a todos com grande eſpanto, e maior mágoa, chorando de verem morrer tão cruelmente hum homem tão esforçado.

Dalli por diante teve Cachil Daroez mortal odio a D. Jorge, e aos Portuguezes, e deſejava de os matar a todos, e livrar a terra de ſeu jugo. E ſendo informado D. Jorge, que Cachil Daroez tinha aſſentado paz com Catabruno Governador de Geilolo, para Daroez matar os Portuguezes, e Catabruno os Caſtelhanos, e que neſta conjura entrava tambem Cachil Samarao, que era Almirante do mar, e Cachil Boio, que era Juſtiça mór de Ternate, mandou chamar a todos tres, e fazendo-lhes perguntas, confeſſáram que determinavam de livrar ſua patria das oppreſsões que lhe elle D. Jorge, e os Portuguezes faziam com os lançar de ſuas terras, ou matar a todos. Cachil Daroez, como principal naquelle negocio, foi prezo na fortaleza, o que fez grande alvoroço nos principaes da Cidade, quando ſoube-

beram a causa. D. Jorge aconselhando-se com os officiaes da fortaleza o que faria de Cachil Daroez, acordáram que devia ser degollado publicamente, porque tendo-o prezo, poderia levantar-se a terra contra a fortaleza, com esperança de o livrar; e vendo que era morto, se aquietariam. Approvado este conselho, foi Cachil Daroez degollado em hum cadafalso da maneira que em Hespanha se degollam os grandes senhores, como author daquella conjuração. A morte de hum homem tão assinalado, Governador daquelle Reyno, e filho de hum Rey delle, e de quem os Portuguezes, assi delle, como de seu pai, tinham recebidos tantos beneficios, e a pena da morte, que em Maluco se não dá a homens Fidalgos por os delictos que commettem, senão desterro; e a lembrança, que tomando elles aos Portuguezes por hospedes, e amigos, se lhe tornáram senhores, e contrarios, e que chamavam traição quererem proclamar a sua liberdade; fez tanto espanto, e indignação em todos, que a Rainha, e os principaes se foram da Cidade para hum lugar que chamam Turucó, que está huma legua de Ternate. Por causa desta morte principalmente, veio Dom Jorge prezo á India, e da India a Portugal, e de Portugal degredado para o Brasil, onde acabou a vida, como adiante diremos,

quan-

quando tratarmos de Gonçalo Pereira, que lhe ſuccedeo na capitanía. E deixando agora as couſas de Maluco, tornaremos a tratar as da India, e de Nuno da Cunha que a vinha governar.

DECADA QUARTA.

LIVRO III.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Como ElRey D. João mandou por Governador da India a Nuno da Cunha: e do que passou té chegar á Ilha de S. Lourenço.

NO anno de mil e quinhentos e vinte sete, pelas náos que então vieram da India [a], soube ElRey D. João em quanta necessidade ella ficava de gente, e de outras cousas necessarias para a conservação, e governo daquelle Estado, e das differenças que entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas se receavam haver por o modo que se teve no abrir das successões; polo que lhe pareceo que convinha acudir a isso com mandar outro Governador. E porque em Nuno da Cunha Veedor de sua Fazen-

a *Destas náos vieram por Capitães Tristão Vaz da Veiga, e Francisco de Anhaia.*

zenda concorriam muitas qualidades, aſſi de ſua peſſoa, como de muita experiencia do governo da India, por o tempo que nella andou com ſeu pai Triſtão da Cunha, e por cauſa do officio que tinha, determinou de o mandar no anno de 1528 por Governador daquellas partes. E por ElRey áquelle tempo eſtar na Cidade de Coimbra, e a Armada havia de ſer grande, em que eſperava mandar muitos Fidalgos, e criados ſeus, para deſpachar ſeus requerimentos ſe paſſou a Almeirim, que eſtá quatorze leguas de Lisboa pelo Téjo acima defronte da notavel Villa de Santarem. Neſta Armada [a] mandou mais de dous mil e quinhentos homens de armas para ficar na India, a fóra a gente ſobreſalente do mar, e a que havia de marear as náos, que eram onze, cujos Capitães eram, elle Nuno da Cunha, Simão da Cunha, e Pero Vaz da Cunha, ſeus irmãos, Antonio de Saldanha, Garcia de Sá filho de João Rodrigues de Sá de Menezes Alcaide mór do Porto, e Senhor das terras de Sever, D. Fernando [b] Deça filho de D. Pedro Deça o velho, D. Fernando de Lima filho de Duarte da Cunha, Bernardim da Silveira filho de Coudel mór Franciſco da Silveira Senhor das Cerzedas,

Fran-

[a] *Frota da India do anno de 1528.*
[b] *A eſte chama* Diogo do Couto *D. Franciſco.*

Francisco de Mendoça Guedes filho de Pero Guedes Senhor de Murça, e Affonso Vaz Azambujo Piloto da Mina, Capitão, e Piloto de hum navio pequeno para serviço de toda a Armada, assi para recados, como para as entradas dos portos, João de Freitas Capitão de huma náo Biscainha, e Gaspar Moreira, e Luiz de Araujo [a] Capitães de duas caravellas carregadas com mantimentos para proverem as náos té a costa de Guiné, e para tornarem com as novas da sua viagem té passarem a Linha Equinoccial, termo de que se poderia julgar que a Armada hia bem navegada por partir de Lisboa tarde a 18 de Abril.

Seguindo esta frota sua derrota a 6 de Maio, antes de chegar ás Ilhas do Cabo Verde, querendo a náo de João de Freitas salvar a de Simão da Cunha, embaraçou-se de maneira que deo huma por outra, com que a de João de Freitas começou de se ir ao fundo, por ser Biscainha, e velha, e não tão forte como a náo Castello de Simão da Cunha; e approuve a Deos que em hum dos navios dos mantimentos se salvou João de Freitas, que hia por Feitor de Malaca, e onze homens com elle; e D. Fernando de Lima no esquife da sua náo recolheo poucos, e poucos té cento e cincoenta homens,

[a] Francisco de Andrade *chama a este Luiz Doria.*

mens, com o qual ſoccorro quaſi toda a gente ſe ſalvou [a]. Por cauſa deſte deſaſtre, com que ſe perdêram muitos mantimentos, para animar a gente com nova provisão delles, mandou Nuno da Cunha governar á Ilha de Sant-Iago, onde ſurgio a 9 de Maio, e nella ſe deteve tres dias, refazendo-ſe de muitas couſas que ſe perdêram. Dalli deſpedio huma das caravellas, e outra depois, que paſſou a Linha a 2 de Junho. E porque as náos não eram todas companheiras na véla, e algumas com os ventos geraes, que começavam a refreſcar, não podiam manter companhia das outras, como té li fizeram, por os tempos ſerem bonanças; apartou-ſe Nuno da Cunha com ſeu irmão Simão da Cunha, e com o navio de Affonſo Vaz Azambujo, e as outras vélas deo regimento do que haviam de fazer; e dando pela manhã toda a véla ao vento, quando veio a tarde tinha já perdido de viſta as outras náos. Com bom tempo chegou em poucos dias ás Ilhas, que ſe chamam do nome de ſeu pai Triſtão da Cunha, por as elle deſcubrir quando foi á India, (como já diſſemos [b],) na qual

pa-

a *Entre os que perecêram, que foram cento e cincoenta peſſoas, diz* Diogo do Couto, *que foi hum homem caſado, que hia na náo com ſua mulher, e tres filhas donzellas, que vendo a náo aberta, abraçando-ſe todos cinco, com laſtimoſo pranto ſe foram ao fundo.*

b *No cap. 1. do liv. 1. da 2. Decada.*

paragem lhe deo hum temporal com que se apartou delle Simão da Cunha, e ficou-lhe a companhia de Affonso Vaz. Correndo com este tempo, veio a dar com elle Antonio de Saldanha, e depois Pero Vaz da Cunha, e perdendo hoje hum, e á manhã outro, segundo cursava o vento, passou o Cabo de Boa Esperança, havendo vista delle o derradeiro de Julho, onde andou em calmarias, té que veio tempo que o levou ao rosto da Ilha S. Lourenço, e chegou a ella a 23 de Agosto; mas o vento lhe não servio para poder tomar o Cabo de Santa Maria, onde quizera fazer aguada por ir tão falto d'agua, que em tres náos que hiam juntas, a sua, a de seu irmão Pero Vaz da Cunha, e a de D. Fernando de Lima, não havia mais que sessenta pipas della, sendo as pessoas mil cento e quarenta e quatro. Com esta necessidade aos 23 dias de Agosto tomou na mesma Ilha da banda de Oeste o porto de Sant-Iago, que está em altura de vinte e hum gráos da parte do Sul; e antes de entrar neste porto quasi tres leguas, foi dar em huns baixos em que se houvera de perder, e onde se tinham perdido Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, como depois soube. Passado este perigo, entrou no porto de Sant-Iago, que he huma Bahia, a qual logo na entrada he tão espaçosa, que podem entrar per ella

la muitas náos á véla ; porém depois que entram para dentro da terra, vai-se fazendo huma maneira de seio, e no fim delle huma concha cheia de muitos alfaques, assi alcantilados, que está a popa da náo em oitenta braças, e a proa em doze. Toda esta concha he cercada de huma terra alta, e soberba, e sómente em huma parte faz hum escampado, per meio do qual corre hum rio de agua doce, o qual se faz de dous, que vem de dentro da terra de partes diversas, e este ajuntamento he mui perto donde se elle mette no mar, e traz tanta agua, que podem bateis grandes ir per elle acima hum bom espaço.

Surto Nuno da Cunha, porque aquella terra era mui povoada de Negros de cabello retorcido como os de Moçambique, começáram logo descer á ribeira muitos delles, trazendo carneiros, gallinhas, grãos, lentilhas, e outros mantimentos, que davam aos nossos a troco de pedaços de ferro, e de outras cousas de pouco preço. Com este commercio, e bom tratamento que lhes os nossos fizeram, ficáram tão contentes, que dahi a dous dias trouxeram hum Portuguez, o qual vinha tão deforme, com a grenha que trazia de cabellos, e cortimento dos couros despidos, que era mui mais feio á vista que os proprios Negros. O prazer des-

te homem foi tamanho, quando ſe vio dentro na náo, que eſtava diante de Nuno da Cunha como paſmado, ſem lhe poder dar razão do que lhe perguntava. Depois que entrou mais em ſi, contou como alli ſe perdêram Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu, dando de noite em ſecco, e eſtiveram té o outro dia pela manhã, que ſe ſalváram em jangadas com alguma pouca fazenda; e que a gente de Manuel de la Cerda, ſegundo ſoubera dos Negros, ſe mettêra pela terra dentro; mas que lhe não ſabiam dar razão onde paráram, porque os Negros não coſtumavam ſahir das comarcas donde eram naturaes; e que a gente de Aleixo de Abreu, ſegundo elles diziam, andava pela Ilha; e a cauſa de elle ficar alli, fora, porque quando Aleixo de Abreu (com quem elle vinha) determinou de ir per terra, com a gente que ſe ſalvára, buſcar algum porto, donde com jangadas, ou com algum outro modo ſe paſſaſſe a Moçambique, elle eſtava tão doente, e manco, que não podia dar hum paſſo; e que em quanto teve alguma couſa ſobre ſi, os Negros entre quem ficou lhe foram contrarios, e não ſe fiavam delle; mas que depois que o víram deſpido, e de todo nú com elles, e não tinham que cubiçar, ficáram ſeus amigos, e o tratáram mui bem, por ſer gente

pacífica, e que vive a modo de communidades, ſem terem ſenhor a quem obedeçam. Eſtas, e outras couſas dos coſtumes daquelles Cafres contava eſte homem, o qual ſegundo dizia era criado de D. Antonio de Noronha Conde de Linhares; e eſcapando de tantos trabalhos, veio a morrer dahi a poucos dias em Mombaça de ſua enfermidade [a], onde morreo muita gente outra, como adiante ſe verá.

CAPITULO II.

Da perdição das duas náos de Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu: e do que aconteceo aos que dellas ſe ſalvåram.

AS duas náos [b] de que ſe ſalvou eſte Portuguez, que levåram a Nuno da Cunha, eram da companhia de cinco, que partíram de Portugal no anno de 1527, da qual Armada hia por Capitão mór Manuel de la Cerda, e das outras quatro náos foram os Capitães Aleixo de Abreu, Chriſtovão de Mendoça, Balthazar da Silva, e Gaſpar de Paiva. Eſtas tres ultimas chegåram a ſalvamento á India em Setembro, (como ſe atrás eſcreveo [c],) e as duas de Manuel de la Cer-

 da,

[a] *Eſcreve* Diogo do Couto, *que eſte homem viveo depois muitos annos caſado em Goa, e foi nella Meirinho.*

[b] Diogo do Couto *cap.* 5. *do liv.* 3. *e cap.* 2. *do liv.* 5. *da* 4. *Decada.* [c] *No cap.* 4. *do liv.* 2.

da, e de Aleixo de Abreu se perdêram na costa Occidental da Ilha de S. Lourenço, nos baixos da Bahia de Sant-Iago, (na qual estava Nuno da Cunha,) onde sahio em terra toda a gente destas duas náos; e feitas humas tranqueiras, dentro della se recolhêram com as armas que escapáram do naufragio, e outras cousas, que commutando per mantimentos, (de que aquella parte da Ilha não he mui abundante,) com os naturaes da terra, se foram sustentando miseravelmente, esperando que passasse alguma náo, que com sinaes que lhe fizessem os viesse tomar. Estiveram naquella Bahia hum anno, no fim do qual chegou áquella paragem Antonio de Saldanha na sua náo, que era da companhia da Armada do Governador Nuno da Cunha, a qual vista por esta gente perdida, como foi noite, fizeram grandes fogos em cruzes, para per elles mostrarem aos da náo que estavam alli Portuguezes perdidos. Vistos os fogos, mandou Antonio de Saldanha tomar os traquetes, e puzeram-se á trinca, e como amanheceo foram na volta da terra, a que não ousavam chegar, por não ser sabida, esperando que della viesse em alguma almadia quem lhes dissesse que gente era aquella; e assi affastando-se de noite da terra, e voltando a ella de dia, andou alli Antonio de Saldanha oito

to dias, e no cabo delles, dando-lhe hum temporal rijo, desappareceo, continuando sua viagem. Os Portuguezes perdidos, vendo-se sem o remedio que esperavam da náo; se determinàram de passar á outra banda da Ilha, onde poderiam achar alguma embarcação da terra, em que passassem a Çofala, ou a Moçambique, e divididos em duas esquadras, se mettêram pelo sertão, onde desapparecêram, ficando alli doente aquelle homem que achou Nuno da Cunha, de quem soube o successo da perdição daquellas náos.

[a] Per cartas de Nuno da Cunha teve El-Rey D. João noticia da perdição destas duas náos, e mandou buscar a gente dellas no anno de 1530 com dous navios, de que eram Capitães dous irmãos, Duarte da Fonseca, e Diogo da Fonseca. Chegáram ambos á Ilha de S. Lourenço, Duarte da Fonseca entrou em huma grande Bahia, onde se affogou com dez homens que levava no batel do seu navio; e Diogo da Fonseca correndo a costa, surgio em hum porto, onde vio grandes fumos; e mandando o batel a terra a saber a causa delles, achàram quatro Portuguezes que os faziam, tres da náo de Manuel de la Cerda, hum de Aleixo de Abreu, e hum Francez de huma náo Franceza, que alli fora parar, de tres, que os an-

[a] Francisco de Andrade *cap.* 64. *da* 2. *Parte.*

annos atrás paſſáram á India. Eſtes homens recolhidos no navio, diſſeram que havia muitos vivos da ſua companhia, mas que andavam tão eſpalhados pela terra dentro daquella Ilha, que ſería impoſſivel achallos; pelo que Diogo da Fonſeca ſe foi com elles a Moçambique, levando o navio de ſeu irmão; e deixando alli hum delles por fazer muita agua, partio para a India em Abril de 1531. E na paragem de Çocotorá ſe devia de perder com algum temporal, o que ſe depois ſoube por alguma fazenda, e arcas que foram dar á coſta daquella Ilha; e pelos papeis que nellas ſe achâram, ſe entendeo que eram deſte navio de Diogo da Fonſeca, e o ſucceſſo de ſua viagem.

[a] Da gente deſtas meſmas náos de Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu devem de proceder os Portuguezes, que huns Hollandezes achâram neſta Ilha de S. Lourenço, onde ſe perdêram na ponta de Santa Lucia, vindo da Jaüa em huma náo carregada de drogas; os quaes andando cortando madeira para fazer alguma embarcação em que voltaſſem a Bantam, foram viſtos da gente da terra, a qual parecendo-lhe que eram Portuguezes, ſe vieram a elles com

mui-

a Fr. Antonio de Gouvea, *ora Biſpo de Sirene, no ultimo capitulo do 3. liv. da relação das guerras de Perſia, e tranſmigração dos Armenios.*

muito alvoroço, e abraçando-os, e fallando Portuguez, lhe disseram que tambem elles eram netos de Portuguezes, (posto que o não pareciam nas cores, e trajos,) e com muita instancia perguntavam se traziam comsigo Padres. E desenganados que não eram Portuguezes, senão Hollandezes, de que elles não tinham noticia, lhes contáram como em tempos passados huma náo tão grande como aquella sua alli se perdêra, salvandose a gente, e o Capitão della conquistára parte daquella Ilha, de que se fizera senhor, e que os mais se casáram com as mulheres da terra, de que tiveram grande geração, da qual elles descendiam; e que assi como seus pais, e avós desejáram sempre ter Padres que os doutrinassem, assi elles viviam nos mesmos desejos. Feita a embarcação, voltáram estes Hollandezes para Bantam, onde relatáram este successo aos companheiros, e a Fr. Athanasio de Jesus Frade Agostinho Portuguez, que estava cativo entre elles, accrescentando como notáram naquella gente erros intoleraveis na Fé por falta de doutrina, nos quaes se pareciam mais áquelles barbaros com que se creáram, que aos Portuguezes de que procediam. Fr. Athanasio avisou de todas estas cousas a D. Frei Aleixo de Menezes Arcebispo que então era de Goa, e governava a India, e agora he

Ar-

Arcebiſpo de Braga, e Viſo-Rey de Portugal, o qual com a vigilancia, e cuidado que coſtuma ter em ſemelhantes caſos, e grande zelo na conversão das almas, (como o moſtrou na reducção dos antigos Chriſtãos de S. Thomé á Fé Catholica, e obediencia da Santa Igreja Romana, da qual havia mais de mil annos que eſtavam apartados, em que eſte Illuſtriſſimo Arcebiſpo com perigos continuos, e incanſaveis trabalhos imitou os Prelados da primitiva Igreja,) encommendou aos Padres da Companhia de Jeſus, que foram com D. Eſtevão de Taíde á conquiſta de Monomotapa, de Moçambique, ou de outro algum porto vizinho, trabalhaſſem por alcançar mais clara noticia deſta gente para a poder ſoccorrer como a ſua neceſſidade pede.

CAPITULO III.

Como a náo de Nuno da Cunha ſe perdeo com hum vento traveſsão, ſalvando-ſe elle, e ſua gente: e do que lhe aconteceo té chegar á Ilha de Zanzibar.

NUno da Cunha por ſe melhor informar do ſitio, e qualidades da terra, em quanto a gente do mar fazia ſua aguada, deo licença a D. Pedro Lobo, a Luiz Falcão, e a Manuel Lobato, e a algumas ou-

outras peſſoas nobres, que com alguns ſoldados a bom recado foſſem té a povoação dos Negros, mas que não entraſſem nella, ſómente viſſem o que lhes parecia do ſitio, e diſpoſição da terra, e levaſſem moſtras de cravo, canella, e de toda outra eſpeciaria, ouro, e prata para ſaber ſe entre os Negros havia alguma daquellas couſas, e ſe era delles eſtimada. Idos eſtes Fidalgos, porque o tempo que lhes Nuno da Cunha limitou era mui eſtreito para o que haviam de fazer, tornáram logo á tarde mui contentes da diſpoſição, e fertilidade da terra, e aſſi de ſeus moradores, por ſer gente pacifica, ſem cautelas, e ſem aquella malicia propria dos Negros de Guiné, e trouxeram dos mantimentos, que entre elles havia, a troco de algumas couſas que leváram; e quanto ás moſtras de ouro, e prata, e eſpeciaria, não davam razão, como gente que não ſabia mais da terra que té onde chegava o termo da ſua aldea.

Havendo tres dias que Nuno da Cunha alli eſtava provendo-ſe do neceſſario, e eſperando tempo para ſahirem daquella angra, ſobreveio vento do mar, que ficava em traveſſão na coſta; e como o porto era cheio de alfaques, aſſi deſcompaſſados em partes (como diſſemos) começou a náo de Nuno da Cunha ſaluçar de maneira, que trincou logo duas

duas amarras; e vindo logo outras duas, ou tres novas, apena foram lançadas ao mar, quando se fizeram em pedaços; e a causa de durarem tão pouco, não foi tanto por razão dos saluços da náo, como por estarem recozidas da quentura, e humidade dos paioes onde vinham, com a qual falta a náo foi levada a terra do impeto do mar, e a poz em tres braças, onde com tres, ou quatro pancadas abrio de todo, assentando-se no fundo da arêa, quando já o vento não era tão rijo. E posto que a náo foi logo cheia de agua, ficou tão perto da terra, que nadando sahíram muitos homens, e chamáram todos os batéis que eram na aguada, que lhes viessem soccorrer, sem as outras náos, que estavam mais ao mar, o poderem fazer. Porque na primeira estrupada de vento tambem ellas tiveram assás trabalho, principalmente a náo Santa Catharina de Pero Vaz da Cunha, que caçou hum grande pedaço, e Deos milagrosamente a salvou para recolhimento de tanta gente, como hia com Nuno da Cunha, a qual como vio a náo cheia d'agua, sem esperar que viessem os batéis que dissemos, começou de se lançar ao mar, havendo isto por menos perigo, que estar nella. Ao que Nuno da Cunha acudio não o consentindo, e consolando a todos, promettendo-lhes que salvaria primeiro as pessoas delles, que a sua

pro-

propria, como vieſſem os batéis, e aſſi o fez; porque vindo elles ſem preſſa, nem deſordem, mandou paſſar toda a gente a terra, e algum fato que ſobre a cuberta ſe pode ſalvar, deixando-ſe eſtar na náo té o outro dia ás dez horas, que toda a gente deſembarcou, a qual repartio pelas duas náos que com elle eram naquelle trabalho. Á de ſeu irmão Pero Vaz, onde ſe elle recolheo, ſe ajuntáram ſetecentas peſſoas, e á de D. Fernando de Lima quinhentas. Terça feira á noite, que foram 3 de Setembro, mandou Nuno da Cunha pôr fogo á náo, a qual ardeo té a agua defender o que eſtava de baixo della, onde ſe perdeo muita fazenda d'El-Rey, e de partes, e com a artilheria hum baſiliſco de metal, que Nuno da Cunha muito ſentio, e as armas de que os homens tinham neceſſidade, por ſer couſa que tão cedo ſe não podia reformar.

Ao dia ſeguinte partio dalli com determinação de ir a Melinde a ſe prover de algumas couſas, e ver ſe por aquella coſta aportára alguma das náos da ſua Armada, ou ſe achava navio do trato de Çofala para baldear da gente que levava. Mas ainda a fortuna o quiz neſte tão curto caminho tentar, porque João de Lisboa Piloto mór o foi metter entre muitas Ilhas, que eram as que commummente chamam do Commo-

ro,

ro [a], dizendo elle ſerem novamente achadas. As quaes paſſadas com aſſás perigo, por razão das grandes correntes, foi metter a náo em huns baixos pegados na Ilha de Zanzibar, onde correo muito maior riſco, não indo já com Nuno da Cunha a náo de D. Fernando de Lima, por ſe apartar da ſua eſteira nas correntes das Ilhas do Commoro. Nuno da Cunha vendo a náo mettida em hum ſacco, donde não podia ſahir, e que o Piloto não conhecia a terra, nem havia peſſoa na náo, que ſoubeſſe dizer onde eſtava, mandou a ſeu irmão Pero Vaz, que no batel com alguma gente armada ſahiſſe em terra, e com todo o reſguardo viſſe ſe podia achar algum povoado de que pudeſſe ſaber onde eſtavam. Partido Pero Vaz da Cunha, como aquella terra era a Ilha de Zanzibar [b], a eſpaço de cin-

a A principal, e maior Ilha deſtas, que ſe chama do Commoro, jaz entre a Ilha de S. Lourenço, e a terra firme da Ethiopia; tem o meio della onze grãos, e tres quartos de altura Auſtral, e dezeſeis leguas de comprimento, e oito na maior largura. He povoada de Cafres Gentios, e Mouros Baços, que ſam os principaes ſenhores della; e os do Eſtreito de Méca, e da coſta de Melinde commerceam neſta Ilha, na qual ha muita creação de vaccas, carneiros, e cabras. He terra montuoſa, e de ſerras altas, entre as quaes huma o he tanto, que paſſa a altura das nuvens, das quaes a maior parte do anno ſe vê cuberto o ſeu cume, e delle baxam muitos arroios de agua, que regando os valles deſta Ilha, a fazem freſca, e fertil.

b A Ilha de Zanzibar he adjacente á Ethiopia, tem de altura Auſtral ſeis grãos, e fica no meio das Ilhas de Peba, e Monfia, e todas tres mui arrimadas áquella coſ-

cinco leguas foi dar com a povoação, donde por ſer de hum Rey amigo dos Portuguezes trouxe dous Zambucos, e Pilotos da terra, que leváram a náo á Cidade [a]. ElRey recebeo a Nuno da Cunha com grande prazer, mandando-o logo prover de muitos mantimentos, com que deo a vida a todos por trazer já muita gente doente. E vendo Nuno da Cunha que eſtava em parte tão ſegura, e abaſtada, ordenou, por lhe não morrer aquella gente enferma, deixar alli té du- [illegible] zen-

ta, entre Mombaça, e Quiloa. Sam todas tres povoadas de Mouros Baços, e Cafres Gentios. Reſgatam-ſe nellas ambar, tartaruga, marfim, cêra, milho, e arroz, de que ſam mui abundantes. Fazem-ſe nellas muito cairo, e bons pannos de ſeda, e algodão. Cada Ilha deſtas tem Rey, e todos ſam vaſſallos d'ElRey de Portugal. Fr. João dos Santos *no ſeu livro da* Ethiopia Oriental. *A Ilha de Zanzibar deſcubrio Ruy Lourenço Ravaſco Capitão de huma náo de viagem no anno de* 1503, *e fez tributario ao Rey della em cem miticaes de ouro, e trinta carneiros cada anno, como eſcreve* João de Barros *na primeira Decada liv.* 7. *cap.* 4.

a Franciſco de Andrade *no cap.* 47. *da* 2. *Parte, e* Diogo do Couto *no cap.* 1. *do liv.* 6. *da* 4. *Decada, e* Caſtanheda *no cap.* 86. *do liv.* 7. *eſcrevem, que mandou Nuno da Cunha deſcubrir a terra em hum batel a Manuel Machado ſeu Capitão da guarda; e por os Negros lhe defenderem a deſembarcação, mandou a Pero Vaz da Cunha ſeu irmão com cincoenta ſoldados, que viſtos dos Negros, deſpejada a povoação, fugíram para o mato; e para tomarem algum, ficáram em terra eſcondidos dous Fidalgos irmãos, Diogo de Mello, e Triſtão, ou João de Mello, filhos do Abbade de Pombeiro, os quaes tomáram hum Mouro, que por boa ſorte era Piloto daquelles canaes, e delles tirou a náo, e a levou ao porto da Cidade de Zanzibar.*

zentos homens, e por Capitão delles Aleixo de Sousa Chichorro, e por Feitor Manuel Machado criado d'ElRey, que sabia bem o trato, e o modo da terra, e alguma cousa da lingua della, porque havendo estado em Moçambique quatro, ou cinco annos, viera alli negociar algumas vezes. Deixou tambem Nuno da Cunha dinheiro, e fazenda a este Feitor, e ordem a Aleixo de Sousa, que como a gente estivesse em disposição, se fosse com ella a Melinde em Zambucos da terra, porque alli acharia recado seu do mais que havia de fazer.

Partido Nuno da Cunha de Zanzibar, a 8 de Outubro chegou a Melinde, onde achou D. Fernando de Lima com cento e sessenta pessoas doentes, e assi a Diogo Botelho Pereira filho de João Gago com hum navio, e huma caravella, ao qual o anno passado ElRey mandára de Lisboa a correr aquella costa desde o Cabo de Boa Esperança té o das Correntes, e assi a Ilha de S. Lourenço em busca de D. Luiz de Menezes [a], e de

a D. Luiz de Menezes vindo da India embarcado na náo Santa Catharina de Monte Sinai em companhia do Governador D. Duarte de Menezes seu irmão, apartou-se delle na Aguada de Saldanha; e porque nella deo ao Governador huma tormenta com que esteve perdido, e D. Luiz não appareceo mais, teve-se presumpção, que com a mesma tormenta se perderia naquella paragem. Porém elle pairou, e chegou á costa de Portugal, onde foi tomado per hum cossairo Francez, que deo a morte a todos os Portuguezes,

e de João de Mello da Silva, os quaes se perdêram vindo da India, e havia presumpção que podiam andar naquellas paragens entre os Negros; e por os ventos lhe serem contrarios, tinha Diogo Botelho arribado alli da Ilha de S. Lourenço, e estava esperando tempo.

CAPITULO IV.

Do que Nuno da Cunha fez em Melinde.

Depois que Nuno da Cunha foi visitado d'ElRey de Melinde, e provído do necessario, houve conselho com os Pilotos, e gente do mar se passaria á India; e posto que a muitos pareceo que não podia, por ser já passada a monção, todavia determinou de pôr o peito ao mar, e tentar o tempo; e porque não tinha comsigo mais que D. Fernando, quiz levar Diogo Botelho Pereira, por a necessidade que podia ter de seus navios em qualquer porto a que chegasse, pois hia fóra de tempo, fazendo fundamento de tanto que fosse na India, o tornar a enviar ao

e queimou a nào, porque se não viesse a saber. Depois no anno de 1536, andando Diogo da Silveira por Capitão mór da Armada da costa, tomou hum navio de outro cossairo Francez, de cuja companhia descubríram alguns a Diogo da Silveira, que aquelle seu Capitão era irmão do cossairo, que tomára a nào de D. Luiz de Menezes. Francisco de Andrade *no cap. 67. da 1. Parte.*

ão negocio a que hia, pois naquelle tempo em nenhuma cousa podia mais servir a El-Rey, que em ir com elle. E antes que Nuno da Cunha partisse daquelle porto de Melinde, que foi a 14 de Outubro, mandou a Ormuz Duarte da Fonseca em hum navio de Diogo Botelho, avisando de sua vinda a Christovão de Mendoça Capitão daquella fortaleza, e que poderia ser invernar em Melinde, onde deixou té cento e cincoenta doentes, e por seu Capitão Jordão de Freitas, hum homem Fidalgo da Ilha da Madeira, filho de João de Freitas, e com elle hum Feitor para provimento, e despeza do que haviam de fazer. Mas aquella partida que Nuno da Cunha dalli fez, não foi mais que forçar o tempo, e aventurar-se a muito perigo para passar á India. E quando vio que não podia surdir mais avante que hum gráo e meio da linha Equinoccial da parte do Norte, a 6 de Novembro arribou a Melinde, com determinação de invernar naquella costa, onde o melhor pudesse fazer. E do caminho mandou Diogo Botelho que fosse ao lugar do Jubo, que córta a linha Equinoccial, dezeseis leguas quasi aquém da Cidade de Brava, onde, segundo lhe disseram, estava hum bargantim, em que andavam Portuguezes alevantados, que da India, no tempo das differenças de Lopo Vaz de Sam-

Sampaio, e Pero Mafcarenhas partíram para andarem ás prezas per aquella cofta de Melinde. Aos quaes mandou feguro para que fe vieffem a elle para fervir a ElRey, e não querendo, que por força os obrigaffe a vir. Diogo Botelho os não achou, e tornou a Melinde com hum navio que dalli partíra havia quinze dias, de que era Capitão Bartholomeu Freire, que Antonio da Silveira Capitão de Moçambique mandava em bufca do Capitão Leonel de Taíde, que tambem indo para a India arribou por caufa do tempo; e efte deo por nova que pelejára com huma náo Franceza em fahindo de Quiloa, de que era Meftre hum Portuguez de alcunha Brigas, o qual hia com penfamento de paffar á India, que de feito foi, como adiante diremos.

Nuno da Cunha vendo que Melinde não era lugar para paffar nelle o inverno, nem o poder manter, por fer lugar falto de mantimentos, teve confelho fobre o que fariam; e affentou-fe, que déffe na Cidade de Mombaça, e a deftruiffe. E o que obrigou a Nuno da Cunha accommetter efte feito, foram algumas palavras que foltou publicamente contra o Rey de Mombaça, dizendo, que folgára de ir de vagar, e não tão de preffa, por paffar á India aquelle anno para o caftigar; porque quando paffou por Zanzibar, o Rey daquella Ilha lhe fez queixume da má

vizinhança que recebia d'ElRey de Mombaça, fazendo-lhe muitos damnos, sómente por elle ser servidor d'ElRey de Portugal. E por contentar a ElRey de Zanzibar, e não mostrar fraqueza ao de Melinde, se determinou nesta empreza [a]. E posto que ElRey de Melinde offereceo a Nuno da Cunha oitocentos homens, elle os não quiz acceitar, porque na detença de os ajuntar perdia tempo, e dava espaço a ElRey de Mombaça que se apercebesse melhor; acceitou porém cento e cincoenta homens, que tinham juntos dous Mouros principaes da terra, a hum chamavam Sacoeja, e ao outro Cide Bubac, para os levar por guias naquella viagem, e tambem porque de hum delles tinha necessidade. Porque quando assentou de tomar aquella Cidade de Mombaça, logo com os Fidalgos, e Capitães com que teve conselho se determinou, que dando-lhe Deos vitoria, e tomando a Cidade, a désse a hum Mouro por nome Munho Mahamed, filho de Sacoeja Rey de Melinde, que reinava no tempo

a Diogo do Couto *cap.* 1. *do liv.* 6. *e* Castanheda *no cap.* 86. *do liv.* 7. *dizem, que o que obrigou a Nuno da Cunha ir sobre Mombaça, foi haver mandado recado a ElRey della, pedindo-lhe licença para ir invernar no seu porto; e ElRey parecendo-lhe que era invenção do Governadór para lhe tomar a Cidade, mandou-se-lhe escusar, de que se resentio Nuno da Cunha, e determinou de o castigar, como fez.*

po que D. Vaſco da Gama Conde Almirante per alli paſſou, em remuneração do gazalhado que nelle achou, e aſſi per outras couſas em que elle moſtrava a lealdade que tinha com os Portuguezes. E como as boas novas todos folgam de as dar, foi revelado a Munho Mahamed eſta determinação; pelo que ſe foi logo a Nuno da Cunha a lhe dar as graças do que ordenava delle por os ſerviços de ſeu pai, dizendo mais, que elle tendo mais reſpeito ao ſerviço d'ElRey de Portugal, que á mercê, e honra que lhe queria dar, lhe manifeſtava que elle era pouco aparentado, porque ElRey ſeu pai o houvera em huma de ſuas eſcravas, de geração Cafre, e que ſeu irmão Cide Bubac, e ſobrinho d'ElRey que então reinava, ainda que era mais moço, era do ſangue dos Reys de Quiloa, que a elle devia dar o Reyno de Mombaça, porque per ſua peſſoa, e poſſe poderia ſer mais obedecido; e que ſe a elle quizeſſe fazer alguma mercê, foſſe em lhe dar o officio de Governador do Reyno, no qual cargo elle confiava que havia de merecer a ElRey de Portugal a mercê que lhe fizeſſe. Nuno da Cunha eſpantado da pouca cubiça, e menos ambição deſte Fidalgo Mouro, ſendo dos affectos que traſtornam os mais dos homens, e ſua muita prudencia, porque lhe pareceo digno de outro Reyno,

S ii o lou-

o louvou muito, e deixou a determinação daquelle negocio para quando fosse senhor da Cidade. Este Mahamed foi com elle com sessenta homens em hum zambuco, e assi Cide Bubac em outro zambuco com outros tantos homens. Dos nossos era a gente da náo de Pero Vaz da Cunha, e a de D. Fernando de Lima, e a dos dous navios de Diogo Botelho Pereira, e a do navio de Lionel de Taíde, e a do bargantim de Bartholomeu Freire, e a que levava Jordão de Freitas em hum zambuco da terra com parte da gente enferma que lhe ficára, por estar já convalescida, que por todos faziam oitocentos homens, com que partio Nuno da Cunha de Melinde a 14 de Novembro.

CAPITULO V.

Como Nuno da Cunha foi sobre a Cidade de Mombaça, e a tomou.

NUno da Cunha chegado de fronte de Mombaça em huma Ilheta que tem de fóra a barra, huma sesta feira ao meio dia 17 de Novembro, veio ter com elle hum Mouro honrado em hum zambuco bem acompanhado de gente, o qual era senhor de hum lugar chamado Tondo, vizinho de Mombaça, e vinha-se offerecer a Nuno da Cunha para o acompanhar naquella em-

pre-

preza. E porque elle ſe eſcuſou de o levar, dizendo que baſtava a gente Portugueza que tinha, e que ſe levava de Melinde a que elle via, era por ſerem offendidos d'ElRey de Mombaça, por cauſa de ſerem ſervidores d'ElRey de Portugal. Ao que reſpondeo eſte ſenhor do Tondo, que tambem por eſſas meſmas razões elle podia ir no conto dos outros; porque vaſſallo d'ElRey de Portugal elle o era no animo, mas que fora de tão humilde fortuna, que nunca os Portuguezes de ſua terra ſe quizeram ſervir: e ſe por razão de offenſas recebidas d'ElRey de Mombaça, por deſejar ſervir ElRey de Portugal, admittia outros, ninguem as tinha recebido por eſſa cauſa mais que elle: e que não podia ſer maior offenſa, que ir ElRey de Mombaça ſobre elle; e depois que vio que per armas o não podia vencer, aſſentára paz com elle, e eſtando ſeguro por as condições, e juramento da paz, á traição o prendêra, indo elle a ſua caſa viſitallo, onde o teve muito tempo em prizão, té que os povos Sopangas por razão de parenteſco, e amizade que com elle tinham, fizeram por ſeu reſpeito guerra a ElRey de Mombaça: e por condição de pazes, que com elle aſſentáram, fora elle ſolto da prizão, e ſe tornára para ſeu Senhorio: e por memoria da injúria que d'ElRey de Mombaça recebêra em

em o ter prezo em ferros, elle trazia aquella cadeia de prata, que lhe elle Nuno da Cunha via nos pés, a qual não havia de tirar té que prendesse a ElRey de Mombaça em outra tal prizão como elle o tivera, e que por estas razões de servidor d'ElRey de Portugal, e como tal offendido d'ElRey de Mombaça, o podia levar comsigo. Nuno da Cunha lho concedeo, vendo a dor, e mágoa com que lhe contava esta sua offensa.

A Cidade de Mombaça, como dissemos na primeira Decada [a], quando o Viso-Rey D. Francisco de Almeida a destruio, tinha hum baluarte em huma das bocas do esteiro, o qual agora neste tempo estava muito mais forte, e melhor provído de artilheria, por ElRey ter recolhido toda a que se pode haver de náos nossas que se perdêram naquella paragem, de que eram Capitães D. Fernando de Monroy, e Francisco de Sousa Mancias, e assi de muitas munições, porque ElRey de Mombaça era já avisado per Mouros de Melinde como Nuno da Cunha hia sobre elle. A qual nova não sómente o fez prover de toda defensão nesta entrada, onde elle tinha toda sua força, mas ainda da terra firme tinha mettido na Cidade cinco, ou seis mil frécheiros dos Negros,

a *No cap. 7. do liv. 8.*

gros, a que elles chamam Cafres gente ſolta, e leve na maneira de ſeu pelejar, e ouſada em commetter.

Depois que Nuno da Cunha ſurgio na barra deſte rio, poſto que trazia comſigo Mouros de Melinde, que ſabiam mui bem a entrada, por não confiar delles tamanho negocio, mandou primeiro a Pero Vaz da Cunha ſeu irmão em hum batel grande, e Diogo Botelho Pereira no ſeu com os Pilotos da Armada, e alguns dos Mouros, que entraſſem pelo rio, e foſſem ſondando té o ſurgidouro ante a Cidade, onde eſperava entrar com as náos por ſerem grandes, dando-lhe aviſo que era o fundo para iſſo, e para não haver muita detença na tornada, logo de dentro lhe fizeſſem ſinal para deſirir as vélas, e entrar. O que elles fizeram com aſſás perigo de ſuas peſſoas, porque á entrada, e á ſahida foram bem ſervidos de artilheria, que eſtava ſobre o rio no baluarte que diſſemos; mas aprouve a Deos que não recebêram damno algum. Feito o ſinal que Nuno da Cunha eſperava, poz-ſe em caminho, dando ás trombetas, e a todo outro genero de inſtrumentos, e de envolta com grandes gritas, como que davam *Sant-Iago*, commettendo os inimigos. Os navios hiam neſta ordem, Jordão de Freitas hia diante em hum zambuco, que lo-

go

go recebeo do baluarte duas bombardadas, das quaes huma levou a perna a hum Antonio Dias natural do Crato, de que logo morreo. Atrás Jordão de Freitas ſeguia Lionel de Taíde em ſeu navio; e poſto que as obras mortas lhe foram desfeitas com pelouros, não perigou alguem. A Diogo Botelho Pereira, que hia apôs elle, matáram-lhe o ſeu diſpenſeiro, e quebráram-lhe huma peça da ſua artilheria. E no zambuco em que hiam os Mouros, quebráram a mão direita a Cide Bubac, ſobrinho d'ElRey de Melinde. E as náos em que hiam Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima, como faziam maior pontaria, e dellas ao baluarte não havia mais diſtancia que hum tiro de pedra, foram bem varejadas da artilheria; e ſe não acontecêra quebrar hum tiro da náo de Nuno da Cunha huma peça groſſa do baluarte, que embaraçou os Mouros, com que ſe detiveram hum pouco, em quanto as náos paſſáram, ſempre houveram de receber maior damno, porque elles eram preſtes, e certos no tirar per induſtria de dous renegados que com elles eſtavam. Finalmente não ficou alguma das noſſas vélas ſem nella haver lenha, e ſangue, que fez eſte baluarte. E porém a ſeu pezar Nuno da Cunha foi tomar o pouſo de fronte da Cidade já quaſi Sol poſto em oito braças de fun-

do.

do. E por o eſpaço do dia ſer pequeno, não houve mais tempo, que em quanto tinha luz, metter-ſe elle logo em hum eſquife com algumas peſſoas que para iſſo chamou, e andou rodeando a Cidade para ver per que parte a podia commetter. Chegado a huma ponta, onde os Mouros tinham huns zambucos varados, que era per onde o Viſo-Rey D. Franciſco entrou, quando deſtruio aquella Cidade, achou alli por reſguardo de huma porta do muro que era baixo, feitos huns andaimos de madeira, com algumas defensões para que os noſſos não fizeſſem per alli entrada. E perque Nuno da Cunha não ficou ſatisfeito de todo do que víra por ſer já boca de noite, como ſahio o Luar, mandou D. Fernando de Lima no ſeu eſquife, que lhe foſſe ao redor da Cidade ver o ſitio della, e viſſe ſe os Mouros faziam alguma obra nos lugares que elle notou, na qual ida lhe feríram o ſeu Meſtre em huma mão com huma frécha hervada, e a outro homem com outra, e ſegundo a força da herva de que uſam, foi ventura eſcaparem. E porque os Mouros, além de terem vigia no que os noſſos faziam, ſentíram a ida do batel, toda a noite lançavam ſettas perdidas ſobre as náos, que parecia que choviam; tantas, e tão continuas eram. E o que fazia pontaria aos Mouros,

ros, era, que das mesmas náos para terror tiravam á Cidade aos lugares onde viam luzir candeas, e com o fuzilar dos nossos tiros fréchavam os Mouros melhor, e mais direito. Tornando D. Fernando, teve logo Nuno da Cunha conselho, e assentou-se nelle o modo que se havia de ter para ante manhã sahirem em terra, e aquelle espaço da noite que ficava, huns o despendêram em concertar suas armas, outros em fazer confissões, e testamentos, e outros em foliar, e cantar, mostrando o alvoroço que tinham para vir o dia.

Em rompendo a manhã estava já Nuno da Cunha posto em terra afastado hum pouco do rosto da Cidade, havendo ser aquelle lugar a melhor parte, perque a podia combater [a]. Sería a gente com que elle commetteo esta empreza quatrocentos e cincoenta homens, em que haveria sessenta espingardeiros; e desta gente, tanto que se vio em terra, apartou cento e cincoenta homens Fidalgos, e Nobres, e trinta espingardeiros, com os quaes mandou a seu irmão Pero Vaz da Cunha diante caminho do muro da

[a] *Escreve* Francisco de Andrade, *que Nuno da Cunha desembarcou junto de huma mesquita, pouco abaixo da Cidade, onde havia bom desambarcadouro, o qual lhe mostrou hum Mouro Piloto, que viera com Jordão de Freitas.* E Diogo do Couto *diz, que este Mouro veio da Cidade fugido a nado: e o mesmo diz* Castanheda.

da Cidade, que diſtaria daquelle lugar mil paſſos, e Nuno da Cunha nas ſuas coſtas com o reſto da gente o começou a ſeguir. Pero Vaz, como quem deſejava ganhar a honra da dianteira que lhe fora dada, poſto que topou alguns Mouros fóra das portas da Cidade, que per entre huns vallos, e ſepulturas dos ſeus, de que alli havia muitas, lhe fréchaſſem a gente, não curou de ſe embaraçar com elles, ſenão ir avante té topar com o muro, e alli deo *Sant-Iago*, onde já os Mouros eram muitos, e tinham feridos dos noſſos alguns com fréchas d'erva. Os Mouros quando ſentíram a dos noſſos que lavrava mais de improviſo, que eram as eſpingardadas, e lançadas com que logo ficavam eſtirados, encommendavam a vida aos pés, e afaſtavam-ſe do perigo o mais que podiam; e o que os fez retirar mais ſem tento foi, que como eſperavam por Nuno da Cunha, por ſerem aviſados de Mèlinde que hia ſobre elles, tinham poſto ſuas mulheres, e filhos, e a melhor fazenda em ſalvo entre o arvoredo da Ilha, e ſómente ficou alguma gente frécheira, com que trabalháram o que puderam por entreter os noſſos. Mas quando os víram ſubir per cima dos muros como aves, largáram a Cidade de maneira, que Pero Vaz por ſinal que já era dentro, mandou em huma caſa alta ar-

vo-

vorar huma bandeira, para que a visse seu irmão, e assi a gente que ficava nas náos, os quaes tanto que houveram vista della, logo respondêram a este sinal de vitoria com grandes gritas, e tiros de artilheria para maior terror dos Mouros: e assi alvoroçou os nossos que estavam em terra, que vendo Nuno da Cunha que os não podia ter, em chegando onde Pero Vaz o esperou, deo lugar a D. Fernando que com a gente da sua náo tomasse outra rua, e Pero Vaz seguisse a que levava, e elle caminhou direito aos paços d'ElRey, que estavam no alto, onde todos se haviam de ajuntar, mandando tambem abrir as portas da ribeira á gente do mar, que entrasse na ordenança que elle tinha assentado.

E posto que a Nosso Senhor aprouve que esta Cidade se entrou tão levemente, e a quiz dar aos nossos sem sangue aquelle primeiro dia, não sómente da herva, mas de alguns votos que os Mouros tinham feitos, que não se haviam de sahir da Cidade, correo alguma gente nossa grande perigo, entre os quaes foi D. Fernando de Lima com hum Mouro homem mancebo, filho de Munho Mototo parente d'ElRey, e seu Regedor. Este mancebo era bem disposto, e andava de amores com huma sobrinha d'ElRey; e o dia de antes que os nossos chegas-

gas-

gaſſem, quando a Cidade ſe deſpejava, ſahindo-ſe eſta donzella com outras mulheres, acertou eſtar o ſeu ſervidor em companhia de outros homens mancebos, e nobres; e perpaſſando per elles, diſſe ella: *Que fraqueza he eſta, cavalleiros de Mombaça, que conſentis que nós-outras mulheres ſejamos aſſi lançadas de noſſas caſas, e repouſo, e nos vamos metter em poder dos Negros Cafres?* Eſtas palavras aſſi envergonháram o ſeu ſervidor, que chegando-ſe a ella, em voz alta diſſe: *Pois que aſſi me affrontas em minha face, eu juro por o amor que te tenho, que antes de dous dias me chorem muitos que me querem bem; e tu ſe mo quizeres, não me terás para me dar o galardão delle.* Eſte ajuramentado, com outros mancebos, fizeram voto de morrerem per gloria de algum honrado feito, e cada hum ſe ajuntou com parceiros de que ſe ajudaſſe; e o ardil que aquelle mancebo teve, foi metter-ſe em huma caſa, e acertou de ſer per onde hia D. Fernando de Lima; e quando nas armas, e companhia que levava conheceo ſer peſſoa notavel, em Dom Fernando paſſando pela porta, ſahio de dentro como hum leão, que eſtá eſperando a prea para fazer aſſalto, e remetteo em dous pulos, e o levou nos braços, e o derribou no chão. D. Fernando, poſto que era ho-

homem de boa eſtatura, e forçoſo, e mancebo, foi eſte ſobreſalto de maneira, que no inſtante delle não pode mais fazer, que abraçar-ſe bem com o Mouro por lhe atar as mãos, no qual tempo por parte de cada hum acudíram muitos valedores, e ninguem naquelle conflicto o fez melhor, que hum criado do meſmo D. Fernando, com cuja ajuda o Mouro foi morto, e aſſi o foram outros em outras partes, que com o meſmo propoſito commettêram ſemelhantes caſos para morrer.

Finalmente a Cidade foi de todo deſpejada dos vivos, porque os mortos ficáram pelas ruas; e quiz Deos que dos Portuguezes, poſto que foram mais de vinte e cinco feridos, não houve algum morto, nem que correſſe perigo de morte, ſenão Luiz Falcão filho de João Falcão, e Antonio da Fonſeca filho de João da Fonſeca Eſcrivão da Fazenda d'ElRey por cauſa da herva. E quem víra a grandeza deſta Cidade, a multidão do povo della, o agro ſitio em que eſtá ſituada, a eſtreiteza das ruas, que as mulheres ás pedradas a podiam defender das janellas, e dos terrados, e matar os noſſos, parecer-lhe-ha que milagroſamente Deos a quiz dar nas noſſas mãos, e cegar aquelles Mouros para a deſpejarem tão levemente.

CAPITULO VI.

Do que Nuno da Cunha fez depois de tomar a Cidade de Mombaça com alguns Mouros que tornáram a ella: e das novas que lhe vieram de Simão da Cunha, e de outros Capitães da ſua Armada.

TAnto que Nuno da Cunha ſe vio em poſſe de Mombaça, mandou arvorar a bandeira da Cruz de Chriſto na mais alta torre das caſas d'ElRey, que eram grandes, e fortes a modo de caſtello, e dahi deo licença aos Capitães que foſſem dar huma cevadura á gente d'armas no esbulho da Cidade, o qual de couſas ricas foi pequeno, por os Mouros terem o principal poſto em ſalvo, ſómente de mantimentos eſtava abaſtada, que foi a vida a muitos por a neceſſidade em que eſtavam delles, com a perdição da náo de Nuno da Cunha; e ſatisfeita a gente aquelle dia, como a Cidade era grande, e derramada, ficou Nuno da Cunha recolhido naquellas caſas d'ElRey, pondo os Capitães em ſuas eſtancias em cada huma das bocas das ruas, que alli vinham dar, e aſſi nos lugares de ſuſpeita per onde os Mouros podiam commetter.

Quando veio ao outro dia, que era Domingo, mandou a D. Fernando de Li-

ma [a] com té duzentos homens que fosse ao baluarte da entrada do rio a lhe trazer as peças de artilheria com que os Mouros lhe tiráram, as quaes elles já tinham enterradas, de que algumas não apparecêram; e entre ellas, e outras peças que se acháram na Cidade assentadas em partes per onde aos Mouros parecia que os nossos haviam de entrar, que era per onde entrou o Viso-Rey Dom Francisco d'Almeida, seriam por todas vinte, de que a maior parte eram de metal, em que havia algumas grossas, e com as armas Reaes de Portugal, por serem das náos perdidas que atrás dissemos. A tornada desta ida que D. Fernando fez, vindo per fóra da Cidade entre huns hervaçaes, e lugares encubertos de moutas, em que bem poderiam estar mil homens, lhe sahio hum grande golpe de Mouros ás fréchadas; e como o lugar era para elles defensavel, por serem mui leves no saltar, e os nossos vinham muito armados, e despeados do caminho, por a grande calma que fazia, fréchavam-os a seu prazer, em que D. Fernando houve tres fréchadas, e seu irmão D.

a Francisco de Andrade, *e* Diogo do Couto; *e* Castanheda *dizem, que era* D. Rodrigo *de* Lima, *irmão de* D. Fernando, *e que nesta entrada do baluarte foi ferido de huma fréchada, de que morreo.* E João de Barros *diz no fim do cap. 7. que foi ferido na peleja da náo de Mica, de que morreo em Calayate.*

D. Rodrigo de Lima outra, e aſſi outros, que foram mais de vinte, de que logo alli ficou morto hum João Ribeiro, criado do Cardeal Infante D. Affonſo, e depois falecêram alguns de peçonha da herva que os Mouros uſam. Ao repique deſta revolta Nuno da Cunha mandou ſeu irmão Pero Vaz; e poſto que ao tempo que elle chegou, Dom Fernando era já dentro dos muros da Cidade, andavam os Mouros tão ouſados por aquelle damno que tinham feito, que em vendo a Pero Vaz, o foram demandar ſem temor, e lhe feríram logo muitos homens; mas como os noſſos eſpingardeiros acudíram, reſpondendo ás ſuas fréchadas, começáram derribar alguns, com que os outros ſe puzeram em ſalvo.

Ao outro dia ſeguinte, pela ouſadia do paſſado, chegáram-ſe tanto ás caſas onde Nuno da Cunha eſtava apoſentado, que começáram de as fréchar, como quem provocava aos noſſos que ſahiſſem a campo; mas cuſtou-lhe eſte atrevimento ſangue, e vidas, e aos noſſos que os fizeram retirar dous mortos, e ficar Pero Vaz da Cunha com huma perna atraveſſada de parte a parte, e ferido D. Simão filho de D. Diogo de Lima, e outros homens de ſorte. Por eſta cauſa mandou Nuno da Cunha a Lionel de Taíde com gente queimar algumas caſas pela Ilha

por a deſpejar dos Mouros, que cada dia vinham dar rebates, nos quaes os noſſos padeciam muito damno por o grande hervaçal, e arvoredo, que aſſi de fóra, como de dentro da Cidade havia, que peava muito os Portuguezes, e encubria os Mouros para mais a ſeu ſalvo os ferirem. Polo que Nuno da Cunha mandou decepar algum arvoredo, que fazia eſtas encubertas, e não conſentio que a gente foſſe fóra da Cidade. Os Mouros como ſentíram eſte receio dos noſſos, com mais algum atrevimento, por a Cidade ſer grande, em magotes ſaltavam dentro, e hiam a algumas caſas a furtar mantimento; e o que ſabiam ficar eſcondido nellas, e em tres, ou quatro dias que iſto continuáram, ſempre hiam diminuidos, ficando alguns mortos pelas ruas do ferro dos noſſos.

Neſte tempo veio Aleixo de Souſa [a], que Nuno da Cunha deixára com a gente doente em Zanzibar, ao qual mandára chamar, para que com a gente sã ſe achaſſe na tomada daquella Cidade, o que elle não pode fazer antes por tempos contrarios que teve; com tudo ainda veio em conjunção que ganhou muita honra. Porque ſahindo Nuno da Cunha a cortar huns laranjaes, onde

[a] Diogo do Couto *eſcreve, que quando Simão da Cunha chegou a Mombaça, vinha com elle Aleixo de Souſa.*

de ſe vinham metter os Mouros, e eſtando já com os machados aos pés delles, deram-lhe rebate, que pela outra parte da Cidade entravam muitos Mouros a roubar, contra os quaes elle mandou Aleixo de Souſa com alguma gente da ſua, e D. Rodrigo de Lima, que hia ainda ferido da fréchada do dia atrás, e Diogo Botelho, os quaes matáram alguns Mouros, e feríram muitos, que lá foram morrer entre os ſeus, ſegundo ſe depois ſoube, por cuja cauſa houve grande pranto entre todos, principalmente por hum delles, que era dos principaes, o qual de propoſito ſe veio offerecer á morte por fazer alguma boa ſorte, havendo que ſe neſte commettimento morreſſe, que ſalvava ſua alma; e a ſorte que fez foi chegar-ſe tanto a Aleixo de Souſa, que lhe deo huma cutilada per hum braço, e outra acima da ſobrancelha, por o qual atrevimento elle ficou morto ás eſtocadas aos pés de Aleixo de Souſa por ſua mão com ajuda de Luiz Doria, que acudio a eſta revolta. A morte deſte Mouro cauſou tanta triſteza, e terror entre os ſeus, que afloxáram aos noſſos, ſem mais vir á Cidade, e principalmente por lhes Nuno da Cunha mandar queimar quantos barcos havia ao redor da Ilha, por os quaes elles da terra firme ſe paſſavam á Ilha; e aſſi mandou vedar hum

paſſo, perque de maré vazia paſſava muita gente.

Eſtando as couſas neſte eſtado, ſoube Nuno da Cunha per hum zambuco que veio de Moçambique com cartas de Simão da Cunha ſeu irmão, como fora alli ter a 9 de Setembro, e como depois vieram ter ao meſmo porto Franciſco de Mendoça, e D. Franciſco Deça Capitães de duas náos, e que o navio, de que era Capitão Affonſo Vaz Azambujo, ſe perdêra em huma Ilha, a que os mareantes chamam de João da Nova, que diſta de Moçambique quarenta e ſeis leguas, na qual toda a gente ſe ſalvou, e tirados alguns mantimentos do navio, ſe ſuſtentáram com elles, e com grajaos, rolas, e codornizes, de que a Ilha he muito cheia, e tão manſas que as tomam á mão. Deſta gente logo foi huma batelada para Moçambique, em que hia o Piloto, e Meſtre do navio; e Simão da Cunha, tanto que eſtes chegáram, mandou a Nicolao Juſarte, hum Fidalgo mui prático na arte de navegar, que trouxeſſe a outra gente que lá eſtava havia cincoenta e dous dias, mantendo-ſe da maneira ſobredita. E aſſi ſoube mais Nuno da Cunha que o galeão de Bernardim da Silveira per indicios entendiam ſer perdido no parcel de Çofala, como de feito ſe perdeo, mas não ſe ſoube

be

be onde. Nuno da Cunha ficou algum tanto consolado com estas novas, presumindo que as náos de Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, por elles terem mais experiencia da navegação, e levarem bons Pilotos, e Officiaes, iriam per fóra da Ilha de S. Lourenço á India, dos quaes depois teve nova ser assi.

CAPITULO VII.

Como Nuno da Cunha mandou convidar certos senhores Mouros, que mandassem gente para povoar Mombaça: e como o Rey della se fez vassallo d'ElRey de Portugal com lhe pagar pareas.

VEndo Nuno da Cunha como Mombaça era huma Cidade mui grande, e a pouca gente que tinha, e os rebates que os Mouros lhe davam cada dia, e como os naturaes da terra nos pés eram mais leves em commetter, e fugir, e usavam da herva em suas fréchas, com que faziam tanto damno, determinou de mandar vir gente da terra leve, e solta, e costumada áquelle seu modo de pelejar, para com os nossos fazerem mais effeito, lançando os Mouros de toda a Ilha. Sobre isso escreveo a ElRey de Melinde, o qual logo mandou hum seu sobrinho irmão do Principe herdeiro, com

muitos Mouros honrados, e té quinhentos homens, que foi para elles huma nova de muito contentamento. Porque aſſi por razão de competencia que tinham, como por ſaberem que a Cidade ficava ainda com muita fazenda, vinham mui alvoroçados para ſe vingarem, e fazerem proveito. Nuno da Cunha os recebeo com muita feſta, e grande eſtrondo de trombetas, e atabales para entriſtecer aos moradores de Mombaça. E como a Cidade eſtava deſpejada, foram-ſe eſtes novos hoſpedes apoſentar á ſua vontade, e mui contentes por acharem esbulho, que para elles era boa fazenda, da qual mandáram logo carregados os navios em que vieram. Da meſma maneira, e com a meſma boa vontade veio per recado de Nuno da Cunha ElRey de Montangane, que he huma pequena terra vizinha a Mombaça, e mui vexada da vizinhança della por a amizade que comnoſco tinha, com té duzentos homens, por elle ſer mui fraco, e desbaratado por ElRey de Mombaça. E por a meſma cauſa ElRey da Ilha de Pemba, que he fronteira a Mombaça, por ſer mui abaſtada de carnes, e refreſco da terra, mandou grandes preſentes a Nuno da Cunha; e outro tanto fez ElRey de Zanzibar, e todo o contorno de Mombaça, por todos eſtarem offendidos d'ElRey, como

de

de hum tyranno poderoſo , que os queria ſobjugar , e todos por eſta cauſa ſe moſtravam contentes da ſua deſtruição , e noſſos amigos.

Com eſtes vizinhos coſtumados a pelejar , e aos ares da terra , em companhia dos Portuguezes , que lhes davam animo ; os Mouros de Mombaça deſpejáram a Ilha , paſſando-ſe á terra firme , defronte de hum paſſo , que de maré vazia o podiam paſſar a váo , e não mais longe delle , que diſtancia de hum tiro de bombarda , pelo qual como era de noite , faziam entradas alguns delles a vir buſcar a ſuas caſas do que lhes ficára nellas , e mantimentos , porque morriam de fome. A eſte lugar , que tinha fórma de arraial , mandou Nuno da Cunha Lionel de Taíde , e D. Fernando de Lima ; e como os Mouros tinham boa vigia , foram ſentidos , e fizeram menos do que eſperavam ; todavia de caminho queimáram na Ilha algumas caſas á maneira de quintãas que eſtavam ermas. Neſtas entradas , que os Mouros faziam mais com fome , que com vontade de pelejar , vieram a deſavergonhar-ſe tanto por entrarem na Cidade , que ſahio a iſſo Pero Vaz da Cunha ; e poſto que no campo ficáram eſtirados vinte e cinco Mouros , foi Pero Vaz ferido de huma frécha , que lhe atraveſſou huma perna

na abaixo do giolho, e quiz Deos que não perigou, sómente morreo da herva hum Figueiredo criado de D. Luiz da Silveira Conde da Sortelha. Nuno da Cunha, além da ordem de pelejar, e saquear a Cidade, que deo aos Mouros que vieram de Melinde, e aos outros que dissemos, tambem lhes mandou que derribassem as casas, e destruissem tudo, porque sua tenção era não deixar cousa em pé, pois tanto damno recebia daquella terra.

Quando ElRey de Mombaça entendeo que Nuno da Cunha determinava invernar nella, e que os Mouros seus vizinhos derribavam as casas, e cortavam seus palmares, que era parte de sua vida, por ser seu mantimento, mandou dizer a Nuno da Cunha que lhe pedia, que folgasse antes de o haver por vassallo d'ElRey de Portugal, que destruir-lhe aquella casa de sua vivenda, e berço de seus filhos, e lhe désse licença, e seguro para huma pessoa de qualidade, que elle mandaria a fallar-lhe em pazes. E passados alguns recados, primeiro veio a Nuno da Cunha hum Mouro honrado por nome Munho Mototo, que era parente d'ElRey, e assentou com Nuno da Cunha, que ElRey se fazia vassallo d'ElRey de Portugal, com tributo de mil e quinhentos miticaes de ouro cada anno, (vale cada mitical

de ouro trezentos e sessenta reaes,) e logo pagaria tres annos; e por resgate da Cidade, por a não queimarem, e destruirem, daria doze mil miticaes, e ficaria obrigado servir a ElRey de Portugal, e de não recolher Turco, nem inimigo de Portuguezes em suas terras; tornando o Mouro com este conserto, em final que ElRey era contente, veio com mil e quinhentos miticaes em prata, e ouro, dizendo, que o mais veria logo, por quanto se juntava por todos os moradores da Cidade, pois todos participavam desta mercê, e beneficio.

Neste tempo veio alli ter hum André Coelho, que andava levantado em hum bargantij [a], com dezesete Portuguezes, que Nuno da Cunha recolheo, com lhe dar perdão da culpa do levantamento, visto como se elle viera offerecer ao serviço d'ElRey. E despachou a Diogo Botelho Pereira para Portugal com recado a ElRey do que passára em sua viagem, e o estado em que ficava, e como determinava ir invernar a Ormuz, o qual Diogo Botelho partio a 27 de Dezembro de 1529, e chegou a Lisboa em

a *De outro levantado faz menção* Francisco de Andrade *no cap. 48. da 2. Parte, o qual se chamava Pero Peixoto, que indo Nuno da Cunha de Melinde para Mombaça, o achou com quatorze Portuguezes em huma fusta recolhido em huma enseada daquella costa, e perdoados, os levou comsigo.*

em Junho de 1529, de quem ElRey ſoube as novas da India, e da jornada de Nuno da Cunha.

CAPITULO VIII.

Do que fizeram os Mouros de Mombaça nos dias que ſe tratava a paz: e como Nuno da Cunha, ainda que dos Portuguezes morriam muitos, ſe não quiz ir da Cidade, e a deſtruio, e queimou.

NAquelles primeiros dias, em que ſe tratava da paz, confiados os Mouros na prática della, vinham á Cidade com algumas couſas da terra firme a vender aos noſſos, e converſavam os Mouros, que de fóra alli eram vindos; mas depois que Nuno da Cunha apertou com elles, que cumpriſſem o que tinham promettido, apartáram-ſe da communicação dos Portuguezes; e paſſados alguns recados entre Nuno da Cunha, e ElRey ſobre eſte caſo, tornou a mandar-lhe huma correição per toda a Ilha, derribando-lhe caſas, e queimando palmares; e porque elles acudíram logo a eſte damno, em recompenſa delle houve Nuno da Cunha por bem de lhe abater o preço dos doze mil miticaes em ſete, de que logo ElRey mandou quinhentos; e para pa-

garem efte dinheiro, mandou alguns homens principaes á Cidade, que viffem as cafas nobres que eftavam em pé, para per feus donos fazerem o lançamento do que haviam de pagar; e acháram que eftavam ainda por derribar mais de novecentas cafas principaes, lamentando com muitas lagrimas a ruina das outras. Mas com a communicação que tiveram com os Mouros, per os quaes fouberam que a maior parte dos Portuguezes eftavam doentes, esfriáram do negocio a que vinham, fazendo conta que Nuno da Cunha por fugir o perigo da doença defpejaria a Cidade.

E na verdade os noffos eftavam em eftado para elles terem efta efperança. Porque homens que de dia, e de noite nunca deixavam as armas, e dormiam pouco, e comiam fómente os mantimentos da terra, que era arroz, e milho; e fendo o lugar naquelles mezes doentio aos naturaes, quanto mais aos eftrangeiros, e mais vindo já a maior parte delles doentes do mar, não podiam deixar de cahir em grandes enfermidades: e o que peior era, que fó a natureza tinham por mezinha, carecendo dos remedios, a que eram acoftumados em taes tempos. E affi morrêram de doença mais de duzentas peffoas, de que os principaes foram Pero Vaz da Cunha, irmão de Nu-

no

no da Cunha, e o menor de ſeus irmãos; mancebo de grandes eſperanças, muito esforçado, humano, e ordenado de outras muitas virtudes, D. Pedro da Silva filho de D. Filippe Lobo, Henrique Furtado de Mendoça filho de Affonſo Furtado, Dom Rodrigo de Noronha filho de D. Sancho, Gonçalo Pereira, Jorge Brandão filho de Duarte Brandão, Alvaro Peſtana Eſcrivão da Moeda de Lisboa, que por amizade que tinha com Nuno da Cunha ſe foi com elle á India, Gaſpar Moreira eſtribeiro pequeno que fora d'ElRey, e hum irmão ſeu, e outros homens deſta qualidade criados d'ElRey, com as quaes mortes que aſſombráram a gente, foi Nuno da Cunha por vezes requerido pelos Fidalgos que com elle eſtavam, que a vida delle importava mais ao ſerviço d'ElRey, que a de todos; que lhe pediam que puzeſſe ſua peſſoa em lugar menos enfermo, e elles ficariam alli com a ordem que elle mandaſſe. Ao que Nuno da Cunha reſpondeo, que Deos per elles lhe dera aquella Cidade, que a não havia de deſamparar, que apercebido eſtava para o que Deos delle diſpuzeſſe; e que conta daria elle a Deos; e a ElRey, e á ſua honra, pondo-ſe elle em ſalvo, deixando-os a elles no perigo? e aſſi com muito animo, e conſtancia eſperou todos os ſuc-

cessos do tempo. E porque os Mouros per aviso dos que vieram sobre as pazes que estavam na Cidade, sabiam destes requerimentos que se faziam a Nuno da Cunha, tinham esperança que o poderiam mover algum dia, e não tomavam conclusão. E para os espertar, mandou Nuno da Cunha commetter a estancia de Munho Mototo, que estava mais per todo passo da Ilha para a terra firme. Ao que foi D. Fernando de Lima, que já era são das feridas que houvera, com duzentos homens, porque a mais gente toda andava enferma, e ficava em guarda da Cidade. Porém porque os Mouros foram avisados per hum escravo da terra, não houve effeito esta sua ida; mas de outra vez que elle foi ter a outra parte contra a terra de Melinde, de que os Mouros estavam descuidados, deo em hum lugar, onde matou muitos, e trouxe alguns cativos.

Chegado o fim de Janeiro do anno de 1529, veio ter a Mombaça hum Portuguez per nome Pantalião Pinto, que veio da India em huma atalaia com mercadoria a Melinde, o qual deo relação a Nuno da Cunha das differenças entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Mascarenhas. Apôs este veio Bastião Ferreira Alcaide mór de Goa em hum navio, que lhe deo nova como Anto-

tonio de Saldanha, e Garcia de Sá passáram ambos á India, pelos quaes Lopo Vaz de Sampaio, e Affonso Mexia Veedor da Fazenda souberam da sua vinda, e com suspeita que podia invernar naquella costa, o mandavam a elle com cartas, que lhe deo. Dahi a poucos dias veio de Ormuz huma caravella, de que era Capitão hum Pedralvares do Soveral, o qual mandava Christovão de Mendoça Capitão daquella Cidade a visitar Nuno da Cunha com refresco, e cousas para doentes, que deo vida a muitos, que das febres andavam mui maltratados, sendo mortos quasi no mesmo tempo de hum desastre mais de vinte e cinco homens, em que entrava Lionel de Taíde, de huma fréchada, e D. Rodrigo ficou ferido de outra, de que morreo depois em Calayate. E o caso foi, que sendo Nuno da Cunha avisado, que os Mouros esperavam náos de Cambaya, que com mercadorias vinham fazer resgate a Mombaça, por querer haver á mão huma náo que alli veio ter, mandou lá dous batéis grandes com espingardeiros, em hum delles hia D. Rodrigo de Lima, e no outro Lionel de Taíde. Esta náo com temor delles, e de hum bargantij que foi diante, de que era Capitão André Coelho, se metteo em hum estreito, que causou a morte a estes dous Fidal-

dalgos, e aos que com elles hiam. E assi aos do bargantij, por ser o estreito tão estreito, que os Mouros das ribanceiras da terra os fréchavam, principalmente de huma tranqueira que fizeram de pés de palmeiras, onde puzeram certas peças de artilheria. E vendo os nossos que não podiam tirar dalli a náo, nem menos ardia com o fogo que duas vezes lhe puzeram, a deixáram [a]. E indo já os batéis bem fréchados, para maior desastre com a maré vasia ficou o bargantim atravessado, onde toda a gente pereceo ás fréchadas, escapando sómente hum remeiro do bargantim, que veio dar nova da desgraça.

Passados estes trabalhos, teve Nuno da Cunha conselho sobre o que faria daquella Cidade, por ter já dito, que dando-lha Deos, a havia de entregar a Munho Mahamed sobrinho d'ElRey de Melinde, por gratificar os meritos de seu pai na lealdade que sempre tivera; e por as razões que com

a Esta náo foi entrada dos nossos com morte de muitos Mouros, que a defendêram esforçadamente, na qual achåram muita fazenda, que com a pressa de a recolherem se descuidáram da maré que vasava, com que os batéis, e bargantim ficáram em secco, sobre os quaes acudíram tantos Mouros, que ás fréchadas matáram todos os do bargantim, que ficou mais perto de terra. Os batéis não recebêram tanto damno por estarem mais afastados, e com a enchente da maré se sahíram com alguns mortos, e muitos feridos. Francisco de Andrade 2. *Parte*, *cap.* 48.

com elle paſſou, que a entregaſſe antes a Cide Bubac ſeu irmão. E porque eſte pedia a Nuno da Cunha cento e cincoenta homens Portuguezes, porque ſem elles não ſe atrevia a defendella, aſſentou Nuno da Cunha de a queimar antes, viſto quanto damno lhe podia cauſar eſta gente. Chegado o tempo da monção para poder partir, mandou repartir a Cidade entre todos os Mouros, que eram vindos em odio d'ElRey della, os quaes como eſtavam magoados dos ſeus moradores, para deſtruir tudo enchiam os vãos das caſas de madeira, e palha das outras caſas da gente pobre, e punham-lhes o fogo de maneira, que com a força delle, cahindo a maior parte da Cidade, ficou toda feita cinza.

[a] Na entrada de Março, porque o requeria já o tempo, mandou Nuno da Cunha a João de Freitas em hum batel grande das náos com peças de artilheria ao paſſo da Ilha a entreter os Mouros, que não paſſaſſem a ella, a dar nas coſtas dos noſſos quando quizeſſem embarcar; e em quanto lá eſteve João de Freitas, mandou metter muita lenha nas caſas d'ElRey, onde elle pouſava, e dar-lhe fogo, e aſſi per mui-

tas

a De 15 de Março por diante começam neſta coſta a ventar os Ponentes, que he a monção para ſahir della, e navegar a Ormuz.

tas outras da Cidade, onde ainda não chegára, cujo ruido, fumaça, e estrondo da ruina dos edificios tinham huma semelhança do inferno. Nesta conjunção se embarcou Nuno da Cunha para Melinde, sem contraste, nem impedimento algum, com os Portuguezes que escapáram da guerra, e das enfermidades de Mombaça, e com a gente de Zanzibar, de Pemba, e dos outros lugares, que alli eram vindos. Outros da mesma costa o vieram ver, dizendo, que todos queriam ser vassallos d'ElRey de Portugal; e o mesmo fizeram os moradores da Cidade de Brava, os quaes, tanto que Nuno da Cunha chegou a Melinde, lhe mandáram Embaixadores de suas Cabildas, com setecentos e cincoenta miticaes de ouro em pagamento de pareas de tres annos, e que cada anno lhe pagariam duzentos e cincoenta, com mais outras obrigações, o que lhes Nuno da Cunha folgou de acceitar por razão de já serem destruidos do tempo que seu pai Tristão da Cunha per aquella Cidade passou, de que Nuno da Cunha que com elle hia foi testemunha[a]. Aqui em

[a] *Simão da Cunha*, **D.** *Francisco Deça, e Francisco de Mendoça, Capitães de tres náos da Armada de Nuno da Cunha, que invernáram em Moçambique, partíram dalli com a monção dos Ponentes com quatrocentos homens menos que lhe morêrram naquella Cidade. E diz* Diogo do Couto, *que chegáram em fim de Março a Momba-*

Melinde veio ter ſeu irmão Simão da Cunha, que invernára em Moçambique.[a]

CAPITULO IX.

Como Nuno da Cunha aſſentou de ir a Ormuz, e do que fez antes que partiſſe de Melinde: e do que ordenou em Calayate, e Maſcate té chegar a Ormuz.

EM Melinde teve Nuno da Cunha conſelho com os Capitães, Meſtres, e Pilotos ſe faria ſua viagem em direitura á coſta da India, por o tempo ainda parecer algum tanto verde; e foi aſſentado per todos, que era couſa mui perigoſa commetter aquella coſta naquelle tempo com tamanhas náos, que a mais ſegura viagem era ir invernar a Ormuz. Aſſentada aſſi a jornada, deſpedio dalli Baſtião Ferreira com cartas para Lopo Vaz de Sampaio, e Affonſo Mexia, em que lhes dava conta da ſua partida para Ormuz, donde logo como a monção vieſſe ſe partiria, e que ſua tenção era naquelle meſmo anno ir a Dio, que lhes pedia, que tiveſſem feito todos os apercebimentos, aſſi de navios de remo, como de

ça, onde acháram a Nuno da Cunha de caminho para Ormuz. E o meſmo eſcreve Caſtanheda *liv. 7. cap.* 101.

[a] *A deſtruição deſta Cidade eſcreveo* João de Barros *no cap. 3. do liv. 1. da 2. Decada.*

de munições, e mantimentos por ſe não deter niſſo, quando foſſe com outras couſas que importavam áquelle negocio. Baſtião Ferreira chegou a Goa em Maio com aquellas cartas, e Nuno da Cunha partio de Melinde a 3 de Abril, deixando primeiro poſta a terra em paz, e prezos dous homens que andavam levantados a roubar, com ordem que os enforcaſſem; porém elles ſe acolhêram antes da ſua partida para os Mouros. E a Luiz de Andrade mandou em huma caravella, de que era Capitão, a hum lugar perto dalli, que ſe chamava Jubo, em buſca de hum galeão de Rumes, que viera ter áquelle porto com tempo, o qual fez Luiz de Andrade dar á coſta pelejando com elle, e lhe tomou muita pimenta que trazia de Jaüa, e levava para o Eſtreito, e lhe matou gente, não ſem ſangue da ſua.

Deixou tambem o Governador em Melinde Triſtão Homem, filho de Pedro Homem, Eſtribeiro mór que fora d'ElRey Dom Manuel, com oitenta homens enfermos, e que como vieſſe Setembro ſe embarcaſſe com elles para a India, os quaes defendêram a ElRey de Melinde não ſer deſtruido por ElRey de Mombaça, que logo partido Nuno da Cunha, veio contra ElRey de Melinde. E neſta ſua defensão ſe acháram entre os Portuguezes com Triſtão Homem eſtas peſſoas

principaes, Jordão de Freitas, Duarte de Miranda, Baſtião Monteiro, Bartholomeu Freire Feitor, e João de Mattos.

Partido Nuno da Cunha de Melinde, paſſou pela Ilha de Çocotorá, onde fez ſua aguada, e deo proviſões ao Xeque dalli para a navegação de ſeus navios, por elle ſer fiel amigo dos Portuguezes. Paſſados tres dias, que ſe deteve naquella Ilha, com bom tempo chegou a 10 dias de Maio a Calayate, que he o primeiro lugar do Reyno de Ormuz na coſta de Arabia, onde ſoube o desbarato das fuſtas, que fez Lopo Vaz de Sampaio na enſeada de Cambaya, que atrás eſcrevemos, e achou Aires de Souſa de Magalhães, ſobrinho de Lopo Vaz, que per ſeu mandado, como Capitão mór do mar de Ormuz, andava com huma fuſta, e dous bargantijs, guardando aquella coſta infeſtada dos Nautaques, que ás vezes ſalteavam nella os navios que vinham da India. Eſtava tambem em Calayate por Feitor Gomes Ferreira criado do Duque de Bragança, o qual tomava as fianças aos Mouros, que carregavam de cavallos para Goa. E porque o Guazil, e os Mouros da terra ſe vieram queixar a Nuno da Cunha, que recebiam delle alguns aggravos, mandou elle lançar pregão, que qualquer peſſoa que tiveſſe recebido aggravo algum de Portuguezes, ſe

vieſſe a elle, que o mandaria deſaggravar, como fez, mandando pagar a muitos couſas que tinham mal levadas, e aos que eram officiaes d'ElRey ſuſpendeo de ſeus officios, e os levou prezos a Ormuz, o que fez grande eſpanto nos Mouros por não terem viſto aquelle caſtigo, no que deo eſperança a todos, que á falta de juſtiça não haviam de receber mal, e damno, e niſto ſe deteve tres, ou quatro dias.

Ao meſmo lugar veio ter D. Fernando Deça, que hia para Ormuz por Capitão mór dos navios, que andam naquelle trato para a India, os quaes Nuno da Cunha levou comſigo a Maſcate, onde chegando a 19 de Maio, foi logo viſitado do Guazil daquella Villa, que ſe chamava Xech Raxit, que era o que no tempo do levantamento de Ormuz ergueo bandeira por ElRey de Portugal, e livrou muitos dos noſſos. E porque elle tinha morto Raez Delamixá, irmão de Raez Xarafo, pela maneira que atrás contámos [a], deſde então té a chegada de Nuno da Cunha trabalhava Xarafo por o haver em Ormuz, e vingar-ſe delle; e quando per ſuas manhas não pode, diſſe a ElRey, que eſte lhe devia mais de vinte mil xerafijs, por não haver dado conta havia muito tempo; que per qualquer via que foſ-

[a] *Dec. 3. liv. 7. cap. 6.*

fosse o fizesse vir a Ormuz, o que não quiz Xech Raxit fazer, e se dispoz a padecer tudo o que lhe viesse, antes que ir lá; porque sabia que indo, não havia de viver muitos dias. Disto, e de outras cousas deo elle conta a Nuno da Cunha, dizendo, que se vinha metter prezo em suas mãos, e assi a seus filhos, e fazenda. E que debaixo de seu amparo iria a Ormuz, e daria sua conta, a qual elle sempre disse que queria dar, e não queria que a désse outrem por elle; mas porque queriam mais tirar-lhe a vida, que tomar-lhe conta, havia deixado de ir a Ormuz; e que como Deos sabia sua innocencia, e não ser elle merecedor de morte, o provêra com Sua Senhoria vir por alli para o livrar de seus inimigos, e gratificar os serviços que tinha feitos a ElRey de Portugal. Nuno da Cunha por já estar informado da lealdade deste Xech Raxit, o consolou, e segurou de seus temores, promettendo-lhe de lhe guardar justiça, e fazer mercê em nome d'ElRey seu Senhor por os serviços que lhe fizera.

E porque lhe pareceo melhor não ir a Ormuz com tantas náos grossas, entregou-as a D. Fernando de Lima com mil homens que nellas podiam ficar, que mais serviriam alli onde estavam para favor daquella costa; e elle se foi caminho de Ormuz com todos

os Fidalgos, e Capitães, que não tinham cargo das náos que ficavam. Sua chegada foi mui festejada, e celebrada, porque entrou com mais pompa na Cidade do que té então entrára Governador, com sua guarda de alabardeiros diante, vestidos de sua libré, com trombetas, atabales, e charamellas, no que deo muito contento a ElRey, e á gente da Cidade. Os Fidalgos que levava hiam vestidos de varias sedas, e tão bem ornados de espadas, punhaes, cadeas, pontas, e arreos de ouro, que parecia que hiam mais para dar áquelles Persas, que para tomar delles, o que em tanta abundancia elles não tinham visto. E como em chegando succedeo caso, perque lhe foi necessario pôr em effeito algumas cousas mais prestes do que elle levava em regimento, convem fazermos hum pequeno discurso das cousas que eram passadas em Ormuz depois do levantamento delle, e do estado em que estavam, para se melhor entender o que Nuno da Cunha fez.

CA-

CAPITULO X.

Do que era passado com Xarafo Guazil de Ormuz, e como foi prezo per cartas d'ElRey D. João, que Manuel de Macedo levou deste Reyno: e do que Nuno da Cunha passou com ElRey de Ormuz.

DEpois que Lopo Vaz de Sampaio deixou em Ormuz a Raez Xarafo restituido no seu officio de Guazil, e amigo com Diogo de Mello Capitão daquella fortaleza, como atrás dissemos [a], commetteo Xarafo taes cousas na administração do seu Guazilado, que por ellas mandou Lopo Vaz a Ormuz a Manuel de Macedo com Provisões para o prender, e dar o Guazilado a Raez Hamed. Manuel de Macedo chegou a Ormuz, prendeo Xarafo, e o levou a Goa, onde o Governador o mandou metter na torre de homenagem, e depois lhe deo a Cidade por prizão. Mas Xarafo usando de suas cautelosas manhas, se livrou de todas as culpas, e Lopo Vaz o tornou a mandar a Ormuz, confirmando-lhe de novo o cargo de Guazil em companhia de Christovão de Mendoça, que hia a servir de Capitão daquella Cidade na vagante de Diogo de Mello. Nesta viagem de maneira grange-

a Liv. 1. cap. 4.

geou Xarafo a amizade de Chriſtovão de Mendoça, que chegando a Calayate, uſando de ſeus poderes em favor de Xarafo, mandou hum recado a ElRey de Ormuz ordenado per Xarafo, de que reſultou o meſmo dia que Chriſtovão de Mendoça chegou ao porto de Ormuz, matar ElRey Raez Hamed ſeu Guazil, que o ſervia em auſencia de Xarafo, ſendo hum homem de quem ſe elle havia por bem ſervido por ſua lealdade, e inteireza, e de quem todos os Portuguezes recebiam mui boas obras. A cauſa deſta morte dizem que foi Xarafo; porque tal foi o recado que á ſua inſtancia mandou Chriſtovão de Mendoça a ElRey, que para elle viver, lhe foi forçado matar a Hamed. Porém ElRey calando eſta cauſa, dava por razão da morte de Hamed deſcortezias que lhe diſſera, e que o quizera matar quando ouvio dizer que Raez Xarafo deſembarcava, e que havia de ſervir de Guazil.

Sabendo ElRey D. João eſtas couſas que em Ormuz paſſavam, e outras que contra Chriſtovão de Mendoça, e Xarafo ſe punham, encommendou a Nuno da Cunha, quando deſte Reyno foi, que tiraſſe de todas devaſſa. E querendo-o elle fazer, havendo quatro dias que a Ormuz chegára, lhe deo hum homem huma carta de Ma-

nu-

nuel de Macedo, dizendo, que ficava em casa d'ElRey, e lhe manifestou de palavra o segredo que vinha na carta, que era ir prender ao paço d'ElRey a Raez Xarafo, que lhe mandasse gente de soccorro para o fazer. Da nova, e vinda de Manuel de Macedo ficou sobresaltado Nuno da Cunha; e a grande pressa, por não acontecer alguma desordem, entrou na fortaleza, e mandou a Christovão de Mendoça Capitão della, que de sua parte fosse ás casas d'ElRey, e lhe chamasse Raez Xarafo, e que em toda maneira não viesse sem elle; e havendo algum impedimento por parte d'ElRey, que secretamente lho avisasse, e para isso mandou com elle o Secretario Simão Ferreira, e alguma gente. Xarafo sómente per palavra do Secretario se foi com elle, sem nenhum assombramento, ficando Christovão de Mendoça, e Manuel de Macedo fallando com ElRey. Esta novidade de Manuel de Macedo vir prender Raez Xarafo procedeo de elle o trazer prezo de Ormuz á India, como atrás dissemos[a]; e parece que naquella viagem veio Xarafo contando a Manuel de Macedo, e confessando culpas alheias, e não as suas. E quando Manuel de Macedo veio a Portugal o anno de 1528 com Pero Mascarenhas, porque elle se achára presente

a Liv. 1. cap 7.

te ás differenças, que Pero Mafcarenhas tivera com Lopo Vaz de Sampaio, chegando ás Ilhas Terceiras, foi eleito para vir a ElRey diante das náos com as novas de ellas alli ferem chegadas, por ainda a Armada, que as havia de ir bufcar, não fer lá, e para dar conta a ElRey do eftado das coufas da India, porque tinha elle muitas qualidades para iffo, e faber bem as coufas daquellas partes por haver andado muito tempo nellas. E além diffo tinha huma foltura em as contar, fegundo elle queria, e com fer bom cavalleiro, não tinha no que dizia primor de fegredo, nem refguardo da honra alheia, de maneira, que por elle ficou ElRey cheio de coufas de Ormuz: e prometteo a Sua Alteza que lhe traria prezo a Raez Xarafo, e delle poderia ter informação de todas as coufas que Capitães cubiçofos tinham feito, e lhe deo efperanças que per o mefmo Xarafo podia haver huma grande fomma de dinheiro. Cheio deftas informações, mandou ElRey a Manuel de Macedo em Setembro com grandes poderes, exempto do Governador da India, e do Capitão de Ormuz, a fazer aquella obra, não parecendo a ElRey que Nuno da Cunha nefte tempo podia eftar em Ormuz. Efte favor, que Manuel de Macedo levou d'ElRey, como elle era homem folto, e defcu-

cuberto, e não muito attentado, indo mui encarregado de não revelar o segredo da sua jornada, primeiro que partisse publicou ao que hia; e chegado a Moçambique soube como Nuno da Cunha hia caminho de Ormuz. Dalli foi fazer sua aguada a Çocotorá, e no cabo de Rosalgate, que he na costa de Arabia, deixou o navio escondido, e em huma terrada da terra se embarcou, e em hum dia, e huma noite chegou a Ormuz a 7 de Junho, e se metteo em casa de hum criado seu, e dahi sahio a outro dia pela Cidade, sem dar conta a Nuno da Cunha, e foi a casa d'ElRey fazer o que acima dissemos. E posto que a muitos pareceo que o Governador o devêra castigar, por commetter aquelle negocio sem lhe dar conta, deixou o castigo para ElRey lho dar em Portugal, e sómente lhe disse algumas palavras de reprehensão.

Entrando Raez Xarafo na fortaleza, foi mettido em huma torre [a], e entregue a Manuel de Macedo, e Nuno da Cunha foi visitar a ElRey com sua guarda de alabardeiros, e Fidalgos, todos vestidos de festa. ElRey tambem se poz de festa em huma sala grande alcatificada de riquissimas alcatifas, segundo o uso dos Reys Mouros da Persia,

a *A prizão de Raez Xarafo escreve mui particularmente* Francisco de Andrade *no cap. 50. da 2. Parte.*

ſia, por eſta ſer a ſua tapeceria. E tanto que Nuno da Cunha chegou á porta, elle ſe levantou de huma cadeira lavrada de madre perola, em que eſtava aſſentado, e o veio tomar á porta. Feitas ſuas cortezias, ambos mão por mão ſe foram aſſentar, ElRey em ſua cadeira, e Nuno da Cunha em outra, que para elle eſtava poſta junto d'ElRey. Por feſta tinha ElRey huma cabaia de beatilha mui delgada, por terem ſer eſta mais nobre veſte para os Reys, que ſe foſſe de brocado, e cingido com hum cinto de ouro, e pedraria, e hum terçado da meſma ſorte mui rico, e os dedos cheios de anneis com ricas pedras, na cabeça tinha hum carapução dos da diviſa do Xiah Iſmael com hum penacho de pennas dos paſſaros de Maluco, com muitas perolas; os pulſos dos braços, e dos pés, ſegundo ſeu uſo, tinha cubertos de bracelletes de ouro, e pedraria, e os pés deſcalços ſobre hum coxim de velludo de Méca. Depois que ambos foram aſſentados, mandou Nuno da Cunha aſſentar em huns bancos, que para iſſo eſtavam ordenados, a Chriſtovão de Mendoça Capitão da fortaleza, e a ſeu irmão Simão da Cunha por Capitão mór do mar, e aſſi outros Fidalgos principaes, ſegundo ſuas qualidades. Paſſadas as primeiras palavras de ſe verem hum ao outro, Nu-

no

no da Cunha lhe deo as cartas, que levava d'ElRey D. João, perque lhe notificava Nuno da Cunha áquellas partes por Governador dellas. E assi lhe deo outras, que levava Manuel de Macedo, em que lhe fazia a saber, que por cumprir a seu serviço, e ao bem daquelle Reyno de Ormuz, elle mandava vir a Portugal Raez Xarafo seu Guazil. E que além de Nuno da Cunha, por bem de seu officio, ser a isso obrigado, elle particularmente lhe encommendava as cousas delle Rey de Ormuz, e que tratasse sua pessoa, e o contentasse em tudo como a seu filho, porque teria disso muito prazer; e que com esta confiança elle Mamud Xiah o podia requerer a Nuno da Cunha, porque elle o faria assi por seu contentamento, bem, paz, e assocego do Reyno.

CAPITULO XI.

Do que Nuno da Cunha passou com ElRey de Ormuz, e como pezadamente acceitou o que lhe deo, e o mandou entregar ao Feitor d'ElRey de Portugal.

LIdas estas cartas d'ElRey de Portugal pelo Secretario Simão Ferreira, e interpretadas per Francisco Munhoz lingua, Nuno da Cunha pelos termos dellas se começou offerecer a ElRey a tudo o que fosse

ſe bem, e ſerviço ſeu, e lhe pedio não ti-
veſſe pejo de lhe dizer ſe tinha recebido deſ-
prazer, ou eſcandalo de alguma peſſoa,
porque elle proveria niſſo como ElRey ſeu
Senhor lhe mandava. E que quanto á vin-
da de Raez Xarafo a Portugal o não de-
via ter por eſtranho, nem lhe déſſe ſuſpei-
ta alguma, que era em damno, e offenſa
delle Mamud Xiah, antes era por ſeu bem,
e accreſcentamento de ſeu Eſtado, e aſſo-
cego daquelle Reyno, por ter ElRey ſeu
Senhor informação quão inquieto, e tyran-
nizado eſtava. Com eſtas palavras de esfor-
ço, e conſolação tambem lhe diſſe, como
tinha ſabido que elle matára a Raez Ha-
med ſeu Guazil, e Governador daquelle
Reyno per authoridade d'ElRey de Portu-
gal ſeu Senhor, a qual morte não ſendo per
via judicial, como coſtumam fazer os Prin-
cipes, e Reys Chriſtãos, ſe tem entre elles
por couſa mui criminoſa, a que são obri-
gados dar conta, não ſómente a Deos, mas
ao Mundo, e a algum Senhor, ſe o ha na
terra ſobre elles. E por aquella morte ſer
mui pública, e de que eſtava o Mundo eſ-
perando a punição della, elle como Gover-
nador da India, que provía em todos os
bens, e males della, em peſſoa d'ElRey ſeu
Senhor, como Miniſtro de ſua juſtiça, ha-
via a elle Rey Mamud Xiah por condem-

na-

nado por matador daquelle Governador do Reyno de Ormuz, que era d'ElRey Dom João seu Senhor; que se elle tivesse algumas causas justas, e manifestas, que as mostrasse, porque diante daquelles Capitães, e Fidalgos que eram presentes, elle proveria nisso, como cumpria a bem da justiça, e serviço d'ElRey, polo que sem temor podia dizer o que quizesse. ElRey lhe respondeo, que quanto ás offertas que lhe fazia ter carta d'ElRey seu Senhor, elle as recebia como de seu Rey, e Senhor; e que quanto á morte de Raez Hamed, elle o matára, porque o quizera matar a elle, e pois tivera tão justa causa, não se lhe devia estranhar defender sua vida com morte de quem lha queria tirar, e mais sendo seu vassallo, e official, cujo officio éra olhar por sua pessoa, e não procurar sua morte, e per suas mãos. Nuno da Cunha por o não affrontar muito, lhe disse, que elle tinha sabido, que ao tempo que Raez Hamed fora morto, não tinha outra arma mais que huma faca, que costuma todo homem trazer para cortar o Betel [a], e que elle Rey es-

[a] *O Betele, a que os Malavares chamam Betre, os Guzarates, e Decantis Pam, os Malaios Ciri, e os Arabios Tambul, he huma arvore, que arrimada a outras, trepa por ellas como a Era, cujas folhas sam mais compridas, e mais estreitas na ponta que as da Larangeira. He o çumo destas folhas aromatico, cordial, confortativo*

eſtava armado, e apercebido, como couſa que fora cuidada, e não accidental. E que por quanto as mortes dos homens são para ſe ſobre ellas fazer todo exame, ElRey não houveſſe por mal proceder niſſo com devaſſas, e teſtemunhas ſegundo as leis d'ElRey ſeu Senhor. Nuno da Cunha, poſto que ElRey dizia que elle fora author deſta morte, e que a não fizera conſtrangido per outrem, ſenão per ſua propria vontade, bem entendeo nelle, poſto que Xarafo eſtava prezo, que temia dizer quem o movêra a iſſo.

Mudada a prática em outras couſas, querendo-ſe Nuno da Cunha deſpedir, mandou ElRey trazer hum cinto de ouro, e pedraria, e hum terçado, e adaga da meſma ſorte, e algumas peças de brocado, e pannos ricos de ſeda, e os deo a Nuno da Cunha, pedindo-lhe que tomaſſe aquella pouquidade por ſeu amor, por não perder o coſtume dos Reys daquellas partes. E porque Nuno da Cunha ſe eſcuſava com boas

do eſtomago, reſolutivo das ventoſidades, reſtaurativo dos doentes, que ſe bolem, e faz bom anhelito. Uſam das folhas do Betele todas as gentes Orientaes, com Areca, (que he hum fruto ſemelhante á Nóz moſcada,) e pouca quantidade de cal feita de caſcas de Oſtras, e os ricos lhe miſturam Canfora de Borneo, e alguns Calambac, e Almiſcar, ou Ambar. Garcia d'Orta *no livro dos ſimples, e drogas da India.*

palavras, elle ſe houve por injuriado diſſo, com que lhe conveio acceitar as peças; e a todos os Fidalgos deo ElRey as ſuas, ſegundo as qualidades das peſſoas. Com iſto ſe deſpedíram delle, e á porta achou Nuno da Cunha hum formoſo cavallo ſellado, e enfreado, ornado ao uſo dos Perſas, que lhe tambem ElRey mandou apreſentar, o qual cavallo, e aſſi todas as outras peças, elle mandou entregar na Feitoria, e carregar em receita ſobre o Feitor, ſegundo o ſeu regimento, que era não tomar para ſi os preſentes que lhe deſſem.

CAPITULO XII.

Como Nuno da Cunha entendeo na devaſſa contra Raez Xarafo: e do que fez ſobre ſua vinda a Portugal, e condemnou a ElRey de Ormuz por a morte de Raez Hamed.

FEita aquella primeira viſitação a ElRey, começou Nuno da Cunha entender nas couſas do governo da terra. E porque Raez Xarafo ſe havia de vir para eſte Reyno, quiz logo entender na devaſſa que ElRey mandava tirar para a mandar per Manuel de Macedo, como mandou. E como com eſta devaſſa tambem tirou a da morte de Raez Hamed, em que achou ElRey o ma-

o matar ſem cauſa juſta, ſómente induzido, e por comprazer a outros que iſſo ordenáram, em modo de ſentença o condemnou em pena de dinheiro té a mercê d'ElRey de Portugal. A pena foi accreſcentar-lhe que pagaſſe mais em cada hum anno de pareas quarenta mil xerafijs, além dos seſſenta que pagava, e a taxação deſte accreſcentamento hia de cá do Reyno por as informações que ElRey tinha de quanto aquelle Reyno rendia, e que tudo o que ſobejava das deſpezas ordinarias, que ElRey tinha, lhe roubavam ſeus Guazijs. Mas Nuno da Cunha, como prudente, por menos eſcandalo, quiz dar a entender que o fazia per via de pena daquelle exceſſo que ElRey fizera. E iſto té que ElRey ſeu Senhor proveſſe niſſo, viſto como a pena daquelle crime de morte per outra via ſe não podia executar na peſſoa d'ElRey de Ormuz: o que elle ſoffreo por mais não poder, e conhecendo que o exceſſo merecia muito caſtigo. O que dos Mouros foi mui louvado, vendo que entre Portuguezes havia tanta juſtiça, que nem os Reys ficavam ſem pena dos crimes que commettiam contra ſeus vaſſallos. Além diſto começou de entender nos aggravos, que eram feitos a Diogo de Mello de algumas ſentenças em que o condemnáram mal, ſendo accuſado per Xarafo, o qual tanto que

vio Diogo de Mello fóra do cargo de Capitão, entre outras cousas justas, demandava outras injustas, com que lhe tinham tomado muita fazenda. Quando os Mouros víram que Nuno da Cunha administrava justiça, sem respeito de pessoas, e que logo dava á execução os damnos, e perdas que algum tinha recebido, ousadamente começou cada hum requerer contra aquelles de que tinham recebido aggravos. Com que Ormuz ficou tão acreditado, que per mar, e per terra corriam as mercadorias mais seguramente, e os moradores houveram que podiam estar seguros de muitos roubos, e offensas que nos annos atrás recebiam, o que se vio logo no rendimento das alfandegas, e outros direitos da terra.

ElRey de Ormuz quando vio tanta inteireza, e prudencia de Nuno da Cunha, assi na administração da justiça, como no governo da terra, e que nelle não havia cubiça, tomou ousadia de lhe requerer que lhe fizesse justiça de Raez Xarafo, porque rendendo seu Reyno mais de trezentos mil xerafijs, tirados os sessenta mil que pagava de pareas, e que ás vezes se ficavam devendo de hum anno para outro, tudo consumia em peitar a quem lhe soffria seus roubos, que o obrigasse a dar razão dos rendimentos do seu Reyno. Ao que Nuno da

Cu-

Cunha refpondeo, que efta era huma das principaes caufas, por que ElRey feu Senhor o mandava ir a Portugal, onde Sua Alteza lhe mandaria dar ó caftigo que merecefle; e que por Manuel de Macedo podia mandar as queixas que delle tinha, porque elle Nuno da Cunha não havia de entender em mais que em tirar devaffa das coufas daquella Cidade, e que pertenciam aos Capitães, e Officiaes d'ElRey feu Senhor, e caftigar aquelles que o merecessem. E quanto ás que pertenciam a elle Rey Mamud Xiah, que tambem as podia requerer contra elle, porque entenderia nellas, fómente as de Xarafo remettia a ElRey feu Senhor.

E porque Nuno da Cunha, (como atrás diffemos,) mandou ao Guazil de Mafcate Xech Raxit, que fe vieffe logo trás elle para o negocio da fua conta, de que fe ElRey queixava delle, e era chegado a Ormuz, deo Nuno da Cunha conta a ElRey como fizera vir aquelle homem, o qual eftava alli para dar razão de fi, que mandaffe ajuntar os officiaes que lhe haviam de tomar conta, para logo o fazer pagar, fe devefle. ElRey mandou ao feu Thefoureiro Coge Abrahem que eftiveffe á conta com elle; e vindo cada hum com feus papeis, fendo prefente o Secretario Simão Ferreira,

co-

como teſtemunha , e arbitro das dúvidas, quando as houveſſe , achou-ſe que Xech Raxit tinha entregue tudo quanto recebêra das rendas d'ElRey , ſem ficar devendo couſa alguma, e houve ſua quitação aſſinada por ElRey nas coſtas de hum auto , que Nuno da Cunha deſta conta mandou fazer. Vendo ElRey que Nuno da Cunha dava logo á execução o que juſtamente lhe requeria, lhe fez queixumes do meſmo Coge Abrahem , dizendo , que fora Theſoureiro de dous Reys paſſados , e tivera toda a fazenda, e joias d'ElRey Torum Xiah que matáram, de que não appareceo mais que hum terçado, e huma cinta , e huns barcelletes, e huma adaga , ſendo eſte Rey rico de dinheiro , e joias , por ſer muito acquiridor, e conſervador do que lhe cahia na mão, e que nunca em tempo deſte Rey dera conta. Antes que Abrahem fizeſſe alguma couſa de ſi , Nuno da Cunha o mandou prender , ſómente por ſaber , que ſendo filho de hum homem muito pobre , e de parentes pobres , e baxos , depois que entrou na Alfandega por Eſcrivão , e ſervio de Theſoureiro , tinha acquirido muita fazenda, e feitas humas caſas as mais ſumptuoſas, e nobres da Cidade. Coge Abrahem como ſe vio prezo , começou de ſe contratar com ElRey, dizendo, que lhe requeria dar vin-

te

te mil xerafijs ; mas como Nuno da Cunha eſtava informado da groſſura deſte Mouro, não conſentio niſſo , té que deo a ElRey quarenta mil , com que ElRey pagou dividas que devia , e aſſi as pareas , e elle ficou ſem officio.

Tambem lhe pedio ElRey , que lhe mandaſſe entregar a renda da caſa das Orracas , que poderia render dous , ou tres mil xerafijs , a qual elle tinha dada contra ſua vontade ao Capitão da fortaleza , por eſtar já tanto em coſtume darem os Reys eſta renda aos Capitães polos contentar , que faziam elles diſto huma obrigação ordinaria , a qual renda , depois que Nuno da Cunha ſe foi para a India , ElRey tornou a dar ao Capitão mais por temor que por vontade. Pedio-lhe mais ElRey , que lhe tiraſſe o Guarda mór que lhe punham Portuguez, porque recebia niſſo grandes oppreſsões , e eſtava como cativo , de maneira , que não tinha vida , nem podia dar hum paſſo , que logo não foſſe moleſtado , ou havia de comprar a liberdade por muito , porque nunca ceſſavam os taes officiaes de tirar delle. Eſte officio levava de Portugal Manuel d'Alboquerque , filho de Lopo d'Alboquerque , homem que no que depois fez , (como no decurſo deſta hiſtoria ſe verá ,) moſtrou que por ſua cavalleria , e peſſoa era para maiores

cou-

cousas que para Guarda mór d'ElRey de Ormuz. E como era homem virtuoso, e bem costumado, e que sabia ElRey era mancebo vicioso, e que entrando elle naquelle cargo, para ter vida lhe cumpria consentir usar elle de seus vicios, disse a Nuno da Cunha, que elle não queria tal officio; pelo que havendo Nuno da Cunha respeito a muitas cousas, por então lhe pareceo escusado aquelle officio, e o satisfez a Manuel d'Alboquerque.

Requereo mais ElRey a Nuno da Cunha, que lhe mandasse entregar a Ilha de Baharem, na qual estava havia já seis, ou sete annos hum Raez Barbadim, sobrinho de Raez Xarafo, da qual Ilha o mesmo Xarafo lhe tinha dado o Guazilado, e ambos a comiam, sem della haver rendimento, antes todos os annos lhe contavam muitas despezas de mantimento, de arroz, que hia de Ormuz para manter a gente que lá estava, sendo certo que rendia cada anno quinze mil xerafijs, assi por razão da pescaria do aljofar que se nella fazia, como da grande novidade que nella havia de tamaras, de que havia carregação para muitas partes [a]. E como isto era cousa de Raez Xarafo, apertava ElRey muito a Nuno da Cu-

a *Esta Ilha de Baharem descreve* João de Barros na 3.ª *Dec. liv. 6. cap. 4.*

Cunha que lha mandasse entregar, o que para Manuel de Macedo era grande enfadamento, porque tinha promettido a ElRey D. João, que elle ordenaria com que Xarafo viesse de Ormuz com muita riqueza: polo que mandando Nuno da Cunha, quando prendeo Raez Xarafo, escrever-lhe a fazenda toda, Manuel de Macedo clamou, que o não escandalizasse, porque cumpria levallo mimoso; e ao mesmo Xarafo fazia crer, que levando bem que peitar, tudo acabaria, de que já tinha experiencia. E aconselhava a ElRey de Ormuz, que mandasse o seu terçado a ElRey de Portugal, porque por elle lhe quitaria ElRey os quarenta mil xerafijs, que Nuno da Cunha lhe accrescentára. O que Nuno da Cunha dissimulou per honesto modo, por não infamar a nação Portugueza mais do que estava infamada em Ormuz pelas cousas passadas. Mas Xarafo era tão sabedor, que deo pouco pelos conselhos que lhe dava Manuel de Macedo, e levou o que tinha, que era já bem pouco por as crestas que lhe davam a miude; e a maior substancia de sua fazenda era hum pouco de patrimonio de palmares, e terras em Baharem, que lhe grangeava seu sobrinho Raez Barbadim, que podiam render oito, ou dez mil xerafijs, e humas casas honradas em Ormuz, e tão

pou-

pouco movel, como devia ter hum homem que se vigiava, parecendo a Manuel de Macedo que trazia elle muitas cousas para este Reyno. Polo que Nuno da Cunha por alguns inconvenientes, mandou a Manuel de Macedo sahir de Ormuz, e que viesse esperar a Raez Xarafo a Mascate.

Alli se embarcáram ambos para este Reyno; e porque ao tempo da partida se descubríram no navio algumas aguas, que se abríram com a carga das drogas que lhe mettêram, e aos officiaes pareceo que não podia chegar a Portugal, mandou o Governador que fosse Manuel de Macedo á India, e lá tomasse qualquer embarcação que quizesse; pelo que chegado a Cochij, Affonso Mexia lhe deo outro navio, em que Manuel de Macedo trouxe a Xarafo a este Reyno, onde elle esteve alguns annos, sem sua vinda trazer mais fruto que descubrir culpas alheias, as quaes Nuno da Cunha per devassa que em Ormuz tirou per apontamentos que o mesmo Manuel de Macedo levava, mandou mais na verdade, do que Raez Xarafo podia dizer, por serem testemunhadas per os principaes Mires, e pessoas notaveis que ElRey de Ormuz teve. E no fim destes annos tornou Xarafo á India, como da India a Ormuz, quando a outra vez foi prezo, e servio seu officio,

fal-

ſalvando-ſe per as leis da India, como todos os culpados ſe ſalvam quando fazem o que elle fazia; porque a natureza dos homens, poſto que mudem o clima, não mudam a inclinação, principalmente em caſos de proveito.

CAPITULO XIII.

Como Belchior de Souſa Tavares foi a Baſçorá: e do ſitio daquella Cidade, e da Ilha de Gizaira.

EStando Nuno da Cunha fazendo o que diſſemos em Ormuz, chegou de Baſçorá Belchior de Souſa Tavares, que o Capitão Chriſtovão de Mendoça tinha lá mandado com dous bargantijs, e quarenta homens de peleja a requerimento de Ale Mogemez Rey daquella Cidade, para o ajudar a defender d'ElRey de Gizaira ſeu vizinho, que lhe fazia guerra. E porque Belchior de Souſa foi o primeiro Capitão, que com mão armada entrou pelos dous rios Tigris, e Eufrates, onde não entrou o poder dos Gregos, e Romanos com ſeus exercitos, quando contendiam com os Reys de Babylonia, e de Perſia, não he fóra do intento da noſſa hiſtoria eſcrevermos da jornada de Belchior de Souſa, em que aſſentou paz entre eſtes dous Reys, e depois fez

guer-

guerra ao de Basçorá, por não cumprir com elle o que lhe prometteo. Tão temido era o nome Portuguez naquellas partes, que hum Capitão de dous bargantijs, com quarenta homens, fez o que adiante veremos; e não na costa de Guiné entre Negros barbaros, mas na mais celebrada terra, de que as Escrituras fazem menção, que he nas correntes dos dous illustres rios Eufrates, e Tigris, onde elles dam de beber aos póvos Babylonios, e Chaldeos, e onde hoje os Mouros tem sua célebre Cidade de Bagadad, e as sepulturas de Alí [a], e de alguns filhos seus, que são a cabeça de sua seita. E para mais clareza do que hemos de dizer, será necessario tratar primeiro da situação de Basçorá.

Dista esta Cidade quasi trinta leguas da barra dos rios Eufrates, e Tigris, quando ambos juntos se mettem no mar Parseo, não ao longo da corrente delles, mas afastada huma legua no fim de hum estreito feito á mão,

a Ali foi filho de Abiltaleph, com cujo conselho, e ajuda promulgou Mafamade a sua maldita seita, e o casou com sua filha Fatima, e nomeou por successor no Reyno, e Caliphado, a qual dignidade usurpou como mais poderoso Abubecher outro Conselheiro, e companheiro de Mafamede. Foi Ali quinto Calipha, e author de outra nova seita, que professam os Persas. Teve por contrario a Moavia, com o qual pelejou com varia fortuna. E ultimamente per ordem de Moavia foi morto perto de Cufá Cidade de Arabia, entrando em huma Mesquita no anno de 660.

mão, que para ferviço da mefma Cidade fe abrio, em que podem entrar navios de remo[a]. Efta povoação, fegundo fe diz, fe fundou ha poucos annos, e ora a tem os Turcos mui forte com temor de noffas Armadas. Ptolomeu nas fuas Taboas de Afia fitua naquella parte de Babylonia ao longo das ribeiras daquelles dous rios duas povoações, a huma chama Thalatha, e á outra Batracharta[b]. Seja qualquer que for; o que podemos affirmar he, que efta, que eftá em pé, neftes tempos proximos a nós fe fundou; e junto della, mettida mais no fertão efpaço de oito leguas, eftá huma Cidade defpovoada, cujo circuito tem andadura de mais de hum dia; e hum Turco natural do Cairo, que fe tomou, quando D. Fernando de Noronha houve vitoria do Capitão dos Turcos, que eram lançados em Bafçorá, o qual hoje he meu cativo, homem prudente, e de grande juizo, e memoria, me contou, que o feu Capitão fe puzera a cavallo hum dia, e elle em fua companhia, e foram ver efta antiguidade, co-

[a] *Tem per tradição os vizinhos de Bafçorá, que lhes foi alli prégar a Fé, e converteo muitos o Evangelifta S. João. O* P. João de Lucena *na vida do P. Francifco Xavier, liv. 1. cap. 13.*

[b] Ptolomeu *no liv. 5. da fua Geografia cap. 20. põe Thalatha em 32. grãos, e 10. min. de altura; e Batracharta em 32. grãos, e 40. min. e Bafçorá eftá em 31. grãos.*

como em romeria, por eſtar alli huma meſquita ſumptuoſa de Alí; e para verem a grandeza da Cidade ſe ſubíram em huma torre, e que não podiam ſahir com a viſta fóra das caſas; e jurava por ſua lei, que lhe parecêra duas vezes maior que o Cairo, à qual dizia que era toda deſpovoada, ſem haver nella mais que hum Mouro na meſquita com tres filhos, e tres filhas, que tinha cargo de duas alampadas que ardiam nella, ſem naquella grande povoação, que não era cercada, haver outro morador. As caſas todas eram terreas, de pedra, e cal, as pedras mui grandes, todas engatadas com ferro, e cobre, o que diziam ſer por o tremor da terra, que naquella parte muitas vezes havia; e os telhados (por alli chover raramente) eram eirados ladrilhados, e muitas das caſas ricamente fabricadas, e ladrilhadas com azulejos; e que contava aquelle Mouro que alli eſtava, que áquella Cidade chamavam Baſçorá a velha. Da grandeza deſta Cidade andam pela terra contos incriveis. Hum Geografo Parſeo eſcreve, que eſta Baſçorá a velha foi fundada em tempo de Alí, tio, e genro de Mafamede, per hum Mouro chamado Atabad, filho de Garvan; e que no tempo de Bibal filho de Abibardaá havia nella cento e vinte mil eſteiros, que ſe derivavam dos rios Eufrates,

e Ti-

e Tigris, por virem ambos alli concorrer. E que ſendo tamanha ſe deſpovoára, porque a terra era muito ſalgada, e não tinha agua que beber, e lhe vinha de mui longe, e os poços que tinha eram mui ſalobros; e por a terra ſer mui calmoſa no tempo do verão, que não ſe podia ſoffrer o fervor do Sol, e no inverno o rigor do frio, por os ventos que vinham per aquellas campinas que matavam a gente, e por carecerem de lenha com que ſe aquentar. E que antigamente, quando aquella Cidade proſperava, traziam a agua per vallas do rio Eufrates, as quaes depois ſe tapáram com as cheias, e aguas do mar no tempo das marés, perque aquelle ſitio ſe veio todo ſalgar, e aſſi ſe deſpovoou; e que os moradores daquella Cidade ſe paſſáram huns a Bagadad, e outros a Baſçorá a nova. E porque Ptolomeu afaſtado do rio Eufrates quaſi naquella diſtancia ſitua huma Cidade per nome Beththana [a], já póde ſer que foſſe eſta, que ſendo-o, ſería reedificada, e povoada por Atabad.

A Ilha de Gizaira fazem os dous famoſos rios Eufrates, e Tigris. Naſceo o Eufrates na Turcomania, e o Tigris em Adil-

[a] *Em altura de 32. gráos, e 52. min. no liv. 5. cap. 20. e na Taboa 4. de Aſia.*

Adilbegiam [a]; e fazendo ambos aquelle grão cerco, a que os Geografos chamam Meſopotamia, que quer dizer, terra entre dous rios, quando o Eufrates vem dar na Provincia, a que Ptolomeu chama Babylonia, [illegible] lan-

a O rio Eufrates naſce naquella parte da Armenia maior, que ſe chama Turcomania, do monte Pariades, do qual tem tambem ſeu naſcimento o rio Araxes. Eſte corre a Levante, e entra no mar Caſpio, e o Eufrates faz ſeu curſo per hum eſpaço a Ponente, donde volta a Meiodia, atraveſſando o nomeado monte Tauro para ſe ajuntar com o Tigris. Antes de paſſar aquelle célebre monte, ſe chamava antigamente Pyxirato, e depois de paſſado, Omira, como eſcreve Plinio no cap. 24. do liv. 5. E no cap. 26. do liv. 6. diz, que os Aſſyrios lhe chamavam Armalchar, ou mais propriamente Naarmalcha, como lhe chama Am. Marcellino, que ſignifica rio Real, que he o meſmo que Baſiiio, nome, que pela meſma cauſa lhe dá Ptolomeu na 4. Taboa da Aſia; e por ella conſta ſer hum braço do meſmo Eufrates, que rega a Provincia, e Cidade de Babylonia, pela qual paſſa. O nome Hebreo, que tem na Sagrada Eſcritura, he Pharath, que quer dizer Fortificativo; e Joſefo no cap. 2. do liv. 1. das Antiguidades lhe chama Phora, e hoje os Armenios Frat, e os Turcos Murat. O rio Tigris naſce em huma Provincia da Armenia maior, que Ptolomeu chama Gordene, e hoje Curdi; o ſeu nome antigo foi Sollax, como affirma Plutarco o Moço no tratado dos Rios. No ſeu naſcimento, onde corre vagaroſamente, ſe chamou Diglito, como eſcreve Plinio no cap. 27. do liv. 6. E quando ſe apreſſa, e correm com impeto ſuas aguas, por razão delle lhe puzeram os Medos o nome de Tigris, que entre elles quer dizer Setta; e por a meſma cauſa, e ſignificação tem na Sagrada Eſcritura o nome de Hide Kel, que he Siriaco. Diglath lhe chama Joſefo, e os nomes modernos são varios, ſegundo as Provincias per que paſſa, porque lhe chamam Hidecel, Derghele, Sir, e Set.

lança-se do Sul para o Norte , e faz hum agudo cotovello defronte da Cidade Bagadad , per que passa o Tigris ; e entre hum , e outro rio não fica mais espaço que sete leguas , as quaes nas grandes crescentes delles todas se cobrem de agua. Deste cotovello volta Eufrates ao Sul , e rompendo com grande impeto , se parte em dous braços , hum se vai metter no Tigris , e o outro correndo com o mesmo curso , alaga toda a terra de Basçorá té se juntar com as outras aguas suas , e do Tigris em Corna , que he huma fortaleza , que os Turcos fizeram no canto da terra deste ajuntamento. Daqui vam ambos os rios em hum corpo té entrar no mar Parseo per duas bocas que fazem huma Ilha , a que os Parseos chamam Murzique , e Ptolomeu , e Plinio situam nella o lugar Teredon [a]. Nesta Ilha vivem alguns pescadores , por ser toda cuberta de canaveaes , e tão baixa , que estam quasi sobre a barra deste rio quando vem do mar , e não a vem , nem se toma senão per Pilotos , que estam alli perto em outra Ilha chamada Cargue ; e porque o Eufra-

[a] *Este lugar querem Mercator , e Ortelio que seja Basçorá , em que se enganam , porque Teredon situa Ptolomeu no meio da Ilha , e Basçorá não está nella , senão trinta leguas das bocas do rio , e fica á mão direita da sua corrente , e não á esquerda , como estes Authores a põe em suas Taboas Geograficas.*

tes, depois que a primeira vez ſe junta com o Tigris, ambos retalham toda aquella terra. A que he aſſi cercada, e cortada dos rios, chamam os Perſas Gizera, e os Arabes Leziras, vocabulo que entre muitos outros nos ficou delles do tempo que ſenhoreáram Heſpanha. E a principal, e maior dellas, a que os naturaes chamam Vacet, e nós Ilha de Gizaira, que he vizinha de Baſçorá, e a ultima que eſtes rios fazem, onde eſtá a fortaleza de Corna, terá de circuito mais de quarenta leguas, e toda cheia de caſtellos, pola maior parte de madeira, em que cada hum vive ſobre ſi, e de dentro de ſuas abertas tem ſua fazenda, onde ninguem lha vai devaſſar. Eſtas povoações, que todas eſtam pela terra dentro afaſtadas de agua, mais são para ſe defenderem huns dos outros, que dos eſtrangeiros, por elles ſerem tão bellicoſos, que em ſuas contendas tem que fazer toda a vida. O Rey he pouco obedecido, e por iſſo quem mais póde tem mais juſtiça no que quer, e não ha outra entre elles. He gente bem diſpoſta, e ligeira, não tem uſo de cavallos, ſómente ElRey os tem para ſua peſſoa; polo que ſuas guerras são ſempre a pé, ſuas armas principaes são fréchas, e aſſi havia naquella Ilha Gizaira quarenta mil frécheiros. Antigamente obedeciam todos ao Senhor de

Ba-

Bagadad; mas depois que o Turco começou a contender com o Xiah Iſmael, hum Mouro poderoſo que alli preſidia, naquellas differenças ſe intitulou por Rey, ſobre o qual o Xiah Tamas quizera vir; e ſabendo que toda a Ilha era retalhada de eſteiros, e que cada vez que queriam ſeus moradores, alagavam toda a terra, o deixou de fazer. Eſte Mouro, que ſe levantou por Rey, que era Pai do que neſte tempo vivia, e contendia com o Senhor de Baſçorá, tinha poſto de ſua mão a eſte Ale Mogemez naquelle lugar, como Feitor ſeu, para lhe recadar os direitos das couſas que per alli paſſavam; e elle em quanto aquelle Senhor de Gizaira contendia com o Senhor de Bagadad, fez-ſe forte; e como era Arabio da ſeita de Mahamed, e inimigo dos da opinião de Alí, que são aquelles de Gizaira, levantando-lhe de todo a obediencia, ſe intitulou Rey, como eſte de Gizaira fez ao Senhor de Bagadad. E com tudo por obediencia pagava eſte Ale Mogemez ao Rey de Gizaira paſſado certas parcas em ſinal de ſubjeição, e vaſſallagem. E a cauſa por que o de Gizaira lhe fazia agora guerra, era, que havendo annos que Ale Mogemez não queria pagar eſte tributo, além deſta rebellião, lhe mandou matar hum filho, andando á caça na terra

 fir-

firme da parte da Arabia, onde elle tinha tomado dous lugares a Ale Mogemez: polo que por medo d'ElRey de Gizaira mandou Ale Mogemez pedir ajuda a Christovão de Mendoça. E porque os Capitães de Ormuz tem muita neceſſidade da amizade do Senhor de Baſçorá, e nella tem ſempre hum Feitor, que lhes adminiſtra ſua fazenda, e ordinariamente cada anno vam dalli ſetecentos, e oitocentos cavallos a Ormuz, e dahi para a India, que dam muito rendimento a ElRey de Portugal nos direitos que pagam, favorecem muito as couſas daquelle Mouro.

CAPITULO XIV.

Como Belchior de Souſa foi recebido d'ElRey de Baſçorá, e foi com elle contra ElRey de Gizaira.

AO tempo que Belchior de Souſa chegou a Baſçorá, andava ElRey no campo á caça, e em dous dias que elle tardou, deixou-ſe eſtar Belchior de Souſa no bargantim meia legua da Cidade, ſendo viſitado do ſeu Governador com muito refreſco, e frutas de noſſa Europa. Vindo ElRey, mandou ao ſeu Governador, e aos principaes de ſua caſa, que foſſem acompanhar a Belchior de Souſa, e elle foi com

par-

parte de ſua gente a mais luzida, ſem armas, ſó dous homens levou armados com eſpadas de ambas as mãos para dar moſtra a ElRey, o qual por lhe fazer honra o eſtava eſperando em hum terreiro grande ante ſuas caſas, que ſería de quarenta braças em quadra, com as coſtas em huma parede, aſſentado em hum coxim de ſeda ſobre huma alcatifa de ouro, e junto com elle eſtava outra de lã para Belchior de Souſa. De longo das paredes do pateo era tudo eſteirado, em que eſtavam aſſentados em cócaras mais de dous mil homens. No meio do terreiro andava hum Eſtribeiro d'ElRey em cima de hum formoſo cavallo, paſſeando; e dez, ou doze homens a pé traziam outros tantos cavallos pela redea, por eſta ſer a maior honra com que elles recebem os Embaixadores, dando-lhes moſtra dos cavallos de ſuas peſſoas. Além deſtes andavam outros homens a huma parte do terreiro eſgrimindo com lanças de c anna, e cofos por eſtado; e tudo iſto era ao ſom de humas doçainas ao ſeu modo, que aos noſſos parecêram bem. Junto d'El Rey eſtavam ſete, ou oito muſicos, cantan do per livros com vozes acordadas per arte, que foi aos noſſos couſa nova; porque os Arabes da noſſa Barberia não uſam della, o que parece eſtes de Baſçorá aprendêram dos Perſas. El-

Rey

Rey aſſentado naquella almofada, com ſuas pernas cruzadas, tinha veſtida huma camiſa de linho tinta de azul, e ſobre ella huma algerevia de lã, e na cabeça huma grande, e não mui delgada touca, ſem mais outro arreo, moſtrando-ſe mui Arabe no trajo, de que ſe elles muito prézam. Entrando Belchior de Souſa acompanhado do Guazil, foi té onde ElRey eſtava, o qual ſahio fóra da alcatifa, e o levou pela mão a aſſentar na que eſtava poſta para elle. Paſſada a primeira prática de ſeus cumprimentos, mandou ElRey chegar para ſi os dous homens, que Belchior de Souſa levava armados, e apalpou todas as armas, e chamando a hum ſeu armeiro, lhe perguntou ſe lhe faria outras daquella maneira, porque lhe pareciam bem, e pedio a Belchior de Souſa que os mandaſſe jogar das eſpadas, o que elles fizeram mui bem, e ElRey folgou muito de os ver.

Deſpedido Belchior de Souſa d'ElRey para ir a repouſar, ao outro dia o mandou vir per o proprio Guazil, e lhe deo conta de ſeus trabalhos, e guerra, que havia dez annos que lhe ElRey de Gizaira fazia; e que quanto á morte de ſeu filho, de que ſe elle mais ſentia, jurava em verdade que elle lho não mandára matar, e que a morte fora per deſaſtre, e não per outra via:

que

que verdade era que elle mandára aquelle ſeu Capitão, que trabalhaſſe de o cativar; para ſobre ſeu reſgate fazer alguma paz. Belchior de Souſa como trazia inſtrucção do que havia de requerer a ElRey de Baſçorá, depois de o conſolar em ſeus trabalhos, e dizer que para lhe valer nelles, o mandára o Capitão de Ormuz, começou de o culpar em ter comſigo Turcos inimigos dos Portuguezes, e os recolher, ſabendo que nos offendia, e tinha fuſtas, que hiam ao mar de Perſia fazer algumas prezas em os navios que levavam mantimentos, e mercadorias a Ormuz. Ultimamente deſta prática, e de outras couſas que lhe Belchior de Souſa propoz ſobre amizades, e boa vizinhança, que comnoſco lhe cumpria ter em Ormuz, de que tanto bem, e proveito recebia, elle Ale Mogemez prometteo, que em ſatisfação daquella ajuda, que lhe vinha dar, lhe entregaria as fuſtas que tinha, que ſeriam ſete, pois dizia deſcontentar-ſe o Capitão de Ormuz de as elle ter. E que na ſua terra não conſentiria Rumes, que os que ao preſente alli eſtavam, paſſada aquella neceſſidade, os deſpediria. Mas que o que delle Belchior de Souſa ſómente queria, era fazer com ElRey de Gizaira foſſe ſeu amigo, ou o ajudaſſe a cobrar duas fortalezas, que lhe tinha tomadas

na

na terra da Arabia ao longo do rio Eufrates.

Concertado que fossem contra ElRey de Gizaira, se fez prestes o de Basçorá em espaço de quinze dias, e partio com duzentas dalaças, que são humas barcas grandes ladas, e rasas, em que levou cinco mil homens de pé, seiscentos delles espingardeiros, e as sete fustas mui bem artilhadas, de que a menor levava sete bombardas, e nellas hiam cincoenta Rumes vestidos todos de vermelho, e outros tantos homens da terra, dos mais principaes, nas quaes hia ElRey. Per terra ao longo do rio mandou hum sobrinho seu com té tres mil homens encavalgados em eguas, (porque os cavallos vendem elles para Ormuz,) dos quaes os quatrocentos eram acubertados ao modo da Persia, armados com saias de malha, todos mui bem concertados, segundo seu uso. E porque ao longo do rio ventou Noroeste, que sempre alli cursa, se detiveram no caminho tres dias em chegar ao lugar aonde hiam, sendo poucas as leguas. Assentando ElRey seu arraial na terra firme da banda da Arabia, defronte donde ElRey de Gizaira tinha assentado o seu, em que dizem que havia doze mil homens os mais delles frécheiros, estiveram espaço de nove dias em silencio, sem travarem escaramuça huns com os outros.

Bel-

Belchior de Sousa vendo esta dilação, e que nestes dias se não fizera mais que ir dar mostra a ElRey de Gizaira, e esbombardear pelos ares, apertou com ElRey Ale Mogemez, que não deixasse passar mais tempo, porque se perdia conjunção; ao que elle respondeo, que se não agastasse, e o deixasse fazer, porque elle sabia como as cousas daquella terra queriam ser tratadas; té que hum dia veio á fusta de Belchior de Sousa, e disse-lhe, que era necessario escrever elle Belchior de Sousa a ElRey de Gizaira, e que elle daria a fórma da carta para o negocio vir a bom effeito. A carta se escreveo em lingua Arabiga, e se mandou a ElRey de Gizaira, cuja substancia era, que Belchior de Sousa viera alli per mandado do Capitão de Ormuz, por saber que elle, e ElRey de Basçorá andavam em guerra sobre as differenças que tinham. E por ambos serem vizinhos de Ormuz, elle queria usar officio de bom vizinho, e assi mandava a elle Belchior de Sousa para os metter em paz, e amizade, e que aquelle que a recusasse o tivesse por inimigo, e lhe fizesse o mal, e damno que pudesse, e a todos seus naturaes; e que para esta paz se effeituar, trouxera logo comsigo a ElRey de Basçorá, o qual era contente de estar por o que elle Belchior de Sousa nisso fizes-

zeſſe, tendo informação do caſo. Mandada eſta carta per hum Mouro mercador, veio logo a reſpoſta della, em que dizia ElRey de Gizaira, que pois elle era o offendido, que razão fora de ir primeiro fallar com elle, que com Ale Mogemez, que o poderia informar como convinha a ſeu propoſito. Porém por elle ſer o primeiro Portuguez que fora áquelle ſeu Reyno, e tal peſſoa, e tambem por ſer aquelle o primeiro requerimento do Capitão de Ormuz, com quem deſejava ter amizade, elle era contente de fazer paz com Ale Mogemez, e que para iſſo mandaria logo dous criados ſeus para a aſſentarem, e que tudo o que fizeſſem elle o aſſinaria.

CAPITULO XV.

Como Belchior de Souſa aſſentou pazes entre os Reys de Baſçorá, e de Gizaira: e como do de Baſçorá veio deſavindo por lhe faltar da promeſſa que lhe fez.

NO fim de quatro, ou cinco dias, que os procuradores d'ElRey de Gizaira eſtiveram com ElRey de Baſçorá, aſſentáram com elle pazes, com eſtas condições: Que ElRey de Gizaira entregaſſe ao de Baſçorá as duas fortalezas, que lhe tinha toma-

madas na terra firme, e por ellas lhe daria logo o de Basçorá cinco mil cruzados, e cincoenta covados de velludo preto, e doze cavallos, e que cada anno lhe pagasse o tributo que lhe soia pagar. E porque Belchior de Sousa, quando soube do concerto da paz, disse a ElRey de Basçorá, que elle não viera alli para fazer pazes per tanto preço, senão francamente, e com honra sua, e se mostrava disso descontente; ElRey de Basçorá se agastava, como quem desejava ver-se seguro no Reyno que usurpára, e pedia a Belchior de Sousa com grande encarecimento se contentasse, porque o partido lhe vinha muito bem, e nunca cuidára que ElRey de Gizaira viesse a concerto com elle. E porque sabia que ElRey de Gizaira aguardava que elle Belchior de Sousa lhe mandasse os agradecimentos do que fizera, lhe pedia lhe désse hum Portuguez para ir com os seus, que havia de mandar a affinar o que tinham assentado: pelo que Belchior de Sousa mandou a hum Gaspar do Casal com o sobrinho d'ElRey de Basçorá, que foi a esse negocio.

Acabadas de confirmar estas pazes, e ElRey Ale Mogemez posto em sua casa, determinou-se em não cumprir a promessa que fizera a Belchior de Sousa de lhe dar as fustas que tinha; e temendo que lhas tomas-

maſſe per força, quando lhas negaſſe, mandou-as metter pelos eſteiros em parte onde os Portuguezes não pudeſſem ir, nem Belchior de Souſa ſoube parte dellas; e requerendo a ElRey que cumpriſſe com elle, eſcuſava-ſe, dizendo ſer couſa mui afrontoſa para elle dar ſuas fuſtas, que lhe daria em lugar dellas mil xerafijs, que podiam valer. Belchior de Souſa vendo que per nenhum modo lhas podia tirar da mão, diſſimuladamente mandou recolher hum Fernão Mendes, que lá eſtava feitorizando fazenda do Capitão de Ormuz, e aſſi outros Portuguezes; e como os teve comſigo, ſahio-ſe fóra do eſtreito da Cidade, e veio-ſe ao rio, onde tomou huma dalaça, e ſem fazer nojo á gente, per hum dos marinheiros della mandou dizer a ElRey, que pois lhe quebrava ſua palavra, e lhe não cumpria a promeſſa, elle lhe havia por quebrada a paz que tinha com Ormuz, e que mandaſſe guardar ſua terra, porque lhe havia de fazer quanto mal, e damno pudeſſe. Denunciada eſta inimizade, ſem lhe ElRey mandar reſpoſta, veio-ſe pelo rio abaixo, e deo em hum lugar, que ſería de trezentos vizinhos, em que haveria cincoenta de cavallo, os quaes vieram receber aos noſſos á praia; mas como elles víram tres, ou quatro derribados, recolhêram-ſe ao lugar

gar entre a gente de pé. E como a tenção de Belchior de Soufa era queimar efte lugar, foi dar ainda nelles, onde tambem derribou com as efpingardas cinco, ou feis, com que o lugar foi defpejado, e com bombas de fogo o mandou queimar, por fe não derramar a gente, fendo os que fó tinham comfigo trinta e cinco homens, que os mais ficavam nos bargantijs. Queimado efte lugar, paffou-fe da banda da Perfia, e foi dar em outro de cem vizinhos, que tambem queimou. O que feito, tornou dar vifta a Bafçorá, e andou na boca do feu efteiro tres, ou quatro dias, por não dizerem os Mouros que fugia ás fuas fuftas, que podiam mandar fobre elle Armadas com os Turcos.

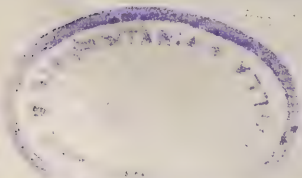
E vendo que ifto baftava, e que não tinha já polvora para alli andar mais tempo, partio-fe via de Ormuz ao longo da cofta de Perfia, por dar huma vifta á Villa de Rexet, que fería de dous mil vizinhos; cercada de muros de pedra, e cal, e de cafas mui nobres, como na Perfia coftumam. O Senhor que então era defta terra, havia pouco que por fer Senhor della, não efperando o que o tempo lhe poderia dar, matára a feu pai ás fréchadas. Com efte concertou Belchior de Soufa em odio d'ElRey de Bafçorá, que dalli mandaffe os

ca-

cavallos a Ormuz, que hiam per via de Basçorá, porque lhos tomariam lá de melhor vontade; o que elle acceitou por o muito proveito que dahi lhe vinha, e aquelle anno foram per sua ordem mais de trezentos cavallos a Ormuz. Mas isto durou pouco, porque dous irmãos deste parricida, a que elle quizera matar como a seu pai, o matáram a elle ás punhaladas per juizo de Deos, que he justiça universal de todas as gentes.

CAPITULO XVI.

Como Belchior de Sousa veio a Ormuz, e provendo-o o Governador da capitanía mór do mar, o mandou a Baharem, e do que lá fez.

EM chegando Belchior de Sousa a Ormuz, deo razão a Nuno da Cunha do que deixava feito, do que elle ficou mui contente, por ver quão bem cumprio o que lhe Christovão de Mendoça mandára; e assi por aquelle serviço, como por as qualidades de Belchior de Sousa, o fez Capitão mór do mar de Ormuz. Desta capitanía hia do Reyno provído por ElRey Manuel de Sousa filho de Gonçalo de Sousa de Evora, que estava alli com Nuno da Cunha, e elle a renunciou em suas mãos, para della

la prover a quem lhe parecesse; porque como esperavam de ir aquelle anno sobre a Cidade de Dio, e elle era homem de maiores pensamentos, que de ser Capitão mór do mar de Ormuz, quiz a ventura do que o Governador lhe podia lá fazer, e a honra que esperava ganhar naquella empreza, antes que ficar alli. Parece que o chamava o lugar, e a hora em que havia de acabar, como depois acabou na mesma Cidade de Dio, com tanta sua honra, como veremos em seu lugar.

Nuno da Cunha por cumprir o requerimento d'ElRey de Ormuz, que era dar-lhe a posse da Ilha de Baharem, determinou de mandar lá Belchior de Sousa com quatro bargantijs, e alguma gente a prender Raez Barbadim, e deixar por Guazil naquella fortaleza, per ordem d'ElRey de Ormuz, hum Mouro chamado Mir Aberuz, por ser pessoa de que elle confiava. A ordem que levava para o poder fazer, era chegar ao porto de Baharem com fama que tornava a Basçorá fazer guerra a ElRey por o que tinha passado com elle, e alli fingir estar mal desposto, e mandar chamar da parte d'ElRey, e de Nuno da Cunha a Raez Barbadim, que lhe queria dizer algumas cousas da sua parte; que lhe pedia: pois elle com sua doença não podia sahir em

ter-

terra, que lhe quizeſſe alli vir fallar. Chegado Belchior de Souſa a Baharem, foi logo mandado viſitar per Raez Barbadim com refreſco de carneiros, e frutas; ao que elle reſpondeo com agradecimentos, e que muito mais folgára de os ir comer em terra com elle, mas por vir doente o não fazia. E que por elle trazer recados para elle d'El-Rey de Ormuz, e do Governador da India Nuno da Cunha, e ſerem couſas que ſe não podiam communicar per terceira peſſoa, lhe pedia vieſſe ao bargantij para lhos dar. Raez Barbadim como já eſtava aviſado de tudo o que paſſava em Ormuz, reſpondeo a eſte recado, que não curaſſe de artificios com elle, que fallaſſe claro, que bem ſabia ao que era vindo, que ſe trazia comſigo Mir Áberuz, que o mandaſſe ſahir em terra, que elle lhe entregaria a fortaleza. Belchior de Souſa quando neſtas palavras, e em outras claramente entendeo que elle era ſabedor da cauſa da ſua vinda, mandou vir Mir Aberuz, que eſtava em outro bargantij, e com elle João Peſſoa, e Antonio Dias, ambos criados d'ElRey, per os quaes mandou huma carta de Nuno da Cunha a Raez Barbadim, em que lhe dizia, que El-Rey D. João ſeu Senhor mandára ir Raez Xarafo a Portugal, para delle ſaber algumas couſas de ſeu ſerviço, e bem, e aſſo-

ce-

cego daquelle Reyno de Ormuz; e ſabendo o parenteſco, e razão que ambos tinham, havia por bem que elle Raez Barbadim ficaſſe em Ormuz com ElRey por ſeu Governador, em quanto Raez Xarafo andaſſe em Portugal. E que para ſe poder vir com Belchior de Souſa, entregaſſe a fortaleza a Mir Aberuz; pedindo-lhe elle Belchior de Souſa por razão de hum regimento que levava do Governador Nuno da Cunha, e aſſi d'ElRey de Ormuz, que ſe vieſſe embarcar com elle, e não o querendo fazer, o havia por traidor, e levantado, e quantos eſtavam com elle, ſe lhe obedeceſſem. Ao que reſpondeo Barbadim, que elle via ſeu cunhado prezo, e levado a Portugal, e por tanto não ouſava entregar ſua peſſoa em poder alheio, e muito menos dos que queriam mal a ſeu cunhado. E quanto ao deſpejar da fortaleza, que ſe foſſe elle Belchior de Souſa em boa hora, e lhe deſpejaſſe o porto, para elle livremente ſe paſſar a viver á banda de além da Perſia, que a Ormuz nunca o Deos levaſſe, pois nelle tudo eram revoltas, e inquietações. Belchior de Souſa, poſto que o ſegurava deſtes receios, nunca o pode trazer a concluſão, ſómente dizia, que ſe o haviam por dizer que devia dinheiro a ElRey, ſem embargo de não ſer aſſi, por viver em

paz, e ſem ſobreſaltos, daria a ElRey trinta mil xerafijs. Depois que Belchior de Souſa provou todos os meios ſem fruto, eſcreveo a Nuno da Cunha o que paſſava, e que Raez Barbadim eſtava poſto em ſe defender, porque tinha comſigo oitocentos homens Parſeos em huma fortaleza, que do mar lhe parecia mui bem: Que lhe enviava João Peſſoa, e Antonio Dias, que elle per vezes lá mandára com recados, os quaes lhe poderiam dar larga relação de tudo, porque o víram, e tratáram; e que elle ſe deixára ficar naquelle porto, defendendo o ſoccorro de mantimentos, e gente da coſta de Perſia, donde ſe elle provía, e que os peſcadores não foſſem peſcar, que ſe lhe bem pareceſſe mandaſſe mais gente, e as munições neceſſarias, que elle commetteria a fortaleza. A eſta carta reſpondeo logo Nuno da Cunha per João Peſſoa, dandolhe as graças do que fizera, e encommendando-lhe que defendeſſe a entrada daquelle porto, como fazia, porque atrás iſto lhe iria recado do que ſe havia de fazer.

Poſto eſte caſo em conſelho, e dadas muitas razões por diverſos reſpeitos, foram todos de parecer, que para aquella empreza ſe havia miſter muita gente: pelo que ordenou Nuno da Cunha, que ſeu irmão Simão da Cunha, que havia de ſervir de

Capitão mór do mar da India, fizesse aquella jornada. Para ella lhe mandou Nuno da Cunha fazer prestes oito vélas com quatrocentos homens, de que eram Capitães Dom Fernando Deça, D. Francisco Deça, Aleixo de Sousa Chichorro, Lopo de Mesquita, Manuel d'Alboquerque, Francisco de Mendonça, e Tristão de Taíde, e mais algumas terradas d'ElRey de Ormuz; em que hia gente para serviço, mais que para pelejar.

CAPITULO XVII.

Como Nuno da Cunha se partio para a India com a gente que tinha comsigo em Ormuz da sua Armada: e de algumas cousas que deixou feitas para quietação do Reyno.

Depois da partida de Simão da Cunha para a Ilha de Baharem, que foi aos 8 dias de Setembro, quando se celébra o Nascimento de N. Senhora, começou Nuno da Cunha entender em sua viagem para a India. E porque temia que por ElRey de Ormuz ser moço, e inclinado a vicios, e que depois de elle partido, como já ficava mais senhor de si, podia commetter algumas cousas contra o serviço d'ElRey de Portugal, determinou de o refrear, e tirar-lhe antes que partisse algumas occasiões.

A primeira foi, que por elle ter hum ſeu irmão prezo, dizendo que o quizera matar, não o quiz deixar em ſeu poder; mas por boas razões o mandou levar á fortaleza, e o entregou ao Capitão Chriſtovão de Mendoça com guarda nelle, porque com eſte moço em noſſo poder temeſſe ElRey, que fazendo alguma couſa que não deveſſe, o poderiam os Portuguezes levantar por Rey, por ſer moço bem inclinado, e noſſo amigo. Tambem mandou deſterrar de Ormuz hum irmão de Raez Barbadim, homem que era perjudicial na Cidade. Aſſi meſmo lhe tirou de caſa outro ſobrinho de Raez Xarafo, que lhe ſervia de Guarda mór, a que ElRey era inclinado por lhe conſentir em algumas deſordens, e deixar cumprir ſeus appetites. E poſto que elle conſentio perder a converſação deſte homem, era já tamanho o odio que tinha ás couſas de Raez Xarafo, que o ſoffreo bem. Ultimamente Nuno da Cunha não deixou em Ormuz homem, de que ſe pudeſſe preſumir que aconſelharia a ElRey alguma maldade. Por Guazil lhe deixou aquelle fiel, e leal a noſſas couſas Xech Raxit, que eſtava em Maſcate, couſa que os Mires, que são os Fidalgos d'ElRey, ſoffrêram mal por ſer Arabio, a que os Perſas não tem boa vontade. E poſto que ElRey poz eſſe inconveniente a Nu-

a Nuno da Cunha, movido per algumas pessoas que disso se descontentavam, toda-via como em Ormuz não havia homem de tanta qualidade como aquelle, e os que havia todos eram parentes, e chegados a Raez Xarafo, que era gente suspeitosa, houve Nuno da Cunha por mais seguro ficar Xech Raxit por Guazil. E porque o officio era tão cubiçado, e o maior que Raxit podia desejar, elle o não queria acceitar, e fallou nisso a Nuno da Cunha em segredo, dizendo que o pejo que tinha a servir aquelle cargo era ter elle morto Raez Delamixá, irmão de Raez Xarafo, pela maneira que elle sabia, por servir nisso a ElRey de Portugal, e que ficando naquelle cargo tão honrado, e invejado entre os parentes de Xarafo, sempre haviam de embicar nelle, como gente magoada, que elle queria antes hum repouso, que vida tão temida. Nuno da Cunha vistas as razões de Xech Raxit, e que não eram fingidas, o houve por homem para muito, e digno de maiores cargos; e não lhe acceitando as escusas, com grande solemnidade o entregou a ElRey, dando-lhe juramento, que bem, e verdadeiramente servisse aquelle officio, e fosse leal a ElRey. Deste modo de entrega ficou ElRey contente, e dahi em diante não deo cargo algum sem aquelle juramento. E lo-

go

go mandou vir huma cabaia de brocado, e ſeu carapução, e fota a ſeu uſo, que he o trajo dos Reys, e Governadores daquellas partes, com que veſtio a Xech Raxit, como em poſſe, e inveſtidura do officio de que folgava de o encarregar. Vendo ElRey quantas couſas Nuno da Cunha fizera em tão pouco tempo, e que todas eram em proveito do Reyno, e que o tratava como a filho, e ſem nenhuma moſtra de cubiça, hum dia eſtando já em veſperas de partida, lhe metteo na mão hum fio de perolas, pedindo-lhe que por amor delle o tomaſſe. Nuno da Cunha o tomou por o não eſcandalizar, e porém elle as mandou a Portugal a ElRey per Manuel de Macedo.

Acabadas eſtas couſas, a 15 de Setembro ſe partio de Ormuz, e dahi veio ter a Maſcate, onde tinha deixado as náos que atrás diſſemos. De Maſcate partio com aquellas vélas, de que hiam per Capitães Antonio da Silveira de Menezes, que viera de Moçambique, deixando de ſervir a capitanía de Çofala, por ſe vir á India com elle por ſerem cunhados, e D. Fernando de Lima, Antonio de Lemos, e Luiz de Andrade, com a qual frota com tempos contrarios não podendo tomar Chaul, foi ter junto de Dabul, onde achou Fernão Martins Evangelho, que o andava alli eſperando

do com huma galeota, e quatro bargantijs que fizera á ſua custa para ſervir ElRey. Com esta companhia chegou Nuno da Cunha á barra de Goa a 22 dias de Outubro, onde logo vieram a elle Franciſco de Sá, Lopo de Azevedo, e outros Fidalgos, per os quaes ſoube como Lopo Vaz de Sampaio estava em Cananor fazendo-ſe prestes para ſe vir ao Reyno [a], e levára dahi comſigo Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar com toda a Armada que trazia para andar na costa do Malavar. E que do Reyno eram vindas quatro náos [b] da carreira, de que viera por Capitão mór Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira cunhado delle Nuno da Cunha, irmão de D. Maria da Cunha ſua primeira mulher. Das outras tres náos eram Capitães Henrique Moniz, Ruy Gomes da Gram, e Ruy Mendes de Meſquita, e assi ſoube como Eitor da Silveira estava em Chaul, onde invernára. Nuno da Cunha antes que deſembarcaſſe, per navios de remo provêo logo no que cumpria. A Diogo da Silvei-

ra

a Frota da India do anno de 1529.

b Estas quatro náos chegáram á barra de Goa dia de S. Bartholomeu. Henrique Moniz Capitão de huma dellas morreo no mar. Levava comſigo dous filhos de pouca idade, Aires Moniz, e Antonio Moniz Barreto, que depois foi Governador da India. Diogo do Couto *Dec.* 4. *liv.* 6. *cap.* 6.

ra eſcreveo que ſe vieſſe a elle com as cartas que d'ElRey trazia. A Lopo Vaz de Sampaio, que lhe mandaſſe o galeão São Diniz para ir nelle, porque em Goa não faria detença por ſer já tarde. A Antonio de Miranda mandou que trouxeſſe toda a Armada; e o meſmo eſcreveo a Eitor da Silveira, deixando ſómente a ordenada da fortaleza de Chaul. Deſpedidos eſtes recados, ao outro dia quantos navios de remo havia na Cidade ſe vieram a elle, que hia na galeota de Fernão Martins Evangelho. A feſta do mar foi grande de artilheria, muſica, e bandeiras; e com eſte apparato, e eſtrondo chegou ás portas da Cidade, que eſtavam cerradas, e ſe abríram, ſendo preſente D. João Deça Capitão da Cidade, e os Vereadores, e Officiaes della, os quaes lhe apreſentáram ſeus privilegios dados por ElRey D. Manuel, e confirmados por ElRey D. João, pedindo-lhe juraſſe de os cumprir, e guardar; o que Nuno da Cunha jurando, ſegundo coſtume, lhe foram entregues as chaves das portas da Cidade per D. João Deça, a quem as elle logo entregou. E mettido debaixo de hum palleo de brocado, foi levado por os mais principaes Officiaes da Cidade, e per o Vigairo com toda a Clerizia em procißão á Sé com o canto de *Te Deum laudamus*,

com

com tanta ſolemnidade, como ſe pudéra fazer á peſſoa d'ElRey. Feita ſua oração, ſe foi apoſentar ás caſas do Sabaio, por ſer o apoſento dos Governadores. Paſſados cinco dias de ſua chegada a Goa, chegou Antonio de Saldanha de Cochij, ſem ſaber da vinda de Nuno da Cunha. E porque de Mombaça (como atrás diſſemos) tinha Nuno da Cunha eſcrito a Lopo Vaz de Sampaio, e a Affonſo Mexia, que lhe tiveſſem feitos grandes apercebimentos para a ida de Dio [a], de que não achou couſa que lhe déſſe eſperança para aquelle anno poder lá ir, fallou ſobre iſſo com Antonio de Saldanha, por vir de Cochij, onde algumas couſas daquellas ſe apercebiam, e com alguns Capitáes, e peſſoas notaveis, e Officiaes de Goa, e aſſentou que ſe devia elle partir para Cochij, aſſi a iſſo, como a dar ordem á carga das náos, que haviam de partir para o Reyno. E antes que partiſſe, chegou Diogo da Silveira com as cartas que lhe ElRey eſcrevia, nas quaes lhe dizia, que

ſe

a Lopo Vaz de Sampaio tinha apreſtado huma Armada para Nuno da Cunha de quatorze galeões, oito galés, dez galeotas, ſeis caravelas, duzentas fuſtas, e bargantijs, dos quaes navios elle fez de novo no tempo do ſeu governo ſeis galeões, huma taforea de quinhentos toneis, ſeis galés, oito galeotas, quatro caravelas, cincoenta bargantijs, e fuſtas, que ſe fizeram dos paráos que ſe tomáram aos Malavares nas Armadas que ſe lhe desbarataram. Franciſco de Andrade *Part. 2. cap. 46.*

ſe o negocio de Dio não era acabado, lhe tornava a encommendar, que o não commetteſſe ſenão mui provído de tudo, para que por falta de alguma couſa ſe não deixaſſe de acabar com todo o reſguardo, e ſegurança da gente. Com eſta lembrança que ElRey fez, ſe poz em mais dúvida de ir aquelle anno, e com eſte penſamento ſe partio para Cochij.

CAPITULO XVIII.

Do que Simão da Cunha paſſou em a Ilha de Baharem, e depois de a combater ſe recolheo por a doença geral que veio a todos.

SImão da Cunha partindo (como atrás diſſemos) de Ormuz a 8 dias de Setembro para ir á Ilha de Baharem, por razão dos tempos contrarios chegou a 20 do meſmo mez, ſendo o caminho no mais que de cento e vinte leguas; e antes de chegar ao porto ſe veio a elle Belchior de Souſa, que o andava guardando, para Raez Barbadim ſe não prover de gente da Perſia; poſto que em quarenta dias que alli andou té Simão da Cunha chegar, Raez Barbadim recolheo, além dos que já dantes tinha, ſeiscentos homens, que lhe entráram per outros portos que a Ilha tem. A fortaleza em

que

que Barbadim eſtava era ſituada em hum teſo ſobre o porto, o qual tinha por abrigo huma Ilheta pequena, em que ſe recolhiam peſcadores. No circuito deſta fortaleza havia dezeſete cubellos com ſua cerca de pedra, e cal, e barbacã, e per tudo ſuas ameas, e ſeteiras, e huma torre de homenagem mui formoſa; e em hum dos cubellos eſtava a porta da entrada da torre mui bem requeſtada. A barbacã era torneada de huma grande cava com ſua ponte levadiſſa. E porque em modo de arrabalde haviam neſte circuito algumas caſas de gente pobre, Raez Barbadim as mandou derribar, e queimar, antes que Simão da Cunha vieſſe, como homem que eſperava ter cerco: e eſtava tão determinado de ſe defender, que té huns Arabios principaes, com ſuas mulheres, e filhos, dos quaes ſe temia por as tyrannias que lhes fazia, recolheo comſigo, receando que ſe levantaſſem contra elle com a outra gente commum, e eſtando dentro, os tinha em modo de refens. E tanto que Simão da Cunha ſurgio, o Barbadim mandou arvorar na torre da homenagem huma bandeira vermelha [a], que não

era

[a] A primeira bandeira, que Barbadim arvorou na fortaleza, foi branca, e com o refreſco mandou dizer a Simão da Cunha, que elle ſe fizera forte naquelle caſtello por cauſa da prizão de ſeu cunhado Raez Xarafo: mas já que ElRey de Portugal o mandára fazer, que elle, como

era ſinal de paz; e ſem embargo diſſo, mandou logo viſitar Simão da Cunha com carneiros, e refreſco da terra, e dizer-lhe, que ſua vinda foſſe boa, que elle era vaſſallo d'ElRey de Portugal, e d'ElRey de Ormuz, e que como tal, que era o que mandava delle? que lhe pedia que mandaſſe lá a praticar com elle huma peſſoa de qualidade, porque elle faria tudo o que foſſe razão. Simão da Cunha lhe mandou os agradecimentos de ſua viſitação, e que para lá mandar huma peſſoa tal como pedia, era neceſſario que mandaſſe elle outra, que ficaſſe em refens; e que prazeria a Deos que tu-

vaſſallo leal, queria eſtar á obediencia do ſeu Governador da India; que ſe elle Capitão mór queria aquella fortaleza, elle lha largaria livremente, e ſe iria com ſua mulher, e familia para outra parte. Simão da Cunha, como prudente, quizera acceitar o offerecimento; porém os Capitães, e Fidalgos, levados da cubiça da fazenda de Barbadim, o contrariáram; o qual vendo que ſe lhe engeitára o partido, que elle não movia de medo, poz a bandeira vermelha, e ſe defendeo; e continuando o cerco, mandou dizer a Simão da Cunha, que lhe aconſelhava que ſe foſſe daquella terra, porque era chegada a monção das febres, de que todos haviam de adoecer, e morrer. E depois quando com muito trabalho ſe embarcou a gente, e a artilheria, lhe mandou outro recado, que ſe embarcaſſe embora, e muito á ſua vontade, porque lhe não daria nenhum eſtorvo. E aſſi por ſe não acceitar o offerecimento de Barbadim, e por falta de polvora, foi tão deſgraciado o ſucceſſo deſta empreza. Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 102. *do liv.* 7. Diogo do Couto *cap* 4. *liv.* 6. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 51. *da* 2. *Parte.*

tudo ſe acabaria bem, como ſe confiava de peſſoa tão leal como elle era. Simão da Cunha deteve-ſe aquelle dia, eſperando que Raez Barbadim lhe mandaſſe a reſpoſta pelo ſeu viſitador; e vendo que não vinha, nem recado ſeu, deſembarcou ao dia ſeguinte com duas peças de artilheria groſſas, que entregou a Franciſco de Mendoça com todos os bombardeiros. Na avanguarda hiam Belchior de Souſa, e Triſtão de Taíde com oitenta homens, e elle com a bandeira Real levava toda a mais gente, deixando boa guarda nos navios. Com eſta ordem ſe paſſou da outra banda da fortaleza, por lhe dizerem que per aquella parte eram os muros mais fracos para lhe darem bateria.

Tinha Simão da Cunha em ſua companhia dous Mouros honrados, hum delles era Arabio de nação, chamado Barnegaez, e Xeque de muita gente, a quem eſte Raez Barbadim tinha deſterrado de Baharem; e ſabendo como Nuno da Cunha mandava ſobre elle, veio-ſe a Ormuz com alguma gente, pedindo-lhe por mercê, que para ſe vingar da offenſa que tinha recebido daquelle tyranno, lhe déſſe licença que elle ſe foſſe para Simão da Cunha. O Governador lha concedeo, e lhe deo as graças do offerecimento, fazendo-lhe por iſſo honra, porque

além

além defte odio, era muito amigo dos Portuguezes; e fendo Simão da Cunha partido havia tres, ou quatro dias diante, tanta preffa fe deo, que eftava já com elle antes que fahiffe em terra. O outro Mouro era hum Capitão de nação Baluche. Efte eftando na fortaleza com cem homens a foldo d'ElRey de Ormuz, quando vio que Raez Barbadim não fe queria entregar per mandado d'ElRey, fahio-fe da fortaleza, dizendo, que não era elle homem que havia de fer traidor ao Principe de que recebia foldo, e paffou-fe á Ilheta, que eftá defronte da fortaleza, onde efteve com favor de Belchior de Soufa té a chegada de noffa Armada.

Simão da Cunha por o recado que Raez Barbadim lhe mandára, ainda com elle quiz ufar de mais cortezia para ver fe podia levallo per modo de concerto; e affi mandou lançar hum pregão fob graves penas, que ninguem tiraffe á fortaleza com fetta, ou efpingarda, nem moftraffe em algum auto que a queria offender. Mas quando vio que na fua defembarcação tiráram da fortaleza tiros de bombardas, e de efpingardas, com que lhe feríram dous homens, entendeo que era neceffario refponder-lhes ao mefmo tom, e logo mandou a grande preffa defembarcar mais cinco tiros groffos, com que

que se começou a bater a fortaleza, e se continuou tres dias; e querendo proseguir a bateria, e mudalla a outra parte, onde o muro era mais fraco, achou-se sem polvora, de que ficou em estremo sentido, por ter muita obra feita com ella; e se outra tanta tivera, fora entrada a fortaleza. Neste mesmo tempo tinha elle mandado fazer escadas de mastos, e vergas de navios, que Belchior de Sousa alli tinha tomado, porque de Ormuz partio sem este apercebimento, que tão pouco era de effeito, faltando a polvora para despejar o muro, quando a gente subisse per ellas. Determinou porém de entrar per aquelle rompimento do muro; e para o poder fazer com a gente da terra, e Mouros que ajudavam, mandou entulhar a cava de palmeiras, e terra, na qual obra lhe frécháram de cima do muro muita gente, em que entráram estes Fidalgos Belchior de Sousa Tavares, Francisco de Mendoça, Martim de Freitas, Francisco Gomes Pinheiro, Antonio de Noronha, e outros homens honrados, e criados d'El-Rey, porque dentro da fortaleza Raez Barbadim tinha mais de seiscentos frécheiros Persas, e alguns espingardeiros, e sua artilheria posta no muro nos lugares de suspeita. De maneira, que entrar á escala vista per cima da cava, sem ter com que despejar o mu-

muro, era matar toda aquélla gente, de que a maior parte eram homens nobres, que neſtes caſos são os primeiros. Finalmente poſto o caſo em conſelho com os Capitães, e peſſoas principaes, foi aſſentado, que o cerco ſe continuaſſe, e que a grão preſſa mandaſſem a Ormuz buſcar polvora para acabar aquella empreza. Quando a polvora chegou, em dezeſeis dias que Alvaro Sardinha poz em ir, e vir á força de remo em huma terrada, não ſervio; porque naquelles dous mezes de Setembro, e Outubro são os ares daquella Ilha tão peſtilenciaes, que os proprios moradores naturaes ſe ſahem della; e aſſi em tres dias adoecêram duzentos homens, e vinha a febre tão furioſa, que não dava muito eſpaço ao enfermo, e eram mortos cem homens, e os mais doentes. E aconteceo que dando o mal a hum homem, que tinha veſtida huma ſaia de malha, deſpindo-a ſubitamente, cahio morto. Todavia vindo a polvora, Simão da Cunha mandou bater a fortaleza, e derribou hum bom lanço do muro; mas a gente eſtava tal, que nem com paz havia quem tomaſſe poſſe da fortaleza, quando ſe lhe entregára, quanto mais havendo quem tanto a defendia com polvora, e fréchas, porque em pé não havia ſeſſenta homens Portuguezes, e duzentos frécheiros Perſas, que andavam todos

com

com as forças tão relaxadas, que ſe não podiam ter nas pernas. Pelo que determinou Simão da Cunha de ſe recolher, e aſſi o fez de noite; e por encubrir ſeus trabalhos, com muitas folias, e tangeres fez recolher toda a artilheria, e a mais da gente por os Mouros o não ſentirem, e elle ſe embarcou de dia com Belchior de Souſa, Martim de Freitas, Triſtão de Taíde, e outros que foram os derradeiros, que ainda andavam em pé; e neſte recolhimento lhe fez honra Raez Barbadim em os deixar embarcar ſem rebate, que ſegundo todos andavam tocados daquelle mal, qualquer impedimento os acabára.

CAPITULO XIX.

Como Simão da Cunha adoeceo do mal geral, e morreo delle, e alguns Fidalgos, e o vieram enterrar a Ormuz.

REcolhido Simão da Cunha ao mar, achou outro tal trabalho nos mareantes, por ſerem tantos mortos, e doentes, que não havia quem pudeſſe marear os navios; polo que lhe conveio tomar os mareantes das terradas que andavam a peſcar per conſelho de Belchior de Souſa, que ſabia bem onde ellas andavam, e com elles fez tambem ſua aguada, de que tinha muita neceſſidade. E porque em os navios por

o grande número dos doentes, não havia que lhes dar, e muitos pereciam á falta, disse Belchior de Sousa a Simão da Cunha que Mir Aberuz lhe dissera, que se elle quizesse mandaria hum recado a Raez Barbadim, porque elle se offereceo a dar o que fosse necessario para os doentes; e per esta via houveram muitas passas, amendoas, gallinhas, farinha, e arroz, que consolou a gente em alguma maneira. Mas ao terceiro dia da sua partida sobreveio huma tão grande calmaria, que durou nove dias, em que os doentes morrêram, e dos sãos adoecêram muitos. Entre os mortos foram o mesmo Capitão Simão da Cunha, Affonso Telles filho de Tristão da Silva, Francisco Gomes Pinheiro, Diogo de Mesquita, D. Simão de Lima; e a Ormuz foram morrer D. Francisco Deça, Francisco de Mendoça, Diogo Soares, D. Affonso de Sotomaior, e outros homens nobres. E segundo as calmarias duráram, e a gente mareante andava fraca, se Christovão de Mendoça Capitão de Ormuz não mandára ao caminho muitas terradas para marearem os navios, e muitos mantimentos para enfermos, e sãos, por ventura todos ficáram naquelle estreito; porque a provisão que mandou lhes deo força, e vida para chegarem a Ormuz, onde foram do Capitão agazalhados, e cura-

rados, como ſe cada hum delles fora ſeu irmão. Simão da Cunha foi enterrado em Ormuz[a] com muitas lagrimas, não ſómente dos Portuguezes, que o conheciam, e converſáram mais tempo, mas daquelles Arabios que andavam em ſua companhia. Porque era Simão da Cunha ſobre mui esforçado, e prudente, brando, e cortez, e para todos mui humano, e mui alheio de em obras, ou palavras eſcandalizar a alguem. Com a nova de ſua morte, que Nuno da Cunha teve na India, ficou em eſtremo anojado por perder taes dous irmãos, como Pero Vaz da Cunha em Mombaça, e Simão da Cunha em Baharem; porque ainda que morrêram com tanta honra, achava-ſe deſamparado delles, principalmente de Simão da Cunha, que era de mais idade, e maduro conſelho, e de que ſe eſperava ajudar no trabalho do governo da India, onde já perdêra ſeu irmão Manuel da Cunha, de que no princípio deſta hiſtoria fizemos menção.

[a] Diogo do Couto *eſcreve no cap. 4. do liv 6. que Nuno da Cunha eſtava ainda em Ormuz quando chegou eſta Armada de Baharem, em que vinha o corpo de Simão da Cunha, e que o levára o Governador á India, onde o enterrára em huma Capella, que lhe mandára fazer na Sé de Goa. O que não póde ſer, partindo Nuno da Cunha de Ormuz para a India em* 15 *de Setembro, e Simão da Cunha chegando a Baharem aos* 20, *como diz* João de Barros *nos capitulos paſſados* 17. *e* 18.

DECADA QUARTA.

LIVRO IV.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Do que Nuno da Cunha fez no primeiro anno de ſeu governo : e o que paſſou com Lopo Vaz de Sampaio quando lho entregou.

VEndo Nuno da Cunha, que para o muito que tinha que fazer era o tempo breve, partio de Goa para Cochij, e paſſou per Baticalá, onde eſteve dous dias provendo algumas couſas; e proſeguindo ſua viagem tanto avante como a Monte Deli, cinco leguas antes de chegar a Cananor encontrou Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar da India, que andava guardando aquella coſta com huma galé baſtarda, e vinte bargantijs, e catúres, o qual, tirada ſua bandeira da gavea, como quem eſtava perante o Governa-

nador da India, o ſalvou com ſua artilheria, a que foi reſpondido com outra, e o veio ver á náo, do qual foi recebido com muita honra, aſſi por o cargo que tinha, como por as qualidades de ſua peſſoa, e grandes ſerviços que naquellas partes tinha feitos; com cuja companhia Nuno da Cunha chegou a Cananor a 18 de Novembro, onde achou Lopo Vaz de Sampaio, que ſe eſtava fazendo preſtes, eſperando por elle para ſe vir a eſte Reyno. Nuno da Cunha o mandou viſitar, fazendo-lhe ſaber que hia muito de preſſa a dar aviamento ás couſas que tinha para fazer; e que ſe ſahiſſe em terra, per força ElRey de Cananor o havia de deter com ſua viſitação, que elle guardava para tempo mais commodo, e de mais vagar; que lhe pedia que ao mar lhe vieſſe fazer a entrega da India, ou ſe embarcaſſe, e lha faria em Cochij. Lopo Vaz, poſto que replicou a iſſo, todavia por a preſſa que Nuno da Cunha levava, veio á ſua náo em tres bargantijs embandeirados, e em hum delles a bandeira alta como Governador. Depois que ſe recebêram hum a outro, Lopo Vaz, poſto que no mar foſſe, ſendo preſentes todos os Fidalgos que com elles vinham, lhe fez a entrega da India com as ſolemnidades coſtumadas. Acabada a feſta, que a artilheria nos taes tem-

pos

pos ſoe fazer, Lopo Vaz ſe embarcou com ſeu genro Antonio da Silveira de Menezes na náo Caſtello, por Nuno da Cunha o obrigar que foſſe a Cochij a hum negocio, que lhe ElRey mandava que fizeſſe com elle. E Nuno da Cunha, antes que dalli partiſſe, mandou viſitar a ElRey de Cananor pelo Ouvidor Pero Barreto, deſculpando-ſe de não ſahir em terra para o ver por a grande preſſa que levava por cauſa do deſpacho das náos que haviam de partir para Portugal, que deſpachadas ellas, havia de tornar a Goa, e então o viſitaria, e que entretanto viſſe aquella carta d'ElRey ſeu Senhor. ElRey lhe reſpondeo com palavras de muito contentamento de ſua vinda, deſculpando-ſe tambem de o não ir ver ao mar por a má diſpoſição que tinha. Atrás eſte recado d'ElRey veio ſeu Guazil, que era hum Mouro mui conhecido, e mui leal ſervidor d'ElRey de Portugal, e bom homem, e ſe offereceo a Nuno da Cunha, e lhe pedio, que o houveſſe de baixo de ſeu amparo, e protecção, porque andava atormentado por os deſmanchos d'ElRey, o qual por ſer Gentio eſtava entregue a Bramenes, com os quaes, e com ſeus Pagodes gaſtava mais do que tinha, e queria que elle lhe ſuppriſſe as neceſſidades em que o mettiam ſeus appetites. Eſtando neſta prática,

ca, fingio que lhe quéria fallar cousas de segredo á parte; e como se vio só com elle, tirou do seio hum rico collar de ouro, e pedraria, dizendo a Nuno da Cunha, que aquillo era tão costumado offerecer-se aos Governadores, que não devia haver por estranho fazer-lhe aquelle serviço; que lhe jurava por sua lei, que nunca a pessoa do Mundo o diria. Nuno da Cunha fazendo que o não entendia, chamou a lingua, e disse-lhe, que dissesse ao Guazil, que os collares que delle queria, era servir com muita lealdade a ElRey de Portugal seu Senhor, do qual havia de receber maiores cousas que ouro, e pedraria; que quanto ao que lhe pedia do amparo, confiasse delle, que em tudo lhe guardaria sua justiça, por elle ter fama entre os Portuguezes de quão lealmente se havia nas cousas do serviço de ElRey seu Senhor.

CAPITULO II.

Como Nuno da Cunha partio de Cananor, e foi a Cochij: e do recebimento que lhe fizeram: e como prendeo Lopo Vaz de Sampaio, e o mandou a Portugal.

NUno da Cunha partido de Cananor, chegou a Cochij aos 25 de Novembro, onde logo na náo foi visitado de Affon-

fonſo Mexia Veedor da Fazenda, e de Jorge Cabral, que era chegado de Malaca, e de outros Capitães, e Fidalgos que preſentes ſe acháram. Ao outro dia foi recebido da Cidade em terra com todo o modo de feſta, que ſe pode fazer, e aſſi foi levado á Sé, e dahi ſe foi apoſentar no caſtello, que para elle eſtava deſpejado. E porque o penſamento que trazia nas couſas de Dio o não deixava aquietar, logo ao outro dia quiz ſaber de Affonſo Mexia, e dos Officiaes a que o negocio competia, o eſtado dos apercebimentos que mandára fazer para a empreza de Dio, que lhe ElRey tanto encommendára; e achou que aſſi as munições, como os mantimentos, e tudo o mais que lhe era neceſſario para aquella jornada, eſtava mui devagar. E por lhe cumprir dar deſtas couſas razão a ElRey pelas náos que eſtavam para vir a eſte Reyno, teve conſelho com os Capitães, e Officiaes da Fazenda, e foi aſſentado, depois que ſe vio o pouco que eſtava feito, e o muito que ſe havia miſter, que de nenhuma maneira podia naquelle anno ir a Dio com o poder que ElRey mandava que levaſſe. E que para o outro ſe podia mais levemente, e a menos cuſto aperceber; e que baſtava naquelle anno prover na coſta de Malavar com alguma Armada, e na carga da pi-

men-

menta, que eſtava devagar, ſe ElRey de Cochij não fizera muita diligencia em amizade de Nuno da Cunha; porque nas viſitações que entre ambos houve, ſe achou elle differentemente tratado do que fora nas differenças de Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Maſcarenhas, de que eſtava eſcandalizado. E com Nuno da Cunha lhe pareceo que era Rey, por a muita authoridade com que o tratou, como adiante veremos.

Em quanto as náos eſtavam á carga, a primeira couſa em que Nuno da Cunha entendeo, foi mandar Diogo da Silveira, (que deſte Reyno fora com a capitanía mór das quatro náos que diſſemos,) por Capitão de huma Armada de trinta vélas para andar na coſta do Malavar; e aſſi fez outra para a coſta de Cambaya, que tinha ordenada para Simão da Cunha ſeu irmão, como Capitão mór do mar, a qual entregou a Antonio da Silveira de Menezes ſeu cunhado. Outra mandou ao eſtreito do mar Roxo, cuja capitanía deo a Eitor da Silveira, poſto que andava bem canſado das armadas paſſadas [a]. E no meio do fervor deſtas couſas

a A Armada de Diogo da Silveira era de hum navio em que elle hia, de duas galeotas, e huma caravella, de que eram Capitães Nuno Fernandes Freire, Manuel de Vaſconcellos, e João da Silveira, e de ſeis fuſtas. A Armada de Antonio da Silveira era de cincoenta

ſas teve Nuno da Cunha outra que o mais atormentou, que foi prender a Lopo Vaz de Sampaio per huma Provisão que ElRey de cá mandou, não ſómente por culpas de Ormuz, de que Manuel de Macedo levou a devaſſa, mas ainda por outra que elle tirou alli em Cochij. O qual prezo ſobre ſua homenagem, veio com D. Lopo de Almeida, que eſtava na India eſperando embarcação para ſe vir para eſte Reyno. E em ſua companhia com a carga da pimenta vieram outras duas náos ſómente [a], de que eram

e tres fuſtas, em que hiam novecentos ſoldados. A Armada de Eitor da Silveira era de quatro galeões, duas caravellas, e quatro fuſtas. Diogo do Couto *liv.* 6. *cap.* 6. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 54. *da* 2. *Parte.*

a Eſtas tres náos eram da Armada de Nuno da Cunha, que por eſtarem gaſtadas, e no Reyno poderiam ter o concerto neceſſario, que não podiam ter na India, o Governador as mandou com a carga da pimenta, e ordenou que ficaſſem as quatro náos da Armada de Diogo da Silveira, aſſi porque não havia carga para ellas, como porque podiam paſſar ſem concerto, e iriam invernar a Ormuz carregadas de fazendas, polo que apreſtadas fez Capitães dellas Ruy Vaz Pereira, Lopo de Azevedo, Pero Gomes da Grã, e D. Fernando de Lima, que ſe foram a Baticalá carregar de mercadorias, em que ſe detiveram tanto, que quando partíram para Ormuz era já em Fevereiro do anno de 1530; *e como a monção era já gaſtada, acháram tantas calmarias, que as tres dellas deſapparecêram, de cuja perdição devia ſer cauſa a ſede: e ſó a de Ruy Vaz Pereira, por andar menos, ficou atrás, e chegou-ſe mais para a coſta da India, com que lhe não durou tanto a calmaria, e com muito trabalho de ſede chegou a Ormuz.* Franciſco de Andrade 2. *Parte, cap.* 54. *e* Caſtanheda *cap.* 27. *do liv.* 8.

eram Capitães Antonio de Miranda de Azevedo, e Ruy Mendes de Meſquita, que tambem trouxe comſigo prezo a Diogo de Mello, Capitão que fora de Ormuz por culpas do officio, os quaes todos vieram a Portugal a ſalvamento, onde depois foram livres das culpas, com ſeus encargos de juſtiça [a]. E não pode aquelle anno vir mais carga de eſpeciaria, que aquella que occupou as tres náos, por muitas cauſas procedidas das couſas paſſadas, que Nuno da Cunha não pode emendar em chegando, como fez depois.

CAPITULO III.

Do muito damno que Diogo da Silveira fez na coſta de Calecut, pelo que Çamorij mandou pedir paz a Nuno da Cunha, a qual lhe concedeo com taes condições que elle a não acceitou.

EM quanto as náos, que haviam de vir ao Reyno, eſtavam á carga da pimenta, ſoube o Governador que na coſta de Ca-

[a] *Lopo Vaz de Sampaio eſteve prezo dous annos, e foi condemnado que perdeſſe os ordenados do tempo que governou a India, e que pagaſſe dez mil cruzados de pena, e foſſe degradado por certos annos para os lugares de Africa. Porém ElRey D. João havendo reſpeito aos muitos, e bons ſerviços de Lopo Vaz, lhe fez mercê de lhe perdoar toda eſta condemnação. Aſſi eſcreve* Franciſco de Andra-

Calecut dous galeões de Rumes se carregavam de pimenta para o estreito do mar Roxo; pelo que mandou avisar a Diogo da Silveira, que andava em guarda daquella costa, que tivesse grande vigia não lhe escapassem; porque segundo a informação que tinha per Malavares de Cochij, que vinham de dentro da terra, o fundamento daquelles Rumes era na Lua de Janeiro, ou Fevereiro partirem, por não perderem sua monção. Mas Diogo da Silveira, além da vigia ordinaria que nisso tinha, fez tanto mais, que té os barcos de pescar não deixava ir ao mar. E vendo o Çamorij quão estreitamente a sua costa era guardada, e vigiada, e que a gente dos portos de Calecut, Cale, e Capocate, que são dos mais notaveis de seu Reyno, se lhe impedia o commercio, e o povo clamava, não vendo ou-

de *na vida* d'**ElRey D.** *João na* 2. **Part.** *cap.* 54. **E Diogo do Couto** *na* 4. **Decada** *liv.* 6. *cap.* 7. *e* 8. *refere huma falla, que* **Lopo Vaz** *fez a* **ElRey** *em* **Relação**, *e os cargos que lhe puzeram, e a sua resposta, e descargo a elles, onde huma cousa, e outra se póde ver, e assi outras particularidades que estes* **Authores** *escrevem da prizão de* **Lopo Vaz** *de* **Sampaio**, *o qual foi muito esforçado, constante na justiça, rigoroso no castigo dos malfeitores, casto, cortez, e affabil.* **Aos Fidalgos**, *em quanto governou, fez muitas mercês, e aos soldados mandou pagar seus soldos, e mantimentos: e com todas estas boas partes, e boas obras foi malquisto de todos pola má vontade que lhe tomáram por causa das differenças que teve com* **Pero Mascarenhas** *sobre a governança da* **India**.

outro remedio para tirar-se daquella oppressão, determinou-se em mandar pedir pazes a Nuno da Cunha. A este negocio mandou tres Naires, que são dos mais nobres da terra, que trouxeram sua carta de crença a Nuno da Cunha, e outras taes cartas de dous estados da gente que naquella terra ha, que são Mouros, e Chatijs. Estes são hum genero de mercadores Gentios differente do outro commum do Malavar, que he mecanico. Dando os Naires estas cartas a Nuno da Cunha, foram per elle bem recebidos, e ao outro dia os ouvio. A substancia da embaixada era: Que no tempo dos Governadores passados, principalmente de D. Duarte de Menezes, estando elles de paz, recebêram muitos aggravos, e sem-razões dos Portuguezes, assi em sua terra, por causa da fortaleza que nella tinham, como no mar em suas náos, e zambucos que levavam cartas de seguros, os quaes lhe quebravam tomando-lhes suas fazendas. E pedindo elles justiça, e boa conservação da paz, tal como a elles guardavam, a nenhuma cousa destas lhes respondêram com obras, nem com palavras. Os quaes males, e damnos não podendo elles soffrer, se levantáram contra a fortaleza, sendo os mesmos Portuguezes authores disso, tomando por remedio antes descuberta guerra, que simula-

lada paz. E querendo, antes de D. Henrique derribar a fortaleza, aſſentar paz com elle, mais em favor, e ſerviço d'ElRey de Portugal, que em honra do Çamorij, Dom Henrique a não quiz acceitar, donde procedeo buſcarem elles todo o modo de vida, pois lhe queriam tirar a ſua, tolhendolhes dar ſahida a ſuas novidades. E que poſto que per Lopo Vaz de Sampaio lhes fora commettida paz por ſeu ſobrinho Simão de Mello, que eſtava por Capitão em Cananor, não lha quizeram conceder, ſendo as condições della mais honeſtas das que elles offereciam a D. Henrique. E que a cauſa diſſo foi, por terem ſabido que o tempo de ſua governança não ſe eſtendia a mais, que té a vinda delle Nuno da Cunha, de que já tinham nova, e da tomada de Mombaça. E pois elle era preſente, e tinham ſabido quanta juſtiça a todo genero de gente adminiſtrava, e que a guerra que fez per onde veio era juſta, e não voluntaria, ſe demovêram a lhe pedir paz, ſendo com juſtas, e honeſtas condições, a qual inteiramente guardariam. E que lhe lembravam, que a guerra do Malavar, ainda que aos naturaes foſſe perigoſa, e cuſtoſa, tudo redundava em não ter ſahida ſuas novidades, e que tambem não era folgada aos Portuguezes, nem cuſtava pouco á fazenda de

ſeu

ſeu Rey. Por tanto lhe pediam conſideraſſe huma couſa , e outra , e conformando-ſe com o bem , e mal de ambas as partes , lhes reſpondeſſe o que havia por bem que ſe fizeſſe.

Nuno da Cunha lhes diſſe, que ElRey D. João ſeu Senhor eſtava tão eſcandalizado de quantas vezes o Çamorij lhe tinha quebradas as pazes , que com ſeus Governadores tinha aſſentado , que huma das principaes couſas que lhe encommendou foi a guerra do Malavar ; e que offerecendo-lhe o Çamorij alguma paz , lha não concedeſſe, pois a não guardava mais que em quanto os Mouros queriam , por ſer governado per elles , aos quaes dava mui pouco das mortes , e perdas que o povo Gentio recebia, por não pretenderem a paz , e repouſo do Reyno alheio , ſenão ſeu particular intereſſe ; mas que todavia elle proporia eſta ſua pretenção em conſelho das principaes peſſoas , e Capitães que eram preſentes, com quem lhe ElRey ſeu Senhor mandava conſultar as couſas de tanta importancia como eram paz , e guerra ; e tomando ſeu parecer , lhes reſponderia ao dia ſeguinte. E aſſi o fez , reſpondendo , conforme ao que no conſelho ſe aſſentou , que lhe concederia a paz, e amizade com eſtas condições : Que o Çamorij entregaſſe toda a ar-

ti-

tilheria que tinha dos Portuguezes, que elle houvera os annos paſſados, e aſſi todos os paráos de guerra, e pagaſſe a perda que dera aos Portuguezes, e que déſſe em ſuas terras lugar conveniente para fazer huma fortaleza, e toda a eſpeciaria que houveſſe em ſeu Reyno por os preços que valia quando a noſſa fortaleza eſtava em pé. E que entregaſſe dous galeões dos Rumes que eſtavam em ſeus portos; e não havia mais de conſentir em ſeu Reyno Rumes, por ſerem inimigos dos Portuguezes; e mais que per nenhum modo havia o Çamorij innovar couſas a ElRey de Cochij que foſſem cauſa de guerra, porque logo a paz com os Portuguezes ſería quebrada. E que com eſtas condições elle Governador mandaria ceſſar a guerra; e que para o anno ſeguinte, pelas náos que foſſem a Portugal, mandaria a ElRey ſeu Senhor a relação deſta paz que com elle Çamorij fizera, e as couſas que a iſſo o movêram, mandando-lhe elle o contrario em ſeu regimento, e que elle eſperava que Sua Alteza houveſſe tudo por bem. Eſta reſpoſta houveram os Naires eſcrita per apontamentos, os quaes Nuno da Cunha mandou a Diogo da Silveira, e recado a Duarte Barboſa Eſcrivão da Feitoria de Cananor, que ſe foſſe para Diogo da Silveira para entrevir neſte negocio com el-

elle, por ſer mui verſado nos modos, e coſtumes dos Malavares, e ſaber bem ſua lingua. Diogo da Silveira ſe foi ao rio de Challe, que diſta de Calecut tres leguas, onde vindas algumas peſſoas notaveis per mandado do Çamorij, depois de irem, e virem recados, foi a concluſão, que elles dariam as eſpeciarias por o preço, e modo paſſado, e das outras condições ſe eſcuſáram [a].

Diogo da Silveira por reſpoſta deſte ſeu concerto ſaltou tres, ou quatro vezes em terra de fronte de Calecut em differentes lu-

[a] *Diz* Franciſco de Andrade *no cap.* 65. *da* 2. *Parte, que ſe fizeram as pazes, reſtituindo ElRey de Calecut toda a artilheria noſſa, que tinha em ſeu poder, e os Portuguezes, e eſcravos que foram cativos na guerra. E que deſtas pazes ſe ſentio muito ElRey de Cochij, por ſe aſſentarem ſem lhe dar o Governador conta dellas, contra huma* Provisão *d'ElRey de* Portugal, *em que mandava, que nenhum Governador da India fizeſſe paz com o Çamorij ſem conſentimento d'ElRey de Cochij. E queixando-ſe a Antonio de Saldanha de lhe quebrar o Governador eſta* Provisão, *veio Nuno da Cunha a Cochij, e deſculpou-ſe com tão boas razões, que ElRey ſe moſtrou contente das pazes, e concedeo ao Governador licença para levantar gente em Cochij para a jornada de Dio.* Diogo do Couto *no cap.* 9. *do liv.* 6. *eſcreve, que eſta paz ſe concluio quando o Governador fez a fortaleza de Challe, como ſe dirá adiante no cap.* 17. *e que não ſe effetuando deſta vez, Diogo da Silveira mandou per alguns marinheiros pôr fogo á Cidade de Calecut, de que queimou mais de duzentas caſas, e do mar fez com a artilheria hum grande eſtrago na gente que acudia ao fogo. O meſmo afirma* Caſtanheda *no cap.* 12. *do liv.* 8.

gares, e queimou algumas Macuarias, (como lhes elles chamam,) que são habitações de pescadores; e cortou muitos palmares, que elles tem por grande mal. Os Mouros, e Gentios indignados deste segundo damno, cessáram por então de fallar na paz; polo que cahíram em tanta necessidade, por a muita guerra que lhe Diogo da Silveira fazia, que morriam á fome: porque o arroz, que he seu ordinario mantimento, e lhes vinha de fóra, chegou a valer o fardo a seis, e sete tangas, que da nossa moeda são quatrocentos e vinte reaes, valendo ordinariamente huma tanga, com que a gente pobre perecia, e não podiam ir ao mar a pescar, de que vivem, nem os galeões, que estavam carregados para o estreito de Méca, ousáram sahir donde estavam. E para mais perseverarem em sua contumacia, e obstinação de não concederem a paz com as condições que lhes pedia o Governador, succedêram duas cousas em seu favor. A primeira foi sobrevir hum temporal tão rijo, e travessão na costa, que desamarrou alguns bargantijs nossos, hum dos quaes, de que era Capitão hum mancebo Fidalgo por nome Simão de Sousa natural de Guimarães, foi ter junto da terra; o qual ficando só naquelle lugar, passada a tormenta, vieram a elle alguns paráos de

Mou-

Mouros da terra, com os quaes andando ás bombardadas, lhe ſaltou per deſaſtre o fogo na polvora, com que a cuberta do bargantim voou para o ar, e o Capitão com os mais foram queimados, e outros com o caſco do bargantim deram em terra com grande prazer dos Mouros. A outra cauſa, e mais principal foi, que ſabendo os Mouros de Cananor eſta fome de Calecut, por os ſoccorrer, e tambem por fazerem ſeu proveito, os proviam de arroz, e de todo mantimento per o rio Tramapatam, que divide o Reyno de Calecut do de Cananor; de maneira, que Diogo da Silveira andava guardando que não foſſem provídos de outros rios, e elles o eram deſte. Eſta provisão durou té que Nuno da Cunha vindo em Fevereiro de Cochij invernar a Goa, paſſou per Cananor, e ſabendo como Calecut era provído dalli, ameaçou aos Mouros com grande caſtigo ſe o mais fizeſſem. O que tambem ElRey de Cananor defendeo com penas de perdimento de todos os bens, e caſtigo nas peſſoas, com a qual defeza os de Calecut tornáram á meſma neceſſidade de fome.

CAPITULO IV.

Como o Governador mandou Gaſpar Paes a Melique Saca a ſeu requerimento, e do que com elle paſſou.

NEſte tempo eſtava Melique Saca, filho de Melique Az Capitão de Dio, na terra dos Resbutos em caſa de ſeu ſogro com temor d'ElRey de Cambaya, e dalli tinha já per vezes mandado recado a Lopo Vaz de Sampaio antes que Nuno da Cunha vieſſe. Do que Lopo Vaz fazia pouca conta, por cauſa das mentiras que a Eitor da Silveira tinha ditas quando o entreteve na barra de Dio para fábrica de ſeus artificios com ElRey de Cambaya, té que a couſa parou em elle fugir para ſeu ſogro. E como eſte Mouro nas malicias, e aſtucias parecia bem ſer filho de ſeu pai, tanto que teve nova de Nuno da Cunha, e do que fizera em Ormuz, e que todo ſeu intento era ir tomar Dio, pareceo-lhe que aquelle era o Governador que elle havia miſter para ſeus negocios com ElRey de Cambaya: polo que quando Nuno da Cunha chegou a Goa, já achou hum ſeu meſſageiro [a] com cartas para elle, nas quaes lhe

[a] Franciſco de Andrade *eſcreve no cap.* 52. *da* 2 *Parte, Que eſte meſſageiro de Melique Saca era o que*

lhe dava a boa hora de ſua chegada. E que porque deſejava fallar com elle couſas que importavam muito ao ſerviço d'ElRey de Portugal, e Eſtado da India, mandára logo a elle, antes que começaſſe de ordenar algumas couſas, que per ventura, depois que o ouviſſe, veria ſer eſcuſada a deſpeza dellas. E que havendo elle por bem de ſe verem, lhe mandaſſe ſeguro Real para ſua peſſoa, e familia, e alguma peſſoa que o trouxeſſe, e levaſſe navios, e larga embarcação para ſua fazenda; e que folgaria que eſſa peſſoa que lá houveſſe de ir foſſe Gaſpar Paes, que já eſtivera em Dio por Feitor, por ſer ſeu amigo, e homem com quem ſe podia melhor entender, que com outro algum. Nuno da Cunha o ordenou aſſi, e mandou o meſſageiro de Melique com Gaſpar Paes em huma galé ſua, em que andava, e lhe deo mais quatro bargan-

tijs

elle tinha enviado a Lopo Vaz de Sampaio, como ſe diſſe atrás na nota do cap. 15. do liv. 2. E Diogo do Couto *no cap. 6. do liv. 6. diz, Que por chegar eſte meſſageiro de Melique a tempo que Lopo Vaz aguardava por Nuno da Cunha, não ſe determinou na propoſta de Melique, deixando a reſolução della para Nuno da Cunha, que mandou o Enviado de Melique mui contente com peças em huma galé, a qual chegada a Jaquete, o Capitão della ſe vio com Melique, e lhe deo huma carta do Governador, em que lhe pedia que naquella galé ſe foſſe ver com elle a Goa. Ao que reſpondeo Melique Saca, que ſe tornaſſe elle Capitão embora, e diſſeſſe ao Governador, que não queria que lhe fizeſſem o que a Raez Xarafo,*

tijs com boa artilheria, e muitos eſpingardeiros com todo o mais provimento neceſſario. E a Melique Saca eſcreveo palavras mimoſas, doendo-ſe de quão mal ElRey de Cambaya o tratava, tendo tantos merecimentos por ſeus ſerviços, e por os de ſeu pai, para lhe fazer mercê; e tambem lhe fez offerecimentos de o tornar a ſeu eſtado, e outras palavras ſemelhantes, a fim de o provocar mais ao que elle dava a entender no que lhe eſcreveo de ſua vinda a Goa. E porque Gaſpar Paes tornou deſta ida na entrada de Janeiro de 1530, que era no tempo em que ſe praticava nas pazes de Calecut, iremos continuando com elle té o trazer com a reſpoſta que achou.

Partido pois Gaſpar Paes a 12 de Novembro, chegou a Chaul, onde houve Pilotos que ſoubeſſem bem a enſeada de Jaquete, onde Melique eſtava, que he aquella, em que o rio Indo vem deſcarregar todas ſuas aguas no mar [a]. E por não ſer viſto

[a] *Os Geografos modernos erram em ſeus mappas, e Taboas Geograficas na ſituação da foz do rio Indo, deſcrevendo na enſeada de Cambaya; e os que menos erram, mettem hum braço deſte rio na enſeada de Cambaya, e outro na de Jaquete, ſendo aſſi que ſómente na de Jaquete entram as ſuas aguas no mar per muitas bocas, que Ptolomeu affirma ſerem ſete ſituadas por elle no ſeno Canthi, que he o de Jaquete, chamando á enſeada de Cambaya ſeno Barigazeno, no qual mette os rios Goari, e Binda, que parece ſerem os de Baroche, e Surat, a que os naturaes chamam Narbanda, e Taptij.*

visto da costa de Dio, atravessou a enseada de Cambaya bem largo ao mar, e passada a ponta de Dio algumas dez leguas, foi ter entre Patane, e Mangalor Cidades principaes daquella costa, onde tomou huma náo que vinha de Goga Cidade da enseada de Cambaya carregada de algodão, que hia para o Sinde. Della tomou sómente a gente, e a náo metteo no fundo, por ser mercadoria de grande volume, e pouca valia, e a gente mandou dalli em hum dos bargantijs para Chaul. Tornando a seu caminho mais largo da costa, achou quatorze fustas de hum Senhor della, que andavam alli esperando as náos que vinham de Ormuz, com as quaes pelejou, e fez recolher ao rio Pormeane. Passada a ponta de Jaquete, que he aquelle nomeado templo dos Resbutos, fez aguada em huma Ilheta chamada Bette, que em outro tempo fora bem povoada de Gentios, e Melique a destruio. Atravessando dalli, em dous dias, e huma noite foi ter a huma enseada, onde estava Melique Saca mettido per hum rio dentro em hum lugar chamado Cinguilim, onde logo acudio gente á praia saber quem era, e disseram-lhe que aquelle lugar era de Melique Saca, o qual não estava ahi, mas dentro pela terra firme mais de seis leguas de caminho; e que elle deixára dito, que

vin-

vindo alli algum recado do Governador da India, lho levassem logo. E posto que Gaspar Paes quizera lá mandar hum homem, estes de Melique lho não consentíram, e lhe leváram elles o recado, sendo tudo artificio de Melique por o entreter. E tornando dahi a dous dias, por mostrar que estava em outra parte, encamináram a Gaspar Paes pelo rio acima em hum catúr, (deixando os navios em baixo a bom recado,) onde achou Melique Saca. Gaspar Paes lhe deo as cartas do Governandor, e lhe apresentou o seguro Real, que levava sellado com as Armas de Portugal, como se costuma em cousas de semelhante importancia. Melique, depois de dar graças a Gaspar Paes daquelle trabalho que levára por elle, perguntou por o Governador que homem era, e que valia tinha em Portugal; ao que elle respondeo como convinha na verdade, e á honra de Nuno da Cunha, por ser seu parente, porque Gaspar Paes era neto de João Rodrigues Paes Contador mór que fora de Lisboa, com que Nuno da Cunha tinha muito parentesco. Passada aquella primeira prática, dilatou Melique a resposta para outro dia, a qual foi de pouca conclusão, dizendo, que para elle fazer tamanha mudança de si, como era ir ao Governador, primeiro havia de ver tres cousas.

A pri-

A primeira, vir aquelle ſeguro em lingua Parſia, e não na Portugueza, e que o havia de ſegurar o Governador de o não levarem a Portugal, como fizeram a Raez Xarafo. A ſegunda, que no ſeguro lhe havia de nomear o Governador a parte que lhe havia de dar das couſas que ganhaſſe em Cambaya. E a terceira, que quando ſe houveſſe de embarcar com elle, havia de ſer em companhia de mais navios, e mais gente, porque a coſta de Dio andava cheia de navios de Armada, e não queria aventurar ſua peſſoa em couſa tão ſingella como elle trazia. Ao que Gaſpar Paes reſpondeo, que aquelle ſeguro, como vinha em nome d'ElRey de Portugal, não era decóro, nem coſtume que ſe déſſe em outra linguagem ſenão na Portugueza, por ſer a lingua propria que ElRey fallava, e na fórma em que vinha era tão firme, e valioſo, como ſe o meſmo Rey D. João de Portugal o aſſináta por ſua mão; e que as ſuas Armas repreſentavam ſeu nome, e ſinal. E que quanto á parte que lhe haviam de dar do que ſe tomaſſe em Cambaya, quando elle Melique Saca déſſe algum modo para ſe tomar alguma couſa, então elle a haveria. Mas que ſe ainda té então elle não tinha tratado com o Governador couſa daquella materia, como havia o ſeguro de fallar nella,

pois

pois eſtava por fazer? e que elle não mandára pedir mais que ſeguro, e navios, e que iſſo lhe trazia alli. E que ſe receava a coſta de Dio, por lhe parecerem poucos os ſeus navios, que com eſſes poucos tomára elle huma náo, e fizera recolher nó rio de Pormeane quatorze fuſtas. Em fim vendo Gaſpar Paes as ſimuladas razões de Melique Saca, e que lhe não quiz tornar o ſeguro, depois que o teve na mão, dizendo que o queria ver com alguns dos ſeus, e tomar delles ſeu parecer, entendeo que aquella invenção de o fazer alli vir fora como o que tinha feito a Eitor da Silveira, para fazer ſeus negocios com ElRey de Cambaya, e aſſi ſe vio pelo ſucceſſo, porque dahi a pouco tempo ſe tornáram a reconciliar, como ElRey ſoube que Gaſpar Paes fora ter com Melique, e lhe levára o ſeguro, que Melique moſtrava em abonação de ſua lealdade, temendo ElRey, que ſe o mais indignaſſe, ordiria alguma trama com o Governador que lhe cuſtaſſe muito.

CAPITULO V.

Como Gaſpar Paes ſe partio deſavindo de Melique Saca, e lhe queimou algumas fuſtas, e ſe tornou a Cochij.

GAſpar Paes deſpedido, e bem eſcandalizado de Melique, ſe recolheo a ſeus bargantijs, e a noite ſeguinte ao tempo da maré com dous delles ſómente pelo rio acima lhe foi queimar nove fuſtas, e tornou-ſe a ſahir com determinação de na ſeguinte noite ir queimar quinze que eram de ſeu ſogro, e eſtavam mais acima meia legua. Mas vendo o Mouro o damno do fogo das outras debaixo, poz em ſalvo as de cima, com que Gaſpar Paes não pode pôr em effeito ſeu propoſito. E partido dahi, veio correndo a coſta té chegar á Cidade de Mangalor, onde achou muitas náos de Cambaya, e algumas de Ormuz com ſeus cartazes para poderem navegar, e deixou de fazer damno a outras que os não tinham, porque eſtavam em companhia das que eram de amigos noſſos. E ao tempo que Gaſpar Paes chegou deſta viagem a Cochij, que foi em Janeiro, ſabendo delle o Governador que hi eſtava o que paſſára com Melique, e que tudo eram enganos, e aſtucias para fazer bem ſeu negocio, ficou mui indignado,

e com

e com o fundamento desfeito da eſperança que aquelle Mouro dava das couſas de Dio; pelo que mudou de propoſito, e determinou de ir o anno ſeginte com huma groſſa Armada ſobre aquella Cidade [a]. E porque em Choromandel andavam muitos Portuguezes, por ſer terra abaſtada, em que os homens a pouco cuſto ſe mantinham, mandou lá hum cavalleiro per nome Ambroſio do Rego com poderes baſtantes para fazer vir aquel-

la

a Eſcreve Franciſco de Andrade *no cap. 55. da 2. Parte, que eſtando Melique Tocão, irmão de Melique Saca, por Capitão de Dio, (depois que deixou aquella capitania Camalmaluco, como ſe diſſe atrás na nota do cap. 14. do liv. 2.) mandára Nuno da Cunha ſegunda vez Gaſpar Paes a Dio, eſcrevendo a Melique Tocão os parabens da capitania, e offerecendo-lhe ſua amizade para ter Feitoria em Dio; e com ordem a Gaſpar Paes, que reconheceſſe com particularidade a Cidade, e deſtramente perſuadiſſe a Melique que déſſe nella huma fortaleza a ElRey de Portugal, com que ſe aſſeguraria das tyrannias de Badur. Partio Gaſpar Paes de Goa com tres fuſtas em Fevereiro de 1530, chegou a Dio, foi bem recebido de Melique Tocão, deo-lhe a carta do Governador, e hum preſente que lhe mandava; e tratando da Feitoria, mandou Melique aviſar a ElRey Badur, como o Governador a offerecia: a que reſpondeo, que depois que viſſe as condições com que ſe havia de aſſentar, mandaria o que lhe bem pareceſſe. Em quanto foi, e veio eſte recado a ElRey, vio, e notou Gaſpar Paes tudo dentro, e fóra da Cidade; e deſpedido de Melique, (a que não fallou na fortaleza, por ſe lhe moſtrar mui obrigado, e fiel ao ſerviço de Badur,) com hum preſente rico para o Governador, e reſpoſta da ſua carta com grandes agradecimentos da amizade que lhe offerecia, tornou a Goa em ſalvamento.*

la gente, e perdoar a alguns que lá andavam homiziados, vindo a ſervir a ElRey naquella jornada de Dio; e aſſi ordenou, que Antonio de Saldanha ficaſſe alli aquelle inverno para prover as couſas neceſſarias á Armada.

Té aquelle tempo, ſendo já perto da ſua partida para Goa, não ſe tinha viſto com ElRey de Cochij, por elle eſtar doente de bexigas, poſto que o tiveſſe mandado viſitar per recados, e mandando-lhe dizer, que ſe queria partir, e quanto ſentia ſua enfermidade, pois fora cauſa de o não poder ver. ElRey lhe reſpondeo, que nenhuma couſa lhe poderia dar ſaude ſenão ſua viſta; e que não ouſava de lhe pedir que o viſitaſſe, tendo muitas couſas de importancia que tratar com elle, por ſua enfermidáde ſer contagioſa, e recear que temeſſe elle de o ver. O qual receio Nuno da Cunha lhe tirou com ir a elle, que não foi pouco conſentir ElRey ſer viſto naquelle eſtado de enfermo, e de tal enfermidade, poſto em mão de hum Bramane, que o curava, por ſerem aquelles Gentios mui ſuperſticioſos, e de grandes agouros em ſuas obras, e não quererem os Grandes que os vejam em ſuas enfermidades, por lhes não verem ſuas fraquezas. Toda a prática da viſitação foi queixar-ſe ElRey, e contar a Nuno da Cunha os aggra-

vos

vos que recebêra de Affonſo Mexia no tempo das differenças entre Lopo Vaz de Sampaio, e Pero Maſcarenhas. Na qual prática Nuno da Cunha conheceo d'ElRey ſer homem prudente por a paciencia que teve nas couſas que lhe foram feitas em modo de deſprezo, fazendo pouca conta delle. Ao que Nuno da Cunha reſpondeo de maneira, que lhe curou ſua paixão, aſſi em ſecreto, como em público; e por o que importava ao ſerviço d'ElRey de Portugal, e conſervação da paz, e amizade que tinha com elle, o tratava com toda a reverencia que podia, e algumas couſas lhe concedeo ácerca dos direitos das mercadorias que lhe não pagavam, com que Nuno da Cunha o deixou contente, e ſatisfeito.

CAPITULO VI.

Como Nuno da Cunha foi a Goa, e o que fez em Challe, onde achou Diogo da Silveira, a que encommendou que deſtruiſſe o Chatim do rio de Mangalor.

TAnto que Nuno da Cunha deo fim ao que tinha que fazer em Cochij, partio para Goa, e chegado a Challe achou Diogo da Silveira com a maior parte da ſua Armada, por ter ſabido que per aquelle rio haviam de ſahir os galeões dos Rumes que dif-

dissemos. Neste rio se deteve Nuno da Cunha hum dia, onde foi visitado d'ElRey, e Principe de Challe por estarem de paz comnosco, e por isso acudiam a Diogo da Silveira com os mantimentos da terra que lhe eram necessarios, posto que este Rey désse obediencia a ElRey de Calecut. Polo que a seus mensageiros Nuno da Cunha fez mercê, e deo licença para ElRey poder mandar vir mantimentos de fóra, por estarem na mesma necessidade delles que Calecut. E porque soube que hum Chatim, que estava em Mangalor mui rico, e poderoso, fazia muitas offensas a Portuguezes, principalmente em dar favor aos de Calecut, que tirassem per aquelle porto suas especiarias para os Mouros, sob color de ser vassallo d'ElRey de Narsinga, encommendou muito a Diogo da Silveira que fosse áquelle lugar, e podendo dar hum castigo áquelle Chatim sem perigo seu, o fizesse. E primeiro que se despedisse de Diogo da Silveira, fez mercê aos Capitães, e pessoas notaveis que com elle andavam na sua Armada, e mandou pagar soldo á gente de armas, por todos andarem gastados, e bem agastados, por aquella guerra do Malavar ser de muito trabalho, e pouco proveito, cousa que os soldados mal soffrem.

Despedido o Governador de Diogo da Sil-

Silveira, partio-ſe via de Cananor a 12 de Fevereiro de 1530, onde eſtava D. João Deça por Capitão, e no lugar onde ſe os Reys coſtumam ver com os Governadores, que he ante a fortaleza noſſa, ſe vio ElRey com Nuno da Cunha, vindo com ſua pompa, e apparato de Naires poſtos em ordem de guerra. E como elles ſão homens de grandes ceremonias, e vãos em ſeu tratamento, e mais eſte, que era homem mui velho, e da condição mimoſo; Nuno da Cunha ſatisfez tanto á ſua vaidade, que ficou elle mui contente. E a troco de alguns requerimentos, que lhe Nuno da Cunha concedeo, por ſerem juſtos, lhe pedio o bom tratamento do ſeu Guazil, por ſer noſſo amigo, e fiel, o qual andava fóra da ſua graça, como atrás diſſemos. E por ſer coſtume geral, quando os Reys ſe vem com os Governadores, apreſentar-lhes ſempre alguma peça, fez ElRey preſente a Nuno da Cunha de huns bracelletes lavrados de pedraria, que elle acceitou por o não eſcandalizar, por elles haverem por injúria engeitar-lhes o que offerecem. Nuno da Cunha os mandou logo entregar ao Feitor da Armada para os mandar a ElRey quando as náos vieſſem ao Reyno, por cumprir com ſua condição, que era alheia de toda cubiça, e com as leis de ſeu officio, com as quaes cumprem

pou-

poucos. Despedido Nuno da Cunha d'ElRey, provêo nas cousas da fortaleza, mandando fazer algumas obras para mais segurança della, além de hum baluarte que Lopo Vaz de Sampaio tinha mandado fazer. E por causa das novas que alli soube das cousas de Calecut, além das amoestações, e defeza que poz nos que dalli o proviam com mantimentos, mandou recado a Diogo da Silveira, que em se levantando de Calecut, deixasse alli alguns Capitães para tolher entrarem-lhe mantimentos; e elle o fez assi, deixando Nuno Fernandes Freire com huma galeota, e hum bargantim com sessenta homens, com os quaes gastou bem o tempo que se alli deteve, vindo-lhe de Cananor os mantimentos.

CAPITULO VII.

Como Diogo da Silveira entrou no rio de Mangalor, e destruio o Chatim que alli vivia.

FIcou Diogo da Silveira, depois da partida de Nuno da Cunha para Goa, visitando todos os rios daquella costa sem deixar entrar, nem sahir véla alguma, com que metteo em grande oppressão os lugares della por levar dezeseis vélas, de que eram Capitães João da Silveira seu irmão, Francisco da Cunha, Manuel de Vasconcellos,

João Penalvo, Diogo Quaresma, Aires Cabral, Antonio de Sousa, Nicoláo Jusarte, Gomes de Souto-maior, Antonio de Souto-maior, Affonso Alvares, Lourenço Botelho, Antonio Mendes de Vasconcellos, Francisco de Sequeira, e Antonio Mendes Malavares, e em que hiam quatrocentos e cincoenta homens. Com esta Armada foi a Mangalor, que he hum lugar mettido per hum rio do mesmo nome, per que podem entrar navios de carga. Este lugar he d'ElRey de Narsinga, com que os Portuguezes tinham paz, e amizade, por a qual razão se recolheo naquelle rio hum tão grosso mercador em substancia de fazenda, que por excellencia era chamado, e conhecido por Chatim de Mangalor, porque entre elles ao mercador chamam Chatim, que já he recebido entre os Portuguezes, que naquellas partes tratam. Este de Mangalor, porque com a guerra de Calécut, que durou annos, não podia negociar seus tratos, tomou por remedio arrendar a ElRey de Narsinga aquelle rio, e dalli carregava muitas náos para o Estreito de Méca, parecendo-lhe que o salvava desta obra estar elle naquelle lugar, que era de hum Rey nosso amigo. Porém como homem que sabia offender-nos naquelle trato que tinha com nossos inimigos, por se segurar de nossas Armadas, fez per dentro

des-

deſte rio huma fortaleza de pedra, e cal, onde ſe recolhia. E como ElRey de Calecut per eſte cano ſurdo dava ſahidas a ſuas eſpeciarias, eſcondidamente o favorecia com munições, e artilheria para ſe defender de nós, ſe lá quizeſſemos entrar. E por a Nuno da Cunha ſer dito o procedimento deſte Chatim, e o favor que lhe dava ElRey de Calecut, e quão forte eſtava, encommendou a Diogo da Silveira o caſtigo delle.

O Chatim, como per via de Cananor teve aviſo que haviam de ir ſobre elle, na entrada do lugar em algumas partes fez humas tranqueiras em modo de baluartes com artilheria para fazer damno a quem entraſſe pelo rio contra ſua vontade. E diante da ſua caſa forte tinha feita huma força de madeira com dobrada artilheria, e as vigas mais eſpeſſas, porque naquelle lugar era neceſſaria maior reſiſtencia. Diogo da Silveira nas mais pequenas embarcações, deixando as outras a bom recado na boca do rio, ſubio per elle acima com duzentos e quarenta homens, de que ametade eram eſpingardeiros, a cujo encontro ſahio hum eſquadrão de gente frécheira, e alguma com eſpingardas, cuidando que como empregaſſem os primeiros tiros, fariam embarcar os poucos noſſos; mas como elles começáram a ſentir o fogo, e o ferro dos Portuguezes,

tanto ſe foram retirando té que ſe recolhêram de todo ; os noſſos foram trás elles, e os ſeguíram té que a ligeireza dos pés os ſalvou. Deſpejado o lugar , foi Diogo da Silveira demandar a caſa forte, que eſtava junto do rio , no commettimento da qual os noſſos começáram a ſentir mais reſiſtencia com tiros de eſpingarda, fréchas, panellas de polvora, e todo outro artificio de boa defensão , té que a pezar della, e delles os noſſos chegáram á porta, amparada de hum baluarte, em que tinham os inimigos aſſeſtada muita artilheria ; e os primeiros que commettêram querer entrar neſta caſa foram Diogo Alvares Telles, Franciſco de Barros de Paiva , João de Souſa Lobo , Gomes de Souto-maior, Franciſco Brandão, Diogo Tiznado , Duarte de Paiva, João Quareſma, e Antonio Mendes de Vaſconcellos , tomando todos hum berço de ferro dos que eſtavam no baluarte , e feito delle vaivem , foi a porta aberta, e a caſa entrada; e a melhor fortuna que os noſſos tiveram em ſeu favor , foi , que a hum bombardeiro dos Mouros, que governava huma peça de artilheria groſſa , com que lhe pudera fazer grande damno, hum eſpingardeiro Portuguez o matou. Tanto que a caſa foi entrada , vendo o Chatim que não podia ſalvar a fazenda , procurou ſal-

salvar a vida; e foi tão desditoso, que indo-se acolhendo entre alguns seus que o acompanhavam, outro espingardeiro nosso o derribou. E porque os mais delles hiam buscar o rio para se salvar a nado da banda de além delle, acháram os nossos bargantijs, e catúres, que ás lançadas matáram tantos, que as aguas andavam tintas com o seu sangue, e assi huns no mar, e outros na terra acabáram as vidas [a]; e os nossos, posto que houveram vitoria delles, não houveram sua fazenda; porque Diogo da Silveira depois que mandou recolher toda a artilheria, da qual alguma fora tomada a navios pequenos de Portuguezes quando passavam per aquella costa, mandou pôr fogo a toda a fazenda que estava na casa do Chatim, que era muito cobre, azougue, vermelhão, coral, e outras mercadorias, que pela navegação do mar Roxo os Mouros levavam áquellas partes, as quaes mercadorias o Chatim havia a troco da pimenta; porque temeo Diogo da Silveira que os seus soldados se quizessem entregar naquella fazenda em recompensa de seu trabalho, e carregalla nos navios da sua Armada, que eram de remo para pelejar, e não para car-

re-

[a] *Eram os Mouros mais de quatro mil, dos quaes entre mortos, e feridos foram mais de mil, dos nossos morrêram treze, e das fréchas foram feridos muitos.* Francisco de Andrade 2. *Parte*, *cap.* 57.

regar com ſemelhante preza. Tambem mandou queimar treze navios, que alli eſtavam varados para carregar de pimenta, e decepar os palmares, couſa que aquella gente mais ſente.

Acabado eſte feito, por ſer já no fim do verão, fez Diogo da Silveira ſua viagem para Cananor, deſpedindo de ſi oito, ou nove vélas, por já não ter neceſſidade dellas, parecendo-lhe que não podia vir couſa para que as houveſſe miſter. Mas não ſuccedeo aſſi; porque chegado a Cananor, eſtando deſcarregando alguma daquella artilheria que tomou ao Chatim, acertou de paſſar hum Capitão d'ElRey de Calecut por nome Pate Marcar, de que neſta hiſtoria ao diante ſe fará muita menção por a guerra que nos fez. Eſte levava huma Armada de ſeſſenta paráos, e hia a Mangalor, que Diogo da Silveira deixava deſtruido, a buſcar arroz, por a neceſſidade que Calecut tinha delle. Diogo da Silveira aſſi carregado como eſtava, vendo paſſar aquellas vélas, as quiz ſeguir, por não perder táo boa occaſião, ainda que tinha menos as vélas que deſpedio, e que eram as que lhe ficáram poucas, e pejadas, e aſſi não lhe ſuccedeo bem; porque Pate Marcar como era Capitão, e as ſuas embarcações hiam deſpejadas, melhorou-ſe colhendo o balravento

to a Diogo da Silveira; e hum dos noſſos catúres que hia diante, por ſer ligeiro, per deſaſtre ſoçobrou, e de huma bombardada quebráram os inimigos hum braço a João da Silveira ſeu irmão. E vendo que o vento por ſer contra elle lhe não dava lugar para ir ao Mouro, ſe tornou a Cananor a deſcarregar, com fundamento que voltando mais leve, e o Mouro carregado ſe vingaria delle. E como o cuidou, aſſi foi; porque Pate Marcar tornando de Mangalor tão carregado de medo, por a deſtruição que vio naquelle lugar, como de arroz que foi buſcar a outra parte, chegando a Monte Deli, onde Diogo da Silveira o eſtava eſperando, perdeo ſeis vélas, que os noſſos lhe mettêram no fundo, e com eſta perda ſe acolheo a Calecut, e Diogo da Silveira ſe foi invernar a Cochij.

CAPITULO VIII.

Do que fez Antonio da Silveira com huma Armada na enſeada de Cambaya, onde tomou Surat, e Reiner Cidades principaes daquella coſta.

SEguindo a ordem que o Governador Nuno da Cunha teve em mandar as Armadas de Cochij, como a elle chegou, de que a primeira foi a de Diogo da Silveira,

ra , diremos agora o que fez Antonio da Silveira com a ſua na coſta de Cambaya, o qual partio de Cochij a 16 dias de Dezembro de 1529 para Goa a recolher os navios que o Governador mandava que levaſſe, e dahi ſe foi a Chaul, onde tambem tomou os que alli eſtavam , e partio para a enſeada de Cambaya a 21 de Janeiro de 1530: e logo em Bombaim, que são cinco leguas de Chaul , fez alardo , e achou que levava cincoenta e huma vélas, de que tres eram galés , huma em que elle hia, e em outra hia Franciſco de Vaſconcellos, que andava na coſta do Malavar; e por ſer homem de muita conta para aquella guerra de Cambaya , mandou o Governador que foſſe com Antonio da Silveira ; de outra galé era Capitão João Rodrigues Paes irmão de Gaſpar Paes ; e de duas galeotas eram Capitães Fernão de Lima, e João de Magalhães irmão de Fernão Martins Evangelho. Todas as mais vélas eram fuſtas, bargantijs , e catúres, embarcações de remo , e pequenas, nas quaes por o alardo que fez, achou que levava novecentos homens Portuguezes, em que entravam muitos Fidalgos mancebos , e criados d'ElRey, que aquelle anno foram com Nuno da Cunha.

Sahido de Bombaim , foi correndo a

costa té Damam, e no caminho achou algumas náos carregadas de madeira, que atravessavam para a Cidade de Dio, e assi achou hum barco pequeno, que vindo dar com elle, o tomou, no qual hia hum Mouro honrado que vinha de Dio mandado de Melique Tocam. Dalli foi ter á barra do rio de Taptij, pelo qual acima estavam duas Cidades as mais notaveis daquella enseada. Á primeira chamam Surat a tres leguas da foz, e á outra Reiner, da outra banda do rio, meia legua da sua ribeira, detrás de huma ponta que a terra faz. Esta era mais sumptuosa em edificios, e policia de gente bellicosa, todos Mouros costumados á guerra do mar, e de que as mais das fustas, e navios da Armada d'ElRey de Cambaya se proviam. Surat era povoada de gente fraca, a que chamam Baneanes, homens dados a officios mecanicos, principalmente á arte de tecer pannos de algodão. Este rio Taptij, posto que he dos dous mais notaveis que aquella enseada tem, e atravessa toda aquella parte de Cambaya, que jaz na costa do Oriente, não podem entrar nelle vélas grandes; e porque os nossos Pilotos não sabiam a entrada delle, nem o fundo que tinha, posto que Antonio da Silveira levava alguns Mouros de Chaul, não se quiz fiar delles, nem de olhos alheios,

se-

ſenão dos ſeus ; e por ſi meſmo em dous bargantijs foi ſondando o rio : nelle vio que não podiam entrar ſenão fuſtas, e bargantijs , porque de maré vaſia todo outro navio de maior porte ficava em ſecco , ſómente tinha huns poços ao modo de pégos, que parecia ſerem feitos de induſtria , para quando alguma náo ſe achaſſe dentro , ter alli cama na vaſſa. Reconhecido o rio , metteoſe com toda a gente que havia miſter nos bargantijs , e catúres , e na foz do rio deixou as maiores embarcações , e com ellas Franciſco de Vaſconcellos ; e por ſer da barra donde elle partio á Cidade quatro leguas , não pode no primeiro dia chegar a ella por razão da vaſante da maré , com que lhe ficáram algumas embarcações em ſecco com o pezo da gente : e aſſi quando veio ás doze horas do dia ſeguinte , chegou ante a Cidade , que na viſta lhe pareceo mais defenſavel do que os noſſos a acháram , por ſer huma povoação de dez mil vizinhos , com caſas nobres de ladrilho , e no cabo huma fortaleza junto d'agua , com ſeu caes mui bem feito. Antes da Cidade havia huma praia limpa , em que Antonio da Silveira determinou de deſembarcar , parecendo-lhe que mais ſeguramente o podia alli fazer ; e porque pegado a eſta praia eſtava hum teſo , que occupando-o os inimigos , podia re-

receber delles muito damno, mandou Manuel de Sousa com alguma gente que lho fosse tomar em quanto elle desembarcava, e ordenava a outra; o que Manuel de Sousa fez sem resistencia. E posto que, quando Antonio da Silveira commetteo a desembarcação, lha quizeram defender os inimigos com algumas fréchadas, e espingardadas, nenhum destes que as tirava esperou o retorno dos nossos, havendo nesta gente hum corpo de mais de dez mil homens, em que entravam trezentos de cavallo, tomando todos por salvação virar as costas aos nossos a quem mais corria; porque esta gente Baneane he tão fraca, que o temor lhe faz não ter conta com a honra, mas tem por prudencia salvar a vida como puderem. Finalmente a Cidade se despejou de toda a gente, havendo tres dias que tinham tirada sua fazenda, por saberem que a Armada vinha per aquella costa, e estavam cada dia esperando serem visitados. E como os Portuguezes não acháram nella fazenda, de melhor vontade lhe puzeram o fogo per muitas partes, como Antonio da Silveira mandou, e assi a hum galeão novo, e a outras vélas que estavam em estalleiro; sómente ficáram por queimar algumas vélas de Malavares de Cananor, e Cochij, que alli estavam á carga, que nesta entrada puzeram ban-

bandeiras brancas ; e ſabendo Antonio da Silveira ſerem de noſſos amigos, eſcapáram do incendio das outras.

Acabado eſte feito , ſem cuſto noſſo, mandou Antonio da Silveira Manuel de Souſa que foſſe diante delle ſondando o rio da banda de Reiner , que era a outra Cidade que diſtava deſta queimada huma legua com a torcedura do rio , mas per caminho direito pouco mais de meia legua ; e indo com Pilotos ſondando , quaſi já na fronteria da Cidade, começáram de lhe tirar com algumas bombardas, que eſtavam poſtas em huma eſtancia, da qual eſperavam defender a deſembarcação aos noſſos. Sondado o rio, tornou Manuel de Souſa aonde deixára Antonio da Silveira , que ſem detença com toda a gente ſubio pelo rio acima té defronte da Cidade , a qual eſtava ſituada em hum teſo ao longo do rio , e todo o circuito della era campina, e a ſua caſaria ao modo de Heſpanha de pedra , e cal, com portaes , e janellas lavradas de macenaria [a]. Do rio ſe ſerviam per tres caezes de pedra, nas quaes partes como ſuſpeitoſas, perque os noſſos poderiam commetter a deſembarcação, tinham aſſeſtada muita arti-

[a] *Eſta Cidade de Reiner*, diz Diogo do Couto, *que foi fundada pelos Gentios Reineis, que já foram Senhores de todo o Reyno.*

tilheria, com ſuas tranqueiras, e defensões. Afaſtado hum pouco da Cidade, no lugar onde tiravam as náos em eſtalleiro, eſtavam todas juntas, tambem com ſua defensão de quatorze bombardas groſſas, temendo que lhas foſſem queimar. Sería aquella Cidade de ſeis mil vizinhos, quaſi todos Mouros Naiteas [a], gente mui valente, e deſtra na guerra do mar; geração avorrecida dos naturaes da terra, por ſerem homens malicioſos, e atraiçoados, e quaſi toda ſua valentia eſtava mais em manha, que em esforço, e forças. Eſtes nas guerras de Cambaya eram havidos por os primeiros, e principaes, e com a groſſura do trato da Cidade eram ricos, e a riqueza os fez ſoberbos, como pela mór parte são os que eſtam em eſtado proſpero; e quaſi toda a navegação para Tanaçarij, e eſtreito de Méca era deſta Cidade, que das mercadorias daquellas partes eſtava cheia. Antonio da Silveira vendo que ſe ſahiſſe em algum dos cae-

a Eſtes Naiteas são grandes coſſairos, e todos uſam a arte, e guerra do mar; he a mais baixa caſta dos que ſeguem a lei de Mafamed, ſegundo a ſeita dos Arabes. E por elles entrou aquella falſa lei no Reyno de Cambaya, e dalli ſe eſtendeo per todo Oriente, aſſi nos Reynos da terra firme, como nos das Ilhas de Çamatra, Jaua, Borneo, Banda, Maluco, onde eſtes Naiteas chegáram com ſuas náos; e como zeloſos da ſua ſeita, a prégáram, e convertêram a ella grande multidão daquella Gentilidade. Diogo do Couto 4. *Dec. liv. 6. cap. 9.*

caezes sería causa de lhe morrer sua gente, por a muita defensão de artilheria que nelles havia, quiz antes desembarcar em hum teso, e mandou a Manuel de Sousa, que com a gente que levava, que seriam sessenta homens, os mais delles espingardeiros, fosse tentar huma estancia, que os Mouros naquella ilharga da Cidade tinham feita, a qual Manuel de Sousa commetteo com tanto impeto, que fez aos Mouros despejar o lugar ás espingardadas, e lançadas; e alguns quinhentos de cavallo, que andavam no campo ao redor daquelle sitio, quando víram que os nossos eram senhores da estancia, como gente que tinha alli pouco que fazer, puzeram-se em salvo. Manuel de Sousa vendo-se desimpedido da gente daquelle lugar, foi-se ajuntar com Antonio da Silveira, que com o corpo de toda a gente foi dar em outra estancia acima da parte do rio, que tambem foi logo despejada, sem nella achar a valentia, que lhe diziam daquella gente; antes no primeiro commettimento, sem cuidado de mulheres, filhos, ou fazenda, começáram de ir-se recolhendo per huma rua larga, tão de pressa, que os não podiam os nossos seguir. Os primeiros que se acháram nesta entrada foram Gonçalo Vaz Coutinho, Balthazar Lobo de Sousa, João Jusarte Tição, Dio-

go

go Varella, Francisco da Silva, Ruy Boto de Lima, D. Diogo Valençuela, Pero de Taíde, Duarte de Mello, e outros, os quaes como víram que a vitoria era sua, despejando a Cidade, não quizeram sahir della para seguir mais os inimigos, porque podia vir gente de cavallo, que os poderia enxovalhar, estando cansados. Antonio da Silveira deo a Cidade a sacco aos soldados; e se houvera embarcações, em que recolher parte das muitas mercadorias, de que ella estava bem cheia, ficáram todos ricos: pelo que o Capitão mór mandou pôr fogo á Cidade per muitas partes, a qual por estar posta em campina, assi lhe assoprava o vento, que era hum terror ouvir os estrallos, e estrondo que faziam os madeiramentos, e paredes das casas; cousa certo, ainda que a Cidade era de inimigos, muito para doer aos mesmos gloriosos da vitoria. Além da fazenda que ardeo na Cidade, tambem ardêram muitas náos [a], e fustas, que estavam na agua, e em estalleiro, entre as quaes estava huma, que entre elles era afamada, porque nas partes de Ma-

[a] *As náos eram vinte, e muitas cotias carregadas de fazendas, mantimentos, e madeira: e a artilheria das tranqueiras, por não haver onde a embarcar, a mandou Antonio da Silveira lançar no pégo do rio.* Diogo do Couto, *Dec. 4. liv. 6. cap. 9. e* Fernão Lopes de Castanheda, *cap. 8. liv. 8.*

Malaca em companhia de outra tomou huma náo noſſa, em que andava por Capitão Alvaro de Brito, de que atrás diſſemos.

CAPITULO IX.

Como Antonio da Silveira tomou Agacim, e a deſtruio.

ACabado o feito de Surat, e Reiner, que foi hum dos honrados que naquella enſeada té então ſe fizeram, deixando eſtas duas tão notaveis Cidades deſtruidas, e queimadas com tão pouco cuſto dos vencedores, tornou-ſe Antonio da Silveira recolher a ſeus navios, os quaes achou poſtos em grande feſta; porque em quanto elle ganhou aquella honra, tomáram elles ſeis vélas, que hiam carregadas de mantimentos para Dio. E ao Mouro que tomou de Melique Tocam deſpedio, mandandolhe dar ſua embarcação, que foſſe em boa hora, e lhe perdoaſſe, porque quando o tomára hia com determinação de deſtruir aquellas duas Cidades, e o entretivera para ver o que os Portuguezes niſſo faziam; e pois já o víra, podia levar eſſe recado a ſeu Senhor, do que o Mouro ficou mui contente, e teve que contar a Melique.

Sahido Antonio da Silveira da barra donde eſtava, foi-ſe outra vez a Damam, que

que he hum lugar grande, que tem hum rio onde não podem entrar galés. E para sua defensão tinha huma fortaleza com quatro cubelos, e muro de oito pés de largo. Mas os seus moradores ficáram tão assombrados com a destruição das Cidades de Surat, e Reiner, que não ousáram experimentar o ferro dos que vinham triunfando dellas, e despejáram o lugar de todo; polo que não tiveram os nossos mais que fazer nelle, que tomar alguns mantimentos, e pôr-lhe o fogo, e em batéis pequenos foram a cativar alguns Mouros pelas aldeas que estavam ao longo do rio [a].

Dalli veio Antonio da Silveira caminho de Agacim, que dista de Chaul quatorze leguas, com determinação de dar nelle. E por o rio não ser para isso, desembarcou na costa brava, meia legua do lugar, que era grande, e rico de fazenda, posto que pobre de edificios, em que haveria cinco mil homens de pé, e quatrocentos de cavallo, que serviam de guarnição, por ser perto de Chaul, os quaes não despejáram o lugar, por lhes parecer que os nossos não quereriam ir a elle, porque tinham muito

[a] *Esta tomada de Damam escreve mais largamente* Francisco de Andrade *no cap.* 56. *da* 2. *Parte, onde se poderá ler. E diz que de caminho destruio Antonio da Silveira a Ilha de Bombaim; mas não faz menção da tomada, e de Agacim.*

caminho que andar a pé, e confiando na gente de cavallo, que os podiam impedir. Antonio da Silveira como tudo té o lugar era campo, e lhe pareceo ſer mais perto do que era, ſahio em terra, e mandou diante caminho do lugar por deſcubridor hum Capitão Canarij, chamado Malú, homem coſtumado a andar em noſſas Armadas ganhando ſoldo. Nas coſtas deſte Canarij mandou tambem a Franciſco de Vaſconcellos, e Fernão de Lima, ambos com alguns eſpingardeiros, e elle com a mais gente os ſeguio na retraguarda. Caminhando todos neſta ordem, foram dar os dianteiros na gente do lugar, que a modo de encuberta eſtavam lançados no baixo de hum cabeço, os quaes em os noſſos chegando ſahíram mui rijo, dando grande grita. Neſte commettimento matáram cinco Portuguezes, com que os mais ſe puzeram em virar as coſtas aos inimigos. Mas foram logo entretidos per Franciſco de Vaſconcellos, e per outros Fidalgos, e chegou Manuel de Souſa, que vinha detrás com mais de cem eſpingardeiros, que fizeram aos Mouros voltar caminho do lugar. Chegado Antonio da Silveira aonde foi eſte deſmancho, não ſe quiz deter, nem levar o paſſo tão vagaroſo como levava; mas tomando-o mais apreſſado, chegou ao lugar, e antes de entrar nelle,

le, deixou a bandeira acompanhada daquelles que haviam mister tomar algum folego. Na parte onde deixou aquella gente era em huma de duas entradas, que o lugar tinha de sua serventia, porque o mais era o rio, e da outra banda huma vasa, que no tempo de baxamar era peior que a mesma agua; e assi do rio, e da vasa era este lugar cercado ao modo de Ilha, o qual estava cheio de muita artilheria, e mercadoria de pannos de algodão, e grande quantidade de madeira, por a muita que cada anno dalli se tirava para diversas partes, o que tudo foi á força de ferro pelos nossos entrado. E como este lugar não tinha mais que aquellas duas serventias, e huma lhe tomou Antonio da Silveira com a bandeira Real, não se pode salvar tanta gente, e foram cativos mais de duzentos, e muitos mortos, e o lugar queimado, e os navios que estavam no rio [a]. Destruido este lugar, tornou-se Antonio da Silveira a recolher, e veio-se a Bombaim, que dista cinco leguas de Chaul, para mandar recadar as pareas dos de Taná, Bandorá, e Caranjá, que eram obrigados a pagar em cada hum anno por as pazes que fizeram com Eitor da Silveira; mas

[a] *Nesta guerra queimáram os Portuguezes trezentas vélas entre náos grossas, zambucos, e cotias, carregadas de fazenda, de madeira, e mantimentos.* **Fernão Lopes de Castanheda** *cap. 9. do liv. 8.*

não o pode fazer por ir ſoccorrer ao Capitão de Chaul, como diremos.

CAPITULO X.

Como Franciſco Pereira de Berredo Capitão de Chaul mandou recado a Antonio da Silveira, que o vieſſe ſoccorrer em huma preſſa em que eſtava com os Capitães d'ElRey de Cambaya.

NEſte tempo que Antonio da Silveira andava correndo a coſta de Cambaya, Soltão Badur Rey della fazia guerra ao Nizamaluco, que era Senhor das terras de Chaul, o qual ſe hia retirando da potencia de Badur, que era Senhor do campo; e entre alguns Capitães ſeus, que nas terras do Nizamaluco faziam entradas, era hum Popaterao que fora ſeu vaſſallo, e ſe lançára com o Soltão Badur; e por melhor ſaber a terra, veio contra aquella parte de Chaul per ſeu mandado, e a eſtragou quanto pode, té chegar á povoação dos Mouros, que he acima da noſſa fortaleza. Os quaes com alguns Portuguezes, que com elles eſtavam, e outros que acudíram com Fernão de Moraes, que hi eſtava com hum galeão, que Nuno da Cunha mandava para Ormuz, todos juntos pelejáram com os Mouros de cavallo entre huns vallos das hor-

hortas do lugar, e derribáram quatro delles, com que efcarmentáram os outros, e fe foram com efta perda. Quando veio ao outro dia, movido Francifco Pereira de Berredo, per confelho de alguns homens, e importunado dos Mouros, e gente da terra, pedindo-lhe que os foffe amparar antes que aquella gente tornaffe aos deftruir, porque como hiam efcandalizados, temiam que de propofito tornaffem a fe vingar, fe armou com parte da melhor gente que tinha, em que entravam cincoenta de cavallo, e cento e cincoenta de pé, e fahio da fortaleza, e paffando a povoação deftes Mouros, foi-fe a hum paffo além della, que he como entrada, o que chamam Argao, que ferá da fortaleza meia legua, o qual por fer entre humas ferras, he tão forte, e tão eftreito, que cincoenta homens podiam defender a entrada a cem mil. E porque alli não acháram os Mouros que hiam bufcar, alguns da companhia começáram de requerer a Francifco Pereira, que foffe mais avante, porque de outra maneira pareceria aos Mouros de Chaul covardia. Elle movido com eftas razões, começou feguir o caminho, e a outro paffo apartáram-fe quatro de cavallo dos feus a defcubrir terra, os quaes lhe mandáram dizer, que andaffe mais, que tudo eftava feguro. Chegando a

hum

hum campo, no fundo delle jazia em repouſo o Capitão Popaterao, e outros que aquella noite vieram a ſe ajuntar com elle, os quaes ſeriam per todos cinco mil de cavallo, e dez, ou doze mil de pé. Franciſco Pereira, como vio tão groſſa gente, e que começava abalar contra elle, e travar eſcaramuça com os de cavallo que hiam diante, quiz voltar ao paſſo recolher a gente de pé; mas ella hia tão canſada, e a calma era tão grande, que como homens, que ſe não atreviam na força dos pés, começáram de ſe eſpalhar, e metter pelo mato, a qual deſordem os matou, porque os Mouros hum, e hum os foram derribando a todos. Franciſco Pereira o melhor que pode no paſſo entreteve os de cavallo; mas como veio a gente frécheira dos Mouros, que eram de pé, fizeram recolher os noſſos á fortaleza, a maior parte delles feridos, e deixando no campo mortos mais de oitenta [a]. Com eſte desbarato ficou a fortaleza

tão

[a] *Eſcreve* Franciſco de Andrade (*no cap.* 44. *da* 2. *Parte*) *eſte ſucceſſo de Chaul no tempo do governo de Lopo Vaz de Sampaio, e que tendo o Governador nova deſta deſgraça, mandou a Chaul Antonio de Miranda com os ſeus poderes, o qual quando chegou achou já em Chaul Eitor da Silveira, que ſabendo do que acontecêra acudíra logo alli com a ſua gente. E no cap.* 56. *diz, Que o Governador Nuno da Cunha ordenou a Antonio da Silveira (depois da deſtruição de Damam, e Agacim) que foſſe a Chaul, e tomando poſſe da fortaleza, lhe mandaſſe prezo*

tão deſamparada de gente, e ſujeita a todo deſaſtre, ſe os Mouros tiveram animo para logo vir ſobre ella, que por eſte receio eſcreveo Franciſco Pereira a Antonio da Silveira o perigo em que eſtava, o qual acudio logo; e ſabendo o caſo, e quão perto ElRey de Cambaya andava, temeo que ſabendo a deſtruição que elle Antonio da Silveira deixava feita naquella coſta, em vingança diſſo quizeſſe vir ſobre aquella fortaleza, tanto mais tendo nova do que eſtes ſeus Capitães deixavam feito a pouco cuſto ſeu. Polo que por eſta cauſa Antonio da Silveira em chegando mandou fazer muitas eſtancias, e aſſentar nellas ſua artilheria, provendo na terra, e no mar, como quem eſperava de ſe defender a todo o poder do Soltão Badur, que andava mui ſoberbo pelas terras do Nizamaluco. O que aproveitou muito; porque como eſtes Capitães, que fizeram aquelle eſtrago, ſouberam que Antonio da Silveira era alli com a Armada que trazia, e o que deixava feito, receáram de pagar o damno que fizeram, e convertêram ſua indignação em tomar huma

for-

Franciſco Pereira *polas culpas do ſucceſſo do Argao.* Fernão Lopes de Caſtanheda *no cap.* 10. *e* 11. *do liv.* 8. *e* Diogo do Couto *no cap.* 9. *do liv.* 6. *em tudo ſe conformam com* João de Barros; *differe ſómente* Diogo do Couto *no número dos inimigos, porque eſcreve que eram mais de duzentos de cavallo, e dous mil de pé.*

fortaleza per nome Palle do Nizamaluco, que he das mais fortes que elle tem, e tal que não ſe póde tomar ſenão per fome. Eſta fortaleza eſtá em hum paſſo per onde da terra firme vem todos os mantimentos a Chaul; e ſe o Capitão della a não entregára, nunca fora tomada, e sómente com o eſtrago da terra, e tomada deſta fortaleza, por ſe vir o inverno, ElRey Badur ſe tornou para Cambaya; mas a fortaleza eſteve pouco tempo em ſeu poder, por a cobrar o Nizamaluco.

Antonio da Silveira deo conta deſtas couſas de Chaul ao Governador, e as cartas o tomáram paſſando elle per Baticalá, e quizera ir a Chaul, ſe a doença que lhe ſobreveio, e o inverno lho não impedíram. E mandou logo que Franciſco Pereira foſſe prezo ſobre ſua homenagem, e levado a Goa; e que Antonio da Silveira ficaſſe por Capitão na fortaleza, para que viſſem os Mouros como ſe caſtigavam os Capitães, que deixavam ſuas fortalezas, de que haviam feito homenagem, e ſahiam fóra dellas ſem mui grande neceſſidade. E tirandoſe devaſſa do caſo, caſtigou algumas peſſoas por incitarem a Franciſco Pereira ir aonde foi. Antonio da Silveira como teve recado do Governador que ficaſſe na fortaleza, deſpedio as mais das vélas da ſua Ar-

ma-

mada, que foſſem invernar a Goa, deixando ſómente huma galeota, e alguns bargantijs para ſerviço da fortaleza, e ſeiscentos e cincoenta homens para guarda della.

CAPITULO XI.

Do que Eitor da Silveira fez com a ſua Armada té chegar a Mete, e depois á Cidade de Adem: e como fez tributario o Senhor della.

NO princípio deſte Livro diſſemos das tres Armadas que o Governador Nuno da Cunha apreſtou em Cochij, das quaes huma havia de ſer para o mar Roxo, de que fez Capitão Eitor da Silveira, o qual partio de Goa a 21 de Janeiro do anno de 1530 com quatro galeões, duas caravellas, e quatro bargantijs, em que hiam ſeiscentos homens, e fez ſua viagem á Ilha de Çocotorá para nella fazer ſua aguada, a qual feita, diſpoz ſeus navios de maneira, que não paſſaſſe véla de Mouros ſem dar nas ſuas, eſtendendo-as quaſi humas á viſta de outras ao modo de rede deſde o Cabo de Guardafú, que he na coſta de Africa, contra Xael na coſta de Arabia. Eſtando neſta ordem, huma náo que hia de Mangalor carregada de eſpeciaria, foi dar com Eitor da Silveira, a qual era do Chatim de Mangalor, e era já partida

da-

daquelle porto quando Diogo da Silveira deſtruio ao Senhor della; mas ſe a fortuna a livrou de hum Silveira, veio ſer tomada d'eſtoutro com morte de quanta gente trazia; e foi grande ventura, porque aquelle anno ſómente ſahio do Malavar com eſpeciaria para Méca. Além deſta, tomáram outras vélas, poſto que não de muita ſubſtancia. A Martim de Caſtro Capitão de hum galeão, na parte onde andava, coube-lhe em ſorte outra náo, que hia de Dio, e levava duzentos homens, que quando os noſſos abalroáram com elles, ſe defendêram tão valeroſamente, que ſe houvera de perder Martim de Caſtro, e dez, ou doze homens, que ſaltáram com elle dentro na ſua náo; mas no fim da peleja á cuſta de muitas feridas, principalmente das de Martim de Caſtro, houveram vitoria delles, com morte da maior parte dos Rumes, ficando a náo em poder dos noſſos, a qual hia carregada de ricas mercadorias. E por Eitor da Silveira, pela gente deſta náo, e de outros navios que tomou, ter ſabido que as náos que aquelle anno carregáram em Cambaya, partíram de lá cedo com receio dos Portuguezes, temendo foſſem a Dio, e eram já todas paſſadas ao eſtreito, elle ſe foi ajuntar com toda a Armada em o lugar de Mete, onde tinha mandado per regimento a

to-

todos, que no fim das prezas fossem fazer aguada.

E porque Nuno da Cunha lhe mandára, que feitas as prezas, dando-lhe o tempo lugar, désse huma vista á Cidade de Adem, e achando no porto náos de pouca valia, mandasse dizer a ElRey, que por amor delle lhe não fazia damno, e o commettesse amorosamente que se fizesse vassallo d'ElRey de Portugal; como ajuntou toda a frota, mandou dalli as náos que tomára para Mascate, e elle se partio para Adem, aonde chegou a 4 dias de Abril daquelle anno. Foi logo visitado da parte d'ElRey com muitas vaccas, e carneiros, e outros refrescos, com palavras significadoras de muito contentamento da sua vinda, e per retorno houve ElRey outras cousas que havia de estimar em muito. Passadas as visitações, mandou ElRey dous homens Arabios dos principaes saber de Eitor da Silveira a causa da sua vinda, e a correspondencia que o Governador da India queria ter com elle. Ao que Eitor da Silveira respondeo, que o Governador sabendo que os Rumes o tinham cercado, o mandára com aquella Armada soccorrer; e por em Çocotorá achar nova serem já idos [a], espalhára a Armada ás pre-

zas;

[a] Diogo do Couto *escreve, Que os Rumes com o seu Capitão Mustafá, em companhia d'ElRey de Xael, esta-*

zas; e pois o Governador ſe movia a eſta boa obra por deſejar ſua amizade, por lho ElRey de Portugal ſeu Senhor encommendar, elle tambem devia de folgar de ſe obrigar a ElRey com alguma demonſtração, para o Governador da India ter mais vivo cuidado das couſas delle Rey de Adem, e que eſta demonſtração devia ſer, fazer-ſe vaſſallo d'ElRey ſeu Senhor, com algum reconhecimento de pareas, para o Governador da India o defender dos Rumes. Ao que ElRey reſpondeo, que antes por razão de elle entreter aquella má gente noſſa inimiga, ElRey de Portugal lhe devia muito, pois não pertendiam outra couſa os Turcos, ſenão tomar aquella ſua Cidade de Adem, e alli ſe fazerem fortes para della conquiſtarem a India. Eitor da Silveira diſſe a eſtes homens que hiam, e vinham, que nenhuma couſa o Governador da India mais deſejava, que ver os Turcos tomarem algum lugar para os ir desbaratar nelle; e que ſoubeſſe, que muito mais certo tinha tomar aquella Cidade de Adem da mão dos Turcos, quando a elles tiveſſem, que da dos Arabios; mas como andavam eſcondendo-ſe em buracos, não os podia caſtigar:

Que

vam ainda ſobre Adem, com mais de vinte mil homens, quando Eitor da Silveira chegou; e que temendo que elle foſſe a tomar Xael, levantáram o cerco de Adem. Cap. 10. liv. 6.

Que agora visse ElRey se queria a sujeição daquelles, que conheciam por gente sem lei, e sem verdade, e atraiçoados, e crueis em todas suas obras, ou a amizade dos Portuguezes com a lealdade com que tratavam seus amigos, e os vassallos de seu Rey, e Senhor. Estes, e outros recados vieram, e foram tantas vezes, té que ElRey concedeo fazer-se vassallo d'ElRey de Portugal, com lhe pagar cada hum anno dez mil xerafijs, e deo logo mil e quinhentos mortos para se fazer em Ormuz huma coroa de ouro, de que lhe fazia serviço. Deste assento de paz, e vassallagem se fizeram duas escrituras assinadas per ElRey, e per Eitor da Silveira, de que cada hum ficou com a sua, e a rogo d'ElRey deixou Eitor da Silveira hum bargantim com trinta homens, de que ficou por Capitão Antonio Botelho. [a]

An-

[a] *Esta jornada de Eitor da Silveira divide* Francisco de Andrade *em duas, e em differentes tempos; porque escreve no cap. 47. da 1. Part. Que em fim de Janeiro do anno de 1524 partio Eitor da Silveira de Goa para o estreito do mar Roxo, per mandado do Governador D. Duarte de Menezes, em busca de D. Rodrigo de Lima, que não levou á India por o não achar em Maçuá. E que desta viagem aportando em Adem, fizera a ElRey della vassallo d'ElRey de Portugal, com huma coroa de ouro de dous mil xerafijs de pareas, e que então lhe deixára o bargantim para sua guarda, e per Capitão delle Fernão Carvalho, a que ElRey matára, (logo que Eitor da Silveira se partio para a India,) e aos Portuguezes do seu bar-*

Antes que dalli partisse Eitor da Silveira, lhe escreveo ElRey de Xael, que tambem se queria fazer vassallo d'ElRey de Portugal, e lhe entregaria toda a artilheria que ti-

gantim, e a outros, que com a segurança da paz vieram a seu porto. O que soube depois no anno de 28 Antonio de Miranda, (como diz Francisco de Andrade *no cap. 66. da 1. Parte,) quando foi ao Estreito; pelo que tomando defronte de Adem huma náo de mercadores ricos daquella Cidade, que vinha de Cambaya, depois que a mandou despejar da fazenda que trazia, e lhe pagáram os mercadores por seu resgate trinta mil xerafijs, os fez queimar vivos com sua náo. E no cap. 63. da 2. Parte, escrevendo esta jornada de Eitor da Silveira do anno de 1530, diz, Que chegou a Adem com desejo de tomar vingança da falsa paz, que ElRey fizera com elle, quando lhe dera a coroa de ouro de pareas: e que ElRey em satisfação lhe offerecêra nova paz, e por vassallo d'ElRey de Portugal, com as mesmas pareas dos dous mil xerafijs, e que refaria a quebra da outra paz passada, que fora quebrada pelos muitos males, e grandes roubos, e insultos que faziam os Portuguezes que alli deixára no bargantim, no que se não tomou resolução, porque se partio logo Eitor da Silveira para a India.* João de Barros *não escreve a jornada de Eitor da Silveira do anno de 24. senão do anno de 1526 em tempo do Governador D. Henrique no cap. 1. liv. 10. da 3. Decada, quando trouxe D. Rodrigo de Lima, e o Zagazabo Embaixador do Preste João. E no cap. 9. do liv. 7. da mesma Decada trata da jornada que D. Luiz de Menezes fez ao estreito em busca de D. Rodrigo, que não trouxe: e assi parece que* Francisco de Andrade *se enganou, fazendo de Eitor da Silveira a viagem de Dom Luiz de Menezes. E* Diogo do Couto *no cap. 10. do liv. 6. diz, Que quando Eitor da Silveira chegou a Adem, estava ainda cercada per Mustafá, o qual como vio a nossa Armada, levantou o cerco, e foi-se para Xaci. E no mais se conforma com* João de Barros *neste capitulo, como tambem* Castanheda.

tinha alli, e em Dofar que fora noſſa, e a houvera os annos paſſados. Diſto ficou ElRey de Adem mui contente, vendo que todos deſejavam a amizade dos Portuguezes em odio dos Turcos, de que eſtava eſcandalizado, não tanto por a guerra que lhe fizeram, quanto por a pouca verdade que nelles achava, e maldades que commettêram. O Capitão deſtes, que cercáram a Cidade de Adem, de que ella ficou mui desbaratada, foi Muſtafá, ſobrinho de Raez Soleimão Capitão mór da Armada do Turco, de que atrás fallámos [a]. Eſtas novas, e as da vaſſallagem d'ElRey de Adem mandou Eitor da Silveira a Nuno da Cunha per Martim Vaz Pacheco Capitão de huma das caravellas que levava. Tambem deixou hum bargantim em Mete com a náo da preza para a levar a Maſcate antes que foſſe a Adem. Com eſte bargantim veio ter huma fuſta de Turcos; e cuidando o Capitão ſer alguma das da noſſa Armada, ſahio a ella, e em chegando, e conhecendo que ſe enganára, não pode deixar de pelejar, ſendo os Portuguezes ſómente doze, e os Turcos trinta, os quaes todos, depois que canſáram de pelejar, ſe aſſentáram para deſcançar; e tornando de novo á requeſta, ficáram os noſſos com a vitoria bem feridos, e tres

a *No cap. 8. do liv. 1.*

e tres delles mortos, e os Turcos morrêram todos, e com a fuſta tomada ſe foram a Maſcate; e deſta viagem que Eitor da Silveira fez, ſe leváram a Goa para ElRey trinta e dous mil pardáos das prezas.

Eſte fim houveram as tres Armadas, que Nuno da Cunha armou chegando á India [a], per tres Capitães de appellido da Silveira. Per Diogo da Silveira, filho de Martim da Silveira Alcaide mór de Terena, Pai de D. Maria da Cunha primeira mulher do Governador Nuno da Cunha; e per Antonio da Silveira filho de Nuno Martins da Silveira Senhor de Goes, e dos Morgados da Silveira, e Lemos, e Pai de D. Iſabel de Vilhena ſegunda mulher do meſmo Governador Nuno da Cunha, com quem então era caſado; e per Eitor da Silveira filho de Franciſco da Silveira Senhor das Cerzedas, e de Sovereira formoſa, Coudel mór deſte Reyno: todos tres parentes per deſcendencia de Nuno Martins da Silveira o velho, que foi rico homem, Eſcrivão de Puridade d'ElRey D. Duarte, Aio d'ElRey D. Affonſo V. e Coudel mór, e Veedor mór das obras do Reyno. [b]

CA-

a Frota da India do anno de 1530.

b Em Setembro deſte anno de 1530 chegáram a Goa cinco náos do Reyno, de ſeis que partíram delle ſem Capitão mór. Deſtas cinco eram Capitães Manuel de Brito, Luiz Alvares de Paiva, Fernão Camello, Vicente Pega-

CAPITULO XII.

Como Nuno da Cunha partio para Dio, e das novas que soube per mercadores Arabios, que na fortaleza de Damam achou.

NUno da Cunha por o muito que trabalhou em mandar fazer muitos apercebimentos para a jornada de Dio, era tão grande o apparato destas cousas, assi de navios, munições, mantimentos, que por não poder partir juntamente de Goa com toda a Armada, mandou Antonio de Saldanha com algumas vélas que estavam prestes, que o fosse esperar a Bombaim. Elle partio de

do, e Francisco de Sousa Tavares provido da capitanía de Cananor, a cuja paragem chegou no fim de Outubro. A outra náo (de que hia por Capitão Pero Lopes de Sampaio, que levava a capitanía de Goa) com tanta gente morta, e doente, que não havia quem mareasse as vélas. E perdêra-se, se a não encontrára Diogo da Silveira Capitão mór daquella costa, que metteo dentro na náo gente da sua Armada; com que foi surgir no porto de Cananor, onde os doentes foram curados; a náo despejada, e levada a Cochij. Francisco de Andrade *cap. 64. da 2. Parte.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 28. liv. 8. Nestas náos mandou ElRey a Nuno da Cunha, que embarcasse para o Reyno Affonso Mexia, e lhe fizesse inventario da fazenda, pelas culpas, e capitulos que Pero Mascarenhas deo contra elle. A fazenda, que era de muita pedraria, perolas, peças de ouro, e prata, e outras cousas ricas, se entregou aos Capitães das náos, em que Affonso Mexia se embarcou em Janeiro de 1531.* Diogo do Couto *cap. 2. do liv. 7.*

Goa o primeiro dia de Janeiro do anno de 1531 com parte da frota, e para o mais que ficava deixou a Francisco de Sá que a levasse. Chegado a Chaul [a] deo a capitanía daquella fortaleza a Gaspar de Teive, que era Alcaide mór della, porque levou comsigo Antonio da Silveira; e chegado a Bombaim, onde estava Antonio de Saldanha esperando por elle, ajuntou alli toda a Armada [b], a qual era de cento noventa e nove vé-

a *Escreve* Fernão Lopes de Castanheda, *que de Chaul mandou o Governador descubrir a costa de Cambaya per D. Manuel de Menezes Tello com tres catúres, o qual chegando perto da Ilha das Vaccas, encontrou com Hag Mamude, que dissuadio a Melique Saca entregar Dio a Eitor da Silveira, o qual andava guardando aquella costa com vinte fustas bem armadas; que vendo os catúres os accommetteo, e elles se foram retirando concertadamente; e chegando a capitanía de Mamude, por ser mais ligeira, a hum dos catúres zorreiro, D. Manuel voltou a voga arrancada ao soccorrer, e abordando a fusta, querendo saltar dentro os Portuguezes, os Mouros com medo se deitáram ao outro bordo, com que a fusta soçobrou, e ficáram os Mouros na agua; onde os nossos matáram muitos, e entre elles a Hag Mamude; e porque as outras fustas se vinham chegando, D. Manuel se contentou de salvar o catúr, com o qual se foi a Chaul, onde foi bem recebido do Governador, assi por salvar o catúr de tamanha Armada, como pola morte de Hag Mamude. Cap. 29. liv. 8.*

b *Dos grandes apercebimentos desta Armada, (que foi a maior que té então se fizera na India,) fazem particular relação* Diogo do Couto *no cap. 2. do liv. 7. e* Francisco de Andrade *no cap. 66. da 2. Parte; onde escreve, Que a fóra os navios, que muitos homens particulares fizeram á sua custa, havia nesta Armada oito náos do Reyno, quatorze galeões, duas galeaças, doze galés, dezeseis*

vélas ; náos , galeões , e navios redondos eram vinte e ſeis ; galés , e galeotas doze ; fuſtas , e bargantijs ſeſſenta e ſeis ; catúres quarenta e dous ; ſeis náos grandes de Mouros , e quatro juncos , e quarenta e tres navios a que chamam cotias , em que hia o Gentio da terra , Canarijs , e Malavares , que eram dous mil. Os principaes Capitães da frota eram Antonio da Fonſeca do galeão S. Mattheus , em que hia o Governador Nuno da Cunha ; das outras vélas eram Antonio da Silveira , Diogo da Silveira , Eitor da Silveira , Antonio de Saldanha , Franciſco de Sá , Jorge Cabral , Franciſco de Vaſconcellos , D. Antonio da Silveira , Vaſco Pires de Sampaio , Nuno Fernandes Freire , Manuel de Brito , Ruy Vaz Pereira , Manuel de Alboquerque , Henrique de Macedo , Antonio de Lemos , Jorge de Lima , Martim Affonſo de Mello Juſarte , Jordão de Freitas , Martim de Freitas , Dom Triſtão de Noronha , Fernão de Moraes , Manuel de Vaſconcellos , Gomes de Soutomaior , Fernão de Lima , Paio Rodrigues de Araujo , Triſtão de Taíde , João de Ma-

Ee ii ga-

galeotas , duzentas e vinte oito vélas miudas de remo , entre bargantijs , fuſtas , e catúres , vinte cinco juncos grandes de Malaca , carregados de mantimentos , e muitas náos , zambucos , e cotias de taverneiros que hiam vendendo mantimentos , e vinhos da terra , com que faziam número de mais de quatrocentas vélas.

galhães, Luiz Falcão, Luiz da Veiga, Gonçalo Baião, Fernão Rodrigues Barba, Jorge de Sousa, Paio Guedes, Gaspar Preto, Gregorio de Abreu, Francisco de Brito, Gonçalo Vaz Coutinho, Galvão Viegas, e outros, cujos nomes não vieram á nossa noticia [a]. Partido o Governador de Bombaim [b] com toda sua Armada, foi ter á fortaleza de Damam, que era d'ElRey de Cam-

a Francisco de Andrade, e Diogo do Couto *nomeam mais os seguintes, Garcia de Sá, D. Vasco de Lima, Tristão Homem, Antonio de Sá o Rume, Nuno Pereira de la Cerda, Manuel de Sousa, Miguel Carvalho, D. Roque Tello, Manuel de Miranda, Manuel Rodrigues Coutinho, Christovão de Paiva, que hia por Feitor da Armada, Ruy de Mello, Lopo Pinto, Pero Botelho, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Antonio da Silva de Menezes, Lopo de Mesquita, Martim de Castro, Vasco da Cunha, Francisco da Cunha, Nuno Fernandes de Macedo, D. Fernando Deça, Ambrosio do Rego, Nuno Barreto, Gonçalo Gomes de Azevedo, João da Silveira, Henrique de Sousa, D. Manuel de Lima, Tristão Gomes da Gram, João Mendes de Macedo, Diogo Botelho Pereira, Lourenço Botelho, Antonio Pessoa, Antonio Correa, João Jusarte Pição, Vicente Correa, e Gaspar Correa, de cujos escritos diz* Francisco de Andrade, *que tomou o mais do que escreve das cousas da India, por elle se achar presente a todas, de que dá relação.*

b *Nesta Ilha de Bombaim se fez resenha geral da gente que hia na Armada, e acháram-se tres mil e quinhentos e sessenta e tantos homens de peleja, contando os Capitães, mil e quatrocentos e cincoenta e tantos homens do mar Portuguezes com os Pilotos, e Mestres, dous mil e tantos Malavares, e Canarijs de Goa, oito mil escravos, homens que podiam pelejar, quatro mil marinheiros da terra que remavam, e mais de oitocentos mareantes dos juncos.*

Cambaya, e com temor ſe deſpejou logo, e todos os bargantijs entráram dentro do rio a fazer aguada por ſer pequeno, e não para maiores embarcações. Aqui ſahio Nuno da Cunha em terra, onde mandou dizer Miſſa ſolemne, e fez hum Sermão o Commiſſario da Ordem de S. Franciſco, e no fim delle deo huma abſolvição geral. O que acabado, mandou o Governador lançar pregão, em que o primeiro homem que ſubiſſe os muros de Dio haveria de mercê d'ElRey quinhentos pardáos, e o ſegundo trezentos, e o terceiro cento, e eſcala franca a todos, tirando a artilheria, e caſcos das náos, que eram d'ElRey per ſeu regimento. E per alguns mercadores Arabios, que alli achou fazendo ſeus commercios, ſoube como Muſtafá, de que atrás fallámos, ſobrinho de Raez Soleimão, era entrado em Dio havia poucos dias em tempo que ninguem té alli atraveſſou de Caxem, donde elle partio para Dio por ſer em Janeiro fóra de monção. E a razão de vir em tempo tão perigoſo era por fugir das Armadas Portuguezas, que temia vindo em tempo ordinario. Tambem ſoube o Governador como na Ilha de Beth, (que diſta ſete leguas de Dio para a enſeada de Cambaya, e mil paſſos apartada da terra firme,) eſtava hum Capitão Rume com alguns Rumes,

mes, e Arabios, e outras nações de Mouros, que feriam por todos dous mil homens, os quaes faziam huma fortaleza, além da que a mefma Ilha tinha. Efta Ilha sería em redondo de legua e meia, e fobre a penedia de que era cercada tinha em torno feito hum muro antigo de pedra, e cal com baluartes, e cubellos de maneira, que ficava como huma Cidade bem cercada. Daquella fábrica era alguma renovada, como obra que fe fizera, temendo-fe que tomaffem os Portuguezes poffe della, com que ficaria Dio deftruida, e defpovoada. Sua entrada era huma calheta entre hum arrecife de pedras, fobre o qual eftava hum baluarte para defender a defembarcação, e logo junto delle duas portas dobradas enfiadas huma em outra, e o caminho para fubir acima era amparado de dous muros hum bom pedaço té entrar em terra chã, porque fómente os baluartes, e eftes muros eftavam fobre a penedia, e em cima no chão havia hum templo antigo, final que em algum tempo aquella povoação fora coufa mais nobre do que agora era. Nefte lugar havia tanta artilheria, que Nuno da Cunha o não creo, fenão depois que o vio.

CA-

CAPITULO XIII.

Como Nuno da Cunha chegou á Ilha de Beth, e a destruio: e da crueldade que o Capitão della executou em sua familia, por dar exemplo de sua constancia.

ALvorozado com aquellas duas novas Nuno da Cunha, partio de Damam, atravessando á outra costa da enseada de Cambaya, e foi demandar á Ilha de Beth, onde chegou a 7 de Fevereiro; e em quanto a Armada se agazalhava, mandou a Antonio de Saldanha com todos os navios de remo que fosse tomar a travessa do mar, que havia entre a Ilha, e a terra firme, e andasse em vigia, e visse a disposição que a Ilha tinha per aquella parte, para ver per qual sería melhor commetter a entrada della. Porque em a Armada surgindo, com grita, e artilheria a salváram os inimigos de maneira, que bem mostravam serem homens que defenderiam a terra em que estavam. E como Nuno da Cunha vio esta sua determinação, tomou alguns Fidalgos, e em bargantijs, e catúres foi dar huma vista á parte onde estava Antonio de Saldanha. E depois de reconhecer todos os lugares de dentro, e de fóra da Ilha, e havido conselho sobre o que fariam, foram todos de

pa-

parecer, que não devia deixar aquella ladroeira atrás, o que Nuno da Cunha approvou. E entre muitas razões que deo para ſe dever fazer, foi, que tomava aquelle acerto por bom prognoſtico, lembrando-lhe, que indo o Viſo-Rey D. Franciſco de Almeida a Dio desbaratar os Rumes, que de feito desbaratou, ſahio primeiro em Dabul, que deſtruio, e depois alcançou huma mui illuſtre vitoria [a], e outra tal eſperava elle naquella Ilha, e não menos glorioſa em Dio. Só a Eitor da Silveira, a quem não faltava animo, nem conſelho, pareceo que a Ilha ſe não havia de accommetter, porque eſtando a gente della com determinação de ſe defender, não ſe podia entrar ſem alguma perda de gente, que para a empreza de Dio não ſe havia de arriſcar o mais pequeno homem daquella Armada, porque tudo lhe era neceſſario. No que parece que adivinhava ſua morte, e a falta que podia fazer. Determinado o accommettimento da Ilha, por não aventurar Nuno da Cunha nem dous grumetes que nella podiam perigar, diſſe, que primeiro havia de ver ſe aquella gente ſe queria entregar a partido, e per hum homem de hum barco que ſe alli tomou da terra, mandou recado ao Capi-

a A tomada de Dabul eſcreve João de Barros *no cap. 4. do liv. 3. da 2. Decada.*

pitão, dizendo, que elle via bem como eſtava cercado, e que nem pelo ar podia ſahir dalli, ſenão per via de concerto, o qual parecia convir-lhe ſe queria viver, deſpejando a Ilha de todo com ſua fazenda. Ao que o Mouro reſpondeo, que lhe mandaſſe hum ſeguro para ir fallar com elle; e vindo, diſſe, que elle era hum homem ſó, e que não ſabia ſe poderia acabar com a gente, que deixaſſem ſuas armas, e fazendas, e que dando elle ſeguro a tudo, trabalharia niſſo o que pudeſſe. Nuno da Cunha lhe reſpondeo, que o que tocava á ſua peſſoa, mulher, e filhos, ſe os tinha, e propria fazenda, que era contente, e com iſſo o deſpedio para o outro dia tornar com a reſolução. A qual foi, que elles não eram homens para tão levemente alargarem o que lhes era entregue, que onde ſe perdeſſe a fazenda, lá foſſem as vidas; e ſegundo ſe depois ſoube, os eſtrangeiros eram de parecer que ſe déſſem; mas os Guzarates naturaes temiam tanto a crueldade de Soltam Badur, que não conſentíram no partido. E como gente determinada a morrer, toda aquella noite ſe rapáram as cabeças, (que he huma ſuperſtição de que uſam os que deſprezam a vida, aos quaes chamam na India Amaucos,) e ſe foram á ſua Meſquita, e alli offerecêram ſuas peſſoas á morte,

ou

ou ao que a ventura delles diſpuzeſſe, pois queriam manter a fé que tinham dada; e em ſinal deſte voto, o Capitão por dar exemplo de ſua determinação, mandou fazer huma grande fogueira, onde lançou ſua mulher, e hum filho pequeno que tinha, e toda ſua familia; e fazenda entregou ao fogo, temendo que alguma couſa ſua podia vir a noſſo poder. Outro tanto fizeram alguns tão deſeſperados como eſte Capitão.

Nuno da Cunha como teve o ſeu deſengano, para o outro dia ordenou as peſſoas que haviam de commetter a entrada onde elles eſtavam. A Franciſco de Sá, e a Manuel d'Alboquerque deo huma parte; a Antonio da Silveira, e a Diogo da Silveira, e a Manuel de Souſa outra; a Eitor da Silveira, Jorge Cabral, e a Ruy Vaz Pereira outra; a Martim Affonſo de Mello com alguns Capitães dos navios outra; e elle com Antonio de Saldanha, e todos os outros Capitães tomou outra. Vindo a luz da manhã, cada hum acudio a ſeu lugar com grande animo. Os Mouros como eſtavam offerecidos ao Demonio, aſſi ſe vinham metter nas armas dos noſſos, como que na ſua morte eſtava a ſalvação da Ilha; e dando, e recebendo de ambas as partes, houve aſſás ſangue, e alguns ficáram logo onde os feríram, e outros morrêram

de-

depois das feridas que houveram, assi como Eitor da Silveira, que de huma espingardada que lhe atravessou huma perna, morreo dahi a seis dias, ao que ajudou sua má disposição, que diziam ser quasi ethico. E como nelle havia hum animo invencivel, e de suas obras lhe resultava tanta gloria, e fama, e era tão necessario ao serviço d'El-Rey, não lhe impedia a doença tratar as armas, e offerecer-se aos maiores perigos; e assi acabou com universal sentimento, e notavel perda. Tambem morreo D. Francisco de Castro, filho de D. Antão de Almada Capitão de Lisboa, Jan' Alvares de Azevedo, Henrique de Sousa, e outros que faziam número de doze pessoas; os feridos foram mais de cento, de que os principaes eram Ruy Vaz Pereira, e João da Silveira. Os Mouros como se víram entrados per tantas partes, começáram-se de recolher ao lugar de seu juramento, que era a Mesquita, a qual estava no meio da Ilha, onde sem se quererem entregar morrêram com huma braveza de animaes brutos á custa do sangue dos nossos. Muitos delles por fugirem o seu ferro, lançáram-se pelas barrocas da Ilha abaixo, e vinham ter ao mar, onde os batéis nossos os andavam fisgando ás lançadas, com que acabáram como os outros, os quaes per dito delles mesmos foram mil

e oi-

e oitocentos; foram tomadas ſeſſenta peças de artilheria de toda ſorte. A cerca, e baluartes ficáram aportilhados, principalmente a obra nova, que era menos forte; e por eſte feito ſer hum dos mais perigoſos, e bem pelejados da India, e em que morrêram tantos Mouros, alguns chamáram a eſta Ilha, a dos mortos, e outros lhes chamam de Santa Apollonia, por ſer tomada em ſeu dia, nove de Fevereiro.[a]

Nuno da Cunha acabando de ſe recolher a gente a ſeus navios, a primeira couſa que fez foi em hum catúr andar de navio em navio viſitando todos os homens principaes feridos, e apôs iſſo mandou ao Secretario Simão Ferreira, e com elle o Patrão mór, que foſſe defronte deſta Ilha a terra firme a huma ribeira de agua ver ſe

era

a *Eſcreve* Diogo do Couto, *e* Fernão Lopes de Caſtanheda, *Que na tomada deſta Ilha, arremettendo hum ſoldado Portuguez com huma lança a hum daquelles amoucos, elle ſe metteo per ella, e correndo pela aſtea té chegar ao ſoldado, lhe deo huma cutilada per huma perna, que lha cortou, e ambos cahíram mortos a hum tempo.* E Franciſco de Andrade *refere, Que tomada a Ilha, rodeando-a Gaſpar Correa em hum catúr, vio ſobre hum penedo quatro mulheres, e hum homem, e indo para os tomar, o Mouro com huma adaga degollou duas, aparando ellas voluntariamente as gargantas; e querendo degollar as outras, o matáram com huma eſpingardada, e ellas ſe deitáram ao mar para ſe afogarem, por não virem a poder dos Portuguezes; e tomadas dos remeiros do catûr, o intentáram depois algumas vezes.*

era para fazer aguada nella. E por acharem que o era, tornou lá Simão Ferreira a isso, e Francisco de Sá em sua guarda, aos quaes os moradores de hum pequeno lugar, que estava á borda d'agua, vieram pedir seguro para o irem pedir ao Governador, que lhes não mandasse fazer damno algum, e elle lho concedeo, e lhe mandou dar certos covados de velludo cremesim, de que ficáram contentes.

CAPITULO XIV.

Como Nuno da Cunha, visto o sitio, e baluartes de Dio, se determinou em o combater.

DA Ilha de Beth partio Nuno da Cunha aos 12 de Fevereiro, mandando diante de toda a Armada a Simão Sodré a hum rio que se chama Madrefabat, para defender que, quando a Armada per alli passasse, não entrasse alguma das vélas dentro para elle ancorar com toda a frota junta, e dar della huma grande mostra, como fez meia legua da face de Dio. E tambem por evitar o perigo da artilheria, de que logo teve experiencia, porque lhe tiráram com hum basilisco, cujo pelouro andava saltando entre as vélas; e emendando-se a pontaria, parecendo-lhes que não chegava bem,

so-

ſobrelevou toda a frota. Nuno da Cunha, viſto o ſitio da Cidade, os baluartes, e Villa dos Rumes, e toda ſua diſpoſição, houve que não tinha informação de homens, nem pintura de papeis, que pudeſſem demonſtrar o que elle ſentia com a viſta; e que quantas informações eram dadas a ElRey em Portugal, e regimento que para aquella empreza lhe dera, tudo era pouco mais de nada para o que elle via, e convinha fazer-ſe. E ſegundo elle depois dizia, ſe nelle ſó eſtivera a execução daquelle caſo, e não houvera de dar conta ao Mundo, elle não gaſtára niſſo hum arratel de polvora. Porém como era neceſſario ſatisfazer ao mandado d'ElRey, e á opinião das gentes, convinha fazer experiencia, e acabar de deſenganar tanto enganado.

E poſto que já atrás [a] em alguma maneira eſcrevemos a poſtura, e ſitio deſta Cidade, todavia primeiro que digamos o modo de como foi combatida, daremos huma breve noticia de algumas couſas della. O lugar em que eſta Cidade eſtá ſituada he terra firme; mas porque hum eſteiro do mar a rodea, fica em Ilha. Eſte eſteiro faz duas bocas, huma da parte do Norte, que por ſer

a No cap. 9. do liv. 2. da 2. Decada eſcreve da fundação de Dio, e de ſeu ſitio no cap. 5. do liv. 3. da meſma Decada.

ſer baixo, e aparcelado não ſe ſervem per elle; e a face deſta Ilha, que fica da banda do mar, e corre té a outra boca do eſteiro da párte do Sul, he tudo huma rocha de penedia mui aſpera, principalmente onde a propria Cidade tem ſeu aſſento, que he na boca do eſteiro do Sul; e quaſi toda a povoação, e o principal ſerviço della jaz ao longo deſte eſteiro, que ſerá de largura de huma milha. Da outra banda delle, na meſma parte do Sul, eſtá huma povoação, a que chamam Villa dos Rumes[a], e aqui eſpraia o mar de maneira, por ſer aparcelado, que não póde nadar hum barco, que he mui differente do canal, que vai ao longo da Cidade, que tem fundo per que entram os navios, e de cima della ſe póde defender a quem quizer entrar per elle; e para eſta entrada ficar mais defenſavel, a meio eſteiro, entre o aparcelado da banda da Villa dos Rumes, e a Cidade, fizeram hum baluarte baixo mui forte, que joga ao lume d'agua, e como eſtá no meio, ſerve de través a outros tres baluartes, que ficam da parte da Cidade, hum junto ás caſas da Alfandega, onde ſe deſcarrega a fazenda que entra, e outro mais abaixo contra o mar, fronteiro quaſi ao do meio do eſteiro, e o que chamam de Diogo Lopes, que [illegible] jaz

a O ſeu proprio nome he Gogalá.

jaz abaixo de todos. Deste baluarte que está no meio, hia huma grossa cadeia ao outro baluarte fronteiro, sustentada sobre barcos; e da outra parte contra a Villa dos Rumes corria outro lanço da cadeia tambem sobre barcos té dar em huma ponte de madeira, que ficava em lugar de estancia té á Villa. Além desta cadeia, que fechava aquella entrada, estavam entre bargantijs, e fustas mais de oitenta vélas, com muitos frécheiros, e espingardeiros para acudirem á parte onde necessario fosse. Na Villa dos Rumes estava gente da terra com suas mulheres, filhos, e fazenda para os obrigar a não desamparar o lugar, se commettidos fossem. A Cidade estava atulhada de gente de diversas nações, e todos os muros, e eirados, e partes de que podiam ver a nossa Armada, estavam cheias, e com grandes gritas, mostrando que a tinham em pouco. Porém a verdade he, (segundo depois se soube,) que Melique Tocam quando vio o mar coalhado de vélas, e soube que na Ilha de Beth eram mortos mil e oitocentos homens, os quaes estando em hum lugar tão defensalvel foram entrados a poder de ferro, esteve mui abalado para deixar a Cidade, ou ao menos fazer algum partido d'elle ficar com a vida, e fazenda seguro. Mas (segundo tambem se disse) Mastafá,

que

que era chegado de poucos dias[a], vendo a disposição da Cidade, e que em todas as cousas que tinha visto em Italia, e Turquia não havia alguma que per natureza, e arte fosse tão defensavel como ella, e sobre isso a muita artilheria, assi que havia na Cidade, como a que elle trouxe por ser mui grossa, em que entravam basiliscos, e outras peças mui furiosas, e muitos generos de artificios de guerra, e com tanta gente[b], não desconfiava de poder defender-se, com que todos se determináram a esperar a primeira bateria.

Nuno da Cunha, depois que notou o que pode ver do estado, e disposição da Cidade, teve conselho com os principaes Capitães, declarando-lhes a vontade d'El-Rey sobre o commettimento della, e o que lhe tinha escrito pela informação que lhe tinham dado, que era commetter a entrada da Cidade pela Villa dos Rumes por ser combate mais seguro, tendo sempre diante a vida dos homens. E pois todos tinham ante os olhos o que haviam de accommetter, lhes pedia que cada hum désse seu voto perque lugar sería, conformando-se com

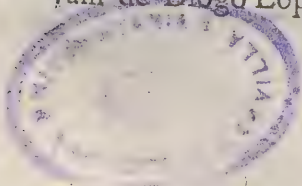
a Chegou Mustafá a Dio com dous galeões carregados de soldados, artilheria, e munições tres dias antes que o Governador. Diogo do Couto *cap. 4. do liv. 7.*

b Havia na Cidade dez mil homens que podiam tomar armas.

a tenção d'ElRey ſeu Senhor. Poſto eſte negocio em prática, depois que foi altercado, per final conclusão, per muitos inconvenientes, e pouca diſpoſição para iſſo, houveram que não podia ſer pela Villa dos Rumes, ſenão per a meſma Cidade; e aſſentado per onde a haviam de combater, não ſe fiando Nuno da Cunha de outrem, o dia antes da bateria per ſi meſmo com o Piloto mór da Armada, andou ſondando os lugares onde ſe deviam pôr os que a bateſſem. E per peſſoas que para iſſo ordenou, dando a cada hum ſeu rol, ſe notificou aos navios pequenos, que capitanía cada hum delles havia de ſeguir da repartição que fez.

CAPITULO XV.

Como Nuno da Cunha commetteo a Cidade de Dio; e por a principal artilheria lhe rebentar, e haver outros impedimentos, não perſeverou no combate.

Viſta a diſpoſição da Cidade, e determinação do Conſelho que ſe accommetteſſe per mar, o Governador ordenou as eſtancias em tres partes, pelo baluarte que eſtava no meio do rio, e per outro da terra defronte delle, e por o que chamavam de Diogo Lopes. Para eſte, por cauſa de

de huma calheta á maneira de concha, onde se podia desembarcar, e parecia que derribando algum pedaço do muro, e pondo-se escadas, poderia a gente subir per aquella parte, ordenou Jorge Cabral, Manuel de Sousa, Martim Affonso de Mello, cada hum em sua galé, e em huma galeaça Manuel d'Alboquerque com hum basilisco, Francisco de Vasconcellos em huma galé com outro, e Jordão de Freitas com outro em huma albetoça, Fernão de Lima, Manuel de Vasconcellos, João de Magalhães, Henrique de Macedo, e Gomes de Soto-maior em galeotas. Além destes navios hiam alguns batéis grandes, cada hum com sua peça grossa, e mantas, de que eram Capitães Jorge da Azambuja, Vasco da Cunha, e sobre elles Antonio de Saldanha com sua taforea, da qual tirava huma salvagem á Cidade a matar gente, e fazer o damno que acertasse: e elle andava em hum catúr, (em que lhe matáram hum homem com hum pelouro de bombarda,) correndo os navios da gente de armas, que tambem alli era repartida, para que havendo algum modo de entrada, sahissem. Contra o baluarte do mar ordenou o Governador tres batéis grandes, e poderosos, que para isso foram feitos, com mantas, e tiros mui grossos, de que eram Capitães Dom

 Vas-

Vaſco de Lima, Jorge de Lima, e Triſtão Homem. Contra o baluarte da terra a eſte fronteiro, ordenou Franciſco de Sá em huma galé baſtarda, que tirava hum baſiliſco, e dous leões; e Antonio de Sá em huma galé com outro baſiliſco, e dous camelos; Nuno Fernandes Freire levava outra, de que tiravam outros tres tiros groſſos com ſuas mantas, e arrombadas, e amparo para a gente correr menos perigo. E Nuno da Cunha ficava com toda a outra gente, aſſi Portugueza, como Canarij da terra de Goa, pela qual repartio as eſcadas, e munições, com que haviam de acudir, ſe neceſſario foſſe ſaltar em terra. E para que a mais frota ficaſſe ſegura detrás, e os que deſſem a bateria eſtiveſſem ſeguros de oitenta fuſtas, que os Mouros tinham dentro da cadeia, que como são ligeiros em ſuas remettidas, podiam fazer torvação, ordenou que Antonio da Silveira com duas galeotas, e vinte bargantijs eſtiveſſe em ſua guarda para acudir quando foſſe neceſſario, e que ſe puzeſſe hum pouco afaſtado para ſegurança da gente, por ſerem navios raſos.

Dada eſta ordem a todos os Capitães, quando veio ao outro dia, que foram 16 de Fevereiro, dia de Santa Juliana Virgem, cada hum eſtava poſto em ſeu lugar; e dado por ſinal no batel de D. Vaſco de Li-

ma

ma hum tiro com huma peça, a que os nossos chamam espalhafato, por ser mui furioso, começáram o mar, a terra, e ar a tremer, e mudar a quietação que tinham; porque o mar fervia saltando para cima as suas aguas com o cahir dos pelouros que vinham da Cidade, e fustalha, onde havia grande número de espingardaria, de maneira, que os pelouros faziam huma chuiva, e no ar, e agua se encontravam. A terra era toda posta em poeira, que levantavam os nossos tiros das estancias que batiam. O ar era hum fumo de enxofre assi escuro, e grosso, que afogava os homens, e os cegava, e entre elle huns relampados de fogo, que pareciam vir do inferno. Tudo era huma escuridão sem alguma luz, sómente hum terror, e espanto aos olhos, tormento aos ouvidos, e huma confusão de animo, que não sabiam os homens onde estavam, e se era sonho o que viam, ou verdade.

Neste tempo andava Nuno da Cunha em hum catúr, por ser manhã fria, vestido de huma roupeta de escarlata, e chapeo de seda de felpa, e em cima o cubria hum sombreiro da China grande tambem de seda de côr, tudo porque fosse visto, e conhecido, e désse animo aos homens. Neste catúr trazia sómente o Secretario Simão Ferreira, e perpassando pela taforea, em que estava

An-

Antonio de Saldanha, vio nella a Triſtão de Gá, ao qual por ſer ſeu amigo, e com que folgava, lhe diſſe: *Ah galante, entrai aqui comnoſco, não haveis vós de levar eſſa vida.* E porque depois de ſer dentro no catúr choviam pelouros de artilheria, e hum delles paſſou per junto de Triſtão de Gá, com cujo vento ſe aſſombrou, diſſe a Nuno da Cunha: *Ah ſenhor, a iſto me trouxe Voſſa Senhoria aqui?* e elle reſpondeo muito inteiro, e ſeguro eſtas palavras da Igreja: *Humiliate capita veſtra.* E porque elle corria tudo, ora a huma parte, ora a outra, chegando a Jorge de Lima, achou que lhe eram mortos quatro homens, e tinha o batel arrombado; e como ſe não podia ter ſobre a agua, o rebocou, e levou a ſeu galeão ao concertar. Neſte tempo, eſtando D. Vaſco de Lima no ſeu batel em pé, lhe levou hum pelouro a cabeça do corpo. Os que eſtavam na bateria do baluarte da terra a eſte fronteiro com ſua artilheria lhe não faziam damno; porque como maciço não obrava mais o pelouro que amaſſar hum pouco o lugar onde dava, e maior damno fazia com o repuxo a quem tirava, que ao baluarte. A Franciſco de Sá rebentou-lhe o ſeu baſiliſco, e o que tinha Antonio de Sá fez huma fenda na boca com que não podia tirar mais. A ſerpe que eſtava na galé

de

de Nuno Fernandes Freire tambem arrebentou. Os que eſtavam da banda do baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, que batiam com tres baſiliſcos, e outras peças, por o muro ſer dobrado, e a bateria ſer do mar, e o repuxo da furia dos tiros não ſer em couſa fixa, e immobil, faziam muito pouco damno, ſómente hum baſiliſco que tirava a montão dentro na Cidade, (ſegundo ſe depois ſoube,) fez muito mal na gente. Os Mouros que eſtavam no baluarte do meio do rio, como víram os batéis retirados, convertêram os tiros ás galés, e aos outros navios que lhe cahiam em pontaria, com que faziam muito mal aos noſſos, matando alguns, ſem delles poderem receber algum damno. E niſto gaſtáram todo o dia té a noite, ſendo toda a perda noſſa, aſſi da gente, como das peças de artilheria, que arrebentáram; porque além das nomeadas, tambem arrebentou hum baſiliſco a Franciſco de Vaſconcellos, e a Jordão de Freitas outro, e a Martim Affonſo de Mello hum leão.

O Governador como ſempre andava viſitando eſtas eſtancias donde ſe dava a bateria, ſabia particularmente o que acontecia a cada navio. E porque o tempo não dava mais lugar, mandou afaſtar os combatentes; e para ſe determinar o que fariam ao

ſe-

ſeguinte dia, aquella noite teve conſelho com todos os Capitães; e altercado o caſo, viſto que o maior damno daquelle dia fora dos noſſos, e não dos inimigos, e que das peças da noſſa artilheria as mais importantes eram quebradas; e que quanto a commetter a Cidade pela Villa dos Rumes, como ElRey mandava, per má informação que lhe deram, era impoſſivel, aſſentou que nenhuma outra couſa podia fazer damno áquella Cidade, e ao Reyno de Cambaya, ſenão trazer boa Armada no mar, e não lhe deixar entrar, nem ſahir couſa alguma; porque era regra certa, que quem era ſenhor do mar, tambem o era da terra; e aſſi ſe reſolveo, que o Governador ſe tornaſſe para Goa, e que Antonio de Saldanha ficaſſe com boa Armada para fazer todo o mal, e damno que pudeſſe na enſeada de Cambaya. Polo que logo aquella noite mandou Nuno da Cunha que todos ſe fizeſſem á véla, afaſtando-ſe o mais largo que pudeſſem da Cidade. Eſte ſucceſſo teve eſta jornada, que fora proſpero, ſe o Governador ſe não detivera na tomada da Ilha de Beth, e navegára direito a Dio; ou ſe depois de tomada partíra logo, e chegára áquella Cidade antes de entrar nella Muſtafá, que perſuadio a Melique Tocam que ſe defendeſſe. O que mais eſpantou aos Mou-

ros

ros neste combate, foi a constancia com que os nossos em todo hum dia, recebendo, e não fazendo damno, duráram té que a luz do dia lhes faltou, e os despedio com morte sómente de trinta pessoas, que pareceo cousa milagrosa, segundo a multidão dos pelouros chovia sobre elles. Tambem houveram por muito tornar tão grande Armada tão inteira como veio sem algum desastre.

O Governador despedido de Antonio de Saldanha, foi-se para Chaul, onde se deteve alguns dias ordenando hum baluarte, muros, e cava, e outras cousas para defensão da fortaleza. Provídas estas cousas, partio-se para Goa, e seguindo seu caminho, veio ter com elle Bastião de Faria, que vinha de Calecut com nova que o Çamorij lhe queria dar lugar para fazer huma fortaleza. Chegado a Goa a 15 de Março esteve na Cidade té que chegáram duas náos que foram deste Reyno [a] para irem á China.

[a] *Frota da India do anno de 1531.*

Estas náos eram de huma Armada de seis náos, que partiram do Reyno em Março de 1531, huma dellas arribou a Lisboa, em que hia Pero Vaz do Amaral Corregedor da Corte, com Officio de Veedor da Fazenda, e capitania de Cochij. Das cinco eram Capitães Aquiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, Manuel Botelho, João Guedes, e Manuel de Macedo, que levou prezo a Portugal Raez Xarafo, e vinha provido da fortaleza de Chaul. A náo de Manuel Botelho por erro do seu Piloto foi parar

na. De huma vinha por Capitão Manuel Botelho, e da outra Manuel de Brito, as quaes não foram á China, mas o Governador as tornou mandar com carga para o Reyno, como adiante ſe dirá.

CAPITULO XVI.

Como Muſtafá foi recebido de Soltam Badur com muitas honras, e mercês: e dos nomes de honra, e titulos com que ſe nomeam os Principes, e nobres do Oriente.

LOgo que partio o Governador de Dio, ſe partio Muſtafá com todos os da ſua companhia para onde eſtava Badur, de quem foi

ás Ilhas de Nicobar, donde voltou a Cochij. A de Manuel de Macedo errando tambem o ſeu Piloto a navegação, metteo-ſe do cabo de Comorij para dentro, ſem ſaber onde eſtava, e foi varar a náo na reſtinga da Ilha dos Jogues, defronte do lugar de Calecare povoado de Mouros Naiteas. Manuel de Macedo deſembarcou na reſtinga, e em huma ponta de area ſe fortificou com a artilheria da náo; e como mui esforçado Capitão ſe defendeo doze dias dos Mouros, que em muitos navios que ajuntáram, os combatêram com muitas peças de artilheria de dia, e de noite, té que chegou o ſoccorro de Cochij, (aonde Manuel de Macedo com o eſquife aviſou ao Capitão do ſeu naufragio,) com que os Mouros ſe retiráram; e embarcada toda a gente, artilheria, munições, e fazenda nos navios que vieram de Cochij, puzeram fogo ao caſco da náo, e chegáram a ſalvamento áquella Cidade. Tres deſtas náos vinham ordenadas do Reyno para fazerem viagem á China; e por aquella Provincia eſtar levantada, o Governador as

foi recebido com muita honra, e gazalhado, assi por a fama que delle tinha, como por o grande presente que lhe fez de muitos cavallos Arabios, e armas de toda sorte, e peças ricas de seda, e ouro; e o que era mais principal, muita artilheria, em que entravam basiliscos, e outras peças de bater, que foram causa de se defender Dio dos Portuguezes, o que ElRey muito estimou; e por mostrar a vontade com que o recebia, e galardoar a Mustafá o presente de sua pessoa, e do mais, lhe fez mercê da capitanía de Baroche, que he na enseada de Cambaya, e de grande rendimento, e assi de outras terras, e juntamente o nome de Rume, e o honroso appellido de Chan.

O Rume lhe chamou por ser natural Grego; porque os Mouros da India como não sabiam fazer divisão destas Provincias de Europa, a toda Tracia, Grecia, Esclavonia, e Ilhas circumvizinhas do mar Mediterraneo chamam Rum, e aos homens dellas Rumij, sendo este nome proprio dos naturaes daquella parte de Tracia em que está Constantinopla, que do nome que ella teve de nova Roma, tomou a Tracia o de

Ro-

tornou a mandar a Portugal em Janeiro de 1532, aonde não chegáram as duas de Manuel Botelho, e de Diogo Botelho, nem apparecêram mais. Francisco de Andrade *cap. 75. da 2. Parte, e* Diogo do Couto *cap. 11. do liv. 7.*

Romania. E assi são differentes nações Rumes, e Turcos; porque estes tem a sua origem da Provincia Turchestan, e os Rumes da Grecia, e Tracia, e como taes se tem por mais honrados que os Turcos, fazendo-lhes vantajem nos costumes, e valor, e tendo por afronta chamarem-lhes Turcos. E posto que nas mesmas Provincias de Grecia, Tracia, Esclavonia ha Christãos, não são dos Mouros aborrecidos, como os das outras partes de Europa, a que elles chamam Frangues. A origem deste vocabulo, e deste odio he do tempo em que Gotfredo de Bulhon conquistou a Terra Santa. Porque como elle, e os mais dos Principes, que foram as cabeças daquella expedição, eram Francezes, que foram grande terror dos Arabes, Persas, e Egypcios, de que fizeram grande estrago, e lhe tomáram suas terras, chamáram sempre Frangues, por dizerem Francezes a todos os Christãos de França, Hespanha, Alemanha, e das outras Provincias do Norte. E como os homens destas nações raramente se tornam Mouros, e obedecem á Igreja Romana, tem elles a todos por verdadeiros Christãos; e por o odio que lhes tem, e aborrecimento ao nome de Frangue, por vituperio chamam aos Christãos destas partes Frangues, como nós a elles impropriamente chamamos Mouros.

O

O Chan que accreſcentou ElRey Badur ao Rumi, he denotação de dignidade tomada dos Tartaros, e que entre os Guzarates, e outros Póvos do Oriente ſe coſtuma dar por eſtado, ou merecimentos de peſſoa, que denota entre elles huma dignidade como em Heſpanha a de Duque. E porque em diverſas nações daquellas Orientaes ha muitas differenças deſtas adjecções, e additamentos, que ſe fazem aos nomes proprios, ſegundo he a dignidade da peſſoa, aſſi para entendimento do que nós eſcrevemos neſtes Livros, como para os que traduzem de huma lingua em outra ſaberem fazer a diſtinção do nome, cognome, e agnome, como os Latinos, ſerá neceſſario darmos diſſo a noticia que alcançámos, por ſer couſa que muitos não ſabem.

Os Perſas, como gente mais politica que todos os Orientaes, (excepto ſempre os da China,) deram entre os Mouros a elles vizinhos diverſas denotações de honra, e tudo exemplificaremos conforme aos attributos dos ditados, e dignidades de Heſpanha, donde as outras nações o podem applicar a ſeus uſos. Eſte nome Xiah, que em lingua Arabiga ſignifica Governador, ou Capitão, junto a qualquer nome proprio, dam os Perſas a ſeus Reys, e ácerca delles denota Emperador, donde vem chamarem-lhe Xiah

Iſ-

Ismael, Xiah Tamas. Bec responde á dignidade de Conde. Emir, que quer dizer Capitão, he titulo que se dá ao Fidalgo. Xech em Arabigo, e Cogia em Turquesco, significam homem velho de authoridade. Raez denota em Arabigo Principe, e Capitão que mandava navio, pelo que usam delle os Governadores dos Reynos. Os Turcos chamam a seu Rey Paderan; e Vizir, que quer dizer Conselheiro, he dignidade igual á do Duque, e Baxiá á do Conde. Sangiac he o mesmo que Capitão de bandeira; Chiause Cavalleiro da casa d'ElRey; Janglichiari escravos d'ElRey, a que nós chamamos Janiçaros. Os Arabios no tempo de sua potencia chamavam Soltão ao Rey do Cairo, o qual nome os Turcos tomáram delles.

Destas nações dos Mouros tomáram outras seus appellidos de honra, como os do Reyno de Cambaya o nome de Soltão, que deram ao seu Rey. Os Capitães do Reyno do Decan accrescentam a seus nomes proprios outros de honra, de que se mais prézam, chamando-se Iniza Malmulco, que quer dizer, lança da terra, Cota Malmulco, fortaleza da terra, Adilchan, da justiça senhor; e nós corrompendo estes nomes, lhe chamamos Nizamaluco, Cota Maluco, e Hidalchan. Os Mouros Malaios tem hum

ter-

termo que he Raja, que quer dizer d'El-Rey, o qual accreſcentam a ſeus proprios nomes, com que ficam ſignificando cavalleiros d'ElRey, braço d'ElRey. Entre os de Maluco ha hum prenome de honra que he Cachil, como entre nós Dom, e dizem Cachil Daroez, Cachil Vaidua. Finalmente não ha lugar na terra, em que não haja eſta ambição de nomes honroſos, no fim, ou no princípio do ſeu proprio: e o mais commum naquelle Reyno de Cambaya he o de Chan, que Soltão Badur deo a Muſtafá, chamando-lhe Rumechan; e como a homem a que melhor cabia o governo de quantos Rumes, e Chriſtãos havia em ſeu Reyno, lhe deo a capitanía delles.

CAPITULO XVII.

Do que fez Antonio de Saldanha com a Armada que lhe ficou: e como o Governador houve á mão hum irmão d'El-Rey de Cambaya: e do ſucceſſo da Armada de D. Antonio da Silveira, e da ſua morte.

ANtonio de Saldanha ficou com ſeſſenta vélas, as mais dellas de remo, e com mil e quinhentos homens, a quem o Governador mandou que primeiro que entraſſe na enſeada de Cambaya, eſtiveſſe no

por-

porto de Dio alguns dias, como esteve oito, sem as oitenta fustas de Melique, que dentro da cadeia tinha, ousarem sahir. Partido dalli, entrou na Cidade Madresabat, que dista cinco leguas de Dio contra a Ilha de Beth, com tenção de fazer alli aguada, porque tem hum esteiro, em que bem podia entrar toda a Armada, e foi a tempo que estava toda despejada de gente, temendo que os Portuguezes fossem a ella. Esta Cidade era toda cercada de muro, e da parte da terra firme tinha serventia de duas portas, onde Antonio de Saldanha, em quanto os nossos andavam recolhendo hum pouco de despojo que achâram assás pobre, mandou pôr a huma das portas Fernão Rodrigues Barba com trinta homens, e na outra Jorge de Sousa com vinte e cinco. Per ambas commetteo entrar muita gente de cavallo dos Mouros; e posto que entrâram, custou a vida a dezesete que alli ficăram mortos, sendo alguns dos nossos feridos. E vendo que entrar dentro era sua perdição, quizeram tornar a sahir per onde entrâram, e por acharem as portas defendidas, como gente já desesperada, vieram demandar as portas da ribeira, por ser lugar mais espaçoso perque podiam fugir. E neste caminho, que fizeram pelo terreiro, ficâram alli alguns derribados ás lançadas. Queimada esta

Ci-

Cidade, e Talajá, entrou Antonio de Saldanha para dentro da enſeada, ao longo da coſta daquella parte de Cambaya, e foi a huma Cidade grande, e antiga, chamada Gogá [a], de muito trato, que diſtára de Madrefabat vinte e quatro leguas pouco mais, ou menos. Neſte porto achou dezoito paráos de Malavares carregados de eſpeciaria, que eram os melhores de todo o Reyno de Calecut, por ſerem de tres mercadores ricos, Pate Marcar, Cutiale, e de ſeu filho. Eſtes, tanto que houveram viſta da Armada de Antonio de Saldanha, ſe mettêram per hum eſteiro dentro quaſi meia legua, cuidando que os noſſos navios por demandarem mais fundo, não poderiam ſubir onde elles eſtavam. Mas Antonio de

a Eſta Cidade era huma das maiores, e mais opulentas em trato, riqueza, e poder de todas as da enſeada de Cambaya. Jaz quaſi no cabo della da banda do Ponente, eſtendida em hum largo campo; e de algumas ruinas de edificios, que ainda hoje ſe vem, moſtra que foi antigamente couſa mui grande, vendo-ſe em muitas partes pedaços de groſſos muros de canteria, de pedras bem lavradas de quatro palmos de comprido, tres de largo, e outros tantos de alto, liadas ſem betume, nem cal, e aſſentadas com tanta igualdade, que parece parede de huma ſó pedra. E ſe os Romanos chegáram com ſuas conquiſtas áquellas partes, pudera-ſe preſumir que era fábrica ſua pela ſemelhança que tem com as que elles deixáram feitas: e deve ſer dos Chijs, cujos edificios de ſemelhante fábrica ſe vem em alguns daquelles Reynos, de que elles foram ſenhores, como nos Pagodes da Ilha de Salſete, e outros. Diogo do Couto *liv. 7. cap. 5.*

Saldanha com as vélas mais ſubtís, e leves os foi demandar com oitocentos homens, porque ſe puzeram elles em defensão com muita artilheria; e em os quererem os noſſos commetter, tiveram aſſás trabalho, porque lhes conveio ſahir em terra, onde os vieram receber mais de trezentos homens de cavallo, e oitocentos de pé, em que entravam muitos eſpingardeiros dos Malavares, que como gente que defendia o ſeu, deram bem que fazer aos noſſos; mas á cuſta de mais de duzentos delles que alli ficáram mortos, deſampparáram os catúres, e eſtancias, que logo foram queimadas, e aſſi entráram na Cidade, a que tambem foi poſto fogo, e a ſete, ou oito náos que eſtavam em baixo no porto, ficando tudo aſſolado, e feito em cinza. Dos noſſos foram muitos feridos, e alguns mortos, de que foi hum Paulo de Sá do Porto. Deſtes paráos Malavares ſe houve muita artilheria, da qual alguma era de bronzo.

Acabado eſte feito, paſſou-ſe Antonio de Saldanha á outra coſta de fronte [a], e foi demandar a Cidade de Surat, por ter nova que dentro do ſeu rio eſtavam alguns navios, principalmente paráos Malavares carregados de pimenta, e gengivre; mas não

achou

[a] *Onde deſtruio os lugares de Belſa, Tarapor, Maij, Quelme, Agacim té o rio de Bandorá.*

achou mais que ſete que queimou. E poſto que o anno paſſado fora aquella Cidade deſtruida per Antonio da Silveira, porque ſe começava outra vez a reedificar, antes de fazerem maiores raizes, nas embarcações pequenas foram queimar o que eſtava em pé. Tornado Antonio de Saldanha a ſahir do rio, ſe foi invernar a Goa, deixando tão aſſombrada aquella coſta, que mandando Nuno da Cunha alguns catúres a Dio tomar lingua, a tomáram pegados na cadeia, e a esbombardeáram, ſem algum navio da Cidade ouſar de vir a elles.

Neſte tempo andavam dous irmãos d'ElRey de Cambaya fugidos delle, temendo que os mandaſſe matar, como fizera a outros; os quaes vindo ter a caſa do Nizamaluco, elle os quizera mandar a ElRey ſeu irmão, por lhos mandar pedir. Pelo que vendo-ſe elles tão perſeguidos, apartáramſe, e hum delles foi morto por ſe não deixar prender de quem o hia buſcar, cuja cabeça foi levada a Soltão Badur ſeu irmão. Outro foi ter com o Hidalchan, que com temor de o irmão tambem lho mandar pedir, lhe deo dinheiro, e o deſpedio de ſi, dizendo-lhe, que ſe foſſe ſegurar a outra parte. E indo caminho de Dabul, para dalli paſſar per mar para outra parte, ſeus proprios criados lhe deram peçonha, e o dei-

xáram per morto, roubando-lhe o que levava. E estando alli por Feitor hum Lopo Toscano, o fez saber a Nuno da Cunha, e elle lhe mandou seguro, e que lho enviasse logo; e por ir mui desbaratado, o fez mui bem curar, e dar-lhe todo o necessario, e o tinha por grande joia, por ser o legitimo herdeiro do Reyno de Cambaya, esperando com elle fazer algum bom negocio.[a]

Em Chaul despedio Nuno da Cunha a D. Antonio da Silveira para o estreito com seis vélas, huma galeaça em que elle hia, e cinco galeões, de que eram Capitães Jorge de Lima, Martim de Castro, Antonio de Lemos, Henrique de Macedo, e João Rodrigues Paes. Chegando D. Antonio da Sil-

[a] *Deste irmão de Soltam Badur escrevem variamente* Francisco de Andrade, *e* Diogo do Couto. *Porque* Francisco de Andrade *diz no cap.* 85. *da* 2. *Parte*, *Que fugindo elle de Badur em trajos de Jogue, viera a Dabul, onde João Criado que alli estava por Feitor o recolhêra; e em huma fusta, que para isso mandára pedir a Chaul a Manuel de Macedo, o levára a Goa, e que o Governador o fora receber à Pangim em huma galé, e o hospedára; e tratára como irmão d'ElRey de Cambaya, o qual com os ciumes deste irmão mandára ao seu Regedor mór que tratasse com Tristão de Gá (que então estava na Corte) algum concerto entre elle Rey, e o Governador, com que a guerra se acabasse.* Diogo do Couto *escreve no cap.* 3. *do liv.* 8. *Que quando Nuno da Cunha partio para Baçaim, que a destruio, entregára ao Ouvidor geral Simão Caeiro hum irmão de Soltam Badur, que Antonio da Silveira Capitão de Ormuz tomára naquella Cidade, que hia*

Silveira com toda ſua Armada a ſalvamento á paragem onde havia de eſperar as náos da preza, repartio os ſeus navios para o que lhe era neceſſario, onde havia de andar té a fim de Maio; e dahi foi ter á Cidade de Adem, onde ſoube que os homens que Eitor da Silveira alli deixou, e os outros Portuguezes que depois com mercadorias ahi foram ter, eram mortos por ElRey de Adem. A cauſa da ſua morte foi a cubiça que ElRey teve de huma náo carregada de pimenta, que alli levâram certos Portuguezes que lhe elle tomou. D. Antonio da Silveira, porque não levava força para o caſtigar, diſſimulou o melhor que pode aquella culpa; e porque certas náos eſtrangeiras que hi eſtavam ſurtas houveram medo delle, ſe acolhêram, e elle ſe foi a Ormuz, onde falleceo em Agoſto. E em ſeu lugar foi feito Capitão mór Jorge de Lima, o qual partindo de Ormuz na ſahida do meſmo mez de Agoſto, de caminho na coſta de Cambaya tomou duas náos de preza tão ricas, que valêram para ElRey, e partes cincoenta mil cruzados, e com ellas chegou á India.

CA-

fugindo de ſeu irmão que o quizera matar; e que deſte Principe não pudera ſaber o nome, nem quando, e onde morrêra, mas que alcançou homens velhos em Goa, que o víram aquelle inverno do anno de 1532 andar pela Cidade bebado em cima de hum elefante, o que fazia de ordinario.

CAPITULO XVIII.

Como Nuno da Cunha a requerimento d'El-Rey de Calecut fez a fortaleza de Challe : e o módo que teve com elle primeiro que a fizesse.

ELRey de Calecut assombrado da guerra que lhe Nuno da Cunha mandava fazer, e quanto damno seu Reyno nisso recebia, porque sómente o anno passado havia perdido com nossas Armadas, que andavam na costa de Cambaya, vinte e sete vélas carregadas de especiaria, que estavam para ir ao Estreito de Méca, escreveo a Nuno da Cunha sobre concerto de pazes. E que por evitar a dilação de idas, e vindas de messageiros, mandasse lá huma tal pessoa, que conforme a seus apontamentos pudesse logo dar seguro com que os mercadores livremente navegassem suas mercadorias por ser o tempo da monção. Para este negocio mandou Nuno da Cunha a Diogo Pereira, por ser homem que tinha mui antiga experiencia das cousas do Malavar, e de grande authoridade ante os Reys, e Principes delle, por a prática que em negocios passados com elle tiveram ; o qual além de ser hum varão prudente, e de muita capacidade para semelhantes cousas, ti-

nha

nha a outros vantagem, que era ſaber a lingua da propria terra de maneira, que não tinha neceſſidade de interprete, parte mui importante a Embaixadores, e peſſoas que hão de negociar com gente eſtranha; porque além de todo o ſegredo dos dous que contratam, e fallam ficar no interprete, como a lingua he hum vinculo que muito obriga para ambos ſe convirem bem, ſe a ſabem, eſtam ſeguros de haver mentira na falla, e de não ſe trocar huma couſa per outra, como muitas vezes acontece por malicia, ou ignorancia do interprete; e quando he ſem eſtes, eſtá o negocio ſeguro de tal perigo, e acaba-ſe mais cedo, e melhor, como entre naturaes pela communicação da lingua, que ſoe cauſar benevolencia. E porque a tenção, e fundamento de Nuno da Cunha era ter huma fortaleza em hum porto de Calecut, todo o regimento que Diogo Pereira levou vinha acabar neſta concluſão, apontando-lhe a parte onde a queria, que era no porto de Challe, mas que não ſentiſſe ElRey que elle a deſejava alli, e que para mais diſſimulação ſempre lhe apontaſſe o proprio lugar onde eſtivera a outra noſſa fortaleza, que Dom Henrique de Menezes mandára desfazer, por elle Governador ter ſabido que em nenhuma maneira ElRey havia de conſentir

que

que alli fosse, o qual requerimento assi succedeo, e ElRey lhe deo logo disso huma Provisão. Diogo Pereira como teve este recado d'ElRey, secretamente o mandou logo a Nuno da Cunha, porque conhecia bem a natureza, e inconstancia destes Principes Malavares, e já ElRey havia de soffrer, ou per bem, ou per mal que o Governador fizesse a fortaleza. Nuno da Cunha, em quanto mandava fazer cal, e outras provisões para a obra, entreteve na Corte d'ElRey de Calecut a Diogo Pereira quasi todo o inverno, fazendo outros negocios de pouca importancia, para neste tempo praticar com dous, ou tres Principes de Challe, e haver seu consentimento, principalmente com o que era senhor da terra, onde Nuno da Cunha pertendia fundar a fortaleza, por ser o mais conveniente lugar; e para se melhor entender o que dissermos, he necessario declarar o sitio da terra, e a vizinhança que tem.

Esta terra chamada Challe he huma Ilheta pequena, que faz hum rio dos notaveis daquelle Malavar, que está abaixo de Calecut tres leguas contra o Sul. He este rio navegavel com catúres té o pé da serra de Gate onde nasce, porque tambem entram nelle outros rios, que o fazem grande: huns vem da parte de Calecut, e outros da parte

te de Tanor de maneira , que muita parte das terras a Challe vizinhas vam repartidas, e retalhadas em leziras com esteiros, perque se os moradores servem. Porém quando todos estes rios , e esteiros se querem metter no mar, he per tres partes , huma de cima da banda do Norte , a que chamam Challe; outra que sahe abaixo meia legua, chamada Caramanlij ; e logo mais abaïxo legua e meia entra outro braço , a que chamam Parengalle, vizinho a ElRey de Tanor. Da terra de Challe era Senhor hum Gentio chamado Unirama , que se intitulava Rey, e vizinhava com elle da parte debaixo contra o Sul ElRey de Tanor, ambos subditos d'ElRey de Calecut. Ambos desejavam muito a amizade dos Portuguezes por se livrarem do Çamorij. Com elles tinha Diogo Pereira praticado este negocio, e elles mesmos o provocavam a se fazer esta obra, esperando que nossa fortaleza os havia de fazer ricos , e poderosos, como tinhamos feito a ElRey de Cochij. Havido conselho sobre o sitio da fortaleza com as principaes pessoas com que Nuno da Cunha o praticou, foi assentado que se fizesse em Challe , porque sería hum freo para todo o tempo enfrear a soberba do Çamorij , e os Mouros de Méca não poderem navegar a pimenta , que tiravam de

Ca-

Calecut, e ſeus portos, ſenão com riſco de ſe perderem, e outros muitos proveitos que da Feitoria da fortaleza dependiam, ſendo os Portuguezes ſenhores daquelle rio, em que os ſeus navios podiam invernar.

Provído o neceſſario para eſta obra, o Governador partio de Goa [a] a 20 de Outubro daquelle anno de 1531 [b], e quando chegou, eſtava já o Çamorij arrependido de permittir fazer-ſe a fortaleza per conſelho dos

a Antes que Nuno da Cunha partiſſe de Goa para Challe, mandou Antonio de Saldanha que foſſe a Cochij recolher a Armada, e gente que alli eſtava preſtes, ordenando-lhe que com ella o eſperaſſe por todo Novembro ſobre o porto de Calecut. Chegou Antonio de Saldanha ao rio de Panane, e ſoube que dentro eſtavam duas náos do Çamorij á carga; e porque não ſahiſſem, deixou ſobre aquella barra D. Roque Tello Capitão do galeão Lambeamorim com ſeis fuſtas, e elle paſſou a Cochij. O Çamorij mandou armar quarenta navios, para que o foſſem render; e depois que os Mouros o combatêram com muita artilheria, e arcabuzaria, determinéram de o inveſtir, e commettêram a entrada, que lhe foi defendida dos noſſos com tanto valor, que ſe retiráram os inimigos com mais de doze navios menos, e os outros deſtroçados, e muita gente morta, e ferida, e aſſi ſe tornáram a recolher no rio, levando para dentro as duas náos, que hiam já ſahindo para fóra. D. Roque Tello, poſto que lhe feríram alguns homens, não recebeo outro damno, e tornou a ſorgir no meſmo poſto, onde eſperou per Antonio de Saldanha, que vindo de Cochij com a Armada, ſe foi com elle a Calecut eſperar o Governador como lhe ordenára. Diogo do Couto *cap. 11. do liv. 7.*

b Levava o Governador huma grande Armada de cento e cincoenta vélas, nas quaes hiam embarcados tres mil Portuguezes, e mil Laſcarijs da terra.

dos Mouros mercadores, aos quaes ella era hum pezado jugo ſobre o peſcoço. Toda-via entre a promeſſa, e o arrependimento, Nuno da Cunha fundou a fortaleza, na qual gaſtou muita pedra de huma meſquita de Mouros antiga, que eſtava junto della, e de algumas caſas velhas, que foi grande ajuda, e aſſi á preſſa com trabalho das mãos de quantos Fidalgos ſe ahi acháram, em eſpaço de vinte e ſeis dias foi poſta em defensão, com muro de doze palmos, com ſeus baluartes, e torre de homenagem, e caſas para o Capitão, e ſoldados, armazens, e Igreja: e he huma das bem acabadas fortalezas daquellas partes, mui proveitoſa, de bom porto, e tão pegada na arêa do mar, que não ſe póde minar, porque a meia braça acham logo agua doce que ſe póde beber. Para eſta obra deram o Rey, e Principe de Caramanlij, e ElRey de Challe todo o favor, e ajuda que delles ſe houve miſter. E porque antes de Nuno da Cunha fazer aquella fortaleza os direitos das mercadorias que entravam per aquelles rios ſe partiam igualmente entre eſtes dous Principes, concedeo-lhos Nuno da Cunha, o qual requerimento negou ao Çamorij. Eſta era huma das principaes couſas que elle requeria, e apontava no contrato das pazes, que os direitos da entrada, e ſahida daquelles

por-

portos fossem seus. Ao que Nuno da Cunha respondeo, que tendo ElRey de Portugal seu Senhor fortaleza em Cochij, os taes direitos eram do Rey da terra, como Senhor que era della; e que a ElRey de Calecut, que não era Senhor daquella, não se deviam pagar, pois nunca os levára antes da fortaleza; e que a justiça era daremse ao Senhorio da terra. Disto ficou o Çamorij anojado, e muito mais quando hum Senhor da Serra, chamado Baluari Lambeadorim, que tem vinte mil naires, per contemplação d'ElRey de Tanor se confederou com estoutros dous da fortaleza, e odio delle Çamorij, para não consentirem que elle viesse per suas terras, e muito menos o Principe de Calecut, que por ser muito amigo dos Mouros, e por os comprazer, insistia muito que se não fizesse a fortaleza. A qual como foi acabada, deixou o Governador nella duzentos e cincoenta homens, e por Capitão, e Feitor a Diogo Pereira, por elle o merecer por sua pessoa, e por o trabalho que levou em quanto andou no negocio della, e a Francisco da Yora fez Alcaide mór. E para mais segurança, deixou a Manuel de Sousa que andasse naquella costa té a entrada do inverno com huma galé, huma galeota, dez bargantijs, e dez catúres, assi para guarda da fortaleza, como

mo para favor daquelles nossos amigos novos, com que ElRey de Calecut por nossa causa estava de quebra. Manuel de Sousa andou naquella costa pouco tempo, porque lhe deo hum temporal tão forte, que todas as vélas que trazia se recolhêram per esses portos que puderam tomar; e não podendo elle sahir de huma enseada com a galé, soffreo o tempo sobre a amarra té que abrio por ser velha, mas a gente se salvou com a artilheria toda, sómente hum basilisco que aboiáram, e depois o vieram tirar, e com o tempo se recolheo a Goa, onde o Governador estava. [a]

ElRey de Calecut como Nuno da Cunha se partio, começou fazer guerra áquelles Principes nossos alliados, aos quaes custou muito trabalho sua defensão, principalmente a ElRey de Challe, no que elle mostrou tanta lealdade, e fé, como ElRey de Cochij quando por nossa causa soffreo os trabalhos que já escrevemos [b]. E quando per guerra o não pode vencer, movia-lhe partidos de grande tentação; e pela mesma maneira tentou a ElRey de Caramanlij, e a ElRey de Tanor, mas todos se mostrá-

ram

a *Nesta jornada de Challe diz* Diogo do Couto *no cap. 12. do liv. 7. que Nuno da Cunha fez pazes com o Çamorij á instancia d'ElRey de Tanor, a quem o Çamorij tomou por medianeiro, para que o Governador lhas concedesse.*

b *No liv. 7. da 1. Decada.*

ram noſſos amigos. Com eſtes deſprezos ſe houve o Çamorij por tão injuriado da pouca conta em que eſtes Principes o tinham por o favor que lhes davamos, que eſteve para morrer. No tempo de ſua doença, o Principe herdeiro fez da neceſſidade virtude, e eſcreveo a Diogo Pereira cartas de grande amizade, promettendo nellas, que ſe ſeu tio falleceſſe, elle havia de aſſentar pazes com o Governador; e que quando ſe foſſe a coroar, como verdadeiro amigo havia de ir pela porta de Cochij, e não per caminhos furtados, como ſeu tio fizera.

CAPITULO XIX.

Do que Manuel de Vaſconcellos, e Antonio de Saldanha fizeram em Xael, e como chegáram a Maſcate.

O Governador Nuno da Cunha, porque tinha determinado de mandar Antonio de Saldanha ao Eſtreito do mar Roxo, tanto que a fortaleza de Challe eſteve em boa altura, o deſpedio que ſe foſſe a Goa dar ordem á ſua partida, por ſer já tarde. E para melhor aviamento, quiz Antonio de Saldanha por cauſa da monção que ſe paſſava, que foſſe diante delle Manuel de Vaſconcellos, e o eſperaſſe em Xael, dando primeiro huma viſta á Ilha de Çocotorá, que era o or-

de-

denado curſo das noſſas Armadas para aquellas partes. Manuel de Vaſconcellos partio a 28 de Fevereiro de 1532 com duas galeotas, elle em huma, e Henrique Mendes de Vaſconcellos em outra, e oito bargantijs, e de alguns eram Capitães Fernão Lourenço de Lima, Chriſtovão Rangel, Thomé Baião, Diogo Vaz, e Triſtão de Horta, e em eſpaço de nove dias foi na Ilha de Çocotorá, onde fez aguada. Dahi foi caminho de Xael, como lhe Antonio de Saldanha mandára, e tambem por ter nova que no porto eſtavam muitas náos. Na traveſſa deſte caminho achou huma náo de Dabul, a qual como hia bem artilhada, e levava muita gente, começou de ſe pôr em ordem de querer pelejar, o que ella não fez, como ſe vio rodeada dos noſſos; e pondo huma bandeira na quadra, ſinal de paz, diſſe ſer de Dabul, e moſtrou o cartaz que trazia, que lhe foi guardado, poſto que era antigo, e paſſado o tempo delle. O reſpeito que Manuel de Vaſconcellos teve em alargar eſta náo, foi termos em Dabul hum Feitor, que podia receber damno, ſe eſta náo o recebeſſe; ſómente lhe ſervio de lhe dar novas, que em Xael ficavam muitas náos, e entre ellas huma muito rica, e nomeada Cuſturca, que havia muito tempo que navegava, e nunca fora tomada dos

noſ-

nossos. E assi lhes custou muito trabalho de a haver quando chegáram a Xael; porque tanto que ella vio a nossa Armada, temendo o que veio a ser, alargou as amarras, e deixou-se ir á costa té encalhar, e a gente della fugio para terra, onde esperava de salvar a si, e a ella com a artilheria que puzeram na praia para a defender. Os nossos querendo-a commetter, tiveram logo recado dos Mouros da Cidade com presentes que lhe mandáram, dizendo serem nossos amigos, e não lhe merecerem fazeremlhe algum damno no porto daquella Cidade. Mas quando víram que todavia entravam dentro na náo, e para a poderem tirar ao alto a nado, alijavam alguns fardos de mercadorias, começáram os Mouros de se servir da sua artilheria, de que hum dos nossos foi morto, e alguns feridos. E por muito que alijáram, e a náo estava já em nado, não havia remedio de a tirar daquelle lugar a poder de cabrestantes, té que hum Mouro cativo, que andava nas nossas galeotas, descubrio a Manuel de Vasconcellos, que tinha per baixo rajeira dada na quilha, e atacada em terra, como de feito assi era, a qual cortada, a náo veio logo onde as galeotas estavam. Além desta náo que era bem rica, tomáram hum marruaz de Turcos que tinha muita fazenda, e es-

cor-

corcháram outras tres náos, com a fazenda das quaes carregáram a Cufturca em lugar da que lhe tinham alijada. ElRey de Xael temendo por o que vio fazer, que se não contentasse Manuel de Vasconcellos com esta preza que tinha feita, o mandou visitar com hum presente de vaccas, carneiros, gallinhas, tamaras, e outros mantimentos da terra, dizendo que era nosso amigo, e queria estar em nossa amizade, e que a artilheria que se tirára na praia fora per Turcos do marruaz, de que elle não fora sabedor; mas depois que o soubera, os mandára prender. E que quanto ás náos que tomáram, pois eram de seus inimigos, que o pagassem, que se mandasse alguma cousa delle, que folgaria de o fazer. Estes cumprimentos gratificou Manuel de Vasconcellos a ElRey de Xael com lhe mandar algumas cousas, e sete cascos das náos que alli tomára vendeo a seus naturaes por mil pardáos. E porque Antonio de Saldanha lhe tinha dado em regimento, não sendo com elle té 10 de Abril no Cabo de Fartaque, onde o mandava esperar, que se fosse a Mascate, e o tempo era já passado, determinou de se partir, e de todas as vélas que levava tirou a dous, e a tres marinheiros, com que proveo de gente do mar a náo Cufturca com trinta Portuguezes, porque os mais eram

da terra, com a qual preza chegou a Mascate.

Antonio de Saldanha que ficou em Goa, não se pode fazer prestes para partir mais cedo que a 10 de Março, em que deo á véla com dez navios, elle em hum galeão, de que era Capitão Antonio da Fonseca, por ser costume que o Governador, e Capitães móres levam em a náo em que vam huma pessoa, que sirva de Capitão da mesma náo para entender no governo della, ao modo que serve hum Veedor da casa, e o Capitão mór fica desoccupado para o governo de toda a Armada. Os outros Capitães eram D. Fernando Deça, D. Roque Tello de Menezes, Henrique de Macedo, Antonio Cardoso, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio de Lemos, Gaspar de Lemos, João Correa, e Francisco Mendes. Partido com esta frota, chegou á Ilha de Çocotorá vespera de Pascoa, e em fazer sua aguada se deteve quatro dias: daqui foi ter a Xael, onde foi visitado d'ElRey com algum refresco, que lhe Antonio de Saldanha não quiz acceitar, que foi causa de se temer de sua vinda. Com este temor, parecendo aos de Xael que queria sahir em terra, começáram logo de despejar a Cidade das mulheres, meninos, e fato, que carregáram em camelos, que os nossos viam ir pelo

ca-

caminho da Serra. Aqui acháram algumas náos de Chaul, e Dabul com ſeus cartazes; e aſſi a ellas, como a outras que eſtavam em ſecco, que ſe apercebiam para defensão, não lhes foi feito mal algum, porque a tenção de Antonio de Saldanha era dar huma viſta a Adem, e não achando Turcos com quem pelejar, andar ás prezas. Mas como ſe poz em caminho té chegar ao Cabo de Fartaque, não puderam ir mais avante, por ſerem já 26 de Abril, com grandes çarrações, e tormenta, que o fez arribar a Maſcate.

CAPITULO XX.

Do que Antonio de Saldanha fez em Maſcate: e dos trabalhos que paſſou na paragem de Dio, té Diogo da Silveira tomar entrega da Armada: e como veio ao Reyno por Capitão mór das náos de viagem.

TAnto que Antonio de Saldanha chegou a Maſcate, que foi a ſeis de Maio, achou hi Manuel de Vaſconcellos com ſua preza, e João Rodrigues Paes, Vaſco Pires de Sampaio, e Antonio Fernandes, que não puderam vir em ſua companhia, e rota batida vieram demandar eſte porto, e tirou, e poz Capitães, e officiaes novos, por os outros ſe quererem entregar das prezas

que tinham tomado; e ſegundo o regimento dellas, as repartio pela gente, que eram novecentos homens. E vindo o tempo, partio dalli, e veio haver viſta do Cabo de Roſalgate; e por achar os mares grandes com tempo novo, foi-ſe á coſta de Dio, e foram contando as pedras ao longo da praia de Pate, e Patane té ſe lançarem na ponta de Dio. Aqui vieram dar com elle ſete, ou oito náos, de que ſómente tomáram tres, e as outras deram comſigo á coſta, onde a gente ſe ſalvou. Chegado mais á viſta da barra de Dio, appareceo hum galeão de Rumes, que determinou de ſe ſalvar, correndo tão junto da praia por eſcapar ás noſſas vélas grandes, que foi neceſſario que o ſeguiſſem as galeotas, e bargantijs, que ſe lhe tiravam hum tiro, tirava elle dous, e da praia lhe fazia a gente de Dio ſinaes, que não houveſſe medo, e com a artilheria que nella tinham poſta, tiravam aos noſſos bargantijs que o perſeguiam, té que querendo-ſe metter quaſi no porto de Dio, coſeo-ſe tanto com a terra, que foi dar em huma pedra, e com a pancada lhe ſaltou logo o maſto fóra, e virou-ſe de huma ilharga, onde ficou. Mas os noſſos não ouſáram de o ir esbulhar por eſtar em lugar perigoſo, nem menos os da terra que eſtavam á viſta de tudo, ſómente houveram os noſſos

del-

delle o que o mar lhe lançou na praia, e parte da gente ſe ſalvou.

E porque Antonio de Saldanha tinha ordem de Nuno da Cunha, que ſe não partiſſe de ſobre a barra de Dio té elle mandar Diogo da Silveira com huma Armada de navios de remo, a que elle Antonio de Saldanha havia de entregar os outros que trazia para ficar naquella coſta, deixou-ſe andar eſperando por elle, e com muito trabalho, porque os ventos eram tão rijos, que ſe não podia hum homem ter em pé nos galeões, e os bargantijs eſtavam arraſados d'agua, e não dormia a gente, e o menos que os navios grandes eſtavam ſurtos, temendo ir dar comſigo em terra, era em ſeſſenta braças, mudando muitas vezes as ancoragens, em que os homens andavam mortos; e dos bargantijs ficáram ſómente tres, e os outros arribáram a Chaul. Finalmente com o trabalho, fome, e ſede, começou a gente adoecer, perque foi neceſſario mandar Antonio de Saldanha no galeão de João Rodrigues Paes caminho da India os doentes, e muita fazenda que ſe tomou, com o qual foi Antonio Fernandes no ſeu catúr. E per João Rodrigues Paes mandou Antonio de Saldanha dizer a Nuno da Cunha o que tinha feito, e como ficava naquelle trabalho eſperando Diogo da Silveira.

As

As fustas de Dio neste tempo estavam apercebidas para como vissem sua hora sahirem aos nossos navios grandes; e assi tanto que ellas víram ir descahindo sobre os alcorões da Cidade, que he na barra della, o galeão de Antonio de Saldanha, e dous outros, hum de D. Fernando Deça, e outro de D. Roque, sahíram a elles vinte e sete vélas, e puzeram-se em lugar, e ordem, que descarregáram quanta artilheria traziam na capitaina, e assi nos outros dous galeões; mas como o galeão S. Mattheus, em que Antonio de Saldanha andava, era como huma rocha forte, como davam no costado cahia o pelouro no mar sem fazer damno, sómente alguns entravam dentro per cima do bordo quando hiam fazendo saltos, e chapeletas pelo mar, dos quaes hum quebrou hum braço a hum Fidalgo per nome João Telles, e outro foi dar no galeão de Manuel de Vasconcellos, que matou dous escravos. Neste commettimento tambem os Mouros leváram seu castigo em gente que a nossa artilheria ferio, e matou. E ao tempo que batiam os galeões, estavam as suas fustas sobre o remo, e os nossos navios surtos, que foi causa de não irem melhor castigadas; e a principal foi serem os nossos tres bargantijs idos em caça de huma náo, que os Mouros lançáram pela barra fóra em

mo-

modo de ardil, a qual ençaminhåram de maneira, que foram dar com ella na costa em Madrefabat, achando-a vazia os nossos bargantijs, se detiveram lá em fazer aguada.

Neste tempo chegáram dous catúres da India, em que vinham Martim de Castro, e Fernão de Moraes com recado do Governador para Antonio de Saldanha como Diogo da Silveira vinha logo. Os quaes vindo na paragem de Baçaim, topáram Fernão Lourenço de Lima, Christovão Rangel, Francisco Mendes, e João Correa Capitães dos bargantijs da Armada de Antonio de Saldanha, que eram os que dissemos serem arribados a Chaul, e ajuntáram-se estes dous catúres com elles, e tomáram huma náo de preza, e a leváram a Chaul. Com esta nova que os catúres trouxeram a Antonio de Saldanha, por se não ir daquella costa sem fazer alguma cousa notavel, determinou de ir dar em a Cidade de Pate, que fica detrás de Dio, para o que mandou dous catúres diante, que lhe fossem dar huma vista para saber o estado em que estava, e que desembarcação tinha, mostrando que arribáram alli com tempo, e que elle hia de vagar trás elles. Os catúres topáram huma náo mui rica que vinha para Dio, e começáram de ir ladrando trás ella ás bombardadas; e como Antonio de Sal-

da-

danha hia de caminho para lá , e as ouvio , entendendo o que ſería , deo mais vélas ; mas quando chegou , já os catúres com os bargantijs que foram diante tinham tomada a náo , que foi a mais rica de quantas tinham tomado á cuſta de muito ſangue dos noſſos , por pelejarem huma grande hora , em que morrêram muitos Mouros ; e outros carregados de muita ſomma de moeda de ouro , e prata , ſe lançáram ao mar , cujo pezo os levou mais cedo ao fundo. E ſegundo alguns dos Mouros cativos della diziam , ſómente em moeda de zequijs Venecianos trazia mais de ſeſſenta mil , a fóra muitos brocados , ſedas , pannos , e outras mercadorias , e conſervas de todo genero , té de eſpargos , que valiam grande preço. Como eſtes que entráram na náo tomáram o que puderam , ſe tornáram a ſeus navios antes que Antonio de Saldanha chegaſſe , o qual mandou metter nella Officiaes para ſe pôr em boa arrecadação o que nella vinha ; e dando com eſta vitoria huma viſta a Dio , navegou para Chaul. Mas primeiro que lá chegaſſe , na paragem de Baçaim achou Diogo da Silveira , ao qual entregou os navios que Nuno da Cunha mandava , e elle foi-ſe a Chaul , onde mandou fazer grande cata em todos os navios , e catúres , que tomáram a náo na coſta de Dio , de que houve gran-

de

de somma de dinheiro, e fazenda, de que deixou alguma parte alli, por ter maior valia que em Goa, e partio-se para lá, onde foi recebido com grande prazer; porque importáram as prezas que naquella viagem fez mais de cento e oitenta mil cruzados, em ouro, prata, sedas, pannos, cobre, e outras mercadorias, que destas partes de Europa se levam á India pelo estreito do mar Roxo.

Naquelle anno de 1532 foi a Armada, que partio deste Reyno, dividida em duas capitanías móres[a]; de huma era Capitão mór D.

a Esta Armada do anno de 1532 era de cinco náos, da qual hia por Capitão mór Pero Vaz de Amaral, que arribára o anno passado. Na náo de Vicente Gil foi embarcado D. Fernando Vaqueiro Bispo Aurense da Ordem dos Menores, varão mui religioso, e o primeiro Bispo que ElRey D. João mandou á India, na qual falleceo o anno de 1534 estando em Ormuz, onde jaz enterrado na Igreja da Fortaleza. A náo de D. Estevão, (com quem hia D. Christovão da Gama outro seu irmão,) errando Moçambique, e não podendo tomar Melinde para fazer aguada, nem Çocotorá, foi a Xael, em cuja praia desembarcou D. Estevão com D. Manuel de Lima, e D. Fernando de Lima. E estando nella, em quanto se fazia aguada, sobreveio hum Levante tão rijo, que não o podendo soffrer a náo, que andava ás voltas com o traquete, lhe foi forçado correr em popa, e ir demandar a costa de Melinde; e não podendo ferrar terra, passáram avante, e foram tomar Moçambique com muito trabalho, e perigo. Dom Estevão passada a primeira furia do temporal, embarcou-se ao outro dia no batel, e foi ao mar buscar a náo, parecendo-lhe que andasse per alli ás voltas; e não a achando, chegou a Çocotorá, onde não sabendo novas della, apor-

D. Estevão da Gama, filho do Conde Almirante, com quem hia por Capitão de huma náo Vicente Gil; e da outra era Capitão mór D. Paulo da Gama, irmão do mesmo D. Estevão, e com elle por Capitão de huma náo Antonio Carvalho. D. Estevão invernou em Moçambique; e porque havia de ficar na India para ir por Capitão a Malaca, e quando elle acabasse lhe havia de succeder D. Paulo seu irmão, veio Antonio de Saldanha ao Reyno por Capitão mór daquella Armada com a carga da especiaria.

CAPITULO XXI.

Como Diogo da Silveira, entregue da Armada de Antonio de Saldanha, destruio as Cidades de Patan, Pate, e Mangalor, e as queimou, e as náos que em seus portos estavam.

SEndo passado o inverno, fez-se prestes Diogo da Silveira, e partio de Chaul caminho de Dio a fazer guerra naquella costa, como o Governador lhe mandava; mas nel-

tou em Magadaxo; ElRey da terra lhe deo huma embarcação maior, e Pilotos que o leváram a Melinde, onde soube que a sua náo estava em Moçambique; e em huma fusta, que lhe aprestou Nuno Fernandes Capitão de Melinde, em poucos dias chegou a Moçambique, e alli esperou a monção de Agosto, a qual o levou á India. Diogo do Couto *liv. 8. cap. 2.*

nella não havia já que fazer, por Antonio de Saldanha a deixar deſtruida, e amedrentada por o que atrás diſſemos: polo que paſſou avante com tenção de dar na Cidade de Patan, que eſtá na coſta doze leguas de Dio. Era eſta Cidade cercada de bom muro, e baluartes, que defendiam a deſembarcação que eſtá ao longo de hum arrecife, da qual tinha novas Diogo da Silveira, que eſtava bem provída aſſi de Rumes, como de artilheria, com que ſe determinava defender. Com tudo elle a foi demandar, e chegando ao porto, deſembarcou com a melhor gente da que levava, e tomou huma tranqueira, que os Mouros tinham feita muito forte, e bem artilhada, a qual foi accommettida pelos noſſos com tanto esforço, que lha fizeram largar, e ſe recolhêram com morte de muitos. A iſto acudio o Capitão da Cidade com muitos Rumes, que pelejáram mui animoſamente té lhe os noſſos matarem o Capitão com muitos dos ſeus, com que foi entrada a Cidade de Patan, ſaqueada, e queimada, e com ella perto de quarenta náos que eſtavam no ſeu porto. Embarcando Diogo da Silveira com muito contentamento de todos, com eſta vitoria que houveram a pouco cuſto ſeu, com tanta brevidade, e de que houveram grande deſpojo, ſe partio caminho da Cidade de

Pa-

Pate. Esta Cidade estava tambem muito forte, assi de gente de armas Guzarate, como de artilheria; mas nada lhe valeo, posto que o seu Capitão a defendeo mui valerosamente, porque com sua morte, e de muitos dos seus foi a Cidade tomada, saqueada, e entregue ao fogo, e todas as náos que no porto estavam. Com esta segunda vitoria andava a gente tão contente, e gloriosa, que tudo lhe parecia leve de accommetter. E assi se foi Diogo da Silveira á Cidade de Mangalor, que dista vinte leguas de Dio; e posto que em costa brava, não deixou de a accommetter, e queimar, e as náos do seu porto sem resistencia de seus moradores, por todos a terem despejada com temor de Diogo da Silveira, o qual andou destruindo aquella costa, e queimando muitos lugares, e veio a dar vista á Cidade de Dio, sem haver quem lho defendesse: tanto era o temor que delle tinham.[a]

CA-

a Antes desta jornada fez Diogo da Silveira outra em Setembro de 1531 com vinte navios, em que levava trezentos espingardeiros, com que atravessou de Chaul á ponta de Dio a esperar as náos de Méca; e por ellas serem já entradas em Dio antes que elle chegasse, voltou dalli no fim de Outubro para a enseada de Cambaya, e foi demandar Bandorá, Cidade daquelle Reyno mui rica, por o trato, e commercio de seus habitadores; e posto que elles a defendêram bem, foi tomada per os nossos, e depois de saqueada lhe puzeram o fogo. De Bandorá se passou Diogo da Silveira ao rio de Bombaîm, e entrou per elle té a Cidade de Tand, que com o favor de hum Capitão

CAPITULO XXII.

Como Nuno da Cunha tomou a fortaleza de Baçaim, e a mandou destruir, com morte de muitos Mouros, e fugida de Melique Tocam seu Capitão.

VEndo Nuno da Cunha que não se podia tomar a Cidade de Dio por sua grande fortificação, determinou de lhe fazer tanta guerra per mar, tolhendo que ao porto della não fossem náos, com que a destruisse. Por esta razão deixou Antonio de Saldanha naquella costa, e apôs elle man-

dou

de Melique Tocam, que estava com dous mil homens em Baçaim, se rebellára, e não pagava as pareas que se obrigára pagar, quando lá fora Eitor da Silveira. Defendêram os Mouros a desembarcação aos nossos, e com grande resistencia a entrada da Cidade; porém com morte de muitos Rumes, e Guzarates foi entrada, e destruida como Bandorá. Sahidos os Portuguezes do rio, foram té Surat assolando todas as aldeas, e povoações maritimas, em que cativáram, e matáram muita gente. E não havendo naquella costa mais em que empregar o ferro, e o fogo, se passáram a outra de Dio, onde fizeram igual damno nos lugares de Castellete, Talaja, e Madrefavat, queimando naquelles portos muitos navios carregados de fazendas, polo que todos os moradores da costa despovoáram os lugares; e Diogo da Silveira acabado o verão, em Abril de 1532 se recolheo vitorioso a Goa (onde já estava o Governador da volta de Challe) com mais de quatro mil cativos, e seus soldados ricos de despojos. Francisco de Andrade *cap. 76. da 2. Parte.* Diogo do Couto *cap. 13. do liv. 7. e* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 45. e 46. do liv. 8.*

dou Diogo da Silveira, que fizeram o que temos escrito. Bem sentio o damno Soltão Badur no pouco rendimento que aquelle anno teve de suas Alfandegas. E posto que Nuno da Cunha lhe mandou fazer esta guerra, não lhe descançava o espirito, em quanto não via huma fortaleza feita na Cidade de Dio, e assi buscava todos os modos que podia para a apertar de maneira que se lhe viesse a entregar. E porque tinha per informação, que Baçaim se hia fazendo outra Dio, antes que mais cresceste, determinou de a destruir. Deste pensamento deo conta a cinco, ou seis Capitães dos mais principaes, e experimentados, pedindo-lhes conselho se commetteria esta empreza por as causas que a isso o moviam, as quaes eram ser aquella Cidade de Baçaim grande escala de náos, onde carregavam para Méca muita madeira, de que se proviam as galés dos Turcos, e todo aquelle estreito, no qual ella tinha muita valia, e que se hia fazendo aquelle porto outra Dio com a fortificação que nelle começára Melique Tocam. E que se os Turcos alli se recolhessem vindo á India, (de que havia presumpção,) sería notavel damno para aquelle Estado polas commodidades, que elles para suas Armadas naquelle lugar tinham. Polo que lhe parecia que convinha deitar os Mouros de Baçaim, e fa-

e fazer nelle huma fortaleza, aſſi para lhes impedir o trato da madeira, e os intentos de Melique, e eſtorvar que os Turcos o occupaſſem, como para terem nelle as noſſas Armadas porto mais vizinho de Dio, donde ſahiſſem a fazer guerra ao Reyno de Cambaya. Pareceo aos Capitães deſneceſſario fazer fortaleza em Baçaim, (como ſe depois fez por as cauſas referidas,) ſendo a de Chaul tão vizinha, e que para ſe atalharem os damnos que ſe receavam, baſtava arrazar o lugar, e pôr per terra tudo o que Melique nelle tinha fortificado.

Approvada a jornada, ſe fez preſtes o Governador, e partio de Goa na entrada do anno de 1533 com oitenta vélas [a], indo elle em huma galé baſtarda, e levando por Ca-

a *Era eſta Armada de mais de cento e cincoenta vélas, nas quaes havia vinte galeões, muitas galés, e galeotas: os Capitães são os que nomea* João de Barros, *eram Garcia de Sá, Antonio da Silva, Jorge de Lima, Franciſco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá o Rume, Nuno Pereira de la Cerda, Triſtão homem, Jorge Cabral, Franciſco de Vaſconcellos, Martim de Freitas, D. Roque Tello, Manuel de Miranda, Manuel Rodrigues Coutinho, Chriſtovão de Caſtro, Luiz Coutinho, Franciſco da Silva, Paio Rodrigues de Araujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Jorge de Souſa, Antonio da Cunha, Franciſco de Souſa, Pero de Meſquita, Affonſo Figueira, Antonio Ribeiro, Franciſco da Coſta, Gaſpar Luiz, Bartholomeu Vaz, João Fernandes o Taful: hiam embarcados neſta Armada mais de tres mil ſoldados Portuguezes.* Diogo do Couto *cap. 3. do liv.* 8.

Capitães das mais galés Manuel d'Alboquerque, D. Pedro de Menezes, Martim Affonſo de Mello Juſarte, Pero de Faria, Nuno Barreto, Triſtão de Taíde, Franciſco da Cunha, Vaſco da Cunha, Manuel de Vaſconcellos, e Fernão de Lima. Dos galeões hiam por Capitães D. Fernando Deça, D. Paulo da Gama, Antonio de Lemos, Vaſco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, Antonio Cardoſo, e aſſi outros, cujos nomes não vieram á noſſa noticia. A gente que hia neſta Armada, (a qual ſe ajuntou á de Diogo da Silveira, que tinha mandado chamar Nuno da Cunha,) eram mil e oitocentos Portuguezes, e dous mil Canarijs. Melique Tocam Capitão de Dio, que eſtava então em Baçaim [a], e havia muitos dias que a fortificava, ſabendo que o Governador vinha ſobre ella com tamanho poder, metteo na Cidade com eſte receio mais de doze mil homens de guarnição, e acabou de a fortificar o melhor que lhe foi poſſivel; e quiz ver ſe podia per algum ardil livrar-ſe de Nuno da Cunha, para o que lhe mandou per hum Mouro commetter paz com algum bom partido. O Governador reſpondeo, que acceitaria a

paz,

a *O que eſtava em Baçaim diz* Franciſco de Andrade, *que era ſobrinho de Melique Tocam Capitão de Dio, do ſeu meſmo nome. Cap. 77. da 2. Parte.*

paz, e mandou a Melique com arrefens que deo a Martim Affonſo de Mello, o qual não aſſentou nada, porque Melique não quiz conceder a paz como nos convinha. Polo que aſſentou o Governador com os Capitães, e Fidalgos, que com elle vinham, de ſahir em terra antes que Melique ajuntaſſe mais gente. E tambem porque foi aviſado per o Secretario Simão Ferreira, que os ſoldados ſe queixavam delle já não accommetter a fortaleza. Para o que ordenou ſua gente em tres eſquadrões: no dianteiro hiam Diogo da Silveira, Manuel d'Alboquerque, Martim Affonſo de Mello: no outro D. Paulo da Gama, D. Fernando Deça, Vaſco Pires de Sampaio, Antonio Cardoſo, Henrique de Macedo, Antonio de Lemos: na retraguarda hia Nuno da Cunha com os dous terços da gente. E porque Melique tinha feito huma tranqueira bem fortificada para defender a deſembarcação [a], e em huma ponta della eſtava hum baluarte, e a outra hia enteſtar em huma Meſquita, a qual era mui forte, com ſeus baluartes de terra, e madeira, com muita, e boa artilheria, e ſua cava ao redor, mandou Nuno da Cunha chegar a ella todos os batéis, e

[a] *A fortificação deſta Cidade, e a peleja que os noſſos tiveram com os Mouros, eſcreve mui particularmente* Franciſco de Andrade *no cap. 78. da 2. Parte.*

embarcações com ſuas mantas, e artilheria para a baterem. E ante manhã dado o ſinal que tinha poſto, foram todos juntos; e ſendo confeſſados, e abſolutos per hum Religioſo de S. Franciſco, e encommendando-ſe a Deos, partíram, e chegando á tranqueira, começáram a batella, a que os Mouros reſpondiam della com outros tantos tiros. Paſſando os noſſos per eſte perigo, foram deſembarcar no cabo deſta tranqueira, onde acháram Melique com a mais da gente, em que havia muitos de cavallo, e tantos tiros de eſpingarda, e artificios de fogo, que parecia temeridade accommettellos; o que os noſſos fizeram com tanto eſforço, que não podendo os Mouros ſoffrellos, ſe começáram a deſordenar, e recolher para a fortaleza ſeguidos dos noſſos; fazendo Melique per algumas vezes entreter os ſeus, pelejando com os Portuguezes por muito eſpaço, té que a vitoria ſe declarou por nós. O que vendo Melique, ſe poz em fugida, e todos os mais com elle, morrendo muitos [a]. Dos noſſos morrêram ſómente dous homens de nome Diogo de Mello, e Bartholomeu Drago, e ſeis, ou ſete ſoldados, o que os Gentios da terra tiveram por milagre entre tantos tiros, e artificios de fogo,

a *Foram mortos mais de quinhentos e cincoenta Mouros.*

go, que foi causa de alguns se fazerem Christãos. Passada esta tranqueira, caminhou Nuno da Cunha para a fortaleza, mandando diante Simão Ferreira com poucos que a fosse reconhecer em quanto elle se detinha em esperar por artilheria para a bater. Mas os nossos vendo ir Simão Ferreira, se foram todos apôs elle; o que visto pelos Mouros, e como Melique se acolhêra, e era tanta gente morta, não se atrevêram defender a fortaleza, e começáram a fugir, e os nossos aos seguir matando nelles. Avisado Nuno da Cunha per Simão Ferreira, abalou logo té chegar á fortaleza, e depois de entrado nella, deo muitas graças a Deos por lha dar. E louvando muito áquelles Capitães, e Fidalgos seu muito esforço, armou alguns cavalleiros com muito prazer de todos em dez dias que alli esteve, no qual tempo a gente destruio a terra, e Nuno da Cunha mandou derribar a fortaleza té os aliceces, por então não ser necessaria.[a]

Em quanto esteve em Baçaim, mandou Diogo da Silveira ao estreito do mar Roxo por Capitão mór de huma Armada de quatro galeões, de que foram Capitães elle, Vasco Pires de Sampaio, Antonio Cardoso,

Ii ii e An-

[a] *Recolhêram-se da fortaleza, baluartes, e tranqueiras mais de quatrocentas peças de artilheria, e huma grande quantidade de munições.* Fernão Lopes de Castanheda, *cap. 63. do liv. 8.*

e Antonio de Lemos, e de duas galeotas, das quaes eram Capitães Francisco de Sousa, e Fernão de Castro, e de quinze bargantijs. Tambem despachou Martim Affonso de Mello Jusarte para Bengála, de cujo successo daremos conta em seu lugar. E por lhe darem novas que a fortaleza de Damam estava despejada, mandou tambem dahi a Manuel d'Alboquerque que a fosse derribar com huma Armada, de que o fez Capitão mór: com elle hiam D. Pedro de Menezes, e Manuel de Vasconcellos, e trezentos homens em doze bargantijs, e catúres. Antes de Manuel d'Alboquerque chegar a Damam, achou novas que não estava despejada a fortaleza; e sendo requerido de todos que se tornasse, porque o Governador sómente a mandava derribar, cuidando que estava desamparada da gente, e não lha mandava conquistar, elle per cumprir com sua honra não quiz deixar de chegar a ella, e informar-se per si do que podia fazer. E achando que estava mui bem artilhada, e com muita gente de guerra Abexijs, e Fartaquijs, todos homens de feito, e que elle não levava o necessario para a accommetter, e sobre isso a pouca vontade dos seus soldados, a deixou.

[a] Partido Manuel d'Alboquerque de Damam,

[a] Diogo do Couto *cap.* 5. *do liv.* 8.

mam, foi queimando, e aſſolando todas as povoações que havia de Baçaim té Tarapor, tomando muitas embarcações com fazendas, e da volta entrou no rio de Bombaim, dando em alguns lugares da Ilha de Salcete, que já ſe tornava a povoar; e porque o damno não creſceſſe, offereceo cada hum dos Tanadares della quatrocentos pardáos de parias, pagando logo os daquelle anno; e o meſmo fizeram os de Taná, Bandorá, Maij, e Bombaim; e por ſe chegar o inverno, recolheo-ſe Manuel d'Alboquerque a Chaul, como o Governador lhe tinha mandado.

[a] Diogo da Silveira, que partio para o eſtreito de Méca ás prezas no principio de Fevereiro, chegou ao Cabo de Guardafú, onde tomou huma náo com alguma reſiſtencia da muita gente que hia nella. Vaſco Pires, que ſe adiantou da Armada na paragem de Çocotorá, rendeo huma grande, e poderoſa náo de Rumes com morte da maior parte delles, e de alguns dos noſſos; e no Cabo de Fartaque tomou outra que levava muita fazenda. Diogo da Silveira queimou depois duas no porto de Adem, e deo com outra que amainando o Capitão della, ſe foi no batel ao galeão, e lhe apreſentou com

mui-

a Diogo do Couto, e Franciſco de Andrade *no cap. 80. da 2. Parte.*

muita confiança huma carta de hum Portuguez, que eſtava cativo em Judá, a qual trazia o Mouro por ſalvo conduto. Diogo da Silveira a abrio, e leo nella eſtas palavras: *Peço aos ſenhores Capitães d'ElRey, que encontrarem eſta náo, que a tomem de preza, porque he de hum muito ruim Mouro.* Vendo o Capitão mór a confiança com que o Mouro trazia aquella carta de ſua perdição, e conſiderando a ruindade do Portuguez, por conſervar o noſſo credito, approvou-lhe o falſo ſeguro, e rompendo-lho, porque não conheceſſe o engano, nem lhe fizeſſe mal, encontrando-o com elle algum Capitão cubiçoſo, paſſou-lhe outro em fórma, com que o Mouro ſe foi mui contente, e Diogo da Silveira quiz antes perder huma náo carregada de ouro, que quebrar a fé enganoſa de hum Portuguez, em que o Mouro vinha tão confiado. Dahi embocou o eſtreito da Perſia, e deixando os galeões em Maſcate, ſe paſſou aos navios de remo, e nelles foi a Ormuz onde invernou. Na entrada de Agoſto partio com toda a Armada para Goa, neſta huma traveſſa, tomáram duas náos de Méca, com que chegáram a Chaul. Deſpedindo alli Diogo da Silveira os navios groſſos para ſe concertarem, embarcou-ſe na galé de Manuel d'Alboquerque, e com os navios de remo vol-

tou

tou a continuar a guerra de Cambaya, e ſe poz na enſeada, onde veio ter com elle Vaſco da Cunha, e lhe deo huma carta do Governador, com a qual ſe recolheo a Goa no fim de Setembro.

CAPITULO XXIII.

Como o Governador mandou Vaſco da Cunha a Melique Tocam ſobre ſe fazer a fortaleza em Dio.

DEſtruido Baçaim, partio o Governador para Goa, onde foi recebido com grande alegria [a] pela vitoria com que vinha de Me-

[a] *De Goa deſpachou o Governador para Maluco Triſtão de Taide, que eſtava provído daquella Capitanía, e para Malaca D. Paulo da Gama, por não haver novas de D. Eſtevão ſeu irmão. Eſtes Capitães partíram em Abril.* Diogo do Couto *cap. 5. do liv. 8. e* Caſtanheda *cap. 64. do liv. 8. Eſtas duas Armadas chegáram em Setembro á India, e com ellas D. Eſtevão da Gama, que invernára em Moçambique. Partidas as duas Armadas do Reyno, chegou a elle a da India, pela qual ſoube ElRey D. João do roim ſucceſſo que tivera Nuno da Cunha na jornada de Dio, e per via de Levante, que ſe apercebiam os Turcos para irem á India. Polo que mandou Sua Alteza apreſtar com diligencia outra Armada de doze vélas, que eram dous galeões, huma naveta, e nove caravellas. Eſta frota hia ordenada para ficar na India, levava mais de mil e quinhentos ſoldados, foi por Capitão mór della no galeão Salvador D. Pedro de Caſtello-branco, filho de D. Pedro, deſpachado com quatro annos da capitanía de Ormuz. Do outro galeão era Capitão André de Caſtro, da naveta Nicoláo Juſarte, e das caravellas Antonio Lobo, Balthazar Gonçalves, Lionel de Lima, Eitor de Sou-*

Melique Tocam ; porém elle não ſe dava por ſatisfeito do ſucceſſo de Dio, e ſó em tomar aquella Cidade, e fazer nella huma fortaleza trazia occupados todos ſeus penſamentos. Incitava-o ElRey D. João com continuas lembranças, como fez aquelle meſmo anno de 1533 pelas duas Armadas de ſete náos que mandou, de huma das quaes veio por Capitão mór D. Gonçalo Coutinho, e com elle por Capitães das náos Nuno Furtado de Mendoça, Diogo Brandão do Porto, e Simão da Veiga. E da outra Armada era Capitão mór D. João Pereira, que levava a capitanía de Goa, e os Capitães das outras náos Lourenço de Paiva, e D. Franciſco de Noronha, que ſe perdeo na viagem. Polo que determinou Nuno da Cunha de fazer tanta guerra a Cambaya, té que ElRey de canſado della lhe déſſe a fortaleza.

Neſte tempo eſtando Melique Tocam mui receoſo de lhe ElRey tirar a capitanía de Dio para a dar a Muſtafá, eſcreveo huma car-

ſa, João de Souſa, Antonio de Souſa, Franciſco Pereira, Gonçalo Fernandes, e Franciſco Fernandes Leme. Partíram na entrada de Novembro, tiveram trabalhoſa viagem té chegar em Fevereiro a Moçambique, alli ſe ajuntáram todos os navios, e ſe aparelháram, e reformáram do que lhes faltava, e em Março partíram para a India, onde chegáram no principío de Maio. Diogo do Couto *cap.* 7. *e* 10. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 87. *da* 2. *Parte, e* 2. *da terceira.*

carta ao Governador, que lhe mandasse huma pessoa de qualidade com quem communicasse algumas cousas de muito serviço d'ElRey de Portugal. Nuno da Cunha, posto que não ignorava as astucias, e manhas de que os Mouros se valem para seu proveito, não deixou tambem de cuidar, que por algum respeito lhe queria Melique conceder á fortaleza que pertendia. E fazendo conselho sobre aquelle negocio, no mesmo parecer foram todos, e se assentou fosse Vasco da Cunha; porque além de ser esforçado, e sezudo, era mui versado nas cousas daquelles Mouros, como homem antigo na India, e lhe deo instrucção do que havia de fazer com Melique Tocam, e o que lhe havia de prometter se désse a fortaleza, que era a metade do rendimento da Alfandega de Dio de juro; e mandar-lhe o Governador fazer huma fortaleza em qualquer dos rios de Cambaya que elle quizesse, para que nella estivesse seguro d'ElRey, contra quem o favoreceria, e ajudaria cada vez que fosse necessario. E para qualquer successo que isto tivesse, encarregou o Governador muito a Vasco da Cunha trabalhasse por ir á Cidade, para ver se havia nella alguma entrada per onde se pudesse tomar, e per onde melhor se bateria. E para este effeito mandou com elle hum Condestabre da artilheria,

ria, mui experto em ſeu officio, e em ſua companhia hum Jao Chriſtão, caſado em Goa, irmão de hum bombardeiro, que eſtava em Dio no baluarte do mar, para ſe informar do irmão como ſe poderia per aquella parte bater, e tomar a Cidade.

Vaſco da Cunha ſe partio em huma fuſta á entrada de Agoſto, chegado a Dio; e arvorado huma bandeira branca, perque Melique entendeo que ſería peſſoa perque eſperava, mandou ſaber per hum homem de confiança quem era o que vinha na fuſta. Vaſco da Cunha lho diſſe, e que trazia huma carta do Governador para Melique Tocam; mas que não ſahiria em terra té ſe lhe mandar em arrefens o Capitão do baluarte do mar, o que logo ſe fez; e deixando-o em poder de Antonio Borges que com elle hia, ſe foi deſembarcar na Cidade, onde de praça fallou a Melique Tocam em ſua caſa. Sendo noite, foi ter Melique com Vaſco da Cunha, e por ſaber bem fallar Portuguez, não levou interprete: elle lhe deo huma carta do Governador, em que lhe eſcrevia o que queria delle, e o partido que lhe faria. Além deſta carta, lhe diſſe Vaſco da Cunha as muitas razões que tinha para ſe vingar d'ElRey de Cambaya, por os aggravos que delle tinha recebidos, querendo-lhe tomar Dio, para

a dar

a dar a Muſtafá homem eſtrangeiro, que ſem cauſa alguma fora traidor ao Turco ſeu Senhor: e que agora tinha occaſião, e com muito proveito ſeu, para ſe ſatisfazer, e mais ficando em ſua natureza ſeguro d'El-Rey de Cambaya. Melique Tocam lhe pedio tempo para ſe deliberar, no qual Vaſco da Cunha ſe foi ver com Diogo da Silveira, (que viera do eſtreito, e andava na ponta de Dio,) e lhe deo a carta do Governador, (de que atrás diſſemos,) em que lhe mandava que não fizeſſe guerra a Dio em quanto Vaſco da Cunha lá eſtava, e o Embaixador que elle mandára a ElRey Badur. Tornado a Dio Vaſco da Cunha, Melique Tocam lhe moſtrou a Cidade, e nem elle, nem o Condeſtabre víram modo para ſe poder entrar per mar, ſem tambem a commetterem per terra, para o que era neceſſario hum grande exercito, e Armada. A ultima reſolução de Melique foi dizer a Vaſco da Cunha, que lhe parecia bem o que lhe dizia, e eſcrevia o Governador, o qual iria de Armada naquelle verão a Dio, e que té então ſe reſolveria, e lhe daria aviſo do que determinaſſe, e com huma carta para o Governador deſpedio a Vaſco da Cunha.

CA-

CAPITULO XXIV.

Como o Governador mandou Triſtão de Gá a ElRey de Cambaya ſobre a fortaleza de Dio que lhe pedia: e como ElRey mandou ir o Governador a Dio para ſe verem, e as viſtas não houveram effeito, e Manuel de Macedo deſafiou a Rumechan.

NO meſmo tempo que o Governador Nuno da Cunha mandou Vaſco da Cunha a Melique Tocam, mandou Triſtão de Gá a ElRey de Cambaya, commettendo-o que lhe déſſe a fortaleza em Dio, e faria paz com elle, e ſería ſeu amigo, e eſcreveo a alguns Capitães d'ElRey, e privados ſeus lhe aconſelhaſſem quão bem lhe vinha a amizade, e favor d'ElRey de Portugal para contra ſeus inimigos, e para ſegurança de ſeu Eſtado. A embaixada de Triſtão de Gá moſtrou ElRey folgar de ouvir; mas a verdade era que elle não tinha vontade de dar lugar para ſe fazer a fortaleza. Porque como Rumechan, que andava muito ſeu privado, tinha olho em haver a Cidade de Dio, e fazella tirar a Melique Tocam, a quem tinha grande odio, e ſobre que trazia eſpias, como ſoube que Vaſco da Cunha viera a Dio ver-ſe com elle, accuſava-o ante ElRey, dizendo, que aquellas viſtas

eram

eram tratos em que andava para dar a fortaleza ao Governador. Persuadido ElRey desta accusação, determinou de tirar a capitanía a Melique Tocam, e dalla a Rumechan. Polo que assi para impedir o que suspeitava, como para entreter ao Governador que lhe não fizesse guerra aquelle verão, ou para o matar se pudesse, despedio a Tristão de Gá, que com instancia lhe pedia a resposta da sua embaixada, mandando per elle pedir ao Governador quizesse ir a Dio para se verem ambos, e assentarem pazes. O Governador, que das manhas, e condição d'ElRey não sabia tanto, poz a causa em conselho, não para se tratar se havia de ir, senão como havia de ir, e foi assentado, que fosse a Dio com huma boa Armada, mas apercebido tanto para a guerra, como para as vistas. Os Fidalgos, e mais gente que a ellas hiam mui contentes, se apercebêram de muitas louçainhas, e vestidos ricos, e com elles partio Nuno da Cunha de Goa em fim de Outubro com sua Armada, que com a de Diogo da Silveira, que achou em Baçaim, levava cem vélas, em que hiam dous mil Portuguezes, que todos eram mui nobre, e luzida gente. Os galeões eram oito, de que a fóra a náo capitaina, hiam por Capitães Diogo da Silveira, Antonio de Lemos, Manuel de Ma-

ce-

cedo, D. Eſtevão da Gama, Antonio de Sá o Rume, Diogo Alvares Telles, D. Gaſtão Coutinho. Das galés, e galeotas eram Capitães Manuel d'Alboquerque, Vaſco Pires de Sampaio, D. Pedro de Menezes, Manuel de Vaſconcellos, Fernão de Lima, D. Fernando Deça, Antonio da Silva de Menezes, Vaſco da Cunha, e outros Fidalgos. Chegado o Governador de fronte de hum lugar chamado Danú, ſoube que ElRey de Cambaya paſſára o dia de antes com nove galés para Dio, e logo dalli lhe mandou dizer per Simão Ferreira, que onde mandava que ſe viſſem, ſe em Madreſavat, ou no mar, e com elle mandou a João de Sant-Iago por lingua, que fora Mouro, e ſe tornára Chriſtão. E proſeguindo ſua viagem, chegou á Ilha dos Mortos, e nella eſperou Simão Ferreira que não tardou, e com elle vinha Coge Sofar, que lhe diſſe da parte d'ElRey de Cambaya, que lhe pedia foſſe a Dio, e que lá ſe veriam. Deſta Ilha ſe foi o Governador a Dio, e da barra tornou a mandar Simão Ferreira com Coge Sofar a ElRey a ſaber delle em que lugar queria que ſe viſſem. Entretanto que vinha a reſpoſta, ſahio o Governador em terra com alguns Capitães, e Fidalgos, onde chamam o Palmarinho, para ver ſe podiam proar alli as galés; para que querendo

do ElRey que ſe viſſem naquelle lugar, fazer chegar a elle as galés, para ficar ſeguro com ſua artilheria, ſe lhe ElRey de Cambaya quizeſſe fazer alguma violencia. Eſtando niſto, veio Simão Ferreira ao Governador, e diſſe, que ElRey não acabava de ſe reſolver onde ſe haviam de ver; mas que lhe mandava pedir, que entretanto ſe não viam, lhe mandaſſe lá os Capitães dos galeões, e da galé baſtarda para os ver; o Governador os mandou, e foram mui gentis homens, e ricamente veſtidos, ElRey os recebeo com muita honra, e agazalhado, moſtrando-lhes que folgava muito de os ver.

Manuel de Macedo, que era hum dos Capitães, ſabendo que Rumechan procurava de haver a capitanía de Dio, que era de Melique Tocam, com quem elle tinha amizade, e que ElRey determinava de lha dar, ſe chegou a ElRey com muito acatamento; e pedindo-lhe licença para fallar, lhe diſſe: Que ſe eſpantava muito de ouvir dizer, que Sua Alteza, ſendo hum Principe tão prudente, e valeroſo, e tão grande remunerador dos ſerviços que recebia, queria tirar a capitanía de Dio a Melique Tocam ſeu vaſſallo, e que tão bem o tinha ſervido, e filho de tão ſingular Capitão como fora Melique Az, que tantos ſerviços fizera a ſeu pai, e a elle, e que tanta honra ganhá-

nhára ao Reyno de Guzarate, e dalla a Rumechan, homem eſtrangeiro, e de que não tinha mais experiencia, que fazer traição ao Turco ſeu Senhor, e que por eſſa cauſa viera a Cambaya, mais que para o ſervir, polo que não ſe devia fiar delle, e por hum homem tão ſem verdade aggravar a quem com tanta lealdade, e verdade o ſervíra. E que ſe Rumechan alli eſtava, (que elle o não conhecia,) e lhe negaſſe o que elle dizia, lho faria conhecer pelas armas, e o deſafiava, e pedia para iſſo licença a Sua Alteza. Rumechan que alli eſtava, e ouvio aquellas palavras ao interprete, não reſpondeo por ſi couſa alguma. ElRey o olhou com olhos torvos por elle não reſponder por ſua honra; e entendendo Manuel de Macedo que era Rumechan aquelle para quem ElRey olhava, outra vez o tornou a deſafiar por a meſma cauſa, dizendo mais, que podia metter comſigo outro, porque com ambos ſe mataria. Vendo ElRey que nem a iſto reſpondia Rumechan, lhe diſſe com ira, que como não reſpondia ao deſafio? Ao que Rumechan diſſe, que por o não ter em conta; porém que pois aſſi queria, elle acceitava o deſafio ſó por ſó: e aſſi foi aſſinado por campo o mar, para cada hum pelejar de ſua fuſta. Sabendo o Governador do deſafio de Manuel de Macedo,

do, folgou muito, e lhe deo licença para o fazer, e lhe mandou esquipar hum bargantim em que se metteo, e foi surgir junto da Lagea. Tardando Rumechan, por parecer ao Governador que com medo da sua frota não vinha, se fez ao mar hum espaço; e logo sahíram oito fustas toldadas, e embandeiradas, e huma diante da outra foram demandar o bargantim de Manuel de Macedo; e dando todas huma volta ao redor delle, se recolhêram ao porto donde sahíram, e não voltou mais alguma, o que parece foi por não querer ElRey que Rumechan sahisse ao desafio. E vendo o Governador que tardava muito, fez sinal a Manuel de Macedo com hum tiro que se recolhesse, o que elle fez com muita honra.

A resolução que ElRey tomou sobre as vistas, foi mandar dizer ao Governador que se queria ver com elle, estando á janella de hum baluarte, e o Governador no mar em huma galé. Vendo o Governador o desproposito que ElRey queria ter nas vistas, lhe mandou dizer, que per aquella maneira se não queria ver com elle. Tudo isto eram persuasões de Rumechan, que receava de se dar a fortaleza em Dio, de que elle pretendia ser absoluto Capitão, e Governador; o que não podia ser com a vizinhança dos Portuguezes. Tambem fazia a ElRey não

querer ver ao Governador as esperanças em que estava de fazer pazes, e alliança com Omaum Patxiah Rey dos Mogoles, com que já começava a ser ufano, e cuidar que lhe não fariam damnos os Portuguezes, mas que elle os poderia com ajuda dos Mogoles lançar da India, o que tudo lhe succedeo ao contrario.[a]

Quando o Governador Nuno da Cunha vio que a sua vinda fora em vão, e a pouca verdade, e desprimor d'ElRey, lhe mandou fazer cruel guerra per toda a costa, e escreveo logo a Omaum Patxiah Rey dos Mogoles per via do Sinde, offerecendo-lhe sua amizade, e fazer toda a guerra per mar a Sol-

a *Esta jornada do Governador escreve mui particularmente* Francisco de Andrade *nos cap.* 86. 87. 88. 89. *da* 2. *Parte. E dá outra causa do desafio de Manuel de Macedo.* Fernão Lopes de Castanheda *em tudo se conforma com o que escreve* João de Barros. *E* Diogo do Couto *refere no cap.* 8. *do liv.* 8. *Que este desafio foi por outra causa, e com outro Rumechan, que era genro de Coge Sofar, chamado Tigre do Mundo: e que o desafio foi tantos por tantos, cujo número não affirma* Diogo do Couto; *mas diz que os que achou nomeados foram Manuel Rodrigues Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Jusarte Tição, Gonçalo Vaz Coutinho, João Velho, e Francisco Gonçalves das Armas. E não faz menção da ida de Vasco da Cunha a Dio, nem da embaixada que o Governador mandou per Tristão de Gá a Soltam Badur, o qual diz que mandára pedir per huma carta a Nuno da Cunha que se vissem, e que o portador da carta era hum pagem de Badur, a que encontrára Diogo da Silveira na paragem de Surat em hum navio ligeiro, e o levára ao Governador, que movido das palavras da carta, fizera esta jornada a Dio.*

a Soltão Badur, por ser homem sem verdade, e de que se não devia fiar. Ao que Omaum respondeo, mostrando ter grande desejo de sua liança, e amizade. De Dio se veio Nuno da Cunha a Chaul, onde despachou algumas Armadas para diversas partes. Huma de nove vélas entregou a Antonio da Silva de Menezes para ir a Bengála: outra de tres galeotas, e treze fustas levou Vasco Pires de Sampaio para o estreito, em que hiam trezentos homens. Os Capitães das galeotas eram Vasco Pires, Dom Pedro de Menezes, e D. Manuel de Lima. Outra Armada para o mesmo estreito mandou de cinco galeões, de que hia por Capitão mór Diogo da Silveira; e os outros Capitães eram D. Gastão Coutinho, Antonio de Sá, Diogo Alvares Telles, e Antonio de Lemos, e lá se haviam de ajuntar com elles Vasco Pires de Sampaio.[a]

De Chaul se foi o Governador a Goa[b], e della despachou D. Estevão da Gama para Malaca, por ser primeiro em tempo que seu irmão D. Paulo que lá estava, dando-

 lhe

[a] *Em Fevereiro partíram estas Armadas para o Estreito, e chegadas á costa de Arabia, tomáram algumas náos de Cambaya, e de Achem, e com a fazenda dellas se foram invernar a Ormuz, e dalli a Chaul, onde Diogo da Silveira entregou as Armadas a Martim Affonso de Sousa, como se dirá no ultimo Capitulo deste livro.* Diogo do Couto *cap.* 10. *do liv.* 6.

[b] Diogo do Couto *cap.* 9. *do liv.* 8.

lhe poderes de Veedor da Fazenda, e huma Provisão para ſeu irmão D. Paulo ficar por Capitão mór do mar todo o ſeu tempo, té lhe tornar a caber a capitanía, que era apôs elle, porque eſtava o Rey de Ujantana de guerra, e era neceſſario acudir a ella; para o que deo Nuno da Cunha a D. Eſtevão tres galeões, de que eram Capitães elle D. Eſtevão, Simão Sodré, e Antonio de Brito, que havia de ir a Banda, e alguns navios ligeiros, em que hiam André Caſco, João Rodrigues de Souſa irmão de Martim Affonſo de Souſa, e D. Franciſco de Lima. Neſta Armada levava D. Eſtevão quatrocentos Portuguezes, e ſeu irmão Dom Chriſtovão da Gama com Provisão para ſervir de Capitão mór do mar, ſe D. Paulo o não quizeſſe ſer. E neſta conſerva foi tambem Vaſco da Cunha na náo Santa Cruz, para em Malaca carregar de drogas, e de pimenta da Jaoa, e ir-ſe para Portugal, fazendo ſua viagem pelo boqueirão da Sunda.

CA-

CAPITULO XXV.

Como Cunhale Marcar tomou hum bargantim, e outros navios de Portuguezes, e da morte que lhes deo: e como Antonio da Silva de Menezes desbaratou este cossairo, e lhe tomou as fustas.

ANtes que o Governador partisse para Dio [a], deixou Manuel de Sousa em guarda da costa do Malavar, da qual por pouca vigia dos nossos sahio de Panane Cunhale Marcar, Mouro cossairo sobrinho de Pate Marcar, com oito fustas bem armadas; e navegando para Choromandel, no Cabo de Comorij achou de noite surto hum bargantim nosso com hum falcão, e seis berços, em que havia dezoito Portuguezes, e tres bombardeiros, e sahia de Coulão a dar guarda ás náos dos mercadores daquella terra, que vinham carregadas de arroz. E como os nossos descuidadamente dormissem, não sentíram os Mouros dentro no bargantim senão quando lhes atáram as mãos. A todos mandou Cunhale machucar as cabeças na proa do bargantim com hum marrão de bombardeiro em pena de dormirem tão descansadamente sem medo del-

a Francisco de Andrade *cap. 91. da 2. Parte.*

delle. Aos bombardeiros, e comitre levou prezos, e dalli foi ſalteando toda aquella coſta té Negapatam, onde ſempre eſtavam muitos Portuguezes, e Mouros mercadores. Eſtes receando que, entrando Cunhale naquelle porto, os roubaſſe juntamente com os Portuguezes, por ſe ſegurarem delle, lhe mandâram dizer, que vieſſe áquelle lugar, onde acharia boa preza na fazenda dos Portuguezes, que eſtava á borda do rio, pelo qual poderia entrar ſem difficuldade.

Deſte trato foi ſabedor o Digar da terra, e eſperando de ſer ſeu o maior, e melhor quinhão da preza, eſcreveo a Cunhale que vieſſe ſeguramente, porque elle ajuntaria gente para o ajudar, fingindo que era para defender o lugar, e os mercadores que nelle eſtavam, como lhe mandava ſeu Senhor. Polo que o coſſairo ſe poz logo com ſua Armada na barra de Negapatam, que ſabendo-o os Portuguezes, que eram quarenta, enterráram o dinheiro onde lhes pareceo que poderia eſtar mais eſcondido, e ſe concertáram com as armas que tinham o melhor que puderam para ſe defenderem. E não tendo noticia do trato dobre do Digar, que os ſegurava, promettendo-lhe de os defender, lhe requerêram que lhes guardaſſe ſuas fazendas, de que proteſtavam lhes havia de dar conta; e com algum fato, e

man-

mantimento que levavam ſeus eſcravos, ſe ſahíram do lugar com tenção de ſe paſſarem a terra de outro Senhor que eſtava dalli perto; porém não lho conſentindo o Digar, ſe mettêram em hum pagode cercado de muro, o qual terraplenáram, e cerráram a porta que eſtava na borda de huma lagoa grande com determinação de ſe defenderem nelle. O Digar, que vio os Portuguezes encerrados, poz ſobre elles muita gente de guarda, porque não fugiſſem, para os entregar a Cunhale, que era já entrado no rio; mas não ſahíra em terra, porque o Digar o não fora receber á praia; o qual vendo os noſſos fortificados, temendo que mandaſſem algum recado a ſeu Senhor, não ſe quiz moſtrar deſcubertamente em favor do coſſairo; mas mandou-lhe dizer, que deſembarcaſſe, e tomaſſe as fazendas que achaſſe dos Portuguezes, e os foſſe matar ao pagode, que eſtava dalli meia legua.

Havia neſte lugar hum Mouro mercador mui rico, conhecido, e amigo dos Portuguezes, chamado Coge Marcar, que ainda tinha algum parenteſco com Cunhale. Eſte procurando ſalvar os noſſos, foi viſitar ao parente com hum preſente, e lhe diſſe, que por ſer ſeu ſangue o hia aviſar que ſe não fiaſſe do Digar, que eſtava concertado com os Portuguezes, que mandára de propoſito

met-

metter no pagode para lhe ir queimar a Armada em quanto elle com a ſua gente os foſſe combater. Ao que o coſſairo, como era recatado, deo credito, e ao parente graças pelo aviſo. Coge em ſe apartando de Cunhale, ſe foi ao Digar, e em grande ſegredo lhe diſſe que ſe não fiaſſe de Cunhale, que a elle ſó queria tomar, porque tinha entendido que o enganava; e que por ter já roubado o dinheiro aos Portuguezes, lhe mandára dizer que os foſſe matar ao pagode, para entre tanto lhe queimar as fuſtas: de que o Digar cobrou tamanho medo, que nunca ſe quiz ver com o coſſairo por mais recados que lhe mandou, e aſſi temendo-ſe, e vigiando-ſe hum do outro, os Portuguezes por eſte meio ſe ſalváram. Cunhale porém ſahio em terra com ſua gente, e queimou as caſas dos Portuguezes, e alguns navios que eſtavam varados, e tomou alguns zambucos noſſos carregados com fazendas, que vieram ter áquelle porto nos dias que nelle ſe deteve, e a oito Portuguezes que vinham em hum navio os mandou levar a terra, e atados em páos matar ás fréchadas.

Da tomada do bargantim, e mais navios, e mortes dos Portuguezes, e roubos que eſte coſſairo andava fazendo deo El-Rey de Cochij aviſo a Pero Vaz Veedor

da

da Fazenda , e Capitão da Cidade ; para que vingaſſe tantos males , e damnos , e ſe ſeguraſſem as náos dos ſeus mercadores que eſperava. Pero Vaz apreſtou logo oito fuſtas , e quatro catúres com duzentos eſpingardeiros , de que fez Capitão Antonio da Silva de Menezes. Deſta Armada , e da partida della de Cochij foi logo aviſado Cunhale ; e porque os ventos eram contrarios para ſe tornar para a India , metteo-ſe em huma enſeada da meſma coſta , chamada Canhameira , com groſſas peitas que deo ao Senhor da terra que o recolheſſe , e metteo as fuſtas por hum eſteiro que entrava para dentro huma legua , cuja boca fez cerrar com vallados de terra , e rama de maneira , que parecia não haver alli eſteiro , e na entrada delle armou huma tranqueira com a artilheria das fuſtas.

Antonio da Silva ſabendo que Cunhale eſtava naquella enſeada , entrou nella , e deſembarcada toda a gente em terra , a que ſe ajuntou a do lugar , foi dar nos Mouros que eſtavam na tranqueira , os quaes com pouca reſiſtencia a deſampparáram , e ſe puzeram em fugida , ſeguidos dos da terra , que os foram matando , e deſpindo ; e tornados ao lugar , deſentopíram o eſteiro , e tiráram da vaſa o noſſo bargantim , e as fuſtas de Cunhale , que limpas , e lavadas com

com a maré sahíram para fóra do esteiro; e queimadas tres por estarem quebradas, com as outras, e com o bargantim, em que se recolheo a artilheria, e munições do cossairo, se tornou Antonio da Silva para Cochij. Cunhale Marcar em trajos de pedinte se foi per terra a Calecut, onde estava seu tio Pate Marcar, com quem tornou a continuar o officio de cossairo.

CAPITULO XXVI.

Como Antonio da Silveira Capitão de Ormuz mandou D. Jorge de Castro, e depois Francisco de Gouvea a castigar ElRey de Raxet, por se levantar contra ElRey de Ormuz.

EStando Antonio da Silveira por Capitão de Ormuz [a], mandou a D. Jorge de Castro com huma galeota, e duas fustas com

a Desta Capitanía provêo o Governador a Antonio da Silveira o anno passado de 1532, a qual servia Belchior de Sousa Capitão mór do mar, e Alcaide mór daquella fortaleza per morte de Christovão de Mendoça Capitão della. Onde chegando Antonio da Silveira, ElRey de Ormuz se lhe queixou de Raez Ale seu irmão, que o quizera matar per induzimento de sua mãi, pela qual razão o tinha prezo, e lhe não quizera dar a morte que merecia, por não haver dissensões no Reyno. Antonio da Silveira por satisfazer á queixa d'ElRey, embarcou a Raez Ale com toda sua casa no mesmo navio em que fora, e o mandou a Goa ao Governador, escrevendo-lhe a causa porque o mandava, o qual o recebeo conforme a qualidade de sua pessoa, e lhe

com cem homens eſpingardeiros, que foſſe caſtigar a ElRey de Raxet, (Cidade na coſta da Perſia,) porque ſendo vaſſallo d'ElRey de Ormuz, com huma Armada que trazia naquelle mar, roubava quantos vinham para Ormuz, no que ElRey muito perdia nos direitos. E por D. Jorge achar os tempos muito contrarios no Cabo de Orfacam, e lhe matarem, e cativarem os remeiros da galeota em que hia, e oito Portuguezes em huma ſilada que os Mouros lhe armáram em terra, querendo elle fazer aguada em huns poços de hum lugarinho de dez, ou doze caſas de palha, foi forçado tornar-ſe a Ormuz. Continuando ElRey de Raxet na rebellião, e queixando-ſe muito ElRey de Ormuz a Antonio da Silveira, e pedindo-lhe mandaſſe caſtigar aquelle Mouro, Antonio da Silveira tornou apreſtar a Armada, e mandou Franciſco de Gouvea por Capitão mór della em huma galeota, e João Ribeiro em hum bargantim, e Ruy Gomes em outro, e Nuno Vaz em huma fuſta, e cinco catúres com duzentos homens; e ſem ter na viagem os trabalhos que paſſou D. Jorge, chegou Franciſco de Gouvea ao porto da Cidade de Raxet, e ſur-

tomou a homenagem, de que ſe não tornaria a Ormuz ſem ſua licença, o que Raez Ale cumprio. Fernão Lopes de Caſtanheda *cap.* 50. *do liv.* 8. *e* Franciſco de Andrade *cap.* 75. *da* 2. *Parte.*

ſurto nelle, foi logo viſitado per hum Mouro, da parte d'ElRey, com refreſcos, e palavras de cumprimento, dizendo que queria dar os noſſos cativos que lá tinha, e aſſentar paz comnoſco, e reduzir-ſe á obediencia d'ElRey de Ormuz, para o que elle Capitão mór ſahiſſe em terra ordenar as Capitulações das pazes, e aſſinallas com o ſeu Guazil. Franciſco de Gouvea ſe moſtrou contente deſte recado; e ſabendo pelo aviſo que lhe tinham dado quão differente era a tenção d'ElRey, que eſtava com o animo damnado contra nós, e que tinha mandado que eſtiveſſe preſtes ſomma de gente de pé, e de cavallo, para que em lhe fazendo ſinal ſahiſſem aos noſſos, e os cativaſſem. Polo que o dia que Franciſco de Gouvea ſahio em terra aſſentar a paz, como hia aviſado, mandou pôr todas ſuas embarcações com os eſporões em terra, e a artilheria toda ſevada, e os murrões accezos, e elle com cincoenta homens armados deſembarcou diante da Cidade, e ſe foi a huma tenda, onde eſtava Frajula Guazil do Reyno, que vinha em lugar d'ElRey com poderes ſeus para aſſinar as pazes; e vendo o Guazil os noſſos tão cauteloſos, não ſe atreveo a executar o que eſtava ordenado; aſſi as Capitulações das pazes ſe eſcrevêram, e aſſinadas por ambos, Franciſco de Gouvea

ſe recolheo aos ſeus navios, e o Guazil ſe foi dar conta a ElRey do que ſe fizera, o qual ſe indignou tanto contra elle, que com hum terçado, que tinha na mão, o matou; e mandou hum Capitão ſeu com muita gente a guardar huns poços, onde os Portuguezes haviam de fazer aguada, no que houve alguns recontros ſobre os noſſos quererem tomar agua; e por não cuſtar ſangue, e Franciſco de Gouvea ter pouca gente, encaminhou a huma Ilha vizinha a Raxet. No caminho houve viſta de humas fuſtas da Armada d'ElRey de Raxet, a que mandou logo arribar, e ellas ſe acolhêram a hum rio; e duas que ficáram de fóra, huma varou em terra, e outra foi tomada dos noſſos, que vinha carregada de eſpeciaria, que os Mouros tomáram de navios que hiam de Ormuz para Baſçorá, e nella cativáram hum ſobrinho d'ElRey de Raxet. Iſto acabado, tornou Franciſco de Gouvea a ſeguir ſeu caminho, e chegando á Ilha achou a povoação deſpejada, e em huma Meſquita alguns ſeſſenta homens d'armas em guarda pela devoção que os Mouros nella tinham, que devia de ſer pouca, pois a deſampará-ram por ſe não terem por ſeguros, e ſe foram para hum forte, parecendo-lhe que nelle ſe ſalvariam, e por derradeiro ſe entregáram a Franciſco de Gouvea, promettendo-

do-lhe as vidas ; e feita ſua aguada, a requerimento do ſobrinho d'ElRey tornou a Raxet , onde o Rey por reſgate do ſobrinho lhe mandou dar os cativos , e deo a obediencia a ElRey de Ormuz, e aſſentou de novo a paz, dando deſculpas ao paſſado das que os Mouros coſtumam dar em ſemelhantes caſos. Franciſco de Gouvea foi correndo áquelle Eſtreito té a Ilha de Baharem, donde eſcreveo a ElRey de Baſçorá o que fizera, e lhe mandou a eſpeciaria que tomára, o qual a eſtimou muito, e em retorno mandou muitos mantimentos, e offerecimentos a Franciſco de Gouvea , que deixando o Eſtreito ſeguro, ſe foi invernar a Ormuz , onde chegou a ſalvamento , e achou que ElRey era falecido, e levantado por Rey hum filho ſeu de idade de oito annos , que depois foi morto com peçonha, que dizem lhe mandou dar ſeu tio Raez Ale, que eſtava em Goa, o qual ſuccedeo no Reyno , em que fez muitos ſerviços a ElRey de Portugal.

CAPITULO XXVII.

Como Martim Affonso de Sousa foi de Portugal por Capitão mór do mar da India, e tomou Damam, e o destruio: e como ElRey de Cambaya pedio paz a Nuno da Cunha, e lhe deo por ella Baçaim com todas suas rendas.

EStando o Governador em Goa, chegou neste anno de 1534 huma Armada [a], de que hia por Capitão mór Martim Affonso de Sousa, que ElRey mandava com cargo de Capitão mór do mar da India, e com elle hiam por Capitães das outras náos Simão Guedes para Capitão de Chaul, Diogo Lopes de Sousa, Antonio de Brito, e Tristão Gomes da Grã [b]. O Governador entregou logo a Martim Affonso a capitanía mór do mar, e huma Armada, em que lhe mandou que fosse sobre Damam: com elle hiam Manuel de Sousa de Sepulveda, Martim Correa, Fernão de Sousa de Tavora, D. Diogo de Almeida, Francisco de Sousa, e João de Sousa Lobo, que hiam por Capitães das galés, e galeotas. E em Chaul lhe entregou Diogo da Silveira sua Arma-

ma-

a *Frota da India do anno de 1534.*

b Diogo do Couto *chama a este Capitão Tristão Gomes da Mina.*

mada [a], e a de Vaſco Pires de Sampaio, que eram vindos de Ormuz onde invernáram: faziam eſtas vélas número de quarenta, todas mui bem artilhadas, em que hiam quinhentos homens. Chegando Martim Affonſo a Damam, achou o lugar todo deſtruido pelo meſmo Capitão delle, que ſe recolhêra á fortaleza com quinhentos homens que tinha Turcos, e Resbutos, de que muitos eram eſpingardeiros. E porque Martim Affonſo ſoube que deſembarcando no rio havia de ter muito impedimento por cauſa da artilheria que eſtava em certas eſtancias poſta ao longo delle, deſembarcou de noite na coſta ſem entrar no rio, poſto que foi muito trabalhoſo, e tomou o caminho de que já eſtava aviſado, que hia dar da outra banda da fortaleza, onde chegou ainda ante manhã, e com os muitos eſpingardeiros que levava foram logo os muros della deſpejados da muita gente que por elles eſtava, e foi poſta nelles huma eſcada; e o primeiro que per ella ſubio foi Franciſco da Cunha, por ſer homem que em todas as partes, em que aſſi elle, como ſeus ir-

mãos

a Entregue a Armada, ſe paſſou Diogo da Silveira a Goa, onde deſpedindo-ſe do Governador ſe foi para Cochij, e dalli ſe veio para Portugal por Capitão mór da Armada, que levou Martim Affonſo de Souſa, em que tambem ſe embarcou Jorge Cabral, e outros Fidalgos. Diogo do Couto *liv. 9. cap. 1.*

mãos se achâram, sempre foram os primeiros nos perigos, por não degenerar de seus avôs Ruy de Mello da Cunha Almirante destes Reynos, e Diogo de Barros Adail delles, os quaes ambos foram mui esforçados cavalleiros. E indo Francisco da Cunha já para lançar mão das ameas dos muros, quebrou a escada com elle por ser velha, e podre, e elle grande de corpo, e a quantos hiam trás elle levou ao chão, e se escalavrâram. A este tempo abrîram os Mouros huma porta da outra banda da fortaleza para se irem, aonde os nossos logo acudîram, e houve huma brava peleja, os Mouros por sahirem, e os nossos por entrarem. O primeiro que entrou foi Diogo Alvares Telles, e após elle outros, que tomâram os inimigos em hum terreiro, que estava dentro da fortaleza, em que havia mais de cincoenta de cavallo; estes pelejâram mui esforçadamente, té que a vitoria se declarou por os nossos com morte de muitos dos inimigos. Acabado isto, mandou Martim Affonso de Sousa arrazar a fortaleza de todo; e ella arrazada, se embarcou, e foi correndo a costa té Dio.

E por Damam ser huma fortaleza de que ElRey de Cambaya fazia muita conta, sentio muito a perda della, e as muitas vitorias que cada dia dos lugares da costa de

Cambaya haviam os Portuguezes. E porque lhe era forçado acudir á guerra, que lhe fazia ElRey dos Mogoles, (como diremos adiante,) receando que se desamparasse Dio, que lho tomaria Nuno da Cunha, para o segurar em quanto hia á guerra dos Mogoles, quiz fazer pazes com elle, e darlhe Baçaim; e para isso mandou por Embaixador a Xacoez [a], o qual foi ter a Goa com Nuno da Cunha, e lhe deo sua embaixada. E havendo de parte a parte tratos, e Capitulações, tornou Xacoez com procuração de seu Rey, e se fez huma pública escritura das pazes, cuja substancia era:

Que Nuno da Cunha, como Governador da India, e Procurador d'ElRey de Portugal seu Senhor, concedia pazes perpétuas em seu nome a Soltam Badur Rey do Guzarate, com estas condições:

Que

[a] *Xacoez era per sua prudencia, e conselho pessoa de muita authoridade na casa d'ElRey Badur.* E *escreve* Diogo do Couto, *que elle chegou em tres navios ligeiros á barra de Baçaim, na qual estava o Governador surto com grande Armada, onde viera com pensamento de passar a Dio, e de a occupar, tanto que Badur sahisse de Cambaya á guerra do Mogol, e que recebêra, e ouvira a Xacoez no seu galeão com grande apparato; e que assentadas as Capitulações das pazes, e juradas por ambos, o Governador espedíra logo o Secretario Simão Ferreira para ir a Cambaya a vellas jurar por Soltam Badur, que as jurou com grande solemnidade; e despachado o Secretario, partíra Nuno da Cunha para Goa, levando comsigo Xacoez em refens de Simão Ferreira. Cap. 2. do liv. 9.*

Que o dito Rey do Guzarate daria a ElRey de Portugal para ſempre Baçaim, com todas ſuas terras firmes, e mar, com toda ſua juridição mero, e mixto imperio, com todas as rendas, e direitos Reaes, aſſi como elle, e ſeus paſſados per ſeus Capitães, e Tanadares houveram, e que de tudo pudeſſem logo mandar tomar poſſe per ſeus Officiaes.

Que todas as nàos, que partiſſem dos Reynos, e Senhorios do Guzarate para o eſtreito do mar Roxo, partiſſem de Baçaim, e alli vieſſem tomar ſeus cartazes do Capitão da fortaleza, e que da torna-viagem tornaſſem ao meſmo porto de Baçaim a pagar ſeus direitos.

[a] *Que todas as outras nàos, que navegaſſem para outras partes, levariam cartazes dos Capitães das fortalezas d'ElRey de Portugal, com que poderiam navegar livremente, ſem outra alguma obrigação.*

Que em nenhum porto d'ElRey de Cambaya ſe faria navio de guerra, e os feitos não navegariam mais.

Que Soltam Badur não recolheria em ſeus portos Rumes, nem lhes daria favor, mantimentos, nem couſa alguma que houveſſe em ſeus Reynos.

Ll ii *Que*

[a] Diogo do Couto *no cap.* 2. *do liv.* 9.

para a ſeu tempo ſe fazer fortaleza, e ſe tornou para Goa, porque ſe vinha o inverno; onde nós ora o deixámos por dar razão no Livro ſeguinte da deſcripção, e couſas do Reyno de Guzarate por o muito que delle havemos de tratar ao diante.

DE-

la Cidade feita fortaleza. E que a capitania da de Baçaim deo a Garcia de Sá que alli eſtava, e defendêra dos Mogoles a Feitoria, e Cidade com as tranqueiras que ordenou Antonio Galvão, como ſe eſcreve no cap. 16. do meſmo liv. 6.

DECADA QUARTA.

LIVRO V.

Governava a India Nuno da Cunha.

CAPITULO I.

Em que se descreve o Reyno de Guzarate, e as gentes de que he habitado.

SEndo as cousas da India, e das outras Provincias Orientaes, que os Portuguezes descubríram, e conquistáram, tão novas, e incognitas aos homens de Europa, e tão dignas de virem á noticia do Mundo, e de que os Gregos, e Romanos antigos tão pouco deixáram escrito: os Romanos por não chegar seu Imperio áquellas partes; e os Gregos por não lhes durar muito o dominio que em algumas dellas tiveram; não deve parecer fóra da materia que emprendemos de escrever os feitos que os Portuguezes nellas fizeram, referir alguma cousa do sitio das terras, da origem de seus

pó-

póvos, e de ſeus Reys, e Principes, dos coſtumes, e ſeitas delles, e do modo de ſua milicia, para aſſi ſe vir em mais facil conhecimento deſta Hiſtoria, e ſe poder colligir a eſtima em que ſe devem ter os Portuguezes, que tantas, e tão feras nações tantas vezes vencêram, e trouxeram a ſeu jugo; e recebendo delles as parias, e tributos, como vencedores, e ſenhores ſeus, lhes dam as leis, a lingua, e a muitos a Religião. Sendo pois noſſas couſas tão travadas com aquellas gentes, aſſi por a guerra, como por o commercio que com elles temos, não podemos eſcrever de couſas noſſas, que não ſeja tambem das ſuas. E além da neceſſidade que temos de tratar parte de ſuas couſas para melhor entendimento das noſſas, não fica ſendo pequeno ornamento, e utilidade da hiſtoria, para exemplo, e aviſo de noſſa vida, recontar variedades de emprezas, e cauſas per que ſe intentáram, e os ſucceſſos dellas, para com ſua noticia alcançarmos juizo, e prudencia, para nos governarmos em outras ſemelhantes, que he o principal fim, e fruto da hiſtoria. Polo que havendo nós ora de tratar de algumas couſas de muito pezo, e maior conſideração, que os noſſos fizeram no Reyno de Cambaya, deixámos para eſte lugar a deſcripção do Reyno todo, e a origem dos Reys,

Reys, que á noſſa noticia puderam vir, como faremos de outras Provincias, e de outros Reys nos Livros que ſe ao diante ſeguem, e fizemos nos paſſados.

O Reyno do Guzarate, a que geralmente chamam Cambaya, (como diſſemos na deſcripção geral do maritimo da India[a],) começa na ponta de Jaquete, e acaba no rio Nagotana, que he o limite do dito Reyno, e das terras de Chaul, que são do Senhorio do Nizamaluco. E para ſe melhor entender a ſituação deſte Reyno, uſaremos de noſſa mão eſquerda, ſegundo já em outras partes figurámos a coſta maritima da India. Virada eſta mão com a palma para baixo, juntos os dedos, e afaſtando delles o pollegar, fica feita a enſeada de Cambaya; e na parte mais curva pegada na juntura deſte dedo pollegar, da banda de dentro, eſtá ſituada a Cidade de Cambayet, a que chamamos Cambaya, que por ſer a mais nobre, e populoſa, e como Metropoli daquelles lugares maritimos, dá nome não ſómente á meſma enſeada, mas a todo o Reyno. Porém eſta nobreza, e trato que antes tinha, perque era celebrada, perdeo quando a Cidade de Dio ſe fundou, pela maneira que adiante diremos. Porque a navegação daquella Cidade he tão perigoſa por cau-

[a] *Cap. 1. do liv. 9. da primeira Decada.*

causa do grande macareo que tem, que quando a maré enche, e vasa, se soçobram muitas náos. Este macareo, ou fluxo da maré, he tão veloz, que não ha cavallo, por ligeiro que seja, a que a maré não alcance quando entra pela planicie da praia, com que se perde muita gente, e fazenda no rio Carcarij, que se vem metter no ultimo seio desta enseada, acima da dita Cidade de Cambaya. Na foz deste rio, para se não perder gente, per ordenança dos que regem a terra, em hum lugar alto, está sempre huma vigia, que vê vir a maré de mui longe, a qual vem sempre tão levantada, e soberba, que parece huma montanha de agua; e como começa apparecer, aquella vigia tange huma bozina, perque dá aviso que ninguem passe o rio; porque vem a maré tão repentina, e furiosa, e mette tão grande quantidade de agua naquella passagem, que alaga tudo. E ainda que esta vigia não enxergue com os olhos a maré, tem outro mui certo final della vir, que he o grande número de aves, que andam naquella campina da praia mariscando na isca que acham do mar, as quaes per hum instincto natural, ainda que não vejam a maré, quando ha de vir, he tanta a gralheada, e apitar que fazem, fugindo todas para a terra, que as ouvem mui longe, posto que as não vejam. E por

razão deste macareo tão perigoso, na Cidade de Cambaya está hum esteiro, onde os navios se recolhem, furtando-se do impeto da maré, que vai direita correndo buscar a garganta do rio, onde faz o damno que dissemos. Este perigo não tem a Cidade de Dio, antes he mui proveitosa sua navegação, porque está aquella Cidade situada sobre a ponta do dedo pollegar, que puzemos por figura, que fica mais a Ponente, e aonde concorrem todas as náos que vam d'ambos estreitos, de Ormuz, e de Méca, e assi de toda a costa de Melinde; as quaes quando querem passar á India, que he toda a parte do dedo index, que corre da segunda junta té o fim delle, fica esta Cidade de Dio quasi como huma escala daquelle Levante, e do Ponente, por neste Reyno haver mais cópia de mercadorias de entrada, e sahida, que em toda a India, tirando pimenta, e outras especiarias, que nascem da terra do Malavar para o Oriente.

E tornando á nossa divisão deste Reyno do Guzarate, do nó do meio do dedo index, que figuramos ser o rio Nogatana, termo Oriental deste Reyno, té a Cidade de Dio, poderá haver nesta costa assi curva, como se mostra, oitenta leguas; e correndo té a ponta de Jaquete, cento e vinte cinco. Per dentro pelo sertão da parte do

Po-

Ponente, que he o dedo pollegar, vizinha com os póvos Resbutos. Eſtes habitam em huma corda de ſerranias, e matas, que começam do Cabo Jaquete, e correm para o Norte, e Nordeſte té o Reyno Mandou, que eſtá ſobre a juntura deſte pollegar, com o qual Reyno tambem por a parte do Norte vai vizinhar eſte do Guzarate, e pola do Nordeſte com o Reyno de Chitor, e do Leſte com o de Pale, tomando toda a coſta da enſeada que diſſemos, onde tem muitas Cidades, e povoações. [a]

Deſ-

a Para accommodar a verdadeira deſcripção preſente deſtas regiões Orientaes com a antiga de Ptolomeu, que per erradas informações, com grandiſſima differença da fórma da coſta, e das alturas de ſeus cabos, e lugares elle deſcreveo, he neceſſario uſar de conjecturas; porque a coſta da India deſde a ponta de Damam té o Cabo de Comorij, que corre do Norte ao Sul, ſitua Ptolomeu de Ponente a Levante; e ſe elle a deſcrevêra deſde o promontorio Simylla, que he a ponta de Damam, té o de Cory, que he o de Comorìj, como na verdade ella corre, e os promontorios Baleo, e Simylla eſtiveram poſtos na altura que elles tem, viera a ſituar o Cabo de Comorij quaſi na altura em que elle eſtá, porque o Promontorio Simylla diſta do de Cory, ſegundo Ptolomeu, quinze gráos de Ponênte a Levante, e dous menos ha de Norte a Sul, deſde a ponta de Daman ao Cabo de Comorij. E aſſi per conjecturas parece que os dous ſinos Canthi, e Barigazeno de Ptolomeu são as duas enſeadas de Jaquete, e Cambaya: o Promontorio Baleo he a ponta de Jaquete. A Ilha Barace, que elle ſitua arrimada a eſte cabo, querem alguns erradamente que ſeja a Ilha de Dio, deſcrevendo Ptolomeu a Barace na entrada do ſiſo Canthi da parte de dentro; e ficando a de Dio arrimada á coſta, que corre da ponta

Deste Reyno quasi todo o maritimo, principalmente o da parte do Oriente, além de ser terra chã, he regada de dous notaveis rios Taptij, e Tapetij, e de muitos esteiros d'agua salgada, que a retalham á maneira de Ilhas: he mui fertil de mantimentos de todo genero, e de grandes criações de gados, que pastam a fertilidade das suas campinas. E o mesmo he da outra parte da costa do Ponente, ainda que não tem aquella abundancia de aguas; e ao longo do mar se levanta a terra alguma cousa, e se abaixa, com que fica montuosa em respeito da outra. Sahindo deste maritimo té ir dar nas Serranias dos Resbutos pela parte do Ponente, e do Norte, e Nordeste, onde este Reyno parte com os Reynos que dissemos, quasi tudo são campinas tão chans, que todo o serviço da gente he em carros, que levam bois, que não andam tão pezadamente como os nossos de Hespanha; nem são tão grandes, mas são muito mais vivos na andadura, que asnos Mouriscos, e tem no andar mais assento que as facas de Irlanda de maneira, que segundo dizem, alguns dos

de Jaquete para a enseada de Cambaya, e tão junta á terra firme, que hum esteiro mui estreito a devide della. O Promontorio Simylla, onde se termina o sino Barigazeno, parece ser a ponta de Damant; e o rio Nanaguna, pola semelhança dos nomes, e distancia, o rio Nagotana, termo per aquella parte do Reyno de Cambaya.

dos noſſos, que provâram eſtes dous modos de caminhar, menos trabalho ſentem os que vam neſtes carros de Cambaya, que os que vam nos carros de Italia, e Flandes tirados por cavallos, e tem melhor curſo, principalmente em jornadas curtas.

Todo eſte Reyno de Guzarate he mui povoado de quatro generos de gente, de povo natural da meſma terra, a que chamam Baneanes de duas ſortes: huns são Bagançarijs, que comem carne, e peſcado; outros Baneanes, que não comem couſa que tiveſſe vida; outros são Resbutos, que antigamente eram os nobres daquella terra, tambem Gentios [a]; outros Mouros chama-

[a] *Ha neſte Reyno de Cambaya quatro caſtas de Gentios, que são os Bramenes, em que eſtá o ſacerdocio, (como em todo Oriente) os Baneanes, que são mercadores, os Catheris, que tem armas, e as exercitam na guerra, e Vices, que ſe occupam em officios mecanicos. Tem tambem certo modo de religioſos, que chamam Vertiás, contrarios da ſeita dos Bramenes, os quaes andam cubertos com hum panno branco, e não o podem lavar, nem tirar, ſem primeiro ſe fazer em pedaços, ſobre elle ſe aſſentam, ou no chão: vivem de eſmola, e não podem guardar couſa alguma de hum dia para o outro. O que com mais cuidado procuram para ſua ſalvação he não matar couſa viva, e aſſi não conſentem fazerem-ſe tanques, porque podem nelles morrer os peixes; e não accendem de noite candea por não morrer nella algum bicho. Trazem todos nas mãos humas vaſouras compridas para irem varrendo o chão per onde paſſam, por não acertarem de pizar, ou matar com os pês algum bicho.* O P. Fernão Guerreiro *na ſua relação Annal. das couſas da India dos annos 606. e 607. liv. 3. c. 12.*

mados Luteas, que são naturaes da terra, convertidos novamente á ſeita de Mafamede; outros são Mouros, que vieram de fóra, e conquiſtáram a terra, lançando della os Resbutos. A gente popular he mui dada ao trabalho, aſſi da agricultura, como da mecanica; e neſta parte he tão ſubtil, e induſtrioſa, que tem com o trato das obras que fazem enriquecido aquelle Reyno, porque mais ſeda, e ouro fiado ſe gaſta nelle em pannos tecidos de diverſas ſortes, que em toda a India; e a Cidade de Patam póde competir em número de teares com as Cidades de Florença, e Milão. De marfim, de madreperola, concha de tartaruga, laquequa, criſtal, lacre, verniz, páo preto, e amarelo, e de outras couſas que ſervem para leitos, cadeiras, vaſos, e armas de toda ſorte, ſó deſte Reyno ſahem mais obras, que de todo o reſtante da India. E daqui vem ſer elle abaſtado de todas as couſas neceſſarias; porque as que naturalmente, ou artificialmente não tem, lhas trazem os que vem buſcar as que elles tem, que são muitas. A gente do povo he naturalmente fraca, e cativa de condição, por ſerem da linhagem Baneane, a qual guarda com grande religião a ſeita de Pythagoras, de não comerem couſa que ſeja viva. E são tão ſuperſticioſos na obſervancia deſte preceito não

ma-

matarás, que as immundicias que em si criam, as sacudem em parte que não sejam maltratados. Polo que quando os Mouros querem delles haver alguma cousa, trazem-lhes diante hum passaro, ou outro qualquer animal, ainda que seja huma cobra; e fazendo que a querem matar, elles a compram, e soltam por não verem sua morte, e tem que fazem nisto grande serviço a Deos. Té huma carreira de formigas se atravessam per hum caminho per onde algum Baneane vá, ou á pé, ou á cavallo, ha de rodear por não passar por cima dellas. [a] Per precei-

a Usam de tanta compaixão, e humanidade com os brutos, que para curar os passaros ha no Reyno de Cambaya hum hospital, cuja máquina de enfermeiros, e fábricas de enfermerias não são menos dignas de espanto, que de riso; porque ha muitos homens salariados das rendas do mesmo hospital, que tem por officio andar pelas Cidades, e lugares, e correr o campo em busca das aves, e passaros doentes, e aleijados, para serem alli curados, e sustentados. Outros andam pelas praças, onde os Mouros caçadores lhes vendem os passaros, que elles não deixam de comprar per nenhum preço, sómente para que lançados logo a voar, os tornem a pôr em sua liberdade. Da mesma maneira tem currais deputados para o gazalhado, e cura de toda a sorte de alimarias, que por doentes, ou velhas seus donos deitam ao almargem. E para que se conheça bem o author desta sua misericordiosa bestialidade, se encontrarem hum homem morrendo ao desamparo, ou o virem lançado per terra pizar dos que passam, nem o ajudarão a levantar, nem porão os olhos nelle, e não lhes ficará passaro que não resgatem, e deixarão morrer ao proprio pai em duro cativeiro. O P. João de Lucena *cap. 12. do liv. 2. da vida do* P. Francisco Xavier.

ceito de ſua religião não podem ter arma alguma em caſa; e he a gente mais delgada, e engenhoſa em o negocio do commercio, que quantas temos deſcuberto, tirando os Chijs, que niſſo, e na mecanica leva vantagem a todas as nações do Mundo. A outra gente deſte Reyno, já convertida á ſeita dos Mouros, poſto que ſeja tambem fraca, como he miſturada deſtas ambas nações, por a parte que tem dos Mouros, que são eſtrangeiros, e trazem origem de gente mais robuſta, fazem a eſtes Gentios muita vantagem; e de todos elles, os homens mais valentes na guerra são os Resbutos, que habitam as ſerranias que diſſemos, os quaes foram já ſenhores deſte Reyno do Guzarate, e com a vinda dos Mouros ſe foram recolhendo ao alto das ſerras, como fizeram os Heſpanhoes quando os Mouros entráram em Heſpanha, que ſe recolhêram aos Montes Pyreneos, e ás montanhas de Oviedo. E deſde aquelle tempo ſempre entre os Resbutos, e os outros ficou hum capital odio, e contendêram entre ſi. E como eſtes Resbutos eram da mais nobre gente, que ſenhoreava aquella terra do Guzarate, e são homens grandes, e forçoſos, e não tem a religião dos Baneanes, armados, e em bons cavallos deſcem das montanhas, e vem ao baixo ás povoações,

onde fazem grandes prezas. Governão-se os Resbutos ao presente em República per os mais velhos, repartidos em Senhorias; e se todos se conformassem em amizade, e não contendessem entre si, já foram senhores do Guzarate que seus avôs perdêram. Porém com esta divisão, e com o poder da artilheria, de que elles carecem, por não terem commercio do mar, não lhes aproveitam suas forças, e animo para mais, que para estas entradas que dissemos. E o que principalmente fez aos Reys Mouros, que conquistáram aquelle Reyno, poderosos contra esta robusta, e guerreira gente, foi fazerem-se logo senhores dos portos de mar, perque foram mettendo muita gente Arabia, Persa, e Turquesca, e de nação Grega, e Levantisca, a que elles chamam Rumes, os quaes vem cada anno áquelle Reyno buscar mercadorias, e ganhar grandes soldos, que estes Reys Mouros lhes dam, com que tem conquistado o que ora possuem, e defendido de nós, depois que conquistámos a India. A nossa entrada foi causa destes Resbutos perderem de todo as terras chans que possuiam; porque como os Reys Mouros, por se defenderem de nossas Armadas, tinham grande necessidade de recolher aquella gente estrangeira que dissemos, ella mesma lhes deo a industria, e animo para se

de-

defender dos Resbutos, de cuja religião, e crença de tres Pessoas, e hum só Deos, e veneração da Virgem Maria Nossa Senhora, e outras cousas, que parece haverem seus maiores recebido dos Apostolos, em a nossa Geografia o escrevemos particularmente.

CAPITULO II.

Como, e em que tempo os Mouros começáram a ganhar o Reyno do Guzarate aos Gentios.

Em que tempo, e perque maneira os Mouros entráram no Reyno do Guzarate, e se senhoreáram delle, elles mesmos em suas historias se confutam, e encontram em quem foi o primeiro. Mas nesta nossa narração seguiremos a mais commum opinião dos escritores do mesmo Reyno do Guzarate. E segundo elles escrevem, no anno de 700 da era de Mafamede, que he o de Christo Nosso Redemptor de 1292 reinava no Guzarate hum Principe Gentio por nome Galacarná, homem mui poderoso, e esforçado de sua pessoa. O qual posto que com a maior parte de seus vizinhos estava em paz, por temerem de o anojar, sempre viveo em differenças com hum seu irmão mais moço. A causa desta discordia era, porque seu pai de ambos deixou hum Estado, que

tirou da Coroa do Reyno, e o deo a este moço, e com elle titulo de Rey, cuja cabeça era a Cidade de Champanel, que per sitio era a mais forte do Reyno do Guzarate. E como este Galacarná arguia que seu pai não podia desmembrar do Reyno tanta parte delle para o dar a seu irmão, e mais com titulo de Rey, e elle lho queria tirar como cousa que lhe pertencia, succedeo daqui, que por se fazer poderoso hum contra outro, ambos ficáram fracos para o que lhes sobreveio. E o caso foi, que tendo este Galacarná dous Capitães ambos irmãos, e os mais principaes do seu Reyno, postos na frontaria contra aquelles, com que tinha guerra; o maior delles, que chamavam Madaná, tinha huma das mais formosas mulheres do Reyno, a qual era da linhagem daquellas, que elles chamam Padaminij, que segundo affirmam, além de serem mulheres mui perfeitas em seus feitos, e formosas em suas pessoas, per natureza lhes cheira mui suavemente toda a roupa que vestem, como que da compreissão, e boa proporção de humores proceda este cheiro á sua carne, e della ás vestiduras que trazem, como contam que fazia a Alexandre Magno.[a] E por isso eram aquellas mulheres

a Plutarco na vida de Alexandre Magno, referindo os Commentarios de Aristoxono.

res mais eſtimadas entre aquelle Gentio, das quaes dizem elles agora, que com difficuldade ſe acha alguma naquelle Reyno do Guzarate; mas que no de Orixá ha muitas.

Vendo ElRey Galacarná eſta mulher de Madaná ſeu Capitão, aſſi por a formoſura de ſua peſſoa, como por ſer daquella boa natureza, e compoſtura, tanto ſe lhe affeiçoou, que buſcou todos os meios para gozar della; mas ella reſiſtindo ás importunações d'ElRey, e a ſuas promeſſas, em nada conſentio indo ElRey deſconhecido a ſua caſa. Polo que como ella era de propoſito caſtiſſima, e amiga da pureza de ſua peſſoa, e da honra de ſeu marido, lhe deo aviſo que ſecretamente ſe vieſſe logo ver com ella, porque aſſi importava á honra de ambos. Chegado o marido, deo-lhe conta do que paſſava, e como chegára ElRey a tanto, que huma noite viera ter a ſua caſa, ao qual ella deſpedíra, fingindo certos inconvenientes, pelos quaes não podia então fazer-lhe a vontade, o que faria dahi a poucos dias; as quaes eſcuſas elle acceitou, e lhe prometteo de a tomar por mulher. Madaná, depois que particularmente ſoube o procedimento que ElRey tivera naquelle negocio com ſua mulher, mandou-lhe que ſe fizeſſe preſtes o mais ſecretamente que pudeſſe, porque elle hia dar conta

a ſeu

a ſeu irmão daquelle caſo, para pôr em ordem ſuas couſas, em quanto elle tornava por ella. Finalmente os irmãos ambos ſe fizeram em huma vontade, e tomando ſecretamente ſuas mulheres, e o mais precioſo de ſuas fazendas, ajuntáram ſuas gentes, e fizeram ſeu caminho ao Reyno do Delij: e tanto pode a perſuasão delles, e a cubiça de Xiah Noſaradim [a] Rey daquelle Reyno, que com grande exercito ſe ajuntou com eſtes dous irmãos, e veio conquiſtar o Reyno do Guzarate; e por ſe deſviarem do povoado do Reyno de Mandou, que ſe mette entre o Reyno do Delij, e o do Guzarate com grandes montanhas, commettêram de paſſar huma tão aſpera, que parecia couſa impoſſivel; mas á força de braços, e de ferro rompêram huma penedia tão maravilhoſa de ver, que por memoria daquelle feito mandou ElRey do Delij edificar alli huma Cidade mui populoſa, a que poz nome Mandanai, por honra do maior daquelles irmãos. Mas como não era eſtrada real, nem caminho para outras partes, e ninguem hia áquella Cidade ſenão quem tinha negocio nella, veio-ſe perder, e diminuir, e hoje he mui pequena, e obſcura.

Entrando aquelle grande exercito no Reyno

[a] *Deſte Rey do Delij Xiah Noſardim tratou* João de Barros *no cap. 2. do liv. 5. da 2. Decada.*

no do Guzarate, como a maior parte daquella gente em aquelle tempo era dos Baneanes, que como diſſemos, por ſua religião não tinham armas em caſa, levemente foi conquiſtado, e ElRey Galacarná morto em huma batalha. Seu irmão, porque ſabia que a entrada de Xiah Noſaradim fora por induſtria dos dous irmãos pola injúria recebida, pareceo-lhe que não receberia dámno delles, e deixou-ſe eſtar na ſua Serra do Champanel, ſem querer ajudar ao irmão; mas não tardáram muitos dias, que morto o irmão na batalha, Noſaradim o foi buſcar, a quem não ouſando eſperar por o pouco poder que tinha em reſpeito de ſeu inimigo, deixou a terra, e com o mais precioſo que tinha de ſua fazenda, e com alguns que o quizeram ſeguir, atraveſſou a ſerrania de Pale, a qual he tão aſpera, que té agora neſtes noſſos tempos, que o Senhor daquella terra ſe fez vaſſallo de Soltam Badur Rey de Cambaya, nunca foi conquiſtada, havendo tanto tempo que iſto paſſou.

ElRey Xiah Noſaradim, fazendo deſte Rey de Pale pouca conta, o deixou, e o Eſtado que ganhou entregou a hum ſeu Capitão chamado Habedxiah, que naquella guerra, e em outras conquiſtas lho tinha merecido; para ſegurança do qual deo parte do exercito que trazia, e lhe mandou

que conquiſtaſſe o mais que ficava do Reyno. Aos dous irmãos Mandaná, e Cacaná, que o trouxeram a ganhar aquelle Reyno, e o ajudáram, deo dobrado Eſtado do que tinham em vida d'ElRey Galacarná. E em memoria de ſua vinda áquellas partes, fundou huma Cidade de ſeu nome, que hoje eſtá em pé, e os Guzarates lhe chamam Nozcarij, que diſta da Cidade do Champanel vinte leguas pouco mais, ou menos ao Levante.

Os Reys de Mandou, e de Chitor, temendo que quando eſte Principe Xiah Noſaradim tornaſſe para o Delij, lhes roubaſſe, e deſtruiſſe ſuas terras de paſſagem, ou com o favor da vitoria que houve dos Guzarates, quizeſſe intentar a conquiſta de ſeus Reynos, mandáram-lhe Embaixadores com grandes preſentes, entregando-ſe por ſeus vaſſallos, com obrigação de certo tributo por anno. Com eſta offerta ficou Noſaradim ſatisfeito, e ſem lhes fazer damno paſſou per ſuas terras, e ſe foi ao Delij. Té aqui contam as hiſtorias do Guzarate deſte Principe que os conquiſtou. [a]

As

[a] Pelos annos de 100 do Naſcimento de Noſſo Salvador baixáram dos ultimos termos Septentrionaes innumeraveis gentes repartidas em Tribus, que vieram conquiſtando tudo o que jaz do monte Caucaſo para baixo té Cambaya. Eram eſtas gentes Mogoles, Tartaros, Chacatais, e Resbutos. Eſtes ſe apoderáram do Guzarate, e foram ſe-

As Chronicas dos Perſas, de quem nós tomámos algumas couſas dos Reys della para eſta noſſa hiſtoria, dizem, que no anno de 708 de Mafamede, que são 1300 de noſſa Redempção, reinou na Tartaria Oriental hum Principe Tartaro, por nome Tara Mexernij Chan, filho de Doa Chan, em cujo tempo poucos Tartaros houve que não abraçaſſem a falſa lei Mahometana. Eſte, ſendo Principe mui guerreiro, entrou na India, e ganhou o Reyno do Delij, e deſceo ao do Guzarate, o qual fez ſeu tributario; e tornando-ſe para ſeu proprio Eſtado, deixou no Reyno do Delij hum ſeu irmão chamado Doa Chan, como ſeu pai, e no Reyno do Guzarate hum ſeu Capitão. E ſegundo a conveniencia dos tempos, que he a couſa que na hiſtoria ſe mais deve conſiderar pera a verdade della, parece que o Xiah Noſaradim, e eſte Tara Mexernij era hum meſ-

nhores de todo o Indoſtan, que repartiram entre ſi, tomando as cabeças titulo de Rajas, que he o meſmo que Governadores, té cerca dos annos de 1300, que vieram todos a ſerem conquiſtados de hum Rey do Delij, chamado Soltam Noſaradim, (que he o meſmo a que João de Barros *chama Xiah Noſaradim neſte capitulo,) cujo Imperio ſe eſtendeo deſde o rio Indo té o Ganges, e recolhendo-ſe para o Delij, onde falleceo brevemente, deixou em todos os Reynos do Decan hum Governador, e outro por nome Mahamud, (que* João de Barros *no capitulo ſeguinte chama Hamed,) no Reyno do Guzarate, com o qual elle ſe alçou tomando titulo de Rey, quando ſoube da morte de Soltam Noſaradim.* Diogo do Couto *Dec. 4. liv. 1. cap. 7.*

meſmo Rey, poſto que os nomes ſejam differentes; pois ambos, ſegundo dizem, quaſi em hum meſmo tempo conquiſtáram o Reyno Guzarate. Xiah Noſaradim nos annos de Mafamede de 707, e Tara Mexernij, poſto que pontualmente a Chronica que temos dos Reys de Perſia não diga em que anno conquiſtou os Reynos do Delij, e do Guzarate, ſabemos que depois de ſer tornado á ſua propria patria, foi morto no anno de Mafamede 708 por hum ſeu ſobrinho chamado Puron, filho de Tainu Chan em huma batalha junto da Cidade de Cháta. E porque per morte delle, ſegundo a meſma Chronica dos Perſas, foi levantado por Rey Daiagan Chan ſeu filho, o qual por vingar a morte de ſeu pai matou muitos Senhores, que foram na conjuração deſta morte, revolveo-ſe o Imperio de maneira, que muitos Capitães, que eſtavam em diverſas Provincias governando por elle, ſe levantáram por Reys, dos quaes ſeu tio Doa Chan ficou Rey do Delij, e o Capitão do Reyno do Guzarate.

E poſto que a Chronica dos Perſas diga, que poucos Tartaros ficáram que ſe não fizeſſem Mouros em tempo de Xiah Tara Mexernij; ou que eſtes dous Principes, que elle deixou no Guzarate, e Delij, não ſeriam tão confirmados naquella ſeita, que

per-

permanecessem nella; ou porque a terra era toda de Gentios, os Reys que depois succedêram a estes primeiros Conquistadores foram Gentios. E querer enfiar a linhagem de huns em outros, elles mesmos o não podem fazer por as mortes, levantamentos, e mudanças, que os Estados tem, quanto mais nós, que disso não temos mais noticia que a que delles recebemos. Basta para continuar nossa historia, que o Reyno do Delij per alguns annos teve o imperio dos Reynos de Guzarate, de Mandou, de Chitor, e Canará, e de toda a terra, que jaz entre aquelles celebrados rios Indo, e Ganges, a que propriamente chamamos India, e os naturaes Indostan. E que estes Reynos, e seus Principes se izentáram depois da morte de Xiah Nosaradim, que com a gente que naquellas Provincias mettia daquellas partes do Norte, que naturalmente he conquistadora, os enfreava.

CA-

CAPITULO III.

Como Hamed Mouro Tartaro de nação veio ser Rey do Guzarate, de que procedêram todos os Reys que té agora foram: e o que passou sobre sua successão.

NO anno de 1330 de nossa Redempcão, hum Mouro Tartaro, chamado Hamed, homem rico, e poderoso, que vivia na Cidade de Cambaiet, a que nós chamamos Cambaya, com favor dos Arabios, Persas, e gentes de Europa, principalmente Gregos, e Turcos, a que elles chamam Rumes, que áquelle Reyno hiam por causa do commercio, se levantou com parte do Reyno Guzarate, tomando per força de armas ao Rey Gentio que então reinava, que se chamava Desingue Rao, muitos lugares, e a Cidade de Madrefavat, que naquelle tempo era mui grande, e populosa, e dista cinco leguas de Dio, que depois seu neto Peruxiah ennobreceo, como adiante diremos. Este Hamed, posto que era cavalleiro de sua pessoa quanto bastava para esta empreza, que tomou de se intitular por Rey em Reyno alheio, era elle tão prudente, que isso lhe deo maior ser para o que foi, que as armas contra o Rey Gentio. E assi

aſſi conſiderando elle que o que faz os Reynos, e as Républicas mais florentes, são homens, e riquezas, recolhia todos os eſtrangeiros, aſſi da Europa, como de Africa, Egypto, Arabia, e da Perſia, aos quaes dava grandes ſoldos, com que fazia muita guerra ao Rey Gentio; e com todos uſava de muita juſtiça, e liberalidade, que são as partes com que os Principes ſe fazem bem quiſtos, e reverenciados. E para enriquecer ſeu Reyno, não ſómente recolhia nelle toda ſorte de mercadorias que tinham valia, e de ſua mão ſe repartiam pelos que as haviam miſter, ſem dellas querer mais ganho que terem todos neceſſidade delle; mas ainda todo genero de moeda eſtrangeira, quer foſſe de Mouros, quer de Chriſtãos da Europa, ou de Gentios daquelle Oriente, mandava que correſſe em ſeu Reyno por mais do que valia nas terras donde vinha, cauſa que entraſſe nelle grande quantidade de ouro, e prata. Teve tambem outras partes mui principaes para ſer bem quiſto, que aos Principes cuſtam pouco, e lhes rendem muito. Além diſto, o que o fez mui poderoſo para conquiſtar aquelle Reyno do Rao, foi viver elle muito, e ter vinte filhos de diverſas mulheres, que quaſi todos vio homens em ſeus dias.

Per morte deſte Principe reinou ſeu filho

lho Ale Chan.[a] Este accrescentou ao Estado herdado muitas terras, que tomou ao Rey Gentio; mas em huma batalha que lhe deo junto da Cidade de Cambaya, foi vencido do Gentio com perda de muita gente, e despojo de duas náos ricas que deram á costa, com que ficou o Rey Gentio mui rico, causa de elle depois perder em outra batalha dez mil homens; porque como houve a riqueza daquellas náos, que eram muito ouro, prata, sedas, e cousas de grande preço, desceo do sertão ás povoações da ribeira do mar, que eram do Mouro, a lhe fazer guerra, esperando haver outra tal preza, e Ale Chan lhe mandou armar com outras duas náos lançadas á costa, como em cilada, com que foi desbaratado, e perdeo aquella gente que era a melhor que tinha. Este Ale Chan viveo cento e seis annos, dos quaes reinou cincoenta e nove, e teve quarenta filhos de muitas mulheres, de que tres foram Reys.

O que lhe succedeo foi o maior que se chamou Peruxiah: o segundo por nome Azeide Chan casou com huma filha d'ElRey do Mandou seu vizinho; e per morte do sogro, por não ter filho, herdou aquelle Rey-

no

a A este chama Diogo do Couto Daudarchan, *e que foi o fundador de* Dio, *e não faz menção de* Peruxiah, *senão de* Mahamed, *que diz foi filho de* Daudarchan, *e seu successor. Liv.* 1. *cap.* 7.

no per via da mulher : o terceiro ſe chamou Ale Chan como o pai , que tambem pola mulher veio a reinar em Agimar, hum pequeno Reyno que confina com Chitor, e com Galer. Peruxiah foi homem pacífico, e humano, como ſe vio nos tratos que tinha, e nos favores que fazia aos mercadores, e navegantes que a ſeu Reyno hiam, que foi cauſa de ſe fazer rico, e poderoſo. Fez moeda de cobre , e de prata, de que hoje ſe acha ainda alguma : foi o primeiro que naquellas partes fez navios de guerra ao modo dos de Levante, per induſtria de Gregos, e Italianos, e de outras nações que hiam áquellas terras, com cuja ajuda houve muitas vitorias do Gentio, e a principal foi de dous juncos dos Chijs , os quaes como naquelle tempo navegavam a coſta da India, per ella tinham ſuas Feitorias por razão do trato da eſpeciaria. E poſto que Peruxiah houve vitoria deſtes juncos , na peleja lhe matáram dous irmãos, e cinco tios com muita gente nobre , e elle ficou mui ferido. E em quanto ſe curava, em memoria da vitoria, que foi onde hoje eſtá edificada a Cidade de Dio, elle fez alli huma povoação, (não ſendo antes mais que acolhimento de peſcadores,) e mandou que o trato de Madrefavat, que era a Cidade principal daquella coſta, ſe paſſaſſe a Dio. Mas

iſto

iſto durou o tempo que elle viveo, de maneira, que ao tempo que a houve Melique Az, já era tornada quaſi a ſeus principaes, e elle a reedificou, e ennobreceo.

A eſte Peruxiah ſuccedeo ſeu filho Soltão Mahamud[a], por appellido Begra, que em lingua dos Guzarates quer dizer cavalleiro, porque aſſi o foi elle, e mui aſtuto, e dado ao governo de ſeu Eſtado, e á adminiſtração da juſtiça. Eſte Principe tomou ao Gentio da terra de Mangalor contra o Cabo de Jaquete mais de vinte e cinco Villas, e povoações, e teve em cerco a Cidade de Champanel tres annos, no fim dos quaes a tomou, e aſſi a Serra della, ſendo a couſa mais forte de todo aquelle Reyno do Guzarate. Neſta Cidade achou grandiſſimos theſouros dos Reys antigos. Reinou Mahamud 55 annos, e deixou doze filhos; o maior delles chamado Modafar, foi grande edificador, e ennobreceo muito ſeu Reyno; lavrou huma moeda de ouro, que ora corre, chamada do ſeu nome Modafarxao, que da noſſa de Portugal val 1270 reaes, da qual veio muita a poder dos noſſos per morte de ſeus filhos. Reinou Modafar quatorze annos. Os filhos que delle ficáram eſ-
[illegible] ti-

a Eſte foi o que deo a Ilha de Dio a Melique Az, e em ſeu tempo deſcubrio a navegação da India o grande Dom Vaſco da Gama Conde da Vidigueira, Almirante do mar da India. Diogo do Couto *liv.* 1. *cap.* 7.

timados, e de que se faz menção, foram Scander Chan, Latifá Chan, Badur Chan, Chande Chan, Jangri Chan, e Mamud Chan, e outros.

Scander Chan mais velho succedeo a seu pai, e não reinou mais que nove mezes, porque por ser homem aspero, e por querer tirar de Dio a Melique Saca, filho de Melique Az, por as razões que adiante diremos, foi morto per conjuração dos seus. Porque como este Melique era homem sagaz, e poderoso como seu pai, com seu dinheiro, e astucia grangeou muitos dos principaes, que a ElRey por sua condição não tinham boa vontade. E todos, cada hum per sua parte, á força de dinheiro movêram a Madre Maluco Governador do Reyno, que elle per sua mão matasse a ElRey, e que tanto que isto fizesse, lhe acudiriam todos com seu poder. O Madre Maluco matou a ElRey, e logo tomou no collo a Mamud Chan seu irmão o mais moço, que era de dous annos, intitulando-o por Soltam, a fim de elle Madre Mamaluco ficar mais tempo por Governador do Reyno, como já era, e com os outros de sua parcialidade comerem os rendimentos do Reyno. E por mostrar que ElRey não fora morto por odio que os Grandes lhe tivessem, senão por evitarem as asperezas que com o povo usava,

com grande ſolemnidade, e pompa, acompanhado de alguns Senhores de ſua facção, o levou a enterrar onde ſeu pai ElRey Modafar eſtava ſepultado; e o novo Rey levou á Cidade de Champanel, que era a mais forte couſa do Reyno, onde eſtava o theſouro dos Reys. Alli fez vir todos a obedecer ao menino, governando elle abſolutamente, porém com prudencia, e vigia de ſua peſſoa.

Mas não tardáram muitos dias que Latifá Chan, ſegundo filho de Soltam Modafar, a quem pertencia o Reyno por morte de Scandar, veio do Reyno do Mandou, onde era caſado com huma filha d'ElRey delle, e com a gente que trouxe, e a que ſeguia ſua parte, que era a da juſtiça, foi levantado por Rey na Cidade de Abmadabad, e logo ſe poz a caminho para Champanel. Porém a fortuna devolveo o Reyno ao terceiro filho de Modafar, que era Badur Chan, que andava em habitos vís de Calandar peregrinando per Reynos eſtranhos, indigno da herença de ſeu pai por o que tinha commettido, como ſe adiante verá, com cujo proceſſo de vida, e feitos nos pareceo que convinha ir continuando, não ſómente porque tocavam aos feitos dos Portuguezes, e ao propoſito de noſſa hiſtoria, mas ainda porque no decurſo da vida deſte

Prin-

Principe, e de outros que com elle contendêram, ſe verá hum curſo de tempo de varias tragedias de Eſtados para exemplo daquelles que os governam.

CAPITULO IV.

Como por ElRey Modafar dar certas Cidades aos filhos de Melique Az, ſe aggraváram ſeus filhos, e o terceiro delles Badur Chan ſe foi do ſeu Reyno para ElRey de Chitor, e o que lhe lá aconteceo.

DAquelle Melique Az tão celebrado neſta noſſa hiſtoria, que faleceo no anno de 1520, lhe ficáram tres filhos, Melique Saca, Melique Liaz, Melique Tocam. E querendo ElRey Modafar ſatisfazer a eſtes ſeus filhos os ſerviços de ſeu pai, repartio per elles as terras que ſeu pai tinha em ſua vida, que eram Baçaim, Madrefavat, Dio, e Jaquete, que he huma Cidade poſta em hum cabo, que faz a enſeada chamada do ſeu nome de Jaquete, na qual entra o rio Indo. Cada huma deſtas Cidades tinha muitas povoações, que lhe eram ſubjeitas, perque ficavam de grande rendimento, de que a maior parte dava Melique Az a ElRey, o mais lhe ficava a elle para defensão, e governo daquellas terras, como Capitão

dellas , que ſe elle nomeava , e não Senhor. A repartição que ElRey fez deſtas terras foi dar a Melique Saca , que erà o mais velho , as Cidades de Dio , e Jaquete ; a Melique Liaz à Cidade de Baçaim ; e a Melique Tocam , que era o mais moço , a Cidade de Madrefavat , que era ſomenos das outras. Alguns dizem , que a tenção d'ElRey Modafar em repartir eſtas terras per eſtes irmãos , não foi tanto por lhes fazer mercê , como por tirar competencias entre o Principe Scandar , e Badur ſeus filhos ; os quaes quando víram feita a doação dellas , ſe queixáram muito a ſeu pai , dizendo , que como havia elle de dar aos filhos de hum ſeu eſcravo , como foi Melique Az , as terras com que os podia a elles manter , as quaes dizia cada hum delles que eſtariam mais ſeguras em ſua mão , que na dos filhos de Melique , que já em ſua vida eſtivera duas vezes para entregar a Cidade de Dio aos Portuguezes com artificios , que para iſſo uſára ?

Melique Saca quando ſoube deſte requerimento , pareceo-lhe que o Principe Scandar não pedia eſtas terras tanto por cubiça , por o grande cuſto que ellas tinham nas Armadas , que fazia ſeu pai Melique Az , quanto por a má vontade que lhe tinha por algumas paixões que entre elles havia. E como

mo era creado nas ſagacidades de ſeu pai, e elle tambem era homem naturalmente malicioſo, começou peitar groſſamente a Madre Maluco Governador do Reyno, e a todos os privados d'ElRey, com que fez que ElRey as repartio da maneira que diſſemos; porque ſabia, que ſe ſeus filhos deſejavam aquellas terras, era para comer o rendimento dellas. E como eram maritimas, onde elles não haviam de reſidir para as defender dos Portuguezes, ficavam mui apparelhadas para as elles tomarem, e elle Rey não teria dellas rendimento algum, das quaes em tempo de Melique Az havia elle em cada hum anno cento e cincoenta, e duzentos mil pardáos; e anno houve que por ſe Melique Az aſſegurar ante ElRey dos males que alguns ſeus competidores delle diziam, lhe levou quatrocentos mil pardáos. Finalmente ElRey com repartir eſtas terras pela maneira referida, e com razões que deo a ſeus filhos, ſe eſcuſou de lhas dar a elles; o que depois foi cauſa de muitos trabalhos, e de Soltam Modafar correr riſco de morte. Porque Badur Chan, que era ſeu terceiro filho, como não eſperava por ſua morte a herança do Reyno, que era do irmão maior, (poſto que ElRey deſenganou ao Principe, dando-lhe algumas razões com que o ſatisfez ſobre a pertenção daquellas

Ci-

Cidades,) insistia muito no seu requerimento, ao qual ElRey se escusava com o haver negado ao Principe. Alguns dizem que ElRey aborrecia a este seu filho Badur, porque em nascendo, ou por Astrologia, ou por feiticeria, lhe disseram que elle havia de ser causa da destruição daquelle Reyno. O qual por sua má inclinação, e por se ver desfavorecido do pai, e sobre tudo mal despachado neste seu requerimento, dizem que deo peçonha a seu pai com conselho, e ajuda de sua mãi, que lhe queria grande bem; da qual peçonha, porque houve alguns indicios na pessoa d'ElRey, que foi disso curado, temendo Badur que o pai o quizesse prender, fugio, levando comsigo alguns criados que o seguíram. E por mostrar que fazia esta ida por alguns particulares desgostos que tinha de seu pai, e não temor do que fizera, neste mesmo tempo teve outros requerimentos, e com voz de paixão do máo despacho delles se partio, e foi ter ao Reyno de Chitor, vizinho do de Guzarate, que era de hum Gentio por nome Sanga.

ElRey de Chitor, por Badur ser filho d'ElRey Modafar, o recebeo com muita honra, e gazalhado, e por lhe fazer festa, a noite seguinte de sua chegada teve serão, ao modo que cá na Europa costumam os Prin-

Principes, e Reys. E vindo a bailar certas moças, que segundo o ellas fazem naquellas partes com deſtreza, parecem volteadores, gabou Badur a hum homem dos nobres do Reyno que eſtava junto delle o bailar, e ſoltura dellas. O qual em modo de deſprezo diſſe contra Badur: *Pois aquellas moças, que vós alli vedes, são filhas de homens nobres de voſſo Reyno Guzarate, as quaes nós cativámos quando tivemos guerra comvoſco, e ElRey Noſſo Senhor as mandou enſinar a bailar para ſeu goſto.* Mas Badur por eſtas palavras lhe parecer que ſe diziam em ſua injúria, levou de hum punhal que trazia na cinta, e deo duas punhaladas áquelle Fidalgo, de que logo ficou morto. E Badur tambem o fora per mãos dos parentes do morto, ſe a Rainha Crementij mulher d'ElRey o não defendêra delles, e d'ElRey, que o queria mandar caſtigar. E ſobre o livrar daquelle perigo, o mandou ſecretamente com guarda pôr em ſalvo fóra do Reyno do Delij, o que lhe elle depois mal pagou, como adiante diremos.

CA-

CAPITULO V.

Como Badur ſe fez Calandar, e da maneira, e coſtumes daquella religião; e como ſabendo da morte de ſeu pai, e da d'El-Rey Eſcandar que lhe ſuccedeo, veio ao Reyno de Guzarate, e ſe levantou com elle com morte de ſeus irmãos, e de outros muitos.

TAnto que Badur ſe vio fóra do Reyno de Chitor, e da affronta em que foi poſto, e em terras eſtranhas, determinou fazer-ſe religioſo por remedio de vida; e desbaratando tudo o que comſigo trazia, e repartindo-o pelos criados, ao modo de homem que entrava em religião de pobreza, tomou habito de Calandar, deſpedindo-ſe de todos, dizendo, que deixava o Mundo, e ſe offerecia todo ao ſerviço de Deos, e a peregrinar, pedindo eſmola por ſalvar ſua alma. Eſte uſo de religião não ſómente tem os Mouros, mas tambem os Gentios, e eſtes tomam eſte modo de vida mais eſtreitamente, aos quaes elles chamam Jogues. Os quaes não ſó deſprezam todo o mimo, e delicias de comer, e veſtir, mas ainda fazem vida de grande aſpereza, e tal, que faz eſpanto, e move a compaixão, porque andam nús com humas groſſas cadeias

de ferro ao peſcoço, e ao redor de ſi á maneira de cilicio, ſómente as partes vergonhoſas trazem cubertas com humas pelles; e comem mui miſeravelmente. E poſto que pareça que cobrem alguma parte de ſeu corpo por vergonha, tem elles em o mais mui pouca, porque em todas as couſas naturaes ao homem, onde quer que lhe toma vontade, logo obedecem á natureza, ſem terem pejo a ſerem viſtos de alguem, dizendo, (como tambem os Filoſofos Cynicos [a] diziam,) que a natureza não faz couſa torpe. São eſtes na vida huns martyres do demonio, e nas maldades os meſmos demonios; porque como são acreditados em toda a parte, cuidam aquelles póvos, que quando fallam com hum deſtes, fallam com hum Santo, nem ſe vigiam delles; e porque como homens ſantos não são buſcados, nem os tocam. Nos tempos das guerras elles são os que de Reyno a Reyno levam todas as cartas, e aviſos, e os que paſſam pedraria furtada aos direitos dos portos. E poſto que eſtas couſas, e outras peiores ſe ſaibam del-

les,

a Antiſthenes Athenienſe Filoſofo Socratico deo principio á ſeita Cynica, aſſi chamada da eſcola Cynoſarge, huma de tres que havia fóra de Athenas, na qual enſinava Antiſthenes, como Platão, e Ariſtoteles nas outras duas Academia, e Lyceo. Foi Antiſthenes meſtre de Diogenes Cynico, e de outros Filoſofos que ſeguíram a ſua ſeita. Eſcreveo dez livros de varias materias, como refere Laertio na ſua vida, liv. 6.

les, tem para ſi, quem lhes fizer mal, que fica excommungado, e perdido do corpo, e da alma. A parte onde ſe acha mais número deſtes he no Reyno do Delij, porque he como hum centro daquellas Provincias de Aſia, aonde concorrem de todas as nações, e muitas vezes andam em huma companhia mais de dous mil, os quaes, poſto que ſejam de differentes linguas, com a converſação que huns com outros tem neſtas ſuas peregrinações, que he hum dos votos de ſua regra, todos ſe entendem. Não entram nas Cidades; mas ao modo dos Cyganos, que andam neſta parte de Europa, pouſam fóra do povoado, e alli lhe traz a gente do povo ſua eſmola. E quando aſſi anda grande número delles, elegem hum a que obedecem á maneira que os Cyganos fazem a ſeu Conde. Cada hum deſtes traz huma corneta, principalmente quando andam ſós, a qual tangem em chegando ao povoado, para que ſe ſaiba que eſtá alli, e lhe trazerem de comer, e eſmola.

Andando aſſi Badur neſte habito de Calandar nas terras do Reyno do Delij, teve novas como ſeu pai Soltam Modafar era falecido; e ſem mais eſperar outra couſa, naquelle meſmo habito ſe veio ao Reyno do Guzarate, onde tambem ſoube da morte de Soltam Eſcandar ſeu irmão, que ſuc-

ce-

cedêra a ſeu pai, e a maneira della, e que o Governador do Reyno Madre Maluco levantára por Rey a Mahamud Chan ſeu irmão mais moço, menino de pouca idade: e aſſi ſoube como Latifá Chan legitimo herdeiro do Reyno, por ſer o ſegundo genito, era vindo com gente groſſa do Reyno do Mandou, onde era caſado, para ſe apoderar do Reyno de ſeu pai, que de direito era ſeu, e depôr o menino, que o Governador mal levantára[a]. E porque eſte irmão Latifá Chan caminhava para Champanel a ſe apoderar do theſouro de ſeu pai, Badur deſceo para as fraldas do mar, para ſe metter nas Cidades de Surat, e Reiner, onde tinha dous mercadores groſſos ambos irmãos grandes ſeus amigos, aos quaes eſcreveo do caminho, que ſecretamente, ſem Deſtar Chan Capitão daquellas Cidades o ſaber, (porque fora na morte de ſeu irmão Eſcandar,) lhe fizeſſem a mais gente que pudeſſem a ſoldo, e que em quanto levantaſſem, elle pelo caminho per onde foſſe com o ſeu nome iria ajuntando alguma. Final-

[a] *Eſcreve* Diogo do Couto, *que Badur (a que elle chama Bador) era o primogenito d'ElRey Modafar, o qual por querer dar o Reyno ao filho ſegundo, moſtrava má vontade a Badur, polo que elle ſe fizera Calandar, auſentando-ſe do Reyno. E o que aqui diz* João de Barros *de Latifa Chan, que com ſoccorro d'ElRey de Mandou veio a pertender o Reyno do Guzarate,* Diogo do Couto *o refere de Badur. Cap. 1, liv. 7.*

nalmente Badur entrou na Cidade de Reiner per induſtria dos dous irmãos, e com o poder, e favor da gente que lhe tinham junta foi levantado por Rey.

A nova deſte levantamento foi logo ter á noticia dos outros ſeus irmãos, que os metteo, e a toda a gente em grande confusão, não ſabendo a qual das partes acudiſſem, principalmente Deſtar Chan, que eſtava fóra das Cidades. Eſte parecendo-lhe que grangeava Badur, lhe foi beijar a mão; mas nelle começou Badur de encetar com morte a nobreza daquelle Reyno, mandando-o logo matar, com titulo de traidor a ſeu irmão, dizendo, que fora participante no conſelho de ſua morte. Iſto dizia o pregão; mas a cauſa era por lhe tomar toda a fazenda, como tomou. E por ſe acreditar com a gente, e mover a todos que o ſeguiſſem, logo alli galardoou aos dous irmãos que o ajudáram: Ao que ſe chamava Naitia deo aquellas duas Cidades de Reiner, e Surat; e ao outro ſeu irmão, chamado Coje Babú fez Veedor de ſua fazenda, que era grande cargo.

Partio-ſe logo Badur em buſca de ſeu irmão Latifá Chan, mandando diante muitas cartas aos Capitães que com elle andavam, promettendo-lhe grandes mercês ſe o deixaſſem, e ſe vieſſem para elle. E como

a for-

a fortuna as mais das vezes nos primeiros amores que tem com a peſſoa que quer levantar a grande eſtado, lhe faz a entrada leve, e deſpejada de todos os inconvenientes, aſſi ordenou as couſas de Badur, que venceo ao irmão em huma batalha que lhe deo, ficando deſamparado de todos os ſeus, e foi achado morto ſem ferida alguma entre dez, ou doze homens, que lealmente o ſeguiam, e dizem que morreo de abafado das armas, por ſer homem mui groſſo [a]. Daqui foi Badur á Cidade de Champanel, onde ſe lhe entregou o Governador Madre Maluco com o menino Mamud que levantára por Rey, e outros dous irmãos tambem de Badur, a qual entrega elle fez de ſi, e daquelles Infantes, com grandes ſeguros jurados por Badur, per os oſſos de ſeu pai, e per o Moçafo de ſua lei, que lhes não faria mal; mas a fim de ſua verdade foi diſſimular alguns dias com Madre Maluco, por lhe acolher a fazenda. E no tempo que elle eſtava com menos ſuſpeita, e mais favorecido de Badur, o prendeo, e mandou esfollar vivo, o qual dizem que eſteve inteiro fallando ſempre té lhe chegarem ao embigo, e lhe foi tomada toda a fazenda. Dahi a poucos dias mandou vir ante ſi os tres Infantes ſeus irmãos, e per ſua pro-

a Succedeo iſto no anno de 1525. Diogo do Couto.

propria mão degollou o Mamud, que era levantado por Rey, ſendo criança, que ainda não ſabia ſahir dos braços de ſua ama, e aſſi degollou os outros dous irmãos por lhe dizerem, porque tingia as mãos em ſeu proprio ſangue, ſendo aquelle ſeu irmão menino innocente em idade, e em culpa.

CAPITULO VI.

Como ElRey Badur determinou de matar todos os que em tempo de ſeu pai o tinham offendido, e entre elles a Melique Saca Capitão de Dio; e da manha que elle uſou para lhe eſcapar: e como naquelles dias veio a Dio huma náo de Francezes que partíra de França, de que era Capitão, e Piloto hum Portuguez.

OBedecido Badur por Rey daquelles Senhores, e gente que tinha comſigo, e rico com os theſouros de ſeu pai, começou logo a entender no modo que havia de ter para matar aſſi áquelles a que tinha odio antes que fugiſſe de caſa de ſeu pai, e a áquelles, que em ſua vinda lhe foram cauſa de algum impedimento, como os que foram na morte d'ElRey Eſcandar ſeu irmão, aſſi per ſuas peſſoas, como per ſeu conſelho; e iſto mais por lhe tomar o ſeu, que por lhe doer a morte de ſeu irmão. Em Meli-

que

que Saca Capitão de Dio, filho de Melique Az, concorriam todas eſtas cauſas de odio, aſſi por os modos que teve em peitar, para que Soltam Modafar não déſſe aquelle Eſtado de Dio a elle Badur (como diſſemos;) como por lhe não empreſtar algum dinheiro que lhe elle pedio, e ſer mui rico, e hum dos principaes authores que urdíram a morte d'ElRey Eſcandar. Polo que para effetuar eſte deſejo, Badur o mandou chamar, como a homem dos principaes do Reyno, a quem ainda não tinha viſto, para lhe beijar a mão, e o reconhecer por Senhor a ſeu modo, fingindo tambem que a cauſa principal porque o chamava era ter ſabido quanto damno as Armadas dos Portuguezes faziam por toda a coſta de ſeu Reyno, e querer conſultar com elle o modo que ſe teria para aquella defensão. Melique Saca além de eſtar aviſado pelas mortes daquelles que ElRey matava com voz que foram authores da morte de ſeu irmão, em que elle ſe achava culpado, temia muito ir ante ElRey, porque ſecretamente lhe mandáram cartas de aviſo, que ſua vida não ſeria mais que té chegar a ElRey, e que por iſſo olhaſſe por ſi. E como elle era homem ſagaz, e criado nas manhas de ſeu pai, que comnoſco fazia ás vezes ſeus negocios ante ElRey Modafar ſeu Senhor,

uſou

usou tambem destas artes, escusando-se a Soltam Badur com nossas Armadas, que andavam naquelle tempo pela costa de Cambaya, e que se não atrevia deixar Dio a risco de o tomarmos em quanto elle fosse ausente. ElRey, que não era menos malicioso que elle, e incitado do odio que lhe tinha, apertava-o mais que fosse, e deixasse algum homem de recado por Capitão em quanto o lá detivesse. Quando Melique Saca se vio tão apertado, mandou chamar a Eitor da Silveira, que o entreteve em Dio, como atrás escrevemos [a], a fim de se desculpar a ElRey, e fazer-lhe crer a necessidade que havia de sua pessoa em Dio [b]. Mas como ElRey per outra parte sabia ser elle o mesmo author de os nossos irem a Dio, e o modo que tinha com elles, apertou-o tanto, que elle se determinou em fugir para Jaquete.

Es-

a *No cap. 5. do liv. 1.*

b Diogo do Couto *escreve, que a tenção de Melique Saca foi de entregar com effeito a fortaleza de* Dio *aos* Portuguezes, *de que Agá Mahamud seu parente o dissuadio, desconfiando da verdade, e fé de* Eitor da Silveira, *que tendo-o em seu poder, com a cubiça do thesouro que tinha, o prenderia, e assi ficaria sem fortaleza, sem fazenda, e sem liberdade; o que este Mouro traçou maliciosamente, para lhe ficar o governo da Cidade, a qual diz* Couto, *que lhe deo Badur vindo a* Dio *em busca de Melique Saca, que já era fugido para Jaquete.* Dec. 4. *liv.* 1. *cap.* 8. *e* Fernão Lopes de Castanheda *liv.* 7. *cap.* 6. 7. *e* 13.

Esta he huma Cidade, que está em hum cabo assi chamado por causa de hum antigo, e sumptuoso templo de Gentios, o mais celébre daquellas partes, onde começa a outra enseada, que por causa do mesmo templo se chama de seu nome de Jaquete, a qual enseada he assi penetrante na terra com hum cotovello como a de Cambaya; e se esta tem os perigos do grande macareo que nella ha, com que muitas náos ou ficam em secco, ou soçobram com a soberba da agua, que entra do mar a encher o que vasou; assi a de Jaquete tem grande número de Ilhas de arêas levadas da agua que se mudam, a que os navegantes chamam alfaques, com as cheias do grande rio Indo, e de outros que descarregam suas aguas nella. Nesta parte esperava Melique de se salvar por duas razões: a huma por ser perigosa a navegação per aquelle mar, e per terra não poder ir ElRey lá, por as grandes montanhas que lhe era necessario atravessar, que são dos Resbutos, com que aquelle Reyno de Cambaya tem contínua guerra a outra razão, por ser elle casado com huma filha de Lacazamo; Senhor da Comarca de Cache, Resbuto de nação, que está no interior da enseada que dissemos, e homem poderoso entre aquella gente, onde esperava achar favor.

Determinado Melique em effetuar ſua partida, mandou paſſar muita artilheria que eſtava na Cidade ás náos em que eſperava de fugir, e aſſi proveo toda a fuſtalha do neceſſario, como que havia de pelejar com noſſa Armada, ſe nós quizeſſemos commetter entrar no porto, com fundamento de não ſómente levar ſua peſſoa, familia, e fazenda, mas ainda todos os principaes mercadores, que alli reſidiam, per vontade, ou per força, para com elles ennobrecer a povoação, e fazer della outra eſcala tão principal como Dio, por o ſitio em que eſtava. A principal peſſoa, com que Melique Saca tinha communicado eſte ſeu propoſito era Agá Mahamud, aquelle ſeu Capitão das fuſtas que muito perſeguio os noſſos em Chaul, quando faziam a fortaleza [a]; porque além de ſer homem de ſua peſſoa, e prudente, tinha nelle confiança que lhe manteria ſegredo. E porque eſta mudança ſe não entendeſſe, nem menos no embarcar foſſe ſentido, foi-ſe Melique a huma quintã ſua, que he na terra firme da Ilha de Dio obra de cinco milhas, além da Villa que chamam dos Rumes, que he hum arrabalde da Cidade, entre a qual, e o arrabalde ſe mette o braço da agua ſalgada, que faz a terra

a *Como eſcreve* João de Barros *nos cap.* 8. 9. 10. *da Dec.* 3.

ra ficar em Ilha. Nesta quintã tinha elle sua mulher, e seu filho, e fazenda; e mandando diante alguns navios com dissimulação, por não arrancar com tanta familia, nelles mandou a mulher, e parte da fazenda. E a noite em que esperava de se acolher, mandou a Agá Mahamud, que fizesse grande revolta na Cidade, dizendo que vinha nossa Armada para a tomar; e que no alvoroço de todos acudirem aos lugares de defensa, elle acudiria tambem da quintã aquella ante manhã, como quem se vinha metter dentro, e ao passar do rio se embarcaria, e daria á véla caminho de Jaquete.

Agá Mahamud lançando outras contas, fez-se em outro bordo, e deo conta a certos Capitães Arabios, e outros que serviam a Melique; e examinado bem o negocio, assentáram de não consentir a Melique que se embarcasse, nem entrasse na Cidade, e estivessem levantados com voz de Soltam Badur, té saber delle o que mandava. E começáram pelo proprio ardil de Melique, de noite com tambor, e grandes gritas, dizendo, que vinha a Armada dos Portuguezes, e despejáram muita artilheria que estava nas náos, e navios que Melique queria levar, e a puzeram no muro, com outras munições que haviam mister para defensão da Cidade. Melique foi logo avisado dos

ſeus da grande revolta que havia nella, dizendo que vinham os Portuguezes, que acudiſſe; e como elle tinha cuidado o ardil daquella revolta, pareceo-lhe que o fazia Agá Mahamud polo ſeu mandado, e todo ſeu trabalho era mandar carregar ſuas carretas com o fato, dizendo que o queria recolher na Cidade antes que nós chegaſſemos. Vindo elle, em rompendo a alva, para embarcar ſeu fato, a gente, que já eſtava appellidada por parte de Agá Mahamud, tanto que o vio á borda da agua, começáram de lhe tirar ás fréchadas, e eſpingardadas, com grandes apupadas, chamando-lhe traidor, que queria dar a Cidade aos Portuguezes, com mil doeſtos, quaes a gente popular junta ſoe ſoltar em ſemelhantes mudanças de tempos.

Quando Melique ſe vio aſſi ſobreſaltado, não ſómente deſeſperou de ſe poder embarcar, por lhe terem tomada a embarcação, mas ainda temeo perder a vida, parecendo-lhe, que tão grande couſa, como aquella, não podia vir de Agá Mahamud, ſenão induſtriada de algum Capitão por mandado d'ElRey, que lhe pareceo não poderia muito tardar, que não vieſſe ſobre elle. E pedindo hum pelouro dos que lhe tiráram com a artilheria, o tomou na mão, e diſſe: *Eu te mandei fazer, e não para*

mi,

mi, ſenão para meus inimigos ; e pois os amigos te mandam cá, como ſinal que já o não são, eu te levo comigo, como teſtemunha para alguma hora (ſe Deos quizer) te moſtrar a elles, que mal me pagavam o bem que lhes fiz. Tornado para ſua quintã, havendo quatro dias que não fazia outra couſa, ſenão carregar, e aperceber-ſe de cavalgaduras, e de carretas, para ir per terra onde eſtava ſeu ſogro nos Resbutos; veio-lhe nova, que ElRey abalava para vir ſobre elle, por o recado que lhe mandou Agá Mahamud. Melique Saca como a nova o apreſſou, levando de ſua fazenda o mais principal, ſe poz em caminho, em que paſſou aſſás de trabalho em hum paſſo junto da Cidade de Novanaguer, em que já eſtavam dous Capitães d'ElRey, que lhe foram atalhar a eſtrada, onde lhe conveio partir o ouro, prata, e joias, que levava pelos alforges da gente de cavallo, não eſperando de ſe poder ſalvar. Com tudo elle o fez de maneira, que rompeo o grande número de gente que os Capitães traziam, e mais ſalvou grande parte de ſua recovagem diante de ſi, o que elle não eſperava. Paſſada eſta affronta, elle ſe vio em outra maior, porque ElRey o alcançou; mas elle ſe poz á eſpora fita, dizendo aos ſeus, que não havia de ver o roſto de ſeu Senhor, nem le-

levantar arma contra elle ; e assi se salvou daquella furia d'ElRey por então.

Em quanto ElRey foi no alcanço de Melique, Agá Mahamud com os conselheiros deste caso mandáram a grã pressa chamar Melique Tocam irmão de Melique Saca, que estava em Madrefavat, ao qual disseram que lhe entregavam aquella Cidade té ElRey prover, por quanto seu irmão fazia aquella traição que elles não consentíram. ElRey como desesperou de poder haver á mão Melique Saca, veio-se a Dio, e mandou matar como traidores os mais daquelles principaes, que foram no conselho de se levantar contra elle, e de todo esteve julgado á morte Agá Mahamud por ser author disso, se o não defendêram alguns Capitães privados d'ElRey. E tambem por rogo de Codamo Chan, que era o principal do Reyno, que tinha o sello, como ácerca de nós o Escrivão da Puridade, deixou Badur de matar a Melique Tocam com peçonha secreta, dizendo que o merecia por acceitar a capitanía da Cidade de mão dos traidores. Com tudo elle o levou comsigo, e assi a Agá Mahamud para Champanel como prezos. Tambem levou quantos Rumes havia na Cidade, por se não fiar delles, e os mandou pôr em guarda da Serra, da qual era Capitão hum

cha-

chamado Tearchan, e em Dio deixou outro por nome Camalmaluco, homem que elle fez de pouco, por o acompanhar, e ſervir nos ſeus princípios.

Havendo poucos dias que ElRey era partido para Champanel, na entrada de Julho do anno de 1527 chegou ao porto de Dio huma náo Franceza, que ſe armára no porto de Diepe [a], de que era Capitão, e Piloto hum Eſtevão Dias Brigas de Alcunha Portuguez, com té quarenta Francezes, o qual por traveſſuras que tinha feitas neſte Reyno, ſe lançou em França para commetter eſta maldade, que lhe cuſtou a vida. Porque depois de lhe dar o Capitão de Dio ſeguro para alli fazerem ſeu commercio, os prendeo a todos, e os mandou a ElRey a Champanel, parte dos quaes ſe fizeram Mouros, e o Eſtevão Dias acabou mal, como tambem acabáram os Francezes.

CA-

a *Às náos Francezas foram tres. Huma aportou na Ilha de S. Lourenço, da qual era o Francez que nella achou Diogo da Fonſeca, como ſe diſſe no cap. 2. do liv. 3. Outra era eſta, de que trata aqui* João de Barros. *E da outra era Capitão, e Piloto hum Portuguez natural de Villa do Conde, que ſe chamava o Roſado, a qual não ſe perdeo em huma Bahia da coſta Occidental da Ilha Çamatra, perto de Panaajú Cidade do Rey dos Batas, que houve deſta náo alguma artilheria, com que foi pelejar com ElRey de Achem no anno de* 1539. Fernão Mendes Pinto *no livro das ſuas peregrinações, cap.* 16. *e* 20.

CAPITULO VII.

Da embaixada, que Babor Patxiah Rey do Delij mandou a ElRey de Cambaya, o qual armando gente contra elle, foi contra o Nizamaluco: e como mandou esfollar huns Collijs, e da vingança que elles a isso tomáram.

TOrnado Soltam Badur a Champanel da viagem que fez a Dio, vieram-lhe alli Embaixadores de Babor Patxiah Rey dos Mogoles, e do Reyno do Delij. A substancia de sua embaixada era, que por quanto aquelle Reyno do Delij, de que elle era Senhor, fora antigamente a cabeça do Imperio de todo o Indostan; e todos os Estados, que nelle ha, eram governados per Capitães do mesmo Imperio, os quaes em tempos passados, com infortunios, e guerras que aquelle Imperio teve, se rebelláram contra elle, e se intituláram por Reys, sendo vassallos, elle Babor Patxiah queria tornar restituir áquelle Imperio o poder, e jurisdicção que tinha em todos aquelles Estados, como verdadeiro Senhor que era delles. E porque o Reyno do Guzarate, de que elle Badur se chamava Rey, era hum dos principaes, e mais vizinho a elle Babor, lhe mandava dizer, que tomasse a sua di-

divisa, e na Mesquita fosse o seu nome cantado em sinal de obediencia, e vassallagem. Soltam Badur como era homem assommado, e tão soberbo, que lhe parecia ser mais digno daquellas cousas, que Babor pedia delle, quizera logo mandar matar aos Embaixadores, se seus Capitães lho não estorváram. Polo que lhes respondeo, que dissessem a quem os mandava, que ante de muito tempo esperava de lhe dar a resposta dentro do Reyno do Delij. E com isto os despedio, ficando tão indignado da soberba do Patxiah, que logo mandou fazer grandes apercebimentos, que foram cem mil homens de cavallo, e quatrocentos Elefantes, e grande somma de artilheria.

Estando para partir contra o Delij, lhe mandou pedir Madre Maluco, hum dos Capitães do Reyno do Decan, o soccorresse contra o Nizamaluco seu vizinho, que lhe tinha tomada a Cidade de Doltabad, cabeça de seu Estado, e pertendia conquistar-lhe o restante delle. E que por este beneficio se queria fazer seu vassallo. ElRey Badur deixando para outro tempo a jornada contra o Delij, se foi á Cidade de Doltabad, de que o Nizamaluco se apoderára, e esteve em cerco sobre ella tres mezes, té que a tomou, nos quaes aos 5 de Outubro daquelle anno, que foi o 1528, choveo pedra

tão

tão groſſa como laranjas, que lhe matou muita gente, e cavallos, e té elefantes, perque lhe conveio tornar-ſe ſem fazer mais, com tamanho apparato como levou, que reſtituir a Madre Maluco aquella Cidade que tinha perdida.[a]

Tornado Badur a Champanel com perda de outra muita gente que lhe morreo no caminho, por ſer tempo de inverno, acertou a ver na caſa, onde ſe arrecadavam ſeus direitos naquella Cidade, certos homens, que eram Gentios, e do Reyno dos Collijs, que fica entre o Reyno de Mandou, e Champanel, os quaes tambem arrecadavam direitos para ſeu Rey. E poſto que elle ſabia bem a cauſa por que alli vinham pedir, e cobrar aquelles direitos, fez que não ſabia parte diſſo, e perguntou que direitos eram aquelles, que ſe davam de ſua fazenda áquelles Gentios? Reſpondêram-lhe, que havia muitos annos que os tinham, e a cauſa era, porque havendo entre o Reyno dos Collijs, e aquella Cidade de Champanel guerra, era mui perſeguida delles, por lhes virem todos os annos a queimar os pães, e as mais novidades. E que vendo ElRey ſeu biſavô, que era menos mal dar-lhes alguma couſa por anno, que a perda que o povo daquella Cidade recebia, houve entre elles

con-

a Deſta guerra ſe eſcreveo no cap. 14. do liv 2.

concerto, que lhes pagaſſem em cada hum anno a quarta parte do rendimento daquella Cidade, e que iſto era o que aquelles homens alli arrecadavam. Soltam Badur, que era homem ſem nenhum diſcurſo no que fazia, mandou prender aquelles Gentios; e porque ſe não quizeram tornar Mouros, os mandou esfollar vivos, dizendo, que aquelle era o tributo que de Champanel haviam de levar os Collijs. Sabido eſte feito pelo Rey daquella gente, mandou huma noite dar em hum lugar cinco leguas de Champanel, e tomáram delle cincoenta peſſoas, que mandou esfollar vivos, e ficáram pendurados cada hum em ſeu páo como carneiros. Em vingança foi Soltam Badur ſobre aquelle Reyno, e por ſer já no inverno, ſem fazer couſa alguma, ſe veio com determinação de tornar ſobre elle como vieſſe o verão.

Mas ſobreveio couſa que o impedio, e foi, que hum Senhor do Reyno do Decan chamado Baamane o mandou chamar para lhe entregar duas fortalezas, e muita fazenda, que tinha em ſeu poder do Nizamaluco, por aggravos que lhe fizera. Polo que em o mez de Setembro do anno de 1529 partio ElRey Badur de Champanel com ſetenta mil de cavallo, e duzentos mil de pé, dos quaes lhe morrêram dous mil na paſſagem

gem do rio de Baroche, e affi outros muitos de pedra que choveo, e de frio por caufa das neves. E primeiro que entraffe nas terras do Nizamaluco, combateo huma Serra mui afpera, onde eftava hum Gentio chamado Largiz, homem poderofo, e tributario do Nizamaluco. O qual vendo o grande poder de Badur, fe entregou a elle; mas mais fe entregou Badur a huma irmã de Largiz, de que fe namorou tanto que a tomou por mulher, e aquella foi a primeira que recebeo, e logo dalli a mandou mui acompanhada á Cidade de Champanel. Profeguindo feu caminho, poz cerco á Cidade Patarij, que era tão forte, que a não pode tomar, (a qual fora do Madre Maluco, e o Nizamaluco lha tinha tomada,) polo que fe determinou em ir deftruindo as terras chans do Nizamaluco, antes que deter-fe em cercar Cidades, e fortalezas. Tanto que chegou ás terras do Hidalchan, com quem tinha amizade, mandou arvorar huma frécha, fegundo feu coftume, para que foffe notorio a todos, que não haviam de fazer mal, nem damno a coufa do Hidalchan.

Sabendo o Nizamaluco do eftrago que Soltam Badur hia fazendo, não lhe quiz ir ao encontro, temendo o grande poder que levava; mas chamando em fua ajuda o Verido, que he outro Capitão dos do Reyno

no

no de Decan, foi-ſe caminho das terras de Emir Mahamed Xiah, ſobrinho do Soltam Badur, por ſer vizinho a ellas. Badur quando ſoube deſta ſua ida, partio ſeu exercito em duas partes, e deo a ſeu ſobrinho trinta mil de cavallo, e elle ficou com o mais, mandando-lhe que acudiſſe a ſuas terras. E acertou, que vindo o Verido deſavindo do Nizamaluco, ſobre o modo que haviam de ter naquella guerra, e tornando-ſe para ſeu Eſtado, veio a ſe encontrar com Emir Mahamed Xiah que o hia buſcar. Verido, poſto que ſeu exercito era mui deſigual, porque não levava mais que cinco mil de cavallo, e doze mil de pé, era tão esforçado, e a ſua gente tal, que accommetteo o arraial de Mahamed, paſſando para iſſo hum rio a váo, e não ſe contentou ſenão com lhe ir cortar as cordas das tendas. Com o ſubito impeto deſte inimigo ſe víram os Guzarates tão embaraçados, que ſe começáram de desbaratar. E houvera o Verido de fazer grande eſtrago nelles, ſenão uſáram de huma eſtratagema, que foi, levantar hum ſombreiro de pé, o qual ninguem póde trazer ſenão a peſſoa d'ElRey, para darem a entender que era vindo Soltam Badur em ſeu ſoccorro. E aſſi tanto que aquella inſignia appareceo, os Guzarates, que não ſabiam do caſo, cobrráram animo, e o que

era

era fingido ficou ſendo verdade ; porque naquella conjunção veio ElRey, que fez a Verido recolher-ſe , dizendo, que não havia de levantar arma, onde eſtiveſſe a peſſoa d'ElRey. Porém com todo ſeu animo perdeo alli ſua bandeira, e quatrocentos de cavallo , que eram a flor de ſua gente, e elle matou grande número de Guzarates; e ſe não perdêra a bandeira, e ſe não retirára por reverencia d'ElRey , ficára com a vitoria. Mas elle o fez na peleja tão esforçadamente, e com tanta prudencia, e moſtras da diſciplina militar, que deſejou Soltam Badur de o ter por amigo , e lhe eſcreveo, que o quizeſſe ſer, e per cartas ficáram grandes amigos, recolhendo-ſe cada hum para ſeu eſtado.

Deſta ida deixou Soltam Badur tres Capitães com doze mil homens de cavallo ſobre as terras do Nizamaluco, que eram vizinhas de Chaul, onde tinhamos noſſa fortaleza. Alli andavam eſtes fazendo guerra, e eram aquelles, com quem Franciſco Pereira de Berredo Capitão de Chaul teve o recontro que atrás diſſemos [a]. E por acudirem aos damnos, que Antonio da Silveira fazia na deſtruição das Cidades de Reiner, e Surat, e das outras povoações daquella enſeada, deixáram os Capitães aquella parte de Chaul.

Che-

[a] *No cap. 10. do liv. 4. do ſucceſſo de Argao.*

Chegado Soltam Badur á Cidade de Champanel, lhe deram nova, que ſeu irmão Jangri Chan era morto, o qual eſtava na Cidade de Abmadabad com o Capitão della, que o tinha encuberto, e negado a ElRey Badur, temendo que o queria matar, como fizera aos outros ſeus irmãos. E porque Badur entendeo que eſta nova era falſa, ſe foi a Abmadabad, e com peçonha fez matar ao Capitão, tendo-lhe feito juramento de lhe não fazer mal, e a capitanía deo a hum privado chamado Carija, que era Senhor de Cambaiet. E o que ſe fez deſte irmão d'ElRey, e de outro per nome Chande Chan, a quem de direito pertencia o Reyno de Cambaya, que neſte tempo eſtava no Reyno do Mandou, por ſer caſado com huma filha d'ElRey, diſſemos atrás.[a]

CAPITULO VIII.

Como Babor Patxiah Rey dos Mogoles, indo para fazer guerra a ElRey de Cambaya, lhe ſahio ao caminho ElRey de Chitor; e da batalha que ambos tiveram.

NEſte tempo Babor Patxiah Rey dos Mogoles, e do Delij, por cauſa da re-

a No cap. 17. do liv. 4. no qual ſe eſcreveo que hum deſtes irmãos de Badur foi morto, e o outro levado a Goa.

reſpoſta que Soltam Badur deo á ſua embaixada, com grande exercito abalou do Delij, com tenção de entrar nas terras do Guzarate. Mas eſta determinação lhe foi impedida por lhe ſahir ao caminho ElRey de Chitor, que he hum dos tres mais poderoſos Principes daquellas partes. A eſte por excellencia os Resbutos chamam Sanga, que entre elles quer dizer Emperador; e os outros dous Principes são o Çamorij no Malavar, e ElRey de Biſnagá no Canará, os quaes tem a meſma dignidade Imperial. O Sanga dizem que póde pôr em campo duzentos mil homens de cavallo; e ſe he verdade o que ſe diz de ſeu Eſtado, que tem cento e cincoenta mil povoações de cincoenta vizinhos para cima, não ſe haverá por muito ter duzentos mil de cavallo. Eſte veio ao encontro de Babor Patxiah, por ſaber que para ir ao Reyno do Guzarate forçadamente havia de atraveſſar grão parte do ſeu Reyno de Chitor. Neſta reſiſtencia houve entre ambos os exercitos huma mui cruel batalha, em que de huma parte, e outra morreo muita gente; della ficou o Mogol tão affrontado, por cuidar que não acharia naquella gente tanto animo, que ſe recolheo a ſeu Reyno a ſe refazer, para commetter a paſſagem com mais poder, como fez.

O

O Sanga como ſoube que Babor ſe apercebia para tornar, o eſcreveo a Soltam Badur, o qual como ſabia que Babor não pretendia mais das terras do Sanga, que a paſſagem para entrar nas ſuas, por cauſa dos meſſagens, que entre elles eram paſſados, mandou huma ſomma de dinheiro ao meſmo Sanga para ajuda daquella reſiſtencia, porque por o esforço da ſua gente ſabia ſer elle mui poderoſo. Tanto que o Sanga ſe fez preſtes, não quiz eſperar em ſuas terras aos Mogoles, mas com cem mil de cavallo os foi buſcar além da Cidade de Chader no fim do Reyno do Mandou, que os Mogoles lhe já tinham tomada. E antes de ſe encontrar com elles, por ſer homem de idade, com o trabalho daquella jornada faleceo. Morto elle, não deixáram por iſſo ſeus Capitães de ſeguir ſeu caminho em buſca dos Mogoles; e para os governar, elegêram hum, que era o mais principal vaſſallo do Sanga, que chamavam Salahedin, que era Senhor de hum Eſtado que chamam Raoſinga, ou ſegundo outros Rauſina, e punha em campo vinte mil homens de cavallo. Chegado Salahedin aos Mogoles, rompêram ſuas batalhas, em que cada huma das partes perdeo muita gente, aſſi de pé, como de cavallo. E por os Mogoles trazerem menos gente da que era a dos Resbutos,

com a grande quebra que houveram, não quizeram ir mais avante. Nesta batalha dizem que o Salahedin foi prezo; e outros, que elle se carteou com Babor Patxiah, e que na revolta da peleja se lançou com elle. Em fim elle se fez Mouro, e ficou em serviço do Babor, que lhe deo muito dinheiro por o ter de sua mão, por suas terras serem a entrada para vir ao Reyno do Mandou, per onde elle determinava de accommetter a entrada para o Guzarate, e não per Chitor.

Tornando Babor para o Delij, o Salahedin se foi para suas terras, e por temer que seu povo o não receberia por Senhor, por se ter feito Mouro, se tornou ao estado do Gentio; e a ceremonia que nisto tem, he esta. Este Gentio tem a vacca por cousa santa [a], e por isso não comem a carne della, nem a matam, e as mais das suas ceremonias fazem com a ourina, ou esterco della; e quando se querem tornar ao estado de Gentio, por haverem acceitado alguma ou-

[a] Como per todo Oriente seja commum o sonho Pythagorico da traspassação das almas a varios corpos de brutos animaes, huma das causas, por que as vaccas são tão respeitadas daquella Gentilidade, he, por haverem que no corpo desta alimaria fica huma alma melhor agazalhada, que em nenhum outro depois que sahe do humano. E assi põem sua maior bemaventurança em os tomar a morte com as mãos nas ancas de huma vacca, esperando que se recolha logo a alma nella.

outra ſeita, mettem huma vacca em huma caſa muito limpa, e dam-lhe alli a comer milho; e tanto que a vacca eſterca, tomam aquella boſta, e depois de ſecca a lavam, e tiram della o milho que fica inteiro, e eſte desfazem em farinha, e della fazem certo número de bolos, os quaes comem em modo de jejum, e penitencia. Iſto fazem per eſpaço de quarenta dias, e depois ſe lavam em hum rio de agua corrente com certas ceremonias feitas per ſeus Bramenes, no fim das quaes ficam no eſtado do Gentio que de antes tinham.

CAPITULO IX.

Como Soltam Badur com ſeu exercito foi contra ElRey Mamud de Mandou, e o venceo, e matou já cativo; e encontrando no caminho o novo Sanga de Chitor, fez com elle allianças, e o que paſſou com Salahedin.

SEndo acabado o inverno, perque aſſi os Mogoles, como os Resbutos ſe recolhêram a ſuas terras, Soltam Badur ajuntou hum grande exercito, e caminhou contra Baguer, que he hum Senhorio de Gentios Resbutos, que jaz da banda da Cidade de Abmadabad contra o Reyno de Chitor, na qual ida não fez couſa alguma de ſubſtan-

 cia,

cia, sómente algumas escaramuças com os Gentios da terra, que o vinham affrontar, e se tornáram logo á Serra. E porque entre aquella grande Serrania havia hum passo estreito, perque os Mogoles podiam entrar, com o grande poder de gente que levava, fez alli huma fortaleza, em que se deteve tres mezes. Acabada a obra, lançou fama que se hia para seu Reyno de Cambaya, e caminhou para o Reyno de Mandou; e encontrando-se com o novo Sanga de Chitor, (que então succedêra a seu pai, eleito pelos Resbutos por seu Emperador, passada a batalha que tiveram com os Mogoles, de que atrás fizemos menção, o qual hia caminho da Cidade de Chanderij, que lhe os Mogoles tinham tomada,) houve entre elles vistas, e novas allianças, por causa dos Mogoles inimigos communs de ambos, e se deo hum a outro muitos presentes, e peças ricas em final de amizade, e principalmente dinheiro, que Soltam Badur deo ao Sanga para ajuda da defensão, que havia de fazer contra os Mogoles por não entrarem pelas terras de Chitor. E porque Soltam Badur deo conta ao Sanga como hia sobre as terras delRey Mamud de Mandou, em sinal de amizade, mandou o Sanga em sua companhia a Salahedin seu vassallo, (que estava com elle reconcilia-

do,)

do,) com alguma gente, e elle ſe foi ſeu caminho para Chanderij. Mas o Salahedin naquella jornada, como vio tempo, fugio ao Badur, e foi-ſe para ElRey Mamud do Mandou, moſtrando que o hia ajudar contra Badur. ElRey o recebeo mui bem; mas foi para mais ſua deſtruição; porque por meio do Salahedin muitos Capitães do Mamud ſe rebelláram contra elle, lançando-ſe com Salahedin na Serra do Mandou, que per ſua aſpereza ſe não póde entrar [a]. Mas Badur corrompeo com dinheiro aquelles Capitães, e fez que lhe abriſſem as portas da entrada da Serra. Acudindo ElRey Mamud a eſta entrada, huns Capitães ſeus, que eſtavam em outro paſſo vizinho, nos quaes houve mais lealdade que nos outros, entretiveram a gente de Badur tanto eſpaço, que ElRey Mamud teve tempo para ſe acolher a ſeus paços, que eram no alto da Serra, a ordenar algumas couſas, pois não tinha outro remedio contra tão poderoſo inimigo;

a Eſta Serra rodea ſete leguas, e tem meia de altura. A Cidade eſtá ſituada no mais alto della, e na qual eſtá cortada ao pição a entrada da Cidade. Nella tinham os Reys huns paços mui grandes com huma horta do tamanho de huma boa Villa, e dentro della tres grandes tanques de agua com bargantijs para ſua recreação, no cabo eſtrebarias com dez mil cavallos. Antes de chegar a eſtes paços, ſe havia de paſſar por tres fortalezas, que guardavam Capitães com muitos ſoldados. Fernão Lopes de Caſtanheda *cap. 97. do liv. 8.*

go ; e chamados ſeus filhos, mandou-lhes que ſe puzeſſem em ſalvo, porque elle em ſua peſſoa queria fazer a experiencia da verdade, ou traição de Badur. Mas nenhum de ſeus filhos o quiz fazer, ſómente Chande Chan ſeu genro, irmão do Badur, por o perigo que corria de morte, ſe acolheo por detrás da Serra com algum dinheiro que lhe o ſogro deo, o qual ſe foi para o Reyno do Decan. Tambem ſe foi para o Reyno do Delij hum ſobrinho de Mamud, que alguns dizem que era ſeu filho. Poſtos eſtes em ſalvo, chegou ás portas do paço d'ElRey hum Senhor do Guzarate chamado Cancaná, e apôs eſte chegou outro por nome Cadamo Chan, homem de muita authoridade, e que muito tempo fora Governador do meſmo Guzarate ; os quaes com palavras, e promeſſas juradas aſſi movêram ao Mamud, que deo a entrada ao Badur. Mas elle não cumprio com o que eſtes da parte de ſeu Rey promettêram, que era não lhe haver de tomar ſeu Reyno, mas tornar-lho a entregar, como ſeu pai delle Badur lho entregára já huma vez, quando o tomou ao Sanga paſſado Rey de Chitor, que o tinha uſurpado ao meſmo Mamud ; porque em lugar de cumprir ſua promeſſa, o mandou prender em ferros, e metter em hum andor cerrado, e entregar a hum ſeu

Ca-

Capitão chamado Dacafo Chan, com voz que o levaffe a Champanel; e no caminho fe fez per ordem d'ElRey Badur hum arroido feitiço, e dentro no andor matáram a ElRey Mamud ás eftocadas. Os filhos foram tambem levados prezos á Serra de Champanel, e mettidos em tal parte, que mais era para os matar, que para os ter em guarda, fendo moços innocentes. A mulher deo a hum feu privado chamado Minao Chan, e de tres filhas que tinha, elle tomou a maior, outra deo a feu fobrinho Emir Mahamed Xiah, e a outra a outro.

Feito Soltam Badur Senhor de todo o Reyno do Mandou, lhe vieram dar a obediencia todos os Principes do Reyno; e logo começou dar o pago aos Capitães d'ElRey Mamud por a traição que contra feu Senhor commettêram; porque metteo entre dous mais principaes tal zizania, que hum matou ao outro, e elle mandou degollar ao matador, moftrando que fazia delle juftiça por fe moftrar Rey jufto; e per outros modos, e artificios, por cumprir com fua má inclinação, a todos caftigou com morte. Ao Salahedin, porque foi o que ordio a traição dos Capitães, mandou-lhe dar todo o thefouro que fe achou d'ElRey, que eram quinze colores, que valem de noffa moeda tres contos de ouro. Mas como Salahedin não

não era menos malicioſo que ElRey, e entendeo que aquillo era para o ſegurar, diſſimulou com elle, e pedio-lhe licença para mandar ſeu filho herdeiro chamado Botiparao ao Reyno de Chitor a caſar com huma irmã do Sanga, dando-lhe entender que era para elle Badur fazer ſuas couſas naquelle Reyno mais levemente, tendo ſeu filho tanta razão nelle, como era ſer caſado com huma irmã d'ElRey. Havida eſta licença, e poſto o filho em ſalvo com grande apparato de noivo, para melhor encubrir ſeus intentos, acolheo-ſe tambem o Salahedin para o Senhorio de Raoſinga, que he huma Serra inexpugnavel, onde tinha huma Cidade, aſſi por ſitio, como por arte mui defenſavel, que era a cabeça de ſeu Eſtado. Badur como era homem aſtuto, e que em todas ſuas couſas uſava de artificio, e manha, não moſtrou ſentimento da ida do Salahedin, antes lançou fama que o havia de deixar por Governador daquelle Reyno do Mandou.

CA-

CAPITULO X.

Como Salahedin por engano do Soltam Badur, vindo ao Reyno de Mandou, foi prezo, e Badur se foi a Raosinga em busca de Botiparao, que lhe escapou: e como quiz dar batalha ao Chitor menino irmão do Sanga, com quem tinha feitas lianças, e amizade.

SOltam Badur como esperava tempo per algum engano haver ás mãos o Salahedin, aproveitou-se da occasião que se lhe logo offereceo, e foi andar nova entre os do seu arraial, que os Portuguezes vinham sobre Cambaya. Polo que escreveo ao Salahedin, encommendando-lhe muito que se viesse para Mandou, porque elle tornava a suas terras contra o mar por aquella vinda dos Portuguezes. Salahedin confiado nos mimos das cartas, e vendo que Badur fizera já duas jornadas de caminho para a parte que lhe dizia, ajuntou hum bom exercito, e com elle se veio direito ao Mandou. Mas Badur, que trazia espias sobre elle, lhe furtou a volta, e hum dia amanheceo sobre seu arraial de improviso; polo que vendo Salahedin que lhe não podia escapar, por lhe serem os caminhos tomados, se entregou a Badur, o qual o fez

Mou-

Mouro per força, e mandou hum de ſeus Capitães ſobre Raoſinga, cuidando que ſe lhe entregaſſe. Mas Botiparao filho herdeiro do Salahedin, vendo que fizera Mouro a ſeu pai, não lhe quiz obedecer, nem menos os ſeus ſubditos de Raoſinga, que por o meſmo reſpeito lhe tinham odio.

A eſte meſmo tempo chegou recado a ElRey Badur, como o Governador Nuno da Cunha com grande Armada hia ſobre Dio; com eſta nova eſpedio com grande preſſa dous Capitães com muita gente, e munições. Alli lhe veio tambem nova, que o Sanga novo Rey de Chitor, com quem elle, poucos dias havia, aſſentára grandes amizades nas viſtas que tiveram, morrêra naquelle caminho que fazia para Chanderij; e que levantando por Rey hum ſeu irmão moço de pouca idade, por o qual governava ſua mãi a Rainha Crementij, que livrára da morte a Badur, ſe foram os grandes para ſuas terras. Per aquelle meſmo tempo era vindo, onde Soltam Badur eſtava, Tear Chan, homem de muita confiança, e authoridade, que lhe tinha ElRey dado a capitanía da Serra de Champanel, que era a mais forte couſa de ſeu Reyno, onde elle tinha todo ſeu theſouro, e muitas vezes deixava ſuas mulheres, quando fazia alguma comprida jornada; ao qual mandou chamar

que

que vieſſe para elle com gente, porque eſperava fazer o que fez com a nova que lhe deram. E foi mandar logo dalli Madre Maluco ſeu Capitão com doze mil de cavallo a Raoſinga per hum caminho, e elle tomou outro menos uſado, cuidando que pudeſſe acolhêr a Botiparao filho de Salahedin. Mas como elle trazia eſpias no arraial de Badur, tanto que ſoube deſtes ſeus caminhos, entregou a Serra de Raoſinga a hum ſeu Capitão, e com ſeu exercito ſe foi caminho de Chitor. Eſta ida fez elle, porque ſabia que Badur levava ſeu pai prezo, e que o havia de cercar a elle naquella Serra; e que ſe lha não entregaſſe, como determinava fazer, lhe mataria ſeu pai ante ſeus olhos. Mas Soltam Badur como ſoube do caminho que Botiparao levava, a grande preſſa mandou a Madre Maluco ſeu Capitão que lhe foſſe tomar hum paſſo de aſpera montanha per onde elle havia de paſſar; mas Botiparao era já paſſado quando elle chegou ao paſſo.

Soltam Badur, deixada a maior parte de ſeu exercito em Raoſinga, o entregou a Tear Chan, e foi com outra parte delle ao paſſo, onde eſtava Madre Maluco; e juntos ambos os exercitos, foi caminho das terras do novo Sanga, moço de poucos annos, mais com tenção de o tentar, ſe o achava

tão

tão descuidado, e desapercebido, como lhe diziam que estava, que de o consolar pola morte de seu irmão, e a Rainha Crementij, (a quem elle tinha tanta obrigação,) pola de seu filho. Mas o moço, ainda que não tinha idade para governar, teve-a para defender seu Reyno, vindo a impedir ao Badur que não lhe entrasse nelle com quinze mil de cavallo, governados por mui bons Capitães. Badur trazia dez mil, e duzentos Elefantes, e alguma artilheria. Chegados ambos á vista em parte que lhe ficava huma ribeira no meio, cada hum fortaleceo seu arraial, esperando que viesse a manhã para darem a batalha, a qual não houve effeito por vir recado a Badur, que o Sanga fugíra aquella noite, sem ficar no campo mais que humas poucas de tendas velhas, e outras cousas de pouco preço. Huns dizem que o Badur sentio o ardil do Sanga, que se fez fugido para elle Badur o seguir té que cahisse na cilada que lhe tinha armada: outros affirmam, que Badur foi avisado per pessoas que o Sanga trazia no seu conselho, que o avisavam de tudo o que passava. Porque Badur trabalhava muito que lhe custassem as vitorias dinheiro, e não sangue, e nisto gastava grande parte do seu. Finalmente por qualquer causa, que fosse, elle não seguio o caminho que levava, e deixou alli

em

em hum certo paſſo ao Madre Maluco com quatro mil de cavallo, como homem que temia virem-lhe dar nas coſtas, e tornou-ſe a Raoſinga, onde chegou Muſtafá, que ElRey mandou ir de Dio, a que deo o nome de Rume Chan, e fez as mercês que atrás eſcrevemos; e para fazer experiencia de ſua peſſoa, e induſtria, lhe mandou que combateſſe a Cidade com os ſeus Rumes que levava, e com os Francezes da náo do Brigas, de que atrás eſcrevemos, com oito Portuguezes que andavam no ſeu arraial. A Cidade eſtava aſſentada no alto da Serra, em ſitio tão íngrime, e aſpero, que ás pedradas ſe podiam defender os paſſos perque ſe entrava nelle, nos quaes havia baluartes com muita artilheria. O primeiro foi entrado pelos Portuguezes; e o que ſe delles adiantou foi hum mancebo por nome Franciſco Tavares, que na tomada do ſegundo baluarte matáram, e ſeus companheiros foram bem feridos. Duráram eſtes combates quatro mezes, té que ganhando todos os baluartes, ElRey chegou a dar huma bateria á Cidade, com que derribáram hum grande lanço della.

CA-

CAPITULO XI.

Como o Soltam Badur tomou a Cidade de Raosinga a partido: e da verdade, e diligencia que usoü, para que os vencidos não recebessem offensa: e do valeroso feito de Salahedin, e de suas mulheres.

NÃo querendo Botiparao esperar em Raosinga ao Soltam Badur, e pôr em perigo seu pai se se defendesse, foi combater huma Cidade notavel de seu Estado, que confinava com o Delij, que hum Rey daquelle Reyno chamado Alamo lhe trazia usurpada, ao qual venceo Botiparao, e cobrou sua Cidade. Alamo em odio de Botiparao, e pertendendo recuperar a mesma Cidade, se veio para Soltam Badur ao tempo que elle estava já em partido com a gente da Cidade de Raosinga, que tivera em cerco. O Badur quando vio hum Principe tão grande, que trazia comsigo doze mil de cavallo, que se vinha offerecer para o servir naquella guerra, fez-lhe muita honra; e como era vão, e mui altivo, por mostrar-se magnifico, e grandioso, lhe deo muito dinheiro, cavallos, e grandes atavios, e terras, que lhe rendessem, em quanto andasse com elle.

O

O partido que os da Cidade movêram ao Soltam Badur, foi, depois de não terem polvora, fréchas, e munições, com que se defendessem, que entregariam a Cidade, com que lhe segurasse as vidas, e fazendas, e a despejáram, por quanto se queriam ir habitar a outras partes, e que os que quizessem ficassem livremente. Feito este concerto, huma ante manhã veio-se a maior parte da gente da Cidade assentar em huma fralda da Serra em modo de arraial, para dalli seguirem seu caminho. E de quão pouca fé Soltam Badur guardou com juramento a outras pessoas, com esta gente, succedendo o negocio contrario á esperança que delle se tinha (como se verá) teve tanta conta em cumprir o que prometteo, que receando que os seus soldados lhe fizessem algum damno, mandou a hum seu sobrinho, que com sua gente estivesse em guarda daquella que se lhe entregava. E porque elle cuidou, que as primeiras pessoas que sahissem fossem as mulheres, filhos, e familia de Salahedin, que elle trazia prezo comsigo, vendo que era já muita gente em baixo, e ellas não desciam, mandou trazer Salahedin ante si, e perguntou-lhe porque não vinham suas mulheres? Ao que elle não soube responder, sómente disse que mandasse lá alguma pessoa que viesse em guarda delias,

las, que per ventura com temor de receberem alguma offenſa da gente de guerra, não ouſavam de vir. Para o que ElRey mandou logo hum privado ſeu chamado Alicer, que era aquelle Capitão, que perdeo as fuſtas em tempo de Lopo Vaz de Sampaio [a], dandolhe aviſo que tiveſſe grande recado no theſouro de Salahedin; porque como havia pouco tempo que elle havia dado a Salahedin o que tomára a ElRey do Mandou, e mais ſabia ſer elle muito rico, e que havia grande tempo que entheſourava, parecia-lhe ter alli huma mui grande preza. Chegando Alicer ao muro da Cidade, veio recado das mulheres de Salahedin perque lhe faziam ſaber, que ellas não ſe haviam de entregar a peſſoa alguma, ſenão ao meſmo Salahedin; e quando elle foſſe morto, á propria peſſoa d'ElRey. Trazido eſte recado a Badur, mandou a Salahedin que foſſe lá para virem em ſua companhia, e o meſmo Alicer em guarda delle, com pouca gente, por não fazer eſtrondo, com que as mulheres ſe aſſombraſſem.

Entrando Salahedin onde ellas o eſtavam eſperando apercebidas para o que determinavam fazer, começáram de lhe lembrar ſua honra, e quão mal o tinha feito em ſe tornar Mouro, porque iſto procedia da vonta-

a *Como ſe referio no cap. 14. do liv. 2.*

tade, e os casos da guerra, e sua prizão da Fortuna, com outras palavras taes, que não teve Salahedin que lhe responder, senão que de vontade nunca fora Mouro, e o que nisso fizera fora por salvar a vida, e a vir alli offerecer por salvação dellas, ou para morrer com ellas juntamente. Eram estas mulheres com suas escravas por todas quinhentas Gentias, a fóra algumas Mouras, que na guerra foram cativas. As quaes mulheres, segundo seu costume Gentilico, de se queimarem quando morrem seus maridos, estavam offerecidas a esta morte antes que ir a poder de Soltam Badur; e para isto tinham em hum pateo grande muita madeira junta de sandalo, páo de aguila, beijoim, e outras cousas odoriferas, e vasos de azeite, e manteiga para melhor arder. O Salahedin quando per ellas lhe foi mostrado aquelle instrumento de seu fim, chamou todos os parentes, e criados, que estavam em guarda dellas, que seriam cento e vinte homens; e depois de lhes fazer huma arenga, em que tratou da honra, e louvor que ganhariam em morrer todos juntamente por não cahirem nas mãos de seus inimigos, e virem á baixeza, e cativeiro; todos se foram a hum tanque de agua, que tinham das portas a dentro, onde se laváram, e feitas suas ceremonias naquelle lavatorio, em remissão (segun-

do elles criam) de ſeus peccados, veſtindo-ſe cada hum huma camiſa lavada, e os cabellos ſoltos, per honra da liberdade, ſe vieram ás mulheres com ſuas eſpadas nas mãos, com palavras, e ceremonias de ſua religião. O Salahedin foi o primeiro, que ſobre aquelle ajuntamento de madeira começou de degollar ſuas mulheres, indo ellas ornadas de muitas joias de ouro, e pedraria, e de todo o melhor que tinham para cevo do fogo.

O Capitão Alicer, que com o Salahedin viera, como não eſtava poderoſo para o eſtorvar, poſto que niſſo lhe fallou em modo de piedade, e compaixão, temendo que aquella furia vieſſe a quebrar nelle, tornou-ſe com grande preſſa dar conta a Soltam Badur daquelle eſtranho auto; a que devia de acudir ao menos, quando não pudeſſe ſalvar as peſſoas, para ſalvar a riqueza antes de ſe queimar. O que elle logo fez, pondo-ſe a cavallo, e mandando certos Capitães, que eſtavam mais preſtes, que foſſem diante a entreter que não houveſſe tanta perda. Mas quando chegáram a huns baluartes, que eſtavam no meio da Serra; acháram o Salahedin, que com os ſeus tinham morto á eſpada muita gente, que guardava aquella entrada da Serra; e os paços do Salahedin pareciam o meſmo inferno de chammas de fogo, entre fumo de mil côres,

res, ſegundo a materia que o fogo queimava. Finalmente o Salahedin com os ſeus, como quem queria vender ſua vida a troco de muitas, andando todos armados, fizeram couſas, que não pareciam de homens, ſenão de Demonios, que andavam reveſtidos nelles; porque ſendo ſós cento e vinte homens, matáram mais de quinhentos, té que mais canſados, que vencidos, a ferro foram mortos. E ſe o Salahedin não morrêra logo de huma eſpingardada na primeira furia, ainda o damno fora maior. E entre os feridos daquelle inſulto, que foram muitos, foi hum Portuguez, e dous Francezes.

E porque o ſobrinho de Soltam Badur, que elle mandára pôr em guarda da gente, que ſe ſahíra da Cidade ſobre ſua fé, não podia reter os ſoldados, que não foſſem a roubar, por a indignação que tomáram deſte feito do Salahedin, acudio o meſmo Badur a eſta furia por manter ſua palavra; e eſta foi a primeira que guardou. E ainda lhe foi iſto mais louvado, porque temendo-ſe que todavia os ſoldados ſe deſmandaſſem, mandou aviſar aos principaes da gente que era ſahida, que aquella noite ſe foſſem caladamente em boa hora, e fizeſſem fogos, e deixaſſem algumas tendas velhas armadas para terem tempo de ſe ir eſcoando pela outra fralda da Serra, porque elle

mandaria ao Capitão da guarda delles, que ninguem fosse ao seu arraial; e em quanto vissem algumas tendas, e fogos, presumiriam não serem partidos. Elles o fizeram assi, e se salváram, huns fazendo caminho para o Reyno de Chitor, outros para o de Delij. E de quanto thesouro Badur esperava de haver do Salahedin, achou sómente quasi hum milhão e meio de valor, entre ouro, prata, e cousas de casa, porque o mais se queimou, e havia levado Botiparao quando se dalli foi.

CAPITULO XII.

Como Badur mandou dar honrada sepultura a Salahedin, e aos que com elle morrêram: e como fez afogar Alicer seu privado em hum rio: e da visitação que lhe fez Melique Tocam: e como tomou o Reyno de Chitor ao Sanga, e das condições com que se lhe fez vassallo.

Recolhido o despojo da Cidade de Raosinga, mandou ElRey fazer huma nobre sepultura a Salahedin, e aos Mouros, que com elle morrêram ao seu modo: e aos mais principaes Gentios mandou queimar os corpos, e levar suas cinzas ao rio Ganga, que he o Ganges, segundo seu costume. A Cidade, e toda a Serra deo a Soltam Al-

mo,

mo, que novamente era vindo ao ſervir naquella guerra, a qual logo foi povoada de gente da terra. E em quanto ſe ElRey alli deteve, mandou a Tear Chan, que com ſua gente, e outros alguns Capitães foſſe tomar a fortaleza de Doçor no Reyno de Mandou, que o Sanga paſſado tinha tomada, a qual levemente cobrou por ſe deſpejar, e deixando nella Capitães, ſe veio caminho do Mandou, onde já achou ElRey que eſteve alli té o fim do inverno. E como Badur era homem, que ſeu eſpirito não aſſocegava ſem fazer algum mal, paſſeando hum dia a cavallo ao longo do rio Narbanda, que ſe vem metter na enſeada de Cambaya junto da Cidade de Baroche, por naſcer naquellas Serras do Mandou, entrou em huma fuſta, que mandou fazer para ſeu paſſatempo, e em huma almadia muito pequena fez entrar o Capitão Alicer; e como tinha ordenada a morte deſte, os remeiros, que remavam a almadia, deram com elle na agua em modo de folgar, como que queria ElRey ver ſe ſabia nadar. E ouvindo os brados, e laſtimas que Alicer dizia, pedindo que lhe acudiſſem, Badur ſe matava de riſo, té que o miſeravel ſe affogou. Era eſte Alicer naquelle tempo mui privado d'ElRey, e de ninguem confiava ſua mãi, e quantas mulheres tinha, ſenão

del-

delle, como já fiára sua Armada das fustas de Dio, e de seu pai Camalmaluco a capitanía da mesma Cidade.

Neste tempo veio Melique Tocam, que estava em Dio, visitar a ElRey com grandes presentes, e dar-lhe conta como tinha nova mui certa da vinda dos Rumes, para ElRey ordenar o que nisso havia de fazer, e outros assombramentos das Armadas dos Portuguezes, para mostrar a muita necessidade que havia delle ser sempre presente naquella Cidade; por a qual razão ElRey o despedio logo, e lhe deo alguns Portuguezes, e Francezes que lá andavam, por os haver por mais fieis que os Turcos, temendo que viessem como Melique Tocam lhe dizia. E havendo já dias que elle era partido para Dio, e estando ElRey em Champanel ordenando huma grande festa, a que elles chamam Bacharij, em que matam grande numero de gado de toda a sorte, em memoria daquelle sacrificio que Abrahão fez do carneiro em lugar de seu filho Isac, lhe chegou recado deste Melique Tocam, em que lhe fazia saber que sobre Dio era chegada huma grossa Armada, e que ainda não tinha sabido se eram Rumes, se Portuguezes. Com esta nova desamparou ElRey a festa, e a grande pressa se veio a Dio. Aquella Armada era a de Antonio de Salda-

danha, de que atrás escrevemos.[a] E como ElRey achou recado em Dio, que a Armada não fizera mais damno, que tomar algumas náos, que vinham do estreito do mar Roxo, sem accommetter a Cidade, ficou descançado; e sem alli fazer detença, porque esperava de ir fazer guerra ao Sanga Rey de Chitor, mandou levar de Dio seiscentas peças de artilheria, em que entravam cinco basiliscos, e com cem mil de cavallo, e gente de pé sem número, da qual a que sómente servia no arraial enchia os campos, se abalou.

O Sanga o esperou junto de Doçor; mas como vio aquella grande potencia de gente, armas, e artilheria, não ousando esperar mais, se recolheo para Chitor[b], em cujo alcance mandou Badur té o encerrar na Cidade. Esta da mesma maneira de Raosinga está situada sobre huma grande Serra mui aspera de subir, sómente de fronte tem hum pico, que lhe fica quasi igual em altura, que por ser vizinho á Cidade, por causa della se chama Chitorij, como diminu-

a *No cap. 17. do liv. 4.*

b *Chitor na lingua da terra quer dizer Sombreiro do Mundo, e assi o era esta Cidade, por ser a mais nobre, e rica do Indostan, na qual havia sumptuosos edificios dos seus pagodes, e de seus moradores, cujas paredes eram forradas de taboas douradas, ou branqueadas com hum bitume mui alvo, e rijo, que parecia vidro.* Fernão Lopes de Castanheda *cap. 96. do liv. 8.*

nutivo. Deſte pico ſe começou a bater a Cidade; e delle, e de outras partes, em que ElRey como chegou mandou aſſeſtar a artilheria, foi tão grande a bateria dos baſiliſcos, e de outros tiros groſſos, que derribáram hum grande lanço do muro da Cidade. Os de dentro ſe víram em tanto perigo, e aperto, havendo dous mezes que durava o cerco, em que ſe defendêram mui esforçadamente, que vieram a concerto, e foi: Que ElRey de Chitor lhe alargaſſe todas as terras, que tinha tomadas do Reyno do Mandou, e todas as peſſoas que tinha em arrefens, por o reſgate que o Soltam Mamud do Mandou lhe ficou devendo; e aſſi huma coroa de pedraria, e certas joias outras, que o meſmo Soltam dera em pagamento de ſeu reſgate, quando foi vencido na batalha que lhe o Sanga velho deo; e que hum irmão mais moço do Sanga o ſerviſſe com dous mil de cavallo, e que o Sanga no fim do anno foſſe á Corte delle Soltam Badur a lhe fazer a ſalema como ſeu vaſſallo; e que Botiparao filho do Salahedin morto, que eſtava caſado com huma ſua irmã, vieſſe a ſervir a elle Rey Badur como ſeu vaſſallo. Feitos ſobre eſte concerto ſeus contratos ao ſeu modo, Badur foi entregue de tudo; e entre algumas Villas, e Cidades que o Sanga entregou, a que

mais

mais ſentio foi a Cidade de Renatambor, que eſtá nos confins do Reyno do Delij, ſituada em huma Serra redonda, que tem doze leguas em torno, todas de campina ſem agua, perque não póde ſer cercada. Deſta maneira pagou Badur o beneficio que a Rainha Crementij de Chitor lhe fez quando o livrou da morte, que ElRey ſeu marido lhe queria dar, pola que elle deo ſem cauſa em ſua preſença a hum ſeu Fidalgo principal. E niſto paráram as amizades, e lianças que o Sanga mancebo, e elle contratáram. E com eſta vitoria ficou Soltam Badur Senhor de tres grandes Reynos, do Guzarate, do Mandou, e do Chitor, cujos Reis de cada hum per ſi era potentiſſimo, e riquiſſimo havia poucos dias.

CAPITULO XIII.

Como veio nova a Soltam Badur, que Babor Rey dos Mogoles era falecido: e da vinda do Principe Mir Zaman, cunhado do novo Rey, á Corte do Badur: e como elle intentou diminuir os ſoldos, e quantias que a gente de guerra tinha delle.

ACabadas eſtas couſas com os de Chitor, Soltam Badur ſe partio para a Cidade do Mandou, onde lhe veio nova que Babor Patxiah Rey dos Mogoles era fa-

falecido, e que hum filho seu per nome Omaum Patxiah reinava, ao qual elle logo ordenou mandar visitar per hum Capitão seu Mouro de nação Coraçone, por saber bem os estilos dos Mogoles, e com elle hum Caciz homem mui religioso de sua seita. A substancia desta visitação, e embaixada era alegrar-se com elle do novo Estado que herdára, e offerecer-lhe sua amizade, e que como amigos, e alliados assentassem pazes, para o que o Caciz levava os Livros de sua lei, para serem juradas nella, havendo que os Mogoles não eram tão doutrinados nas cousas della como eram os Mouros do Guzarate, por a vizinhança, e commercio que tinham com a casa de Méca.

Nesta conjunção chegou á Corte de Badur Tristão de Gá, que Nuno da Cunha mandára sobre concerto de pazes, como dissemos atrás [a]. E no tempo que estavam na Côrte do Mogol os Embaixadores de Soltam Badur, veio á sua hum Principe chamado Mir Zaman [b], cunhado de Omaum Patxiah, que era casado com huma sua irmã. Sua vinda era com temor d'ElRey, que suspeitava que Mir Zaman intentava traição para o matar. Trazia este Principe com-

sigo

a *No cap. 25. do liv. 4.*

b *Dos progenitores deste Zaman escreve* Diogo do Couto *no cap. 13. do liv. 1. da 5. Decada.*

ſigo mil homens de cavallo, e grande apparato, como a ſeu eſtado convinha, poſto que ſua partida fora apreſſada, como quem fugia. Soltam Badur, ſobre muitas honras que lhe fez, lhe deo logo dinheiro para ſe prover de couſas neceſſarias á ſua caſa, e para ſeu ſuſtento a Cidade de Borodá, que rendia cento e oitenta mil pardáos. Omaum Patxiah ſeu cunhado, como ſoube ſer elle acolhido a Cambaya, eſcreveo a Soltam Badur que lho mandaſſe entregar; e em quanto não teve reſpoſta delle, não quiz deſpachar de todo o Embaixador, polo que lhe conveio deixar lá o Caciz, e hum Melique, que era a ſegunda peſſoa da embaixada, e vir-ſe a Soltam Badur ſobre o caſo. Badur o tornou logo a enviar mais a intentar amizade entre Omaum, e ſeu cunhado, que a dar promeſſa de lho entregar.

Eſtando eſtas couſas aſſi movidas, ſuccedeo para Badur não aſſentar paz com o Governador da India, e com Omaum Patxiah, que lhe veio nova, que hum ſeu tio irmão de ſua mãi ſe levantou por Rey, com favor de hum Capado Capitão da Cidade de Mambadabad, e de outros Capitães, no que entrava Mujate Chan. Soltam Badur como ſoube deſte alevantamento, (de que o aviſou o meſmo Capado, temendo que ſe não ſuccedeſſe o caſo bem, que depois vieſ-

vieſſe elle a pagar eſta traição com a vida,) acudio logo com mão armada, e não ſómente matou o tio, mas duas peſſoas principaes, que publicamente favorecêram aquella rebellião; e com Mujate Chan diſſimulou, por ſer hum dos mais antigos Senhores do Guzarate. E a Tear Chan, que era ſeu principal Regedor, e Capitão da Serra de Champanel, onde tinha ſeus theſouros, e mulheres, per alguns indicios que de alguns ſeus criados, e peſſoas a elle chegadas, teve de elle favorecer eſte caſo do tio, o ſuſpendeo por alguns dias do cargo, té elle ir em peſſoa a Champanel ver ſe achava algum raſtro para accreſcentar o caſtigo; e ao Capitão Capado fez honra, e mercê. E como ficou deſaſſombrado da principal gente que tinha morto, e ſe vio Senhor do Reyno do Mandou, e o de Chitor eſtava á ſua obediencia, parecia-lhe que eſtava ſeguro de noſſa parte, e da do Mogol, por as pazes que determinava ter com elle, e com o Governador Nuno da Cunha. Polo que ſe reſolveo deſpedir a gente de guerra, e encurtar as comedías que tinha ordenadas aos Capitães, por eſtarem preſtes com gente quando os chamaſſe. E chegou a tanto eſte negocio, que diſſe aos Senhores que tinham terras, e rendimentos para eſta deſpeza, que lhes havia de deſcontar certos an-

annos que comêram os rendimentos, ſem haver guerra, e ſem elles terem a gente obrigada. E aſſi começou a mover huma couſa, que ſe antes lhe tinham odio por ſuas crueldades, e por quão vario, e ſubito era em ſuas acções, com iſto ſe dobrou, e logo ſe paſſáram para o Mogol quatro mil homens nobres eſcandalizados deſta novidade.

CAPITULO XIV.

Como Soltam Badur por Mujate Chan lhe contrariar que não tiraſſe as comedías aos nobres que o ſervíram na guerra, o mandou a Dio para Melique Tocam o matar: e do valeroſo feito que fizeram, Melique em deſcubrir aquelle ſegredo a Mujate, e Mujate em ſe ir apreſentar a ElRey para que elle o mataſſe.

VEndo Mujate Chan, que era hum dos mais antigos, e poderoſos Senhores do Reyno de Guzarate, a deſordem que ElRey intentava com aquelles nobres que o ſervíram nas guerras, dizia em público, que não havia de conſentir que á gente nobre lhe foſſe tirado o que tinha, por o haverem merecido per ſerviços de ſeus avós, e ſeus. Polo que Soltam Badur, que tinha ſuſpeita que favorecêra a ſeu tio no alevantamento que fez contra elle, e deſejava de o caſ-

o caſtigar, e não ouſava por a grande qualidade de ſua peſſoa, por contrariar aquella ſua ordem, determinou de o matar per manha, como era ſeu coſtume. Para o que chamando-o hum dia, lhe diſſe, que elle ſabia bem como tinha aſſentado com Nuno da Cunha Governador da India de ſe verem em Dio; e porque temia que vindo o Governador poderoſamente, achaſſe Dio deſapercebida, lhe rogava ſe foſſe para lá, para favorecer com ſua peſſoa, e gente a Melique Tocam, em quanto elle não foſſe, e que hi o eſperaſſe. Partido Mujate Chan para Dio, deſpedio logo Badur hum ſeu Secretario, por nome Mula Mamed, com huma carta para Melique Tocam, em que lhe mandava, que tanto que Mujate Chan foſſe na Cidade, por lhe fazer feſta o levaſſe hum dia em huma fuſta ao mar, e o lançaſſe nelle com huma pedra ao peſcoço; e que quando deſta maneira o não pudeſſe matar, foſſe de qualquer outra, com que não eſcapaſſe de morte.

Na noite que eſte Mula Mamed chegou a Dio, deixou a ſua tenda na quintã de Melique, e veio embuçado á Cidade dar-lhe conta do negocio a que vinha, e como trazia huma carta d'ElRey, a que elles chamam formão, a qual tambem com o ſeu fato deixára na quintã, e por não ſe pôr a

deſ-

desenfardelar logo per ante os seus; se viera sem ella antes que Mujate Chan chegasse, que devia já vir perto. Melique Tocam, quando ouvio esta maldade d'ElRey, ficou assombrado, e respondeo a Mula Mamed que se tornasse á sua tenda, e como homem que vinha cansado repousasse té o outro dia já tarde, pois Mujate Chan não era chegado. Despedido Melique de Mula Mamed, mandou logo chamar alguns homens, de que muito confiava, a que deo conta do que lhe ElRey mandava fazer, pondo-lhe diante quão grande Senhor era Mujate Chan, que sómente de parentes, criados, e vassallos tinha dez mil de cavallo, e que bem sabiam quão leal sempre fora aos Reys. E que segundo o que tinha sabido, que a causa de o ElRey mandar matar procedia de lhe elle ir á mão por hum damno tão notavel, como era querer tirar as comedías aos homens que as tinham merecidas ao Reyno, e a elle proprio Badur. Mas como elle era homem perverso, que per mui leves cousas se movia a pôr em effeito qualquer grande maldade, e nascêra para derramar quanto nobre sangue havia no Reyno de Guzaraté, elle Melique estava determinado em não fazer o que Badur lhe mandava, mas que com tudo queria o parecer delles. O voto de Melique approváram todos, e ainda

da accrefcentáram muitas mais razões para lhe não haver de obedecer; tão aborrecida, e defcontente eftava a gente da vida, e feitos daquelle Rey. Pola qual razão Melique Tocam efpedio logo hum deftes homens a grande preffa a Mujate Chan, perque lhe mandava dizer o que paffava, por iffo viffe o que fazia; e como elle vinha já muito perto de Dio, aquella noite teve efte recado, o qual da gente que trazia mandou logo trezentos de cavallo, que ante manhã foffem dar na tenda de Mula Mamed, e o prendêram, e lhe bufcáram o fato que trazia, té acharem a carta d'ElRey para Melique Tocam, a qual logo foi levada a Mujate. E tanto que pela carta d'ElRey vio fer verdade o que Melique lhe mandára dizer, fem fazer mais detença, da mais limpa gente, e efcolhida que trazia tomou quinhentos de cavallo, e com elles fe tornou a Cambaya, onde ElRey eftava. E como homem confiado em fua peffoa, por fer mui cavalleiro, e amado de todos por fuas qualidades, fe foi a ElRey, (que fe vinha chegando a Dio para fe ver com Nuno da Cunha,) e tanto que efteve ante elle, tirou de hum terçado que trazia na cinta, e lançou-fe aos pés de Badur, dizendo: *Se te eu mereço a morte, aqui eftá o traidor, e o ferro para lhe cortares a cabeça; e ain-*

da

da que não mereça, se disso tens contentamento, que maior honra posso eu desejar, que perder a cabeça per tua mão, por satisfazer a teu appetite. Mas mandares-me matar por hum teu escravo, filho de outro, isto não posso eu soffrer, sendo innocente. Outra cousa te mereciamos meus avós, e meu pai, e eu, por quantos serviços temos feitos aos teus, e a ti. E se isto mandavas fazer, ou não, eis-aqui a tua carta. ElRey quando vio que Mujate Chan lhe apresentou a sua carta, ficou confuso, e tão envergonhado, que lhe não soube responder, sómente o levantou nos braços. E por costumarem os Principaes daquellas partes, quando querem fazer honra a alguem, ou mostrarem-lhe sinal de amor, mandarem-lhe dar huma veste, a que elles chamam Cambaya, despio ElRey huma que tinha mui rica, e lançou-a nos hombros a Mujate Chan com grandes palavras de amor, e confiança, e algumas desculpas. E por o mais contentar, lhe disse, que tomava o terçado, como de mão de hum seu vassallo mui leal, e em retorno delle lhe mandou dar huma espada, que lhe Nuno da Cunha com outras cousas mandára de presente, quando concertáram as vistas em Dio, que não houveram effeito.

CAPITULO XV.

Como Badur Rey de Cambaya mandou secretamente a Rume Chan tomar Dio, e se Melique Tocam se quizesse defender, que o matasse: e que homem era João de Sant-Iago, o que foi por lingua a Cambaya.

TAnto que ElRey satisfez com afagos, e mercês a Mujate Chan, pedindo-lhe que se fosse para as Cidades de Palitaná, e Talajá, que eram suas vizinhas, na enseada de Cambaya; e porque entendeo que Melique Tocam fora o descubridor da morte que lhe mandava dar, determinou de o ir per si castigar. Para o que teve grande incitador em Rume Chan, o qual desejava muito ter Dio, e queria grande mal a Melique. A causa deste odio era, porque ordenára com ElRey que lhe tirasse a Cidade de Baroche, que lhe dera quando a elle veio, fazendo crer a ElRey que Baroche era huma Cidade mui forte, e importante a seu Estado; e que sendo posta em poder de Rume Chan, recolheria alli todos os Rumes que viessem áquellas partes; e como homem que era livre, e aventureiro, daria depois muito trabalho áquelle seu Reyno. Este conselho lhe pagou Rume Chan em a mes-

mesma moeda a Melique, dizendo a ElRey, que homem que descubria os seus segredos tão importantes, que o devia de haver por traidor; e que não sería muito terse concertado com os Portuguezes para lhe entregar Dio, que elles tanto desejavam de haver, para se assegurar de Sua Alteza por o delicto que fizera: polo que seu parecer era, que logo antes de Melique se prover per alguma maneira, fosse pôr cobro sobre Dio. ElRey como neste tempo era governado per Rume Chan, pareceo-lhe melhor o seu conselho, que o de outros seus acceitos, a que tambem deo parte deste caso. Porque os Principes que se deixam governar por homens que lhes fallam á vontade, são como os homens frascarios, e sujeitos a mulheres, que aquella que he mais nova na conversação, lhes he mais acceita. Assi Badur governado polo novo privado Rume Chan, o mandou logo dalli de Cambaya onde estava com alguns navios de remo, e deolhe huma Provisão per elle assinada, que todos em Dio lhe obedecessem como a sua propria pessoa sob pena de morte; e per outra Provisão secreta lhe mandou, que se mettesse em Dio, e trabalhasse de qualquer modo de matar a Melique Tocam. Chegado Rume Chan á cadeia, que está atravessada no porto de Dio, sendo Melique Tocam

na sua quintã, não lhe quiz o Capitão, que elle deixou em seu lugar na Cidade, abrir; té que Rume Chan lhe mostrou o formão d'ElRey, e como foi dentro na Cidade, apoderou-se della aquella noite. Sendo esta nova dada a Melique, por não fazer estrondo, se veio com pouca gente ao outro dia, como homem seguro, caminho da Cidade; e chegando ao caes que estava da banda onde elle havia de embarcar para passar, os criados de Rume Chan que estavam nas fustas em que elle veio, lhe defendêram a passagem. A este reboliço acudio Rume Chan, para naquella volta matar a Melique; mas os Arabios que elle trazia em sua guarda o defendêram como leaes, e valentes homens que eram. Melique vendo o caso, entendeo ser mandado d'ElRey, e temendo que viria logo per terra, tornou-se a sua quintã, e sem fazer nella detença, tomou o mais dinheiro, e joias que pode levar, e sua mulher, e duas escravas que a servissem, e fugio caminho de Sinde. ElRey, que ficava em Cambaya, partio per mar, e veio desembarcar em Gogá, e dalli per terra veio ter a Dio. E tanto que soube o que era passado, escreveo a Melique Tocam grandes amores, e mandou-lhe hum seguro, com o qual, e com a palavra de Cancaná, (que era o principal Senhor do Guzarate em san-

gue,

gue, e renda, a que ElRey tinha grande respeito, e o mesmo Melique,) se tornou. E já neste tempo tambem era vindo Melique Saca seu irmão com outro tal seguro, e promessa de Cancaná, o qual estava em Cambaya com Mir Mamud Xiah, sobrinho d'ElRey, que ficou alli com a Corte toda em seu lugar.

De Dio, (onde neste tempo veio Nuno da Cunha para as vistas com Badur, que não houveram effeito,) se foi Soltam Badur para Champanel, levando comsigo a João de Sant-Iago, que fora por lingua de Simão Ferreira quando foi a Dio sobre as vistas de Nuno da Cunha com ElRey. E para que se saiba os costumes daquelles Reys do Oriente, e de quão baixos homens se servem muitas vezes no governo de seus Estados, e lhes dam as maiores dignidades delles, e quanto no do Guzarate pode este, daremos delle alguma noticia. Este homem era Arabio de nação, escravo de hum marinheiro Portuguez, que andava na Armada da India, e por saber bem algumas linguas, se servia delle Nuno da Cunha de interprete em algumas cousas de pouca substancia, maiormente nas que não requeriam segredo: como tal o levou por lingua Simão Ferreira, quando foi a Cambaya ao negocio das vistas que dissemos. E por a sagacidade que este

eſte homem tinha , e huma diſcrição aprazivel na converſação , com que ſe accommodava á vontade de muitos, todos ſe lhe affeiçoavam. Tanto ſe contentou Soltam Badur delle as vezes que o vio fallar , que mandou dizer a Nuno da Cunha, (quando veio ter a Dio ,) que levava Sant-Iago comſigo, para per elle lhe mandar certos cativos que lá tinha , e Nuno da Cunha lhe pedia , e por eſſe reſpeito ficou com ElRey , á opinião de alguns , tão Mouro como o meſmo Badur , dando a entender a Nuno da Cunha que Badur o entretinha contra ſua vontade, e que ſeu coração eſtava em Goa, e nos ſacrificios da Igreja. E a couſa per que ſe mais inſinuava na benevolencia d'El-Rey , era as muitas liſongerias que lhe dizia, apoucando as couſas de Nuno da Cunha, e dos Portuguezes, que não eram mais poderoſos que para eſpancar o mar , roubando a pobre gente que navegava, e que todo o poder da Chriſtandade não ſe podia comparar com o delle Badur em Eſtado, e riqueza, e que levemente podia lançar da India aos Portuguezes. E como era diſcreto, e entendeo a arte de Badur, e ſabia dar-lhe razão de qualquer couſa , ganhou-lhe a vontade de maneira, que a primeira couſa que Badur fez por elle, como ſe fora homem de grande experiencia , e

qua-

qualidade, foi fazer-lhe mercê de dez mil pardáos, para se aperceber do necessario, como hum de seus Capitães, e cada anno quarenta mil pardáos de renda de assentamento, com obrigação de o servir com quatrocentos e cincoenta de cavallo, e o fez Capitão dos Portuguezes, e Francezes que lá andavam, e lhe poz nome Frangue Chan; Frangue, porque era Christão; e Chan, por ser nome de honra, como atrás dissemos. E de sua pessoa, e conselho se ajudava nas cousas que tocavam ao Estado da India; como de hum dos seus mais acceitos Capitães [a]. Deste genero de homens escravos, e muitas vezes de Capados, se servem os Reys daquelle Oriente, quando per suas pessoas se avantajam dos outros na guerra, ou os servem em cousas de suas rendas, ou appetites, sem fazerem differença de servo a livre, ou de natural a estrangeiro; e assi como muitas vezes os levantam da terra em hum dia, assi em huma hora os tornam a derribar por leve causa.

C A-

[a] *Outros varios successos de João de Sant-Iago escreve* Diogo do Couto *no cap. 10. do liv. 1. da Dec. 5.*

CAPITULO XVI.

Como Soltam Badur, e Omaum Patxiah ſe vieram a deſavir, e começáram fazer guerra entre ſi, por Badur lhe não querer entregar Mir Zaman.

SOltam Badur Rey de Cambaya, poſto que era hum dos mais poderoſos, e ricos Principes de todo o Oriente, ſempre ſe temeo das armas dos Mogoles, como de gente mais esforçada que a ſua, e de mais valor que as outras de que elle havia triunfado; e nenhuma couſa mais deſejava que fazer pazes, e lianças com Omaum Patxiah Rey do Delij, com as quaes lhe parecia lhe ſería facil lançar os Portuguezes da India, e alcançar a quietação, com que gozaſſe das boas venturas que houvera. E já na eſperança daquella liança, além dos conſelhos de ſeus privados, que o liſonjeavam, refuſára as viſtas com o Governador Nuno da Cunha, de que fez menos caſo do que devêra, não duvidando de trazer Omaum com bons partidos á ſua amizade. Mas iſto lhe não ſuccedeo como elle cuidava; porque Omaum Patxiah, aſſi por a entrega que Badur lhe não fazia de Mir Zaman ſeu cunhado, como por a informação que teve, que os Embaixadores que Badur a elle man-

dava levavam muito dinheiro para peitar, e corromper ſeus conſelheiros, e privados, provocando-os a fazer traição, e muitos ſinaes em branco para lhe fazer mercês de terras, rendas, e honras, ſe ſe paſſaſſem a elle, ſentio-o muito, e teve-lhe á grande baixeza querer com preço como mercador, e não polo valor das armas, e de ſua peſſoa, haver delle vitoria, que houvera de procurar per guerra guerreada, e limpa, como cavalleiro, polo que elle não ouvia bem aos Embaixadores, nem os queria conſentir em ſua Corte. E como homem eſcandalizado de Badur, aſſi por eſta cauſa, como por os favores que fazia a Mir Zaman, ſe deſaveo com elle, e lhe negou as pazes.

Badur ſentio muito eſta deſavença por muitos reſpeitos, de que era o principal o maſcabo, em que cahia com o Governador Nuno da Cunha, a que não quizera ver, fazendo-o ir a Dio para iſſo, como quem eſtava inſolente com a liga que já cuidava que tinha feita com Omaum Rey tão temido de todos: polo que inſtava mais na concordia com elle, e lhe mandou outros Embaixadores. Mas elles partidos, lhe vieram novas que á terra do Sinde, vizinha aos Resbutos, com os quaes elle tinha guerra, eram vindos alguns Capitães de Omaum, e houvera entre elles, e os da terra algumas eſ-

eſcaramuças, como gente que queria atraveſſar as Serras, e entrar no Guzarate. Com eſta nova mandou a Sadar Chan com dez mil de cavallo a Morbij, que he contra aquella parte, para reter os Mogoles que não entraſſem mais pela terra; e elle tambem ſe fez preſtes em Champanel, lançando fama que queria ir ſobre a noſſa fortaleza de Chaul. E para mais acreditar eſta fama, mandou levar ſuas tendas, e apparatos de guerra a hum lugar chamado Olor, que eſtá no caminho para Baroche, e que dahi ſe iria a Chaul, no qual lugar todos os Capitães, e Senhores eſtiveram té fim de Junho. Entre tanto mandou lançar ao mar em Cambaya ſete galés, e algumas fuſtas, e outros navios de remo, dizendo, que neſtas embarcações havia de mandar muita artilheria, e munições para per mar pôr cerco a Chaul. E depois de ſer tarde, que noſſas Armadas lhe não podiam fazer damno, mandou eſtes navios caminho de Dio, dizendo, que alli eſtariam mais ſeguros de os Portuguezes os poderem queimar.

Partida eſta Armada, mandou hum Capitão chamado Albergij, que era ſeu cunhado, que levaſſe toda eſta artilheria, que elle ajuntára para a ida de Chaul caminho do Mandou, porque temia neſta conjunção mais a vinda dos Mogoles para aquella parte,

te, e a voz de vir a Chaul era fingida por causa delles, mostrando que mais lhe lembravam nossas Armadas daquella costa de Cambaya, que a vinda de Mogoles. Com tudo por as novas que cada dia tinha delles, e de quão pouco lá faziam seus Embaixadores, de Olor, onde estava junto seu exercito, partio na primeira vista da Lua de Junho, tempo mui observado delle por sua religião, posto que elle na verdade andava assombrado no seu animo, receando muito romper guerra com os Mogoles, por ter experiencia que a gente de Cambaya era fraca, e não costumada ao curso daquella gente valente, soffredora de grandes trabalhos, e experta na guerra. E se alguma cousa com seus Guzarates tinha ganhado, era porque os inimigos eram tambem fracos, e porque de suas vitorias muitas houvera mais per sua industria, e peitas, que á força de braço; e a gente estrangeira que comsigo trazia de Portuguezes, Rumes, Parsios, e Arabios eram mui poucos.

Finalmente per idas, e vindas de seus Embaixadores, a resolução destes dous Principes foi, que Omaum Patxiah pedia a Soltam Badur, que lhe entregasse seu cunhado Mir Zaman, e soltasse o Principe do Mandou, e seus irmãos, e lhe restituisse o Reyno que lhes tinha tomado. Ao que respondeo

deo Badur, que quando elle Omaum restituisse o Reyno do Delij a cujo era, que então soltaria elle o de Mandou; e que melhor sería, pois ambos eram irmãos na lei, que o fossem em amor, e paz, estando cada hum em seu Reyno fazendo guerra ao Gentio sem lei, e aos Christãos, a quem tão odiosas eram as cousas de seu Profeta Mafamede. E quanto a seu cunhado, visto como entre elles havia parentesco de primos, e ser casado com sua irmã, de que tinha filhos, e ao escandalo que delle tinha não ser cousa indigna de perdão, sería melhor apartallo de si, dando-lhe alguma cousa com que vivesse conforme a seu estado, e elle lhe daria tambem naquella parte a elle vizinha algumas terras para se ajudar a manter, e assi viveria entre os dous estremos de seus Reynos sem escandalo algum, e que ficasse livre, sem ter obediencia de vassallo a hum, nem a outro. Sobre estes recados houve outros, em que já se começavam esquentar em palavras, té mandar dizer Soltam Badur a Omaum, que não curasse de se pôr em caminho, e vir buscar seu cunhado, que elle o levaria comsigo ao Reyno do Delij, e que lá lhe faria a entrega delle. Com este recado lhe mandou de presente hum vestido de mulher de grandes ornamentos, como em desprezo; porque os Mogoles são homens,

mens, que ſe prézam de andarem na guerra mui ataviados nos veſtidos de ſuas peſſoas, e ornamentos de ſeus cavallos. Em retorno daquelle preſente, com outras palavras que reſpondiam ás de Badur, o Mogol lhe mandou hum cão, e hum açoute com que açoutam os cavallos; porque os Guzarates não tem uſo de eſporas, e aſſi lhe mandou hum dromedario, e hum cavallo, dizendo palavras per que o provocava a ir encontrar-ſe com elle tão á preſſa como dizia, porque deſtas allegorias, e figuras uſam muito aquelles Mouros do Oriente em ſemelhantes negocios.

Fim do Livro V. da Decada IV.